MEMORIAS

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

CLASSE DE SCIENCIAS MORAES, POLITICAS E BELLAS-LETTRAS

MEMORIAS

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

CLASSE DE SCIENCIAS MORAES, POLITICAS E BELLAS-LETTRAS

Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria

NOVA SERIE—TOMO IV, PARTE II

LISBOA
TYPOGRAPHIA DA ACADEMIA
M DCCC LXXVII

INDICE

DA PARTE II, TOMO IV DA NOVA SERIE

HISTORIA E MEMORIAS

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

DISCURSO

RECITADO NA SESSÃO PUBLICA

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

EM 12 DE DEZEMBRO DE 1875

PELO VICE-PRESIDENTE

DR. JOSÉ VICENTE BARBOZA DU BOCAGE

SENHORES: — Em obediencia aos seus Estatutos celebra a Academia Real das Sciencias a sua sessão publica annual.

Este recinto, onde reina habitualmente o silencio favoravel á meditação e ao estudo, mostra-se hoje animado e festivo. É com effeito dia de festa para a Academia este em que a presença do seu Augusto Protector, El-Rei o Senhor D. Luiz, e do seu Egregio Presidente, El-Rei o Senhor D. Fernando, e o concurso de pessoas tão conspicuas e illustradas acrescentam novos testemunhos de benevolencia, áquelles com que esta corporação tem sido constantemente favorecida.

Incumbe á Academia apresentar-vos n'esta sessão a historia succinta de seus actos durante o ultimo periodo decorrido. O nosso consocio, que por voto unanime da Academia exerce desde muitos annos as funcções de secretario geral, dar-vos-ha conta, com a sua costumada proficiencia, do modo por que a Academia correspondeu aos elevados fins da sua instituição, ás honrosas tradições do seu passado e ao favor nunca desmentido de nacionaes e estranhos.

Na occasião, em que levantamos um novo marco n'esta senda illimitada que vamos percorrendo, é natural que se nos avive a saudade dos companheiros que não lograram chegar comnosco ao termo d'este ultimo estadio, e que busquemos conforto a tão justa magoa recordando o quinhão valioso, com que estes obreiros da civilisação concorreram para o thesouro intellectual da humanidade.

A Academia Real das Sciencias paga hoje o merecido tributo de respeito e gratidão á memoria de dois sabios eminentes, cujos nomes ha muito illustres nos fastos das sciencias e das lettras, passaram em caracteres indeleveis ao livro onde a posteridade inscreve os homens verdadeiramente grandes pela intelligencia e pelo saber.

As Academias, disse-o já uma voz auctorisada, são o *forum* pacifico onde as opiniões se cruzam para que do seu embate faisque mais explendida a luz da civilisação. Pelo concurso de quantos se empenham individualmente na investigação da verdade, mais do que por si proprias, cooperam ellas no progresso das sciencias e no aperfeiçoamento indefinido da humanidade. Cumprelhes por isso manter illesos os direitos da razão humana, e guardar intactos os dominios da sciencia tão vastos como o Universo.

A Academia Real das Sciencias, podemos dizel-o com ufania, mostrou comprehender desde a sua instituição, pela tolerancia e independencia com que sempre se houve, que a sciencia só póde viver e prosperar enlaçada com a liberdade. Temos a mais profunda fé em que deixará de si proveitoso exemplo ás gerações futuras conservando-se fiel ás suas tradições.

RELATORIO DOS TRABALHOS

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

LIDO NA SESSÃO PUBLICA

DE 12 DE DEZEMBRO DE 1875

PELO SECRETARIO GERAL INTERINO

JOSÉ MARIA LATINO COELHO

Senhores:—Apparece hoje congregada em solemne festividade litteraria a Academia Real das Sciencias de Lisboa, não sómente para obedecer ás praxes e ás tradições do ceremonial, senão tambem e principalmente para cumprir duas sagradas obrigações do seu instituto. Apparece perante um numeroso e publico auditorio para lhe relatar as investigações e os escriptos, em que empregou a sua actividade intellectual, e mostrar-lhe os documentos e as provas, em que elle possa estribar o seu juizo ácerca dos serviços e dos progressos da nossa corporação. Apresenta-se egualmente em publico para realisar um dos ritos fundamentaes da sua liturgia litteraria, e sagrar o preito dos seus louvores á memoria dos homens benemeritos, que durante a vida honraram ao mesmo tempo a sciencia e a Academia, e agora, já coroados com o glorioso diadema da posteridade, são estimulo e dictado aos que lhes sobrevivem na cultura do saber.

Nunca as academias, consagradas á mais alta elaboração intellectual, viveram, como no seculo presente, em tão necessaria e continua intimidade com a geral opinião. Em nenhuma das épocas mais assignaladas na historia do pensamento foi mais difficil o encargo e mais grave a responsabilidade para estes corpos scientificos e litterarios, destinados a enlaçar na sua mystica unidade a sciencia do espirito e da materia, a vasta encyclopedia da natureza e da humanidade.

Nas edades que precederam o xix seculo, ainda nos proprios tempos em

que a intelligencia agitou mais profundamente a consciencia e a sociedade, nunca foi tão geral e tão estreita a communhão entre o espirito dos sabios e o espirito das multidões, nunca foi mais vaga e esbatida a linha divisoria, que separa as academias, como corporações aristocraticas, e a razão universal, que pelas incessantes conquistas da educação e da imprensa tende a generalisar cada vez mais as idéas e os estudos; a tirar á sciencia o caracter de um privilegio para a converter n'um attributo essencial do homem civilisado.

Este caracter profundamente democratico da sciencia contemporanea, esta communicação frequente e necessaria entre os seus cultores e o publico illustrado, esta relação intellectual como que de productor a consumidor no mercado espiritual das idéas e descobrimentos, apaga as fronteiras que antigamente separavam das multidões os obreiros da sciencia, e em certa maneira os constituiam em corporação cerrada e esoterica, lhe davam a feição de uma ciosa theocracia do espirito e faziam da republica das lettras uma ambiciosa oligarchia. Hoje a sciencia é de todos e para todos irmanmente. De todos é o o seu proveito. A todos pertence a sua critica. Como os poderes, que presidem aos interesses politicos e economicos, estão sujeitos á jurisdicção e á sentença popular, sem que lhes possa valer a ficção da sua origem e a magestade da sua purpura, assim tambem as academias, que são apenas representantes, não dictadoras da sciencia, não alcançariam esquivar-se á alçada omnipotente do juizo publico. Nem os governos, na esphera dos principios sociaes, podem viver fóra do consenso nacional, nem as academias, na região dos principios scientificos, podem ter auctoridade além da que derivam da razão universal. D'ahi procede que seja a publicidade a condição essencial para o regimen das sociedades e para a economia das idéas, a atmosphera onde respiram desafogados os governos livres e as progressivas academias. É por isso que a Academia Real das Sciencias de Lisboa se congratula de celebrar publicamente a sua sessão anniversaria. É n'este dia que ella estreita os seus vinculos com a intelligencia nacional, é diante do publico, chamado para auctorisar a sua festividade e interpor o seu parecer, que a Academia avigora a firme persuasão de que é para gloria e proveito nacional, que o paiz lhe conferiu a sua honrosa investidura.

No meio do immenso movimento scientifico da edade nossa contemporanea, apesar de que a sciencia, na sua duplice condição de conhecimento do homem e do universo, multiplica sem cessar os seus problemas e com a sua curiosidade nunca plenamente satisfeita, averba de insufficientes e escassas as mais poderosas energias intellectuaes, não podia esquecer á Academia que entre os primeiros e mais uteis encargos da sua fundação se numera o de zelar a pureza da formosa lingua patria, d'este idioma opulento e varonil em que, se nem sempre tomaram fórma as mais altas e originaes concepções do espi-

rito humano, se moldaram todavia as idéas de poetas e prosadores, os quaes transcenderam com o seu nome e a sua fama os ambitos estreitos da litteratura nacional para serem escriptores cosmopolitas.

Não póde a linguagem de nenhum povo immobilisar-se e como que fundir-se em bronze para desafiar nos seus contornos immutaveis a acção do tempo e das idéas. Toda a lingua viva, por isso mesmo que tem acção e movimento, é um organismo, em que se estão passando constantemente profundas transformações. Não sómente se permutam, por uma continua assimilação, os antigos elementos, senão que por uma lei universal da natureza, a da variação inevitavel dos typos e das fórmas organicas, vão os idiomas perdendo pouco a pouco as feições primordiaes e accommodando a sua indole ao meio em que respiram. Já passou o tempo, em que o fanatismo litterario e o purismo exaggerado até á superstição, lastimava como vergonhosa decadencia o não se conservarem como religiosa e immaculada tradição os primores do classico dizer, e em que se forçava o seculo presente a trasladar o seu sentir e o seu pensar n'aquella mesma lingua, em que se tinham memorado os feitos das nossas glorias e conquistas, ou se haviam modulado os cantos nacionaes. Quando na litteratura, sem renegar inteiramente a auctoridade dos modelos, se concedeu tambem logar aos fóros do moderno pensamento, quando se advertiu que acima de uma linguagem, reputada inexcedivel na melodia, na propriedade e na expressão, está a lei inquebrantavel do progresso humano, e que após as edades aureas, que a historia registou nos mais nobres e perfeitos monumentos litterarios, estão justamente, como grandiosa compensação á inferioridade esthetica dos nossos tempos, os mais sublimes descobrimentos da sciencia e da razão, a amoravel idolatria pela vernaculidade seiscentista cede o passo ás peremptorias intimações de uma nova e diversa civilisação. A cada idéa corresponde um novo molde, a cada variação no pensamento uma forçosa alteração no idioma nacional. Enleva-se o cultor enthusiasta da bella antiguidade ao contemplar as reliquias da arte grega, e sob o conceito esthetico prefere o genio que ideou o Parthenon ao talento que perfura o Mont-Cenis. Ainda hoje nos delicia o dizer terso e inimitavel d'aquelle elegantissimo escriptor, que soube dar encanto e colorido ás lendas piedosas e monasticas. E comtudo seria hoje inexequivel acudir ás exigencias da nossa civilisação, mantendo intemerata a arte hellenica. E seria não sómente absurdo, mas risivel, que no meio dos nossos parlamentos tractassemos as questões da vida pratica nos periodos sonoros de Fr. Luis de Sousa ou de Bernardes.

Conciliar quanto é possivel a pureza da linguagem com as innovações necessitadas pela indole do moderno pensamento, e dirigir discretamente a lenta e racional transformação do idioma, sem que se bastardeie e degenere por insensatos e desnecessarios neologismos no vocabulario e sobretudo na fórma de

dizer, eis-abi o problema que é forçoso resolver em cada época, de maneira que a falla nacional, sem perder a elasticidade, conserve todavia a sua indole e os seus caracteres individuaes. Á Academia Real das Sciencias de Lisboa competem n'este ponto particulares obrigações. Desde os primeiros tempos da sua fundação buscou ella realisar um intento, que assignalara já nos fastos litterarios a algumas das mais celebradas instituições que lhe serviram de exemplares e de modelos. Procurou enriquecer a litteratura portugueza com um grande diccionario, de que se estampou unicamente o primeiro volume, redigido em amplissimas proporções. Frustrou-se a empresa, infelizmente, e largos annos decorreram sem que fosse possivel atar o fio interrompido a tão util e trabalhosa composição.

O nosso consocio de merito, o sr. Alexandre Herculano, possuia o manuscripto de um diccionario portuguez, que o sr. conselheiro Ramalho alcançara compilar como fructo de suas pacientes e dilatadas leituras e investigações. Resolveu a Segunda Classe da Academia adquirir aquelle escripto, fiando que melhorada a redacção, se poderia dar á estampa. Era certamente para lastimar que d'entre todas as nações cultas, apenas Portugal não tivesse um lexicon auctorisado, onde como em vasto repositorio estivessem archivadas todas as riquezas da linguagem, não sómente no que respeita ao vocabulario, senão tambem no referente aos modismos e locuções, de que é tão copiosa a elegante falla de Vieira e de Lucena. Tres obras ha, que são indispensaveis a um povo civilisado, e dão por assim dizer a medida e o padrão, por onde é facil aferir o seu grau de cultura e de progresso; a representação graphica do seu terreno, sob o aspecto geographico e geologico; o inventario das suas riquezas naturaes ou produzidas; e o tombo geral do seu idioma; a carta, a estatistica e o diccionario,—o theatro, a acção e a linguagem d'este drama grandioso, que se chama a vida nacional.

Incumbia naturalmente aos brios litterarios da Academia o acudir zelosamente pelos foros da lingua portugueza, de cujos thesouros é depositaria por officio e tradição. Se generosamente auxiliada pelo Estado, podesse dotar um dia Portugal com um diccionario completo, que fosse a imagem verdadeira e photographica do idioma portuguez, tal qual o formularam os escriptores dos tempos aureos, e o foram alterando e accommodando á incessante evolução do pensamento as idéas, os interesses, as instituições da nossa idade, teria prestado á litteratura e á nação um benemerito serviço. Resolveu a Segunda Classe com applauso da Primeira adquirir o manuscripto, de que era possuidor o sr. Alexandre Herculano. Cumpria agora achegar os recursos pecuniarios e os auxilios intellectuaes, com que se aperfeiçoasse a redacção d'aquella obra e se apromptasse para a impressão. Resolveu-se com beneplacito do governo, que da verba votada annualmente pelas côrtes para as publicações academi-

cas subsidiadas pelo Estado, se dedicasse a quarta parte ás despezas do diccionario.

Deputou a Academia n'uma commissão de socios seus o encargo de examinar o manuscripto, e de propôr o que deveria observar-se para que depois de corrigido e acrescentado se podesse publicar. Conformando-se com a indicação dos commissarios, determinou a Academia que um director por ella designado entre os seus membros, auxiliado por alguns cooperadores, escolhidos no seu gremio ou a elle estranhos, fossem revendo e affeiçoando em sua ultima redacção os bilhetes do manuscripto. Com a difficil e trabalhosa incumbencia de dirigir a publicação honrou a academia o secretario geral, que a acceitou em obediencia ao preceito dos seus collegas, não pela vaidosa persuasão da sua competencia litteraria. Tem progredido ininterruptamente os trabalhos do diccionario. A relativa lentidão com que prosegue esta empresa, materialmente difficillima, é forçosamente determinada pelas seguintes circumstancias: 1.ª a deficiencia do manuscripto, que serviu de base á composição, e que sendo valioso, como subsidio, carece a cada passo de ser desenvolvido, completado e enriquecido com o fructo de novas e trabalhosas investigações, e de um mais detido exame lexicographico nos monumentos litterarios do idioma nacional; 2.ª o numero ainda agora insufficiente de collaboradores, o qual não poderia facilmente accrescentar-se pela estreiteza dos recursos consagrados a esta publicação; 3.ª a falta de estudos philologicos e lexicographicos sobre a lingua portugueza.

Se a Academia tem para com a nação, a que pertence, o officio de ser como um centro intellectual, não é com empenho menos diligente, que ella se applica a exercer outro encargo de não inferior utilidade, o de manter e accrescentar as relações internacionaes que hoje em todo o mundo fazem das academias e institutos scientificos e litterarios, uma vasta e fraternal confederação, consagrada a representar, sem distincção de patria e de bandeira, os interesses cosmopolitas da sciencia universal.

N'este ponto compraz-se a Academia em registrar o progresso das suas relações com os institutos scientificos e litterarios, desde os mais eminentes e celebrados até os mais modestos estabelecimentos dedicados ao lavor intellectual. Mais de duzentas academias e sociedades, que nas cinco partes do mundo collaboram na obra benemerita da civilisação geral, permutam as suas valiosas publicações com as obras estampadas pela nossa corporação, e opulentam a nossa livraria com thesouros inestimaveis de saber nos mais diversos ramos de sciencia e erudição. A transmissão regular das nossas memorias academicas ás corporações e academias estrangeiras facilita aos estranhos o conhecimento da nossa producção espiritual e leva os trabalhos escriptos em portuguez a remotas paragens, onde não raro foram portuguezes os que primeiro as descobriram e lustraram em proveito commum da humanidade.

Entre os successos litterarios internacionaes, com que nos annos ultimamente decorridos se honrou a academia, é esta a occasião de memorar um dos mais gratos á nossa corporação.

Quando sua magestade o imperador do Brasil, na sua viagem á Europa visitou pela segunda vez a cidade de Lisboa, a Academia teve a honra de o receber em uma das sessões ordinarias da sua assembléa geral. O imperador, que a nossa corporação conta entre os seus mais illustres socios honorarios, associou-se aos nossos trabalhos academicos e demonstrou mais uma vez o seu interesse e devoção pelas lettras, de que é benemerito cultor. A Academia congratulou-se justamente de que a distincção que lhe fizera o senhor D. Pedro II, fosse além de uma fineza litteraria, um novo testemunho de que são cada vez mais cordeaes e mais estreitos os vinculos intellectuaes entre Portugal e o immenso Estado, que a pequena, mas gloriosa nação, do velho continente deixou como rebento seu nas ferteis regiões do Novo Mundo. Entre os feitos, que mais ennobrecem a nossa patria, o primeiro, o mais glorioso, o que mais fecundamente importou á historia da civilisação e da humanidade, foi sem duvida que das suas perseverantes navegações e descobrimentos, e do seu alto espirito de empresa e de conquista em paragens ignotas e afastadas saisse finalmente, como a sua mais perfeita creação o grande imperio, que na terra de Colombo está fadado a exercer as funcções de povo iniciador nos territorios opulentos, onde prevalece a civilisação latina.

Trabalhos da Primeira Classe

Nunca a sciencia em tempo algum, ainda nas épocas de sua maior florescencia e energia creadora, achou mais desegual que n'este seculo o combate entre a natureza ciosa de recatar os seus arcanos, e a humana curiosidade, perseverante em os desvendar e entender. Nas quadras antigas do saber, a sciencia, mais engenhosa em brilhantes adivinhações do que opulenta de verdades solidamente conquistadas, resumia o seu peculio n'algumas theses preciosas, mas geraes, e a multiplicidade infinita dos phenomenos escapava facilmente á visão intellectual dos grandes genios, mais empenhados em idear os arbitrarios systemas do universo do que em espiar a natureza e deduzir da observação, pelos processos inductivos, estas formulas do espirito, estas representações subjectivas, que chamamos as *leis* da natureza. Na propria edade, que tem na historia do pensamento o nome de Renascença, o entendimento, não como se diz menos exactamente, resurgindo das suppostas escuridões da meia edade, senão

continuando, n'uma phase nova da sua evolução, a fórma derradeira dos tempos medievos, proclamou a sua liberdade e independencia, sem comtudo romper imprevidente os laços racionaes da auctoridade. Preferiu a fabular a natureza em Aristoteles e nos seus desvairados glossadores a estudal-a no proprio seio do universo; e sem negar as brilhantes acquisições intellectuaes do mundo hellenico, pediu á experiencia, para o saber das coisas physicas, o que Hippocrates já canonisara no seu tempo como o esteio mais seguro da medicina, a unica sciencia experimental da antiguidade.

E é notavel e digno de reparo, que se por um lado as sciencias naturaes, para entrar em sua primeira adolescencia, se desenleiam das faixas infantis, em que as tinha estreitado a physica *à priori* dos antigos, por outra parte, quando o genio da Renascença, em meio da anarchia litteraria, que lhe herdara a edade média, procura descobrir o canon da belleza na arte e na litteratura, converte como que instinctivamente as vistas inquiridoras a Athenas e á Hellade. Em quanto a sciencia, pela exaggeração inevitavel de todas as fecundas e completas revoluções contra uma tyrannia do espirito ou da força, nega aos engenhos mais esplendidos da Grecia, a Platão e Aristoteles, os meritos que os fizeram luzeiros para sempre inextinguiveis, a arte, procura na antiguidade os seus modelos e oppõe á simples e ingenua iconographia christã o gracioso naturalismo da sensual gentilidade.

Durante o Renascimento as sciencias da natureza tomaram novas e inopinadas direcções. A philosophia experimental, que teve tanto de fecunda pelos seus preceitos, quanto de inexacta pela absoluta negação ou pelo desdem jactancioso de todo o principio metaphysico, repulsou o dogmatismo philosophico e o processo deductivo. A sciencia, que era a principio uma só e indivisivel (excellente como implicita affirmação da unidade cosmica, viciosa como processo de investigação individual) começou de repartir-se pouco a pouco em parcellas independentes, á semelhança de um organismo, que principiando n'uma cellula, contendo a vida na sua expressão elementar, se vae desdobrando pouco a pouco em cellulas consecutivas até separar e distinguir, sem perder-se a travação e harmonia, os orgãos de complexa tessitura, de cujo regrado accorde e consonancia está pendente a existencia individual e a geração de novos organismos. Configuram-se e desenham-se as sciencias fundamentaes. A astronomia, renunciando ao ambicioso conceito de que a terra pela sua preeminencia é o centro immutavel do universo, lança os fundamentos do verdadeiro systema do mundo. Copernico abre o caminho a Kepler, a Newton, a Laplace, a Gauss, a Delaunay. A anatomia humana, que é para as sciencias do organismo o que a geometria para as sciencias cosmologicas, triumpha galhardamente do preconceito hereditario e deixa na sombra, com os prodigios do moderno escalpello nas mãos inventivas de Vesalio, as timidas tentativas de Eratostrato e de

Herophilo e as notaveis acquisições da celebrada escola de Bolonha. Nasce a botanica experimental. Interpretam-se ainda escassamente os primeiros caracteres da historia physica da terra. Completam-se e contradizem-se, apesar da sua soberana omnipotencia, as doutrinas de Hippocrates e Galeno. A physica está no berço, e mal póde ainda prognosticar as quasi miraculosas invenções, a que ha de aventurar-se no futuro. A chimica, apesar de que é uma superstição ou um delirio, tem já os seus lucidos momentos, e os erros deploraveis da ambiciosa especulação levam frequentes vezes ao descobrimento da verdade. É então nas mãos dos impostores ou dos crendeiros a sciencia da riqueza fabulada. Admiravel prefiguração de que viria a ser em nossos dias, estribada na experiencia e despojada das antecipações da phantasia, a sciencia da riqueza verdadeira, a sciencia industrialmente creadora.

Se compararmos o movimento scientifico do nosso tempo com o das mais brilhantes edades antecedentes, se confrontarmos as varias direcções, em que hoje se encaminha, cruzando-se e emmalhando-se como em rêde inextricavel, o pensamento e a experiencia, não seria para estranhar que nos assombrassem as conquistas da razão nos dominios da natureza, se os pontos de interrogação, semeados a cada passo no ambito vastissimo das sciencias, não estivessem, á semelhança do escravo zombador no cortejo triumphal dos antigos conquistadores, amesquinhando o muito que sabemos com o mais que nos resta descobrir.

E em verdade é pasmosa, admiravel a variedade e a extensão dos estudos scientificos na edade contemporanea; nos dois ultimos decennios principalmente as invenções succedem-se ás invenções, as maravilhas ás maravilhas. Parece-nos estar assistindo não em visão anticipada e imaginaria, senão já em realidade presencial áquella prophetica perspectiva, que o genio mais vidente e mais arguto de toda a meia edade, o mendicante Roger Bacon, desde a estreitesa de uma cella na penumbra do XIII seculo, nos esteve debuxando como um sonho de ardente phantasia, no seu livro *das coisas maravilhosas da arte e da natureza*. Os observatorios, os amphitheatros, os laboratorios, os gabinetes experimentaes, multiplicam-se e redobram de energia e de trabalho. As viagens scientificas succedem-se com fervente perseverança. A sciencia, que d'antes estanceava no recesso das escolas e academias, tornou-se deambulatoria, errante, aventureira. Ás excursões cavalheirosas succedeu a cruzada da investigação, a cavallaria andante da sciencia, que tem os seus gloriosos paladinos e os seus martyres coroados. Lustram-se, exploram-se, descrevem-se as mais afastadas regiões. Os processos experimentaes desceram a essas tenebrosas profundezas, onde se recatam os mysterios do mundo molecular. As distancias sideraes e planetarias e os intervallos que separam as moleculas, submettem-se á craveira; a massa dos corpos celestes e o peso dos atomos infinitesimos como

que tem já sua balança, em que se possam aquilatar. Não ha arcano da natureza, desde a remota nebulose até aos mysterios da embryogenia, onde os apparelhos da observação e os instrumentos intellectuaes, o calculo e a inducção, não estejam indefessos procurando a solução do muito que ainda está por inquirir e decifrar. Nunca a sciencia se occupou mais diligente e cuidadosa dos minimos phenomenos particulares. Nunca o individual e o concreto se prestou mais largamente á investigação minuciosa. E todavia não se pense que o movimento scientifico do seculo presente se resolve em avultar cada vez mais o acervo collossal dos factos singulares e desconnexos, sem nenhuma intuição de systema e de harmonia.

Ao mesmo passo que a investigação experimental, soccorrendo-se das mais artificiosas invenções de instrumentos e de processos, e a analyse mathematica, envidando os maximos esforços dos seus methodos engenhosos, proseguem inquirindo e prescrutando os phenomenos parciaes, á medida que a sciencia se torna cada vez mais empirica, e mais avessa a toda a especulação intempestiva e a toda a phantasiosa generalisação, o espirito philosophico anima como um bafejo creador o mundo das idéas scientificas.

Ha na sciencia do nosso tempo tres direcções, que pareceriam antagonistas e comtudo se congraçam facilmente na mesma commum empresa. Por um lado a sciencia como immenso repositorio e inventario dos factos conhecidos e conquistados pelos meios experimentaes. Por outro a sciencia como auxiliar poderoso da industria e do trabalho. Mas a par ou acima de ambas esvoaça o pensamento philosophico, que não perde nem abdica os seus fóros essenciaes, ainda nas épocas de mais torvo materialismo. O phenomeno é muito, porém não basta. A applicação technica póde alargar a riqueza, a commodidade, mas não constitue só por si a inteira civilisação. Sómente a idéa com os seus deslumbrantes resplendores póde allumiar as sombras da natureza. E por isso o nosso seculo, que é em summo grau a época dos trabalhos experimentaes, e o apogêo do industrialismo, é tambem uma quadra de profunda revolução nos conceitos methaphysicos ácerca do universo, das suas leis, das suas condições teleologicas, da sua larga evolução.

O que os tempos de Kepler, de Newton, de Galileu souberam apenas realisar nos dominios da pura cosmologia, a sciencia dos nossos dias o procura generalisar e estender á inteira creação. A philosophia natural do Renascimento e dos annos que lhe succederam, tão fecundos em invenções, attentára quasi exclusivamente no systema geometrico do mundo, considerado como uma regrada congerie de corpos planetarios e sideraes. A sciencia de hoje comprehende nas suas ousadas interrogações a respeito da lei, da unidade, e da harmonia nos infinitos dominios da natureza, todos os phenomenos, todas as manifestações da energia e da materia, o planeta immenso e a conferva que mal

vegeta ignorada no abêcê da vida organica, a nebulose descummunal e a cellula microscopica, a origem do systema planetario e o tronco primitivo dos organismos, a chronica physica da terra, e o berço da humanidade.

Nunca nas precedentes eras da sciencia andaram concitados como agora, tantos, tão graves, tão desusados problemas a respeito do homem e da natureza. Nunca a synthese philosophica, sem contradizer os resultados experimentaes ou sem anticipar-se temeraria á estatistica dos factos,se aventurou a tão arrojadas especulações.

As questões, que se debatem no campo das doutrinas scientificas e estão ainda, e estarão por largos annos em litigio, tendem a imprimir na sciencia do universo o cunho da unidade, a vincular entre si estreitamente os phenomenos, que parecem mais discordes, e a reprimir a anarchia intellectual, que a divisão e a independencia das sciencias particulares poderia perpetuar. As ultimas theses da sciencia ácerca da unidade e da conservação da força ou da energia, complemento natural á permanencia indestructivel da materia, intimando a abdicação á realeza das ficções na philosophia natural, a doutrina racional da evolução opposta por uma escola ciosamente experimental, á theoria das inopinadas revoluções e das catastrophes periodicas, preparam á sciencia do Kosmos uma época de fecunda generalisação.

Na triplice condição, em que vive e prospera e se engrandece a sciencia contemporanea, como sciencia dos phenomenos, como sciencia das leis, e como sciencia das applicações industriaes, como experiencia quotidiana, como metaphysica da natureza, e como discreta agenciadora da riqueza e do trabalho, é cada vez mais espinhosa e mais complexa a missão das academias. É difficil para estas corporações seguir pontualmente o movimento dos factos, dos technismos e das idéas. A Primeira Classe da Academia tem-se empenhado porém, quanto de suas forças dependia, por satisfazer ás incumbencias da sua instituição, cultivando as sciencias da natureza, como objecto de estudo especulativo, e como instrumento de melhoria e de progresso para as humanas sociedades. E não podia esquecer nos seus lavores intellectuaes esta sciencia das sciencias, esta *alma mater* de todas as especulações e theorias, que dizem respeito á força e á materia,—a sciencia da grandeza nas suas numerosas ramificações, a analyse e a geometria.

São já hoje, mesmo em Portugal, tão frequentes os trabalhos das sciencias mathematicas, physicas e naturaes, que desde muito se lastimava o não haver na Academia uma publicação, onde sem as delongas inherentes á grande collecção das Memorias, se estampassem as notas e os escriptos, que por sua indole especial conviria divulgar no mundo scientifico, apenas seus auctores os compozessem. A exemplo do que geralmente usam as academias e sociedades scientificas e litterarias, as quaes além das suas Memorias estampam em pe-

riodos mais breves o seu orgão official, resolveu a Primeira Classe publicar o *Jornal das Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, de que estão já impressos quatro volumes. N'elles se tem dado á luz muitos escriptos, que por serem estampados no *Jornal* não desmerecem o nome e a importancia de memorias. O favor com que esta Revista tem sido acolhida em toda a parte, onde se apreciam as noticias referentes á sciencia, é o premio com que a sua gratuita redacção se julga sobradamente remunerada.

Se a Primeira Classe com os seus escassos meios tem buscado fomentar quanto é possivel, o cultivo das sciencias, em quanto não depende de investigações dispendiosas ou de largas expedições, o seu zelo scientifico seria infructifero em algumas circumstancias, se não invocasse directamente o auxilio extraordinario dos poderes legaes. Tal foi, por exemplo, o caso de um phenomeno astronomico, em cuja observação a Primeira Classe se esforçou porque podesse participar a sciencia nacional. Devia succeder a 8 (9) de dezembro de 1874 a passagem do Venus pelo disco solar. Mais de um seculo decorrera já desde 1769, em que pela ultima vez se observára com tamanho proveito da sciencia esta singular apparição. Em todo o mundo civilisado, nas grandes e nas pequenas nações, se estavam apparelhando com grossos dispendios publicos os instrumentos e os methodos, com que astromonos de todos os paizes iriam em pontos remotissimos do globo, instituir em seus improvisados observatorios as suas engenhosas observações. Seria affrontoso que Portugal, que foi por excellencia a nação descobridora, a nação cosmographa, a nação viandante e aventureira, agora que se tractava de medir não a distancia, que medeia entre Lisboa e Calecut, mas a distancia fundamental no systema planetario, se ficasse alheia a estas brilhantes justas da sciencia. Representou a Primeira Classe ao governo, propondo se organisasse uma expedição, que em Macau haveria de observar o transito de Venus. Aquiesceu o governo aos louvaveis desejos da Academia. Computou-se a despeza, taxando-a pelo que era estrictamente necessario, sem rastrear, mesmo de longe, a largueza com que algumas nações poderosas, os Estados Unidos, a Russia, a Gran-Bretanha, haviam dotado generosamente as suas planeadas expedições. Designou a Academia os observadores. Principiaram a aperceber-se para a campanha scientifica. Procederam a custosos trabalhos preliminares, já ensaiando engenhosos processos photographicos na sua applicação á astronomia, já modificando os instrumentos, que deveriam empregar na observação. Ministrara o governo as verbas necessarias para os primeiros apercebimentos. E quando tudo parecia auspiciar uma empresa tão honrosa para o genio nacional e tão util para a sciencias, eis que a ponto se mallogra o intento generoso, e se desmentem as esperanças de que tambem a Portugal viesse a pertencer o seu quinhão de gloria e de trabalho na solução de um problema fundamental na astronomia. Não chegara o po-

der legislativo a auctorisar a verba indispensavel. E a Primeira Classe, que tão excellentes principios tinha visto á desejada expedição, teve de lastimar que a má fortuna da sciencia portugueza viesse frustrar infelizmente o seu empenho.

O interesse, com que a Primeira Classe desejava promover os progressos da astronomia, teve ensejo de lisongear-se quando o governo se dignou de a consultar, convidando-a a redigir um projecto de organisação para o novo observatorio astronomico da Ajuda. A Primeira Classe, examinando o modo porque estão hoje constituidos os mais celebrados estabelecimentos d'este genero, desempenhou-se da honrosa commissão, enviando aos poderes publicos a sua consulta.

São importantes e numerosos os trabalhos, em que a Primeira Classe tem exercido a sua actividade. Muitas notas e escriptos tem sido publicados no *Jornal* sobre varios pontos das sciencias mathematicas, pelos nossos consocios os srs. Francisco da Ponte e Horta, Daniel Augusto da Silva, Luiz Porphyrio da Motta Pegado, Adriano Augusto de Pina Vidal e Henrique de Barros Gomes; sobre as sciencias physicas pelos academicos os srs. Dr. Agostinho Vicente Lourenço, Antonio Augusto de Aguiar e Francisco da Fonseca Benevides; nas sciencias naturaes pelos srs. José Vicente Barboza du Bocage, Dr. Bernardino Antonio Gomes e Felix de Brito Capello. O *Jornal* tem egualmente estampado em suas columnas alguns trabalhos de pessoas estranhas á Academia.

Tem sido copiosos os assumptos, que serviram de thema ás memorias da Primeira Classe.

O sr. Daniel Augusto da Silva escreveu ácerca das coordenadas obliquas uma memoria, a que deu o titulo de *Varias formulas novas de geometria analytica;* o nosso benemerito consocio effectivo o sr. A. Augusto de Aguiar appresentou á classe os escriptos seguintes, fructo de uma serie de investigações no laboratorio chimico da Escola Polytechnica:—1.° *Sobre a tetranitronaphtalina.* 2.° *Sobre as diaminas derivadas das binitronaphtalinas* α *e* β. 3.° *Sobre os compostos azoticos derivados das naphtydiaminas.* 4.° *Sobre a formação da naphtalanerina.* 5.° *Sobre os ensaios industriaes do anil.* 6.° *Analyse de umas pilulas chinesas.* 7.° *Resultados de recentes investigações sobre os derivados das naphthenes-diaminas* α *e* β.

O nosso consocio effectivo o sr. dr. Agostinho Vicente Lourenço, em collaboração com o sr. Antonio Augusto de Aguiar, publicou uma memoria *Sobre a synthese dos alcools monoatomicos.*

O socio correspondente o sr. Benevides apresentou uma memoria *Sobre a chamma dos gazes comprimidos* e outra *Sobre as propriedades dos gazes do petroleo e pinheiro.*

O sr. Daniel A. da Silva consignou n'um escripto seu as *Considerações e experiencias ácerca da chamma.*

A Classe approvou e fez imprimir a expensas academicas o *Tratado de vinificação* do socio effectivo, o sr. visconde de Villa Maior, o *Curso de Meteorologia* e o *Tratado elementar de Optica,* do sr. Pina Vidal, a *Chimica agricola* do socio effectivo, o sr. João Ignacio Ferreira Lapa.

Não andou menos laboriosa a Primeira Classe no que se refere ao cultivo das sciencias historico-naturaes.

Do socio effectivo, o sr. Carlos Ribeiro, fez imprimir nas súas collecções uma memoria com o titulo de *Descripção de alguns silex e quartzites lascados, encontrados nas camadas do terreno quaternario.*

O socio correspondente o sr. Joaquim Philippe Neri Delgado, offereceu uma memoria *Sobre os terrenos paleozoicos de Portugal.*

Do socio emerito, o sr. dr. Bernardino Antonio Gomes, estampou uma noticia *Sobre as explorações botanicas do dr. Welwitsch na Africa occidental.*

O nosso consocio effectivo, o sr. dr. Bocage, apresentou á classe a sua memoria sobre o novo genero *Bayonia;* e em collaboração com o sr. Felix de Brito Capello os *Apontamentos para a ichthyologia de Portugal* (peixes plagiostomos, 1.ª parte, esqualos).

O socio correspondente o sr. Brito Capello, offereceu a sua memoria *Sobre os arachnideos e crustaceos de Portugal.*

Do academico effectivo, o sr. barão de Castello de Paiva, fez a primeira classe imprimir a *Monographia dos molluscos terrestres e fluviaes do archipelago da Madeira.*

O sr. Bocage assegurou perante a classe a prioridade de haver descoberto o *habitat* de um reptil, o *Euprepes Cocter,* do archipelago de Cabo Verde.

Foram numerosos e importantes os trabalhos com que a Primeira Classe enriqueceu a litteratura medica nacional.

Do nosso consocio effectivo o sr. Antonio Maria Barbosa publicou as seguintes memorias: 1.ª *Sobre a ovariotomia a proposito da primeira operação d'este genero praticada em Lisboa.* 2.ª *Sobre a laqueação da arteria iliaca primitiva.*

Do academico effectivo o sr. dr. Alvarenga estampou 1.° *Thermometria clinica.* 2.° *Précis de thermométrie clinique.* 3.° *Apontamentos ácerca da ectocardia.* 4.° *Estudo sobre as perforações cardiacas.* 5.° *Sobre os silicatos e o seu emprego na medicina.* 6.° *Sobre o Beriberi.*

Do socio emerito, o sr. dr. Bernardino Antonio Gomes, publicou a Primeira Classe a memoria *Sobre o esgôto, a limpeza e o abastecimento das aguas em Lisboa.*

O socio correspondente, o sr. José Joaquim de Sousa Amado, apresentou uma memoria sob o titulo de *Apontamentos de teratologia.*

O socio correspondente, o sr. Eduardo Augusto Motta, offereceu duas

memorias, a primeira sobre a *Anemia do cerebro em geral* e a segunda sobre o *Emprego do acido phenico nas febres intermittentes*.

Do socio correspondente o sr. José Thomaz de Sousa Martins, fez estampar nas collecções academicas a memoria intitulada: *O pneumogastrico, os antimoniaes e a peripneumonia*.

O socio correspondente o sr. dr. May Figueira, apresentou uma *Memoria sobre as injecções subcutaneas*.

O sr. Manuel Bento de Sousa, demonstrador da escola de medicina de Lisboa, offereceu á classe uma nota *Ácerca das funcções do nervo de Wisberg*, que foi impressa no Jornal da Academia.

Trabalhos da Segunda Classe

Se é prodigiosa a revolução operada nas sciencias, que tem por objecto a natureza, não é menos caracteristica n'este seculo a transformação, por que passaram os estudos da litteratura, das sciencias sociaes e da alta erudição. Não incumbem á Segunda Classe menos difficeis e gloriosas obrigações do que á Primeira. São immensos os dominios da sua investigação. Se as lettras amenas, que constituem o seu mais antigo sacerdocio, requerem mais imaginação, mais genio, mais primor de fórma e de expressão do que talento investigador e paciente, tem a Segunda Classe na sua academica jurisdição vastissimas provincias da encyclopedia humana. O mundo moral, no presente e no preterito, é tão variado e complexo como o universo material. A philosophia, como a comprehende o seculo presente, a historia, como systema de leis ineluctaveis, por que se rege a humanidade, a philologia, como a tem instituido nas suas multiformes ramificações a erudição e a critica moderna, o estudo comparativo das antigas litteraturas e das passadas civilisações, que foram como os antecedentes necessarios da presente cultura intellectual, os trabalhos concernentes aos fastos nacionaes, para que do exame dos nossos monumentos diplomaticos e epigraphicos, resulte a verdade para a historia, não a lenda para a vaidade, eis ahi os assumptos que pertencem á Segunda Classe, como cultora dos estudos litterarios. Accresce ainda todo o ambito latissimo das sciencias politicas, moraes e economicas, d'estas sciencias, de que pende por mais estreitos vinculos a solução dos temerosos problemas, que trazem agitadas e inquietas as multidões ácerca do seu destino. Se a auctoridade, que antigamente imperava nas sciencias physicas e naturaes, se retraíu, fazendo praça ao livre exame, não é menos significativo que a exegese e a critica moderna, submettam ás

provas da razão, na esphera das sciencias moraes e philologicas, as doutrinas e as idéas, que a tradição nos fôra transmittindo em nome da veneração immemorial, como se uma verdade podesse canonisar-se de invencivel, em quanto junto d'ella haja logar para um ponto de interrogação. A duvida é hoje como sempre nas sciencias physicas e nas sciencias moraes, a fonte mais copiosa do saber. A anarchia intellectual, que parece agora dominar no mundo das idéas, é a condição essencial de toda a regular e harmonica formação. O pensamento contemporaneo é um immenso amphitheatro onde as noções e os aphorismos de todos os seculos, as verdades e os preconceitos de todos os tempos, os interesses e os abusos de todas as edades, se estão commettendo, confundindo, contendendo e forcejando por vencer. A sciencia, ou converta os olhos ao mundo externo, ou aprofunde curiosa o homem interior, tem como as demais potencias da sociedade espinhosas questões que resolver. Só a critica e a razão desapressada de todas as influições tradicionaes, póde nos estudos moraes e philologicos sasonar fructos de benção e de verdade.

A Segunda Classe comprehendeu sempre com gloria e lusimento das lettras portuguezas e da solida e proveitosa erudição, os encargos que o nosso instituto recommenda ao seu estudo e inquirição. Muitos dos academicos inscriptos no seu quadro continuaram a desvelar-se porque os seus escriptos e trabalhos honrassem a nação e a Academia.

Quando para jazigo honrado se planeou o trasladar as cinzas do primeiro heroe da India, desde o ossuario, onde a sua gloria é uma perenne e eloquente reprehensão ao desrespeito e ingratidão da posteridade, desejou a Academia desde logo associar-se á que devia ser uma grande solemnidade nacional, á que podera ser tardia, mas illustre apotheose d'aquelle sublime aventureiro.

O nosso consocio effectivo o sr. Mendes Leal escreveu e apresentou á Segunda Classe uma erudita nota, em que buscou assignalar, precisamente, a data em que a Lisboa volveu de sua gloriosa expedição o grande e benemerito navegador.

O socio effectivo, o sr. visconde de Paiva Manso, cuja perda recente deplora a Academia, tratou de elucidar, com a notoria e profunda erudição, que em tão breves annos attestou em assumptos numerosos, a biographia de um illustre jurisperito, Antonio de Gouvea, que tanto acreditou em terras estrangeiras a fama dos legistas portuguezes.

O nosso consocio effectivo, o sr. Augusto Soromenho, apresentou á Segunda Classe um estudo sobre a significação da palavra *Osas*, empregada em alguns dos antigos foraes, e até hoje de incerta interpretação.

Continuaram durante o periodo, que estamos historiando, os trabalhos relativos ás publicações subsidiadas pelo estado. A Segunda Classe, a instancias

do nosso consocio de merito, o sr. Alexandre Herculano, teve de acceitar-lhe com grande magua, a renuncia que fizera da commissão de dirigir a grande e valiosa collecção intitulada *Monumentos historicos de Portugal*, e encarregou a direcção d'este trabalho ao sr. Augusto Soromenho.

Viram a luz publica os fasciculos v, vi e o indice do i tomo, dos *Portugaliæ monumenta historica (Leges et consuetudines);* os fasciculos i, ii e iii do i tomo *(Scriptores)* e os fasciculos i, ii, iii e iv, tomo i *(Diplomata et Chartae)*.

Estamparam-se os volumes x, xi, xiv, xv do *Quadro elementar das relações politicas e diplomativas de Portugal com as diversas potencias do mundo;* e os tomos ii, iii e iv do *Corpo diplomatico portuguez;* a *Collecção de monumentos ineditos para a historia dos descobrimentos e conquistas dos portuguezes*, tomo iv, parte segunda.

Egualmente se deram á estampa na collecção de subsidios para a historia da India portugueza o *Livro de pesos e medidas* por Antonio Nunes, o *Tombo do estado da India* por Simão Botelho, e *Lembranças das coisas da India* em 1525.

Ao mallogrado socio correspondente da Segunda Classe o sr. Alexandre Magno de Castilho, arrebatado á sciencia em época florente e na plena maturidade intellectual, deveu a Academia uma erudita memoria sob o titulo: *Os padrões dos descobrimentos portuguezes em Africa*.

A raridade e o valor historico da *Breve relação da embaixada* pelo patriarcha da Ethiopia, D. João Bermudes, determinaram a Segunda Classe a reimprimir, sob a direcção do sr. Felner, aquelle opusculo, que este nosso consocio illustrou de notas copiosas, em que se compara o texto com as noticias ministradas pelos escriptores e viajantes, que mais modernamente tem tratado da Ethiopia Oriental.

O sr. Felner apresentou á Segunda Classe uma memoria sobre o verdadeiro nome e patria de João Fernandes Vieira, a quem a fama concedeu a antonomasia de Castrioto Lusitano.

D'aquella gloria nacional (tal podemos agora appellidal-a, que já o tumulo a consagrou e a recebeu a posteridade), d'aquelle grande espirito, que se chamou Castilho, o poeta melodioso, o prosador inimitavel, o maior e mais benemerito cultor da lingua portugueza em nossos tempos, o amoravel e ardentissimo promotor da educação e cultura popular, recebeu a Segunda Classe, e logo os deu á impressão as admiraveis imitações, em que appareceram trasladadas para o idioma e o genio portuguez as mais graciosas ou as mais profundas composições de Molière. Contribuiu d'esta maneira a Segunda Classe para vulgarisar aquellas obras, que, nacionalisadas pelo insignissimo escriptor, ficaram sendo ao mesmo tempo formosos monumentos da litteratura patria, e eloquentes testemunhos do que vale e do que póde a linguagem portugueza,

para moldar e exprimir com donaire e bisarria as mais varias manifestações do pensamento.

Do socio correspondente, o sr. José Silvestre Ribeiro, tem a Segunda Classe feito imprimir cinco volumes da *Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos em Portugal.*

O secretario geral interino, Latino Coelho, apresentou á Segunda Classe a versão, que do original grego havia feito da *Oração da Corôa*, e a Classe teve a complacencia de ordenar a sua impressão.

Alteração no Pessoal da Academia

Admittiu a Academia como socios effectivos: na Primeira Classe os srs. A. Augusto de Aguiar, Francisco José da Cunha Vianna, e na Segunda Classe os srs. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, Manuel Pinheiro Chagas, Thomaz Ribeiro, Raymundo Antonio de Bulhão Pato, dr. Lucas Fernandes Falcão, Augusto Soromenho, Luiz Garrido e Ignacio de Vilhena Barbosa.

Inscreveu nos seus registros como socios correspondentes nacionaes: na Primeira Classe os srs. Bernardino de Barros Gomes, Rodrigo de Moraes Soares, Silvestre Bernardo Lima, Francisco da Fonseca Benevides, Felix de Brito Capello, Carlos May Figueira, Antonio Augusto da Costa Simões, D. Luiz da Camara Leme, José Thomaz de Sousa Martins, D. José de Alarcão, José Augusto Cesar das Neves Cabral, José Joaquim da Silva Pereira Caldas, D. Santiago Garcia de Mendonça, José Joaquim da Silva Amado, Adriano Augusto de Pina Vidal, José Maria Couceiro da Costa, José Julio Rodrigues, João Carlos de Brito Capello, Frederico Agusto Oom, Henrique de Barros Gomes, Eduardo Augusto Motta, Luiz Porphyrio da Motta Pegado, Carlos Augusto Moraes de Almeida, Joaquim Philipe Nery Delgado. Na Segunda Classe os srs. José Gomes Goes, Jayme Constantino de Freitas Moniz, Miguel Martins d'Antas, José Silvestre Ribeiro, Antonio José Pereira Serzedello Junior, Claudio de Chaby, Eduardo Augusto Vidal, Antonio Philipe Marx de Sori, visconde das Nogueiras, visconde de Castilho (Julio), D. Antonio da Costa de Sousa de Macedo, Jorge Cesar de Figanière, Julio Marques de Vilhena, Antonio Candido de Figueiredo, Bernardino Pinheiro, Tito Augusto Duarte de Noronha, Diogo Pereira Forjaz de Sampaio Pimentel.

Recebeu a Academia como socios correspondentes estrangeiros, os srs.: H. Bourdiol, Christovão Negri, dr. Giraud Eliot, dr. Franz Steindachner, Frederic Diez, Nathalis Rondot, Affonso Milne Edwards, D. Antonio Trueba, D.

Ramon Campoamor, Augusto Theodoro de Grimm, D. José Zorrilla, barão de Japurá, monsenhor Joaquim Pinto de Campos, Luiz Cremona, Frederico Le Play, Leão Donnat, marquez Anatole de Caligny, Leão Le Fort, Ch. Faider, dr. Alberto Erlenmeyer, Van Beneden, marquez Leopoldo de Folin, Ch. Luiz Livet, Emilio de Laveleye, Theodoro Mommsen, conde de Montblanc, dr. Luciano Papillaud, dr. F. J. Palasciano, Max Müller, Carlos Lucas, barão Gaudencio Claretta, Tito Franco de Almeida, Nicolau Diaz de Benjumea, dr. Manoel Rodrigues de Berlanga, dr. João Vicente Torres Homem, dr. Ataliba de Gommensoro, D. Firmino Caballero, D. Antonio Romero Ortiz, lord Stanley, Ladislau Netto, Leão Renier, marquez de Molins, dr. José Pereira Rego, M. Davreux, barão de Ponte Ribeiro, dr. Antonio Henriques Leal, dr. Antonio Ignacio de Faria, Ernesto Renan, visconde de Rio Branco, lord Talbot de Malahide, Thomaz H. Huxley, José Decaisne, D. Lino Peñuelas y Fornesa.

Elegeu a Academia seus associados provinciaes os srs . Antonio da Costa Ferreira Borges, Antonio Xavier de Sousa Monteiro, Francisco Ignacio de Sequeira, Felix Pereira de Magalhães, Miguel Vicente d'Abreu, José Mendes Norton, Francisco Frederico Hoppfer, Lucio Augusto da Silva, Accursio Garcia Ramos.

Foram numerosas as perdas que teve de lastimar a Academia, durante o periodo a que nos vamos referindo. Entre os nomes que o tumulo apagou dos registos academicos, numeram-se muitos d'aquelles, que nas lettras e sciencias, se veneravam por mais illustres e deixaram assignalada a sua passagem nos fastos da historia contemporanea.

D'entre os seus membros honorarios perdeu a Academia: a Napoleão III, que depois de provar todas as seducções da gloria, proverbiaes na sua familia, veiu finalmente a experimentar quanto são enganosos e ephemeros os sorrisos da fortuna; sua magestade o rei de Saxonia, João Nepomuceno, que tanto se illustrou pela cultura das boas lettras, e o sr. duque de Lafões.

Dos socios emeritos tem a Academia a lastimar a perda dos srs.: general Francisco Pedro Celestino Soares, e arcebispo de Mytilene, D. Domingos José de Sousa Magalhães

Deixaram de existir os socios effectivos da Primeira Classe os srs.: Antonio Diniz do Couto Valente, general Folque, Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão; e da Segunda Classe os srs.: visconde de Castilho, visconde de Paiva Manso, Francisco Antonio Fernandes da Silva Ferrão, Joaquim Pedro Celestino Soares, Luiz Augusto Rebello da Silva, Antonio Pedro Lopes de Mendonça, Manuel Bernardo Lopes Fernandes, barão de Paiva Manso, Gaspar Pereira da Silva.

Muitos d'estes nomes recordam grandes triumphos intellectuaes e verdadeiras glorias para a patria. De um d'elles, o do insigne general Folque, vem

hoje um dos nossos consocios commemorar os meritos, os serviços, e as virtudes. De Castilho, de Rebello da Silva, de Lopes de Mendonça, é já commemoração eloquente, á falta de panegyrico solemne, a geral opinião que os inscreve nas mais formosas paginas da historia litteraria.

Dos socios correspondentes nacionaes falleceram os srs: Alexandre Antonio Vandelli, José Rodrigues Coelho do Amaral, João Ferreira Campos, João Clemente Mendes, Francisco Evaristo Leone, dr. Abel Dias Jordão, José Maria d'Andrade Ferreira, Felippe Nery Xavier, barão de Villa Nova de Foscôa, José Cardoso Vieira de Castro, Claudio José Nunes, Joaquim Henriques Fradesso da Silveira, Augusto Xavier da Silva, conde de Lavradio, Adrião Pereira Forjaz de Sampaio, José Ignacio Roquete, marquez de Rezende, conde da Carreira, João Carlos Feo Cardoso Castello Branco e Torres, Bernardino Joaquim da Silva Carneiro, Antonio Augusto d'Almeida e Araujo Correa de Lacerda, José de Torres.

Baixaram ao sepulcro os socios correspondentes estrangeiros os srs.: Jorge Ticknor, Thomaz Moore Musgrave, Carlos Frederico Filippe de Martius, Lamberto Adolfo Jacques de Quetelet, barão de Kessler, conde de Raczynski, Frederico Kunstman, dr. João Luiz Geneviève de Guyon, D. Francisco de Lujan, D. João Baptista de Sandoval, Julio Bonis, D. Modesto Lafuente, marquez de Pidal, duque de Rivas, D. Pascoal Madoz, F. Guizot, Michelet, Affonso de Lamartine, dr. Carlos Mittermayer, dr. Joaquim Albino Cardoso Casado Giraldes, bispo de Poitiers, Visconde d'Archiac, dr. Picter Otto van-der Chys, Frederico Augusto Welwitsch, dr. Sichel, H. Lucas, D. Thomaz Muñoz y Romero, dr. João Baptista Ullersperger.

Dos associados provinciaes deixaram de existir os srs.: Manuel da Gama Xaro, Antonio Joaquim Gonçalves d'Andrade, José Julio d'Oliveira Pinto, João Pereira Botelho d'Amaral Pimentel, barão do Vallado, dr. Antonio Filippe Lourenço, dr. Miguel Francisco Lobo.

Tal foi, senhores, o que de mais notavel succedeu na Academia depois da sua ultima sessão anniversaria. Se a nossa corporação procurou satisfazer aos seus deveres, se de seus trabalhos nasceram fructos proveitosos para o augmento das sciencias e das lettras em Portugal, julgal-o-ha a imparcial opinião. A empresa, em que se empenham e lidam sem cessar os institutos consagrados ao cultivo intellectual, quasi não tem limites na sua immensa vastidão. Por muito que investiguem e descubram, ainda fica muito mais por inquerir e aprender. As sciencias, que hoje nos parecem mais opulentas de thesouros, são talvez ainda nascentes e infantis, se comparamos a sua presente condição com o estado a que nos seculos futuros, supposto o movimento accelerado do progresso, poderão ainda chegar. O problema hoje resolvido deixa o logar a uma nova questão, que ainda subsiste sem resposta. Ás academias, que mais dirigem

do que operam o trabalho intellectual, compete uma funcção importantissimo no accrescentamento da sciencia, e a Academia Real das Sciencias de Lisboa, confiada no publico favor e respondendo ás nobres tradições da sua historia, não afrouxará nos seus esforços em beneficio da cultura nacional e da commum civilisação.

PROGRAMMA

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

ANNUNCIADO NA SESSÃO PUBLICA DE 12 DE DEZEMBRO DE 1875

PARA O ANNO DE 1876

PRIMEIRA CLASSE

EM SCIENCIAS MATHEMATICAS

I. Apresentar á Academia um trabalho sobre o contacto das curvas e superficies de segunda ordem.

II. Apreciar os escriptos do insigne cosmographo Pedro Nunes, e definir a influencia que, pela originalidade de algumas das suas doutrinas ou por outras circumstancias, possam ter exercido nos progressos das sciencias mathematicas.

EM SCIENCIAS PHYSICAS

I. Estudar a atomicidade dos elementos e compostos chimicos, suas causas e influencia nas combinações.

II. Fazer um estudo sobre a synthese dos alkaloides organicos.

EM SCIENCIAS HISTORICO-NATURAES

I. Estudo estatistico e agrologico de um concelho ou districto de Portugal.

II. Um ensaio monographico relativo á fauna de Portugal, e que comprehenda ou as especies de uma familia zoologica ou as de uma localidade ou região do nosso paiz.

EM SCIENCIAS MEDICAS

I. Determinar as alterações da saude e as doenças devidas ás principaes industrias do paiz, e indicar os meios efficazes de as prevenir.

II. Fazer o estudo critico do systema de esgôto e saneamento da capital, que satisfaça a todas as condições prescriptas pela hygiene, relatando o modo da sua realisação.

III. Estudar a mortalidade de Lisboa e as suas causas, indicando os meios de as attenuar.

IV. Póde estabelecer-se, com fundamento, uma classe de meios therapeuticos hypothermenisantes e outra de hyperthermenisantes? Demonstração.

SEGUNDA CLASSE

EM LITTERATURA

Compôr um glossario de palavras e locuções hoje obsoletas ou antiquadas, que se lêem nos antigos Cancioneiros portuguezes; fazendo sobre ellas as observações linguisticas e philologicas que parecerem convenientes.

EM SCIENCIAS ECONOMICAS E ADMINISTRATIVAS

Estudo sobre a administração local e as suas relações com a administração geral dos Estados.

EM SCIENCIAS MORAES E JURISPRUDENCIA

I. O Codigo Civil considerado nas suas relações politicas, economicas, moraes, religiosas e fórmas externas de methodo e de dicção.—Melhoramentos de que póde ser susceptivel debaixo das sobreditas relações.

II. Estudo sobre a organisação, direitos, deveres e privilegios da advocacia portugueza, e historia da profissão de advogado em Portugal desde a fundação da monarchia até ao presente.

EM HISTORIA E ARCHEOLOGIA

Estudo sobre a religião dos povos da Lusitania.

Os premios ordinarios consistem em uma medalha de oiro do peso de 50$000 réis: e todas as pessoas podem concorrer a elles á excepção dos socios honorarios e effectivos da Academia. Abaixo d'estes premios principaes, propõe a Academia tambem a honra do *accessit*, que consiste em uma medalha de prata: e far-se-ha nas Actas e Historia da Academia, menção honorifica da Memoria que só d'isto se tornar digna.

As condições geraes para todos os assumptos propostos são: Que as Memorias, que vierem a concurso, sejam escriptas em portuguez, sendo seus auctores naturaes d'este reino; e em latim, hespanhol, francez, italiano, inglez, ou allemão, sendo estrangeiros: Que sejam entregues na secretaria da Academia por todo o mez de julho do anno em que houverem de ser julgadas: Que os nomes dos auctores venham em carta fechada, a qual traga a mesma divisa que a Memoria, para se abrir sómente no caso em que esta seja premiada. As Memorias premiadas não podem ser impressas senão por ordem, ou com licença expressa da Academia; e esta condição egualmente se applica a todas as Memorias, que, não obtendo premio, merecerem comtudo a honra do *accessit*. Mas nem esta distincção, nem a adjudicação do premio, nem mesmo a publicação determinada ou permittida pela Academia, deverão jámais reputar-se como argumento decisivo de que esta Sociedade approva absolutamente tudo quanto se contiver nas Memorias a que se conceder qualquer d'estes signaes de approvação, porém sómente como uma prova, de que no seu conceito desempenharam, se não inteiramente, ao menos a parte mais importante dos assumptos propostos.

Lisboa, secretaria da Academia Real das Sciencias, em 12 de dezembro de 1875.

José Maria Latino Coelho
SECRETARIO GERAL INTERINO

LISTA DOS SOCIOS

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

EM 12 DE DEZEMBRO DE 1875

PROTECTOR

Sua Magestade El-Rei O Senhor D. Luiz I.

PRESIDENTE

Sua Magestade El-Rei O Senhor D. Fernando.

VICE-PRESIDENTE

Dr. José Vicente Barbosa du Bocage.

SECRETARIO GERAL INTERINO

José Maria Latino Coelho.

VICE-SECRETARIO

José da Silva Mendes Leal.

SOCIOS HONORARIOS

Sua Magestade O Sr. D. Pedro II, Imperador do Brasil.
Principe Jeronymo Napoleão.
Sua Altesa Imperial e Real Leopoldo, Archiduque d'Austria.

SOCIOS EMERITOS

Duque de Saldanha.
Dr. Bernardino Antonio Gomes.
Dr. Francisco Antonio Barral.
Marquez de Sá da Bandeira.
Visconde de Fontainhas.
Antonio d'Oliveira Marreca.
Dr. Antonio Gil.
José Tavares de Macedo.
D. José Maria d'Almeida e Araujo Corrêa de Lacerda.
Rodrigo José de Lima Felner.

SOCIOS DE MERITO

Alexandre Herculano.
Daniel Augusto da Silva

SOCIOS EFFECTIVOS

CLASSE DE SCIENCIAS MATHEMATICAS PHYSICAS E NATURAES

1.ª SECÇÃO

SCIENCIAS MATHEMATICAS

Fortunato José Barreiros, Vice-Presidente da Classe.
Francisco da Ponte Horta, Thesoureiro da Academia.
José Maria da Ponte Horta.

2.ª SECÇÃO

SCIENCIAS PHYSICAS

Visconde de Villa Maior.
Dr. Thomaz de Carvalho.
João Ignacio Ferreira Lapa.
Antonio Augusto de Aguiar.
Agostinho Vicente Lourenço.

3.ª SECÇÃO

SCIENCIAS HISTORICO-NATURAES

José Vicente Barbosa du Bocage, Presidente da 1.ª Classe.
João de Andrade Corvo.
Barão de Castello de Paiva.
José Maria Latino Coelho, Secretario da Classe.
Carlos Ribeiro.

4.ª SECÇÃO

SCIENCIAS MEDICAS

José Eduardo de Magalhães Coutinho.
Antonio Maria Barbosa.
José Antonio Arantes Pedroso.
Dr. Pedro Francisco da Costa Alvarenga.
Francisco José da Cunha Vianna.

CLASSE DE SCIENCIAS MORAES, POLITICAS E DE BELLAS LETTRAS

1.ª SECÇÃO

LITTERATURA

Antonio José Viale.
José da Silva Mendes Leal.
Innocencio Francisco da Silva.
Manuel Pinheiro Chagas, Secretario da Classe.
Thomaz Antonio Ribeiro Ferreira.
Raymundo Antonio de Bulhão Pato.

2.ª SECÇÃO

SCIENCIAS MORAES E JURISPRUDENCIA

Dr. João Baptista da Silva Ferrão de Carvalho Mártens, Presidente da Classe.
Visconde de Seabra.
Dr. Lucas Fernandes Falcão.

3.ª SECÇÃO

SCIENCIAS ECONOMICO-ADMINISTRATIVAS

Marquez d'Avila e de Bolama.
Antonio de Serpa Pimentel.

4.ª SECÇÃO

HISTORIA E ARCHEOLOGIA

Antonio da Silva Tullio.
Augusto Soromenho.
Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos.
Luiz Guedes Coutinho Garrido.
Ignacio de Vilhena Barbosa.

SOCIOS CORRESPONDENTES NACIONAES

PELA DATA DA ELEIÇÃO

Dr. Antonio Albino da Fonseca Benevides.
Dr. Vicente Ferrer Neto Paiva.
Dr. Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.
José de Freitas Teixeira Spinola de Castello Branco.
Dr. Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto.
Dr. José Pereira Mendes.
Dr. José Ferreira de Macedo Pinto.
Conego Felix Manuel Placido da Silva Negrão.
Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão.
Antonio Ferreira Gyrão.
Dr. José Feliciano de Castilho.
Alberto Antonio de Moraes Carvalho.
Luiz Augusto Palmeirim.
Francisco Gomes d'Amorim.
Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara.
Camillo Castello Branco.
Dr. Mathias de Carvalho e Vasconcellos.

José Maria da Silva Leal.
Dr. José Antonio Marques.
Joaquim Maria da Silva.
José Gomes Monteiro.
João de Lemos Seixas Castello Branco.
Ernesto Biester.
D. Antonio do Santissimo Sacramento d'Almeida.
Eduardo Augusto Allen.
Manuel Pinheiro d'Almeida e Azevedo.
Visconde de Figaniere.
José Ramos Coelho.
Bernardino Barros Gomes.
Rodrigo de Moraes Soares.
Silvestre Bernardo Lima.
Francisco da Fonseca Benevides.
José Gomes Goes.
João Pedro da Costa Basto.
Felix de Brito Capello.
Dr. Carlos May Figueira.
Jayme Constantino de Freitas Moniz.
Antonio Augusto da Costa Simões.
Miguel Martins d'Antas.
D. Luiz da Camara Leme.
José Thomaz de Sousa Martins.
D. José d'Alarcão.
José Augusto Cesar das Neves Cabral.
José Joaquim da Silva Pereira Caldas.
José Silvestre Ribeiro.
Antonio José Pereira Serzedello Junior.
Dr. Francisco Martins Pulido.
D. Santiago Garcia de Mendoza.
Claudio de Chaby.
José Joaquim da Silva Amado.
Adriano Augusto de Pina Vidal.
Eduardo Augusto Vidal.
José Maria Couceiro da Costa.
Antonio Filippe Marx de Sori.
José Julio Rodrigues.
Visconde das Nogueiras.
Visconde de Castilho.

João Carlos de Brito Capello.
Frederico Augusto Oom.
Henrique Barros Gomes.
Eduardo Augusto Motta.
D. Antonio da Costa de Sousa de Macedo.
Jorge Cesar de Figaniere.
Julio Marques de Vilhena.
Candido de Figueiredo.
Bernardino Pinheiro.
Tito Augusto Duarte de Noronha.
Luiz Porfirio da Motta Pegado.
Carlos Augusto Moraes d'Almeida.
Joaquim Filippe Nery Delgado.
Dr. Diogo Pereira Forjaz de Sampaio Pimentel.

SOCIOS CORRESPONDENTES ESTRANGEIROS

PELA DATA DA ELEIÇÃO

Barão de Morogues. *Orleans.*
Carlos Purton Cooper. *Londres.*
Dr. Isidoro Jacinto Maire. *Brest.*
Visconde de Porto Seguro. *Vienna.*
A. Moreau de Jonnès. *Paris.*
Sergio Ouvaroff. *S. Petersburgo.*
José Martins da Cruz Jobin. *Rio de Janeiro.*
D. Pascoal de Gayangos. *Madrid.*
João Baptista de Rossi. *Roma.*
Padre João Van Heck. *Bruxellas.*
A. de la Roquette. *Paris.*
Carlos Maria Philipe de Kerhallet. *Paris.*
Fernando Denis. *Paris.*
D. Romão Pellico. *Madrid.*
D. Cypriano Segundo Montesino. *Madrid.*
Carlos Philipps. *Paris.*
Carlos Sainte-Claire Deville. *Paris.*
Barão Selys de Longchamps. *Bruxellas.*
D. Carlos Maria de Castro. *Madrid.*
Dr. J. Crocq. *Bruxellas.*
A. Thiers. *Paris.*

Victor Hugo. *Paris.*
Horacio Say. *Paris.*
Mauricio Block. *Paris.*
G. Léonce de Lavergne. *Paris.*
D. José Maria d'Alava. *Sevilha.*
Henrique Drouet. *Paris.*
Eduardo de Laboulaye. *Paris.*
Dr. Luiz René Lecanu. *Paris.*
Emilio Blanchard. *Paris.*
D. Mariano de la Paz y Graells. *Madrid.*
Padre Julio Corblet. *Amiens.*
Garcin de Tassy. *Paris.*
Dr. Luiz Palmieri. *Napoles.*
Padre Francisco Zantedeschi. *Padua.*
G. P. Deshayes. *Paris.*
D. Basilio Sebastião Castellanos de Losada. *Madrid.*
D. Joaquim Maria Bover de Rosselló. *Madrid.*
Dr. Luiz Antonio Vieira da Silva. *Maranhão.*
Dr. Victor Molinier. *Tolosa.*
Dr. Jorge Schaeffer. *Hohenzollern.*
Thomaz V. Wollaston. *Londres.*
Rev. Ricardo Thomaz Lowe. *Londres.*
Sabino Berthelot. *Teneriffe.*
Arthur Morelet. *Dijon.*
Dr. W. Ph. Schimper. *Strasburgo.*
Dr. Pucheran. *Paris.*
Julio Verreaux. *Paris.*
Barão de S. Angelo. *Lisboa.*
Juvenal Vegezzi Ruscalla. *Turim.*
Adolpho Legoyt. *Paris.*
Carlos Vogel. *Paris.*
Dr. Henrique Van Holsbeck. *Bruxellas.*
Dr. José Emilio Cornay. *Rochefort.*
O. des Murs. *Paris.*
J.-B. Gassies. *Paris.*
C.-L. Kiéner. *Paris.*
Augusto Cahours. *Paris.*
D. Laureano Perez Arcas. *Madrid.*
Dr. Emilio Hübner. *Berlim.*
Carlos Asselineau. *Paris.*

Cons. João Manuel Pereira da Silva. *Rio de Janeiro.*
Miguel Chevalier. *Paris.*
R. Henry Major. *Londres.*
J. Guérin de Méneville. *Paris.*
D. Romão Barros y Sibelo. *Orense.*
Quintino Sella. *Turim.*
A. Jal. *Paris.*
Dr. Constantino James. *Paris.*
Hermano von Schlaginweit. *Munich.*
Roberto von Schlaginweit. *Munich.*
Dr. Guilherme C. H. Peters. *Berlim.*
Conde Francisco Miniscalchi Erizzo. *Veneza.*
Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro. *Rio de Janeiro.*
Alexandre Henne. *Bruxellas.*
Henrique Dupont. *Bruxellas.*
Emilio von Schlaginweit. *Munich.*
Dr. Luiz Rosselini. *Modena.*
Dr. Ernesto Ferreira França. *Rio de Janeiro.*
Dr. Jaccoud. *Paris.*
Gustavo de Veer. *Dantzig.*
H. Bourdiol. *Paris.*
Christovão Negri. *Italia.*
Dr. G. Eliot. *Estados Unidos.*
Dr. F. Steindachner. *Vienna.*
Frederico Diez. *Bonn.*
N. Rondot. *Paris.*
A. Milne Edwards. *Paris.*
D. Antonio de Trueba. *Hespanha.*
D. Romão Campoamor. *Hespanha.*
Augusto Theodoro de Grimm. *Allemanha.*
D. José Zorrilla. *Madrid.*
Barão de Japurá. *Lisboa.*
Mons. Joaquim Pinto de Campos. *Rio de Janeiro.*
Luiz Cremona. *Milão.*
Frederico Le Play. *Paris.*
Leão Donnat. *Paris.*
Marquez Anatole de Caligny. *Paris.*
J. Leão Le Fort. *Paris.*
Carlos Faider. *Bruxellas.*
Dr. Alberto Erlenmeyer. *Coblentz.*

J.-P. Van Beneden. *Louvain.*
Marquez Leopoldo de Folin. *Bordeos.*
C.-Luiz Livet. *Paris.*
Emilio de Laveleye. *Liége.*
Theodoro Mommsen. *Berlim.*
Conde de Montblanc. *Paris.*
Dr. Luciano Papillaud. *Paris.*
Dr. F. Palasciano. *Napoles.*
Max Müller. *Oxford.*
Barão Gaudencio Claretta. *Turim.*
Cons. Tito Franco de Almeida. *Rio de Janeiro.*
D. Nicolau Diaz de Benjumea. *Barcelona.*
D. Manuel Rodrigues de Berlanga. *Malaga.*
Carlos Lucas. *Paris.*
João Vicente Torres Homem. *Rio de Janeiro.*
Dr. Ataliba de Gommensoro. *Rio de Janeiro.*
D. Fermin Caballero. *Madrid.*
D. Antonio Romero Ortiz. *Madrid.*
Lord Stanley. *Londres.*
Ladislau Netto. *Rio de Janeiro.*
Léon Renier. *Paris.*
D. Mariano Roca de Togores, Marquez de Molins. *Madrid.*
Dr. José Pereira Rego. *Rio de Janeiro.*
Mr. Davreux. *Liége.*
Barão da Ponte Ribeiro. *Rio de Janeiro.*
Dr. Antonio Henriques Leal. *Lisboa.*
Dr. Antonio Januario de Faria. *Bahia.*
Ernesto Renan. *Paris.*
Visconde de Rio Branco. *Rio de Janeiro.*
Lord Talbot de Malahide. *Dublin.*
Thomaz Henry Huxley. *Londres.*
Joseph Decaisne. *Paris.*
D. Lino Peñuelas y Fornesa. *Madrid.*

ASSOCIADOS PROVINCIAES

Visconde d'Azevedo. *Porto.*
Carlos Leme Guedes Vieira Sequeira de Macedo. *Porto.*
Luiz Xavier de Sá Valente da Gama Castello Branco. *Leiria.*

Manuel da Cruz Pereira Coutinho. *Coimbra.*
João de Sá e Sousa Chichorro Mexia Caiola. *Coimbra.*
Visconde de Borges de Castro. *Florença.*
Dr. Francisco da Fonseca Correa Torres. *Coimbra.*
Fortunato da Costa de Vasconcellos Coutinho Cabral. *Soure.*
José Cardoso Salema Moniz Evangelho. *Evora.*
José Lourenço Tavares da Paixão e Sousa. *Pereira.*
Manuel Moniz de Gouvea Aranha. *Ega.*
Marquez de Ficalho. *Lisboa.*
Antonio Bernardo de Sousa. *Evora.*
Antonio Caetano da Costa Inglez. *Faro.*
Antonio Eloy da Cunha Rivara. *Arraiolos.*
Ayres de Sá Chichorro Mexia Caiola. *Torres Novas.*
Caetano de Seixas Vasconcellos. *Lisboa.*
Francisco de Paula Risques. *Alter do Chão.*
Manuel Antonio Alvares. *Montemór-o-Novo.*
Henrique Manuel Ferreira Botelho. *Villa Real.*
Dr. Domingos Monteiro da Veiga e Silva. *Sabrosa.*
Antonio da Ascenção Telles. *Evora.*
Francisco Lopes Gavicho Tavares de Carvalho. *Tentugal.*
João Maria Moniz. *Ilha da Madeira.*
Visconde de S. Januario. *Lisboa.*
Dr. Pedro de Castello-Branco Manuel. *Lisboa.*
Manuel Bernardes Branco. *Lisboa.*
Francisco Monteiro Guedes de Meirelles e Brito. *Penafiel.*
Conego Antonio José de Sousa Santa Rita. *Thomar.*
Antonio da Costa Ferreira Borges. *S. Thiago de Cabo Verde.*
Antonio Xavier de Sousa Monteiro. *Coimbra.*
Francisco Ignacio de Sequeira. *Benavente.*
Felix Pereira de Magalhães. *Lisboa.*
Miguel Vicente d'Abreu. *Goa.*
José Mendes Norton. *Vianna do Castello.*
Dr. Francisco Frederico Hoppfer. *Cabo Verde.*
Lucio Augusto da Silva. *Macau.*
Accursio Garcia Ramos. *Lisboa.*

RELAÇÃO

DAS

OBRAS PUBLICADAS

PELA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

DEPOIS DA SESSÃO PUBLICA DE 30 DE ABRIL DE 1865

Memorias da Academia, nova serie, Classe de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes, tomo III, parte II; tomo IV parte I e II; tomo V parte I.

Memorias da Academia, nova serie, Classe de Sciencias Moraes, Politicas e de Bellas Lettras, tomo IV, parte I.

Portugaliae Monumenta Historica, tomo I, fasciculo V, VI e index (Leges et Consuetudines).

Idem (Scriptores), tomo I, fasciculo I, II e III.

Idem (Diplomata et Chartae), tomo I, fasciculo I, II, III e IV.

Quadro Elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo, tomos X, XI, XIV e XV.

Corpo Diplomatico Portuguez, tomos II, III e IV.

Collecção de Monumentos Ineditos para a Historia dos Descobrimentos e Conquistas dos Portuguezes, tomo IV, parte II.

Subsidios para a Historia da India Portugueza: 1.º O livro de pesos e medidas por Antonio Nunes. 2.º O Tombo do Estado da India por Simão Botelho. 3.º Lembranças das coisas da India em 1525.

Dissertações Chronologicas e Criticas, tomo IV, parte I e II, (reimpressão).

Noticias Ultramarinas, tomo II, (reimpressão).

Memorias de Litteratura Portugueza, tomo II, (reimpressão).

Elementos de Geometria, por Francisco Villela Barbosa, 8.ª edição.

Compendio de Materia Medica, por Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão; tomo I, (reimpressão).

Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza por Jeronymo Soares Barbosa; 4.ª 5.ª e 6.ª edição.

Tratado de Vinificação, pelo visconde de Villa Maior; parte I e II.

Technologia Rural, por João Ignacio Ferreira Lapa; parte I, II e III.

Idem, 1.ª parte, 2.ª edição.

Curso de Meteorologia, por Adriano Augusto de Pina Vidal.

Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes; tom. I, II, III e IV.

Études Historico-Géographiques, por Alexandre Magno de Castilho.

O Medico á Força, traducção de Molière pelo visconde de Castilho.

Tartufo, idem.

As Sabichonas, idem.

O Avarento, idem.

O Misanthropo, idem.

Précis de Thermométrie, par le docteur Pedro Francisco da Costa Alvarenga.

O Esgôto, a Limpeza e o Abastecimento das aguas em Lisboa, pelo dr. Bernardino Antonio Gomes.

De la Thermosémiologie e Thermacologie, par le docteur Pedro Francisco da Costa Alvarenga.

Relatorio e Specimen do Diccionario da Academia.

Historia dos Estabelecimentos Scientificos, Litterarios e Artisticos de Portugal nos successivos reinados da monarchia, por José Silvestre Ribeiro; tom. I, II, III e IV.

Tratado elementar d'Optica; por Adriano Augusto de Pina Vidal.

Breve Relação da embaixada que o patriarcha D. João Bermudes trouxe do imperador da Ethiopia, vulgarmente chamado *Preste João.*

Chimica agricola, ou estudo analytico dos terrenos, das plantas e dos estrumes, etc., por João Ignacio Ferreira Lapa.

ESTÃO NO PRELO

Memorias da Academia, nova serie, Classe de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes, tomo V, parte II.

Memorias da Academia, nova serie, Classe de Sciencias, Moraes, Politicas e Bellas Lettras, tom. IV, parte II.

Portugaliae Monumenta Historica, Scriptores, volume II, fasciculo I.

Corpo Diplomatico Portuguez, tomos V e VI.

Quadro Elementar das relações politicas e diplomaticas de Portugal com as diversas potencias do mundo, tom. XII e XIII.

Decada 1.ª da India, por Antonio Bocarro (continuação de Diogo do Couto).

Collecção de Documentos ineditos para a Historia da India, tomo I, II e III.

Estudo sobre a vida e escriptos do barão Alexandre de Humboldt, por José Maria Latino Coelho.

Resenha das familias titulares de Portugal, tomo I.

A Economia Rural, por João de Andrade Corvo.

Documentos para a Historia do reino do Congo, pelo visconde de Paiva Manso.

O Doente de scisma, traducção de Moliére pelo visconde de Castilho.

Historia dos Estabelecimentos Scientificos, Litterarios e Artisticos de Portugal nos successivos reinados da monarchia, por José Silvestre Ribeiro, tomo V.

Academia Real das Sciencias de Lisboa em 30 de novembro de 1875.

Antonio da Silva Tullio

ADMINISTRADOR DA TYPOGRAPHIA

RELAÇÃO

DAS

ACADEMIAS, CORPORAÇÕES E ESTABELECIMENTOS

QUE SE CORRESPONDEM

COM

A ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

ALLEMANHA

Academia Cesarea Leopoldina Carolina, Bonn.
» Real Litteraria, Berlim.
» » das Sciencias de Berlim.
Instituto Sueco Gymnastico, Bremen.
Sociedade de Historia Natural de Senckenberg, Francfort.
» dos Investigadores da Natureza, Berlim.
» Botaníca da Provincia de Brandenburgo, Berlim.
» Physica Economica de Koenigsberg.
» Real das Sciencias de Goettingen.
» Regional de Acclimação e Progresso de Nancy.
» das Sciencias Naturaes de Bremen.
» » » de Francfort.

BAVIERA

Academia das Sciencias de Munich.
» de Pharmacia Technica e Sciencias Accessorias, Kaiserslautern.

SAXONIA

Sociedade Astronomica, Leipzig.
» de Geographia de Dresde.
Universidade Real Fredericia, Halle.

AUSTRIA-HUNGRIA

Academia Imperial das Sciencias de Vienna.
» » » de Buda-Pest.
Bibliotheca Imperial de Vienna.
Instituto Geologico de Vienna.
» Hydrographico da Marinha Imperial, Trieste.
Observatorio Imperial e Real de Vienna.
Repartição Communal de Estatistica, Buda-Pest.
Sociedade Geographica de Vienna.
» Imperial e Real de Zoologia e Botanica, Vienna.

BELGICA

Academia de Archeologia, Anvers.
» Real das Sciencias, Lettras e Bellas Artes de Bruxellas.
Observatorio Real de Bruxellas.
Sociedade Livre d'Emulação, Liège
» Paleontologica, Anvers.
» Real das Sciencias, Liège.

BRASIL

Instituto Historico, Geographico e Ethnographico, Rio de Janeiro.

CAIRO

Sociedade Khedivial de Geographia, Cairo.

DINAMARCA

Academia Real das Sciencias e Lettras, Copenhague.
Sociedade Real dos Antiquarios do Norte, Copenhague.

ESTADOS UNIDOS

Academia Americana de Artes e Sciencias de Boston.
» de Artes e Sciencias de Connecticut, New-Haven.
» Nacional das Sciencias de Washington.
» das Sciencias da California.
» » de Chicago.
» » de S. Luiz, Missouri.
» » de Nova Orleans.
» » Naturaes de Minnesota, Minneapolis.
» de Sciencias Naturaes de Philadelphia.
» » Artes e Lettras do Estado de Wisconsin, Madison.
Associação Americana para o adiantamento das Sciencias, Cambridge.
Asylo dos Cegos, Boston.
Bibliotheca Publica de Chicago.
Commissão Geologica de Indiana.
» » de Missouri.
Governo dos Estados Unidos, Washington.
Instituto de Columbia, Washington.
» de Essex, Salem.
» de Franklin, consagrado á Sciencia e ás Artes mechanicas, Philadelphia.
» Indiano para a Educação dos Cegos, Indianopolis.
» livre Wagneriano de Sciencia, Philadelphia.
» dos Surdos-Mudos de Pennsylvania, Philadelphia.
» Smithsoniano, Washington.
Lyceu de Historia Natural, New-York.
Museu Americano de Historia Natural, New-York.
» de Zoologia Comparada em Harvard College, Cambridge.
Observatorio Astronomico em Harvard College, Cambridge.
» de Cincinnatti, Ohio.
» Naval dos Estados Unidos, Washington.
» de Washington.
Repartição do cirurgião em chefe do exercito, Washington.
» dos Trabalhos Geologicos nos territorios dos Estados Unidos.

Sociedade Agricola do Estado de Michigan, Lansing.
» Americana Ethnologica, New-York.
» » do Estado de Wisconsin, Madison.
» de Sciencias Naturaes do Condado de Orleans, New-Port.
» » Philosophica, Philadelphia.
» Historica de Pennsylvania, Philadelphia.
» » de Rhode-Island, Providence.
» de Historia Natural, Boston.
» » » Portland.
» Medica do Districto de Columbia, Washington.
» Zoologica. Philadelphia.

FRANÇA

Academia de Legislação de França, Toulouse.
» Nacional, Agricola, Manufactora e Commercial, Paris.
» das Sciencias, Artes e Bellas Lettras, Dijon.
» » e Lettras de Montpellier.
» » de Toulouse.
Bibliotheca de França, Paris.
Instituto de França, Paris.
» Historico, Paris.
Ministerio da Instrucção Publica e dos Cultos, Paris.
Sociedade Academica de Agricultura, Poitiers.
» Archeologica do Meio Dia da França, Toulouse.
» Asiatica, Paris.
» de Ethnographia, Paris.
» Geographica, Paris.
» Havrense de Estudos Diversos, Havre.
» Internacional dos Estudos Praticos de Economia Social, Paris.
» de Medicina e Cirurgia, Bordeaux.
» de Medicina, Cirurgia e Pharmacia, Toulouse.
» Meteorologica de França, Paris.
» das Sciencias Naturaes de Cherburgo.
» das Sciencias Physicas e Naturaes de Bordeaux.
» Oriental, Paris.

GRAN-BRETANHA E SUAS COLONIAS

Academia Real de Irlanda, Dublin.
Associação Britannica para o adiantamento das Sciencias, Londres.
Commissão Meteorologica, Calcuttá.
» Geologica do Canadá, Montreal.
Instituto dos Engenheiros da Escossia, Glasgow.
» Real Archeologico da Gran-Bretanha e Irlanda, Londres.
» » da Gran-Bretanha, Londres.
Museu Britannico, Londres.
Observatorio de Cambridge.
» Magnetico de Toronto, Canadá.
» de Kew, Londres.
» Real de Greenwich.
» » do Cabo da Boa Esperança, Cape Town.
» » de Edimburgo.
Sociedade dos Antiquarios, Londres.
» Botanica de Edimburgo.
» Geologica, Londres.
» Linneana, Londres.
» Microscopica de Londres.
» Meteorologica de Londres.
» Philosophica e Litteraria de Manchester.
» » de Glasgow.
» Real Astronomica, Londres.
» » de Agricultura, Londres.
» » Asiatica da Gran-Bretanha e Irlanda, Londres.
» » Asiatica, Bombaim.
» » de Edimburgo.
» » Geographica, Londres.
» » de Londres.
» » de Litteratura, Londres.
» » de Victoria, Melbourne (Australia).
Universidade Catholica de Irlanda, Dublin.
» de Oxford.

GRECIA

Universidade Nacional de Athenas.

HESPANHA

Academia Hespanhola, Madrid.
» de Jurisprudencia e Legislação, Madrid.
» Real de Historia, Madrid.
» » Sevilhana de Boas Lettras, Sevilha.
» » das Sciencias Physicas e Naturaes, Madrid.
» das Sciencias Moraes e Politicas, Madrid.
» das Tres Nobres Artes de S. Fernando, Madrid.
Athenêo Scientifico e Litterario, Madrid.
Instituto Medico Valenciano, Valencia.
Ministerio do Fomento, Madrid.
Observatorio Astronomico, Madrid.
» de Marinha de S. Fernando, Cadiz.
Sociedade Hespanhola de Historia Natural, Madrid.
Universidade Central de Madrid.

HOLLANDA E SUAS COLONIAS

Academia Real das Sciencias, Amsterdam.
» das Sciencias de Batavia.
Fundação Teylor, Harlem.
Instituto Real para a Philologia e Ethnographia das Indias neerlandezas, Haya.
Museu Botanico, Leyden.
Observatorio Magnetico e Meteorologico, Batavia.
» de Utrecht.
Sociedade Geologica, Harlem.
» Hollandeza das Sciencias, Harlem.
» Real das Sciencias Naturaes das Indias neerlandezas, Batavia.
» das Sciencias e Artes, Batavia.

ITALIA

Academia de Archeologia, Roma.
» de' Fisiocritici, Siena.
» de' Nuovi Lincei, Roma.
» Real d'Archeologia, Lettras e Bellas Artes, Napoles.
» » da Crusca, Florença.
» » dos Georgophilos, Florença..

Academia Real de Medicina, Turim.
» » das Sciencias, Lettras e Artes de Lucca.
» » » de Turim.
» das Sciencias do Instituto de Bolonha.
» das Sciencias Moraes e Politicas, Napoles.
Academia Virgiliana das Sciencias, Bellas Lettras e Artes de Mantua.
Commissão Real Geologica, Florença.
Instituto Archeologico, Roma.
» Real Promotor das Sciencias Naturaes, Economicas e Technologicas, Napoles.
» Lombardo-Veneziano, Milão.
» Nacional Genovez.
» Real Lombardo das Sciencias, Lettras e Artes, Milão.
» » das Sciencias e Artes, Veneza.
Museu de Genova.
Observatorio Real da Universidade de Turim.
Sociedade Geographica Italiana, Florença.
» Lombarda d'Economia Politica, Milão.
» dos Naturalistas, Modena.
» Toscana de Historia Natural, Pisa.
Universidade Toscana, Pisa.

MEXICO

Sociedade Mexicana de Geographia e Estatistica.

NOVA GRANADA

Sociedade dos Naturalistas Colombianos, Santa Fé de Bogota.

PORTUGAL

Associação Central de Agricultura Portugueza, Lisboa.
Camara Municipal de Lisboa.
Instituto de Coimbra.
Instituto Vasco da Gama, Nova Goa.
Sociedade Agricola do Porto.
Sociedade Pharmaceutica Lusitana.
Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa.
Universidade de Coimbra.

RUSSIA

Academia Imperial das Sciencias de S. Petersburgo.
Corpo dos Engenheiros de Minas, S. Petersburgo.
Observatorio Meteorologico, Dorpat.
» Physico Central, S. Petersburgo.
» de Pulkova.
Sociedade dos Curiosos da Natureza da Nova Russia, Odessa.
» Imperial Geographica, S. Petersburgo.
» » d'Archeologia, S. Petersburgo.
» » d'Agricultura, Moscow.
» » dos Naturalistas, Moscow.
Universidade de Kazan.

SAXE-COBURGO-GOTHA

Bibliotheca de Saxe-Coburgo-Gotha.

SUECIA E NORUEGA

Academia das Sciencias de Stockholmo.
Commissão Geologica da Suecia.
Universidade Real de Christiania.

SUISSA

Sociedade de Physica e Historia Natural, Genebra.

VENEZUELA

Sociedade das Sciencias Physicas e Naturaes, Caracas.

ELOGIO HISTORICO

DO

DOUTOR FILIPPE FOLQUE

LIDO NA SESSÃO PUBLICA

DA

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

EM 12 DE DEZEMBRO DE 1875

POR

JOSÉ MARIA DA PONTE HORTA

SOCIO EFFECTIVO DA PRIMEIRA CLASSE DA MESMA ACADEMIA

Concedestes-me, senhores, a gloriosa preeminencia de vir traçar ante vós e o publico, o edificante quadro de uma vida honrada e benemerita, que o talento, as virtudes civicas, e as qualidades do coração, altos attributos do ser humano, tornaram geralmente querida e venerada. Extinguindo-se ha pouco no seio da patria, intensa luz que se apagou, ao transpôr esse fatal limite que é para muitos olvido, para poucos glorificação, e para todos mysterio, deixou de si memoria illustre, que importa o cubiçado laurel com que a posteridade imparcial galardôa os que bem mereceram da sua época e da civilisação.

Inspirando-vos de elevados intuitos a que o grato sentimento da saudade não é estranho, pertendeis, senhores, com o generoso artificio d'estas solemnidades academicas, que marcam data na vossa chronologia, como fixando as épocas dos parciaes eclipses com que a morte a espaços vos experimenta e assombra, temperar o amargor de vossas perdas irreparaveis, e manter a continuidade historica da vossa civilisadora missão, commemorando os serviços prestados á patria e á sciencia por aquelles de vossos filhos que no turbilhão das coisas vão desapparecendo, actores ephemeros, da agitada scena do mundo.

Celebrando os formosos predicados dos que foram vossa gloria e ornamento, prestaes á historia patria valiosos subsidios, enriqueceis os vossos an-

naes com memorias que podem valer thesouros, imprimis o sello da vossa competencia e auctoridade aos juizos sempre moveis e incertos da opinião; alteaes o nivel intellectual da patria exalçando os meritos dos que se distinguiram ou pela sciencia ou pelos lavores do trabalho civilisador; honraes a vossa estirpe preconisando as obras dos que foram vossos maiores; e da propria cinza dos mortos extraís lição e exemplo, que são a moral dos successos humanos, e o mais poderoso e efficaz dos estimulos sociaes.

Filippe Folque, general de divisão; doutor em mathematica; gran-cruz da ordem de S. Thiago da Espada; commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, de Aviz, e de diversas ordens estrangeiras; par do reino; director geral dos trabalhos geodesicos, hydrographicos, chorographicos e geologicos; organisador e chefe do observatorio astronomico da Ajuda; lente jubilado da Escola Polytechinca de Lisboa; e socio effectivo d'esta Real Academia; foram o nome, a jurisdição, os titulos nobiliarios, e a hierarchia scientifica, do illustre sabio de cujos meritos me coube ousar hoje a commemoração. E, senhores, quem ha ahi, tanto dentro como fóra d'este augusto recinto, que não venha associar-se ardente e espontaneo ao tributo de homenagem com que esta illustre corporação solemnisa hoje os raros predicados do insigne professor, de quem o methodo, a ordem e a clareza, triumphando dos mais enredados assumptos d'essa magnifica sciencia, que abrange o universo physico em suas audaciosas contemplações, gerava a convicção no animo de todos, e mostrava quanto póde o ensino, quando o saber o illumina, e a suprema arte do dizer o torna persuasivo e sympathico.

Uma nobre e extensa familia intellectual, descendente, pelo espirito, do illustre academico, quaes junto dos conselhos da corôa onde a sciencia illustra a auctoridade e dá prestigio ás instituições; quaes dirigindo ou superintendendo os trabalhos mais elevados da arte do engenheiro: uns, discipulos de tão grande mestre, continuando nas escolas superiores do reino, onde hoje professam, a fecundissima lição do seu ensino e exemplo; outros preparando-se para observarem as maravilhas do ceo com os instrumentos que o seu paciente genio apparelhara: estes sondando os baixios, os recifes das costas e portos do reino, ministrando assim á navegação e ao commercio nacional inestimaveis subsidios: aquelles medindo os relevos do solo, estimando-lhe a extensão, natureza e accidentes; e orientando com a infallivel bussola da astronomia os pontos mais importantes do territorio nacional: toda esta grande familia de servidores do estado, tão uteis á patria quanto meritorios, agenciadores do progresso social na presente era, virá impellida pelo reconhecimento e forçada pela convicção, sanccionar com o seu voto e applauso esta commemoração academica, que se muito vale pela magestade que a reveste, mais se recommenda ainda pela justiça que a inspira.

Por uma feliz excepção ás consuetudinarias praticas da lei social, não faltaram ao nosso dignissimo consocio nem as honras e distincções officiaes que ennobrecem, nem os testemunhos de estima publica, que mais valem, quando merecidos, do que as dignidades conferidas pela munificencia do poder.

Não costumam os Estados ser demasiadamente prodigos em favores e honrarias para com os seus filhos mais benemeritos e prestadios, que, quando alteados pela naturesa que os talhou gigantes, raro deixam de se constituir o alvo obrigado dos tiros da inveja, ou o fito permanente dos assaltos da mediocridade, quer seja condecorada ou não com as insignias do mando.

«Se bem servistes a patria, dizia Vieira n'um dos seus raptos de eloquencia tribunicia, onde a critica do philosopho se temperava com o conselho do moralista, e a patria vos foi ingrata, vós fizestes o que devieis, ella o que costuma.»

Porém ou seja por que em Filippe Folque a austera moderação dos seus habitos, e a rara modestia de suas ambições, não disputando o passo a nenhuma competencia, não oppugnavam nenhuma vaidade; ou seja porque a consciencia publica nos povos livres, revelada e fortalecida pela imprensa quotidiana, que é a sua voz e irradiação, fórça os poderes do Estado a seguir-lhe os dictames, e aceitar-lhe as intimações; é certo que nem a alteza dos talentos, nem a capacidade scientifica, nem a nobresa de caracter do illustre varão cuja memoria evocamos do tumulo, foram ignorados, e o que mais é, esquecidos pelos dispensadores officiaes de influencia e auctoridade. E até o proprio throno, na pessoa de uma rainha esclarecida, que se tornou egualmente celebre nos nossos annaes como chefe de Estado, a quem coube presidir á laboriosa infancia do regimem constitucional da patria; e como mãe austera e previdente, que adivinhando pelos signaes do tempo que só por uma educação solida e esmerada dos soberanos, se poderá acautelar no futuro o esplendor da realeza e o prestigio das instituições monarchicas, se não esqueceu, como de inspiração, de assellar os creditos e confirmar a fama do illustre academico que hoje dorme o somno eterno, conferindo-lhe o alto e melindroso cargo de preceptor dos principes que deviam algum dia occupar o solio nacional. Se o throno acertou na escolha, e se o semeador de sciencia e de virtude encontrou na regia estirpe terreno apropriado ao seu grangeio, nenhum de vós o ignora. E a historia, que é lição e é sentença, ao volver a sua pagina actual, fará, ensinando, justiça aos soberanos portuguezes que houverem merecido o louvor da opinião pelo seu caracter, fidelidade ás instituições populares, e influencia civilisadora nos destinos nacionaes.

Não se pense todavia, senhores, que a carreira do illustre sabio que ora vamos rememorando, corresse sempre isempta e desaffrontada d'essas contrariedades e objecções sociaes, que são na ordem moral como os attritos no

mundo physico, estimulos que avigoram as energias, contrastes que apuram as qualidades.

Imaginae, senhores, o sabio compenetrado profundamente da utilidade social da sua ideia, ardendo no vehemente desejo de a transformar em monumento publico, sollicitando, impetrando, quasi que mendigando a efficaz cooperação dos poderes do Estado, para o proseguimento de uma obra em que o proprio Estado era o primeiro a interessar; consummindo longas vigilias, e immenso cabedal de intelligencia e tempo na feitura de interessantissimas memorias sobre o seu dilecto assumpto, que por mal não passavam de clamores sem echo ante a indifferença dos homens, e a oppugnadora tyrannia dos successos da época. Era por esses tempos, senhores, em que o nosso paiz, como que acordando sobresaltado do longo torpor em que jazera á sombra de um regimen systematicamente despotico, e votando-se com frenesi á retardada obra de sua regeneração politica, mal ousava prestar o minimo disvelo ao que não importasse directa ou indirectamente uma conquista civil, ou uma immunidade constitucional. O erario, sobre exhausto, estava alcançado; a receita publica era precaria e deficiente: os missionarios das economias a clamarem unisonos contra tudo que se lhes affigurava desperdicio: o trabalho que semeia para se desatar depois em fructos copiosos e abençoados, sem o menor liame ou continuidade entre o presente e o futuro: o paiz desherdado de estradas: as escolas ermas de engenhos aptos para uma nova ordem de investigações: a nação presentida contra todo o pruído de novidade, que reclamando qualquer apparato scientifico, logo era capitulado pelos augures da politica ou da fazenda, de artimanha estrangeira ou de trama fiscal: e o sabio, obrigado pelos impulsos do seu dever e apenas conduzido pela prophetica luz da sua estrella, a discorrer por um paiz assim adverso, senão hostil; a affrontar incommodidades e até perigos; a albergar solitario na choupana abandonada: a pairar como a aguia pelos pincaros dos rochedos, para d'ahi desferir altiva e penetrante os seus arrojodos vôos até ás extremidades do paiz, visto que toda a área da patria devia ficar encerrada na cadeia de ouro da mensuração geodesica: e a cada trecho, senhores, o trabalho interrupto ou pelas fluctuações da politica ou pelas crises da fazenda: e sempre os reparos dos censores, em regra mais inspirados de paixão que de saber. Os tempos não corriam de feição para aventuras e emprehendimentos scientificos.

Porém no meio do conflicto de tantas e tão pertinazes contrariedades nunca esmoreceu o animo, nem falleceu a coragem do nosso dignissimo consocio, a quem o fogo interior dava alento e perseverança para ir contrastando com obstinada insistencia essa força de inercia dos homens e da fatalidade das circumstancias, que teriam feito desanimar o mais intrepido missionario, se não o aviventasse a fé na sua idéa, e a esperança, que é uma prophecia, da sua realisação.

Taes correram para os fastos da geodesia portugueza os annos que medeiam entre a memoravel época da restauração liberal no paiz, e o advento ás regiões do poder de uma generosa politica de conciliação e de progresso.

E vós, senhores, a quem as sciencias são familiares, e que ides accrescentando os seus annaes com os thesouros do vosso saber, não podeis ignorar quanto importa de sciencia, de espirito de ordem, de engenho pratico, e de probidade scientifica, a feitura consciencioso da geodesia de um reino. Procurar a fórma, a natureza, a posição, e as dimensões de uma fracção da superficie accidentada do nosso planeta; medir-lhe o relevo, sondar-lhe as depressões, e calcular-lhe a extensão em todos os sentidos e rumos; proceder a rigorosas medições na terra, e a delicadissimas observações no ceo com instrumentos de subido lavor e preço, de que se deve conhecer a fundo a theoria e a pratica, o criterio e o uso; purificar, ao fogo da analyse mathematica, dos inevitaveis erros que os maculam, esses innumeros dados que uma paciente observação vae adquirindo e accumulando para d'elles se extrair depois, em compendiosa synthese, a figura geometrica do planeta, que é o fim theorico da alta geodesia; e bem assim a photographia exacta e fiel de cada paiz em quadros que sob o nome de cartas servem a um tempo ao engenheiro, ao navegante, ao militar, ao estatistico, ao economista, e ao homem de Estado, constitue, senhores, como sabeis, o caracter scientifico da laboração geodesica, e o inestimavel valor social dos seus resultados praticos.

Veremos que o nosso consocio foi a alma e a inspiração d'estes estudos em Portugal, e que n'esse esforço empenhou o sabio astronomo tudo quanto a sua natureza tinha de energia, o seu espirito de invenção, e a sua sciencia de thesouros.

Obreiro incansavel, e jámais desalentado ou sombrio pelo tardo progredir do seu lavor, as séstas empregava-as o sabio em affeiçoar novos instrumentos que deviam imprimir ou mais perfeição ou maior celeridade á sua tarefa. E tão sincero era o seu ardor pelo trabalho, tão communicativa a sua fé scientifica, e tão eloquente o seu apostolado, que era gloria ver os seus discipulos trabalharem com o mestre no mesmo empenho e com a mesma devoção.

O descanso com que o sabio se retemperava nas suas horas de lazer não passava de uma mudança de occupação, e até nos seus momentos derradeiros era realmente edificante ver o honrado septuagenario, já sem esperanças de vida, não descurar sequer os minimos deveres sociaes, como se o vago crepusculo do passamento em nada fizesse esmorecer o radiante clarão da consciencia, a cujos impulsos sempre obedecera.

Quando se attenta, senhores, no sublime espectaculo de uma grande individualidade extinguindo-se serena na morte com a tranquilla segurança de um futuro desconhecido, porém certo; quando se contempla o assiduo obreiro

ao descair da tarde coordenar com segura mão os seus trabalhos da vespera para a tarefa do dia seguinte, como se a morte fosse apenas uma interrupção, um desvio de continuidade, e não o termo ou o limite de uma carreira que vae tocar a méta; quando se vê a inspirada serenidade com que o homem de bem transpõe sem sobresalto nem inquietação esse abysmo que separa o instante da eternidade, respondendo a lagrimas com sorrisos, a duvidas com promessas, a desenganos com esperanças, custa realmente a crer, senhores, como pertende uma certa philosophia, por ventura mais brilhante do que convincente, que a morte seja a anniquilação total do individuo nas surdas laborações da materia. Seja embora materialista quem possa ou queira sel-o, que a nós repugna-nos ante a solemne magestade de um tumulo glorioso esposar o credo de tão desoladora doutrina, que sobrepõe á morte physica a morte do ideal humano, em quanto se nos não provar á evidencia que não existe no mundo um unico segredo para a razão, que não ha um criterio para a moral, um polo para a consciencia, uma esperança para o sentimento.

Como Tindall, posto que maculado de materialismo pelos intransigentes do dogma, diremos que a despeito dos deslumbrantes clarões da sciencia moderna «*The mysteries, thougth pushed back, remains unaltered.*»

Era por indole bondoso e ingenuo o nosso consocio, e d'isso dão testemunho os que tiveram a felicidade de o frequentar. No seu tracto intimo todos eram recebidos com uma simplicidade de coração, e um desaffectado de maneiras que tornavam inapreciavel a sua convivencia, desejadas e queridas as suas relações.

Como chefe de diversos serviços publicos a que presidia, antepunha sempre o homem ao superior no frequente exercicio das mutuas obrigações, e a sua discreta e intelligente bondade para com os subordinados conduzia naturalmente á disciplina, que é uma necessidade social, mais por sympathia ou respeito pelo talento, do que por stricta obediencia á hierarchia.

Era Filippe Folque em extremo sensivel aos encantos da amisade, e usava presar-se com desvanecimento de jámais haver perdido para as tradições do seu coração, nos encontrados lances da vida, um unico amigo de infancia. É que no homem de bem, senhores, todas as probidades são consoantes e solidarias, e aquellas que derivam do sentimento, nem são estranhas nem inferiores ás que se fundam no caracter.

No lar domestico, a sua familiaridade confundia-se com a ternura, e a sua vida intima tinha o encanto e as virtudes das edades primitivas. Todos os que o conheciam o estimavam, e no glorioso nimbo da memoria de Filippe Folque não se encontra a macula de uma só inimisade que o offusque.

Fazendo parte, por duas vezes, do sequito que acompanhou el-rei o senhor D. Pedro v, de saudosa memoria, e seu augusto irmão o senhor D. Luiz i, nas

suas viagens de instrucção pela Europa, pôde o nosso consocio visitar os grandes estabelecimentos de astronomia de maior nomeada, verdadeiras cathedraes d'onde se comtemplam as maravilhas do ceo, e se entoam com os psalmos da sciencia hymnos de admiração ao Creador, e ahi travar relações scientificas, como entre sacerdotes do mesmo culto, com os doutores e prelados d'essas egrejas, onde a sciencia celeste é cultivada com inexcedivel luzimento e devoção.

Os Leverriers, Fayes, Secchis, Enckes, Struves, Aguilares, ficaram conhecendo e apreciando no seu justo valor a alta capacidade scientifica e os thesouro de saber, que sem alardo nem affectação possuia o nosso distincto consocio. E tal era, senhores, a sympathica seducção que o seu natural bondoso exercia sobre todos que o tractavam, e tão rara e privilegiada era tambem a indole do joven monarcha que precedeu no throno o actual chefe do Estado, que entre o honrado e leal mestre, e o augusto e illustrado discipulo se mantiveram sempre relações de tão intima convivencia e cordeal affecto, que deixam a historia perplexa em decidir se mais valia o mestre pelas attracções do seu espirito se o discipulo pelas excellencias do seu coração. O que se sabe, senhores, é que as duas aureolas se confundiram, e que ambas lançam vivos resplendores lá das alturas d'onde illuminam as nossas recordações e saudades.

Possue a familia do nosso consocio como reliquias mui dignas de serem conservadas, por significarem, por ventura, mais do que orgulhosos pergaminhos, que nem sempre dizem luzimento ou honra, algumas cartas do illustrado monarcha ao seu preceptor e amigo, onde o rei patenteava que sob os esplendores da purpura, que para elle era mais encargo do que desvanecimento, póde bater um coração que faça esquecer os prestigios do monarcha pelas virtudes do homem, e a soberania do *acaso* pela mais legitima e invejavel da superioridade moral.

E quão longe vão estes tempos, senhores, d'aquelles em que o gran-duque de Toscana conferindo a Galileo, o immortal auctor dos *Dialogos*, e o celebre inventor do maravilhoso instrumento que poz o homem em relação com o infinito dos espaços onde resplende a luz, e lhe deu com a chave das maravilhas do ceo, o mais alto senso da immensidade da natureza, o titulo de primeiro mathematico e philosopho da côrte, citava como fundamento da mercê, a vassallagem e a servidão de que a philosophia havia sempre dado testemunho nos seus escriptos e systemas! Aproximemos pela moral social estes dois factos da historia moderna, e teremos a medida dos gloriosos triumphos que a dignidade humana e a fidalguia da razão teem ido conquistando a passos lentos, porém seguros, n'estes dois trabalhados seculos de indefessa lucta e apertado assedio contra as obstinadas resistencias do privilegio, e as tradicionaes iniquidades do obscurantismo.

Era em politica Filippe Folque liberal por convicção; porém era primeiro que tudo homem de *ordem*, no sentido conservador que o vocabulario politico tem assignado a esta palavra.

Crendo na continuidade logica dos successos humanos, e na lei providencial da evolução historica, entendia o nosso consocio que as conquistas da verdade, assim na ordem social como na scientifica, só se podem lograr por estadios successivos, e que pretender violentar os acontecimentos pelo jogo de forças cegas ou irreflectidas, é preparar quédas inevitaveis, e quantas vezes tragicas! sob color de triumphos, enganosos. É esta uma escola politica que não temos por incompativel com o verdadeiro patriotismo, quando se não vão contrariar ácinte e ardilosamente, ou por interesse ou por egoismo, os salutares dogmas do progresso e as mais justas exigencias da opinião em cada *momento* da historia. Era sincero o credo do nosso consocio, e se elle sacrificava á musa da ordem no altar da patria, não era por calculos interesseiros, se não por séria e reflectida convicção.

Habituado á temperatura média das investigações scientificas, a sua natureza mal comportava os ardentes fogos das luctas politicas, que usam arrastar na sua voragem homens e instituições. Eleito duas vezes pelo suffragio popular membro da camara electiva, mostrou sempre o general Folque, nas raras vezes em que o dever o chamou á tribuna, que embora n'elle fossem apreciaveis os dotes de expositor lucido e convincente, não era a sua eloquencia aquella que persuade e arrasta as assembléas politicas. É porque no seu verbo havia mais razão do que movimento, e a sua eloquencia, que era nativa e elevada, aquecia-se ao lar das eternas verdades e não ao fogo das paixões mundanas e transitorias.

Convidado por duas vezes para presidir á assembléa popular, de que era membro e ornamento, declinou sempre essa honra, como tambem a de fazer parte do gabinete, dito regenerador, a cuja politica todavia concedeu sempre um voto nobre e esclarecido. E a resistencia da sua parte era sincera e não de calculo; porque uma alma, que por largo tempo se tem nutrido do amor puro e sereno das verdades scientificas, difficilmente se póde habituar a esse jogo de insidias e enredos, que muitas vezes se exorna com o pomposo rotulo de sagacidade politica; e menos ainda a esse embate incessante das injustiças dos detractores, mal contrastadas pelas lisongerias dos parciaes, com que o genio do mal, o odio das facções, a effervescencia das vaidades, e a audacia dos ambiciosos vão minando a existencia e entibiando o zelo dos que por menos habeis ou mais escrupulosos tem de succumbir na formidavel lucta. Quanto de vontade, de saber, de moderação, de perspicacia, de longanimidade, de bom senso, de virtude, de previsão, e de coragem civica, é mister despender na governação dos Estados livres, para os conduzir sem abalo nem perturbações

a destinos superiores, que honrem a civilisação e ennobreçam a nossa especie, só o sabe, senhores, quem o tenha experimentado, e que o julgue quem o não possa experimentar.

Pertencia o dr. Filippe Folque a uma certa ordem de espiritos, cujos attributos principaes são o methodo, a lucidez, o rigor. Fôra prodiga a natureza nos dotes intellectuaes que lhe repartira; porém é justo confessar que a disciplina das occupações do sabio, os habitos do seu espirito, e a discreta moderação das suas ambições tiveram grande parte no valor real do monumento scientifico, de que elle nos deixa a traça e mui adiantada a execução. Se o talento do dr. Filippe Folque não foi inventivo, foi por ventura mais util no sentido social, por que foi pratico e assimilador.

Familiarisado com as mais elevadas concepções da sciencia astronomica, da qual conhecia a fundo os mysterios e vulgarisava as leis, possuia o insigne professor a difficilima arte de a saber accommodar, despindo-a dos desnecessarios atavios, aos problemas sociaes de utilidade immediata. Trasladar dos dominios da razão especulativa para uma das espheras do mundo experimental, a sciencia em que era mestre, constituiu a individualidade caracteristica do seu talento, o merito real dos seus serviços, e o justo direito á celebridade que conquistou. A sua obra principal, aquella que a par da gratidão dos nacionaes lhe confere indisputaveis titulos á qualificação de sabio, foi a triangulação geodesica do paiz, a cujos arduos trabalhos o geometra consagrou a maior parte da sua existencia. As altas faculdades do seu peregrino engenho e as virtudes creadoras do seu espirito eminentemente systematico, ahi se acham como que esculpidas em relevo n'esse monumento nacional, que bem vale, para a justiça da historia, a mais solida e esvelta columna que se podesse erguer em sua honra.

Nascera Filippe Folque no primeiro anno d'este seculo na cidade de Portalegre, que com justos titulos se gloria de haver dado á patria mais de um varão illustre. Foram seus paes Pedro Folque, e D. Maria Michaela de Sousa, a quem a sorte propiciou com uma generosa descendencia, que por diversos titulos e meritos se tornou recommendavel. Seu pae Pedro Folque, hespanhol de origem, vindo domiciliar-se em Portugal para subtrair-se ao estado ecclesiastico a que o votavam, cursou as academias da sua patria adoptiva com singular distincção; e havendo seguido a carreira de marinha, onde ficou memorado pelos calculos de longitude que primeiro iniciou a bordo dos navios de guerra portuguezes, passou a servir em terra como engenheiro, na qualidade de ajudante do dr. Ciera, quando este sabio foi incumbido pelos fins do seculo passado, de dar principio á triangulação geodesica do paiz. Havendo seguido com diversos accidentes e fortuna, a que a politica não foi sempre estranha, a sua carreira de engenheiro, falleceu em paz, ou antes extinguiu-se no seio da sua

familia que o venerava, *Domestica numen*, em 1848, commandando o corpo de engenharia militar portugueza, e tendo vivido a longa e privilegiada edade dos patriarchas.

Filippe Folque, segundo da descendencia nos registros da familia, apparelhara-se logo ao despontar da razão para as sciencias superiores, com o estudo das humanidades, nas aulas dos Congregadôs nas Necessidades, aprendendo logica, em que muito se distinguiu, e de cujos preceitos jamais deslisou, com o celebre prégador e professor frei José de Almeida Dracke. Cursou depois os estudos superiores na real academia de marinha, indo em seguida completar a sua educação scientifica na universidade de Coimbra, onde lhe foi facil conquistar o grau de doutor em mathematica, depois de haver corrido aposta com os mais estudiosos e apreciados da faculdade, e de haver sempre saido triumphante d'esses gloriosos e inoffensivos torneios. Alistando-se logo nos primeiros annos da sua adolescencia na armada real, onde serviu por algum tempo, não tardou em reconhecer, consciente dos seus estudos, que era para o magisterio e para as altas applicações das sciencias physico-mathematicas que o chamavam a sua vocação e genio. Professou por algum tempo as mathematicas na universidade de Coimbra com geral applauso de mestres e discipulos, e tendo sido demittido d'esse cargo na época da usurpação, pelos seus sentimentos pronunciadamente liberaes, aguardou o nosso consocio melhores tempos, occorrendo com spartana moderação ás necessidades de sua familia, com os parcos recursos que a sua industria de professor particular lhe ministrava.

Com o alvorecer do glorioso dia da restauração liberal da patria, foi logo nomeado, como de justiça era, o dr. Filippe Folque professor de mathematica na real academia de marinha; e tendo em 1836 professado com grande proficiencia e notoriedade um curso especial de geodesia com destino aos officiaes encarregados do levantamento da carta geodesica do reino, foi em 1837 despachado professor de astronomia e geodesia na Escola Polythechnica de Lisboa, que então acabava de ser creada por iniciativa de um grande ministro e cidadão, a quem a patria e a humanidade devem relevantissimos serviços, o heroico mutilado das guerras da liberdade, o marquez de Sá da Bandeira, que o nosso gremio conta entre as suas mais distinctas illustrações.

Ás prendas da sciencia que exornavam o espirito do dr. Filippe Folque, não esqueçamos de juntar a da musica, de que elle era insigne e primoroso cultor, podendo dizer-se do geometra portuguez, como se dizia do grande Herschel, que o estudo da musica o houvera conduzido por um natural pendor ao estudo das harmonias do ceo.

Casara Filippe Folque em 1831 com a sra. D. Maria Luiza Possolo, de quem houve dois filhos, o sr. Pedro Folque, do nome de seu avô, e a sra. condessa de Nova Gôa, em quem se acham temperadas pela graça feminina as qua-

lidades de caracter e os dotes da intelligencia que tanto distinguiram seu pae, cabendo a esta senhora a lugubre e piedosa missão de receber no peito os ultimos alentos paternos, e de abraçar com a pungente magua da desesperança aquelle que já não sentia quem o abraçava.

Foi por fins do seculo XVII, e por iniciativa da França, que então era o grande lar das sciencias da Europa, que se deu começo aos trabalhos destinados a revelarem a figura e a medirem a grandeza do exiguo planeta que por ordem da Providencia nos serve de morada e encerro, e que conjunctamente com os outros do systema solar, pequena ilha perdida no oceano dos mundos, na imaginosa expressão do poeta do Kosmos, formam cortejo ao astro do dia.

Se a redondesa da terra era um facto presentido e até annunciado desde remota antiguidade; se alguns espiritos eminentes da famosa escola do Macedonio, haviam tentado surprehender-lhe a fórma e as dimensões por processos mais ou menos engenhosos; é certo ser a determinação rigorosa e scientifica da verdadeira grandeza e figura da terra obra exclusiva dos tempos modernos.

E o problema era bem digno de estimular os talentos e provar os brios dos devotos da sciencia; porque a elle se prendem e d'elle derivam os registros de nascimento e a historia authentica do nosso mundo, que por mui vivamente nos interessar não deixa de ser um dos mais humildes e imperceptiveis de que se compõe a assombrosa economia do universo. É por isso, senhores, que tão mimoso problema, sobre importar uma these de alta geographia mathematica, é tambem uma questão geonostica de subido valor. Os trabalhos geodesicos quando combinados com as medições do pendulo, precioso instrumento que reune em si as qualidades de relogio, de sonda, e de compasso, evidenciam a ellipticidade do globo; e esta, admittido o movimento de rotação do planeta, que já hoje felizmente não é uma hypothese capitulada de temeraria ou de heretica, senão um facto bem assente e demonstrado, accusa a sua fluidez primitiva.

A terra, a despeito das theogonias mais ou menos poeticas com que a phantasia ou o interesse tem fabulado o alvorocer do nosso mundo, foi um globo inflamado, immenso, inerte, errando silencioso no meio do ether em torno do astro luminoso, de cuja atmosphera se desprendeu, do qual depende pela lei sympathica da attracção, e de quem recebe emfim os mysteriosos effluvios e energias, que sob o nome de luz, calor, magnetismo e electricidade, fazem nascer e desenvolver os germens da vida no grandioso laboratorio do planeta. Maravilhoso encadeamento das coisas que manifesta a suprema sabedoria que presidiu ao vasto plano do mundo!

Ao nascimento da terra seguia-se naturalmente o perquirir a sua historia ao longo das edades; e esta acha-se escripta por periodos millenarios nas paginas geologicas e paleonthologicas da biblia subterranea.

Porém, senhores, a figura mathemathica do nosso planeta tal qual é deduzida ou da medida dos graus terrestres, ou das observações do pendulo, ou das desegualdades lunares, nada tem com as irregularidades topographicas que lhe accidentam a superficie. As cordilheiras de montanhas, e os profundos valles que lhe sulcam a epiderme, e que testemunham a poderosa energia das forças interiores, são apenas inflexões de fórma ante a escala em que é construida a geodesia do globo. A figura real da terra é para a sua figura geometrica, deduzida da theoria, o que é a superficie ondulosa da agua em movimento para a da agua em quietação.

Sendo porém o conhecimento dos accidentes topographicos do solo de superior e immediata valia para as necessidades do homem culto e dos governos; e dependendo a sua averiguação dos mesmos processos que a geodesia emprega, é por isso que os trabalhos geodesicos tem sido emprehendidos modernamente em todos os Estados, a expensas do thesouro publico, e com o assenso unanime dos melhores espiritos.

E de industria nos referimos ás épocas mais recentes da historia, porque por muito tempo foram desconhecidas ou mal secundadas pelas nações da Europa tão uteis investigações que a França iniciara; se fizermos todavia excepção da Grã-Bretanha, que comprehendendo logo no seu alto bom senso todos os beneficios sociaes que semelhantes estudos comportavam, ordenou por fins do seculo XVIII a feitura da sua triangulação geodesica com o intuito de a pôr em concordancia, exemplificando d'ess'arte a sua previdencia, com a obra effectuada do outro lado do canal. Foi então, senhores, que Luiz Pinto de Balsemão, de illustre memoria, ao regressar da côrte de Inglaterra, onde fôra nosso representante, e onde havia respirado com o tracto dos insignes estadistas e republicos d'aquelle grande paiz, e com o estudo das instituições inglezas, as fagueiras brisas do progresso no seu mais lato sentido, e da civilisação no seu mais elevado conceito; subindo aos conselhos da corôa portugueza, aonde o chamaram seus titulos e serviços, não se demorou que não nomeasse o dr. Francisco Antonio Ciera, lente do 3.º anno da academia real de marinha, director e inspector da triangulação geodesica do reino, addindo-lhe como ajudantes para o coadjuvarem em tão arduos trabalhos, Carlos Frederico de Caula, que morreu tenente general commandante de engenheria, e Pedro Filippe Folque, pae do nosso illustre consocio.

Por esta fórma se iniciaram em Portugal os trabalhos geodesicos, de que apenas esboçâmos a historia, sob os auspicios de um eminente homem de Estado e de um sabio de merecida reputação scientifica.

Sobrevieram depois tempos calamitosos para a patria, e no seu decaimento os trabalhos geodesicos, como muitos outros que importavam progresso e civilisação, ficaram abandonados, senão perdidos, no longo periodo de 30 an-

nos, desde 1803 até 1833. Durante tão espaçado eclipse geodesico para Portugal, já Delambre e Méchain em França; Gauss no Hanover; Cassini e Plana no Piemonte; Bessel e Bayer na Prussia oriental; Struve na Finlandia; Schumacher na Dinamarca; tomando-nos o passo, que entre os primeiros affoitaramos ousados, haviam activado e concluido a geodesia dos seus respectivos paizes.

Ao influxo expansivo do novo regimen politico implantado na patria, recomeçaram em Portugal os trabalhos geodesicos que por tanto tempo haviam estado interrompidos, deferindo-se, como de direito, a sua direcção e superintendencia ao antigo ajudante sobrevivente do dr. Ciera, o illustre general Pedro Folque. Porém já por esse tempo o veneravel engenheiro se achava no extremo declinar da vida, e o seu nome, que podia significar gloria e tradição, não dizia progresso, vigor, iniciativa. Descansava porém o ancião para o desempenho da sua tarefa, nos creditos e saber de seu dilecto filho, o dr. Filippe Folque; o qual tomando das mãos já debeis do decrepito general a responsabilidade officiosa, e annos depois, com o seu fallecimento, a responsabilidade official de tão eminente cargo, lograra, imprimindo-lhe o lustre da sua peregrina intelligencia, associar o nome dos Folques a um tão grande emprehendimento nacional.

Senhores:—O testemunho dos factos é eloquente e insuspeito; e nos archivos do Estado ahi se acham patentes, para quem os queira ver e examinar, os fructos ou já sazonados ou em via de amadurecer, da tão remuneradora cultura geodesica, a que o nosso consocio votou a melhor parte da sua vida. O inventario é já longo e variado; e se a morte veiu, impiedosa, cortar o fio de continuidade que deve conduzir tão enredada laboração scientifica, consola-nos saber que o espirito de Filippe Folque, como que adejando ainda por sobre a sua dilecta obra nas normas que prescreveu para a sua racional continuação, não consentirá nem no desvio dos seus primitivos lineamentos, nem nas dilações para a sua definitiva conclusão.

A *Carta Geodesica* do reino, publicada em 1867.—Algumas folhas já gravadas e dadas á estampa da valiosissima *Carta Chorographica* do paiz; verdadeiro e fiel transumpto de todas as circumstancias e accidentes geographicos do territorio nacional.—Os *Planos Hydrographicos* dos principaes portos e barras do reino, com que tanto lucram a sua navegação e commercio interno; e finalmente a *Carta Geographica* das costas de Portugal, que já hoje comprehende no seu desenho toda a linha de costa que se estende desde o rio Minho e Caminha até ao porto de Sines, formam o actual quadro dos preciosos thesouros que o paiz deve á geodesia patria; e que na sua maxima parte são fructo e testemunho do incontrastavel zelo e rara capacidade do insigne academico cuja memoria celebramos. E tão grande foi o saber, o escrupulo e a pro-

bidade scientifica que o sabio empenhou na feitura de obras de tão subido lavor, que ellas merecem completa fé publica, e permanecerão de pé por largo tempo, a despeito das pequenas mas impreteriveis modificações que o progresso das luzes, a perfeição crescente dos instrumentos, e o mais cabal conhecimento da sciencia do engenheiro possam ir legitimando.

E quando mesmo, senhores, o nosso consocio se não houvesse illustrado por feitos praticos de tão raro merecimento, bastavam para o tornar recommendavel, e digno da gloria d'esta commemoração, os numerosos escriptos com que enriqueceu a litteratura scientifica do paiz: avultando entre elles os seus relatorios e dissertações ácerca da historia e evolução da geodesia patria, que mereceram a honra de ser divulgadas nas nossas memorias academicas: as suas magnificas intrucções e regras para a fiscalisação e execução dos trabalhos geodesicos, hydrographicos e chorographicos do reino; onde transluz, a par de muito saber, um grande espirito de ordem e methodo; austeros intuitos de economia de tempo e de trabalho, combinados com um profundo conhecimento do uso e theoria dos instrumentos, que servem ás altas especulações da physica mathematica: o curso de astronomia e geodesia, com destino especial aos alumnos da Escola Polytechnica de Lisboa, e que ainda hoje póde ser consultado com proveito em muitos dos seus capitulos, e designadamente na parte consagrada á geodesia, em que o nosso consocio viu sempre bem e longe: o excellente relatorio, que melhor diriamos primorosa dissertação, escripta na sabia lingua dos Aragos e Laplaces, sobre os trabalhos geodesicos de Portugal, desde a sua origem, e que mui interessantes esclarecimentos historicos e scientificos deveu ministrar á commissão permanente de geodesia internacional congregada no anno de 1868 em Berlim, e a cujo cargo se acha o alto empenho scientifico de deduzir da média de todos os trabalhos geodesicos do globo, a média mais correcta da figura e dimensões do nosso planeta.

A fundação do real observatorio astronomico da Ajuda, modelo de simplicidade e perfeição, fôra bastante para perpetuar o nome de Filippe Folque nos annaes da sciencia e do progresso nacional, se a fama o não houvesse já coroado por outros titulos e recommendações. E por fim, a memoria interessantissima com que o sabio fundamenta com verdadeiros clarões de genio, o seu plano definitivo para a constituição em pessoal, instrumentos, e methodos de trabalho, e que devia ir pôr o natural remate áquelle bello monumento erguido em honra da sciencia pelo esforço da sua industria e saber, não é por ventura, dos escriptos do academico, o menos digno de ser especialmente recommendado. E estas foram, senhores, em mui perfunctoria analyse as prendas de talento, e as obras de utilidade social com que o distincto mathematico portuguez concorreu para accrescentar os thesouros nacionaes e altear o nivel da civilisação patria.

Porém como diz com tanta verdade e melancolia o poeta da *Divina Comedia:*

«Viver ch'é un correre
A la morte»

e o nosso estimavel consocio não corria para ella senão que voava nos ultimos dois annos da sua existencia.

Succumbiu Filippe Folque a uma lesão do coração; e sentindo-se ferido mortalmente n'esse ponto onde elle era tão sensivel, não se quiz retirar da batalha da vida sem lançar, como luz que se dilata para o ultimo lampejo, os derradeiros clarões de sua inexcedivel modestia, e do entranhado affecto pela familia; porque, não cessaremos de o proclamar, senhores, as virtudes e delicadesas do coração do nosso consocio, não eram inferiores ás prominencias do seu espirito; e n'este tributo de respeito que ora lhe consagramos, tem egual parte a admiração pelo talento do sabio, e a estima pelo caracter do cidadão.

Como documento da sua rara modestia, que melhor diriamos humildade christã ou philosophica, a que desdenha deixar na morte legados á vaidade, o sabio ordenou que o seu enterro fosse feito sem a menor pompa e luzimento; e que o seu cadaver, lampada de argilla onde havia fulgurado um grande espirito, fosse conduzido á sua ultima jazida por doze pobres de um asylo da capital.

E como prova augusta e solemne da fortalesa do seu animo, do primor dos seus affectos, e da serenidade da sua consciencia, fez reunir em torno de si toda a sua familia, como para uma paschoa de despedida, n'esse memoravel dia em que o nascimento do Redemptor é celebrado por toda a christandade: e ahi, grande, desanuviado de terrores, e seguro em face do formidavel enigma da morte, pronunciou sentidas palavras de adeus, que a amisade pertendeu ainda illudir com sorrisos; porém a bocca ri mal quando os olhos choram; e as solemnes palavras que traduziam um presentimento real, gravaram-se fundas com lagrimas e soluços no coração de todos. Poucas horas depois de tão pathetico lance fallecia em Portugal um grande cidadão.

Os seus companheiros de trabalho choram n'elle a perda de um chefe illustradissimo, desvelado obreiro, e propugnador incessante dos interesses e da reputação scientifica dos seus subordinados.

A escola polytechnica perdeu n'elle uma de suas glorias.

A geodesia do paiz o seu inspirado missionario e restaurador.

A astronomia portugueza um dos seus mais ardentes cultores.

A familia um dos seus mais solidos esteios.

Esta academia um dos seus mais distinctos ornamentos.

E a patria um dos seus eminentes filhos.

Assim acaba tudo, senhores! Porém se tudo passa para a vida, voz interior nos diz á consciencia, que nada passa para o exemplo, nem para a moral social, nem para as virtudes da historia, nem para os destinos a que aspira a nossa especie.

DEMOSTHENES

A ORAÇÃO DA CORÔA

VERSÃO DO ORIGINAL GREGO

PRECEDIDA DE UM ESTUDO SOBRE A CIVILISAÇÃO DA GRECIA

APRESENTADA

À ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

POR

JOSÉ MARIA LATINO COELHO

SECRETARIO GERAL INTERINO DA MESMA ACADEMIA

INTRODUCÇÃO

I

De todos os monumentos litterarios, que nos legou a musa fecundissima dos gregos, nenhum, depois dos grandes poemas epicos, tem sido mais celebrado que a famosa oração περι του ϛτεφανου, o discurso ácerca da coroa, com que Demosthenes pôz esplendido remate ao engenho e á gloria de todos os oradores que o antecederam, e tornou quasi impossivel que alguem entre os vindouros se lhe avantajasse na genial facundia e na arte especiosa de dizer.

O nome do orador atheniense como que ficou personificando a oratoria.

Se depois d'elle Marco Tullio foi afamado entre os seus contemporaneos e reverenciado até os nossos dias pela sabia disposição dos seus discursos, pela graça inimitavel da sua elocução, pela textura symetrica dos seus periodos, pela sua variada e profunda erudição, pela vehemencia das suas explosões rhetoricas, e pelo fogo das suas paixões no fôro e na tribuna, ainda hoje o demagogo de Athenas, no juizo dos criticos e por assenso universal, é tido pelo que mais soube acercar-se d'aquelle typo ideal e perfeitissimo, que o orador romano nos deixou delineado no seu *De optimo genere oratorum*.

Este mestre consummado da eloquencia entre os latinos, não se cansou de encommendar o orador atheniense á admiração dos seus contemporaneos e á veneração da posteridade, levantando-o acima de todo o encarecimento e elogio, em varios logares das suas obras[1].

[1] «... græcorum oratorum præstantissimi sunt ii, qui fuerunt Athenis; eorum autem princeps facilè Demosthenes: hunc si quis imitetur, eum et Atticè dicturum et optimè.» *De optim. gen. orat.* IV, *in fine*. — «... nam planè quidem perfectum et cui nihil

Quando a musa atheniense, como que já cansada e desfallecida pelos vôos arrojados, a que por seculos se aventurára nas mais altas regiões da inspiração, principiou a ser mais avara de seus fructos originaes, a turba dos logographos, dos scholiastes, dos criticos e dos biographos imprimiu novo relevo ás orações do eloquentissimo tribuno, de cuja voz potente e de cujos rasgos assombrosos durava ainda viva a tradição na *ágora* já deserta, depois das extremas agonias da liberdade.

Quando o povo atheniense deixou de ondear tumultuoso no amplo recinto das assembléas populares, quando a εκκλεσια antiga, que era o throno e o conselho de um povo-rei, mais que o de Roma nos dias florentes da republica, ia ceder em breve o nome, e o poder a outra εκκλεσια mais geral, mais poderosa, mais ideal, — á Egreja de Christo, que trazia no seu seio as sementes fecundas do futuro, os oradores emmudeceram; pullularam, como succede nos dias de corrupção e decadencia politica e litteraria, os commentadores e os rhetoricos.

Para haver Demosthenes era necessario que houvesse em volta d'elle um *povo* magestatico, tendo por essencial obrigação gerir a seu proprio talante os mais graves negocios da Grecia, ainda não escravisada. Para que florecessem os *rhetores*, bastava que existisse um *publico* leviano, a quem sobrasse ainda a amenidade da palavra, já que de todo se lhe embotára o instincto da eloquencia e a paixão da liberdade.

Demosthenes vivo, Demosthenes vehemente, Demosthenes alternativamente banido ou laureado pelos seus concidadãos, Demosthenes orador, Demosthenes *monstro*, Demosthenes το θηρίον, na phrase expressiva do seu mais audaz e mais brilhante contendor [1], Demosthenes fallado, ouvido, acclamado tivera largos annos de sua mão vigorosa e patriotica a incerta balança dos destinos hellenicos, na sua lucta pertinaz e diuturna contra o nascente imperio macedonio. Demosthe-

admodum desit Demosthenem facilè dixeris. Nihil acutè inveniri potuit in eis causis, quas scripsit, nihil ut ita dicam subdolè, nihil versutè, quod ille non viderit; nihil subtiliter dici, nihil pressè, nihil enucleatè, quo fieri possit aliquid limatius; nihil contra grande, nihil incitatum, nihil ornatum vel verborum gravitate, vel sententiarum quo quidquam esset elatius.» Cicer. *De claris oratorib.* IX. — «Recordor longè omnibus unum anteferre Demosthenem, qui vim accommodarit ad eam, quam sentiam, eloquentiam... Hoc nec gravior exstitit quisquam, nec callidior, nec temperatior.» Cicer. *Orat.* VII.

[1] Refere a tradição que o facundo Eschines, vencido pelo seu antagonista e exilado em Rhodes, lia aos seus discipulos a *oração contra Ctesiphonte*, e admiravam-se todos de que depois de recitar um tão formoso modelo de eloquencia os *dikastas* athenienses o tivessem condemnado. E Eschines respondeu: «não vos haverieis de espantar se ti-

nes morto, Demosthenes escripto, Demosthenes correcto[1], mas já desarmado da palavra oral, Demosthenes vencido, que já não suspende as armas de Philippe e de Alexandre, nem prolonga por alguns annos mais o occaso das glorias athenienses e o naufragio da patria commum, é agora o modelo e o espelho a que se compõem os oradores lettrados, os artistas da palavra, os que fazem da arte de commover, deleitar e persuadir um quasi officio mechanico, que tem regras para dictar a convicção e preceitos para arrasar de lagrimas os olhos do auditorio.

Os criticos mais do que os imitadores diffundiram largamente a fama do orador atheniense. Os juizos de Hermogenes e de Longino, tornaram patentes aos que menos haviam frequentado e meditado a eloquencia demosthenica, as formosuras e perfeições que lhe serviam de recamo e ornamento.

O melhor e mais bem medrado alumno do orador hellenico, foi sem duvida Cicero, o qual, com ser tão eloquente, como o certificam as suas brilhantes orações, ainda foi porventura mais discrto, engenhoso e cultivado do que por indole nativa propenso aos grandes arrebatamentos da oratoria.

Entre o modelo e a copia medêa a distancia immensa, que separa duas civilisações tão profundamente distinctas e inspiradas de pensamentos tão diversos, quaes foram a hellenica e a latina. Quando Cicero discorria pela Grecia, então serva e decadente, para aprimorar-se na arte difficil da palavra, já a *ágora* fremente era apenas uma memoria archeologica: a liberdade grega vivia apenas na tradição; a liberdade romana, quebrado pelas usurpações de frequentes e audazes dictadores o encanto da sua castidade, inclinava para o horizonte, avermelhado pela purpura imperial. O grande mestre atheniense era um popu-

vesseis ouvido a Demosthenes fallando!» *ανεγνω...τοῖς Ῥοδίοις τὸν κατὰ Κτησιφῶντος λόγον ἐπιδεικνύμενος· θαυμαζόντων δὲ πάντων εἰ ταῦτα εἰπὼν ἡττήθη "Οὐκ ἂν" ἔφη ἐθαυμάζετε, Ῥόδιοι, εἰ πρὸς ταῦτα Δημοσθένους λέγοντος ἠκούσατε"*.

Esta é a versão de Plutarcho nas *Vidas dos Dez Oradores*, 840: porém, segundo Philostrato *(Vidas dos Sophistas)*, Eschines teria dito: «*θαυμάζετε πῶς ἥττημαι, καθὸ οὐκ ἠκούσατε ὑμεῖς τοῦ θηρίου ἐκείνου* querendo dizer: «admira-vos que eu saisse vencido da contenda; mas é que não ouvistes aquelle *monstro.*» Muitos escriptores (Cicero, Valerio Maximo, Plinio o antigo, Quintiliano e S. Jeronymo) referem que o orador exilado havia lido aos seus alumnos a oração do seu antagonista. Mas Westermann (Quœst. demosthenicæ, III, 84) observa que esta affirmação sómente se encontra em escriptores latinos.

[1] Sobre as transformações por que passou a *Oração da Coroa* desde que foi pronunciada até que se divulgou pelos manuscriptos, veja-se *Demosthenes und seine Zeit* (Demosthenes e o seu tempo), pelo dr. Arnold Schæffer, Leipzig, 1868, vol. III, Appendice III, num. 1, pag. 72, e a memoria do dr. Aug. Fred. Wolper sob o titulo de: *Commentatio de forma hodierna orationis Demosthenis pro corona*, Leipzig, 1825.

lar que n'um estado democratico tinha apenas na palavra enthusiastica e dominadora, o segredo da sua influencia sobre os seus concidadãos. O discipulo, o correcto orador romano, era um plebeo, feito patricio n'uma republica aristocratica, e como todos os poderosos de recente data, *homo novus sine commendatione majorum*, representava desde logo os principios conservadores, e punha de permeio entre si e a plebe a fimbria do seu manto senatorio.

Marco Tullio estudava Demosthenes, mas o gymnasio predilecto da sua educação oratoria fôra em Rhodes, onde ás graças castiças e á simpleza harmonica do genio attico succediam os afeites rhetoricos e o estudado colorido da palheta asiatica.

Se podesse haver Demosthenes sem atticismo, se o atticismo podera supprir-se com esta formosa *urbanitas*, que sempre resplandeceu no violento accusador de Verres e Catilina, certamente tiveramos tido em Marco Tullio o mais elegante e mimoso traductor do espirito e da graça, senão da elocução e da palavra de Demosthenes.

E todavia era tão fervorosa a devoção de Cicero para com o admiravel estatuario da prosa grega, que para mostrar aos seus conterraneos, que ignorassem o idioma da Grecia, a que prodigios se abalançára o genio de Demosthenes, dos raros ocios que lhe deixavam o tracto dos negocios, e o cultivo de todo o genero de lettras e sciencias, ainda lhe sobrou laser para trasladar na linguagem sua vernacula a Oração da Coroa. E com egual curiosidade verteu o discurso de Eschines, para que visse o mundo romano, ao menos em miniatura, o estupendo painel d'aquella lucta de Lapithas, em que mediram a vingança e o talento as duas linguas mais facundas, que a antiguidade fez de oiro para as amenas delicias da palavra, e de ferro para as duras represalias do odio pessoal.

Foi Cicero o primeiro traductor de seu modelo. E que lastima não é que se perdesse aquella nova fórma da oração monumental! Dizem, e com razão, que poetas devem ser traduzidos por poetas, por que não succeda que sómente do original se transfigure imperfeitamente o corpo, perdendo-se de todo o reflexo com que o illumina a alma do seu auctor. E com quanto maior e melhor fundamento se não ha de exigir que aos oradores de uma a outra linguagem os trasladem oradores? Subsidio precioso houvera sido para as numerosissimas versões que desde o renascimento se tem feito até o presente, o traslado e copia, que devêra ter saido d'aquelle talento formosissimo, que debuxou e colorio a oração *Pro Milone*, e que era tão egualmente familiar com as musas hellenicas e latinas!

São innumeraveis as versões do famoso monumento oratorio de Demosthenes. Não ha linguagem moderna e litteraria, que não tenha vestido com suas fórmas aquella admiravel producção da antiguidade classica. Desde que principia-

ram a polir-se as novas litteraturas, oriundas da grega e da romana ou inspiradas do seu genio, é Demosthenes um dos primeiros vultos, que na copiosa galeria dos bons engenhos, se offerece ao estudo e á imitação dos que mais se esmeram e porfiam em desentranhar de seus jazigos os thesouros intellectuaes da antiguidade.

Os primeiros trasladadores do immortal republico, entendiam e explicavam as suas formosuras propriamente litterarias; não podiam porém comprehender nem interpretar os magnificos effeitos oratorios d'aquella memoravel composição.

Os discursos politicos, pronunciados n'uma assembléa soberana de cidadãos, mal podiam ser intelligiveis aos eruditos, que segregados de toda a participação nos negocios publicos e vivendo sob fórmas autocraticas do governo, restituiam os textos viciados ou incorretos, envidavam esforços de erudição e philologia para sacar á luz o segredo dos passos obscuros ou ambiguos, e aquilatavam a eloquencia apaixonada e popular do orador atheniense, como se fôra uma obra puramente litteraria, como avaliariam as orações artificiosas de Isocrates ou de Isêo, ou como apreciariam um fabuloso discurso de Ulysses ou de Nestor n'um congresso dos hellenos, ao mando supremo de Agammenon.

II

De todos os generos de litteratura o mais difficil, e por isso mesmo aquelle em que são mais raros os triumphos que os naufragios, é a oratoria politica ou como hoje dizemos *parlamentar*. A oratoria é ao mesmo tempo uma arte e um officio. Como arte, o seu objecto é o bello, n'uma das suas mais gentis revelações. Como officio, o seu fim é o util como agente do melhor governo e regimento da cidade. O orador é ao mesmo tempo artista e homem d'estado. Pelas graças da imaginação, pela harmonia do desenho, pela variedade e frescura do colorido, pela textura rhythmica do periodo, pelo sublime ou gracioso dos seus quadros e hypotheses, pelo grave e engenhoso dos seus conceitos, o orador é o primeiro entre os artistas. Pela agudeza em observar e distinguir os successos do presente, pela previdencia, com que sabe conjecturar os do futuro, pela discrição, com que elege o melhor partido e propõe o melhor conselho, pelo privilegio, singular, com que governa do alto da tribuna as mal soffridas multidões, e ora levanta e concita as paixões de um auditorio adormecido, ora applaca e remitte os affectos descompostos na turba irrequieta e rebellada, o orador é o mais efficaz ou o mais perigoso dos republicos. As musas, que só por si bastam a inspirar as manifestações do bello, não teem jurisdicção abso-

luta para modelar na mente do orador estas creações bifrontes, que se compõe de formosura e de paixão, do grosseiro barro dos interesses humanos e ephemeros, e do espirito immortal que sobrevive ás republicas e ás civilisações.

Uma nação, cujo idioma chegou á maturidade, cuja historia encerra galhardos feitos ou registra uma cultura adiantada, póde ter epopéas, tragedias, canticos, odes, lendas, dithyrambos. Todos os povos teem guerras e emprezas aventurosas; todos teem heroes, a quem o infortunio assignalou com o sello da fatalidade; em todos vecejam mais ou menos floridos os campos e as collinas; em todos a natureza póde sorrir idyllios perfumados, e a dôr desatar-se em sentidas elegias. Mas para ter oradores, não basta uma linguagem perfeita, uma sensibilidade educada pela sciencia. É preciso que haja em torno do orador um povo de cidadãos[1].

Não póde a arte desabrochar e desentranhar-se em flores e em fructos sazonados, senão quando a aquece e inspira o sacro fogo da liberdade. Refoge o estro onde a servidão impera. A historia offerece-nos arido e esteril de nativas creações artisticas, o solo em que domina o despotismo. Levantam-se moles cyclópeas nos vastos imperios asiaticos, em que o sumptuoso e o esplendido mal supprem e dissimulam a ausencia do bello e do verdadeiro. Os Pharaós podem erigir as pyramides do Giseh. Sob o influxo de uma lugubre theocracia ou de uma autocracia inexoravel, podem talhar-se na rocha os monumentos de Ellora e de Elephanta, os *teotcalli* giganteos do imperio mexicano. Mas só na Grecia livre, onde o espirito se eleva sem que as azas se lhe encadêem nas peias servis da oppressão monarchica, podem aprumar-se as columnas graciosas do templo de Diana e como que sorriem ao formoso sol da Attica os baixos relevos do Parthenon. A arte oriental e egypciaca exorna de imagens os seus monumentos e sanctuarios. Mas estes vultos esguios e comprimidos como que trasladam no marmore e no granito a pressão, que estreita o espirito e comprime a arte sem resfolego. Sómente na Grecia os numes e os heroes de uma ridente mythologia vivem nas regradas linhas do marmore, e respiram o idealismo e a liberdade sob o cinzel do estatuario.

No Egypto a esculptura parece que tomou por empresa tirar do homem os signaes da sua origem divina, para attribuir aos animaes as prerogativas da divindade. Vêde aquellas estatuas, que são apénas uma pedra affeiçoada nas semelhanças de humanidade. Vêde-as n'aquella postura humilde e servil, ora erectas, com os braços estendidos ao longo do corpo, ora sentadas, como os servos n'um

[1] ...«jam benè constitutæ civitatis quasi alumna quædam eloquentia. Itaque ait Aristoteles, quum sublatis in Sicilia tyrannis, res privatæ longo intervallo judiciis repeterentur, tum primum, quod esset acuta illa gens et controversa natura, artem et præcepta Siculos, Coracem et Tisiam conscripsisse.» Cic. *De claris orat.* XII.

ergastulo, ora ajoelhadas, como os aulicos diante do senhor; as faces chatas, o rosto sem vida, a bocca sem expressão, como se a arte se estivera comprazendo em debuxar a decadencia e a condemnação do genero humano. Ali os homens descem e rebaixam-se, quando os imita no marmore ou no granito o imaginario. Os deuses para encarnar parece elegerem de preferencia as figuras dos animaes[1]. Na arte egypcia os homens e os deuses são menos do que homens, os primeiros pela rudesa dos seus perfis estatuarios, os segundos pela quasi repugnancia ao anthropomorphismo idealisado. Já Winckelmann havia observado que a arte dos Pharaós mais se avantajava em esculpir quadrupedes que em relevar feições humanas[2]. No Egypto delicia-se o estro em unir em monstruosas aggregações as fórmas do homem com as de varios animaes. E com que diversa inspiração o cinzel grego, mesmo quando infringe a arte e a naturesa, é ainda gracioso e inventivo, como no typo elegante do Centauro e nos bellos contornos da Sirene!

O que dizemos do escopro e da esculptura se applica litteralmente á pintura e ao pincel. Os Phidias e os Polycletos só podem nascer na Grecia. Os Apelles e os Parrhasios só na Grecia encontram o desenho e o colorido das suas quasi divinas creações.

De todas as artes a mais bella, a mais expressiva, a mais difficil, é sem duvida a arte da palavra. De todas as mais se entretece e se compõe. São-lhe as outras como ancillas e ministras; ella soberana universal. Da estatuaria toma as fórmas; da architectura imita a regrada estructura de suas edificações; da pintura copía a côr e o debuxo de seus quadros; da musica aprende a variada successão de seus compassos e melodias; e sobre todos estes predicados tem mais do que as outras artes a vida, que anima os seus paineis, a

[1] Ra, ou Phra, o deus do sol, venerado em Heliopolis, apparece mais frequentemente nos monumentos com a cabeça de gavião, sua ave consagrada, do que com as feições humanas. Phta, o deus de Memphis, era honrado na fórma do escaravelho, ou representado com a cabeça d'este coleóptero. A deusa Pacht, ou Pachit Bubasti, em Bubastis reverenciada, trocava pela cabeça de leôa as feições mimosas da mulher. O deus Knum ou Kneph, muitas vezes identificado com Amun ou Ammon, apparece figurado com a cabeça de carneiro, e a deusa Haqt, que lhe corresponde como conjuge, era representada com a cabeça de uma ran. A cabeça de bode era o distinctivo de Chem, o deus phallico, identificado pelos gregos com o seu Pan. O deus Sebak tomava do crocodilo a sua brava catadura. V. Duncker. *Geschicht. des Alterth.* T. I. pag. 56 e seg. Lepsius. *Ueber den ersten Ægyptischen Götterkreis und seine geschichtlich-mythologische Entstehung* nas *Abhandl. der Königl. Akademie der Wissenschaft. zu Berlin* 1851.—Bunsen. *Ægypten's Stelle in d. Weltgesch.* T. I, pag. 442 e seg.

[2] «Ma questi caratteri generali dell'antico stile egiziano, cioé i contorni rettilinei e la poca espressione delle ossa e de'musculi, non hanno luogo nelle figure degli animali.» Winckelmann. *Storia delle arti del disegno tradotta dal tedesco.* T. I, liv. II, cap. II, § 4. Duncker *Gesch. des Alterth.* T. I, pag. 87 e 88.

paixão, que dá novo esplendor ás suas tintas, o movimento, que intima aos que a escutam e admiram, o enthusiasmo e a persuasão. A estatua falla, mas falla como uma interjeição, que apenas expressa um sentimento vago, indefinido, momentaneo. A pintura falla, mas falla como uma phrase breve, em que a ellipse houvera supprimido boa parte dos elementos essenciaes. O edificio falla, mas falla como uma inscripção abbreviada, que desperta a memoria do passado, sem particularisar os acontecimentos a que allude. A musica falla, mas falla apenas á sensibilidade, sem que o entendimento a possa claramente descernir. Só a palavra, nas artes a que é materia prima, falla ao mesmo tempo á phantasia e á razão, ao sentimento e ás paixões; só ella Pygmalião prodigioso esculpe estatuas, que vão saindo vivas e animadas da pedra ou do madeiro, onde as delinêa e arredonda o seu buril; só a palavra, mais inventiva do que Zeuxis, sabe desenhar e colorir figuras e paizes, com que se illude e engana a vista intellectual; só a palavra mais audaz do que os Ictinos e os Callicrates, traça, dispõe, exorna e arremessa aos ares monumentos mais nobres e ideaes que o Parthenon de Athenas; só a palavra mais commovedora e persuasiva do que o plectro dos Orpheus, encadeia á sua lyra magica estas feras humanas ou deshumanas, que se chamam homens arrebatados e enfurecidos nas mais truculentas allucinações.

Não podem crescer, medrar, divinisar-se as artes da fórma, da proporção, da côr e da harmonia, quando o imaginario tem de affeiçoar os idolos de uma religião sinistra e humiliante, quando o architecto ha de erigir os templos de uma sombria divindade, quando o pintor tem de ornar com os seus frescos e os seus encaustos os paços de um sátrapa oriental, quando o musico ha de ajustar as suas composições ás pompas tradicionaes de uma civilisação immobilisada pela servidão [1].

Que será da palavra, n'esta escuridão profunda? Que dirá a inspiração encadeada? Os escravos não fallam, respondem com os meneios da cabeça ás ordens imperatorias do senhor.

A eloquencia brota natural, espontanea, irresistivel, onde ha cultura, talento e liberdade. Por isso nenhuma civilisação antiga, a grega exceptuada, se presou de eloquente, diserta, elegante no dizer.

É a oratoria a que entre as artes todas resplandece derradeira. Primeiro se lavram as sumptuosas fabricas, onde os deuses se veneram e os homens se comprasem em suas mundanas deleitações. Primeiro se vão copiando os quadros e as figuras, que a natureza depara ao genio imitador. Primeiro sôam na lyra os hymnos altisonantes, com que o estro saúda os numes bemfazejos, os athletas vencedores ou os guerreiros triumphantes. Primeiro os cantares singellos, com que se celebra o amor e o prazer. Primeiro as rhapsodias, em que se me-

[1] ... l'arte debbe principalmente alla libertá i suoi progressi e la sua perfezione.» Winckelmann. *Stor. delle art. del disegn.* T. II, pag. 164 e 176.

moram e descrevem os primévos e gloriosos feitos nacionaes. Com a frequencia do poetar e do dizer vae o uso, o artifice engenhoso das linguagens, affeiçoando, polindo, amaciando, enriquecendo o nativo idioma. Com o discorrer dos tempos se vão parallelamente emancipando os espiritos, desbravando as profundas desegualdades sociaes, e tomando logar no seu throno immenso este soberano collectivo, que tem nome—Povo.

Um dia a lingua está completa e opulenta de fórmas politicas: a turba, expulsos os tyrannos e derrocada a aristocracia, toma nas mãos possantes o sceptro da sua propria realesa. Já ha uma cidade, πόλις, já ha um senado, βουλή, já ha um povo, δῆμος, uma praça, ἀγορά, uma tribuna, βῆμα, já uma patria, que não havia d'antes sem que fosse menos gloria que humilhação. Ondeam no campo das communs deliberações as cabeças e as vozes dos cidadãos. Corre perigos a republica? É preciso pelejar ou fazer a paz? Pactuar allianças e tractados, ou responder aos legados extrangeiros? Prover com εἰςφορας e tributos á penuria das arcas publicas, regular a fórma das *liturgias* ou entender no armamento das triremes? A cidade vae deliberar. O arauto proclama, convidando a subirem á tribuna os que tenham um aviso que propor, um arbitrio que lembrar. Adiantam-se d'entre as cerradas fileiras da multidão os que primam no patriotismo, ou sobrelevam aos demais na energia da palavra. Sobe o orador ao *béma*, de cujas perigosas eminencias governa e domestica a turba anciosa e irresoluta. Trava-se a requesta entre os oradores, que vão tomando a mão e patrocinando uma ou outra parceria. E d'aquella, que hoje houvera de parecer anarchia desenvolta, onde o povo não admitte peia nem conhece auctoridade, saem ao cabo dos debates as maduras resoluções, os *psephismas* ou decretos populares. D'ali partem os que presidem ao governo a aprestar as esquadras no Pireo, a dispor a defensão na Acropole, a apparelhar os *exodos* e expedições, com que se hão de colher os loiros de Marathona, as palmas de Artemision, ou mostrar ao mundo nos campos de Cheronéa, que Athenas sabe morrer galhardamente e envolver no mesmo funebre sudario a vida e a liberdade.

Nenhum povo realisou mais largamente que o de Athenas o regime democratico, se bem com as suas forçosas intermissões, em que a *tyrannis*, ora infesta, ora propicia á multidão e á cultura, eclipsava a espaços, para que surgisse depois mais radiante, a liberdade. E nenhum povo tambem levantou jámais a eloquencia a maior esplendor e galhardia. Nem nos antigos, nem nos modernos tempos póde citar a historia uma nação, onde houvessem felizmente concorrido as condições que mais adiantam e prosperam as artes da palavra.

Tudo era grande, n'aquella terra abençoada, excepto a propria terra. Parece que o destino se comprazera em accumular em tão breve espaço, tudo quanto o espirito póde commetter e realisar nas multiplices espheras, onde revôa o pensamento e a arte se dilata em conquistas interminaveis. Ali n'aquella florente

Grecia, aonde cada collina tem uma oréade, cada rio uma nayade, cada arbusto uma dryade, cada angra uma nereide, cada burgo um *eponymo* e uma historia, cada pedra um mytho ou uma tradição, onde a natureza está sorrindo o riso dos deuses, onde os valles são frescos e umbrosos, as montanhas pictorescas, as veigas ferteis, o mar ceruleo, o firmamento limpido e anilado, ali é como se fôra o ninho da mais esmerada civilisação. Se os numes descem á terra a conviver com os mortaes e a desenfadar-se da monotona bemaventurança do seu Olympo, é ali que assentam de preferencia a sua morada, e tomando as fórmas humanas elegem o theatro de suas façanhas gloriosas ou o thalamo de seus lubricos amores. É ali que os deuses, como em honra propria dizia Alcinoo, rei dos Pheacios, na Odysséa, «se sentam familiares aos convivios dos mortaes, e não se occultam ao viandante, quando o encontram no caminho»[1], ou dignificam as bôdas de Peleo, alegrando-as com a cithara do *argyrotoxo* Apollo[2]. Ali a natureza e o espirito se enlaçam estreitamente e celebram as suas nupcias fecundissimas. Só n'aquella terra e d'aquelle clima podera Euripedes cantar, que a philosophia tinha os amores por seus paredros e conselheiros. Τῆ σοφίᾳ παρέδρους ἔρωτας[3].

III

Toda a civilisação, que tem havido no mundo com o dote de ser expansiva e propagadora, teve patria ás orlas do Mediterraneo. Nas ribas d'aquelle immenso lago, que em épocas geologicas não remotas esteve porventura separado de toda a communicação com o Oceano, escolheu sua predilecta habitação esta raça (ou como outros querem, especie humana) que por seus caracteres anthropologicos, é a mais aprimorada e perfeita obra, em que parece se esmerou e desvaneceu o cinzel da creação. Ali (no pictoresco dizer de Platão) todos os homens que estanceavam entre o Phaso e as columnas de Hercules, se agglomeravam, em redor do Mediterraneo, como as rans ou as formigas em torno de uma lagôa[4].

[1] Δαίνυνταί τε παρ'ἄμμι κάθήμενοι ἔνθα περ ἡμεῖς
Εἰ δ'ἄρά τις καὶ μουνος ἰὼν ξύμβληται ὁδίτης
Οὔτι καταχρύπτουσιν.

Odyss. η. 203-205.

[2] Πάντες δ'ἀντιάασθε θεοὶ γάμου, ἐν δέ σύ τοῖσι
Δαίνυ, ἔχων φορμιγγα.

Iliad. ω. 62-63.

[3] Eurip. *Medéa* vers. 843.

[4] Plat. Phædon. 58. Καί ἡμᾶς οἰκεῖν τοὺ μέχρις Ἡρακλείων στηλῶν ἀπὸ Φάσιδος, ἐν σμικρῷ τινι μορίῳ, ὥσπερ περὶ τέλμα μύρμηκας ἢ βατράχους περὶ τὴν θάλατταν οἰκοῦντας.

D'ali procederam, ali tiveram, senão o berço, ao menos a mais fecunda e vivaz educação, as antigas civilisações, que lograram sobreviver aos povos a quem illustraram e fizeram para sempre memoraveis na historia[1].

Aquella raça (ou antes especie distincta e privilegiada, se houvessemos de prestar fé ás arrojadas illações das novissimas sciencias biologicas e da mais audaz anthropologia), aquella raça, que Blumenbach appellidou caucasica, Pritchard indo-germanica, Huxley recentemente *xanthocroica*, e á qual Frederico Müller e com elle Ernesto Haeckel dão o nome expressivo de *mediterranea* (homo mediterraneus); aquella raça, que segundo as modernas theorias da evolução e descendencia phylogenetica, foi a ultima expressão das perfeições organicas, ás ribeiras do Mediterraneo cresceu e prosperou, e bracejando a uma e outra parte, irradiando de sua morada primitiva as migrações, as colonias, as mais antigas navegações, foi d'entre todas as grandes familias do genero humano, a que inscreveu nos fastos da humanidade os seus capitulos mais formosos, que só por si em grande parte constituem a historia universal. Só esta raça mimosa da creação se desprendeu das suas cadeias materiaes para tentar os vôos mais aventurosos nas azas do entendimento. Só ella pôde conquistar e quasi tornar domestica a natureza. Só ella soube, melhor do que as mais bem fadadas raças, associar, por uma creação propria e espontanea, á natureza empirica e material a natureza racional e intelligivel, e com o *fiat* quasi omnipotente do genio e da inspiração contrapor ás fórmas reaes do universo os contornos ideaes da arte[2].

E entre os povos todos da raça mediterranea ou caucasica, extrema-se por dotes e privilegios singulares a grande familia indo-européa, que representou na antiguidade as mais esplendidas e prolificas civilisações, e que preside hoje com indisputavel superioridade aos destinos da humanidade inteira.

Cada um dos dilatados periodos, em que se divide a historia humana, tem como as épocas differentes na historia physica da terra, organismos que lhe são peculiares e caracteristicos.

A um lado os semitas, a outro os indo-europeus, que viviam orlando o littoral do Mediterraneo, lançaram os fundamentos da civilisação moderna, d'aquella que se adiantou e proseguiu, até chegar, com os seus elementos mais ou menos transformados, á edade nossa contemporanea.

[1] «Cet étroit bassin sur les bords duquel les Égyptiens, les Phéniciens et les Grecs ont fait fleurir une brillante civilisation, a été le point de départ des événements les plus considérables.» Humboldt. *Kosmos*. T. II, part. II, cap. I.

[2] «In körperlicher, wie in geistiger Beziehung, kann sich kein andere Menschenart mit der mittelländischen messen. Sie allein hat eigentlich «Geschichte» gemacht. Sie allein hat jene Blüthe der Cultur entwickelt, welchen den Menschen über die ganze übrigo Natur zu erheben scheint.» *Natürliche Schöpfungsgeschichte* por Ernst Haeckel. Berlin, 1870, pag. 615.

Mas nem todos os povos d'esta raça privilegiada, a quem sempre tem pertencido na terra o primado intellectual, lograram contribuir no mesmo grau para esta brilhante civilisação, que hoje contemplamos avançando ousadamente por uma parte até ás mais arrojadas conquistas do pensamento; por outra ás mais inopinadas maravilhas da industria e do trabalho. Foram os semitas, ainda mesmo os do ramo *eusemitico*, menos avantajados na cultura e menos aventurosos nas altas especulações da philosophia. Se lhes cabe, como attributo caracteristico, a mais ideal e mais pura concepção do Creador, na sua expressão monotheista de Jehovah e de Adonai em Israel, a sua civilisação profana e temporal nunca pôde enaltecer-se até onde soube librar-se e esvoaçar o genio indo-germanico.

A esta grande familia pertence desde a mais alta antiguidade a primazia do entendimento. N'ella se perpetúa, se vincula, se ennobrece no presente, victoriosa, e dilatada por todo o orbe, a hegemonia da humanidade. Do tronco primitivo, em que estavam ainda confundidos e enlaçados, como em embryão commum, os povos mais progressivos e illustres da antiga e da presente edade, descendem duas tribus fundamentaes, que são como a chave e explicação das antitheses profundas entre a velha e a nova civilisação.

A um lado (se havemos de seguir ao eminente Schleicher nas suas genealogias ethnologicas[1]) procedem os aryo-greco-italo-celticos, stirpe e berço dos hindûs, dos iranianos, dos italos, dos celtas e dos gregos.

Da segunda vergontea, dos slavo-germanos foram nascendo e bifurcando-se novos rebentos ethnologicos, de cuja ramificação brotaram na ordem harmonica da historia as gentes slavo-tedescas, repartidas nas suas tribus já distinctas de slavos, lithuanicos, scandinavos, godos e teutões.

No ramo aryo-greco-italo-celtico, primeiro amanheceu a luz intellectual com os aryanos (no sentido restricto da palavra) os quaes fundaram na India, e no Iran as duas mais antigas civilisações da familia indo-européa. As quaes, notaveis certamente sob o aspecto religioso, se immobilisaram porém desde a mais remota antiguidade, e nunca souberam levantar-se ás mais luminosas eminencias da concepção esthetica e do pensamento philosophico.

O ramo greco-italico teve na antiguidade o sceptro da mais fecunda e mais larga dominação. Ha em cada momento, em cada phase da historia da humanidade uma raça, uma familia, uma nação, que enfeixa nas suas mãos audazes e poderosas toda a civilisação da sua época, e ou submette ao seu imperio os demais povos, com quem chegou a medir-se e affrontar-se, ou, se não logra subjugal-os pela força, os conquista moralmente, fazendo-lhes acceitar as suas idéas, as suas artes, os seus costumes e as suas instituições. A raça ou a

[1] Schleicher. *Die Darwin'sche Theorie und die Sprachwissenschaft*. Weimar, 1863.

familia, que na lucta perpetua dos povos inferiores contra os mais robustos e possantes, alcança transmittir a herança da sua civilisação, sem que se obliterem os signaes e monumentos da sua origem, essa é a raça, a familia predominante, em cada uma das edades, em que a historia se reparte.

Fundaram os semitas uma civilisação, que primeiro se revelou na tradição mosaica e depois sobreviveu na idéa christã, a qual se bem semitica pela origem, se differença profundamente da fé israelita por ter revelado ao mundo não o *Adonai* de Israel, mas o Deus da humanidade. Quando as duas raças se encontram, no ponto de intersecção dos seus trajectos, decae a cultura semitica, e se levanta ao cumulo das suas glorias a civilisação greco-romana. As instituições religiosas do povo eleito, se ainda bastam para contentar a crença nacional, tem de ceder o passo a uma religião expansiva, que rompe, por estreito o circulo das tradições, que transcende além das fronteiras da Judéa, e que prégando a caridade universal, precisa da humanidade inteira para a ligar com os vinculos do amor e reconcilial-a com um Deus, cujas bençãos não distinguem entre os filhos de Abraham e as mais barbaras e indomesticas gentilidades.

O christianismo pertence aos semitas pelo berço; na idéa cosmopolita é porém a mais eloquente negação do espirito semitico. Aquella raça degenerou, esterilisou-se, e perdeu na historia o seu logar, desde que a Egreja com o seu infinito esplendor offuscou inteiramente a luz da synagoga.

Desde os primeiros seculos do christianismo o espirito greco-romano foi o instrumento principal da sua divulgação. «Ainda depois de vencido e subjugado o espirito da Grecia (diz um escriptor germanico) obrigava os seus dominadores a venerarem a sua civilisação e os mesmos povos christãos não deixaram de tomar as suas lições[1].» A contar do v seculo dois elementos se fundiram em variaveis proporção para dar á civilisação christã a sua fórma e a sua energia propagadora. A uma parte a antiguidade classica, a outra a vitalidade juvenil dos povos germano-gothicos.

E d'entre todos os povos da grande familia aryo-greco-romano-celtica, o que soube affeiçoar a mais brilhante e multiforme de todas as civilisações da antiguidade, foi sem contestação o povo hellenico.

[1] «Besiegt und unterjocht hat es seinen Herren Achtung vor seiner Bildung abgezwungen und selbst die christlichen Völker haben nie aufgehört von ihm zu lernen.» Dietsch. *Lehrbuch der Geschichte*. Leipzig, 1860. T. I, § 44, num. 5.»—«Cette race (les hellènes) si heureusement douée, dans la culture de laquelle la culture moderne a poussé de profondes racines...» Humboldt. *Kosmos*. (trad. franç.) T. II, pag. 163.

IV

Imaginemos uma região peninsular, um clima doce e amoravel. A gleba nem torrada pelo ardor dos tropicos, nem congelada pelos frios hyperboreos. Alternando a cada passo com os valles e com as planuras os cerros e as montanhas, entre as quaes o Olympo e o Parnaso, rompem com os seus picos alterosos a região das nuvens e arremessam as suas cristas á etherea limpidez de um ceo meridional. Os contornos da terra firme, como que recortados em numerosas curvaturas, onde as aguas vem formar remansadas e quietas o abrigo das angras e o recesso das enseadas. Os rios, nem tão caudaes que trasbordem pelas céaras, nem tão pobres que não humedeçam e fecundem as veigas e as campinas. O Penêo, refrigerando a deliciosa paizagem de Tempe e deslisando até ao mar entre o Ossa e o Olympo. O Sperchio, descendo dos poeticos fraguedos do Pindo, serpeando entre o Oeta e o Othrys n'um valle ameno e aprasivel; o Acheloo, em volta do qual, no dizer de Homero, as nymphas divinas enlaçam as suas choréas [1], o Acheloo, o mais longo d'entre todos os rios da Grecia, fertilisando o Epiro, e regando um dilatado valle entre a Etolia e a Acarnania. Não longe do littoral um labyrintho de ilhas, que fazem o cortejo ao continente. Nos valles bem frescos e ensombrados uma alfombra de arbustos e de relva. No recosto das collinas e dos outeiros os pampanos, torcendo a vara com o peso dos rácimos sasonados. Circumdando a terra a agua cerulea do mar Egeo. Por docel a esta paizagem ridente e formosissima o azul de um firmamento, onde a poesia, brincando infantil com a severidade da sciencia, trasladou nos caprichosos debuxos das constellações boreaes as lendas e os mythos da historia e do culto nacional [2].

[1] Ἐν Σιπύλῳ, ὅθι φασὶ θεάων ἔμμεναι εὐνὰς
Νυμφάων, αἵτ' ἀμφ' Ἀχελώϊον ἐῤῥώσαντο.
Iliad. ω. 615-616.

[2] O douto Winckelmann, que ainda sentiu melhor a arte antiga do que a entendeu e criticou, disse d'aquella celebrada região estas palavras, que trasladamos da versão italiana da sua *Historia das artes do desenho*: «La natura, dopo d'esser passata per tutti i gradi dall'arso equatore all'aghiacciato polo, sembra essersi fissata in Grecia come in un punto di mezzo fra l'inverno e la state; e quanto più a questo bel clima s'avvicina, tanto più generalmente animate e spirituose ne son le figure, tanto più decisi ne sono i tratti, e pieni di moltiplice espressione» *Storia delle arti del disegno presso gli antichi* di Giov. Winkelmano *tradotta dal tedesco*. Roma, 1783. T. I, pag. 241. Veja *Lehrbuch der Geschichte* von Rudolf Dietsch. Leipzig, 1860. T. I. *Die Geschichte des Orients und*

Se o territorio hellenico tem encantos e formosuras, em muitas das suas regiões o solo é ingrato, e a natureza refusa a sua gratuita fecundidade aos descendentes de Pelasgo e de Erechteu. A terra da Attica é arida e pedregosa, e o mytho de Deucalião, derivando dos seixos os primitivos moradores da Hellade, porventura intentou significar que da aspereza do terreno podem brotar, com a industria e o trabalho, as cidades populosas e os campos arados com primor.

Se o clima da Grecia é mais temperado que o das terras asiaticas, a sua gleba é menos feraz e prestadia. Em alguns tractos do seu variado territorio a natureza não poupa as suas intemperies. O berço da cultura hellenica, Dodona, onde Zeus impera para dar começo á unidade religiosa da Grecia, e inspirar com os seus oraculos a vida popular d'aquella terra, é celebrado por Homero como a região das gelidas invernias, Δωδώνη δυσχειμέρος [1]. Referindo-se aos fecundos territorios, irrigados pelo Euphrates e pelo Tigris, podia Herodoto asseverar que «Babylonia era de todas as terras, que elle conhecia, a mais accommodada a maturar os fructos de Demeter e a reproduzir duzentas vezes, e até trezentas nos bons annos, a semente confiada ao seu torrão [2].» Comparando o solo e o clima da Asia com os da Grecia, dizia Hippocrates com verdade, que tudo o que na Asia produz a terra é mais bello e avantajado, é ali mais doce o clima e mais branda e mais temperada a indole dos homens [3]. A pobreza do solo é porventura o segredo da superioridade hellenica sobre as povoações da Asia civilisada. Sobrelevava a Grecia ao Oriente em que o seu clima nem fazia damno á uberdade, nem incitava os habitantes a uma inercia sensual. Porque era pobre a terra e escassa a vegetação, comparada com a flora luxuriante das regiões orientaes, por isso

Griechenland § 44, num. 1.—Grote. *Histoire de la Grèce* (trad. franc. de Sadous). T. III. part. II, cap. I, pag. 129.—*Geschichte des Alterthums* por Max Duncker. Berlin, 1856, T. III, pag. 2 e seg.

[1] Ζεῦ ἄνα Δωδωναῖε, Πελασγικέ, τηλόθι ναίων
Δωδώνης μεδέων δυσχειμέρου

Iliad. π. 233–4.

[2] «Έςτι δὲ χωρέων αὕτη ἀπασέων μακρῷ ἀρίστη, των ἡμεῖς ἴδμεν, Δήμητρος καρπὸν ἐκφέρειν... τὸν δὲ τῆς Δήμητρος καρπὸν ὧδε ἀγαθὴ ἐκφέρειν ἐςτὶ, ὥςτε ἐπὶ διηκόσια μὲν τοπαράπαν ἀποδιδοῖ· ἐπειδὰν ἀριστα αὐτὴ ἑωΰτῆς ἐνείκῃ, ἐπὶ τριηκόσια ἐκφέροι.» Herod. I. 193.

[3] Τὴν 'Ασίην πλεῖστον διαφέρειν φημὶ τῆς Εὐρώπης ἐς τὰς φύσιας τῶν ξυμπάντων, τῶν τε ἐκ τῆς γῆς φυομένων ηαὶ τῶν ἀνθρώπων· πολὺ γὰρ καλλίονα καὶ μείζονα παντα γίγνεται ἐν τῇ 'Ασίῃ, ἥ τε χώρη τῆς χώρης ἡμερωτερη, καὶ τὰ ἤθεα τῶν ἀνθρώπων ἠπιώτερα καὶ εὐοργητότερα. Hippocrat. Περὶ ἀερων, ὑδατων, τόπων (*dos ares, das aguas, e dos logares*) num. 12.

mesmo era mais poderoso o estimulo para que os gregos se não forrassem ao lavor e á cultura, e menor o perigo de se enervarem na ociosa e ignobil servidão. E quanto mais rapida e completamente (são palavras textuaes do erudito Duncker) se emancipassem os hellenos da tutella da natureza, tanto mais independente, mais fecundo e mais energico seria o seu viver [1]. A Grecia, apercebendo-se nos primeiros tempos da sua civilisação, para vencer um dia o Oriente e os seus imperios collossaes, podia dizer de si affrontando-se com a Asia, o que Heitor respondia á arrogante provocação do filho de Pelêo, diante dos muros de Ilion: Sei que és forte, mas eu ainda que inferior hei afinal de vencer-te e supplantar-te, porque assim está no poder dos deuses e porque o meu ferro é agudo e penetrante [2].

Tal era aquella afortunada região, que se chamava a Hellade, no tempo em que os gregos eram um povo glorioso, e não, como hoje, uma bastardia social. Aqui vinham filhar no solo as tradições, as artes, as sciencias, que de todas as demais civilisações contemporaneas ou anteriores, trazia o commercio frequente e a dilatada conversação com os povos peregrinos. O espirito da Grecia era d'entre todos o mais perfeito, porque em si consubstanciava os dois attributos fundamentaes do genio creador: a boa e discreta eleição da materia prima, e o talento que a demuda e affeiçoa, imprimindo-lhe fórma nova e desusada [3].

Parece que para aquella terra abençoada convergiam as idéas, as instituições, e até os deuses de estranhos e apartados territorios, para que do riquissimo peculio das civilisações antigas saisse, fundida n'um crisol mais perfeito, aquecido pelo fogo do genio hellenico, uma cultura politica e intellectual, superior

[1] «Dazu kam, dass Griechenland vor dem ganzen Orient einen mildern Himmel voraus hat, der weder zu Trägheit verurtheilte, noch zu ueppiger Sinnlichkeit reizte. Einen noch grössern Vortheil, der in einem Mangel ihrer Natur besteht, besass die griechische Halbinsel: die grössere Armuth ihres Bodens und ihrer Vegetation. Je weniger natürlicher Reichthum und Fülle vorhanden war, um so geringer war die Gefahr in Schwelgerei zu versinken, um so sicheror stand ein Leben nüchterner und gesunder Einfachheit in Aussicht. ... Um so rascher und vollstandiger emancipirte sich von der Vormundiger und thatkräftiger musste das Leben werden.» Duncker. *Geschichte des Alterthums*. T. III (*Die Geschichte der Griechen*) pag. 7 e 8.

[2] Οἶδα δ'ὅτι σὺ μὲν ἐσθλος, ἐγὼ δὲ σέθεν πολὺ χειρων.
Ἀλλ'ἤτοι μὲν ταῦτα θεῶν ἐν γούνασι κεῖται,
Αἴκέ σε χειρότερός περ ἐὼν ἀπὸ θυμὸν ἕλωμαι,
Δουρὶ βαλών· ἐπεὶ καὶ ἐμὸν βέλος ὀξὺ πάροιθεν.
Iliad. υ. 434-7.

[3] «En Égypte tout était resté séparé et immobile, en Grèce tout se mêla et devint vivant.» Littré. *Œuvres compl. d'Hippocrate*. Paris, 1839. I, Introd. pag. 25.

na variedade, na harmonia, na opulencia das fórmas e na audacia das concepções, a todas quantas lhe deparavam os povos orientaes.

As sciencias, que das fontes asiaticas bebiam a principio os espiritos hellenicos, trasladadas áquelle solo abençoado, desatavam-se das cadeias da fé religiosa, e inquiriam ousadamente os problemas da creação, as questões da origem e destino da humanidade. A especulação intellectual era o mais eloquente documento d'esta illimitada liberdade que caracterisava o genio grego. Em quanto no Oriente as idéas philosophicas andam enlaçadas ás cosmogonias hieraticas, na Grecia a philosophia insurge-se contra os deuses, e repetindo a empresa dos Titães, intenta desthronar o Zeus hellenico, e sentar no solio vago de um Olympo ideal a magestade do *Kosmos* e a soberania da razão. «A sciencia da natureza (exclama um profundo historiador) cerrou o cyclo dos mythos religiosos... No seio da natureza ou acima do universo não havia logar para Apollo, nem para Zeus, para Poseidon, ou Dionysos[1].» Nunca em tempo algum, e em nenhum povo da antiguidade, foi mais feliz e mais prolifica a união de um espirito nacional e collectivo com a mais larga emancipação do juizo individual. De cada escola philosophica brotam com os discipulos de maior e mais fecundo engenho, os corypheus de novas seitas, os fundadores de systemas novos, os propagadores de idéas originaes e aventurosas. Do tronco plantado por Socrates, despontam como vergonteas viridentes e immortaes as escolas diversissimas, que por um lado dilatam os dominios do pensamento na sphera da abstracção idealista, e do outro conduzem o entendimento a interrogar nos phenomenos da natureza a mais satisfatoria solução aos enigmas do universo.

Não ha uma só grande idéa moderna, um systema arrojado, uma concepção synthetica da creação, uma só theoria do pensamento, que não tenha os seus cimentos inabalaveis na especulação de algum philosopho, ou no que então se affigurava monstruoso paradoxo de algum espirito audaz e innovador.

Aquelle pequeno territorio da Hellade, com as suas numerosas e florentissimas colonias, onde vivia e se completava com elementos forasteiros, principalmente orientaes, o espirito da Grecia, foi como o berço de quasi todas as idéas, que na philosophia, nas sciencias, nas artes, e em grande parte nas instituições, vieram encorporar-se na civilisação moderna.

Não ha povo que mais do que os hellenos tenha um logar assignalado nos fastos do progresso humano. Aquella nação activa, original, emprehendedora, satisfazia, na ordem harmonica da historia, a dois fins egualmente necessarios

[1] «Die Naturlehre schloss die Göttersage... so war weder für den Apollon noch für den Zeus, weder für den Poseidon noch für den Dionysos ein Platz, über oder in der Natur.» Duncker. *Geschichte des Alterthums*, IV, 579.

á evolução da humanidade. Pela sua posição geographica e pela sua indole essencialmente colonisadora e expansiva, era por assim dizer a diligente mediadora entre a Europa, ainda na maior parte inculta e despolida, e as terras orientaes, onde a civilisação havia madrugado [1]. Pelo seu genio inventivo e industrioso, sabia aproveitar as idéas e os factos, cuja noticia lhe advinha pela sua communicação com estrangeiros, e applicando a mais subtil especulação aos thesouros da sciencia empirica, levantava-se ás doutrinas mais ideaes e mais syntheticas ácerca do homem, do universo, e da força creadora [2].

V

A civilisação grega teve como todas as civilisações um principio, que lhe foi commum com as de outros povos saidos do mesmo berço primitivo. Adquiriu novos elementos pelo commercio e frequencia com as nações, que antes da Grecia tinham acordado para a cultura. É manifesto que antes dos primordios hellenicos havia na Asia e nas regiões fertilisadas pelo Nilo imperios florentes e poderosos, cidades celebradas pela sua energia industrial e mercantil, religiões e cultos professados por numerosas multidões, uma sciencia e uma technica, de cujos resultados e productos a Grecia teve conhecimento desde as primeiras edades do seu desenvolvimento intellectual.

Não foi no solo da peninsula hellenica, não foi mesmo nos estabelecimentos coloniaes da Asia Menor ou da Thracia, que brotaram espontaneas as mais antigas creações que serviram de fundamento aos grandes progressos da Hellade.

A diuturna communicação da Grecia com o Egypto, com a Phenicia, com os fócos de luz intellectual na região do Tigris e do Euphrates, determinou a importação dos cultos, das idéas e das artes, que vieram polir e affeiçoar a materia prima, ainda rude e ingrata, da futura civilisação hellenica. Os mythos conspiram com as tradições authenticas a affirmar as relações dos hellenos com aquelles que a orgulhosa Grecia, chegada á culminação da sua grandeza, havia de appellidar um dia com o desdenhoso epitheto de *barbaros*.

[1] «L'activité des Grecs, l'instinct qui les portait tous et particulièrement la race ionienne aux entreprises maritimes put se satisfaire librement, grâce à la distribution merveilleuse du bassin de la Mediterranée et aux communications de cette mer avec l'océan au sud et à l'ouest.» Humboldt. *Kosmos*. T. II, part. II, cap. I, pag. 144.

[2] «Alle Formen des menschlichen Lebens und Thuns hat es in rascher Folge aus- und durchgebildet, zu allem menschlich Edeln und Schönen hat es den Völkern die Fackel vorgetragen, in aller menschlichen Kunst und Wissenschaft den Grund gelegt und für alle Zeiten leuchtende Vorbilder und Muster gegeben.» Dietsch, *Geschichte*. T. I, § 44, num. 5.

A primitiva civilisação hellenica não era, como se admitte com irrefragaveis fundamentos, propriamente *autóchthona*, ou nascida no solo da Hellade, e aperfeiçoada por uma longa evolução, fóra de todo o influxo estranho, como a proclamou Ottfried Müller e a sua escola. Se como o pensou Herodoto[1], modernamente ensinaram Kreuzer[2], Duncker[3], Littré[4] e Humboldt[5], e com a exageração de uma theoria enthusiastica e paradoxal o sustentou, em relação ás crenças religiosas da Grecia, George Cox[6], a principio as tradições aryanas, communs a todas as gentes d'aquelle berço, e depois o Oriente, principalmente representado pelo Egypto, pela Phenicia[7] e pelas cultas povoações da Asia Menor, contribuiram com os seus thesouros religiosos, technicos e intellectuaes a opulentar a mais fecunda nação da antiguidade, não é por isso menos glorioso o renome d'este povo, nem são menores as obrigações, em que lhe estamos ainda hoje pela magnifica herança, que nos legou nas suas instituições politicas e sociaes, nas suas obras philosophicas, nas reliquias da sua opulenta, formosa e variada litteratura, e nos restos venerandos das suas artes inimitaveis.

Que a cultura hellenica se compoz de dois elementos fundamentaes,—um a herança do seu primitivo lar ethnologico e as ulteriores influencias dos povos aryanos ou semiticos, e o outro o trabalho proprio, activo, energico, incessante, exercido pelo espirito da Grecia sobre este capital de civilisação,—não padece a menor duvida, se attentamos na origem d'aquelle povo e nos testemunhos irrecusaveis com que a historia nos affirma a acção exercida na sua evolução pelas nações orientaes.

Não ha exemplo de um imperio, de uma tribu, de uma cidade, que pelos seus esforços desajudados de todo o auxilio estranho, se levantasse desde a ru-

[1] Herod. II. 43, 46, 49, 50, 51, 58, 91, 109, 171, etc.

[2] Kreuzer's. *Symbolik.*

[3] Duncker. *Gesch. des Alterth.*

[4] Littré. *Œuvres complètes d'Hippocrate, traduction nouvelle avec le texte grec en regard.* T. I. (Introduct.)

[5] Humboldt. *Kosmos.* loc. cit.

[6] George. W. Cox. *The Mythology of the Aryan nations.* London. 1870.

[7] «Die phönikischen Einflüsse, welche die Griechen in ihrer Heimath zweihundert Jahre früher zurückgewiesen, hatten sie nun selbst aufgesuchte; diese machten hier zum zweiten Male ihre Wirkung auf die Griechen geltend, wie die Griechen pflegten, verschmolzen sie auch diese Kulte (des Baal-Moloch und der Aschera-Astarte) mit ihren religiösen Anschauungen und den Diensten, welche sie mitbrachten. Das in alter Technik und Kunstbildung gebildete Leben, welches ihnen in diesen altem phönikischen Pflanzorten entgegentrat, war ebenfalls von grossem Einflüss.» Duncker. *Gesch. des Alterth.* III, 255.—Cf. Grote. *Histoire de la Grèce* (trad. franc. de Sadous) I, cap. I, pag. 25 e seg.

deza primordial da edade paleolithica até aos magnificos esplendores de uma cultura, como a grega, sem receber um só reflexo de uma civilisação antecedente ou oriunda de diverso territorio. Assim como as sciencias naturaes não podem assignar com segurança um ponto, que em toda a terra seja authenticamente reputado um *centro de creação* animal ou vegetal, assim tambem e ainda com mais imperiosos fundamentos se póde asseverar que nenhuma civilisação, dentro dos periodos historicos, brotou autóchthona e espontanea. Quando a historia começa a desenrollar o drama vivente das idéas e dos feitos humanos, está por assim dizer já apparelhado e disposto em seus logares o vastissimo scenario das antigas civilisações. A historia é muda e não póde relatar os estados anteriores. As memorias da civilisação cifram-se então nos monumentos megalithicos, e nos testemunhos que a nova sciencia prehistorica vae agora desentranhando para compor o prologo aos annaes escriptos da humanidade.

Toda a civilisação que chegou a subido grau de luzimento procede forçosamente de um *momento* anterior na evolução historica do homem. Só podem ser autóchthonas, se porventura o são na realidade, as civilisações puramente embryonarias, de que ainda hoje, em antithese affrontosa com a multiforme cultura europea ou oriental, nos offerecem curiosos exemplares as tribus selvagens na America, nos archipelagos do Pacifico, e n'outras regiões, onde a vida isolada e retraída do mais ligeiro trato com estranhos, não deixa penetrar um só raio de luz nas trevas centenarias d'aquellas brutas e apartadas gentilidades.

Desde os dias remotos e obscuros, em que o mythico Deucalião imperava na Phtiotida, em que Pelasgo, o filho de Palaichthon, ou da velha terra, lançava em Dodona o primeiro fundamento da vida religiosa e politica da Grecia, desde aquelles tempos nebulosos em que os mythos da Thessalia representam na figura dos Lapithas e dos Centauros as primeiras luctas entre os povos cultivadores e policiados de Gyrton e Elatéa e os feros montanhezes do Pelion e do Ossa; desde aquellas edades primitivas, em que a lenda celebra o diluvio ogygio, e de um phenomeno puramente local phantasia, pela sua fecunda creação, um grande cataclysmo, o qual desde a terra sacra de Dodona se vae estendendo até comprehender toda a peninsula hellenica; a datar d'estas eras mythologicas, em que a rudeza e incultura primitiva confrontavam mui de perto com remotas edades prehistoricas, até os tempos em que a Grecia se consagra como o mais formoso templo da razão, e como o mais grandioso monumento da humanidade, a nação que estanciou n'aquella terra afortunada passou forçosamente pelas varias gradações de progressão historica, fazendo germinar as sementes de civilisação, trazidas do seu antigo berço e acrescentando pelo trato e influencia dos forasteiros o seu thesouro social.

Em nossos dias se nos depára, posto que em diversas condições climatologicas, moraes e geographicas, um grande povo, que é na historia moderna a

Grecia do norte e do occidente. É a Allemanha, cujo progresso é attestado em suas phases successivas por evidentes documentos. Nenhum povo lhe sobreleva no vasto encyclopedismo da sua investigação e na immensa esphera do seu insaciavel pensamento. Nação ao mesmo tempo guerreira e philosophica, imaginosa e positiva; lustrando com egual intrepidez os phantasticos espaços onde gravitam os mundos de Goethe e de João Paulo, e cursando as serenas regiões onde a natureza virginal e pudibunda cede apenas a victoria ao trabalho incessante da sciencia; nação que brota de si os genios de Leibnitz e de Schiller, de Frederico II e de Luthero.

A Allemanha de nossos dias é como a Grecia no tempo de Philippe. Tambem são os barbaros, que os gregos desdenham por irmãos, os que veem instituir a unidade e fecundar o grande imperio, cujo esplendor fugaz e meteorico é apenas a vespera do seu desmembramento. Philippe d'esta vez não irrompe desde Pella, o burgo outr'ora humilde e ignoto da Macedonia, vem de um territorio de slavos fundar a unidade allemã, como o inimigo de Demosthenes, quasi estrangeiro á Grecia, creou o panhellenismo, como o corso, alheio ao torrão antigo e ás glorias passadas da França, tomando na mão a bandeira tricolor, intentou restaurar o cesarismo carlovingio.

E bem. A Allemanha tem no fundo da sua historia os germanos quasi selvagens de Tacito, como a Grecia tem nas suas eras mythicas o povo dos Pelasgos e dos Sellios, aquelles homens que Homero diz dormirem sobre a terra[1], e que se poderiam porventura considerar como *speleus*, ou habitantes das cavernas. A Allemanha, como a Grecia, tem nos primordios da sua historia um paganismo herdado de seus remotos progenitores; e depois como a Hellade recebe de estranhas gentes uma nova religião. A Allemanha é semi-barbara até á reforma, assim como a Grecia no V seculo antes de Christo tem já despido inteiramente as vestiduras infantis e se arroja galhardamente na palestra de uma civilisação fecunda e expansiva. E quem ousaria professar a theoria de que desde Hermann até ao estado de cultura, cifrado nos *Niebelungens*, desde os sagas mythicos até Luthero, desde Carlos V até á civilisação exuberante, que circumda e illumina o throno recente do novo imperio, tudo é espontaneo, autóchthono, original, immune de estranha mescla e de forasteira influição? Quem não poderia debuxar a arvore genealogica do pensamento e da cultura germanica, e pendurar nos seus galhos numerosos os nomes de estrangeiros avoengos? Não está a Grecia rediviva na cogitação dos grandes espiritos allemães? Não é grego o thesouro lavrado por aquelles que procuram assentar, nos monumentos da classica antiguidade os alicerces á moderna

[1] ....'Αμφὶ δὲ Σελλοὶ
Σοὶ ναίουσ' ὑποφῆται ἀνιπτόποδες, χαμαιεῦναι
Iliad. π. 234-5.

sciencia da evolução humana, á historia do mundo, á *Weltgeschichte*, como a appellidam os teutões? Não vivem ainda na Germania culta dos nossos dias tantas e tão fecundas inspirações da cidade immortal do Occidente, d'esta Roma paradoxal, que deu ao mesmo tempo aos autocratas modernos o modelo e a paixão do cesarismo, aos modernos cidadãos o exemplo e a tradição da liberdade? Nasceu Leibnitz porventura da terra sem antecedentes philosophicos e sem externas excitações? Podia Goethe com verdade exclamar como o fabuloso antepassado dos hellenos, nas *Supplicantes* de Eschylo: «Eu sou Pelasgo, o filho de *Palaichton*, ou da terra primitiva»?[1]. Não ha no mundo greco-latino uma genealogia de pensamentos e uma successão de grandes homens, que não tem patria perante a idéa cosmopolita de uma solidaria civilisação? Berkeley e Locke, Descartes e Ramusio, Cardano e Campanella são porventura nomes provinciaes, e Kant, Hegel e a grande escola dos modernos pensadores allemães, crearam a sciencia, vendando os olhos para que o lume já incendido por outros engenhos felicissimos, não profanasse com os seus raios a arrogante pretenção de uma originalidade pueril?

Á semelhança da moderna Allemanha, a Grecia antiga colligiu e concentrou tudo quanto as estranhas civilisações haviam produzido, e, como as industriosas abelhas do seu gentil Hymetto, andou voejando de flor em flor, para destillar o mel de uma cultura universal e opulenta.

Os mythos e as lendas sagradas e heroicas da Hellade apontam a cada passo para as terras estrangeiras, e muitos dos seus deuses e dos seus heroes trazem a sua descendencia de apartadas regiões. Uns vem directamente do berço commum a todas as gentes aryanas, cuja linguagem primitiva, vindo a alterar-se com as migrações a distantes territorios, dá origem ao zend e ao sanscrito, ao grego e ao bactryano. O eolico *Deus*, invocado no valle de Dodona, como o nume que derrama as aguas fertilisadoras, é o mais alto dos *Devas* indianos, o poderoso Indra, que vencendo a Ahi e Britra, dissipa a escuridão e obriga as nuvens a desatar-se em torrentes fecundantes[2].

O culto dos *kabirim*, e da Astarte phenicia são fórmas, com que na tradição hellenica se traduz a larga influencia das civilisações orientaes, por intermedio dos phenicios no primeiro esboço da cultura grega[3]. O mytho de Minos personnifica as frequentes navegações dos phenicios no mar Egêo nos tempos mais remotos da

[1] *Τοῦ γηγενους γάρ εἰμ᾽ἐγὼ Παλαίχθονος*
Ινις Πελαςγου, τῆςδε γῆς ἀρχηγετης
Eschyl. Ιχετιδες. 258-9.

[2] Duncker. *Gesch. des Alterth.* III. 28 e seg.

[3] Duncker. *Gesch. des Alterth.* III. 83-84. Herod. v. 57, 58.

Grecia[1]. A lenda heroica de Theseu e do Minotauro symbolisa a reacção guerreira da Attica insurgida contra a vassallagem, em que a mantinham os phenicios e contra o culto sangrento e feroz do Moloch semitico, representado na figura de um homem com cabeça de touro[2]. O culto de Melkarth, o Melikertes dos gregos, reverenciado no isthmo de Corintho, attestava desde antigas eras que não foram estereis para a Hellade a visinhança das costas da Syria; e as ousadas incursões navaes dos seus mercantis habitadores[3]. O mytho de Inacho e de Io, sua filha, e de Ægypto, e Danao, se não tem, como pensa Duncker[4], um sentido puramente astronomico, parece enlaçar ás tradições egypcias as lendas hellenicas[5].

Io, aquella mulher errante, a quem o agrilhoado Prometteu na tragedia de Eschylo, prophetisa as mais temerosas aventuras[6], é, depois da sua metamorphose, a Ast arte cornigera dos phenicios, a vacca Isis do velho Egypto, e sem duvida uma das numerosas revelações de que os mythos religiosos e cosmologicos do Orien te se naturalisaram nas terras hellenicas, patentes e hospitaleiras a todas as idéas peregrinas. Entre os descendentes de Io numeram-se o negro Epapho, identico ao touro Apis de Memphis, Belo, o mesmo que o Baal dos Syrios. Cecrops, o funda dor mythico de Athenas, é, no conceito de alguns escriptores gregos, o symbolo da communicação e parentesco entre os athenienses e os egypcios[7], se não é, como outros opinam, o *οἰκιστής* ou conductor de uma colonia egypcia, que vem de Sais plantar na Attica a civilisação das terras banhadas pelo Nilo[8]. Porphyrion, que na Attica institue o culto da Aphrodite Urania, a deusa phenicia de Cythera, é o *homem de purpura*, frequente designação dos ousados navega-

[1] Duncker. *Gesch. des Alterth.* III. 105.

[2] Ibid.

[3] Duncker. *Gesch. des Alterth.* III. 113.

[4] Duncker. *Gesch. des Alterth.* III. 118.

[5] Τὸν γάρ Δαναὸν καὶ τὸν Λυγκέα, ἐοντας Χεμμιταί, εκπλῶσαι ἐς τὴν Ἑλλαδα. Herod. II. 91.

[6] Τὰ λοιπὰ νῦν ἀκούσαθ' δῖα χρὴ πάθη
Τλῆναι πρὸς Ἥρας τήνδε τὴν νεάνιδα,
Σὺ δ' Ἰνάχειον ςπέρμα τοὺς ἐμοὺς λόγους
Θυμῷ βάλ' ὡς ἂν τέρματ' ἐκμάθῃς ὁδοῦ etc.

Eschyl. Προμηθευς δησμωτης. (*Prometheu agrilhoado*) v. 702 e seg.

Τὸ γάρ τῆς Ἴσιος ἄγαλμα ἐὸν γυναικήϊον, βύκερών ἐστι κατάπερ Ἕλληνες τὴν Ἰοῦν γράφουσι. Herodot. II. 41.

[7] Μάλα δὲ φιλαθήναιοι (os Saitas) καὶ τινα τρόπον οἰκεῖοι τῶνδ' ειναι φασιν. Plat. Τιμαιος. *Oper. Omn.* Basil. 1534. II. 474.

[8] Euseb. *Chronic.* p. 52, 101.

dores de Tyro e de Sidon[1]. O mytho de Theseu e das Amazonas exprime que Athenas havia recebido no seu *Amazoneion* o culto libidinoso da Astarte-Aschera, tambem introduzido em Acrocorintho e na Thessalia, no promontorio Ténaron, em todos os logares aonde as irrupções phenicias haviam penetrado triumphantes è dominadoras[2]. A tradição dos sacrificios humanos, dos Athamantidas, immolados nas aras do sinistro Zeus Laphystio em Halos, repugna aos sentimentos religiosos da Grecia, e representa os phenicios maculando com sangue as aras incruentas dos primitivos aryanos[3]. Jason e os argonautas symbolisam as navegações aventurosas, que tem Iolchos por ponto de partida e enlaçam as relações da Grecia e da Phenicia. Os Mynios de Iolchos demandam dos estabelecimentos phenicios de Lemnos e de Thasos, as mercancias de que só póde abastecel-os o povo mais industrioso e mercantil da antiguidade asiatica[4]. A ilha de Creta, a breve distancia do littoral da Syria, é desde os tempos mais remotos povoada de colonias phenicias. D'ali avança aquella gente aventureira até ás ilhas do mar Egêo. Em Melos, Thera, e Oliaros e em Cythera finalmente dominam os phenicios por largos annos. A todas as ilhas e costas do mar Mediterraneo, a todos os povos marginaes thracios, hellenicos, siculos, ibericos e libycos estendem os phenicios as suas navegações, e em todos fundam colonias e feitorias. Os antigos dominadores do mar, os nautas que saindo da grande Sidon, do universal *mercado das nações*, enchiam todas as ilhas, na phrase do propheta[5], eram na antiguidade, segundo appositadamente observa Duncker, o que foram dois mil e quinhentos annos depois para mais remotos climas os portuguezes do Gama, de Cabral, de Magalhães[6]. O culto de Aphrodite na ilha de Creta é, conforme Herodoto, directamente derivado das costas da Syria, de Ascalon no territorio dos philisteus, aonde a deusa Derketo tinha o seu sanctuario[7].

[1] Duncker. *Gesch. des Alterth.* III. 105.

[2] Ibid. 107.

[3] Den Dienst des Zeus Verschlinger ist den Hellenen sonst ganz unbekannt; er erinnert sehr deutlich an den Moloch der Phönikier.» Duncker. *Gesch. des Alterth.* III. 67. —Buttmann. *Ueber den Kronos oder Saturnus* (nas *Abhandl. der philosoph. Klasse* der *Königl. Preuss. Akadem. der Wissenchaften.* 1818) pag 179.—Herod. VII. 197.

[4] Duncker. *Gesch. des Alterth.* I. 306 e III. 73.

[5] Tacete, qui habitatis in insula: negotiatores Sidonis transfretantes mare, repleverunt te. Jesaiah XXIII. 2.

[6] «Im Besitz der alten Bildung des Orients standen die phönikischen Seefahrer und Kaufleute den thrakischen, hellenischen, sizilischen, libyschen und iberischen Stämmen kaum anders gegenüber als die Portugiesen und Spanier zweitausend fünfhundert Jahre später den Bewohnern von West-und Ostindien.» Duncker. *Gesch. des Alterth.* I. 315.

[7] Herod. I. 105. Duncker. *Gesch. des Alterth.* I. 306.

O vulto multiforme de Proteu é, segundo o parecer de eminentes hellenistas allemães, a figura mythica da antiga e audaz navegação, que tem no Oriente o ponto de partida das suas largas singraduras e enlaça a Europa com a Asia e com o Egypto[1]. Cadmo é, conforme o pensar commum dos gregos, o representante das influencias phenicias na Beocia[2], assim como o inflexivel Minos symbolisa a communicação dos phenicios e dos gregos na ilha de Creta[3]. É Cadmo quem liberalisa aos gregos o uso do alphabeto phenicio, as lettras *cadmeas*, que Herodoto affirma ter visto no templo de Appollo Ismenio[4], quem dá começo á edade de bronze na Hellade, e celebrando as suas nupcias com Harmonia, a virgem de olhos *bovinos*, βοῶπις, na phrase do lyrico beocio, faz que as musas já libertas de suas cadeias aureas, cantem em Thebas, na cidade *heptopyla*, ou de sete portas[5].

Esta Harmonia, com que o heroe phenicio reparte o seu thalamo, é a ordem, é a paz, é a legislação, é a vida culta, social, policiada. O filho de Cadmo chama-se Polydoro, que em grego tem por significado o manirrôto, o que dá liberalmente. A Aphrodite Urania de Thebas, ainda depois de hellenisada não perdeu de todo o ponto as feições da Astarte Sidonia. A deusa, que

[1] «Proteus sei das Bild der Schiffahrt, die ihre Heimath, ihren Ausgangspunkt in Osten hat, und mit Aegypten in enger Berührung steht. Das wäre die phönikische und ein enger Verkehr der Aegypten und Phönicier in uralter Zeit wird jetzt allgemein anerkannt.» Naegelsbach *Homerische Theologie*. Nuremberg. 1861, pag. 86.

[2] «Der phönikische Mythos von dem Baal-Melkarth und der Astarte ist in der griechischen Sage von Kadmos zusammengeflossen mit den Ansiedlungen der Phönikier auf den Insele des ägäischen Meeres... mit der Erinnerung an die technische Kultur und Bildung, welche die Griechen der alten Zeit von den Phönikiern empfangen hatten.» Duncker. *Gesch. des Alterth.* I. 308.

[3] Duncker. *Gesch. des Alterth.* I. 306-7.—Herod. IV. 147.

[4] Ἶδον δὲ καὶ αὐτὸς Καδμήϊα γράμματα ἐν τῷ ἱρῷ τοῦ Ἀπόλλωνος ἐν Θήβησι τῇσι Βοιωτῶν. Herod. V. 59.

[5] Λέγονται γε μαν βροτων
Ολβον ὑπερτατον οἱ
Σχειν, οἵ τε καὶ χρυσαμπύκων
Μελπομενᾶν ἐν ὄρει
Μοισᾶν, καὶ ἐν ἑπταπύλοις
Ἄιον Θήβαις, ὁπος Ἁρ—
μονίαν γαμε βοῶπις.
Pindar. *Pythic*. Od. III.

Herod. V. 57, 58.

n'um periodo de transformação dos mythos religiosos, será sómente o nume tutelar da geração, a expressão anthropomorphica das forças geneticas da natureza, e finalmente idealisada pela phantasia plastica dos gregos virá a ser, em vez da impudica Astarte ou da sensualissima Aphrodite Porne, a personificação do amor e da belleza[1], tem ainda em Cythera, como attributo da sua indole guerreira a lança, que é o emblema da deusa phenicia[2]. Os estabelecimentos coloniaes dos Tyrios e Sidonios nos territorios povoados por tribus hellenicas estendem-se desde as ilhas do mar Egêo até os promontorios da Sicilia, onde tão esplendida floresceu a cultura da Grecia[3]. Os poemas homericos attestam que as mais custosas preciosidades que os principes e os heroes encerravam nos seus thesouros, os vasos de bronze e de prata primorosamente cinzelados, as formosas tapeçarias, as sumptuosas vestiduras, que, na linguagem do epico, resplandecem como lucidas estrellas, eram productos de Sidon, a fabril, a navegadora, a mercante universal[4]. Muitas das minas hellenicas, principalmente as de Thasos, segundo observa Böckh, eram lavradas pelos phenicios, que de remotas regiões iam buscar a materia prima com que fabricar os artefactos de suas industrias metallurgicas[5].

[1] Duncker. *Gesch. des Alterth.* III. 306.
[2] Duncker. *Gesch. des Alterth.* I. 308.
[3] Thucyd. VI. 2.—Movers, *Kolonien der Phönizier*, 334.

[4] .... *Οἱ πεπλοι παμποίκιλοι, ἔργα γυναικῶν*
Σιδονίων, τὰς αὐτὸς Ἀλέξανδρος θεοειδὴς
Ἤγαγε Σιδονίηθεν ἐπιπλὼς εὐρεα πόντον.
Iliad. Z. 289-91.

Nos jogos funebres, celebrados em honra de Patroclo, o premio da carreira, offerecido por Achilles, é um *cratér*, ou vaso de prata, artisticamente cinzelado, que excedia na belleza a tudo quanto na terra se admirava, e d'esta preeminencia dá o poeta a razão, dizendo que o haviam fabricado artistas sidonios, *πολυδαιδαλοι*, engenhosissimos.

Πηλείδης δ'αἶψ'ἄλλα τίθει ταχυτητος ἄεθλα,
Ἀργύρεον κρητῆρα τετυγμένον...........
....ἀυτὰς κάλλει ἐνίκα πᾶσαν ἐπ' αἶαν
Πολλόν, ἐπεὶ Σιδόνες πολυδαίδαλοι εὐήσκησαν,
Φοίνικες δ'ἄγον ἄνδρες επ'ηεροειδέα πόντον.
Iliad. Ψ. 740-4.

[5] «Sicher ist, dass viele Bergwerke in diesen Gegenden zuerst von Morgenländern benutzt wurden, wie die Thasischen von den Phöniciern.» Böckh. *Ueber die Laurischen Silberbergwerke in Attika* (Sobre as minas de prata de Laurion na Attica) nas Memorias da Academia Real das Sciencias de Berlim, class. philosoph. 1818. pag. 92.

Esta preexcellencia dos phenicios nas industrias e nas artes, este monopolio que elles exercem justamente quando a Grecia é ainda semi-barbara, tem a sua personificação no mytho de Dedalo. O artifice, cujo nome fulgura entre as sombras de uma edade nebulosa, como o iniciador das artes hellenicas, como engenho illuminado em todos os segredos da technica, este symbolico personagem que se altêa ao lado de Minos — a expressão do predominio phenicio — representa os hellenos derivando de Creta, — a ilha das noventa cidades segundo Homero, a terra do Minotauro, ou do cornigero Moloch, — todo o seu primevo saber e habilidade nas artes industriaes. Dipœno e Scyllis, dois estatuarios gregos de remota antiguidade são, segundo a lenda, filhos ou alumnos de Dedalo[1].

Um dos mythos mais notaveis da Grecia é o mytho de Herakles ou Hercules. A figura do heroe thebano compõe-se em parte de feições hellenicas e em parte de traços litteralmente copiados dos typos religiosos da Syria e da Asia menor. Em muitos dos seus feitos maravilhosos estão amalgamados e fundidos os caracteres do filho d'Amphithryão e os do Melkarth oriental[2].

Este influxo poderoso e incontestavel dos phenicios, se não póde assumir plausivelmente as proporções que lhe attribuiu nos ultimos annos o douto professor sueco Nilsson, honrando aquelle povo com o haver iniciado na Europa ainda inculta a edade de bronze[3], é todavia um facto que domina a historia antiga, porventura no mesmo grau em que o mercantilismo universal dos modernos navegadores transatlanticos é a feição essencial do mundo christão desde o seculo XV.

VI

Interminavel ou prolixa houvera de ser a enumeração de quantos documentos nos exhibem os mythos e as memorias hellenicas, para confirmar a doutrina de que varios e copiosos elementos forasteiros ministraram os elementos á mais opulenta, expansiva e creadora civilisação de quantas houve jámais no mundo

[1] Winkelmann. *Storia delle arti del disegno.* II. 167. Brunn's. *Griechische Künstler (Artistas da Grecia)*, p. 43 «Es ist kein Zweifel dass die Griechen auf Kreta neben bedeutsamer Einwirkung phönikischen Wesens auf ihr religiöses Leben... auch Förderung ihrer technischen Bildung erfuhren. Unter den ältesten griechischen Künstlern werden Dipoenos und Skyllis von Kreta genannt und zu Söhnen oder Schülern des Daedalos.» Duncker. *Gesch. des Alterth.* III. 256.

[2] Duncker. *Gesch. des Alterth.* III. 131.

[3] *Skandinaviska Nordens Urinvånare* (habitadores primitivos do norte da Scandinavia) Af S. Nilsson, Stockholm, 1862. — *Prehistoric Times as illustrated by ancient Remains* by John Lubbock. Londres, 1865, pag. 36 e segg.

antigo. A Grecia, era geographicamente a passagem mais directa e natural entre o Oriente e o Occidente, entre os imperios asiaticos, onde a cultura madrugou, e as povoações europeas, onde o sol do entendimento foi mais remisso em despontar. «Uma serie de ilhas (observa Duncker) que principiava desde as costas orientaes da Hellade figurava os pilares de uma ponte até o littoral da Asia Menor[1].» Como na ordem physica assim tambem na progressão historica e na continua evolução humana, teve a Grecia por missão o enfeixar a cultura, a sciencia, a arte, a religião dos povos do Oriente e do passado para as transmittir amplificadas ás gentes do Occidente e do futuro. Era como um grande prisma, aonde vinham incidir os raios luminosos do Oriente e se refrangiam e dispersavam para nos dar a nós, como n'um spectro solar, com os seus matizes brilhantissimos e tambem as suas fachas obscuras de Frauenhofer, a luz do antigo mundo. Se a chronologia humana em vez de a referirmos aos successos da fé, houvessemos de a fundar nas profundas mutações do pensamento, teriamos de datar dos tempos mais florecentes da Grecia, talvez do v seculo antes de Christo, a edade moderna da humanidade. Assim veriamos anteceder no mesmo grande periodo ao alvorecer do christianismo o crepusculo d'esta inquiridora e reflexiva gentilidade, que sorrindo de Jupiter Olympico, prepara com os primeiros triumphos da razão o advento da lei nova.

O progresso é como uma serie divergente, cujos termos se compõem dos que immediatamente lhes antecedem, segundo uma lei invariavel. Os termos antigos estão contidos nos modernos. A historia da civilisacão, ou a philosophia da historia teria resolvido por completo o seu problema se podesse, como fazem os analystas, em relação ás series mathematicas, exprimir o termo geral e formular a sua lei. A civilisação hellenica foi um dos élos necessarios na longa cadeia da humanidade. Do amplissimo circulo em que se dispõem as antigas civilisações, aryano-iranicas ou semiticas, a Grecia foi o centro. Como nos espelhos ustorios do geometra syracusano, o calor intellectual de toda a antiguidade concentrava-se na Hellade, como n'um foco poderosissimo.

Foi tão grande, tão energico, tão irresistivel o impulso, que o genio grego soube imprimir á civilisação christã, que ainda hoje,—e já são decorridos tantos seculos depois que a cultura hellenica deixou de ser viva e creadora,—para todos os lados aonde volvamos os olhos e o entendimento, se nos deparam em deredor as memorias d'aquelle povo benemerito; comnosco vivem; comnosco se associam. Das nossas theorias, das nossas audazes especulações nas spheras mais eminentes da philosophia ou da sciencia, são mãe e fonte immediata o saber e o genio grego.

[1] Seine besten Landschaften nicht blos, auch seine besten Buchten und Häfen lagen im Osten. Von der Ostküste führte eine Reihe von Inseln wie die Pfeiler einer Brücke nach dem Gestade Kleinasiens hinüber. Duncker. *Gesch. des Alterth.* III. 6.

Levamos-lhe vantagem na idéa religiosa, na civilisação physica, e em muitos pontes da moral. Accumulámos, pela nossa propria actividade crescidissimos thesouros intellectuaes. D'onde elles pararam na carreira, contámos nós o nosso estadio. Mas os Hellenos nos alhanaram a arena, onde lucta indefesso e triumphante o espirito moderno[1]. Elles nos ensinaram a dilatar a investigação até ás infinitas regiões do universo. Elles nos doutrinaram para que podessemos contrair o pensamento e internal-o, pela razão reflexiva, nas suas proprias e incommensuraveis profundezas. Nenhuma idéa, nenhuma doutrina, por transcendente ou innovadora, que hoje nos pareça, deixa de ter nas floridas regiões da antiga Hellade o seu germen já fecundo. A mesma liberdade, que nós os homens da revolução nos jactamos de haver quasi inventado pelas fórmas, de que a vestimos e ornámos, os gregos nol-a estiveram por muitos seculos amadurecendo e cultivando, para que até n'este assumpto não perdessem o privilegio singular de serem em todas as expansões da intelligencia os nossos iniciadores e os nossos mestres.

Vejamol-os primeiro na philosophia. É a philosophia, segundo muitos a definem, aquelle supremo esforço, com que a razão a si mesma se pensa, se conhece, se investiga, e procura dentro em si mesma um mundo intelligivel, que responde ao mundo externo, que o retrata e delinea, como n'uma camara escura se desenha a paisagem exterior. A philosophia nasce com os mais adiantados progressos da cultura[2]. Todo o povo que soube levantar-se á concepção de um systema theologico e cosmogonico, formulou necessariamente os primeiros e fundamentaes problemas, que o espirito, interrogando-se a si proprio e ao universo, encontra como se fôra no propyleo e na portada de todo o seu edificio intellectual. Todo o systema religioso, quando despidas as primeiras faxas de um culto externo e material, se aventura a definir as relações da divindade com o mundo phenomenal e com o pensamento e o destino da humanidade, contém implicitamente uma philosophia indecisa nos seus primeiros lineamentos, e imperfeita nas suas timidas generalisações. Todos os povos indo-germanicos, e principalmente os indo-iranicos perlustraram os caminhos escabrosos d'esta sciencia, mãe-universal. A philosophia não brotou espontanea e original no solo feracissimo da Grecia. De fóra e de longe a trouxeram, porventura, as successivas invasões dos costumes, dos cultos, das instituições e das idéas peregrinas. Na sua primeira e mais antiga phase, a philosophia hellenica é materialista e cosmogonica. É, como a religião, essencialmente naturalista e directamente derivada dos aspectos mais sensiveis da natureza. As forças, que mantêm o *Kosmos*, e as suas multiplices revelações nos phenomenos planeta-

[1] Curtius. *Griechische Geschichte (Historia da Grecia)* I. 24.
[2] Hegel. *Geschichte der Philosophie* nas *Hegel's Werke*. T. XIII, pag. 65-66.

rios, estellares e meteorologicos, divinisadas pelo espirito imaginoso e pictoresco das primeiras gentes aryanas, povoaram de deuses o firmamento, e pozeram de sentinella a cada manifestação do movimento e da materia o seu nume regulador e tutelar.

A philosophia, nos seus primeiros arremessos, é necessariamente empirica e experimental. A sua corrente dirige-se do universo para os sentidos, do mundo exterior para o humano entendimento. Não é ainda a razão que formúla o idealismo para lhe sujeitar como productos seus todas as apparencias da naturéza material, e para attestar com audaz affirmação a omnipotencia creadora do espirito. Na mais remota antiguidade o mesmo é ser *cosmologo* que philosopho. A philosophia tem na Grecia e no Oriente um problema primordial que resolver: a origem e a creação do universo. Os mythos cosmogonicos enlaçam-se com os mythos religiosos e n'elles se consubstancía, nas suas primeiras tentativas, a philosophia dos povos ainda infantis no berço da cultura. Algumas das doutrinas cosmogonicas da philosophia grega e oriental, encontram-se na sua fórma de maior simplicidade e de rudeza mais sincera n'algumas tribus insulares do mar do sul[1].

O naturalismo philosophico da Grecia, assim como o seu materialismo religioso, a deificação das forças naturaes, derivou-se, como as suas primeiras e singelas instituições, como o primitivo lavor dos seus campos e o rude pastorear dos seus rebanhos, d'aquelle antigo povo aryano ou indo-germanico, do qual por varias e radiantes migrações vieram a brotar, a uma parte os hindús e os iranios com os gregos e os italo-celticos, a outra parte os slavos e os teutões.

A origem da philosophia attribuiu Platão no seu *Theæteto* a este sentimento indefinivel de mystica admiração pelos grandes phenomenos da natureza[2]. O entendimento ainda infantil dos povos rudes e mal policiados admira o universo, e sobre este fundamento levanta o desornado edificio da sua inexperiente philosophia. A razão mais culta e aprimorada abalança-se depois a explicar o que a principio tivera por assombroso.

A philosophia grega tem como toda a civilisação hellenica a sua raiz nas idéas primitivas e no espirito synthetico dos povos aryanos. Na India e no Iran como na Grecia, o entendimento, como que deslumbrado primeiramente pela apparente desconnexão e variedade interminavel dos phenomenos da natureza, forceja por elevar-se a descobrir o sentido religioso e philosophico do

[1] *Conférences sur la théorie darwinienne* pelo dr. Luiz Büchner, trad. de Aug. Jacquot. Leipzig, 1869, pag. 181.

[2] Μαλα γὰρ φιλοσόφου τοῦτο τὸ πάθος τὸ θαυμάζειν. οὐ γὰρ ἄλλη ἀρχὴ φιλοσοφίας, ἢ ἄυτη. Plat. Θεαιτητος. *Oper. Omn.* Basil. 1534. I. 74.

mundo phenomenal e por comprehender n'um todo harmonico, no τὸ παν, a essencia do universo[1].

Este anhelo supremo da razão a dominar n'um systema theologico-philosophico os infinitos aspectos do mundo material influia um extremo incitamento n'aquellas regiões, em que a natureza patenteava mais varias e pictorescas as suas apparencias. Ali o espirito respondia á vivacidade e á frequencia das externas impressões, redobrando de esforço e tenacidade para retratar no mundo subjectivo o Kosmos phenomenal e inquerir a fonte, d'onde emanava este universo admiravel e opulento[2].

Da contemplação da natureza, tendo o homem por instrumentos a sensibilidade, a phantasia e a razão, nasciam desde logo associadas e ao parecer inseparaveis a theologia, a cosmogonia e os systemas philosophicos. No processo da investigação a philosophia assenta arraiaes proprios e levanta a sua bandeira dissemelhante, e não raro hostil, á theologica. D'este berço commum e d'este primitivo parentesco é notavel documento a alliança, que a espaços se celebra entre a cosmologia da razão e a cosmogonia da fé sob as proprias influencias do christianismo. O neo-platonismo é nos primeiros seculos da egreja a intentada reconciliação entre o pensamento philosophico e a idéa religiosa. E durante a meia edade a escholastica não é mais do que a philosophia e a theologia fundidas n'um só corpo; a palavra e a tradição christã aferidas a cada passo pelas regras de Aristoteles; o ethnico de Stagira quasi egualado na doutrina ao apostolo de Tarso.

VII

A concepção metaphysica, o pensamento reflectido, tendo por objecto de suas especulações a natureza nas suas relações com Deus e com o espirito humano, haviam produzido systemas de philosophia antes que na Ionia, onde as idéas do Oriente se enlaçavam á cultura hellenica, se levantasse incompleta, mas audaz nas suas generalisações, uma escola de arrojados pensadores. Á philosophia theologica da *Vedânta*[3], que era na mais alta antiguidade hindustanica o

[1] «Es ist der Trieb, in den Erscheinungen der Natur einen höheren Sinn und eine höhere Bedeutung zu sehen, in jeder einzelnen Erscheinung das Ganze zu einfassen, zu empfinden.» Duncker. *Gesch. des Alterth.* II. 63.

[2] Duncker. *Gesch. des Alterth.* II. 63.

[3] «Das älteste System der Inder ist noch bei weitem mehr Theologie als Philosophie, es ist wesentlich formaler Natur und schliesst sich eng an die traditionelle Seite der Religion, an die Erklärung der Veda.... Auch der Name Vedanta, Ende der Veda,

mesmo que depois a escholastica para a theologia christã da meia edade, succedeu, quando a razão se libertou um pouco mais dos vinculos religiosos, o systema da *Mimânsâ*. Este corpo de doutrina eleva-se pelas suas interrogações ás mais subidas spheras da cogitação humana. O dualismo de Brahma, —o espirito puro e universal— e da natureza sensivel com todas as suas grandiosas manifestações, apparece na sua perpetua contradicção como um obstaculo, ao parecer insuperavel, contra a unidade e clareza do pensamento philosophico. Conciliar o Brahma, a alma do mundo, com a revelação sensivel do universo physico, tornar possivel a coexistencia do absoluto, do immaterial, do intelligivel, do que exclue na sua noção a idéa da materia, com esta multifaria, quasi infinita natureza, que de Brahma procede e se deriva; resolver este dualismo, negando ousadamente o mundo material como uma phantastica illusão; concentrar exclusivamente a substancia n'um ente unico, universal, n'um espirito superno, o *Paramatma;* assentar sobre o nada da natureza o throno de Brahma, revelado nas sagradas tradições dos *Vedas*; exprimir por uma imagem arrogante (e a philosophia em todas as edades e momentos da sua longa evolução mal sabe desprender-se da allegoria e da metaphora, innegaveis testemunhos de sua primeira origem sensualista) debuxar, diremos, n'uma imagem pictoresca a alma do mundo como um fogo divino, de que se desprendem como scintillas todas as existencias sensiveis e phenomenaes, e a que retrocedem novamente n'uma eterna circulação [1]; reduzir a natureza á *Mâya*, isto é, a uma subjectividade, a uma creação delusoria dos sentidos; fazer da alma humana uma porção inseparavel da alma universal; affirmar que o homem e Brahma são identicos; concluir d'estas premissas francamente pantheisticas, como doutrina moral e teleologica, que a missão do homem é desatar-se dos vinculos corporeos e volver ao seio do espirito universal; tal é a solução que o genio philosophico dos brahmanes, preludiando as mais subtis abstracções da philosophia europea nos antigos e modernos tempos [2], deu ao problema da origem e da causalidade no universo. Pela primeira vez na historia do pensamento o espirito humano, desprendendo-se resoluto da sujeição e vassalagem dos sentidos, insurgindo-se contra a sua evidencia e auctoridade, os averba não sómente de suspeitos, mas de fallazes no extremo grau, renega a realidade, reduz a nada a materia com

bezeichnet es als den Abschluss und die Summe der commentirenden Theologie.» Duncker. *Gesch. des Alterth.* II. 164—Roer. *Lecture on the Sankhya Philosophy*. Calcutta, 1854, pag. 19.

[1] «Wie Funcker aus dem sprühenden Feuer, heisst mit einer Wendung welche auch dem Gesetzbuche schon bekannt ist, gehen die lebendigen Wesen aus der Weltseele hervor und kehren in sie zurück.» Duncker, *Gesch. des Alterth.* II. 166.

[2] Duncker. *Gesch. des Alterth.* II. 166, 167.

todas as suas fórmas innumeraveis e os seus aspectos risonhos ou sinistros, e aloja no immenso vacuo d'esta assolação universal o espirito infinito, o Brahma intolerante, que não consente em repartir com a natureza a sua eterna, mas ociosa soberania [1].

O processo intellectual, que faz da philosophia na successão dos tempos, uma serie interminavel de termos positivos e negativos, de affirmações e negações, de doutrinas que alternativamente se sobrepõem e se renovam, sem jámais poder chegar á verdade absoluta, tem os seus exemplos e as suas tradições na philosophia indiana. Ao mónismo pantheistico da *Mimânsâ* succede o dualismo da *Sankhya*. Kapila, o fundador d'este systema, a quem a lenda fabulosa, como a um dos sete *Rishis* ou santos principaes, se compraz em dar por immediato progenitor o proprio Brahma, ou em representar como uma encarnação de *Agni* ou de Vishnú [2], restitue á natureza os seus fóros de existencia e realidade. Os phenomenos naturaes não são apenas uma phantasmagoria sensual. A natureza primitiva, a origem plastica de tudo, a materia increada, *indiscreta*, indistinguivel [3], a *Mula Prakriti*, é a causa de todo o mundo phenomenal. Com ella coexiste porém independente e heterogenea *Budd'hi*, a Intelligencia, a Alma, que semelhante á luz dissipa as trevas materiaes. Dois principios eternos, explicam, segundo a Sankhya, a ordem do universo; a natureza e a alma; a primeira una, multipla a segunda [4]. Da Intelligencia e da sua acção sobre a natureza nasce o *Eu*, a individualisação, o que na expressão sanskrita tem o nome de *Ahankara* [5]. Pela união da alma e da natureza se effectua a creação [6]. A San-

[1] «Man wird die Befähigung der Inder zur philosophischen Spekulation, man wird den Schwung des Gedankens anerkennen müssen, welcher zum ersten Mal in der Geschichte die Behauptung aufstellt, dass unsere Sinne lügen, dass alles was uns umgiebt Schein und Tauschung sei, welcher die ganze Welt der Dinge weglaügnet, welcher sich der Handgreiflichkeit, der gesammten Realität gegenüber keck auf sein inneres Erkennen stellt, gegen welches das Zeugniss der Sinne nicht in Betracht kommen könne.» Duncker, *Gesch. des Alterth.* II. 167.

[2] *On the Philosophy of the Hindus* by Henry Thomas Colebrooke, Part. I nas *Transactions of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland*. Vol. I. 1827, pag. 21.

[3] Colebrooke. *On the Phil. of the Hind.*, I, pag. 30.

[4] «Die Natur ist blind und ohne Intelligenz «das Licht kann nicht aus der Finsterniss stammen,» die Intelligenz kann nicht die Wirkung der Natur sein. Die Ursache der Intelligenz ist die Seele, welche vollkommen von der Natur verschieden neben dieser existirt. Natur und Seele sind die beiden Prinzipien der Welt. Die Natur ist ewig und eine; die Seele ist ebenfalls ewig, aber nicht eine, sondern vielfach.» Duncker, *Gesch. des Alterth.* II. 169.

[5] Ibid. pag. 170.

[6] «By that union of soul and nature, creation, consisting in the development of in-

khya é em todas as suas variadas seitas e escolas uma heretica protestação contra as doutrinas da *Mimânsâ*, que se propunham conciliar a fé e a razão, a velha crença de Brahma com o dualismo philosophico. Este systema heterodoxo, reconhece apenas o espirito do homem como o unico poder activo, energico, intelligente no meio do universo. Sómente a philosophia, ou o verdadeiro conhecimento de verdade póde ensinar os meios, pelos quaes se alcança a eterna beatitude. É uma aberta insurreição contra a mythologia antiga e a revelação da divindade; uma negação audaz de todas as tradições religiosas; uma severa condemnação da ascese, e dos sacrificios *(ásva méd'ha)*, da mortificação e da liturgia, com que a philosophia theologica preparava os homens a volverem ao seio do seu Brahma [1]. É o racionalismo brotando como sempre do seio da philosophia escholastica e formal, que pretendia congraçar o livre pensamento com os textos dogmaticos da fé [2]. O systema de Kapila tem por termo derradeiro das suas especulações a negação do *Is'wara*, do deus pessoal e volitivo, do supremo regulador do universo. Segundo a Sankhya a existencia de uma absoluta divindade não póde ser percebida pelos sentidos, inferida pelo raciocinio, nem demonstrada pela revelação [3].

A philosophia é semelhante a uma frecha, que partiu do arco depois de retesado com incerta e fallivel pontaria; não é dado ao espirito humano desvial-a na sua aventurosa trajectoria. Houve o intento de mirar a um alvo, e n'outro se foi cravar o tiro. O pensamento, uma vez despeado de suas cadeias, arremeça-se ás alturas nebulosas da especulação e pelos seus processos subtis e paradoxos allia a cada passo o ser e o não ser, a vaidosa convicção da humana magestade, e a desconsoladora consciencia do seu nada. Como duas irmãs, que

tellect, and the rest of the principles, is effected.» Colebrooke. *On the Phil. of the Hindus*, Part. I, pag. 32.

[1] «It is true knowledge, as Capila and his followers insist, that alone can secure entire and permanent deliverance from evil: whereas temporal means whether for exciting pleasure, or for relieving mental and bodily sufferance, are insufficient to that end, and the spiritual resources of practical religion are imperfect, since sacrifice, the most efficacious of observances, is attended with the slaughter of animals, and consequently is not innocent and pure; and the heavenly meed of pious acts is transitory.» Colebrooke. *On the Phil. of Hindus*, Part. I, pag. 26 e 27.

[2] «The other, (Capila's) is atheistical, *(niriswara-sanc'hya)* as the sects of Jina and Buddha in effect are; aknowledging no creator of the universe, nor supreme ruling providence. The gods of Capila are beings superior to man; but, like him, subject to change and transmigration.» Colebrooke. *On the Phil. of the Hindus*, Part. I, pag. 25.

[3] «Capila.... denies an Is'wara, ruler of the world by volition: alleging that there is no proof of God's existence, unperceived by the senses, not inferred from reasoning, nor yet revealed.» Colebrooke. *On the Phil. of the Hindus*, Part. I, pag. 37.

tiveram o mesmo berço, e se foram depois na vida afastando mais e mais, irreconciliaveis e hostis, a philosophia e a theologia na antiguidade, germinam do mesmo grão para logo se desunirem fatalmente.

A *Vedânta* abre o cyclo ás especulações philosophicas do Oriente. A *Mimânsâ* ainda orthodoxa na intenção, arma os engenhos especulativos para um torneio dialectico em redor das velhas tradições religiosas, e põe em debate e controversia a sciencia sacerdotal, como na meia edade a escholastica de Roscelin, de Champeaux, de Okkam, de Lanfranc e d'Abélard abre o passo a principio estreito e espinhoso, por onde mais tarde hão de irromper em turbilhões as heresias mediévas. A Sankhya proclama ousadamente o racionalismo e offerece ao homem como fim da philosophia e da moral a *Moksha*[1], a completa libertação do espirito, o desapego de todas as illusões, o retrocesso da alma humana á sua natureza verdadeira[2]. Mais um estadio percorrido no caminho e a razão desassombrada de todos os leames tradicionaes, mesclando ás deducções de uma dialectica, não menos arguta e engenhosa que a dos Eleatas e de Platão no seu *Parmenides*, as concepções extravagantes da phantasia hindu[3], presta a Buddha as suas azas vaporosas e diaphanas, para sonhar, segundo a lenda, no Himalaya, —na mais alterosa montanha do velho continente, — a mais alta concepção da philosophia oriental.

A philosophia de Buddha, Gautama ou Çakya-Muni representa aquelle estado da sciencia especulativa, em que o espirito incurioso de resolver as questões da natureza, converte a sua inteira actividade ao temeroso problema da vida humana e do seu destino derradeiro. É como a philosophia socratica e o idealismo de Platão, apoz as doutrinas *physiologicas* da Ionia, e a escola dialectica de Eléa, uma philosophia essencialmente moral. Os seus processos de nebuloso ra-

[1] «Mócsha is liberation, or deliverance of the soul from the fetters of works. It is the state of a soul, in which knowledge and other requisites are developed.» Colebrooke. *On the Phil. of the Hindus*, Part. IV, nas *Transact. of the Royal Asiat. Society*. Vol. I, pag. 553.

[2] Max Müller. *Essais sur l'histoire des religions*, trad. franc. de Georges Harris. Paris 1872, pag. 387.

[3] «Mit solcher dialektischen Consequenz, die freilich wie alle Produkte des indischen Geistes von phantastischen Voraussetzungen ausgeht, selbst phantastisch getrübte ist und die zeitfolge sehr häufig für das Verhältniss von Ursache und Wirkung nimmt, suchte Buddha zu den letzten Ursachen und den letzten Zielen vorzudringen.» Duncker *Gesch. des Alterth.* II. «Les idées religieuses et métaphysiques n'ont nulle part jeté dans l'esprit d'une nation des racines aussi profondes que dans l'Inde.... Nous ne trouvons pas dans l'histoire un autre exemple d'une nation, chez laquelle la vie intérieure de l'âme ait absorbé aussi complètement toutes ses facultés.» Max Müller. *Éssai sur l'hist. des rélig.*, pag. 99.

ciocinio, o seu puro e transcendente idealismo, não teem por fim a inane especulação, antes se propõem inferir das suas premissas a norma e o teor da vida pratica. Çakya-Muni é ao mesmo tempo um redemptor e um philosopho. O seu espirito altêa-se ás maiores eminencias da meditação para trazer d'ali e divulgar entre os miseros mortaes o segredo inestimavel da perfeita bemaventurança. É a terra para o illuminado reformador um valle de miserias e de lagrimas, o mundo uma congerie de angustias e de penas. Filho de rei, poderoso, avantajado nos que parecem bens e felicidades aos animos rasteiros e illudidos, o successor de Çuddhodana troca o fausto e resplendor de Kapilavastu, a côrte da sua antiga dynastia, pelas errantes aventuras do ***bishkú***, do mendicante peregrino. As dôres da inteira humanidade sossobram a sua alma nos prantos do infortunio universal. D'elle se podera affirmar com mais certeza que de Heraclito, haver sido o chôro e a amargura o seu estado habitual. Tão certo é serem tristes e lacrymosas todas as philosophias, que, renunciando aos confortos e ás esperanças da fé e da immortalidade, proclamam o Nada como derradeira aspiração. Ao revez de todas as philosophias orientaes, que se comprazem em confirmar pela especulação o dogma consolador da vida ultra-mundana, a philosophia hindustanica estremece perante a idéa de uma existencia individual, que jámais possa extinguir-se. Todas as suas concepções hieraticas ou philosophicas tem por caracter commum o esforçarem-se por construir um systema e uma theoria, em que o *Eu* desappareça, ou volvendo, como na doutrina religiosa, ao seio do Brahma pantheistico, ou segundo o processo do Buddhaismo perdendo a individualidade no abysmo insondavel do ***Nirvâna***[1]. O successivo e infinito renascimento do individuo é para os espiritos da India, em presença dos males indestructiveis e perpetuos d'este mundo, uma angustiosa e intoleravel perspectiva. É o abutre de Prometheu lacerando as visceras sempre renascentes da humana geração. É a roda de Ixion, o seixo mythico de Sisypho. É o supplicio eterno e collectivo da pobre humanidade. O proposito de Buddha não é pois construir scientificamente a immortalidade, como Socrates e Platão, ou negal-a como Democrito e Epicuro, senão affirmal-a como o ***Phédon*** e destruil-a como os stoicos de Chrysippo e de Cleanthes[2]. Para tornar im-

[1] Duncker. *Gesch. des Alterth.* II. 183.

[2] «Mehr als Andere ist Buddha von dem «ruhelosen Umtrieb des Rades der Welt», von der Qual aus anderm Mutterschoosse zu neuen und grösseren Qualen immer wieder zu erstehen, geängstet, eifriger als Andere suchte Buddha Ruhe, Frieden und einen Tod ohne Auferstehung. Er warf sich mit allem Eifer in die brahmanische Theorie und Spekulation; sie befriedigte ihn nicht, er fand keine Linderung, kein Ende des Uebels in ihr.... So wendet er sich vom den orthodoxen Systemen zu der Lehr Kapila's und versuchte durch deren Entwickelung und Ausbildung jene Befreiung von Uebel zu finden etc.» Duncker. *Gesch. des Alterth.* II. 183.

possiveis as successivas resurreições é força que o homem aniquile o sentimento, e chegue finalmente áquelle estado, em que o seu coração, segundo o simile expressivo da imaginação oriental, não existe apegado á dôr e ao prazer, como a gotta do orvalho sobre a folha sagrada do seu *lotus*[1]. O moralista do Himalaya avança mais um passo no caminho aventuroso das suas transcendentes especulações e por um processo de arrogante metaphysica aniquila o *Eu*, o individuo, e fazendo-o recair, pelo *Nirvâna*, na esteril solidão do vacuo, dá o Nada ao homem por ultimo destino e suprema beatitude[2]. Os brahmanes haviam cifrado a mais pura e ideal bemaventurança em que o espirito do homem volvesse como uma favila ao fogo universal, depois de ter volteado nos espaços. Buddha por uma nova e imperativa dialectica ensinara o espirito a destruir-se e a negar objectivamente a sua immortalidade, a sua reproducção em infinitos renascimentos. Aplanando a senda do *Nirvâna*, em que nada subsiste já do que assegurava o ser individual, decretava o suicidio do principio intelligente, e resolvia a seu aviso o maximo e o mais escabroso problema da philosophia oriental[3]. O audaz reformador sobrenadando ao temeroso cataclysmo de todas as idéas creadoras e de todas as gratas consolações, poderia então dizer as palavras que a lenda lhe attribue: «A noite do erro deixou de assombrar a alma do homem; levanta-se no horizonte o sol da sabedoria; estão aferrolhadas finalmente as portas que levavam á existencia angustiosa e miseravel; patentêa-se a estrada do *Nirvâna*[4].» O espirito hindustanico chegara aos extremos arrojos da especulação

[1] Duncker. *Gesch. des Alterth.* II. 185. «C'est à cette thèse (la nécessité du détachement) à la fois métaphysique et morale, que se rapportent ces belles paroles, qui suivant un passage d'une légende.... se font entendre dans le ciel quand y pénètrent les rayons produits par le sourire de Çâkya: «Cela est passager, cela est misère, cela est privé de substance.» Burnouf. *Introduction à l'histoire du Bouddhisme indien*. Paris. 1844. 462.

[2] Duncker. *Gesch. des Alterth.* II. 187. «La loi fatale du changement ramène sur la terre et le dieu et le damné, pour les mettre de nouveau l'un et l'autre à l'épreuve et leur faire parcourir une suite nouvelle de transformations. L'espérance que Çâkya-Muni apportait aux hommes, c'était la possibilité d'échapper à la loi de la transmigration, en entrant dans ce qu'il appelle le *Nirvâna*, c'est-à-dire l'anéantissement.» Burnouf. *Introd. à l'histoire du Bouddhisme indien*, 152-153. Sobre o *Nirvana* e a sua exegese mais plausivel Cf. Burnouf na obra cit. Appendice num. 1. *Du mot Nirvâna*, pag. 589. Max Müller. *Essais sur l'histoire des religions*, trad. de Georges Harris. Paris. 1872. *Le Nirvâna bouddhique*, pag. 383. Colebrooke. *On the Philos. of the Hindus* IV Part. nas *Trans. of the Roy. Asiat. Societ.* Vol. I, pag. 566.

[3] Duncker. *Gesch. des Alterth.* II. 188. Burnouf. *Introd. à l'hist. du Bouddhisme ind.* 83, traducção de um fragmento da *Sutra de Mândhâtri* na collecção *Divya avadâna* do Nepal.

[4] Duncker. *Gesch. des Alterth.* II. 189. «La redoutable nuit de l'erreur est dissipée

e partindo da natureza, que parecia nas ferazes e ridentes regiões do Ganges e do Indo affirmar triumphalmente a sua realidade, concluia pela mais peremptoria negação, a que jámais se abalançára a philosophia. Porém a vehemente inspiração do «Illuminado» não parava n'um systema especulativo. Buddha era ao mesmo tempo um philosopho theorico e um resoluto demolidor. A sua missão não se resolvia apenas, como a dos solitarios pensadores, em irradiar os clarões da sua doutrina até ás eminentes cumiadas, onde vaguêam os cultos e reflexivos intendimentos. Não era como os Ionios, na brumosa antemanhã da philosophia grega, ou como Heraclito e Platão na sua brilhante luz meridiana, um chefe de escola, communicando no estreito convivio dos adeptos as verdades profundissimas da sua inspiração e as sublimes illusões da sua phantasia. Em Buddha consubstanciavam-se o philosopho convicto e o supposto redemptor[1], o dialectico subtil, e o fogoso missionario, o homem que nos vôos ambiciosos da sua razão emancipada, e nas alturas vertiginosas, a que ascendia, trazia pregados sempre os olhos nas miserias e nas dores da humanidade. Se a algum antigo pensador o podemos comparar, é Socrates o que tem com elle maior affinidade nas feições moraes e dialecticas. Ambos rompem abertamente com os deuses da sua patria. Ambos significam a mais heterodoxa affirmação dos fóros do pensamento, emancipado finalmente da tutela sacerdotal. Ambos se afervoram na prégação doutrinal e philosophica ás menos cultivadas multidões. Ambos transpõem o apertado ambito da escola, onde a pressão de um ensino esoterico e formalista lhes não deixa desafogada a respiração intellectual. Ambos são os pensadores da vida pratica, no seu aspecto mais precioso, o ensino e o exercicio da moral. Ambos vão pelas praças e mercados convocando a si os humildes e os indoutos; um vibrando golpes duros e acicaladas ironias aos sabios do seu tempo,—os sophistas orgulhosos,— o outro averbando de inanes e infructiferas as doutrinas dos brahmanes altivos.

Buddha não vem a convencer a soberba dos *dwidschas*, dos que se dizem nascidos duas vezes, das castas superiores e oppressivas; antes a sua palavra consola e persuade os *Xudras*, a casta plebêa e desherdada, os proprios *Tschandalas*, os mais despreziveis dos mortaes,—condemnados pelo duro codigo de Menú á perpetua vida nomada— os mesmos parias, a raça infame e impura do Dekhan[2]. E para se divorciar mais e mais da tradição e do ritual, não é na lin-

dans mon âme, cette nuit qu'épaississent les cinq voiles et que hantent les douleurs, semblables à des brigands. Le soleil de la science est levé, mon cœur est heureux dans le ciel, dont la splendeur me laisse apercevoir les trois mondes tels qu'ils sont réellement.» Burnouf. *Introd. à l'hist. du Bouddh. ind.* 369.

[1] «Il voulait sauver les hommes, en les détachant du monde et en leur enseignant la pratique de la vertu.» Burnouf. *Introd. à l'hist. du Bouddh. ind.*, 159.

[2] Duncker. *Gesch. des Alterth.* II. 194.

guagem sagrada, no sanskrito, que elle vulgarisa a sua doutrina, mas no *páli*, no idioma vernaculo e profano de Magadha[1]. A sua ethica é a mais sublime de quantas precederam nas regiões orientaes a moral do christianismo. Para conduzir a alma do homem á sua aniquilação, que é o summo bem segundo o buddhaismo, para guiar o espirito ao *Nirvana* suspirado, o grande reformador da philosophia e da vida oriental aformoséa e purifica o seu *bikhshú*, ou o seu eleito, para o elevar á sublime condição de *Bóddhisattva*[2] como se fôra para subir triumphal e radiante á immortal estancia das supremas deleitações. Dir-se-hia que a alma, na philosophia de Çakya-Muni, se embellece e exorna pelo exercicio das virtudes mais custosas e mais santas para marchar ao supplicio voluntario, á semelhança das viuvas, que na India se enfeitam e compõem com suas joias de mais subido preço, e as suas mais lustrosas vestiduras, para intrémulas subirem á fogueira[3].

Se a metaphysica dos hindús representa um dos mais eminentes vôos da razão humana, inquirindo anciosa o absoluto, a sua philosophia formal não é menos denunciadora de um espirito subtil e systematico. O engenho indostanico agita n'aquellas edades primitivas os mesmos problemas, que o pensamento reflectido durante o curso aventuroso da especulação tem vindo, com varia fortuna, formulando e resolvendo a seu talante. O objecto, o principio, a maneira do conhecimento, as categorias das idéas, que são ao mesmo tempo as leis do entendimento, os processos deductivos e as fórmas do raciocinio, apparecem compendiadas por aquella antiquissima philosophia n'um systema de logica, a *Nyáya*, que bem se pode comparar na agudeza dos seus methodos, na concepção das suas categorias, aos systemas dos tempos subsequentes, e é como que o longinquo precursor do genio de Aristoteles[4].

[1] Duncker. *Gesch. des Alterth.* II. 194.

[2] Burnouf. *Introd. à l'hist. du Buddh. ind.* 109.

[3] Sobre a philosophia moral, a disciplina, ou a *Vinaya* de Buddha, vej. Duncker, *Gesch. des Alterth.* II. 190-195. Burnouf, *Introd. à l'hist. du Bouddh. ind.* Sect. III. 232 e segg.

[4] Duncker. *Gesch. des Alterth.* II. 171. «The *Nyáya*.... furnishes a philosophical arrangement, with strict rules of reasoning, not unaptly compared to the dialectics of the Aristotelian school.» *On the Philosophy of the Hindus* Part. I, by Henry Thomas Colebrooke nas *Transactions of the Royal Asiatic Society of Great Britain and Ireland.* Vol. I, 1827, pag. 19.

VIII

Quando o pensamento hellenico, rompendo os primeiros grilhões da mythologia, se encontra face a face com a natureza, e deixa de ver um deus em cada um dos seus phenomenos e das suas quasi infinitas producções, o Oriente é já de longos annos disposto para a especulação e para a sciencia. Mas a Grecia, a principiar nos Ionios, mais visinhos e quasi familiares á vida asiatica [1], se não improvisa de um só jacto as theorias philosophicas, desveste-as de qualquer indumento mythologico, e apparece como um Titan a disputar a Zeus a magestade. A philosophia oriental é um commentario á theologia, e os mais temerarios pantheistas fazem gravitar os seus systemas em redor de uma como reminiscencia do Brahma tradicional. Os philosophos hellenicos, mais resolutos e menos encadeados ás concepções hieraticas, fazem da natureza o assumpto exclusivo do saber. São pois naturalistas, ou *physiologos*, segundo os appellidou a antiguidade.

Hauriram os primitivos sabedores da Grecia a sua primeira inspiração nas phantasiosas especulações orientaes? Beberam por ventura nas fontes indostanicas ou iranianas alguma escassa philosophia? Trouxeram das suas celebradas peregrinações ao valle do Nilo uma parte do seu peculio intellectual?

As relações politicas, militares, commerciaes ou litterarias da velha Grecia com os fócos asiaticos da civilisação e da cultura, são-nos affirmadas por muitos e irrefragaveis testemunhos. Dos gregos, que conhecem e esboçam em seus escriptos a vida e a philosophia nas regiões do Ganges, temos a Megasthenes [2], Strabão, Arriano, Plutarcho, Diodoro de Sicilia [3], os quaes todos colligiram o que as expedições de Alexandre Magno, abrindo os arcanos das mais remotas nações aryanas do Oriente, haviam dado a conhecer á curiosidade hellenica [4]. Antes dos tempos alexandrinos o intercurso dos hellenos com os povos da India fôra por ventura limitado ás relações que permittira a guerra, quando

[1] Duncker. *Gesch. des Altherth.* IV. 143 e seg.

[2] O que resta dos escriptos de Megasthenes colligiu Schwanbeck com o titulo *Megasthenis Fragmenta.*

[3] Brucker. *Hist. critica Philosophiæ à mundi incunabulis ad nostram usque aetatem.* Leipsiæ. 1767. I. 191.

[4] Duncker. *Gesch. des Alterth.* II. 250-262.

o rei da Persia, trazendo a soldo nos seus exercitos descommunaes as gentes das mais varias e apartadas regiões, sem preterir os soldados indianos com os seus arcos e frechas de bambú, ao mando de Pharnazathres, invadira o Peloponeso e chegara a profanar com as hostes asiaticas o sagrado recinto da Acropolis[1]. Herodoto, que é tão inquiridor e curioso de quanto é concernente aos povos mais illustres d'entre os barbaros, apenas tem algumas noções geographicas e algumas poucas noticias sobre as nações do Ganges e do Indo, nem ao menos parece suspeitar que entre aquelles povos, por elle descriptos como nómadas e anthropophagos[2] ou resumindo a sua industria em colher nas arêas as palhetas de oiro[3], florecia a mais fecunda e longéva civilisação no ramo oriental dos aryanos. O escripto do grego Ctesias de Cnido, o medico de Artaxerxes Memnon, de que apenas se conhece o extracto conservado por Phocio, sob a epigraphe de *Historia da India*, dá-nos a medida exacta de quão pouco sabiam os gregos do IV seculo antes de Christo ácerca das coisas indostanicas, e de como as fabulas mais puerís suppriam por absurdas maravilhas da natureza oriental o que de certo e verdadeiro se occultava á sciencia dos hellenos[4]. As lendas religiosas testificariam, se bem que sob mythicos aspectos, as antigas relações da Grecia com as afastadas terras do Oriente, onde vivia um povo aryano, se não houveram sido redigidas após as victoriosas excursões de Alexandre Magno. A longa e aventurosa expedição de Baccho ou Dionysos ás longinquas paragens indianas, a sua identificação com o Çiva indostanico, os seus triumphos sobre os povos mal policiados das montanhas, as empresas do Heracles hellenico[5], e a sua apparente concordancia com o Krichna-Vishnú, podiam repre-

[1] Duncker. *Gesch. des Alterth.* IV. 730 nota. 806, 826, 832, 841, 844. Herod. VII. 65. IX. 30. Na ordem de batalha de Platéa, os indios correspondiam aos hermioneos, eretrios, styreos e chalcidios, que formavam no centro do exercito hellennico.

[2] *Ἄλλοι δὲ τῶν Ἰνδῶν πρὸς ἠῶ οἰκέοντες τούτων, νομάδες εἰσὶ, κρεῶν ἐδεσταὶ ὠμῶν καλέονται δὲ Παδαῖοι.... ὅς ἂν κάμῃ τῶν ἀστῶν, ἤν τε ἀνὴρ, ἤν τε γυνὴ, τὸν μὲν ἄνδρα ἄνδρες οἱ μάλιστά οἱ ὁμιλέοντες κτείνουσι.... οἱ δὲ.... ἀποκτείναντες κατευωχέονται.* Herod. III. 99.

[3] Herod. III. 102, 105.

[4] Vej. no extracto da *Historia da India* a fabula d'aquella fonte prodigiosa, que todos os annos se enche de oiro liquido (Extract. da *Hist. da India* de Ctesias, IV); a absurdissima invenção dos indios pygmeus, cuja barba descommunal e os bastos e compridissimos cabellos lhes servem por si sós de amplissima vestidura (Ibid. XI); a historia dos povos calystrios, ou cynocephalos (Ibid. XX), cuja descripção pareceria em parte accommodada a representar alguns dos quadrumanos anthropoides, o gorilla, por exemplo, se o medico de Cnido houvera podido suspeitar-lhe a existencia.

[5] L'Inde aussi eut son Hercule, au dire même des anciens, quoique leurs récits à cet égard soient d'une époque relativement récente.» Creuser, *Religions de l'Antiquité*,

sentar, individualisadas segundo a phantasia hellenica na fórma de um deus ou de um heroe, as velhas communicações entre a Grecia e as regiões gangeticas[1]. Estes mythos de Heracles e Dionysos, como conquistadores do mais remoto Oriente, eram porém uma simples theoria, architectada nos tempos alexandrinos, para conciliar a religião e as instituições da India com as fórmas correspondentes de Athenas ou de Thebas; eram um esforço, com que a vaidade nacional tentava hellenizar a India, e fazel-a derivar da imitação e do influxo grego, desde as edades mais antigas, a sua cultura e civilisação; eram o artificio historico encobrindo a insaciavel ambição, com que os gregos buscavam encontrar em toda a parte reproduzidos, se bem degenerados, os deuses e os costumes da sua patria[2]. A incredulidade maliciosa de Arriano, porfiando talvez com o amor proprio dos seus compatriotas, transluz-se ao relatar em breves termos a celebrada expedição de Dionysos, o culto d'este nume nas terras indostanicas e o mytho de Prometheu, deslocado ousadamente do penedo caucasiano para armar o theatro da sua atroz expiação no monte Parapomiso[3]. Tão celebrada, ainda que imperfeitamente conhecida, era entre os gregos a philosophia e a cultura intellectual do Indostão, que ensinaram muitos dos escriptores da antiguidade classica, entre elles Diogenes Laercio, Philostrato, Apuleio, haverem d'ellas derivado o fundamento principal da sua sabedoria alguns dos engenhos mais florentes na especulação philosophica da Grecia,—Pythagoras, Democrito, Anaxarcho, Pyrrhon, Apollonio[4]. A intimidade e frequencia da Grecia com os povos indianos, o commercio e disputação dos philosophos do Occidente com os gymnosophistas orientaes, é

trad. franç. de Guigniaut. Paris, 1829. T. II, Part. I, 190. «.... ces rapports, de plus en plus frappants qui rattachent le héros thébain à Melkarth et à Djom, comme aussi à Mithra et à Rama, l'Hercule indien, ne sont dus qu'à des assimilations assez tardives, opérées, soit sous l'influence du syncrétisme alexandrin, soit par suite de l'ignorance des grecs, qui s'imaginaient reconnaître leurs propres divinités dans celles des religions étrangères, lorsqu'elles avaient quelque conformité de caractère, ou figuraient dans des légendes anologues.» *Religions de l'Antiquité*, T. II, Part. III, not. 11, pag. 1011.

[1] Duncker. *Gesch. des Althert.* II. 250 e segg. «*Die Götter der Inder nach den Griechen.*»

[2] «... dem Triebe der Griechen überall ihre heimischen Götter wiederfinden zu wollen.» Duncker. *Gesch. des Althert.* II. 255.

[3] Arrian. *Anabasis*. Liv. V, cap. I.

[4] «... qui sapientæ, virtutis cultura ad justam indolem perductæ, præcepta inter Græcos discendi cupidi erant, necessarium sibi ducerent ad Indos excurrere et sapientiam gentis tanto studio excultam atque custoditam discere, id quod magnos inter græcos philosophos, Pythagoram, Democritum, Anaxarchum, Pyrrhonem, Apollonium fecisse... relationes variæ feruntur.» Brucker. *Hist. crit. Philosoph.* I. c. IV. *De philosophia indorum*, 190.

porém uma d'estas vagas tradições, a que na ausencia de plausiveis testemunhos deram corpo os escriptores dos primeiros seculos christãos [1], e que a menos escrupulosa critica hesitaria em confirmar [2].

IX

De todas as gentes aryanas, que madrugaram para a civilisação muito antes que os hellenos despertassem, só duas, os aryas do Indostão e os antigos persas ou bactryanos cultivaram com fervor a metaphysica religiosa, e por uma successiva evolução, lograram desannexar mais ou menos completamente da sciencia theologica as puras especulações da philosophia. O genio peculiar dos aryanos luziu primeiro entre os adoradores de Brahma, e os crentes de Zoroastro ou Zarathustra. É menos profunda e scientifica a philosophia, que tem por base o *Zend-Avesta* do que a metaphysica subtil e transcendente implantada sobre o lyrismo theologico dos *Khandas* ou hymnos védicos. O espirito philosophico do Iran, menos audaz ou menos inspirado que o genio da *Vedânta* ou da *Mimânsâ*, não consegue separar inteiramente do seu envoltorio theologico as abstracções da philosophia, e coordenal-as em doutrina racional, profana, antagonista das tradições sacerdotaes. O dualismo [3], a lucta de *Ahura-mazda* e de *Angramainius* (Ormuzd e Arihman), o bom e o mau espirito, é para os povos do Iran o tom fundamental na crença religiosa e na exegese philosophica, no dogma e na theoria [4], em quanto a razão dos aryas indostanicos se levanta rebelde contra os deuses e por successivas gradações conduz ao atheismo de Kapila e Çákya-Muni.

Partidos de um berço commum, os aryas e os bactryanos, tiveram inicialmente a mesma civilisação, os mesmos numes, uma crença commum, uma egual philosophia [5]. Um schisma os dividiu e apartou para diversas regiões. A dif-

[1] «Ex Egypto in orientem pervenisse Pythagoram... immò ad Indos penetrasse et cum gymnosophistis collocutum fuisse, magno consensu multi veterum, qui post N. C. scripserunt, tam gentiles, quam ecclesiastici scriptores tradunt.» Brucker. *Hist. crit. Phil.* I. 1003.

[2] Brucker. *Hist. crit. Philosoph.* I. 1007.

[3] «Vous tous, qui êtes venus de près et de loin, vous devez maintenant faire attention et écouter ce que je vais proclamer. Maintenant les sages ont déclaré que cet univers est une dualité.» Fragmento do *Yaçna* citado por Max Müller, segundo a versão de Martin Haug *(Leçon sur un discours original de Zoroastre.* Bombay, 1865) *Essai sur l'Histoire des Religions.*

[4] Duncker. *Gesch. des Alterth.* II. 388.

[5] «Pour ce qui est de la religion et de la mythologie, la ressemblance entre la Perse et l'Inde est encore frappante. Des dieux inconnus chez toutes les autres nations indo-

ferença dos territorios e dos climas, os constrastes e opposições nos aspectos da natureza, mais frequentes e notaveis que nas paragens indostanicas, a successão dos desertos e oasis, dos valles arrelvados e fructiferos e das inferteis e aridas chapadas[1], a varia elaboração dos mesmos elementos primitivos, as diversas relações entre o homem e a natureza, — e por conseguinte entre o espirito e a divindade, — esta poderosa e invencivel influição do theatro da vida humana no sentir e no pensar das povoações, esta lei inexoravel, com que a geographia physica, a climatologia, a flora e a fauna de um paiz se arrogam com pretensão imperatoria a funcção de collaborar no pensamento dos seus habitadores, e de imprimir o sello indelevel da sua energia creadora nas feições dos numes immortaes, — estas circumstancias, que em toda a parte e sempre conspiraram para individualisar a indole de cada povo e nacionalisar, por assim dizer, os seus deuses primitivos e quasi cosmopolitas, determinaram as differenças profundissimas entre a mythologia dos Vedas e do Avesta, e a consequente distincção entre os conceitos philosophicos dos indios e bactryanos. «O Veda e o Zend-Avesta (na phrase de professor Roth, de Tubingen, citado por Max Müller) são como dois rios que brotaram das mesmas fontes. São as aguas do Veda mais abundantes e mais puras, e conservaram melhor as suas qualidades originaes. Por diversas maneiras se corromperam as lymphas do Zend-Avesta e de tal sorte se contorceu e desviou a sua corrente, que é impossivel seguil-a com certeza até á origem[2].»

Os aryas do Iran, através das successivas alterações da sua mythologia e do seu dogma, conservam com mais tenacidade do que os seus affins do Ganges e do Sindh o elemento principal do primeiro systema religioso entre os povos aryanos, a contenda perpetua dos bons e dos maus espiritos, a incansavel peleja de Verethraghna contra Azhi Dahada e de Craoscha contra os *Daevas*, as malfazejas potestades das trevas e do cahos[3].

européennes sont adorés sous un même nom en sanscrit et en zend; et si nous trouvons quelques unes des expressions les plus sacrées en sanscrit, changées dans le zend en des noms de démons, c'est là une nouvelle preuve que nous avons ici des effets ordinaires d'un schisme qui divisa une communauté autrefois unie.» *Essai sur l'histoire des religions* par Max Müller, trad. franç. de Georges Harris. 2e ed. Paris. 1872. 121.

[1] «Wie wir gesehen, war Iran in seinem Kern von einer grossen Wüste, an vielen andern Orten von baumlosen und öden Hochflächen erfüllt; die fruchtbaren Gebirgsthäler, Senkungen und Abhänge trugen den Character von Oases. Die Gegensatz von Fruchtland und Wüste waren dadurch viel näher aneinander gerückt, und machten sich viel schärfer geltend als in Indien.» Duncker. *Gesch. des Alterth.* II. 333. Cf. Ibid. pag. 384 e 651.

[2] Max Müller. *Essais sur l'histoire des religions. Le Zend-Avesta*, pag. 125.

[3] «Wenn das Zendavesta... die gemeinsame Grundlage der ältesten arischen An-

É facil descobrir na crença de Zarathustra os claros lineamentos de um naturalismo religioso, de um imaginoso polytheismo, que divinisando as energias da natureza sem todavia cair no anthropomorphismo [1], não chega porém a formular-se no esboço de um systema philosophico, como o dos antigos *physiologos* da Ionia. Os elementos e as forças naturaes elevadas á divina dignidade, o fogo que mata os Daevas [2], a agua que desde o monte sacro de Hara Berezaiti,—o paraiso zoroastrico—, e da fonte Ardviçura desce em rios e em torrentes a fecundar as glébas; a terra, a formosa filha de Ahuramazda; Mithra, o deus do sol; Ushahina, o nume da alvorada; Haoma,—o nectar e a ambrosía dos deuses bactryanos,[3] os espiritos celestes, —os *Amesha spenta;*— que em redor de Ahuramazda sentados em thronos de oiro estão formando em angelica hierarchia o brilhante cortejo ao deus supremo, e derramam entre os mortaes os bens e os thesouros; *Asha Bahista,* o espirito do fogo; *Kshatra Vairia,* o genio da humanidade; *Haurvatat,* o espirito das aguas; *Amertat,* a personificação da vida eterna; os *Fravashis,* o espirito do homem, a sua porção mais pura e immaterial; os espiritos das virtudes, a justiça ou *Raçnu-razista, Arstat* ou a verdade [4]; a hoste numerosa dos espiritos malignos ou Daevas, que celebram o seu *sabbat* no cume do monte *Arezura,* se affrontam perennemente com os espiritos da luz, e dominam nas trevas e nos desertos, no inverno e nas tormentas, no mal e no peccado [5]; todas estas mythologicas personificações, umas dynamicas e naturaes, e outras immediatas creações da allegoria, dão á doutrina religiosa dos bactryanos uma feição intermediaria entre um culto polytheista e um poetico mysticismo. Mas a philosophia está apenas latente e embryonaria n'aquellas phantasias religiosas. A sua theoria do universo reduz-se ao eterno dualismo das energias, que produzem e conservam, e das forças que perturbam e aniquilam o homem e a natureza. A sua cosmogonia, que segundo Spiegel, —o moderno traductor e commentador allemão do Zendavesta— e contra o parecer de Max Müller tem mais

schauungen, den Gegensatz der guten und bösen Geister, den Kampf gegen die Dämonen der Dürre und Finsterniss in ihrer Substanz treuer gewahrt hat, als die Arja am Indus und Ganges ...» Duncker. *Gesch. des Alterth.* II. 324. Cf. a mesma obra II. 332, 338.

[1] Herod. I. 131.

Nos tempos em que decaíu a pureza do culto os bactryanos representaram os seus deuses por estatuas e simulacros. Duncker. *Gesch. des Alterth.* II. 410. O. Müller, *Handbuch der Archeologie der Kunst* (Manual de Archeologia da Arte.) Breslau 1830. 272.

[2] *Vendidad.* VIII. 248-250.

[3] Duncker. *Gesch. des Alterth.* II. 351.

[4] Duncker. *Gesch. des Alterth.* II. 358-359.

[5] Duncker. *Gesch. des Alterth.* II. 363-365.

de uma não remota semelhança com o systema cosmogonico do Genesis[1], não offerece, como as primeiras concepções syntheticas dos Ionios, um esboço de philosophia natural. Os *airyas* ou Iranianos tem em muito menor grau do que os seus congeneres do Indostão a capacidade das altas especulações intellectuaes, antes as suas tentativas n'este ponto são limitadas pela indole particular da sua vida pratica. A phantasia, que produz o Zendavesta e o *Bundehesh*, é mais regrada e menos luxuriante do que a fecunda e livre imaginação dos airyas indostanicos. As suas abstracções são menos intensivas e menos levantadas acima do mundo dos sentidos. O airya de *Sapta Sindhi*, ou da região dos sete rios, identifica o mal com a natureza, e forceja por aniquilal-a inteiramente, anegando n'este cataclysmo universal o espirito do homem e proclamando o nada, o vacuo, o *Nirvritti* ou o *Nirvana* como a summa beatitude. O airya bactryano ou medo-persa, conciliando as suas abstracções com a philosophia do senso commum, não destrue a natureza, nem aspira á anniquilação. O seu racionalismo ainda espontaneo e inconsciente, não ousa, como a philosophia do Indostão, erguer-se pelos esforços de uma possante dialectica até ás lôbregas e vazias regiões onde o *nada* é ao mesmo tempo o deus, o mundo e o destino universal[2]. A maxima abstracção a que se aventurasse o engenho philosophico dos magos foi talvez o *Zarvana Akarene*, «o tempo sem limite,» d'onde procederam Ahuramazda e Angramainius[3] e que teria sido o principio fundamental da natureza, a ἀρχή, no systema philosophico dos magos, e corresponderia, posto que n'uma diversa direcção, ao ἄπειρον de Anaximandro.

É com os pensadores da Hellade que principia verdadeiramente a philosophia scientifica, systematica, independente das tradições mythologicas e solta das fachas sacerdotaes. É com elles, desde o primeiro alvorecer do pensamento reflectido, que se inicia este grande movimento intellectual, em que a razão procura pelos seus esforços desajudados de toda a revelação formular e resolver os mais altos problemas de Deus e do universo, do *Kosmos* e do principio supremo e fundamental do homem e da natureza.

É a philosophia um edificio grandioso e monumental, que semelha na textura e na duração as pyramides egypcias. É como uma immensa mole de materiaes accumulados durante muitas gerações e representante do trabalho indefesso de obreiros numerosos, muitos d'elles obscuros e innominados. A base

[1] Na sua obra *Eran, das Land zwischen dem Indus und Tigris. Beytraege zur Kenntniss des Landes und seiner Geschichte*. Berlin. 1863. (O Iran, a terra entre o Indo e o Tigre. Contribuição para o conhecimento do paiz e da sua historia) citada por Max Müller nos seus *Essais sur l'histoire des religions*. Cap. VII. *La Genèse et le Zend-Avesta*. 202.

[2] Duncker. *Gesch. des Alterth*. II. 387-388 e 652.

[3] Duncker. *Gesch. des Alterth*. II. 172.

é ampla, a fórma regular. Quanto mais se ascende n'aquella obra collossal, tanto mais o espaço se vae amesquinhando, até que no mais alto do edificio se nos depara um ponto, que é o conceito geometrico da negação. Para essa philosophica estructura quasi nada contribuiram os semitas, nada os turanianos. Poderia quasi dizer-se que a philosophia como sciencia coordenada é um privilegio da familia indo-europêa ou aryana. Aos caracteres biologicos e linguisticos, de que mais se présa esta raça bem dotada, deveram por ventura acrescentar-se as suas poderosas faculdades especulativas e a sua energia de abstracção. D'entre os povos d'esta familia, o zend da Bactrya e da Sogdiana bosqueja, o arya do Ganges e do Indo subtilisa, o grego da Ionia e do Peloponeso formula a philosophia. O zend sonha, o indostanico delira, o grego pensa. Ao zend pertence a sensibilidade, ao brahmane a phantasia, ao hellenico a razão. Todos elles vivem intellectualmente n'um mundo de mythos mais ou menos graciosos ou severos, mais ou menos coloridos ou sombrios. Mas o zend, como quem marêa em costeira navegação, não desprende nunca os olhos da sua tradicional mythologia. O brahmane annulla Deus e proscreve as lendas aryanas, conservando apenas do seu fervor religioso o ascetismo, de que se inspira a sua mais audaz sabedoria. O grego nos seus maiores arrojos philosophicos nega a Deus, sorri das hesiodicas ficções, e como quem se engolfa ao longe em ignotos mares, chega a perder de vista, quaes de terra amiga e hospitaleira, as extremas cumiadas da tradição. O zend contempla e deifica a natureza para converter em proprio beneficio o seu aspecto bemfazejo e creador. O indio averbando-a de fallaz e delusoria, amortalha no mesmo nada a Deus, a natureza, o espirito, a humanidade. O grego, em frente do universo, sem que o deliciem os seus esplendores, nem as suas trevas o assombrem, interroga-o como a um livro, em que está escripto o verbo da sciencia, para os que o saibam deletrear.

Por isso nos seus nebulosos incunabulos a philosophia grega é essencialmente naturalista[1]. É sobre a materia que ella firma, como de razão, os seus

[1] «... Die vorsokratische Philosophie, welche sich dadurch charakterisirt, dass ihre Forschung noch einseitig auf die Natur oder die Erscheinungswelt gesichtet war, dass sie überwiegend Naturphilosophie ist.» Schwegler *Geschichte der griechischen Philosophie* (historia da philosophia grega) von dr. A. Schwegler herausgegeben von dr. Karl Köstlin, professor in Tübingen. 2.ª ed. Tübingen, 1870, pag. 8. «La philosophie grecque se developpe... en deux périodes distinctes; l'une de création spontanée, l'autre de réflexion critique et de reproduction; l'une vouée à la contemplation du principe matériel des choses, la Force-substance; l'autre consacrée à leur principe formel ou plastique, la Pensée.» *Histoire de la philosophie européenne* par Alfred Weber. Paris, 1872, pag. 3.» «Ea (philosophia) vero potissimum circa rerum naturalium contemplationem versata est... Et hæc quoque caussa est, cur Ionici vocari soleant physici.» Brucker. *Hist. Crit. Philos.* I. 465.

primeiros alicerces, para que na sucessão dos seculos e das escolas, os mais eminentes cogitadores se possam desde aquelles fundamentos altear até ás concepções espirituaes e á metaphysica do pensamento[1]. Discorre a philosophia hellenica, em quanto pura, sem mescla e influição de elementos orientaes, repartida em duas grandes divisões. Uma desde os esboços e primordios da sciencia até que Socrates desvia, com o seu impulso vigoroso, a corrente intellectual. A outra vae desde Socrates até que o saber na sua extrema decadencia principia a apparecer representado pela doutrina neo-platonica, verdadeiro hybridismo do Oriente e do Occidente, produzido na escola alexandrina depois que a maior transformação moral do mundo antigo fizera affrontarem-se n'um vastissimo congresso todas as religiões e todas as philosophias[2].

X

A philosophia grega, e com ella a philosophia europêa na sua mais vasta comprehensão, começa propriamente na escola ionica. Houve certo antes dos seus primeiros bosquejos scientificos algo de concepção especulativa, já em certa maneira distincta d'esta philosophia theogonica e imaginosa, em que a idéa mal se desprende ainda dos preconceitos e das crenças mythologicas,—uma philosophia como aquella que Brucker chama *fabular*[3]. Mas os personagens mythicos ou obscuros, que symbolisam a alvorada dos primeiros esforços philosophicos,—Prometheu, que dotou os homens de sciencia e de razão[4], que lhes revela o segredo da sua intelligencia e da sua força, e lhes ensina as primitivas

[1] «Dass das griechische Philosophiren diesen Ausgangspunkt genommen hat, ist volkommen erklärlich: denn es liegt in der Natur der Sache, dass der Mensch zuerst dasjenige zum Gegenstand seines Nachdenkens macht, das vor seinen Auger liegt, die Sinnerwelt oder die Natur, und dass er seine Reflexion erst viel später auf sich selbst, auf seine Denken oder Erkennen richtet, und über die Möglicheit, die Bedingungen des Wissens philosophirte.» Schwegler. *Gesch. der griech. Phil.* 9.

[2] A divisão geralmente adoptada na historia da philosophia grega reparte o pensamento hellenico em maior numero de *momentos* chronologicos, dos quaes é o primeiro a philosophia pre-socratica, propriamente dicta, comprehendendo os ionicos, os pythagoricos, os eleatas, os sophistas; o segundo a philosophia socratica, a platonica, e depois a aristotelica, considerada como reacção do naturalismo contra o idealismo transcendente de Platão; o terceiro a philosophia post-aristotelica (o estoicismo, o epicureismo e o scepticismo); o quarto finalmente a philosophia neo-platonica. Schwegler. *Geschichte der griechischen Philosophie*, pag. 8 e segg.

[3] Brucker. *Hist. Crit. Philos*. P. ii. Lib. ii. Cap. i. *De philosophia græca fabulari.*

[4] Εννους ἔθηκα, καὶ φρενῶν ἐπιβολους. Eschyl. Προμ. δεσμωτ. v. 443.

edificações, o uso das lettras, o nascimento e o occaso dos astros[1],—Lino, Orpheu, Museu, Thamyris, Eumolpo, Melampo, são nebulosas figurações da primeva cultura intellectual, não os elos primordiaes da cadeia philosophica. Para que principiem a luzir os mais antigos clarões do pensamento metaphysico na Hellade é necessario que Hesiodo codifique as tradições theologicas da Grecia[2] e que a theogonia orphica dê ás phantasiosas concepções do poeta beocio um tom de mysticismo menos popular e mais conforme aos engenhos especulativos[3]. Todavia esta passagem do mytho cosmogonico e hieratico para os primeiros arreboes de uma dubia philosophia é menos clara e systematica do que a transição dos Vedâs para os Sutrâs e Brahmânas e d'estes para o Vedanta. É porém incontestavel que os mais antigos lineamentos da philosophia ionica, ainda mal esboçados pelo arrojado pensamento do seu supposto fundador, assentam sobre o fundo das lendas e ficções, em que os poetas e os cantores explicam e commentam a natureza e a divindade.

A philosophia de Thales de Mileto, a mais remota de que a tradição nos dá memoria, é, de feito, baseada sobre a theologia de Homero, de Hesiodo e de Orpheu. É antes a mythologia desvestida das suas personificações. É a cosmogonia desenleada dos seus mythos. É o Olympo despovoado dos seus brilhantes habitadores, para que dê logar, sem partilha, á nova magestade da natureza e da razão. A philosophia nega os deuses ou esconde-os no silencio; não sabe porém inteiramente erguer-se ás regiões da especulação, emancipada e livre da tutella tradicional. O sabedor é então encyclopedico. Ainda não é necessaria nem possivel a divisão do trabalho intellectual. O pensador é ao mesmo tempo philosopho, theologo, naturalista, poeta, legislador. Ainda, para citar

[1] No *Prometheu agrilhoado* faz Eschylo dizer ao seu heroe

...... ἄτερ γνώμης τὸ παν
Επρασσον, ἐςτε δη σφὶν αυτολάς ἐγώ
Αστρων ἔδειξα πας τε δυσκρίτους δύσεις
Καὶ μὲν ἄριθμὸν ἔξοχον σοφισμάτων
Ἐξεῦρον αὐτοῖς, γραμμάτων τὲ συνθέσεις.
Eschyl. Προμ.. δεσμ. v. 445-449.

[2] Brucker. *Hist. Crit. Philos.* Tom. I. 409.

[3] «La théogonie orphique... renferme les idées et les personnages hésiodiques agrandis et déguisés sous une forme mystique. Sa veine d'invention, moins populaire s'appropriait plus aux contemplations d'une secte spécialement préparée à cette étude qu'au goût d'auditeurs accidentels. Et il semble qu'en conséquence elle eut cours surtout parmi les esprits purement spéculatifs.» Grote. *Histoire de la Grèce* (traduct. de Sadous). Paris. 1864. Tom. I, pag. 23. Sobre Orpheu, Museu e Thamyris. Cf. Duncker. *Gesch. des Alterth.* III. 60, 62, 276 e IV. 327, 329, 330, 590.

a phrase de um benemerito hellenista contemporaneo, o professor Blackie, não é largo, profundo, impervio como hoje o golfo, que separa a metaphysica e a sciencia, o sabio e o cantor, o estadista e o philosopho, o homem religioso e o genio especulativo[1]. A sciencia, segundo a expressão feliz d'aquelle philologo erudito comparece perante o homem, não como hoje nua e desornada n'um amphitheatro de severas dissecções, antes enfeitada com os festões da poesia e fragrante com o perfume da piedosa imaginação[2].

Os primeiros pensadores da philosophia grega, se por um lado buscam a explicação racional da natureza, não logram emancipar-se inteiramente da tradição e da auctoridade mythologica. Acceitam o mytho cosmogonico, tal qual o recebeu e o formulou a idéa religiosa, commum a todos os povos aryanos, mas o que era figura e personificação, reduzem-n'o á austera singelesa de principio, ἀρχὴ, de ςτοιχεῖον, elemento. A cosmogonia demuda-se em cosmologia. A dogmatica affirmação sobre a genealogia dos numes e do universo transforma-se em desquisição sobre o estado presente da natureza e sua ordem actual, κόςμος e sobre as suas successivas transformações e movimentos, γενέσις. Para o primeiro physiologo da Ionia, o ἀρχηγὸς da philosophia natural[3], a agua é a origem, o principio, o regulador, o *plasma* fundamental, de que tudo sae, e em que tudo se resolve[4]. Na agua reside a força generatriz, τὸ γὸνιμον, a faculdade nutriente, τὸ τρόφιμον, a virtude plastica, τὸ εὐτύπωτον, a energia vivificante, τὸ ζωτικὸν. Mas a agua é exactamente o principio, que com maior generalidade influe e determina os systemas cosmogonicos e theologicos da familia indo-européa[5]. Em Dodona, o mais antigo e o mais auctorisado berço da religião official da

[1] «In those early times all knowledge, thinking, and feeling was less specialized than at the present day; in such fashion that, if the things known and speculated on were much fewer, the men who knew and speculated on them were more complete. In our time the gulf that separates the scientific from the metaphysical, the imaginative, and the religious man, and all these from the man of business and affairs, is often very great and practically impassable.» Professor Blackie. *On the pre-Socratic philosophy* nos *Proceedings of the Royal Institution of Great Britain*. Vol. VI. Part. IV. num. 55 (anno de 1871), pag. 303.

[2] «Science stood before men not naked as now with the exposures of a cunning dissector, but festooned with the flowers of poetry and fragrant with the breath of piety.» Ibid.

[3] Θαλῆς ὁ τῆς τοιαύτης ἀρχηγὸς φιλοσοφίας. Arist. Met. I, 3, 7.

[4] «Εξ ὑδατὸς φησι πάντα εἶναι, καὶ ἐις ὕδωρ πάντα ἀναλύεσθαι.» Plut. *De placit. philosoph*. I, 3, 1.

[5] «Das Wasser des Himmels, die Wasser der Ströme und der Quellen nehmen in der Religion der Arja am Indus wie am Iran eine sehr bedeutende Stelle ein.» Duncker. *Gesch. des Alterth*. III. 50.

Grecia, o deus da luz, Zeus, o *Djaus* aryano[1], cujo nome o zetacismo hellenico desvia da sua fórma primordial[2], é tambem e principalmente o deus das aguas. *Naios*, o que dá a chuva, é o cognome habitual do nume reverenciado nas selvas de Dodona. São filhas suas as Naiades, νηϊάδες κρηναῖαι, κοῦραι Διός[3]. As Hyades, cujas lagrymas borrifam e refrigeram a terra, teem culto e veneração no sacrario dodoneu[4]. Uma infinita e poetica legião de divindades são como as sentinellas, que Zeus tem de vigia a cada rio, a cada fonte, a cada logar da terra, onde borbulham e correm remansadas ou estuosas as aguas do firmamento. O Alpheu, o Enipeu, o Sperchêo são numes aquaticos. O Scamandro é appellidado na Iliada μέγας θεός, o grande deus[5]. O Acheloo, a torrente que desce do Pindo, é uma celeste potestade, a quem os oraculos proferidos em Dodona mandam propiciar com sacrificios[6]. É na theogonia hesiodica o primogenito d'esta summa divindade, de cuja prolifica energia brotaram os deuses e a natureza[7]. Ὠκεανός, o Oceano, a agua na sua mais vasta accumulação, é depois de personificado o progenitor da larga descendencia dos *Kronides* ou dos Titães segundo a theologia cosmogonica dos poemas homericos[8].

Thales não fez mais que traduzir na linguagem desenfeitada e severa da sciencia primitiva o dogma theogonico e accommodar aos phenomenos da natureza o que a cosmogonia tinha escondido nas ficções[9]. É o primeiro *physico* da

[1] Max Müller. *Essais sur l'hist. des relig. Le monothéisme sémitiq.* 486.

[2] «So in gewöhnlichen Griechisch Ζευς für Δjευς von der Wurzel dju mit Guna.» Schleicher. *Zur vergleichenden Sprachengeschichte* (sobre a historia comparada das linguas). Bonn, 1848, pag. 46.

[3] *Odyss.* ρ, 240, *Iliad.* ζ, 420. Nägelsbach. *Homerische Theologie*. Nürnberg. 1861, 91.

[4] Duncker. *Gesch. des Alterth.* III, 15.

[5] Carl Friedrich von Nägelsbach. *Homerische Theologie*. Nürnberg. 1861, 90 e 91.

Οὐδέ τ'ἔληγε μέγας θεός·
Iliad. φ 249.

[6] Duncker, *Gesch. des Alterth.* III, 50, 51.

[7] Hesiod. *Theogon.* v. 340 e segg.

[8] Duncker. *Gesch. des Alterth.* III, 298 e segg. «Es bleibt also dabei: Okeanos ist der Allvater wie Tethys, sein Weib, die Allmutter (sie heisst, in Il. ξ 201, 302 vorzugsweise μήτηρ) Nägelsbach. *Homerische Theologie* II. Abschnitt. 79.

Ὠκεανόν τε θεῶν γένεσιν, καὶ μητέρα Τηθύν·
Iliad. ξ 201 e 302.

.... καὶ ἂν ποταμοῖο ῥέεθρα
Ὠκεανοῦ, ὅσπερ γένεσις πάντεσσι τέτυκται
Iliad. ξ 245, 246. Cf. *Iliad.* φ 195-197.

[9] «Aus dem Wasser... alles herzuleiten, war eine alte arische Vorstellung, wel-

Ionia proclamando como verdade scientifica o mesmo, a que, na opinião de alguns, o estro de Pindaro restitue depois os fóros poeticos no ἄριστον μὲν ὕδωρ, começo de suas Olympicas immortaes[1].

Transposto uma vez o abysmo, que separa a phantasia e a razão, o mytho imaginoso e a doutrina philosophica, a sciencia inaugura na Grecia fecundissima o cyclo das suas conquistas e lança os fundamentos á moderna especulação. É da Asia hellenisada, é d'esta brilhante raça ionia, que enfeixa as tradições orientaes e a livre, espontanea e creadora intelligencia dos europeus, que desponta o primeiro alvorocer do pensamento reflexivo. Porque o destino e a funcção historica da Grecia é ligar o Oriente e o Occidente, as antigas civilisações e a futura evolução da humanidade, recolher o espolio disperso e truncado na bancarôta intellectual das sociedades asiaticas, para o transmittir accrescentado com os juros crescidos de uma poderosa e brilhante elaboração ás raças aryanas da Europa occidental.

A Thales succede Anaximandro. Á doutrina puramente physica do mestre

che wir bei den Griechen im dem Dienst des wasserspendenden, des regnenden Zeus von Dodona, in dem Kultus des Acheloos, in der Kosmogonie Homers wiedergefunden haben; sie hatte den Okeanos, den Behälter des Wassers, zum Ursprung der Götter gemacht... Er (Thales) strich den Okeanos und Tethys... und erklärt einfach das Wasser für den Ursprung und für den Urstoff aller Dinge.» Duncker. *Gesch. des Alterth.* IV, 118, 119. «Und unverkennbar steht dieses Mythologem in einem freilich ganz allgemeinen Zusammenhang der Anschauung mit jenem Philosophem der jonischen Schule, dass dar Wasser der Urstoff aller Dinge sei.» Nägelsbach's. *Homerische Theologie*, II Abschnitt, 78. A theoria de que a agua é o principio da vida e do universo apparece já em certa maneira desembaraçada dos ornatos mythologicos na *Iliada*. Quando no livro VII se levanta Menelau para exprobrar aos achivos a sua excordia e timidez perante a arrogancia de Heitor, diz-lhes o heroe

Ἀλλ' ὑμεῖς μὲν πάντες ὕδωρ καὶ γαῖα γένοισθε.

«vós todos vos tornareis em agua e terra,» como quem dissera: «todos haveis de perecer, ou terdes os vossos corpos decompostos na agua e na terra, de que são formados.» *Iliad.* η, 99.

[1] Ἄριστον μὲν ὕδωρ ὁ δὲ
Χρυσος, αισθομενον πῦρ.

Pindar. *Olymp.* I. O principio da philosophia de Thales parece estar tambem reproduzido pelo grande tragico da Grecia. Nas Ικετιδες *(Supplicantes)* vers. 863-865 o poeta diz:

Αλφεσίβοιον ὕδωρ,
Ενθεν δεξόμενον
Ζώφυτον αἷμα βροτοισι θάλλει.

substitue o ἀκουστὴς ou ἀκροατής[1], o alumno, mais subtil nas suas concepções, um principio mais geral e menos positivo, o ἀθάνατον καὶ ἀνώλεθρον[2], o eterno e indestructivel, que preludia já nos primeiros tempos a futura transição da philosophia naturalista para o conceito metaphysico do universo. O ἄπειρον, o infinito, o illimitado, como fundamento de toda a natureza, é uma conquista nova no dominio das transcendentes abstracções[3]. Como materia prima de todo o *Kosmos*, como elemento commum e indeterminado, onde tudo potencialmente se contém, como protoplasma, d'onde por uma energia formativa podem sair as mais varias e distinctas individuações para novamente volverem ao seu seio, o ἄπειρον continua a tradição physica de Thales, e generalisa n'uma theoria menos sensualista a idéa de um principio universal. Como concepção abstracta da ultima razão do mundo phenomenal, o ἄπειρον, formulando pela primeira vez na philosophia grega a noção do infinito no tempo e no espaço, mostra ao espirito hellenico a incommensuravel amplidão, em que tem de exercitar-se a sua possante dialectica e lança na terra apenas desbravada dos mythos ou dos conceitos realistas a raiz mal perceptivel da mais ambiciosa metaphysica. Se Thales é, como o pretende Buchner, o ἀρχηγὸς, o pae, o fundador do materialismo grego, sem que ainda esteja claramente pronunciada no seu tempo a distincção entre a materia e o espirito, entre a ὕλη e o λόγος, é Anaximandro, nos primordios de uma balbuciante philosophia, o progenitor d'aquella escola, que sem negar ás noções experimentaes o que pela sciencia lhes é devido, sabe levantar-se acima das apparencias e ler nos typos da natureza o espirito de um *Kosmos* racional[4]. Anaximandro seria por ventura o vinculo de união entre os physiologos da Ionia e o dogma da unidade essencial do universo, professada por Xenophanes e continuada pela arguta dialectica dos Eleatas. Tão certo e verdadeiro é que todas as philosophias, as quaes são apenas aspectos singulares e incompletos da verdade universal, convisinham entre si, como cada face de um polyedro confronta com as demais, que lhe demoram adjunctas. Thales admittira um elemento, como a materia prima universal. Anaximandro, fazendo mais geral o principio gerador, não designa expressa-

[1] Schwegler. *Gesch. des griech. Phil.* 15.

[2] Arist. *Physic.* III, 4.

[3] Ἀναξίμανδρος ἀρχὴν εἴρηκε τῶν ὄντων τὸ ἄπειρον, πρῶτος τοῦτο τοὔνομα κομίσας τῆς ἀρχῆς. Simplic. in Aristot. Physic. f. 6.

[4] «The only value of this Anaximandrian notion seems to lie not certainly in any reality, which can be proved to belong to it, but rather in the truly philosophical principle that it involves, that things are not what they seem, and that what the superficial observer calls different things, are, when nicely looked into, often only different states of the same thing.» Professor Blackie. *On the pre-Socratic Philosophy*, 306.

mente o nome e as qualidades da ἀρχή na sua cosmologia. O ἄπειρον, na fórma grammatical de puro adjectivo, exclue a determinação da substancia primordial. Não é nem a agua de Thales, nem o ar de Anaximenes, nem o fogo de Heraclito. É um principio, que a todos estes comprehende, porém não menos externo e objectivo do que elles, posto que escapando na sua larga indeterminação ao conhecimento dos sentidos[1]. O ἄπειρον obedece pois ainda á inspiração fundamental da escola ionica, em ser um principio puramente physico, um elemento substancial, não um principio dynamico, uma energia[2]. Se bem que a materia, ὕλη, não tem ainda tomado claramente o seu logar nos systemas e nas controversias philosophicas, é evidente que a ἀρχή, o principio de Anaximandro não é senão a materia na sua mais ampla comprehensão, indeterminado como ella, como ella indestructivel, como ella despojado de todo o attributo e qualidade individual. É a materia, como hoje a concebe apoz vinte e cinco seculos de conquistas scientificas, depois dos progressos da chimica moderna e da physica molecular, a mais arrojada especulação. É a materia desvestida, pelo extremo da abstracção, de toda a qualidade individual, e reduzida pelo espirito ao estado de indifferença e de unidade. É a materia ao mesmo tempo affirmada como *substratum* e negada como realidade absoluta. É a materia reduzida a um systema de pontos infinitamente numerosos, a que se applicam incessantes as forças da natureza, como na concepção de alguns altos engenhos especulativos das modernas sciencias naturaes[3]. O ἄπειρον é infinito para que não cesse de gerar e produzir, ἄπειρον ἵνα ἡ γένεσις μηδὲν ἐλλείπῃ[4]. A materia, a ἀρχή indeterminada, tem em si pois, como faculdade in-

[1] «.... though this ἄπειρον, the infinite or rather the *Indetermined*, was something external and objective, it differed from the ἀρχή of Thales, and the other teachers of this school, in that it was a something neither visible, nor tangible nor cognoscible by human senses in their ordinary action.» Professor Blackie. *On the pre-Socratic Philosophy*, 306.

[2] «Dass das Urwesen des Anaximander als stofflich, als ὕλη zu denken ist, und nicht als dynamisches Prinzip, ist unzweifelhaft da Anaximander insgemein zu den Physikern (φυσικοί) gezählt wird (zu den φυσικοί rechnet ihn Aristoteles *Phys.* I. 4; zu den φυσιολόγοι. Ders. III. 4)» Schwegler. *Gesch. der griech. Philos.* 17.

[3] «Bon gré, mal grè cette matière qu'il croit voir, qu'il croit toucher, qui se revèle à lui sous tant d'aspects différents, que l'expérience lui montre douée de cohésion, d'affinité, de diffusion, etc., etc., autant de mystères encore, est formée d'atomes sans volume, sans étendue, groupés en molécules, *simples centres de forces*, qui n'ont absolument rien de matériel en prenant ce mot dans l'acception qu'il lui donne.» *Physique moléculaire, ses conquêtes, ses phénomènes et ses applications*... par M. l'abbé Moigno. Paris, 1868, pag. 206.

[4] Plut. *De placit. philosoph.* I, 3, 4.

herente e inseparavel, uma genesis ininterrupta e uma incessante transformação. Todas as coisas provêm do ἄπειρον e n'elle vem depois a resolver-se. O seu eterno movimento, αἴδιος κινήσις[1], explica, segundo Anaximandro, todas as opposições dos elementos, ἐναντιότητες, e é o seu principio differencial. E não é esta hoje porventura a simples e derradeira conclusão, a que leva, estribando na immensa variedade das modernas premissas experimentaes, a metaphysica da natureza? Não é a *energia* um attributo essencial, coexistente com a materia, transformando-se perpetuamente como ella, e como ella tambem indestructivel? O que pela abstracção se nos affigura distincto e independente da materia, a força ou o movimento, não é talvez uma das suas qualidades necessarias, como a extensão? O planeta que revolutêa na sua orbita, e o atomo, que nas acções interiores dos corpos descreve a sua trajectoria infinitesima, estão continuamente em movimento, por uma consequencia imprescriptivel da sua existencia material. As duas fórmas da sensibilidade pura, sem as quaes é impossivel a percepção dos phenomenos,—o espaço e o tempo,—são apenas os factores abstractos e metaphysicos do movimento insito á materia. A especulação hegeliana e a physica moderna confirmam egualmente o espirito philosophico da Ionia[2].

O ἄπειρον d'Anaximandro na sua nebulosa generalidade é como que uma anticipação da metaphysica futura, implantada n'uma escola ainda puramente naturalista. A propria indeterminação d'aquella ἀρχή difficulta a explicação individual dos phenomenos do *Kosmos* e torna enleiada e obscura a genesis do universo. É força volver á primitiva direcção do espirito philosophico da Ionia e materialisar, tornando-o cognoscivel aos sentidos, o principio fundamental de todas as coisas. Este retrocesso ao puro naturalismo é a empreza de Anaximenes. O ar é a ἀρχή do seu systema. É a materia reduzida ao seu estado mais subtil. O ἀηρ, o πνεῦμα, este principio, que a toda a natureza comprehende, é para a vida universal o que o ar atmospherico para a humana conservação[3]. O principio de Anaximenes é como o dos seus predecessores indestructivel e animado de um movimento essencial. O πνεῦμα é a materia no seu estado de infima cohe-

[1] Simplic. *In physic. Arist.* 6.

[2] «Cette transformation du point dans l'espace en un point dans le temps est le mouvement, contradiction par laquelle est constamment posée l'identité des deux et sans cesse reproduite leur différence... le mouvement réel, qui dans cette sphère correspond au *devenir* logique, se fixe dans son résultat, qui est la *matière*... Ainsi l'essence du mouvement est l'unité immédiate de l'espace et du temps.» *Hist. de la philos. allemande* par Willm. Paris, 1849, IV. *Philosophie de Hegel*. 238.

[3] «Οἷον ἡ ψυχὴ ἡ ἡμετέρα ἀὴρ οὖσα συγκρατεῖ ἡμᾶς, καὶ ὅλον τὸν κόσμον πνεῦμα καὶ ἀὴρ περιέχει» Stob. *Eclog.* I, pag. 296.

são, a materia das nebuloses, talvez o ether, que enche os espaços infinitos, e que, expandido ou condensado produz todos os corpos do universo nos seus varios estados de aggregação. A condensação, πύκνωσις, e a rarefacção, μάνωσις, ἀραίωσις, determinam, por um processo de continua transformação, todos os phenomenos do *Kosmos*[1]. O ar, o πνεῦμα de Anaximenes, adelgaçado e rarefeito é o fogo, d'entre todos os antigos elementos o mais movel e subtil; adensando-se mais e mais dá origem aos gazes e aos vapores, á agua, á terra, ás pedras, a todos os corpos organicos e inorganicos[2]. E não conforma esta doutrina, apenas esboçada nos seus traços mais geraes pelo espirito sagaz do physiologo da Ionia, com as hypotheses cosmogonicas de Herschel e de Laplace? Da nebulose, e da materia cometaria, tão rara e tenue que através da sua massa transparecem as minimas estrellas, não se originam em redor de nucleos e centros de attracção os espheroides planetarios? Não é a transição da mesma substancia por successivos estados de aggregação um facto confirmativo da ousada e quasi divinatoria philosophia anaximenica? Que prodigios não teem realisado as hodiernas sciencias chimico-physicas, liquefazendo e solidando os gazes, que mais pareciam refractarios aos vinculos de uma intensa cohesão?

Confessemos pois que a philosophia ionica, apesar de rude e primitiva nos seus methodos experimentaes, nos seus imperfeitissimos processos de inducção, e na synthese precoce, aventurosa, temeraria, formulou alguns dos principios que ainda hoje, transcorridos dois mil e quinhentos annos, se inscrevem, posto que mais definidos e despojados do seu colorido metaphysico, na magnifica portada das sciencias naturaes[3]. A escola ionica é benemerita das altas especulações, porque intentou ler e decifrar o livro mysterioso da natureza e interpretar a sua infinita variedade, reduzindo a uma concepção synthetica os phenomenos individuaes e isolados.

A materia, de que se compõe o universo, o estofo ignoto, de que se talham e enfeitam as esplendidas e variegadas vestiduras do mundo externo, era forçosamente na ordem racional, como na sequencia chronologica, o primeiro problema da philosophia. Qual é a materia prima fundamental, de que se affeiçoa o *Kosmos*, e de que a natureza, a eterna e mythica Penelope, vae urdindo sem termo a sua têa? O que é este Proteo, que se disfarça nas mais fugazes apparencias, sem que alcancemos, com serem tantos e tão admiraveis os progressos e maravilhas de sciencia, rasgar-lhe os véos, em que se esconde, e salteal-o na

[1] Schwegler. *Gesch. der griech. Philosoph.* 19.

[2] Simplic. *In Physic. Aristot.* 32.

[3] «Nous trouvons donc dans cette philosophie primitive déjà, mais sous une forme embryonnnaire, les éléments de toutes les explications de la nature tentées depuis.» Weber. *Histoire de la philosophie européenne*, 18.

sua desnudez[1]? O que é a natureza, esse mysterio tão incomprehensivel e tão alto como os arcanos mais inexpugnaveis do mundo intelligivel? O que é a materia tão abstracta como o espaço ou como o tempo? Este foi o problema dos physicos da Ionia, a que alguns chamaram *hylozoistas*[2], porque a materia do universo foi o assumpto predilecto das suas ainda singellas cogitações, mas a materia viva, animada, cinetica, de per si variavel e prolifica, a materia ao mesmo tempo ὕλη e δύναμις, elemento e energia. O systema ionico é puramente o *mónismo*, a admissão de um principio unico e exclusivo. O antagonismo de dois principios, que é o dogma fundamental da philosophia theologica dos aryanos orientaes, não pôde n'aquella edade ter accesso aos espiritos hellenicos, ainda mal exercitados na abstracção.

Mas ao lado da materia, ao espirito se affigura necessario um segundo principio, que represente a vida, o movimento, o processo de toda a formação. A noção de causalidade, que já começa a transparecer na theoria de Anaximandro, reclama o seu logar nas hypotheses da ulterior philosophia. A abstracção separa do effeito a sua causa. Tudo parece mudavel no universo. O movimento attesta a sua irrefragavel existencia nas apparencias cosmicas e nos phenomenos moleculares, na materia ao parecer inerte e bruta e na assombrosa variedade dos organismos animaes e vegetaes. O novo problema da philosophia é pois o inquirir a força, a acção motriz, a ἀρχὴ τῆς κινήσεως, como lhe chamará mais tarde o famoso encyclopedista de Stagira. N'este ponto, o mais critico e difficil na evolução do pensamento, se bifurca forçosamente o caminho da especulação. A um lado permanece a tradição naturalista da primitiva seita ionica, representada na *mónismo* de Heraclito, de Empedocles, dos atomistas; á outra parte principia a transluzir o dualismo nas concepções metaphysicas de Anaxagoras.

Dos lineamentos imperfeitos da escola ionica até ás doutrinas heracliteas, nota-se um progresso admiravel na ousadia especulativa. Heraclito é ionico, é da Hellade asiatica. Tem o seu berço em Epheso. O seu nome de σκοτεινός, o *obscuro*, como quem dissera hoje o metaphysico, o nebuloso, o transcendente, é um ir-

[1] O mytho hellenico de Proteo tem parecido a alguns philologos representar a materia primitiva. Como nume aquatico, Proteo poderia ser no conceito de Welcker e de Pott a agua primordial, o elemento de que segundo as mais antigas mythologias e os mais velhos systemas philosophicos, se produziram todos os corpos do universo. Vej. Nägelsbach, *Homerische Theologie*, II. Abschn. *Der Olympische Staat*, 87.

[2] «By the *Hylozoists* I understand those philosophers who found the ἀρχὴ or first principle of things in some external, objective, visible, tangible, material element; and yet they were not materialists in the popular sense of the word at all; for they knew nothing of and could scarcely have considered that idea, so familiar to us, of a dead matter as opposed to mind.» Prof. Blackie. *On the pre-socrat. Phil.* 304.

refragavel documento de que a philosophia lhe devera uma profunda elaboração. No conceito da antiguidade, confirmado pelo juizo de tão grande testemunho como o de Hegel, Heraclito é porventura com Pythagoras e Parmenides, o maior vulto da philosophia ante-socratica[1]. As regiões, onde o seu engenho se aventura e delicia, não são já as ridentes paizagens, onde beberam a inspiração os seus predecessores positivistas; já não são a natureza considerada como o que ha de real, verdadeiro, estavel, cognoscivel. As trevas, onde se engolfa o Samio lachrymoso, já lhe não deixam atar o fio do caminho para voltar ás paragens onde ha luz. Heraclito pela ἀρχή, apparentemente material, o fogo, πῦρ, de que deriva o universo, vincula-se ainda á seita ionica. Mas o seu processo dialectico, o *devenir* universal, o πάντα χωρεῖ, o fluxo eterno e necessario, conferem-lhe um logar entre os primeiros metaphysicos da Hellade[2].

Os Ionios seus antecessores tinham visto em a natureza um todo permanente, determinado. Sob este aspecto a sua philosophia podia dizer-se *statica*, porque o seu problema era a substancia[3], mas a concepção *dynamica* transparecia já nas suas hypotheses, porque a ἀρχή em todas ellas tinha por attributo essencial e inseparavel o eterno movimento, a ἀΐδιος κινήσις de Anaximandro. Nenhuma philosophia, ou interprete os factos experimentaes ou construa *à priori* o universo, póde, sem esterilisar desde o começo as suas fontes, prescindir de movimento. Os proprios Eleatas, que o negam como absurdo nos dominios da mechanica, fazem d'elle como principio dialectico o agente mais energico das suas cogitações. A vaga intuição da força e do movimento transluz nas especulações dos Ionios primitivos. Mas a Heraclito pertence o privilegio de formular o dynanismo em toda a sua arrojada comprehensão. Os Ionios tinham buscado uma ἀρχή material, a ὕλη primitiva, ou empiricamente especificada como a agua de Thales e o πνεῦμα de Anaximenes, ou liberta de todas as suas qualidades phenomenaes, como o ἄπειρον de Anaximandro. Mas Heraclito elege por ἀρχή do seu systema um principio, que é antes o proprio eterno movimento do que a substancia fundamental. E admire-se que prodigiosa intuição encaminha aquelle genio philosophico na escolha do seu elemento gerador.

[1] Prof. Blackie. *On the pre-socrat. Phil.* Wilm, *Histoire de la Philosophie Allemande*, IV. 13, 14.

[2] «Wie Thales das Wasser, Anaximenes die Luft, so machte — sagt Aristoteles Met. I, 3, 12 — der Ephesier Heraklit das Feuer zum Prinzip. So aufgefasste würde Heraklit ganz in eine Reihe mit den älteren Ionien zu stehen kommen. Allein diese Auffassung wäre ein grosses Missverständniss seiner Philosophie.» Schwegler. *Gesch. der griech. Phil.* 23.

[3] «Die älteren Ionier haben die *Substanz* der Dinge, das Grundwesen zu entdecken gesucht, aus welchem die Dinge hervorgehen.» Schwegler, *Gesch. der griech. Phil.* 12.

Os cimentos da sua philosophia são, como os da escola ionica, os resultados experimentaes. É empirica, segundo era de razão, a base, em que se firma para erguer o vôo pelo caminho da inducção ás mais caliginosas regiões do pensamento transcendente. O πῦρ, o fogo, o *calor*, como hoje lhe chamariamos, como o appellida já Platão, é de todas as apparencias da natureza a que mais conforma á noção do incessante movimento, á representação da vida perpetuamente extincta e renovada[1]. O *calor* é já para o philosopho ephesio um fluxo ininterrupto, e uma força creadora. É elle que vivifica o universo e veste de folhagem e de flores o corpo da terra-mãe. É elle que dá origem á composição e decomposição, de que resultam as eternas vicissitudes da existencia individual e especifica[2]. É, segundo o commum sentir da antiguidade, o mais puro, o mais subtil, o mais dynamico d'entre todos os elementos[3]. É aquelle de que a sciencia do XVIII seculo, acceitando em parte a doutrina heraclitea, fará com o nome de *calorico* um novo agente imponderavel, o principio das repulsões moleculares, concepção intermediaria e logicamente indispensavel entre a noção materialista do calor e a brilhante e fecunda concepção da physica actual[4]. O principio adoptado por Heraclito não é senão o proprio movimento, a perpetua mutação, o *devenir* universal. Não é sómente a energia motriz de toda a natureza, antes elle mesmo é movel sem tregua e sem repouso. *Nada é*, tudo passa, tudo muda, tudo se transforma sem cessar[5]. A existencia ou mais exactamente o *não ser* universal é na phrase imaginosa do

[1] «Heraclitus therefore proceeded by a true process of induction, when he put his finger on heat as that common principle which, by producing fluidity, makes life possible.» Prof. Blackie, *On the pre-Socr. Phil.* 307.

[2] «Was ihm bewegen hat, dem Feuer diese Rolle anzuweisen, ist die bewegliche Natur dieses Elements, vermöge der es als das treuste Abbild ruhelosen Lebens erscheint, und zwar genauer seine ebenso befruchtend und belebende als auflösend, versetzende, verzehrende, neue Bildungen und Verbildungen bewirkende Kraft.» Schwegler, *Gesch. der griech. Phil.* 27.

[3] Haefer, *Hist. de la Physiq. et de la Chimie.* Paris, 1872, pag. 104.

[4] «On commença dès lors à abandonner l'hypothèse de la *chaleur-matière* pour revenir à la doctrine héraclitienne de la *chaleur-mouvement.*» Haefer, *Hist. de la Physiq. et de la Chimie*, 107. «Il est difficile de concevoir ces phenomènes sans admettre qu'ils sont l'effet d'une substance *réelle, matérielle, d'un fluide très-subtil* qui s'insinue à travers les molécules de tous les corps et qui les écarte, et en supposant même que l'existence de ce fluide fût une hypothèse, on verra dans la suite qu'elle explique d'une manière très-heureuse les phénomènes de la Nature.... Nous avons.... désigné la cause de la chaleur, le fluide éminemment élastique qui la produit par le nom de *calorique.*» Lavoisier, *Traité élém. de chimie*, 3ᵉ ed. Paris, 1801, 4 e 5.

[5] «τὰ ὄντα ἰέναι τε πάντα καὶ μένειν οὐδέν.» Plat. *Cratyl.*

philosopho-poeta, como a corrente de um rio, em cujas aguas é impossivel occupar em dois instantes ainda infinitamente proximos a mesma posição[1]. Coexistem no mesmo ponto o ser e o não ser; a affirmação e a negação; porque este é o caracter essencial da continuidade, representada conjunctamente no tempo e no espaço pela noção do movimento, o negar e affirmar simultaneamente o mesmo estado. No dogma philosophico de Heraclito está exactamente prefigurado o famoso aphorismo de Spinosa: *Omnis affirmatio est negatio.* Segundo a propria confissão de Hegel a doutrina heraclitea serviu de alicerce ao systema arrojado e profundissimo do philosopho allemão, como tantas vezes das pedras talhadas e dispersas no recinto derrocado de uma cidade antiga e sumptuosa se affeiçoam e erigem os monumentos de uma nova civilisação. O fluxo, a ῥοή do systema heracliteano é um movimento, que procede por contradicção, por antagonismo (ἐναντιοτροπή)[2]. A ἀρχή fundamental resolve-se em todas as fórmas possiveis da existencia e produz a diversidade e a opposição. A guerra, πόλεμος, dos elementos, das forças é, pela essencia do principio de Heraclito, a lei do universo. O conflicto, o combate permanente é pois o pae, o rei, o dominador de todas as coisas, πατήρ, βασιλεύς, κύριος, do grande todo, τὸ παν[3]. Mas d'este eterno contraste resulta por uma lei necessaria, fatal, divina, imprescriptivel, εἱμαρμένη, ἀνάγκη, νόμος θεῖος,[4] a ordem, o *Kosmos*, a harmonia, a qual seria irrealisavel sem a coexistencia dos tons graves e agudos, e não poderia subsistir em a natureza organica sem o concurso das duas energias sexuaes[5]. E quem não vê n'esta larga intuição da natureza o germen de muitas doutrinas da moderna sciencia e philosophia? Não poderia, com verdadeira accommodação, o principio fundamental da theoria darwiniana, o *struggle for life*, este combate sem tréguas entre as especies animaes umas com as outras, e com as producções do mundo vegetal, esta condição primordial da variação dos typos da natureza, reclamar por seu legitimo avoengo o πόλεμος πάντων βασιλεύς de Heraclito? O Zeus, a ordenação divina, que é ao mesmo tempo lei e fatalidade, νόμος e ἀνάγκη, conciliando a ordem e a harmonia com a exclusão absoluta da previdencia teleologica, da *finalidade* no uni-

[1] «ποταμοῦ ῥοῇ ἀπεικάζων τὰ ὄντα λέγει (Heraclito) ὡς δὶς ἐς τὸν αὐτόν ποταμὸν οὐκ ἂν ἐμβαίης.» Plat. *Cratyl.*

[2] «γίνεσθαι πάντα κατ' ἐναντιότητα.» Diog. Laert. IX, 8.

[3] «πόλεμος πάντων μὲν πατήρ ἐστι, πάντων δὲ βασιλεύς.» Orig. *Philosophem.* IX, 8. «πόλεμον εἶναι πατέρα καὶ βασιλέα καὶ κύριον πάντων.» Heraclit. cit. in Plut. *De Isid.* 48.

[4] *Heraclit. Fragment.* de Schleiermacher cit. em Schwegler *Gesch. des griech. Philos.* 29.

[5] «οὐ γάρ ἂν εἶναι ἁρμονίαν μὴ ὄντος ὀξέος καὶ βαρέος οὐδὲ τὰ ζῶα ἄνευ θήλεος καὶ ἄῤῥενος ἐναντίων ὄντων.» Aristot. *Ethic. Eudem.* III, 1.

verso[1], não representa nos seus primeiros lineamentos a doutrina dos mais arrojados pensadores nas hodiernas sciencias naturaes? Dos Darwins, dos Büchners, dos Haekels, e de quantos parece preconisarem, como philosophia da natureza, o materialismo intelligente? Na sua expressão physica o systema de Heraclito dá origem ás modernas especulações do *dynamismo* na philosophia natural. No seu aspecto metaphysico, e pelo seu movimento dialectico, Heraclito recebe a mais brilhante consagração do seu engenho, quando Hegel, o primeiro entre os philosophos d'este seculo, o proclama solemnemente o seu mais illustre predecessor[2].

De Heraclito a Empedocles, afrouxa visivelmente o estro metaphysico dos philosophos helleno-asiaticos, e reaviva-se com um novo processo scientifico a primitiva tradição da escola ionica. A sua philosophia é principalmente naturalista[3]. O *hylozoismo* é como para os Ionios a sua inspiração fundamental, com a differença porém que á *unidade* material dos primeiros *physiólogos* responde a sua *multiplicidade* na concepção physica de Empedocles. Os Ionios, continuados n'este conceito por Heraclito, ensinam a conversão da sua ἀρχή na variedade infinita dos productos naturaes e assumem tacitamente um processo de transformação, um *devenir*, uma γένεσις perpetua e creadora. Empedocles ao revez nega resolutamente a transmutação do elemento primitivo para dar origem a producções multiplices, differentes, antagonistas. O merito principal da sua philosophia é ter conferido direito de cidade n'esta livre republica do pensamento hellenico a um principio original, fecundo, creador, sobre que estriba no presente a concepção scientifica do *Kosmos* e que explica a extrema variação da materia inorganica e organisada sem arriscar inteiramente a simplicidade philosophica. O sabio de Agrigento,—a quem a lenda, a tradição e a historia conferiram os fóros de um personagem maravilhoso e omnisciente, de medico e de propheta, de philosopho e thaumaturgo, de poeta e estadista, aquelle homem que no seu poema

[1] «Necessaria æternarum consecutionum lege sequuntur et constant inter se omnia, nec aliud λόγος ille est (modo ita locutus sit Heraclitus) quam æterna series causarum et eventuum apte inter se cohærens ex natura ignis ejusque æterni motus orta.» Brucker, *Hist. Crit. Philosoph.* I, pag. 1217.

[2] «Hegel ajoute qu'il n'y a pas une seule proposition d'Héraclite qu'il n'aie admise dans sa *Logique*.... la philosophie d'Héraclite n'est pas seulement de l'histoire; elle subsiste par son principe et se retrouve dans ma *Logique*.» Hegel citado por Wilm, *Histoire de la Philosophie Allemande*, IV, pag. 13.

[3] «Id verò probe observandum est, Empedoclem rerum spiritualium æternarum que et intelligibilium considerationem magis supposuisse quam instituisse et in naturali philosophia sua potissimam partem ad explicanda rerum sensibilium φαινόμενα respexisse.» Brucker, *Hist. Crit. Philosoph.* pag. 1112.

περὶ φύσεως[1] a si mesmo se canta como immortal e como deus[2], e vestido de apparatoso trage sacerdotal, é recebido nas cidades, com honras quasi divinas e invocado em todas as enfermidades e miserias, como um paracléto e redemptor,—institue o seu systema por uma parte como um syncretismo das doutrinas ionicas, e por outra parte com a idéa original da composição e decomposição, admiravel, posto que ainda longinqua intuição da synthese e da analyse chimica na edade nossa contemporanea. A doutrina de Heraclito parece-lhe absurda. Professa com os Eleatas a negação do *devenir* na accepção do philosopho tenebroso. Mas em quanto aquelles fundadores da transcendente dialectica se apartam mais e mais da natureza para se remontarem ao puro idealismo, Empedocles retrocede ao empirismo das sciencias naturaes[3]. A composição e a decomposição, a synthese e a analyse, eis ahi as duas phases, os dois *momentos* do processo gerador em toda a natureza. O que se affigura transmutação ou variação qualitativa da mesma ἀρχὴ primordial é apenas a agregação ou a dispersão de elementos que se combinam ou desunem[4]. O *devenir*, a *genesis*, é pois apenas apparente, phenomenal. D'este novo processo introduzido na sciencia é forçosamente inseparavel a pluralidade. As tres ἀρχαί dos Ionios e de Heraclito são agora elementos, ῥιζώματα, materiaes, ςτοιχεῖα, especies distinctas da ὕλη, da materia. A accessão da terra, γῆ, á categoria de ςτοιχεῖον completa finalmente a *tetrade* chimica do sabio agrigentino[5]. Não pertence de certo a Empedocles a originalidade na invenção dos elementos. Antes d'elle já Pythagoras os havia admittido, as philosophias aryanas do Oriente os haviam consagrado.

O processo da construcção e da destruição dos corpos organisados e inorganicos pelas puras influencias da synthese e da analyse, (e é n'ellas que con-

[1] Os fragmentos d'este poema existem colligidos nas edições de Sturz (1805), de Karsten (1838) e Stein (1805).

[2] Schwegler, *Gesch. der griech. Philo.* 33.

> Χαίρετ', ἐγὼ δ'ὑμῖν θεὸς ἄμβροτος, οὐκ ἔτι θνητὸς
> Πωλεῦμαι.

[3] «δι περὶ Ἐμπεδοκλέα... λανθάνουσιν ἀυτοὶ ἀυτοὺς οὐ γένεσιν ἐξ ἀλλήλων ποιοῦντες, ἀλλὰ φαινομένην γένεσιν.» Arist. *De Cælo* III, 7.

[4] «Die unerschöpfliche Mannigfaltigkeit der Erscheinungen hat bei dieser Auffassung ihren einzigen Erklärungsgrund in den verschiedenen Mischungsverhältnissen der Urstoffe, auf welche Empedokles sofort, mit hervorstechendem Sinn für Beobachtung und gründlicherer Vertiefung ins Empirische, die Naturerscheinungen zurückzuführen gesucht hat.» Schwegler, *Gesch. der griech. Philos.* 33.

[5] Ἐμπεδοκλῆς τὰ ὡς ἐν ὕλης εἴδει λεγόμενα στοιχεῖα τέτταρα πρῶτος εἶπεν.» Arist. *Metaphys.* I, 4, 11.

siste a originalidade philosophica de Empedocles exige como fundamento impreterivel o *atomismo*. Duas substancias não podem combinar-se sem que mutuamente se concatenem e permeiem de feição, que da multiplicidade effectiva dos componentes resulte a unidade do composto. O ῥιζώμα de Empedocles é pois uma congerie de minimas particulas sphericas, porventura semelhantes aos ψηγμάτια, aos atomos de Heraclito[1]. O que ha porém de mais original na philosophia de Empedocles é a doutrina das duas forças, poderiamos dizer moleculares, que pela primeira vez apparecem na historia do pensamento especulativo. A φιλια, o amor, a força, que compõe e unifica, e o νεῖκος, a hostilidade, a força, que disjunge e decompõe, são duas creações do encyclopedista agrigentino[2]. Trajando a mesma allegorica vestidura, com que o auctor do poema περὶ φύσεως empresta as côres da sua caprichosa phantasia á severa nudez dos systemas philosophicos, as duas energias, que presidem ao processo da formação no *Kosmos*, não são mais do que a attracção e a repulsão, de cujo antagonismo dependeu até ha poucos annos a philosophia da natureza. São como as duas contrarias electricidades de Berzelius, principio e fundamento do dualismo chimico, agora já suspeito na sciencia. E não nos assombre que nos incunabulos da especulação um poeta philosopho enuncie por duas metaphoras poeticas o positivismo das suas forças naturaes, assim como designara os elementos com os nomes das divindades[3]. N'aquelles tempos nebulosos a imaginação anda mesclada e confundida com o pensamento philosophico, o mytho com o aphorismo, os numes immortaes com as energias creadoras. E á luz resplandecente da sciencia dos nossos dias, não vemos a allegoria, o mytho na sua fórma já evanescente, dominar no immenso vocabulario das sciencias? O que é a *affinidade* senão uma allegoria? e n'ella se tem por largos annos estribado a chimica moderna.

[1] «Quatuor elementis priora sunt exigua quasi fragmenta quædam et minimæ moleculæ, quæ sunt elementorum elementa et figuræ rotundæ.» Brucker, *Hist. Crit. Phil.* I, 1114. Haefer, *Hist. de la Phys. et de la Chimie*, pag. 342. Schwegler, *Gesch. der griech. Phil.* 33.

[2] «φιλίαν τε ῇ συγκρίνεται, καὶ νεῖκος, ᾧ διακρίνεται. Diog. Laert., VIII, 2, pag. 232.

[3] Zeus, Here, Aedoneus, Nestis. Nos seguintes versos de Empedocles está compendiada a sua doutrina dos elementos e das forças:

Τέσσαρα των πάντων ῥιζώματα πρῶτον ἄκουε.
Ζεὺς ἀργής, Ἥρη τὲ φερέσβιος ἠδ' Ἀϊδωνεὺς,
Νῆστις τ' ἐν δακρύοις τέγγει κρούνωμα βρότειον.
Των δὲ συνερχομενών ἐξέσχατον ἵστατο νεῖκος.

Johan. Stob. *Eclogarum Libri duo*. Antuerp. ex officin. Christoph. Plantini 1575, L. I. cap. XIII. Περὶ ἀρχων, καὶ στοιχείων καὶ τοῦ παντός, pag. 25.

XI

A doutrina de Empedocles, consagrando como principios do universo a *força* e a *materia*, é essencialmente materialista, se ás especulações da antiguidade se póde com rigor applicar este epitheto moderno. Na primeira phase da philosophia hellenica a distincção subtil e orthodoxa entre a materia e o espirito é ainda mal assignalada. Não é uma linha, antes uma gradação de tintas esbatidas, a que separa o νοῦς e a ὕλη, o principio intelligente e o principio material. Nas cogitações dos hylozoistas ionios a materia coexiste com o espirito, e ambos como que se invadem e compenetram por tal arte, que nem a abstracção se abalança a discernil-os como noções independentes e antinomicas[1]. O λόγος, o verbo, a razão, a intelligencia, ainda se não tem distinctamente formulado como principio superior á natureza, como potestade legislatoria no universo: é ainda apenas ἀνάγκη, necessidade, νόμος, *lei*, principio *diacosmetico*, ou regulador da ordem e da harmonia.

A materia para os antigos era, como egualmente para nós, uma substancia indefinivel, ou antes um mysterio indecifravel. A abstracção construia-lhe o conceito, o nome impunha-lh'o a metaphora. Em grego ὕλη, é a propria palavra, que designa uma floresta e o lenho dos arvoredos. A metaphora era trazida do trafego industrial, em que a madeira era o estofo habitual das artes ainda meio selvaticas e infantis. Assim como as rudes estructuras de uma civilisação balbuciante tem por material o cerne, a ὕλη, a selva, ao mesmo tempo consagrada aos numes e ao trabalho[2], assim a ἀρχή, o *substratum*, o ὑποκείμενον, de que se imaginam fabricadas as coisas da natureza, recebe por allegoria e paridade o nome, que a indeterminação d'este principio não permitte se lhe imponha mais exacto. O simile, ainda que n'outros termos, encontra-se já claramente formulado n'um dialogo de Platão[3]. Quando n'um momento de inexcedivel lucidez intellectual, na culminação da cultura philosophica de Athenas, depois de agu-

[1] «Dans les philosophes antérieurs (à Anaxagore) l'opposition entre le corporel et le spirituel n'avait pas encore été établie, ou du moins n'avait pas encore reçu de forme déterminée; bien plus le corporel et le spirituel avaient été admis l'un et l'autre dans un état de confusion.» Ritter, *Hist. de la philos.* I, 257.

[2] «Den später technisch gewordenen Ausdruck ὕλη gebraucht Plato für diesen Urstoff noch nicht, wohl aber vergleicht er ihn mit der ὕλη, die von den Handwerkern verarbeitet werde.» Schwegler, *Gesch. der griech. Philos.*, 159.

[3] «Εἰ γὰρ πάντα τις σχήματα πλάσας ἐκ χρυσοῦ etc.» Plat., *Tim.* 50. O oiro χρυσός, é a substancia que figura no simile do philosopho.

cada a fecunda e transcendente dialectica dos Eleatas, e a dialectica subtil dos sophistas athenienses, depois que Platão se tem librado ás mais altas eminencias da especulação idealista, apparece Aristoteles, genio ao mesmo tempo syncretista e creador,—o conhecimento da materia, permanece tão obscuro como nos primordios da sciencia. A materia é ainda para o chefe do Peripato o *ἄμορφον*, o *ἄπειρον*, o *ἀόριστον*, o informe, o infinito, o indeterminado, e por isso tambem o *ἄγνωστον*, o que se não póde conhecer. É apenas a potencialidade da existencia, o *μὴ ὄν*, o *não ser*, ou quando muito o *οἷον τὸ ὄν* de Platão[1]. E se os hellenos nunca souberam caracterisar nem definir a materia, não melhor quinhoados andam hoje os philosophos mais abalisados e os mais lucidos cultores das sciencias naturaes. Admiravel e mysterioso paradoxo que soberanamente dominemos a materia, sem rastrear sequer uns longes da sua essencia!

Notavel contradicção que seja aquillo mesmo, que se nos affigura tangivel e evidente, o que menos com os sentidos podemos penetrar! O que vemos na materia é uma sensação, um movimento; um movimento, uma sensação o que tacteamos na materia. Todas as que appellidamos qualidades nos corpos da natureza, a movimentos, a vibrações se podem reduzir. A materia ou é pois logicamente uma hypothese, como a attracção universal, ou é, na sua essencia, tão ignota e mysteriosa como a força, que determina e configura as orbitas no espaço. E é digna de reparo a tendencia paradoxal, com que a sciencia d'este seculo acoimada acerbamente de materialista ou pantheista, vae como que passo a passo espiritualisando mais e mais a natureza. Aos dominios materiaes arrebatou a physica moderna a luz, o calor, a electricidade, o magnetismo. E estes quatro *modos* do movimento ou da *energia* compendiam a maxima parte dos phenomenos do *Kosmos*. Com razão poderamos dizer em nossos dias que nada ha de mais espiritual do que a materia, senão o proprio espirito. E se ella é hoje para nós physica e metaphysicamente incomprehensivel, *χαλεπὸν καὶ ἀμυδρὸν εἶδος*, como o foi para Platão[2], se muitos entendimentos aventurosos, por se furtarem ás suas contradicções e antinomias, deram em negar abertamente, como David Hume e o bispo Berkeley, a sua realidade objectiva, em convertel-a, como Descartes, em synonyma do espaço[3], ou em reduzil-a, como o abbade Moigno, a um systema infinito de pontos geometricos, não é para

[1] Schwegler, *Gesch. der griech. Philos.*, 157-158

[2] *Tim.* 49. Ed. Didot. 1846. II, pag. 217.

[3] «Non etiam in re differunt spatium, sive locus internus et substantia corporea in eo contenta, sed tantùm in modo, quo à nobis concipi solent.» Descartes. *Princip. Philosoph.* Amstelod. 1692. Part. II, 10, pag. 27. Cf. P. I, 53, pag. 14. A identidade entre a materia e o espaço é já professada por Platão. Arist. *Phys.* IV, 2. Edit. Didot 1850, T. II, pag. 286.

assombrar que nas primeiras edades, em que a philosophia começou de florecer entre os hellenos, não estivessem ainda traçadas e coloridas no mappa-mundi do pensamento e da sciencia as fronteiras do espirito e da materia [1].

Naturalismo, antes que materialismo chamaremos com melhor interpretação aos systemas da primitiva philosophia, posto que alguns modernos queiram illustrar a progenie dos materialistas contemporaneos, dando-lhe por venerandos avoengos os physicos da Ionia [2]. Naturalismo era o philosophar d'aquelles tempos afastados, como era tambem naturalismo a sua imaginosa theologia, o anthropomorphismo dos seus deuses e a sua descendencia trazida do Oceano. A opposição pronunciada, o dissidio irreconciliavel entre a materia, que se não conhece, e o espirito, que mal se póde definir, é um *momento* philosophico posterior aos bosquejos especulativos dos Ionios e dos que immediatamente os succederam.

É quando o monotheismo proclama a sua doutrina, e o mysticismo vem mesclar-se ás cogitações da philosophia, que a antithese da materia e do espirito se formúla como um irresoluvel dualismo. Por isso a philosophia de Anaxagoras, a mais espiritual de todas as que se enxertaram no tronco ionio, não perde ainda, apesar da concepção do νοῦς, os seus fóros de naturalismo. A persuasão de que o fim do homem é a contemplação dos espaços celestes e da ordem e harmonia do *Kosmos*, assigna a Anaxagoras um logar preeminente entre os philosophos naturaes [3]. É verdade que Anaxagoras sobre os fundamentos physicos, em que firma o seu systema, parece elevar-se ás altas regiões da metaphysica, e é considerado por muitos dos modernos pensadores, por Hegel [4], por Blackie [5], o precursor de Platão no emancipar a especulação de todo o symbolismo material. O hellenista inglez, encarecendo o paradoxo, chega a egualar o νοῦς do sabio de Clazomena ao *Elohim* do Pentateucho, expungindo da memoria do philosopho com melhor intenção do que bom exito, a macula infamante de atheis-

[1] «Dans les antiques religions, la règle de la vie était dérivée des cieux; la nature et l'esprit, identiques dans leur principe, tendaient sans cesse à s'unir de nouveau.» Creuzer, *Symbolik ou Religions de l'antiquité*, trad. franç. de Guigniaut, tomo II, parte II, pag. 582.

[2] Büchner, *Conférences sur la théorie darwinienne*, 195 e segg.

[3] «Τὸν μὲν οὖν Ἀναξαγόραν φασὶν ἀποκρίνασθαι πρός τινα... διερωτῶντα, τίνος ἕνεκ' ἄν τις ἕλοιτο γενέσθαι μᾶλλον ἢ μὴ γενέσθαι, τοῦ, φάναι, θεωρῆσαι τὸν οὐρανὸν καὶ τὴν περὶ τὸν ὅλον κόσμον τάξιν.» Arist. *Ethic. Eudem.* I, 5. Ed. Didot. II, pag. 187.

[4] Segundo Hegel o νοῦς de Anaxagoras é o *universal em si e por si*. Willm, *Hist. de la phil. allem.* IV, 15.

[5] «Anaxagoras... the precursor of Plato in the complete emancipation of metaphysical speculation from physical symbols.» Blackie, *On the pre-Socrat. Philos.* 314.

mo[1]. A accusação, que em Athenas, a despeito da amisade e patrocinio de Pericles, o acoima de não guardar aos deuses a veneração da fé e da liturgia põe em duvida a sua orthodoxia. N'aquella edade, apesar da civilisação brilhante de Pericles, a poetica theologia do paganismo, a crença mundana, mas fanatica da turba atheniense, havia-se por offendida com que o philosopho affrontasse os deuses immortaes e escandalisasse a piedade, convertendo o sol, o divino Helios, n'uma pedra incandescente, *μύδρον διάπυρον*[2] e explicando os augurios e os signaes, revelados pelo numes nos pomposos sacrificios, como puras manifestações de leis naturaes e immutaveis[3]. E não admira que Anaxagoras prosiga nas investigações da pholosophia o caminho traçado pelos Ionios, buscando na propria natureza os elementos fundamentaes da sua theoria. O sabio de Clazomena é geometra, como os seus antecessores. E é notavel que todos os grandes pensadores, que se enfileiram na escola naturalista ou physica da Ionia, cultivam com indefessa predilecção as sciencias mathematicas e a astronomia, — a sua mais alta applicação á natureza.

A doutrina physica de Anaxagoras tem a mais explicita affinidade com as do mystico Empedocles. Nada póde nascer nem acabar. Os phenomenos tão multiformes e variaveis, que se vão succedendo no universo, são apenas o producto da separação e da mistura, da analyse e da synthese[4]. Composição seria pois, com mais propriedade appellidado o nascimento, o perecer decomposição[5]. Esta é cabalmente a doutrina de Empedocles e d'aquelles Ionios, que não admittem a transmudação de uma *αρχή* ou principio unico em successivos elementos, a passagem de um só elemento primordial por todos os estados de aggregação. É a noção fundamental da sciencia moderna com uma só differença essencial. Segundo a theoria d'Empedocles combinada com a dos atomistas e conforme a chimica moderna, os elementos são pouco numerosos e os atomos são os corpusculos infinitesimos, de que se fabrica a maravilhosa teia do uni-

[1] There is in fact only a very superficial difference of expression between the *νοῦς* of Anaxagoras and the ELOHIM of Moses... the *βασιλικὸς νοῦς* of Anaxagoras and Plato, which is the keystone of Christian faith as well as of the highest modern thinking, is simply another name for Θεός — God.» Blackie, *On the pre-Socrat. Philos.* 314.

[2] Diog. Laert. II. Edit. Lond. 1664, pag. 35.

[3] Plut. *Pericl.* VI.

[4] «*Ἐμπεδοκλῆς, Ἀναξαγόρας, Δημόκριτος, Ἐπίκουρος, καὶ πάντες ὅσοι κατα συναθροισμὸν των λεπτομερῶν σωμάτων κοσμοποιοῦσι, συγκρίσεις μὲν καὶ διακρίσεις ἄγουσι, γενέσεις δὲ καὶ φθορὰς οὐ κυρίως.*» Stob. *Eclog.* I. XXIV. pag. 43.

[5] «*Τὸ δὲ γιγνεσθαι καὶ ἀπόλλυσθαι ουκ ὀρθῶς νομίζουσιν οι Ελληνες. οὐδὲν γὰρ χρῆμα οὐδὲ γίνεται, οὐδὲ ἀπόλλυται, ἀλλ' ἀπὸ ἐόντων χρημάτων συμμίσγεται τε καὶ διακρινεται καὶ οὕτως ἂν ὀρθῶς καλοίεν τὸ τε γίνεσθαι συμμίσγεσθαι καὶ τὸ ἀπολλυσθαι διακρίνεσθαι*». Simpl. *Phys.* Edit. Ald. 1526, fol. 34, v.

verso. Anaxagoras tem de commum com os mechanistas da escola ionia e com os atomistas a admissão de particulas elementares e indivisiveis, de atomos de varias fórmas, *ἄτομα πολυσχήμονα*, que são como as sementes de todas as coisas, *σπέρματα πάντων χρημάτων* ou *homeomerias*[1] segundo a expressão mais tarde adptada na sciencia[2]. A admissão d'estes elementos primordiaes é na verdade um retrocesso, quanto á contextura chimica da natureza. Os germens, ou *homeomerias* tem na fabrica do mundo menos probabilidade e menos valor do que a physica de Empedocles ou o atomismo de Democrito e de Leucippo. Na concepção cosmica d'estes grandes pensadores nada ha simples senão os elementos ou os atomos. Os corpos inorganicos e as varias partes do organismo são apenas composições. Segundo a doutrina de Anaxagoras são verdadeiras combinações os elementos. O que ha de realmente simples em a natureza são os corpusculos elementares, indivisiveis, homogeneos, dos quaes se fórma cada tecido e cada orgão. Assim o musculo, o osso, a pedra, longe de serem diversas aggregações dos mesmos elementos, são pelo contrario corpos simples[3], e a sua formação explica-se, suppondo que no cahos primitivo, no *μῖγμα* ou no cahos inicial, onde a materia existia desordenada, informe, confundida, vieram a separar-se pela acção d'uma causa intelligente, *τὸν διακρίνοντα νοῦν*, as numerosas especies de homeomerias ou particulas semelhantes ao corpo, que deveriam produzir[4]. Esta génese do universo, que em mais de um ponto faz lembrar as

[1] Stob. *Ecl.* I, pag. 34.—Simpl. *Phys.* 33 v.

[2] Schwegler, *Gesch. der griech. Phil.* 43. Ritter, *Hist. de la Phil.*, I, 251 not. Zeller, *Gesch. der griech. Philos.* I, 67. Sobre este ponto ha varias opiniões. É aliás quasi indifferente para a historia do pensamento grego o determinar precisamente a época e o auctor da introducção da palavra *ὁμοιομέρεια* ou *ὁμοιομερῆ* na linguagem philosophica. Stob. *Ecl.* I, pag. 34.

[3] Aristoteles pondo em parallelo a doutrina de Anaxagoras e de Empedocles, diz; «*Ἐναντίως δὲ φαίνονται λέγοντες οἱ περὶ Ἀναξαγόραν τοῖς περὶ Ἐμπεδοκλέα. Ὁ μὲν γὰρ φησι πῦρ καὶ ὕδωρ καὶ ἀέρα καὶ γῆν στοιχεῖα τέσσαρα καὶ ἁπλᾶ εἶναι μᾶλλον ἢ σάρκα καὶ ὀστοῦν καὶ τὰ τοιαῦτα τῶν ὁμοιομερῶν, οἱ δὲ ταῦτα μὲν ἁπλᾶ καὶ στοιχεῖα, γῆν δέ καὶ πῦρ καὶ ὕδωρ καὶ ἀέρα σύνθετα.*» Arist. *De gener. et corrupt.* I, 1. Ed. Didot, pag. 432.—Em um logar das suas *Physicæ auscultationes* (φυσικη ἀκρωασις) prefere os elementos de Empedocles á infinita variedade das homeomerias. *Phys.* I, 4, *in fine*. Edit. Didot. 1850, II, 253.

[4] «*Ἀναξαγόρας Ἡγησιβούλου, ὁ κλαζομένιος, ἀρχὰς των ὄντων, τας ὁμοιομερείας ἀπεφήνατο τροφὴν γοῦν προσφερόμεθα, μονοειδῆ ἄρτον καὶ ὕδωρ, καὶ ἐν ταύτης τρέφετο φλέψ, ἀρτηρία, σάρξ, νεῦρον, ὀστᾶ, καὶ τὰ λοιπὰ μόρια. Τούτων οὖν γιγνομένων, ὁμολογητέον, ὅτι ἐν τῇ τροφῇ τῇ προφερομένῃ πάντες ἐστι τὰ ὄντα, καὶ ἐκ των ὄντων πάντα αὔξετο, ἐν τούτῳ οὖν ἐστι λόγῳ θεορητὰ μόρια εἶναι ἐν τῇ τροφῇ τοῖς γενομένοις. Ὁμοιομερείας αὐτὰ ἐκάλεσε καὶ ἀρχὰς των ὄντων, καὶ τὰς μὲν ὁμοιομερείας*

cosmogonias orientaes, se como theoria chimica é incomparavelmente inferior á physica dos Ionios, de Empedocles e dos atomistas [1], é notavel todavia, porque em certa maneira prenuncia as doutrinas crystallographicas. Applicada ao mundo inorganico a homeomeria podera sem forçada accommodação comparar-se á molecula integrante dos crystaes na hypothese de Buffon [2] e Romé de l'Isle [3], mais tarde aperfeiçoada por Haüy.

O que distingue porém com mais particularidade o systema philosophico de Anaxagoras é a consagração do dualismo na philosophia ionia, já degenerada de sua simpleza primitiva. Anaxagoras achara a natureza, segundo a concepção dos Ionios, dominada por um unico principio. O espirito da Grecia chegara a um d'estes momentos, em que a civilisação de um povo experimenta uma grande transformação. Era o tempo de Pericles e de Phidias, a quadra brilhantissima, em que a democracia principiava a declinar, e attingia a arte os maximos triumphos. A philosophia puramente physica já não podia bastar ao espirito subtil e investigador da gente hellenica.

O povo, que sabia elevar-se ao ideal e consagrar no Zeus olympico de Phidias mais alguma coisa que o grosseiro anthropomorphismo dos numes ou o humilde realismo dos primeiros simulacros, precisava de algum principio espiritual, que animasse a tela do universo e representasse a vida e o movimento nas scenas da natureza. A escola ionia, Empedocles, Heraclito haviam trazido á philosophia anciosa de verdade a offerenda de seus systemas, em que a natureza apparecia apenas retratada n'algum dos seus perfis. Com as materias primas, que a philosophia hylozoista apparelhou como principio e *ἀρχή* do universo, os philosophos mais inquiridores não podiam fabricar o *Kosmos* na sua infinita variedade e na sua ineffavel unidade e harmonia. Faltava um principio, que fosse ao mesmo tempo força e intelligencia, ao mesmo tempo *νοῦς* e *ἀρχὴ κινήσεως* [4], motor do machinismo cosmico, e dominador universal, *αὐτοκτατής, πάντων κρατῶν*, principio diacosmetico, *τά πάντα διαταξάμενον*, eterno ordenador do universo [5]. Anaxagoras formúla o dualismo da natureza e procura no espirito, *νοῦς*, o principio que tivera as suas

ὕλην.» Stob. *Eclog.* I. pag. 26. — «*Καί τὸ ποιητικὸν δὲ ἄιτιον ἐν ἔλεγε εἶναι, τὸν διακρίνοντα νοῦν.*» Simpl. *Phys.* Ed. Ald. 1526, fol. 33.

[1] Aristoteles objecta á doutrina de Anaxagoras o ser a admissão de um numero infinito de elementos um invencivel obstaculo ao verdadeiro conhecimento do universo. Arist. *Phys.* I, 4. Ed. Didot, 1850, pag. 253.

[2] *Histoire naturelle*, II, 2, pag. 19.

[3] Romé de l'Isle, *Cristallographie*, etc. Paris, 1783. Introduct., pag. 17 e segg.

[4] «*Νοῦν μὲν ἀρχὴν κινήσεως.*» Diog. Laert., II, pag. 35.

[5] «*Τὸ δὲ ποιοῦν αἴτιον, νοῦν τα πάντα διαταξάμενον.*» Stob. *Ecl.* I, pag. 26.

obscuras antecipações na philosophia paradoxal, mas profundissima de Heraclito[1]. Vemos agora reproduzido um phenomeno intellectual, que tem já anteriormente a sua notavel evolução nas philosophias orientaes. A noção cosmogonica da natureza, expressa nas tradições e nos mythos religiosos leva, sob o influxo do pensamento philosophico e da reacção anti-theologica, ao puro naturalismo, em que a natureza se explica por si mesma sem nenhuma intervenção do principio intelligente e espiritual. É o periodo ionio e hylozoista. É a dominação absoluta dos physiologos, é o que poderia, posto que imperfeitamente, admittir-se como o alvorecer das doutrinas materialistas na explicação dos phenomenos naturaes. Á medida que o empirismo vae cedendo gradualmente o seu logar ao movimento dialectico, e quando o pensamento reflectido, menos rasteiro que em seus começos, não limita o seu lavor á simples generalisação dos factos materiaes, antes carece de algum principio transcendente, o dualismo apparece e o νοῦς faz solemnemente a sua entrada triumphal no mundo das doutrinas philosophicas.

O mesmo fundamento, que levou Pythagoras a contemplar acima dos phenomenos um principio ideal e regulador, determina egualmente em Anaxagoras o conceito philosophico de uma causa primitiva, independente das suas homeomerias. No mystico legislador da Magna Grecia e no sabio de Clazomena, o universo manifesta-se como unidade, lei, ordem, harmonia. A idéa do *Kosmos* na accepção hellenica e philosophica da palavra revela-se porventura a primeira vez aos dois eminentes pensadores, que investigam a natureza, alumiando-se com fachos diversissimos, e procuram o mesmo fim lustrando sendas que nunca se interceptam.

Ao *Kosmos* deve necessariamente presidir um principio intelligente, ordenador, diacosmetico. Para Pythagoras o numero, ἀριθμός; a intelligencia, o νοῦς para Anaxagoras[2]. Para ambos um principio supremo, cujo fim é reduzir á unidade a apparente variedade do mundo phenomenal.

Este νοῦς do philosopho clazomenio, se por um lado irrompe espontaneo e irresistivel por entre a doutrina physica de Anaxagoras e representa a imposição de uma nova necessidade intellectual, não quebra a cadeia ao pensamento hylozoista, nem pretende fraudar á natureza a sua propria actividade. O νοῦς é um principio dynamico, diriamos hoje *energia* universal, causa do movimento, κινήσεως ἄρχη. É verdade que é infinito, autocratico, independente da

[1] «Πρῶτος τῇ ὕλῃ νοῦν ἐπέστησεν.» Diog Laert. II, Edit. Lond. 1664, pag. 34.

[2] A admiração da natureza, principalmente da harmonia cosmica representada nos phenomenos celestes, é para Anaxagoras a fonte principal, d'onde se deriva a noção philosophica do νοῦς. «Ἐρωτηθεὶς (Anaxagoras) ποτε εἰς τί γεγένηται; εἰς θεωρίαν, ἔφη, ἡλίου καὶ σελήνης καὶ οὐρανοῦ» Diog. Laert. II, pag. 35.

materia, por si mesmo subsistente[1]. É certo que o philosopho lhe attribue o dote exclusivo da intelligencia e que o *νοῦς* é ao mesmo tempo o que pensa e o que determina o movimento[2]. Não é porém affirmada claramente a sua immaterialidade absoluta, nem a sua missão diacosmetica ou ordenadora do universo é lucidamente definida n'este systema philosophico. Quanto ao primeiro ponto o attributo de *λεπτότατόν*[3], de ser de todas as coisas a mais pura, a mais tenue, a mais subtil, pareceria consagrar-lhe no conceito de Anaxagoras uma immaterialidade relativa e aproximal-o porventura á hypothese dos fluidos imponderaveis, já hoje desamparada na sciencia[4]. Quanto á funcção, que o *νοῦς* exerce na creação e na harmonia do universo, a intervenção do principio intelligente é por tal maneira limitada que a explicação mechanica, semelhante á dos outros physiologos da Ionia, persevera dominante e o naturalismo antigo resiste ainda triumphante á philosophica invasão da intelligencia creadora. O *νοῦς* de Anaxagoras apenas imprime no cahos primitivo, no *μέγμα*, onde jazem confundidas e inertes as infinitas homœomerias, o movimento inicial e as separa e discrimina para constituirem a ordem no universo. N'este ponto poderia sêr plausivel o parallelo instituido entre o *Elohim* do velho testamento e o *νοῦς* do philosopho clazomenio. N'aquelle impulso dado á materia preexistente pelo motor universal, Anaxagoras é porventura o precursor ainda nebuloso de Laplace[5]. O *νοῦς* seria como a força de projecção no phenomeno do movimento primitivo. Terminada a impulsão, o *νοῦς* desappareceria da scena activa do *Kosmos*, para ceder o logar de honra ás forças ordinarias da natureza. E é esta cabalmente a principal objecção levantada pelos maiores engenhos da antiguidade á primeira tentativa philosophica de introduzir o espirito nas theorias cosmologicas. O *νοῦς* no agudo conceito de Aristoteles seria para a construcção do

[1] «*Νοῦς δὲ ἐστιν ἄπειρον καὶ αὐτοκρατὴς καὶ μέμικται οὐδενὶ χρήματι, ἀλλὰ μοῦνος αὐτὸς ἐφ' ἑωυτοῦ ἐστιν*» Frag. de Anax. em Simplic. *Physic.*, Edit. Ald. 1526, fol. 33.

[2] «*Ἀποδίδωσι ἄμφω τῇ αὐτῇ ἀρχῇ, τό τε γιγνώσκειν καὶ τὸ κινεῖν.*» Arist. *De anim.* I, 2.

[3] *Ἐστὶ γὰρ λεπτότατόν τε πάντων χρημάτων καὶ καθαρώτατον.*» Simplic. *Physic.* fol. 33.

[4] «Le *νοῦς* en effet est la chose la plus fine, la plus légère, parmi les choses (*λεπτότατὸν πάντων χρημάτων*); il n'est donc que le *superlatif* de la matière et ne lui est point par consequent opposé de toute manière, comme *l'esprit* du spiritualisme est opposé à la matière.» Weber. *Hist. de la Philos. europ.* 48. Cf. Ritter. *Hist. de la Philos.* I, 259. Todavia segundo um texto de Stobêo a tenuidade extrema, a *λεπτότης*, seria no sentir de Aristoteles, synonima com a qualidade de incorporeo, *ἀσώματος ὑπόστασις*. Stob. Ecl. I, *περὶ κινήσεως καὶ ἀφθαρσίας ψυχῆς*. Pag. 107.

[5] Laplace, *Exposition du système du monde*, liv. III, c. 5. Paris, 1799, pag. 166 e seg.

universo, κοσμοποιίαν, como um mechanismo accidental, μηχανή, á semelhança dos que no theatro servem para desenlaçar os nós dramaticos, quando não basta a desatal-os o movimento logico da acção[1]. O principio physico da escola ionia, o puro naturalismo dos hylozoistas, subsiste ainda em Anaxagoras. Hegel parece pois tributar a este sabio uma honra demasiada, quando assevera que com elle entrou o espirito na antiga philosophia[2].

XII

Principiavam os hellenos, nos seus esboços admiraveis de philosophia da natureza, por onde nos tempos modernos costuma terminar, apoz ampla safra de factos empiricos, cada época das sciencias naturaes. Semelhantes a intempestivos e apressados legisladores, que mal conhecendo a indole e os costumes de um povo conquistado ainda na vespera, formulam em constituições exclusivas e em codigos syntheticos os preceitos, a que ha de obedecer a vida social, os *physiologos* da escola ionia e depois d'elles os philosophos theoricos de todas as communhões, antes de saberem o que é nos seus effeitos a natureza, e nos seus phenomenos o *Kosmos*, dictam á luz de uma nebulosa intuição as leis supremas do universo e assoberbam com o flóreo despotismo da phantasia a realidade austera do mundo objectivo. Com arrogancia intellectual, ou antes com a simplesa infantil das primeiras madrugadas da sciencia, basta-lhes um raio luminoso para se julgarem videntes no obscuro sanctuario da natureza. As interrogações da nascente philosophia são como as empresas dos Titães. A cada um dos seus arrojados problemas parece o Olympo estremecer e desquiciar-se de seus pólos a machina do mundo. A origem, a causa, o principio fundamental, a finalidade, a essencia do universo são as suas theses predilectas. Os mais altos pensadores da Grecia no alvor da sua antiga civilisação, como que interrogam ousadamente a Zeus, *o pae dos deuses e dos homens*, ácerca do que é mais defeso e recatado ao saber humano, como as creanças aos primeiros assomos do seu discernimento, inquirem de seus progenitores o que a edade pueril, nem porventura os annos já maduros poderão jámais comprehender[3]. E todavia n'aquellas audazes af-

[1] «Ἀναξαγόρας τε γὰρ μηχανῇ χρῆται τῷ νῷ πρὸς τὴν κοσμοποιίαν» Arist. *Metaph.* I, 4, Ed. Didot. T. II, pag. 474.

[2] «C'est avec Anaxagore que la lumière se fait véritablement; par lui l'intelligence est erigée en principe dominant.» Willm, *Hist. de la Philos. allemande depuis Kant jusqu'à Hegel*. Paris. 1849, IV, pag. 15. «Cette partie de la philosophie d'Anaxagore ne parait donc pas être un aussi grand progrès, que l'ont cru un grand nombre d'écrivains.» Ritter, *Hist. de la Phil.*, I, 254.

[3] «C'était leur coutume (o dos philosophos gregos) d'aborder les problèmes du monde par le côté le plus difficile.» Haefer, *Hist. de la Phys. et de la Chim.* 104.

firmações da philosophia hellenica havia algo de intuitivo e de profundo. O homem, em face da natureza, tinha na phrase eloquente de Alexandre de Humboldt, mais do que «um vago presentimento da harmonia e da ordem no universo[1].»

Era a physica dos gregos tão imperfeita e balbuciante, quanto eram inefficazes os seus meios experimentaes. A observação auxiliada dos engenhosos apparelhos, com que hoje vamos saltear no recesso de seus arcanos a natureza, sempre avara de suas revelações, faltava de todo o ponto á mais douta antiguidade. A arte prodigiosa de variar as condições dos phenomenos naturaes, de os produzir a nosso alvedrio no seio dos gabinetes, era quasi ignota aos philosophos da Hellade, que contemplavam o universo na sua vasta e sublime comprehensão em vez de o inquirir e analysar nos seus quasi infinitos pormenores. Tão aguda e tão certeira era porém a visão intellectual d'estas aguias arrojadas, que se chamavam Pythagoras, Democrito, Anaxagoras, Empedocles, Heraclito, Philolau, tão energico e tão vivaz o instincto divinatorio dos mais eminentes genios gregos, que na ausencia dos instrumentos e dos methodos empiricos a razão pela sua força creadora, como que dos seus luminosos penetraes, construia *à priori* alguns dos grandes principios da sciencia e formulava as theses fundamentaes, que mais tarde a experiencia haveria de confirmar. Tão seguro parece que as leis do universo tem a sua fiel photographia nas leis do espirito humano, e tão plausivel, se discretamente comprehendida, se nos affigura a doutrina formulada desde Heraclito até Hegel, de que á dialectica da razão corresponde por seus graus e evoluções, como se fôra n'uma escala parallela, a dialectica da natureza[2]; de que, segundo o principio de Spinosa, «a ordem das idéas é tambem ao mesmo tempo a ordem das coisas no universo»[3].

É tão vasto o *Kosmos* e tão discordes e multiplicadas são nas fórmas, nos aspectos, nas qualidades as suas producções, desde a nebulose irresoluvel até ao humilde foraminifero, que nenhuma luz podera penetrar nos immensos abysmos da natureza, se toda esta infinita variedade não a souberamos reduzir e

[1] «Interroger les annales de l'histoire, c'est poursuivre cette trace mystérieuse sur laquelle l'image du *Cosmos*, qui s'était révélée primitivement au sens intérieur, comme un vague présentiment de l'harmonie et de l'ordre dans l'univers, s'offre aujourd'hui à l'esprit comme le fruit de longues et sérieuses observations.» Humboldt. *Cosmos*. Trad. franç. de Faye. I. pag. 2.

[2] «De même que l'intelligence et les formes du langage, la pensée et le signe, sont unis par des liens secrets et indissolubles, de même aussi le monde extérieur se confond presqu'à notre insu, avec nos idées et nos sentiments... Le monde objectif pensé par nous, en nous réfléchi, est soumis aux formes eternelles et necéssaires de notre être intellectuel.» Humboldt. *Cosmos*. I. 76.

[3] «Ordo idearum idem est ac ordo rerum.» Spinos. *Ethic*. II. Prop. VII.

simplificar, admittindo que poucos elementos, pelas suas varias combinações, produzem os diversissimos productos da natureza organica e inorganica. Á analyse chimica experimental antecedeu a analyse ideal do pensamento. O primeiro laboratorio foi o cerebro de privilegiados pensadores. Errou de certo a antiguidade, a começar por Empedocles de Agrigento, em suppor ou affirmar por demonstrado que eram apenas quatro, quando muito cinco os corpos elementares, os ςτοιχεῖα, e que em terra, ar, agua, fogo e ether se resolvia a fabrica inteira do universo. Se o numero é inexacto, o principio é verdadeiro. N'este ponto e perante a boa philosophia, levamos aos antigos vantagem na quantidade, nenhuma na certeza. Ha oitenta annos que a chimica enriqueceu de novos elementos os seus catalogos, assim como a astronomia fez que o velho *Ouranos* se desentranhasse em novos corpos planetarios. Nos annos futuros hão de vir outros elementos acrescentar-se aos que já hoje conhecemos. Os triumphos recentissimos da analyse spectral não se fecharam com o descobrimento do metal *Indium*. E quem poderá dizer agora que um dia o oxygenio não achará para o decompor um mais perfeito Lavoisier?

Os principios fundamentaes da constituição material do universo cifram-se na existencia, na fórma dos atomos e no modo porque se podem aggregar. A chimica hodierna desapparece como sciencia, se lhe minamos esta base. «Toda a theoria (diz um eminente chimico) que intente satisfazer ao estado presente da sciencia da natureza, deve partir da hypothese de que a materia se compõe de particulas discretas[1].» A chimica será no futuro, no periodo porventura ainda remoto, mas esplendido das suas mais largas generalisações, a mechanica dos atomos, como a astronomia é já hoje a mechanica dos corpos planetarios e sideraes. N'essa época futura, a sciencia, segundo a expressão feliz do maior geometra francez, «determinará com tanta exactidão a curva descripta por um atomo, como se calcula a orbita de um planeta[2].» Aos processos materiaes da analyse chimica virão acrescer os methodos subtis da analyse mathematica, e muitas vezes a difficuldade principal de um problema da mechanica molecular residirá, não na engenhosa disposição de um apparelho, mas no exito feliz de uma integração[3]. E se buscarmos na historia do espirito humano as origens

[1] «Jede Theorie, welche dem gegenwärtigen Stand der speculativen Naturwissenschafte genügen will, muss von der Hypothese ausgehen, dass die Materie aus discreten Massentheilen bestehe.» L. Meyer, *Die modernen Theorien der Chemie und ihre Bedeutung für die chemische Statik*. (As theorias modernas da chimica e a sua importancia na statica chimica.) Breslau. 1864. pag. 15.

Cf. *Ueber die physikalische und philosophische Atomenlehre* (sobre a atomistica physica e philosophica) von G. Fechner. Leipzig. 1855.

[2] Laplace. *Essai philosophique sur les probabilités*. Paris. 1816. pag. 6.

[3] «Nur von diesen, aus den Grundprincipien der Mechanik und besonders der me-

e fundamentos da fecundissima doutrina dos atomos, havemos de encontral-os nas escolas gregas desde os physiologos da Ionia até os philosophos, que precederam immediatamente a philosophia socratica, desde as *homœomereias* de Anaxagoras até aos atomos simples, indivisiveis e eternos de Democrito. O proprio Platão, se não formúla distinctamente a doutrina dos atomos, sem derogar ás altas cogitações do seu idealismo parece professar uma opinião extremamente aproximada á idéa fundamental de Democrito e Leucippo. Apesar de que Brucker contra Cudworth lhe contesta a filiação na escola atomistica [1], a interpretação de um texto do *Timéo* põe de manifesto a concepção platonica de que a materia se compõe de particulas indivisiveis, que só podem ser apreciaveis á percepção, quando congregadas em grandes massas, *τοὺς ὄγκους αὐτῶν ὁρᾶσθαι* [2]. Desde a ecclosão da theoria, nos seus imperfeitos rudimentos, com Anaxagoras, até que o ousado abderita affeiçoa a *atomistica* na fórma de um systema scientifico, exprimindo ao mesmo tempo a genese e a mechanica do universo, que prodigiosas conquistas não realisa o espirito philosophico da Grecia! Esta idéa, que trará no seu seio durante uma gestação de seculos o embryão da chimica, é ao encerrar-se o XVIII seculo reivindicada para a sciencia e dá á philosophia physica dos hellenos o direito de reclamar em sua honra a fundação racional das sciencias naturaes; e a Democrito a singular preeminencia de ser numerado na illustre serie d'estes fachos luminosos, que a espaços esclarecem o caminho do pensamento [3].

Democrito era por ventura o sabio mais encyclopedico de toda a antiguidade hellenica. Os testemunhos antigos representam-n'o como um engenho maravilhoso, a cuja sphera de investigação e de cultura não ficou estranha nenhuma das sciencias do seu tempo. Era, como o disse um philologo dos nossos

chanischen Wärmetheorie, hervorgegangenen Ansichten aus scheint es möglich zu sein, mit der Forschung auszudringen in das Wesen des Einflusses, den die chemische Natur der Stoffe, die atomistische Constitution der Molekeln ausübt auf die Aenderungen des Aggregatszustandes, Schmelzen und Erstarren, Verdunsten und Verdichten, auf die Spannung der Dampfe, auf die Erscheinungen der Diffusion, Absorption, Lösung, Krystallisation, Imbibition, Endosmose und alle ähnlichen Vorgänge.» L. Meyer, *Die modernen Theorien der Chemie*. 145.

[1] Brucker. *Hist. Critica Philosophiae à mundi incunabulis ad nostram usque aetatem*. Leipzig. 1767. I. 683.

[2] «*Πάντα οὖν δὴ ταῦτα δεῖ διανοεῖσθαι σμικρὰ ὄντως, ὡς καθ' ἓν ἕκαστον μὲν τοῦ γένους ἑκάστου διὰ σμικρότητα οὐδὲν ὁρώμενον ὑφ' ἡμῶν, ξυναθροισθέντων δὲ πολλῶν τοὺς ὄγκους αὐτῶν ὁρᾶσθαι.*» Plat. *Tim*. Edit. Didot. 1846, II, Part, I, 222.

[3] «Démocrite est de tous les philosophes de l'antiquité celui qui s'est le plus rapproché de nos idées.» Büchner. *Conférences sur la théorie Darwinienne*. Leipzig. 1869. pag. 209.

dias, o Humboldt d'aquelle seculo, ou antes, diremos nós, o precursor do stagirita na vasta comprehensão da sciencia universal. As mathematicas puras, a astronomia, as sciencias da natureza, a medicina, a musica, a pintura, a grammatica, a poesia, a arte da guerra, attrahiram egualmente o seu estudo insaciavel[1]. Nascido n'uma familia opulentissima sacrifica os commodos e as grandezas da sua hierarchia ao ardente desejo de saber[2]. A antiguidade compraz-se em lhe attribuir, como a Pythagoras, o amor das largas e trabalhosas peregrinações, ora frequentando os sacerdotes do Egypto, ora conversando os magos da Bactriana, buscando os gymonosophistas indicos para d'elles aprender a philosophia oriental[3], e colligindo n'estas longas excursões os membros dispersos da sciencia cosmopolita para servirem de propedeutica ao seu novo e arrojado systema philosophico.

As especulações dos ionios haviam desvendado uma parte dos arcanos da natureza, e chegado a proclamar que todos os corpos se resolviam n'um principio fecundo e creador. Empedocles e Anaxagoras não se contentaram com a vaga affirmação de Thales, Heraclito ou Anaximandro, e propozeram o primeiro a multiplicidade dos elementos, o segundo a hypothese artificiosa dos homœomerias. D'aqui aos atomos o caminho era ainda longo, mas já illuminado por um novo resplendor. Os corpos do universo deviam todos ser compostos de corpusculos insecaveis, derradeiras particulas da materia, além das quaes já não era dado encontrar composição. Este novo progresso philosophico teve por inventores a Leucippo e a Democrito, e certamente a este ultimo por definitivo instituidor da theoria, mais tarde exposta e desenvolvida por Epicuro, cantada por Lucrecio. O atomo é n'este systema physico a ἀρχή, o principio universal. Democrito continua a fecunda tradição mathematica, ininterrupta desde Thales como a chave mais segura do enygma da natureza. O physico de Abdera é segundo os depoimentos da antiguidade um geometra distincto[4]. Na sua doutrina percebe-se o herdeiro do naturalismo ionico e o espirito engenhoso, que applica os concei-

[1] O catalogo dos escriptos de Democrito em Diogenes Laercio, *Vidas dos philosophos*, abrange todas as sciencias cultivadas na antiguidade, e contentaria a curiosidade aos investigadores da philosophia hellenica, se a maior parte das obras do abderita se não houvessem perdido infelizmente, exstando apenas os dispersos fragmentos, colligidos e publicados por Mullach (Berlin, 1843). V. a lista das obras de Democrito em Diog. Laert. *Vit. philosoph.* Lond. 1664, pag. 248 e 249. A respeito da sciencia medica de Democrito e dos seus trabalhos anatomicos, das suas doutrinas sobre a physiologia, a dietetica, a epidemologia vej. Littré, *Œuvres complètes d'Hippocrate*, I. Introduct., 19-21.

[2] Diog. Laert. 246.

[3] Ibid.

[4] «... ἀλλὰ καὶ τὰ μαθηματικὰ... πᾶσαν εἶχεν ἐμπειρίαν.» Diog. Laert. IX, pag. 246.—Cf. Ritter, *Hist. de la phil.*, I, 477.

tos mathematicos á construcção racional do universo. As duas direcções fundamentaes da philosophia physica dos gregos, o *determinismo* dos mechanistas ionios [1], e a predilecção geometrica dos pythagoricos, enfeixam-se, como na sua intersecção, na arrojada innovação do abderita. Como os ionios estremes e hylozoistas, Democrito explica o mundo pela materia sem convidar o espirito ás bodas da natureza. Como os pythagoricos só concede ás noções de fórma e quantidade o privilegio de differençarem a substancia [2]. O atomo é só perceptivel pela razão, intangivel aos sentidos, massiço, indivisivel, ingenito, eterno, incapaz de quebra ou corrupção [3]. Os atomos de Democrito não são materialmente diversos uns dos outros, como as homœomerias de Anaxagoras, que aliás tem de commum com as particulas indivisiveis do abderita o serem egualmente elementares e insusceptiveis de divisão. Os atomos distinguem-se apenas pela fórma, e pela grandeza, pelo peso ou quantidade [4]. As differenças na figura, na ordem, na situação dos atomos explicam segundo este engenhosissimo systema a variedade nos corpos da natureza. O *rhysmo*, a *diathigê* e a *tropê*, dependendo respectivamente da figura, da ordem, e da situação dos atomos, são as tres condições, em que se firma a diversidade apparente da materia [5]. É admiravel a analogia, ainda que remota e nebulosa, entre a noção audacissima do philosopho abderita e as novissimas hypotheses da chimica para explicar, condemnando a theoria dualista, a constituição intima dos corpos. A *diathigê* e a *tropê*, em que os mesmos atomos da mesma qualidade, podem produzir dois compostos diversissimos [6] no arranjo molecular e nas propriedades chimicas e physicas, não

[1] «Δημόκριτος πάντα κατὰ ἀνάγκην.» Plut. *De placit. phil.*, I, 25.—Cf. Stob. Ecl. I, cap. 9. Ed. 1625, pag. 10.

[2] «So hat Demokrit alle Unterschiede der Qualität auf den Unterschied der Quantität zurückgeführt; die quantitative Bestimmheit ist schon das Ursprüngliche, die Qualitäten das Abgeleitete.» Schwegler *Gesch. der griech. Phil.*, 48.

[3] «Τὰς ἀρχὰς τῶν ὄντων σώματα λεγῳ θεωρητὰ, ἀμέτοχα κενοῦ, ἀγέννητα, ἀΐδια, ἄφθαρτα, οὔτε θραυσθῆναι δυνάμενα, οὔτε διαπλασμὸν ἐκ τῶν μερῶν λαβεῖν, οὔτε ἀλλοιωθῆναι,» Plut. *De placit. phil.* I, 3.

[4] Plut. *De placit. phil.* ibid.— Arist. *De gner. et corrupt.*, I, 8. Plutarcho affirma que Democrito sómente suppozera nos atomos a fórma, σχημα e a grandeza, μέγεθος; e que Epicuro accrescentara depois a gravidade, βαρός. Aristoteles porém, attribue a Democrito o reconhecer no atomo todas estas qualidades essenciaes.

[5] «Ταύτας (διαφορὰς) μεντοὶ τρεῖς εἶναι λέγουσι, σχῆμά τὲ καὶ τάξιν καὶ θέσιν. διαφέρειν γὰρ φασι τὸ ὂν ῥυσμῷ καὶ διαθιγῇ καὶ τροπῇ μόνον.» Arist. *Met.* I, 4. Ed. Didot. II, 475.

[6] Suppondo dois atomos figurados pelas lettras *A* e *N*, diz Aristoteles que, segundo a hypothese de Democrito, *A* se differença de *N* pela fórma, σχῆμα, os dois compostos *AN* e *NA* pela ordem, τάξις, *Z* de *N* pela posição, θέσις. Arist. *Met.* loc. cit.

é talvez uma feliz antecipação do polymorphismo e do isomerismo, tão longiquamente busquejado na hypothese de Democrito, como a gravitação dos atomos ou a attracção molecular está apenas indicada vagamente no peso, βαρός?[1]. A situação relativa dos atomos, a *diathigè* e a *tropè*, que no systema atomistico dos hellenos desempenham uma funcção essencial para a contextura dos corpos, não acham porventura a sua representação nas ultimas hypotheses da philosophia chimica em nossos dias, na qual a maneira por que os atomos se agrupam é uma das condições fundamentaes da nova theoria?[2] Desde as noções vagas de Democrito até o atomismo philosophico de Gassendi e ás especulações physicas de Boyle, e principalmente até ás inducções experimentaes de Wenzel, Dalton, Wollaston, Davy e Gay-Lussac ha o progresso immenso, que decorre desde o embryão até o organismo adulto e consummado. Entre a previsão puramente conjectural dos atomistas gregos e as brilhantes concepções dos chimicos modernos, desde Avogadro até Laurent, Kopp, Gerhardt, Würtz, Odling, Kékulé, medeia a distancia que separa a razão desajudada de todo o subsidio experimental, e o entendimento largamente apercebido com o opulento material de productos e de factos, colligidos pela chimica desde os fins do XVIII seculo. Mas a idéa luminosa de Democrito permanece como o primeiro fanal accendido para encaminhar e dirigir os grandes pensadores na longa e trabalhada navegação da sciencia molecular[3].

Mas o atomo não basta a Democrito para construir o universo. O vacuo, κενὸν, ou antes o espaço infinito, em que hão de mover-se as particulas indivisiveis, é o outro principio essencial da sua philosophia[4]. Cada atomo será pois por si mesmo um mundo infinitesimo, mas perfeito,[5] movendo-se no vacuo. A

[1] «Dass auch die eigentlich chemische Eigenschaften der Verbindungen nicht nur von der Natur, sondern auch von der Art der Vereinigung ihrer Bestandtheile abhänge, ist seit langer Zeit bekannt... So müssen z. B. isomere Verbindungen häufig verschiedene Zersetzungsproduk geben, weil die Atome in der Kette in verschiedene Weise aneinander gereiht sind. «Meyer, *Die modernen Theorie der Chemie* 132.

[2] «Établir une théorie des types, c'est établir une classification chimique basée sur le nombre, la nature, les fonctions et l'*arrangement* des atomes simples ou des atomes composés.» Laurent, *Méthode de chimie*, pag. 358.

[3] La *Chimie actuelle* tend à tout ramener aux atomes. «Haefer, *Hist. de la physique et de la chimie*, 342.

[4] Ταῦτα (os atomos) *μέντοι κινεῖσθαι ἐν τῷ κενῷ καὶ διὰ τοῦ κενοῦ, εἶναι δὲ καὶ αὐτὸ τὸ κενὸν ἄπειρον.*» Plut. *De placit. phil.* I, 3.—«*Δημόκριτος... τά μὲν ἄτομα ἄπειρα τῷ πλήθει, τὸ δὲ κενὸν ἄπειρον τῷ μεγέθει.*» Stob. Ecl. I, 22. περὶ κενοῦ καὶ τόπου. (*De vacuo et loco*)

[5] Democrito, consubstanciando no atomo a unidade e por consequencia, o ente, τὸ ὄν, opposto ao não ser, τὸ μὴ ὄν, professava que o atomo podia ser um mundo, um *Kosmos* verdadeiro. «*Δυνατὸν εἶναι κοσμικὸν ὑπάρχειν ἄτομον.*» Stob. Ecl. I, 17.

concepção democritica do mundo molecular é o fundamento d'esta doutrina arrojadissima, em que a moderna sciencia figura os atomos movendo-se, como os corpos celestes, separados por distancias milhões de vezes maiores que os seus diametros e obedecendo ás suas mutuas attracções regidas pelo principio da gravitação universal [1]. A philosophia physica de Democrito é pois a mais feliz e a mais audaz innovação do engenho hellenico no dominio das sciencias naturaes [2].

As fórmas particulares, com que Democrito distingue os atomos dos varios elementos, suppõe que o philosopho grego não admittia a diversidade material, que ainda hoje attribuimos aos chamados corpos simples. A sciencia moderna tende, pelos seus progressos experimentaes e pela audacia das suas inducções, a reduzir a infinita variedade da natureza á unidade da materia e á simplificação da força. Afóra os esteios, que o raciocinio scientifico procura e encontra largamente na experiencia, afóra a vasta comprehensão das modernas theorias chimicas, o principio fundamental da actual sciencia da materia é identico ao da philosophia physica dos gregos na sua edade mais florente [3]. Assim como a sciencia da *energia*, apenas iniciada ha poucos annos, forceja por assignar como

[1] «Le rapport des intervalles, qui séparent ces molécules, à leurs dimensions respectives, serait du même ordre, que relativement aux étoiles, qui forment une nébuleuse, que l'on pourrait, sous ce point de vue, considérer comme un grand corps lumineux... et l'on pourrait, par la variété de ces formes (des molécules), expliquer toutes les variétés des forces attractives, et ramener ainsi à une seule loi générale, tous les phénomènes de la physique et de l'astronomie.» Laplace, *Exposition du système du monde*, Paris, 1799, 287.—«Ces atomes innombrables et sans étendue, ces molécules de volume si minime, qu'elles dépassent toutes les idées que nous pouvons nous faire des quantités infiniment petites, et qui sont, relativement à leurs dimensions, aussi éloignées les unes des autres que le sont les corps célestes dans l'espace.» Moigno, *Physique moléculaire*, 204.

[2] Se um grave e erudito historiador da philosophia exacerbado pela generalisação da atomistica ás coisas intellectuaes, exprobrou a Democrito a sophisteria, a destruição de todos os systemas scientificos, a inconsequencia philosophica e a degradação do sentimento moral na humanidade, é justo desculpar a vehemencia do philosopho orthodoxo, mas é licito aventurar que o doutor Heinrich Ritter desattendeu a alta significação do atomismo hellenico na evolução e no progresso das sciencias naturaes. V. Ritter, *Hist. de la Philos.*, I, 477-496. Á auctoridade philosophica de Ritter contestou, temperando e corrigindo a dureza da sentença, o mais illustre d'entre os historiadores nossos contemporaneos da philosophia hellenica, o professor Zeller de Heidelberg. Zeller, *Philosophie der Griechen*, I, 647 e segg. cit. em Schwegler *Gesch. der griech. Philos.*, 47.

[3] «Une chose digne de remarque, c'est que les systèmes des philosophes modernes, particulièrement celui qu'on nomme *philosophie de la nature*, ont tous la plus grande analogie avec les théories des philosophes grecs.» F. Haefer. *Hist. de la phys. et de la chimie*. Paris, 1872, pag. 345.

causa á immensa diversidade dos phenomenos a transformação das forças ou talvez mais propriamente dos movimentos, um dia virá em que a chimica, desatada de todos os liames da tradição, e interpretando mais racionavelmente as experiencias, concluirá pela unidade da materia e verá talvez nas fórmas dos atomos e nas leis numericas e geometricas das suas aggregações o segredo das suas apparentes variedades.

XIII

E n'este ponto foi maravilhosa a intuição de Pythagoras, ou — se houvermos de negar a personalidade historica d'este vulto mysterioso — d'aquella escola profundamente reflexiva, que descobriu no numero, na fórma e na harmonia o principio essencial do universo.

No personagem de Pythagoras conglobam-se — era esta a condição dos grandes espiritos quando as sciencias ainda no seu berço andavam confundidas e mescladas n'um forçoso encyclopedismo — no personagem de Pythagoras consubstanciam-se o naturalista e o geometra com o philosopho especulativo, o mystico enthusiasta com o estadista e o legislador. A simplicidade arida e severa do espirito dorico associa-se em Pythagoras á fecunda imaginação dos ionios sensualistas e ás mysticas tradições orientaes. A sciencia pythagorica representa o cosmopolitismo philosophico. O *numero* e o rythmo, a profunda comprehensão da *lei*, da *ordem*, da harmonia, o culto predominante de Apollo, em que Pythagoras resume a essencia da divindade [1], são caracteres essenciaes da gente dorica [2]. O estudo synthetico da natureza, é a continuação do genio ionico. A metempsychose e as engenhosas, mas ás vezes estereis especulações sobre os numeros, e o seu mystico significado na constructura do universo e na deducção das verdades moraes, apontam claramente para as fontes orientaes e para a sciencia do Egypto.

A Crotona antiga floreceu, decaiu, eclipsou-se nas sombras da historia. A sociedade, as *orgias*, as *syssitias* e as demais instituições pythagoricas legaram debeis vestigios á vida social da posteridade. Mas as conquistas scientificas da escola italica ainda hoje deixam transparecer o vigor dos espiritos, que a instituiram e illustraram.

O numero é, como se sabe a ἀρχή, a noção creadora da philosophia pythagorica e o principio determinante do universo. Talvez Pythagoras e a escola

[1] Duncker *Geschichte des Alterth*. IV, 568. Schwegler. *Gesch. der griech. Philos*, 56.

[2] «Mit Recht hat man die pythagoreische Philosophie in unser Zeit als die dorische Philosophie zu betrachten angefangen» Schwegler's *Gesch. der griech. Phil.*, 55. «Der Pythagoreismus ist die ächt-dorische Form der Philosophie» Boeckh, *Philolaus*, 39.

italica não attribuissem ao numero, como principio cosmico, o mesmo significado, que tinham na escola ionica as ἀρχαι, os principios materiaes de Thales, de Anaximenes, de Heraclito, e Anaximandro. Os numeros não seriam n'esta philosophia, o principio, mas a lei [1]. O theorema fundamental da sua sciencia é que o mundo todo é numero e harmonia [2]. Esta admiravel intuição de que a natureza, é um systema concatenado segundo leis numericas, é, por assim dizer, uma infinita equação, uma formula realisada, constitue a distincção fundamental entre o pythagoreismo e as escolas, que o antecederam ou seguiram. O pythagoreismo representa um modo novo, original, verdadeiramente philosophico, de considerar a natureza. Os Ionios tinham architectado systemas especulativos para explicar principalmente a origem, a cosmogonia do universo. Pythagoras ou a direcção intellectual representada por este nome, comprehende pela vez primeira que o mais grave problema da sciencia não é a transição conjectural do cahos, ou do *migma* para a ordem no universo, mas o estudo reflexivo das leis, em cuja virtude a natureza é verdadeira e actualmente *Kosmos*, ou harmonia universal. O proprio vocabulo κόςμος, o *Kosmos*, o *mundus* dos romanos, o ornato, a compostura, a ordem ideal, a regrada disposição, a harmonia intelligente, é pela primeira vez introduzido na linguagem philosophica pelos illustres pensadores da escola italica [3]. E não poderiamos nós hoje asseverar tambem fundadamente que o numero governa sem appellação a natureza, e que o universo inteiro desde as regiões sideraes e planetarias até á tenebrosa profun-

[1] «Λέγεν καὶ συχνοὺς μὲν ἑλλήνων πέπεισμαι φάναι, Πυθαγόραν ἐξ ἀριθμοῦ πάντα φύεσθαι· αὐτὸς δὲ ὁ λόγος ἀπορήσας ἔρχετο, πως ἅ μὴ δὲ ἐστιν ἐπινοῆσαι καὶ ἀγέννα δὲ, οὐκ ἐξ ἀριθμοῦ, κατα δὲ ἀριθμὸν ἔλεγε πάντα γίγνεσθαι.» Stob. Eclog. I. XIII. Antuerp. 1525, pag. 27. Cf. Schwegler's *Gesch. der griech. Phil.* 61. Este logar de Stobeu confirma a opinião de que, segundo a pura doutrina pythagorica, o numero não é a essencia, como erradamente o interpretaram muitos gregos, mas a representação, es ὁμοιώματα das coisas. Pythagoras (segundo Stobeu) attribuira á sua noção dos numeros, a mesma funcção, que representam no commercio, onde todas as mercancias por elles se avaliam.

«Τὴν δὲ περὶ τοὺς ἀριθμοὺς πραγματείαν, μάλιστά πάντων τιμῆσαι δοκεῖ Πυθαγόρας, καὶ προάγειν εἰς τὸ πρόσθεν, ἀπαγαγὼν ἀπὸ τῆς των ἐμπόρων χρείας.» Stob. Ecl. I, Ed. cit. pag. 2.

«Nous trouvons donc que l'essentiel de la théorie pythagoricienne sur les nombres est fondé sur ce que tout, dans le monde, est dérivé des rapports mathématiques, et que les rapports d'espace et ceux de temps s'expliquent mutuellement par des rapports numériques.» Ritter, *Hist. de la Phil.* I, 342. Cf. o mesmo volume, pag. 344-345.

[2] «Τὸν ὅλον οὐρανὸν ἁρμονίαν εἶναι... καὶ ἀριθμόν.» Aristotel. Metaphys. I, 5, Plut. *De placit. phil.* I, 3. Ed. Florença 1750, pag. 9.

[3] «Πρῶτος ὠνόμασε τὴν των ὅλων περιοχὴν κόσμον, ἐκ τῆς ἐν αὐτῷ τάξεως.» Stob. Ecl. I, 25 pag. 48. Diog. Laert. VIII, Lond. 1664, pag. 226.

didade do mundo molecular, estriba sobre o numero, como sobre o inabalavel alicerce de toda a creação? Tomae a terceira lei de Kepler, de que os quadrados dos tempos das revoluções dos planetas em redor do sol são proporcionaes aos cubos dos eixos maiores das suas orbitas. Eis ahi um exemplo eloquente de que os numeros, os ἀριθμοί de Pythagoras, este que parece um conceito da razão pura, teem a sua exacta reproducção nos phenomenos celestes. A segunda lei do movimento elliptico, que não é mais que a realisação cosmica de um principio de dynamica, *à priori* formulado pelo espirito, — o *theorema das áreas*, — o que é senão uma nova e concludente demonstração de que o mundo planetario é regido pela relação das quantidades, pelo numero pythagorico? A sublime lei da attracção universal, a proporcionalidade inversa d'esta força ao quadrado da distancia, e a directa á massa dos corpos que se attraem, que outra coisa é senão os numeros, escrevendo na sua linguagem mysteriosa a legislação da natureza? E as leis da queda dos graves, e a do pendulo, e as da vibração das cordas sonoras e as da reflexão e refracção da luz, o que exprimem em ultima analyse mais do que numeros, a governarem a natureza, assim como senhoreiam o espirito com a auctoridade irrefragavel da sua poderosa dialectica [1]?

É tão vivo e irresistivel o instincto de que os numeros parece compendiarem a propria essencia do universo, tão imperiosa a intuição de que a harmonia preside a todas as relações da natureza, que muitos espiritos se obstinaram em construir arbitrariamente escalas harmonicas e relações commensuraveis, onde a propria natureza se refusa a confirmal-as. O mesmo grande engenho, que descobriu e enunciou as tres leis dos movimentos planetarios, aquelle que houvera sido o primeiro genio dos modernos, se Newton podesse ser o segundo, não logrou subtrair-se ás influencias da doutrina pythagorica. Ao mesmo passo que em livros immortaes [2] lavrava pela energia do raciocinio o codigo dos ceos, pelas seducções da phantasia tentava restabelecer a «harmonia das spheras, o concento divino dos planetas» e construindo o systema planetario segundo os intervallos dos tons musicaes trasladava para a sciencia experimental e exacta do seu tempo [3] as ficções imaginosas de Platão [4] e de Pythago-

[1] «... la nature, dont les phénomènes ne sont que les résultats mathématiques d'un petit nombre de loix invariables... Le sentiment de cette vérité donna probablement naissance aux analogies mystérieuses des pythagoriciens.» Laplace, *Exposition du système du monde*, 1799, pag. 324.

[2] *Astronomia nova, seu Physica cœlestis de motibus Stellae Martis* e *Harmonices mundi Libri quinque*.

[3] «Les allégories poétiques dont Pythagore et Platon ont semé leurs tableaux du monde, allégories changeantes comme la fantaisie, qui leur donna naissance, se reflètent encore en partie dans les écrits de Kepler.» Humboldt. *Kosmos*. Trad. fr. II. 375.

[4] Plat. *Tim*. Edit. Didot. II, Part. II, pag. 207 e segg.

ras[1]. E tão seductora e persistente era a doutrina das harmonias e das progressões ensinada pelo philosopho de Crotona, que ainda em fins do seculo passado, um astronomo allemão dava o nome, senão a auctoria a uma supposta lei, segundo a qual as distancias dos planetas ao centro do systema formavam uma serie arithmetica[2]. Quaesquer que sejam, porém, as aberrações, a que os exemplos e as seducções da theoria de Pythagoras hajam transviado os espiritos mais reflexivos e austeros, não é menos manifesto que a doutrina pythagorica abrangia na admiravel intuição da sua alta philosophia um dos aspectos, porventura o mais fecundo e importante, da natureza e da razão. Uma sciencia nova, nascida apenas de hontem, a crystallographia, ou a morpholo-

[1] Apelt, *Johann. Kepler's Weltansicht.* 76–116. Delambre. *Hist. de l'astronomie moderne.* I. 352-360. Montucla. *Hist. des mathémat.* II. 206. O mystico e enthusiasta Kepler, o admiravel descobridor da legislação mechanica dos ceos, renovou o pythagoreismo, applicando-o aos phenomenos da natureza, no seu livro *Harmonices Mundi.* E não contente com estabelecer a doutrina da harmonia planetaria sobre os fundamentos da harmonia dos cinco solidos regulares (o tetraedro, o cubo, o octaedro, o dodecaedro e o icosaedro) segundo a velha idéa pythagorica, e sobre a divisão harmonica das cordas, segue tambem o exemplo de Pythagoras em submetter ás leis dos numeros as coisas intelligiveis e incorporeas: «Quantitatum est mirabilis quaedam, et planè divina politia, rerumque divinarum et humanarum communis in his symbolisatio.» *Hormonices Mundi.* Lintz. 1619, Lib. IV. *De configurationibus harmonicis*, cap. I. pag. 119. No *Prodromus dissertationum cosmographicarum continens mysterium cosmographicum*, (Tübingen, 1596, Francfort, 1621) a admiração de Kepler pela doutrina e pelo nome de Pythagoras é expressa n'estes termos: «Nam siquis philosophicas istas rationes, sine rationibus, et solo risu excipere atque eludere voluerit: propterea quod novus homo sub finem seculorum, tacentibus illis philosophiae luminibus antiquis, philosophica ista proferam; *illi ego ducem, auctorem et praemonstratorem* ex antiquissimo seculo proferam Pythagoram.» Kepler, *Myst. cosmograph.* Francf. 1621, cap. II, pag. 25.

[2] Alludimos n'este ponto á conhecida lei de Bode, a qual foi propriamente phantasiada pelo professor Titius, de Wittemberg, em uma nota á traducção allemã da *Contemplation de la Nature* por Charles Bonnet, impressa pela primeira vez em 1766. Bode tornou mais conhecida a supposta lei da progressão nas distancias planetarias no seu livro *Anleitung zur Kenntniss des gestirnten Himmels* (Introducção ao conhecimento do ceo estrellado) 1772. Mais tarde Wurm corrigiu a lei de Titius, e segundo a nova redacção adoptando o numero 387 para exprimir a distancia de Mercurio ao sol, as distancias de Venus, a Terra, Marte, os pequenos planetas, Jupiter, Saturno, Urano e Neptuno ao sol formam uma serie. Com razão observou o eminente Gauss, o maior geometra allemão d'este seculo, que a pretensa lei de Titius ou de Bode tem contra si o offerecer logo no primeiro termo uma excepção. «Em todos os tempos (diz o auctor das *Disquisitiones arithmeticae*) os maiores homens se teem deixado seduzir por estes jogos de espirito.» Vej. Humboldt. *Kosmos.* III. Trad. fr., 485-488.

gia das fórmas inorganicas, de todo o ponto ignota aos philosophos e naturalistas da antiguidade greco-latina, ministra os mais irrecusaveis documentos de que os numeros, com as suas progressões e as suas harmonias, dominam a natureza e a materia. Quando a sciencia nos demonstra, por testemunhos experimentaes, o que a geometria adivinhara, —que n'uma serie de fórmas realisadas n'uma substancia mineral, os eixos dos crystaes se coordenam em uma serie de potencias, não é esta uma prova concludente de que os numeros exercem no mechanismo da natureza uma funcção essencial? O que em toda a creação organica ha porventura mais anarchico e desordenado na apparencia do que a folhagem de uma arvore, de um arbusto, de uma herva, ou a disposição, ao parecer arbitraria e infinitamente variada, com que os ramos e as vergonteas se succedem em redor do eixo principal? E todavia os esforços de alguns sabios teem alcançado relancear que tambem na vegetação, na coordenação das folhas e das flores, ha leis geraes, que é possivel exprimir por meio de relações arithmeticas[1]. O numero domina pois a natureza, e se não é elle proprio a essencia, é pelo menos o fio mysterioso, de que se tece a maravilhosa trama do universo. E hoje mais do que nas antigas edades da sciencia, se póde confirmar com maior segurança e exactidão a doutrina pythagorica, despojada de todas as suas nebulosas concepções e do seu phantasioso mysticismo. Desde Kepler e Galileu até Laplace, e Lagrange, Gauss, Struve, Leverrier e Delaunay as sciencias mathematicas, — isto é o numero e a fórma — tomam posse indisputada do universo material e subordinam aos methodos eminentemente ideaes e subjectivos da analyse geometrica e infinitesimal os phenomenos da madre natureza. São os numeros, — e d'esta vez os numeros genuinamente pythagoricos, — que traduzindo os factos da experiencia, após laboriosas tentativas segredam ao astronomo allemão as leis do movimento planetario[2]. São os numeros, que confirmam no

[1] Vejam-se sobre as leis geometricas da disposição das folhas em spiraes e sobre as series arithmeticas, que representam a grandeza do chamado *angulo de divergencia*, o escripto de Schimper, *Vorträge über die Möglichkeit eines wissenschaftlichen Verständnisses der Blattstellung* (Idéas sobre a possibilidade de um conhecimento scientifico da disposição das folhas) e a memoria do dr. Braun *Vergleichende Untersuchung über die Ordnung der Schuppen an den Tannenzapfen* (Investigação comparativa ácerca da disposição das escamas nas pinhas das coniferas) nas *Nov. Act.* da *Academia Carolina-Leopoldina Curiosorum Naturae*. T. XIV. Vol. I. 195-402, e os trabalhos dos dois irmãos Bravais nas *Mémoires sur la disposition géométrique des feuilles et des inflorescences*. Paris. 1838. Cf. Schleiden *Grundzüge der wissenschaftlichen Botanik*. (Principios da botanica scientifica) 4.ª ed. Leipzig. 1861. pag. 382-385.

[2] É á influencia decisiva das idéas pythagoricas no espirito de Kepler, que o astronomo do Wurtemberg deve o descobrimento das suas leis. «Elles (les analogies mystérieuses des pythagoriciens) avaient séduit Kepler, et il leur fut redevable d'une de ses

sabio de Florença esta fé inexpugnavel da sciencia, com que o martyr da verdade profere, ao aspecto dos supplicios, o proverbial *E pur si muove*. São os numeros, que ao despregar-se do seu tronco a maçan proverbial do geometra inglez, lhe revelam as leis admiraveis e simplicissimas da attracção universal. São os numeros, que ao determinar as perturbações na orbita do planeta Urano, denunciam a Leverrier que no immenso cortejo planetario ha mais um astro, que se esconde e que é força descobrir e arrancar pela intimação do telescopio ao intimo recato do firmamento, realisando assim a brilhante prophecia, com que Maedler cinco annos antes presagiava o triumpho mais brilhante á analyse mathematica, aos *numeros* no seu mais sublime significado, a esta quasi divina intuição, com que os olhos do entendimento aprofundam a sua vista nas regiões defezas á visão dos orgãos materiaes.

Não ha noção philosophica na antiguidade, que mais do que os numeros e as harmonias de Pythagoras imprimisse fundamente o sello da sua inspiração na sciencia, na arte, nas instituições, nos costumes, na educação do povo hellenico. A proporção, o rythmo, a harmonia presidem a todas as esplendidas manifestações d'aquella multiforme e exemplar civilisação [1]. A musica, a poesia, a *orchestica*, que são ao mesmo tempo os elementos principaes da educação nas *palestras* e nos *gymnasios*, e as fórmas sensiveis e liturgicas da religião nos sanctuarios e nos templos, são o numero e a proporção educando os cidadãos e communicando com as divindades os crentes de polytheismo. Desde a *metrica* que é a arithmetica da poesia, e do *modulo*, por que se repartem os espaços para se realisar o bello architectonico, até o *Canon* ou *Doryphoro* de Polycleto [2], que Alberto Durer intentou reconstruir, e em que estavam legisladas as mais formosas proporções do corpo humano, na sua idealisação estatuaria, o numero impõe ao bello as suas condições essenciaes. A exacta regularidade, de

plus belles découvertes.» Laplace, *Exposit. du syst. du monde*, 324.—Montucla e segg. *Hist. des mathém*. Paris, 1758, II, 206.

[1] Por isso o pythagorico Philolaus talvez o melhor e o mais authentico representante da escola dorica ou italica, disse que não sómente nas obras dos deuses e dos *daemones* ou genios demiurgos se manifesta a *natureza* e a *força* do numero, senão tambem nas creações humanas, nas artes, nos discursos e na musica. «Ἴδοις δὲ καὶ οὐ μόνον ἐν τοῖς δαιμονίοις καὶ θείοις πράγμασι τὰν τῶ ἀριθμῶ φύσιν καὶ τὰν δυναμιν ἰσχύουσαν, ἀλλὰ καὶ ἐν τοῖς ἀνθρωπικοῖς ἐργοις καὶ λόγοις πᾶσι παντᾶ καὶ κατὰ τὰς δαμιουργίας καὶ τεχνικὰς πάσας ηαὶ κατὰ τὰν μουσικάν.» Boeckh, *Philolaus*, num. 18.

[2] Sobre o celebrado *Canon* de Polycleto e o de Alberto Durer veja a memoria de Hirt *Ueber den Kanon in der bildenden Kunst* (sobre o *Canon* nas artes figurativas) nas *Abhandl. der König. Preuss. Akademie der Wissenschaft.* (Philos. Klass.) 1818. Dr. Heinrich Brunn *Geschichte der griechischen Künstler* (Hist. dos artistas gregos). Stuttgart 1851, I, 215 e 218 e segg.

que depende a fórma esthetica, tem por fundamento nas boas artes a rigorosa observancia das proporções, ou das relações mathematicas, sem cuja existencia a arte, assim como a natureza, deixariam de existir [1]. Ainda mesmo na oratoria hellenica, a mais perfeita fórma do pensamento e da palavra, é visivel a cada passo a influição do numero, do rythmo, da proporção e da medida. Esta regrada ordenação, que se revela em todas as magnificencias da rhetorica nos tempos de Antiphon e sob o reinado dos sophistas, principalmente nas orações e nos preceitos de Gorgias leontino, este equilibrio invariavel dos vocabulos e das idéas, expresso nas antitheses, no parallelismo e opposição dos membros de cada phrase (*πάρισα, ἰσόκωλα*), nas alliterações e assonancias (*ὁμοιοτέλευτα*) [2]; estas relações numericas, a principio exageradas [3], mas que são, ainda com Demosthenes, Eschines, Demades e Lycurgo a vestidura da palavra e o ornato do pensamento, completam a geral representação do numero, da escala, da harmonia em todas as manifestações da vida hellenica [4].

XIV

A escola ionica dera o primeiro logar á natureza, ao concreto, ao sensivel, ao phenomenal, e deixára na penumbra o espirito, o abstracto, o suprasensivel, o transcendente. Os pythagoricos haviam tomado os numeros ou a noção arithmetica como uma noção media, *εἴδη μεταξύ* (na linguagem platonica) entre

[1] «Zuerst muss die Kunstforme, um das Empfindungsvermögen in eine zusammenhängende Bewegung zu versetzen, eine allgemeine Gesetzmässigkeite haben, die als Beobachtung mathematischer Verhältnisse oder organischer Lebensformen erscheint; ohne diese Gesetzmässigkeit hört sie auf Kunstform zu sein.» *Handbuch der Archäologie der Kunst* (Manual da archeologia da arte) von K. Otfried Müller. Breslau. 1836. pag. 4.

[2] «... die Anwendung gewisser Redefiguren, welche den Zweck hatten, der Prosa einen rythmischen, symmetrischen, kunstmässig abgemessenen Bau zu geben.» *Geschichte der griechischen Philosophie* (Hist. da philosoph. grega) von dr. A. Schwegler, publicada pelo dr. Karl Koestlin, professor em Tübingen. Tübingen. 1870. pag. 100.

Estas exagerações da arte gorgiana, recebidas a principio como uma novidade *aprasivel* e deleitosa aos ouvidos athenienses (*εὐφυεῖς καὶ φιλολόγους* segundo a expressão de Diodoro Siculo) vieram a cair, talvez pela impericia e mau gosto dos imitadores, *em risivel* contraposto da verdadeira eloquencia (*νῦν δὲ φαίνεται καταγέλαστον*).

[3] Πρῶτος (Gorgias) *γαρ ἐχρήσατο τῆς λεξεως σχηματισμοις περιττοτέροις, ἀντιθέτοις καὶ ἰσοκώλοις καὶ παρίσοις καὶ ὁμοτελεύτοις καὶ τισιν ἑτέροις τοιούτοις, ἃ τότε μὲν διὰ τὸ ξένον τῆς κατασκευῆς ἀποδοχῆς ἀξιοῦτο, νῦν δὲ φαίνεται καταγέλαστον.*» Diod. Sic. XII, 53.

[4] Otfried Müller. *Histoire de la littérature grecque*, traduite, etc., par Hillebrand. Paris. 186. III, 159 e 173.

as coisas sensiveis e o puro conceito racional, differençando-se das primeiras pelo caracter de serem eternos e immoveis, *ἀΐδια καὶ ἀκίνητα*, e do ultimo pela sua pluralidade contraposta á unidade essencial da idéa, *εἶδος* [1]. Era agora facil aos eleatas construir um systema philosophico, onde a razão estreme e emancipada de todas as peias materiaes dominasse sem rival. A reducção da multiplicidade á unidade era a fórma, de que o problema do universo apparecera desde as primeiras edades revestido. Os ionios acceitavam a infinita variedade da natureza, mas concebiam, para a resolver na unidade uma *ἀρχή* material [2]. Nenhum dos principios physicos dos ionios podia ser admittido como causa primordial, segundo o notou o illustre chefe do Peripato [3]. Inquirir a razão, por que de um ou mais elementos primitivos se realisava no mundo a geração e a corrupção, era pois a questão, que os ionios haviam deixado intacta e que na segunda phase do pensamento reflectido cumpria illucidar e resolver [4]. O proprio estado, a que chegára o processo especulativo encaminhava e constrangia os pensadores a novas investigações [5].

Anaxagoras e os pythagoricos, sem descontinuarem a tradição ionica no que tinha de fundamental a solução philosophica do problema 'do universo, introduziram mais definidamente na sciencia uma noção, que já transparecia vagamente na doutrina de alguns hylozoistas; um principio ideal e intelligivel, que representa a suprema razão de todas as coisas. O *numero* de Pythagoras, mais determinado que o *νοῦς* imperfeito e nebuloso do philosopho clazomenio, era o primeiro tentame do pensamento para se elevar acima das apparencias sensiveis e reduzir a variedade phenomenal á unidade, á lei, á harmonia.

Do pythagoreismo não era difficil a transição para as idéas ensinadas por Xenophanes e desenvolvidas e ampliadas pelos que foram continuando sob a originaria inspiração a notavel escola dos eleatas.

Da Ionia procedeu o germen d'esta nova philosophia, como d'aquelle fecundo berço da mais genial cultura hellenica havia descendido pelo seu instituidor a doutrina pythagorica. Estas duas escolas representam nos dominios da

[1] «Ἔτι δὲ παρὰ τὰ αἰσθητὰ καὶ τὰ εἴδη τὰ μαθηματικὰ τῶν πραγμάτων εἶναι φησὶ μεταξύ, διαφέροντα τῶν μὲν αἰσθητῶν τῷ ἀΐδια καὶ ἀκίνητα εἶναι, τῶν δ'εἰδῶν τῷ τὰ μὲν πόλλ' ἄττα ὅμοια εἶναι, τὸ δὲ εἶδος αὐτὸ ἓν ἕκαστον μόνον.» Arist. Metaph. I, 6, Edit. Didot. T. II, 477.

[2] «Τῶν δὴ πρώτων φιλοσοφησάντων οἱ πλεῖστοι τὰς ἐν ὕλης εἴδει μόνας ᾠήθησαν ἀρχὰς εἶναι πάντων» Arist. *Metaph*. I, 3. Ed. Didot. II, 472.

[3] Arist. *Metaph*. I, 3, 473.

[4] «Εἰ γὰρ ὅτι μάλιστα πᾶσα φθορὰ καὶ γένεσις ἔκ τινος ἑνὸς ἢ καὶ πλειόνων ἐστίν, διὰ τί τοῦτο συμβαίνει καὶ τί τὸ αἴτιον;» Arist. *Metaph*. I. 3, 473.

[5] «Προϊόντων δ' οὕτως, αὐτὸ τὸ πρᾶγμα ὡδοποίησεν αὐτοῖς καὶ συνηνάγκασε ζητεῖν.» Arist. *Metaph*. I, 3, 473.

sciencia a reciproca influição das idéas e tradições dos ionios e dos doricos, a mistura dos seus caracteres ethnologicos, o syncretismo de que, apesar da sua apparente contradicção, havia de originar-se a physionomia geral do povo hellenico. Crotona, onde primeiro floresceu a doutrina pythagorica, era uma colonia de achivos e de dorios. Elea, a Velea dos romanos, era uma fundação italica dos phocios[1], d'aquella tribu aventureira e generosa, que levára a Marselha, a Massalia antiga, o espirito livre e emprehendedor da gente ionica. E é digno de reparo que fossem ionios, fóra da propria Hellade, na Asia ou na Magna Grecia, os que fundaram a philosophia, ou limitando ao mechanismo physico do *Kosmos* as suas investigações, ou transcendendo as fronteiras do mundo phenomenal, para se levantarem ás eminentes concepções do *uno*, do racional, do absoluto, do immutavel, do *existente* no seu mais alto conceito methaphysico[2]. E não menos dá sugeito a historicas reflexões, que o movimento da Hellade na primeira edade, a mais fecunda e espontanea da sua evolução, partisse constantemente dos confins da Grecia ou das suas colonias para Athenas, o futuro centro da civilisação hellenica[3]. O mundo grego á semelhança de um organismo accommodado ao seu destino, recebia do exterior e pelos orgãos da peripheria o nutrimento espiritual, que mais tarde na metropole do antigo pensamento deveria ser convertido no fluido vivificador. Na existencia commum da Grecia, Athenas era o cerebro; mas as idéas e os principios da sua elaboração intellectual eram-lhe ministrados, como por orgãos serviçaes e preparatorios, pelas colonias instituidas fóra dos seus limites geographicos. Na Asia os ionios, como que trasladavam para o interior da Hellade as dispersas reliquias das civilisações orientaes. Na Magna Grecia e na Sicilia, os ionios e os doricos parecia annunciarem que depois da patria de Sophocles e Platão, devia ser a Italia a primeira depositaria do saber hellenico, e fundarem d'este modo a solidariedade historica da Grecia e do Oriente com os povos ainda barbaros da Europa occidental.

Os eleatas, posto que imprimiram ao movimento philosophico uma direcção diversa do dynamismo e mechanismo ionio, ainda em muitos pontos permanecem fieis á tradição dos seus antecessores. Negando á natureza e

[1] Niebuhr, *The history of Rome*, trad. ingl. de J. C. Hare, Cambridge 1828, pag. 132-133. Duncker, *Gesch. der Alterth.* III, 502.

[2] «Il est digne de remarque que partout, la première philosophie des Grecs tire son origine des Ioniens.» Ritter, *Hist. de la philos.* I, 374.—Duncker, *Gesch. der Alterth.* IV, 113 e segg.

[3] «Während Samos und Chios den ersten Platz in der Baukunst und Bildnerei gewannen, stand Lesbos an der Spitze der Poesie, Milet an der Spitze der philosophischen, der geographischen und historischen Forschung.» Duncker, *Gesch. der Alterth.*, IV, 499.

ao mundo dos sentidos a realidade e a existencia verdadeira, contestando-lhe por multiplo, variavel, contradictorio, que podesse nunca ser a fonte da verdade philosophica, ἀλήθεια, buscando no que é immutavel, eterno, indivisivel, por si mesmo subsistente, o principio e o assumpto de toda a especulação dialectica, relegando o mundo phenomenal para os dominios inseguros e mudaveis da humana opinião, δόξα, os eleatas obrigados, segundo a phrase de Aristoteles, a respeitar a existencia dos phenomenos, não esqueciam de todo o ponto as multiformes apparencias do universo e a sua physica era visivelmente derivada da antiga inspiração hylozoista [1]. A natureza era para elles o não-existente, o hypothetico, o que póde ser apenas estudado, mas nunca perfeitamente conhecido, pelas normas do que poderia apellidar-se o senso commum da humanidade, levantado modernamente ás honras de criterio pela escola philosophica escocesa, tão engenhosa, como empirica, e mais praticamente adequada ás vulgares necessidades da vida social do que firmada solidamente em cimentos scientificos. Nada poderia ter nascido, nada era sujeito a perecer, porque o *todo*, τὸ παν, o uno, o Deus dos eleatas, era immovel e impassivel, e por isso contradictorio com as noções de geração e corrupção [2]. Admittindo duas ordens, não só independentes, mas contrapostas de conhecimento, um fundado na evidencia dialectica, e no pensamento philosophico, o outro derivado dos sentidos e do vulgar entendimento [3], um, a sciencia do ser, do absoluto, do immutavel, o outro a apparencia do não ser, do relativo, do mudavel, os pensadores da escola de Elea, depois de haverem annullado pela dialectica o mundo physico, e condemnado por impossivel e absurda a multiplicidade, o espaço, o movimento, baixavam das nebulosas regiões da razão pura, onde se libraram mais alto que Pythagoras, e encontrando-se em face da natureza, volviam a atar o fio interrompido ás especulações physicas da Ionia.

O reflexo da escola de Mileto, d'esta escola naturalista, que se apraz na intuição da natureza e na explicação mechanica do universo, sem largo dispendio de transcendentes cogitações, doira a grave e severa compostura dos eleatas, d'estes sublimes ascetas do pensamento. Tambem elles como Thales, Anaximenes, Empedocles, affeiçoam de materia a fabrica do mundo. Parmenides adopta como a chave da explicação da natureza dois elementos essenciaes, um calido, subtil e como ethereo; o outro denso, frigido, pesado; o primeiro o calor, a

[1] «Ἀναγκαζόμενος δ' ἀκολουθεῖν τοῖς φαινομένοις, καὶ τὸ ἓν μὲν κατὰ τὸν λόγον, πλείω δὲ κατὰ τὴν αἴσθησιν ὑπολαμβάνων εἶναι etc.» Arist. *Metaph.* I, 5, Ed. Didot, T. II, 476.

[2] «Παρμενίδης, Μέλισσος, Ζήνων ἀνῄρουν γένεσιν καὶ φθοράν, διὰ τὸ νομίζειν τὸ πᾶν ἀκίνητον.» Plut. *De plac. phil.* I, 24.

[3] Δισσήν τε ἔφε εἶναι φιλοσοφίαν τὴν μέν, κατὰ ἀλήθειαν· τὴν δέ, κατα δόξαν. Diog. Laert. *Vit. Philos.* Lond., 1664, 242.

luz, o elemento imponderavel; o segundo a noite, a terra, o elemento material [1]. Zeno de Elea, admitte como principios do universo os quatro elementos da escola ionica [2].

Xenophanes—e segundo o conceito de Hegel é n'elle que principia a pura especulação—lançara os primeiros e ousados lineamentos do pantheismo hellenico [3], perseguira com a razão e a ironia os deuses anthromorphicos da Grecia [4], e exprobrara aos dois grandes fabuladores da theogonia classica, —a Hesiodo e a Homero,— o haverem deshonrado a divina essencia com os attributos e paixões da fraca humanidade [5]. Descendo da transcendente contemplação da substancia eterna, d'este Deus que tudo vê, tudo ouve, tudo abraça e comprehende, que em nada semelha ao homem, que é ao mesmo tempo espirito, eternidade e providencia [6], e em si confunde o todo e a unidade [7], Xenophanes reconhece a necessidade de explicar o mundo physico, e professa, como os hylozoistas, os quatro elementos fundamentaes [8]. É que as cogitações ácerca do absoluto a tão alto levantam os espiritos, que na erma região, onde vagueiam, já não podem nem de longe divisar o mundo positivo da materia. Para comprehender a natureza é forçoso volver á terra, e consociar com a experiencia a abstracção.

A escola de Elea, assim como a de Pythagoras, distinguem-se profundamente das doutrinas physicas da ionica, pela admissão de um mundo intelligivel e de um mundo phenomenal. Mas para os pythagoricos ha um laço, que vincula estes dois mundos n'uma indissoluvel unidade, um principio, que concilia as multi-

[1] «Παρμενίδης θερμὸν καὶ ψυχρὸν ἀρχὰς ποιεῖ, ταῦτα δὲ προσαγορεύει πῦρ καὶ γῆν.» Arist. *Phys.* I, 5. Ed. Did. II, 254.

Δύο τε εἶναι στοιχεῖα, πῦρ καὶ γῆν. Diog. Laert. *Vit. phil.* IX, Lond. 1664, 242.

[2] É incontestavel que a formação mechanica do mundo pela admissão dos elementos era o principio dominante na physica eleatica. «Περὶ δὲ τῶν ἐκ τῆς οὐσίας στοιχείων, τοιαῦτά τινα ἀπεφαίνετο, τῷ τῆς αἱρέσεως ἡγεμόνι Ζήνονι κατακολουθῶν, τέτταρα λέγων εἶναι στοιχεῖα, καὶ φυτά, καὶ τὸν ὅλον κόσμον, καὶ τὰ ἐν αυτῷ περιεχόμενα, καὶ εἰς ταῦτα διαλυεσθαι.» Stob. Ecl. I. pag. 28.

[3] «Xénophane, le premier, détermina l'être absolu comme le *un*, en l'appellant Dieu... Ce fut là, dit Hégel, un progrès immense: pour la première fois, dans l'école d'Élée, la pensée se montra dans toute sa pureté, dans toute sa liberté.» Willm. *Hist. de la phil. allem.* IV, 11.

[4] Duncker, *Gesch. des Alterth.*. IV, 540.

[5] «Ξενοφάνην ὑπότυφον, Ομηροπάτην, επικόπτην.» Diog. Laert. *Vit. philosoph.*, IX, 241.—Clem. Alex. *Stromat.*, V, 601.

[6] «Οὐσίαν Θεου, σφαιροειδῆ, μηδὲν ὅμοιον ἔχουσαν ἀνθρώπῳ. ὅλον δὲ ὁρᾶν, καὶ ὅλον ακούειν... σύμπαντα τε εἶναι, νοῦν, καὶ φρόντιν, καὶ ἀΐδιον.» Diog. Laert. loc. cit.

[7] «Ξενοφάνης συνεστάναι τὸ πᾶν ἐκ τοῦ ἑνός.» Stob. Ecl. I, 13, pag. 26.

[8] «Φησι δὲ τέτταρα εἶναι των ὄντων στοιχεῖα.» Diog. Laert. *Vit. phil.* IX, 124.

formes antinomias do pensamento e do phenomeno, do eterno e do variavel. Esse vinculo é o *numero*. No sentir dos eleatas, ao contrario, um abysmo insondavel, infinito, separa o *ser*, o *existente*, o eterno, o immutavel, o Deus [1], o que é ao mesmo tempo *um* e *todo*, das mudaveis apparencias do mundo material. Entre o ser, τὸ ὄν e o não ser, τὸ μὴ ὄν, não ha, segundo elles, conciliação; nem ha synthese possivel entre duas noções, que se negam e destruem mutuamente. Nas hypotheses mechanicas dos ionios a causa, que explica a genesis do universo, é simultaneamente *principio* e *elemento*, ἀρχή e στοιχεῖον. As escolas idealistas, como a de Elea. estabelecem profunda distincção entre estas duas noções, tomando o *uno*, o *todo*, ou o Deus de Xenophanes, de Zeno e de Parmenides como a ἀρχή, como a essencia do verdadeiro ser, τὸ ὄν, e adoptando os elementos, στοιχεῖα, como explicação do mundo phenomenal [2].

Os eleatas são pois originaes na elevação do conceito metaphysico. Quando baixam ás theorias da natureza, nada acrescentam de novo e substancial ás doutrinas dos physiologos e principalmente á philosophia physica de Heraclito. Como os ionios, deduzem de principios materiaes a natureza, como Empedocles professam que nas varias combinações de poucos elementos primordiaes estão cifradas as differenças nos corpos do universo. A Heraclito se achegam com mais predilecção, reputando o calor, a luz, o que hoje apellidamos as *energias* da natureza, como a fonte principal d'onde provêm os phenomenos do *Kosmos*. Os *contrarios* são pois os principios determinantes da natureza segundo a physica eleatica, assim como na doutrina heraclitea tudo nasce da eterna antithese e da lucta permanente. Os eleatas tão consequentes e inexpugnaveis na sua inexoravel dialectica, vêdel-os agora incursos em palpavel contradicção, por quanto ao passo que defendem residir a verdade no que é *um* e *todo*, indivisivel, immovel, incapaz de variação na grandeza e qualidade, em tanto que nas suas tenebrosas cogitações ácerca da metaphysica se encastellam pertinazes n'um *mónismo*, que destrue a natureza, eil-os que volvem sobre seus passos para fazer brotar de um manifesto dualismo, do calor e do frio, da creadora luz e das trevas infecundas, do fogo e da terra, do ser e do não ser, da força e da materia, como hoje poderiamos dizer, a maravilhosa fabrica do mundo [3].

[1] «Εἰς τὸν ὅλον οὐρανὸν ἀποβλέψας τὸ ἓν εἶναί φησι τὸν θεόν.» Arist. *Methaph.* I, 5. Ed. Did. II, 475.

[2] Stob. Ecl. I, pag. 28.

[3] «Παρμενίδης λέγει δύο τὸ ὂν καὶ τὸ μὴ ὂν εἶναι φάσκων, πῦρ καὶ γῆν. Arist. *De generat et corrupt.* I, 3. Ed. Didot. II, 438. Segundo a doutrina de Parmenides todas as coisas da natureza são misturas ou combinações dos dois elementos primitivos. O calor é o elemento do *ser*, a terra o elemento do *não ser*. Da proporção, em que entra o calor na combinação, depende a graduação de um seu producto na escala da existencia real, da consciencia e da verdade. Cf. Schwegler, *Gesch. der griech. Phil.*, 83.

A physica dos eleatas é certamente inferior na concepção e na originalidade ás doutrinas do universo segundo as professaram os sabios de Mileto ou os sectarios da escola italica [1]. Mas Xenophanes e os seus continuadores não timbravam de prescrutar os arcanos do mundo phenomenal, que era para elles uma illusão do espirito, uma especiosa falsidade, um sophisma dos sentidos, uma insoluvel antinomia. A sua philosophia da natureza era como a dos modernos idealistas, como a de Hegel e a de Schelling, uma graciosa concessão ás que haviam por abusões e preconceitos do empirismo. Como os dois philosophos de Jena e de Berlin, os eleatas eram antes de tudo os audazes constructores do absoluto; a unidade consubstanciada com o todo era a sublime preoccupação do seu engenho. As infinitas apparencias, em que se resolve o vario, o multiplo, o individual, ficavam abaixo da alteza do pensamento e da magestade da sciencia. Assim como Hegel capitulou por alheias á especulação e á philosophia a immensa variedade das fórmas organicas, que a seu aviso attestam unicamente a impotencia da natureza [2], assim como o grande revolucionario da sciencia, comparava desdenhosamente a turba infinita das estrellas a uma erupção cutanea do firmamento [3], assim Parmenides exilava para longe da pura philosophia o tractado das coisas materiaes, e consagrava quasi com desdem a segunda parte, a menos importante do seu poema, ás *opiniões*, não ás *verdades* do mundo phenomenal [4]. O espirito subtil e abstracto dos eleatas invencivelmente repugnava aos estudos experimentaes do mundo externo, cuja existencia elles negavam como a mais absurda contradicção com os caracteres essenciaes, os σηματα da existencia unica, universal. Não admira pois que Xenophanes, segundo o testemunho dos antigos, explicasse o nascimento e o occaso das estrellas, suppondo que alternativamente se encendiam e apagavam no seu arco acima do horizonte [5]. Não vemos nós já no seculo presente, n'esta quadra brilhantissima de incessante investigação experimental, o auctor do *idealismo ab-*

[1] «Trotz einzelner guter Beobachtungen und Schlussfolgen bleibet (Xenophanes) in der Naturlehre entschieden auch hinter diesem (Pythagoras) zurück.» Duncker, *Gesch. der Alterth.*, IV, 576.

[2] «Cette variété de formes naturelles, qu'on admire comme une richesse, n'est qu'impuissance, et c'est cette impuissance de la nature qui empêche la philosophie de tout expliquer.» Willm. *Hist. de la phil. allem.* IV, 235.

[3] «L'armée des étoiles est un monde purement formel... Ces brillantes *figurations* peuvent réjouir le regard, mais elles sont aussi peu admirables qu'une *éruption cutanée* ou la multitude des mouches.» Hegel. *Encyclop.* add. au § 268 cit. em Willm. *Hist. de la philos. allem.* IV, 246.

[4] *Parmenidis reliquiæ*. Ed. Karsten 1835, vers. 109-111, cit. em Schwegler, *Gesch. der grech. Philosoph.*, 82.

[5] Plut. *De plac. phil.* II, 13.

soluto macular o seu grandissimo talento com as mais abstrusas concepções a respeito da structura do universo? Não o vemos por exemplo, na sua *Philosophia da natureza*, aliás tão copiosa de profundissimos conceitos e idéas originaes, resuscitar, posto que n'um sentido teleologico, a condemnada hypothese geocentrica, e professar tão apoucada theoria como a de que o sol, a lua, os cometas, as estrellas existem por causa do nosso globo, e são as suas condições essenciaes? [1].

Se os eleatas, salvas algumas raras, mas inspiradas adivinhações, escassamente contribuiram para o adiantamento da philosophia da natureza, se desdenhando a physica e a geometria, obstaram damnosamente á cultura progressiva das sciencias experimentaes, é innegavel que o seu apparecimento no cortejo admiravel dos philosophos hellenicos é um *momento* dos mais significativos na grandiosa evolução do espirito humano. Os principios ensinados por Parmenides de que a razão e o seu objecto são necessariamente identicos [2], de que o pensamento é em si mesmo a plenitude da existencia [3], de que o *ser* é um todo continuo, ininterrupto, homogeneo, sem nenhuma determinação qualitativa, de que o seu symbolismo geometrico é a sphera, a mais perfeita das figuras, a que é em todas as direções egualmente limitada, eis ahi altissimos conceitos, cuja valia metaphysica é tanto mais inestimavel quanto é arduo, nas primeiras edades philosophicas, que o espirito facilmente se emancipe do mundo phenomenal, e se alevante a noções puramente intelligiveis, as quaes repugnam abertamente á supposta evidencia dos sentidos e ás verdades immemorialmente consagradas pelo criterio do senso commum. Quando Xenophanes desenfaixa a metaphysica ainda no berço, e proclama que a essencia do que existe realmente deve ser forçosamente superior ás vicissitudes e mutações do universo material, que sómente o que é impassivel de alteração e metamorphose, o que é ordem inalteravel em meio de infinitas evoluções, o que é vida na vida da natureza, constitue o verdadeiro ser [4], o sabio de Colophonia funda ao mesmo tempo a philosophia transcendente e a theologia racionalista. A escola de Elea levanta sobre as ruinas do poetico e brilhante polytheismo hellenico este sombrio pantheismo, que vive da negação da crença antiga e, destruindo o mundo physico, desenrolla em seu logar o esteril deserto philosophico da unidade universal. E dissemos esteril, porque chegado o espirito a esta sua culminação nos arrojados vôos do pensamento reflectido, a este *ser* immovel, continuo, em cuja substancia é impossivel o espaço, o tempo, a vida, a geração, a

[1] Hegel, *Encycl.*, addit. au § 280 cit. em Willm. *Hist. de la phil. allem.* IV, 249.
[2] *Parm. Reliq.* Edit. Karsten vers, 93, 94, 95.
[3] «Τὸ γὰρ πλέον ἐςτι νόημα.» *Parm. Reliq.*, vers. 150.
[4] Plut. apud Clem. Alex. *Stromat.* I, 8.

multiplicidade e a differença, d'aquella *ultima Thulè* da transcendente abstracção, sáe, pela possante e incontrastavel dialectica de Zeno e de Parmenides, uma cadeia immensa de negações, mas d'aquelle Sahara intellectual pela propria exuberancia da luz e do calor, não póde brotar uma pavêa, um lichen, uma cellula, que denuncie a vida, o movimento, a harmonia, a creação. A philosophia eleatica representa um dos mais sublimes esforços de espirito humano em demanda da verdade absoluta. É certo que as demolições d'esta escola. francamente revolucionaria na sciencia, sobrepujam na sua qualidade e no seu numero, o escasso peculio das suas affirmações [1]. Os eleatas mais se esforçaram por destruir do que por edificar. Derrocam os deuses de seus thronos para lhe substituir um Deus impassivel; supprimem a natureza como uma ficção impura dos sentidos. E comtudo que valentia de entendimento não exigem as ousadas cogitações d'estes grandes innovadores! Arcam resolutos com o polytheismo, que é para os hellenos como a fórma innata da sua fé e do seu culto nacional, e combatem pertinazes contra a realidade do universo, attestada pelo testemunho experimental. Na philosophia de Elea está o germen da especulação platonica [2]. Se imaginarmos combinada a sciencia moral e o methodo de Socrates, com o fluxo perpetuo de Heraclito, a concepção sublime da essencia pura e indivisivel de Xenophanes e a dialectica de Parmenides, teremos os alicerces, em que Platão firma historicamente a sua doutrina [3]. O *absoluto* dos eleatas póde suggerir egualmente o idealismo de Platão, e o pantheismo dos philosophos modernos. Giordano Bruno, o dominicano racionalista, o irrequieto revolucionario, que sob a cogúla opera no mundo philosophico uma transformação semelhante á do mal soffrido augustiniano nos dominios theologicos, que formúla como elle uma audaz protestação contra a edade media, representada na escolastica, é o vulto que em pleno Renascimento apparece á frente da reacção intellectual contra o despotismo metaphysico. Giordano Bruno assiste a esta gloriosa revolução, que, fóra das regiões especulativas, se realisa nas sciencias da natureza. Tem por seus

[1] «Der positive Gehalt des eleatischen Philosophiens reicht nun freilich nicht weit. Das Seyn ist eine Abstraction, die keinen Uebergang zur Erscheinungswelt möglich macht, und sie daher entweder unbegriffen stehen lassen oder sie geradezu negiren muss. Achtungswerth aber ist der ernste uud strenge Sinn, der über das Getheilte und Vergängliche zum unbedingt Einen und Bleibende hinstrebt, und die Konsequenz mit der dieses Ziel verfolgt wird.» Schwegler, *Gesch. der griech.* Phil., 89.

[2] «Parménide est le principal antécédent de l'idéalisme platonicien.» Weber, *Hist. de la phil. europ.*, 25.

[3] «Geht man der Entstehung der platonischen Ideenlehre nach, so erweist sie sich als gemeinschaftliches Product der sokratischen Methode der Begriffsbildung; der heraklitischen Lehre vom Fluss aller Dinge und der eleatischen Lehre vom reinen Seyn.» Schwegler, *Gesch. der griech. Phil.*, 151.

precursores e paraclétos a Copernico, a Nicolau de Cusa, a Vesalio, a Cesalpino. A philosophia moderna, cujos primeiros clarões já nos seculos médios irradiam de alguns mais indisciplinados pensadores, rebellados contra o formalismo das escolas, deve ao dominicano de Nola a sua solemne iniciação. Mas a idéa philosophica de Bruno tem as suas raizes na concepção pantheista dos eleatas. Deus e o universo apparecem como synonymos na philosophia do heretico innovador. O seu ente uno e indivisivel é a essencia pura de Xenophanes e de Parmenides ataviada com os adornos e os matizes de uma imaginação mystica e ainda quasi medieva [1].

A *substancia*, segundo a notoria definição de Renato Descartes [2], se não argue a directa filiação do philosopho francez nas doutrinas eleaticas, é prova incontestavel de que o genio grego em pontos fundamentaes se antecipou de muitos seculos aos talentos especulativos da Europa occidental. Da escola cartesiana brotam em varias direcções as seitas, que ao alongarem-se da fonte primitiva vão mais e mais denunciando a sua opposição e hostilidade. Em quanto Malebranche, interpretando largamente um scholio do philosopho [3], chega pelas veredas estreitas do mysticismo á celebrada theoria da *visão em Deus*, Spinosa, partindo da substancia cartesiana e seguindo com demasiada fidelidade o methodo geometrico do grande mestre, conclue pelo pantheismo semelhante ao do seu antecessor Giordano Bruno. A doutrina de que não ha senão uma substancia indivisivel [4], de que os seus attributos essenciaes no mesmo grau são o pensamento e a extensão, que Descartes, apesar da sua definição, havia separado [5], de que Deus como causa immanente, não externa do universo, é com elle identico e d'elle inseparavel [6], é nos seus fundamentos a idéa

[1] Willm., *Hist. de la phil. allem.*, IV, pag. 70 e 71.

[2] «Per substantiam nihil aliud intelligere possumus, quàm rem quae ita existit, ut nulla alia re indigeat ad existendum. Et quidem substantia quae nulla planè re indigeat, *unica* tantum potest intelligi, nempe Deus.» Des Cartes, *Princip. Philos.* I, 51, em *Ren. Desc. Oper. philos.* Amsterdam 1692, pag. 13 e 14.

[3] «Alias vero omnes (substantias) non nisi ope concursus Dei existere posse percipimus.» Des Cart. *Princip. Philos.* loc. cit.

[4] B. Spinosa, *Ethic.* Edit. 1677. pag. 11 e 12, Part. I. prop. XIII: «Substantia absolutè infinita est indivisibilis.» Prop. XIV «Praeter Deum nulla dari, neque concipi potest substantia.» Prop. XV: Quicquid est, in Deo est, et nihil sine Deo esse, neque concipi potest.»

[5] Spinos. *Ethic.* II, Prop. I, pag. 42 «Cogitatio attributum Dei est, sive Deus est res cogitans.» Prop. II. «Extensio attributum Dei est, sive Deus est res extensa.» pag. 46, Prop. VII, Schol. «Substantia cogitans et substantia extensa una eademque est substantia, quae jam sub hoc, jam sub illo attributo comprehenditur.»

[6] Spinos. *Ethic.* I, pag. 19, Prop. XVIII. «Deus est omnium rerum causa immanens; non vero transiens.»

mãe dos eleatas, fecundada e esclarecida por um novo e geometrico pensador [1], definida e acrescentada com a theoria dos *attributos* e dos *modos*, e despojada das fórmas dialecticas para incarnar na apparencia dos processos apodicticos que servem de instrumento á deducção das verdades mathematicas [2]. Hegel descende de Spinosa tanto em linha recta como Parmenides procede legitimamente de Xenophanes. As noções fundamentaes dos eleatas estão substancialmente reproduzidas na philosophia de Hegel, ainda que segundo elle proprio o observa «o em que peca o systema eleatico assim como o de Spinosa, é o ter concebido o absoluto como substancia e não o determinar como sugeito, como acção, como vida e movimento [3].» E em verdade os eleatas reduzem por um esforço directo da sua dialectica formal a infinita variedade dos phenomenos á unidade metaphysica de Deus ou substancia universal. Hegel por um movimento opposto da sua transcendente dialectica, pronuncia sobre o *nada* das negações philosophicas o *fiat* creador do pensamento, e pela acção da *idéa* faz apparecer de novo o mundo e a natureza na *taboa raza* da sua philosophia [4], como o agente revelador desenha ao vivo e patentêa na lamina photographica a imagem latente produzida pela acção chimica da luz.

As *antinomias*, que representam uma funcção tão eminente na philosophia desde Kant, são pela primeira vez exemplificadas com a mais viva perspicacia e o maximo acume dialectico nas famosas negações de Zeno [5]. Nenhuma noção ontologica das que são o fundamento do saber humano, nenhum principio dos

[1] «He (Spinosa) does not essentially differ from the pantheists of old. He conceived, as they had done, that the infinity of God required the exclusion of all other substance.» Hallam *Litterature, of Europe*, IV, pag. 243.

[2] «La venue de Spinosa est l'événement capital dans l'histoire de la pensée moderne; sans spinosisme, il n'y a pas de vraie philosophie... Sa substance absolue est *l'être un* des Éléates.» Willm., *Hist. de la phil. allem.*, IV, 80 e 81.

[3] «... le défaut du système des Éléates, ainsi que celui de Spinosa, est de ne concevoir l'absolu que comme substance, et de ne pas le déterminer comme sujet, comme action, comme vie et mouvement.» Hegel, *Encyclop.* § 572, cit. em Willm, *Hist. de la phil. allem.* IV, 325.

[4] «Cette création par la pensée pure... c'est une création vraiment *ex nihilo*, produite par la pensée seule, par la seule activité logique. L'idée absolue concrète, l'univers, l'esprit, Dieu lui-même naissent de la seule action de la pensée pure sur l'être pur, du néant sur le néant, du vide sur le vide.» Willm., *Hist. de la phil. allem.*, IV, 317.

[5] «Zénon comprit le premier ce qu'il y a de contradictoire dans la notion de l'infini, et les antinomies de Kant ne font que reproduire l'argumentation de cet Éléate.» Willm, *Hist. de la phil. all.* IV, 12.—«Wie Zeno den Sophisten ihre Hauptwaffen gegen die hergebrachte Anschauungsweise geliefert, wie er auf Plato's dialektische Untersuchun-

que parecem essenciaes á ordem do universo, deixa de implicar em si flagrante contradicção. Todo o conceito tractado no crisol de uma severa dialectica, parece egualmente antinomico e absurdo. O espaço e o tempo, a materia e o movimento, a multiplicidade e a grandeza, desapparecem ante o sopro esterilisador da philosophia, que chegou a attingir os ultimos limites da abstracção e se deixou arrebatar nas ondas torrentosas de um inexoravel criticismo. A argucia em subtilisar as *antinomias* da razão e do universo é o que distingue particularmente a phase mais perfeita da escola eleatica, sob a viva inspiração de Parmenides e de Zeno. No *Parmenides* de Platão o entendimento mais culto e mais valente sente-se a cada instante perplexo e enleado ao seguir os vôos espirituaes dos eleatas. As nebulosas e transcendentes cogitações de Fichte, de Hegel ou de Schelling não alteiam o pensamento a mais aerias e desusadas regiões intellectuaes do que a cerrada e severa deducção, com que o eleata vae tocando na pedra lydia das antinomias, e regeitando por falsas ou de má lei as noções mais inconcussamente recebidas pelo consenso universal. O admiravel dialogo de Platão seria só por si o mais irrecusavel testemunho de que a razão pura, pela consideração immanente dos objectos, por esta logica, que é ao mesmo passo movimento do espirito e movimento do absoluto, soube levantar-se na Grecia ás mais altas summidades intellectuaes, e tornou difficilima n'este ponto aos seculos vindouros a originalidade e a profundeza do conceito.

XV

O predominio do processo dialectico introduzido e divulgado pelo engenho subtil dos eleatas, se por um lado exalçava o entendimento ás maiores audacias da abstracção, pelo outro lado com o seu systema de peremptorias negações encaminhava os espiritos a insurgirem-se contra as idéas recebidas, e a contestarem victoriosamente a evidencia a todos os criterios da verdade. O uso das antinomias empregadas subtilmente por Zeno, de Elea, e por Melisso, de Samos em defensa do seu ente unico e indivisivel e em opposição ás doutrinas physicas da Ionia, conduziu por necessarias transições á extrema subtilisação

gen anregend eingewirkt hat, so ist er auch ein Vorgänger der Kantischen Kritik mit ihren Antinomien, die gleichfalls gegen die Objektivität der sinnlichen Erfahrung gerichtet sind.» Schwegler, *Gesch. der griech. Phil.* 88. Comparem-se as contradicções, a que dá occasião, segundo o processo dialectico de Zeno, a noção de multiplicidade, por exemplo com a segunda antinomia de Kant, e concluir-se-ha a identidade fundamental entre o processo dialectico dos eleatas e o methodo critico do grande pensador de Königsberg. Cf. Cousin, *Leçons sur la philosophie de Kant*, Paris, 1842, I, leç. VI. —Willm, *Hist. de la phil. allem.*, I. *Critique de la raison pure.*

d'aquelle methodo, preconisado por Gorgias, Hippias e Protagoras para demonstrar com egual plausibilidade as mais contradictorias proposições. O uso fundara a dialectica. O abuso deu origem á sophistica. O uso constituira como que o reinado exclusivo do *todo universal*, sem distincção de partes discretas, sem nenhuma participação de individualidade. O abuso inaugurou a anarchia intellectual, sem nenhuma idéa de verdade absoluta, sem nenhuma intuição da unidade racional. Os eleatas reduziam a sciencia a um theorema essencial, o da perfeita identidade entre o *um* e o *todo*. Os sophistas ao contrario tornavam infinitas as apparencias da verdade, negando-a como principio absoluto e objectivo, e concedendo-a apenas como uma simples visão subjectiva e individual. Para os eleatas a sciencia acabava, quando, apoz uma serie de negações inexoraveis, o espirito havia construido a noção do *um* universal e indivisivel. Com os sophistas a sciencia principiava submettendo ao processo dubitativo todas as noções puras e todos os conceitos objectivos, e inaugurando depois ousadamente a philosophia do criterio pessoal.

Os sophistas não eram uma escola, ou uma seita[1] na accepção, que designara as doutrinas caracteristicas dos ionios, dos eleatas, dos italicos. Era antes uma nova direcção do espirito livre, inquiridor e emancipado inteiramente do jugo tradicional. Através das successivas e notaveis transformações, por que passara a philosophia dynamica ou mechanista de Mileto, no decurso da larga evolução, que transmudara a primitiva idéa pythagorica desde o seu nebuloso iniciador até ao neo-pythagoreismo, na escala philosophica do pensamento eleatico desde Xenophanes a Melisso, era facil reconhecer que o thema primordial, desenvolvido e ampliado, se repetia perennemente como se fôra o motivo necessario de uma phantasia musical. A ἀρχη dos ionios, o *um* e *todo* dos eleatas, o *numero* dos pythagoricos eram como o patrimonio sagrado, o stemma gentilicio, a palavra sacramental d'aquellas tres confraternidades ou familias intellectuaes.

Debalde, porém, buscariamos entre os que a antiguidade appellidou *sophistas*, um liame de união espiritual, expressa em um principio de commum philosophia. Cada um dos illustres nomes, que se inscrevem n'esse catalogo, é uma individualidade de todo o ponto independente dos que com elle participam da mesma affronta ou da mesma gloria. Nenhum d'elles constitue escola ou parceria, nenhum brota da sua doutrina uma arvore genealogica intellectual, tão ramificada e tão fecunda, como a que germina de Pythagoras ou Xenophanes, ou florece em Socrates ou em Platão. Se porém os sophistas não tem por divisa philosophica uma verdade ou uma hypothese fundamental, que lhes

[1] Grote, *Hist. de la Grèce*, trad. de Sadous, XII, 195 e segg.

aperte o parentesco scientifico, é todavia innegavel que, senão em as idéas, ao menos em o fundo dos processos didascalicos e no assumpto da sua doutrinação, ha vinculos estreitos e affinidades essenciaes. O que se tem appellidado a *Sophistica*, tomada como um novo *momento* na evolução do pensamento, é menos uma philosophia do que uma senda nova e original aberta á investigação e ao ensino em tudo que póde relevar á vida pratica. É antes um movimento revolucionario do que uma recatada e quieta innovação nos puros dominios da sciencia, sequestrada a toda a influencia na educação e no governo das cidades democraticas.

Estes homens argutos, artificiosos, eruditos, que na quadra mais brilhante da democracia atheniense, apparecem trazendo desde os seus recessos obscuros até á praça publica os certames da palavra, vestindo a philosophia com a toga dos cidadãos, domesticando a sciencia até ali quasi enjaulada, familiarisando-a, amoldando-a á vida tempestuosa da cidade, formam um élo neccessario na extensa cadêa do pensamento [1].

A philosophia hellenica havia sido até ali um monopolio de engenhos superiores, e de seitas separadas de todo o movimento social, doutrina professada por um mestre a um circulo estreito de alumnos ou ἀκροατής, sem nenhum caracter exoterico, sem nenhuma divulgação verdadeiramente popular. Uma linha divisoria, traçada pela superioridade dos espiritos philosophicos e pela antipathia dos communs entendimentos á reformação e á heresia, apartava ciosamente do vulgo, fiel á tradição, os grandes pensadores e as escolas mais audazes. O povo apenas se empenhava nas contendas philosophicas, quando as theses dos novos dogmatistas tocavam de perto nas crenças theologicas da ignara multidão. Pouco lhes importava aos burguezes de Mileto, que Thales ou Anaximenes elegessem a seu talante uma ἀρχη ou um principio, com que explicassem a fabrica do universo. Era indifferente aos colophonios que Xenophanes volteasse nas regiões ethereas da abstracção, e destruindo o mundo phenomenal, substituisse ás infinitas apparencias de um Kosmos physico e variavel a unidade metaphysica do *ser*. Mas quando o chefe dos eleatas escrevia e declamava contra o grosseiro anthropomorphismo dos deuses hellenicos, e aguçando a ironia, chanceava acerbamente de que os homens fizessem deuses á sua imagem, como os bois e os corseis á sua propria semelhança os houveram

[1] «Les Sophistes... forment un chaînon nécessaire dans le développement progressif de la pensée philosophique. Ils continuèrent l'ouvrage des Éléates... Le besoin de s'éclairer sur les choses de la vie, par sa pensée, au lieu de s'en rapporter aux oracles, aux moeurs, aux intérêts, le besoin de la réflexion se fit sentir généralement parmi les Grecs, dès avant Périclès; les Sophistes s'offrirent pour diriger ce mouvement.» Willm, *Hist. de la philos. allem.* IV, 17.

egualmente de figurar[1], a furia do vulgacho punia com a sua execração e os seus rigores, não o suspeito metaphysico, senão o heretico innovador.

Em nada relevava aos atheniense que Anaxagoras compozesse de *homoiomerias* a contextura do universo. Mas de que o philosopho era desrespeitoso para com os numes, ἀσεβοῦντα εἰς τοὺς θεούς, tomaram os seus adversarios pretexto e occasião para o perseguir e proscrever. Raro até o tempo de Pericles os philosophos se haviam mesclado como taes nas contenções politicas, ou tinham buscado transladar para o espirito da sociedade e para os actos da vida publica os dogmas fundamentaes de suas escolas. Muitos dos chefes, σχολάρχαι, mais notaveis haviam deixado nomes assignalados nos fastos politicos da sua nação. Thales havia sido estadista na sua patria e vivera no meio das agitações e dos odios partidarios, que faziam de Mileto, na antiguidade ionia, a prefiguração das turbulentas democracias italianas durante a meia-edade[2]. Zeno, segundo o testemunho de Diogenes Laercio, havia sido varão prestantissimo nos negocios da republica[3] e tinha padecido heroicamente o ultimo supplicio, buscando emancipar Eléa do jugo affrontoso de um tyranno[4]. Mas a sua interferencia nos negocios da cidade, não era a titulo de philosophos, senão por officio de cidadãos. Pythagoras é talvez o unico que entre os grandes pensadores ante-socraticos, deliberou prender a um systema philosophico a nova organisação da sociedade. E esta notavel excepção explica-se facilmente, attentando em que os physiologos da Ionia, Heraclito, Empedocles, Democrito, os Eleatas, resumiram o problema das suas originaes especulações em decifrar o enigma do universo, e fizeram da ethica e das suas naturaes applicações á vida social, um accessorio tanto menos claramente bosquejado quanto o seu engenho se concentrava com a maxima predilecção nas doutrinas cosmologicas. Pythagoras fôra d'entre todos os *archégos*, ou fundadores de seita philosophica, o que pela indole espiritual da sua philosophia, vinculara por laços mais estreitos a sciencia do homem com a sciencia do universo, e, submettendo as paixões, as virtudes, os phenomenos moraes á sua lei suprema arithmetica, dera á disciplina dos costumes logar definido no quadro da sua philosophia. Tentara Pythagoras inocular os seus principios na ordenação da vida pratica e na instituição de uma sociedade educada e dirigida segundo as theorias da sua escola. Mas a confraria pythagorica, com as suas *syssitias*, ou refeitorios sociaes, com as suas *orgias*, ou ritos religiosos, com a

[1] «Ἵπποι μέν θ'ἵπποισι, βόες δέ τε βουσὶν ὁμοίας
Καὶ κε θεῶν ἰδέας ἔγραφον σώματ' ἐποίουν
Τοιαῦθ', οἷόνπερ αυτοὶ δέμας εἶχον ὁμοῖον.» Clem. Alex. *Stromat.* v, 601.

[2] Herodoto, I, 170.— Duncker, *Geschichte des Alterth.*, IV, 116.

[3] «Γέγονε δέ ἀνὴρ γενναιότατος καὶ ἐν φιλοσοφίᾳ καὶ ἐν πολιτείᾳ.» Diog. Laert. *Vit. Philosoph.*, IX. Lond. 1664, pag. 243.

[4] Diog. Laert. *Vit. Philosoph.* IX, 244.

sua regra de viver commum e de ascetica perfeição, era antes uma associação ciosamente recatada dos prophanos, com varios graus de iniciação na sciencia mystica da ordem, com os seus membros esotericos e exotericos [1], do que uma instituição civil e ostensiva á semelhança das republicas de Solon, de Archytas, de Charondas ou de outros eminentes pensadores, que dirigiam a flor de toda a sua sabedoria ao mais honesto e proveitoso regimento da cidade. As corporações pythagoricas eram muito differentes das *hétairias*, um meio-termo entre as sociedades secretas e as congregações religiosas, conservando cautelosamente as fronteiras que as dividem do mundo prophano e secular, sem que todavia renunciem á influencia reflexa ou immediata no governo das multidões [2]. Ao ler em Diogenes Laercio a extensa enumeração dos preceitos dieteticos, prescripções de abstinencias, canones de vida moral e pratica, artigos de symbolico ceremonial [3], ao considerar o duro noviciado, a que eram submettidos os postulantes á iniciação [4], acode-nos logo a semelhança entre os severos estatutos da communhão pythagorica e a regra austera, em que sob um aspecto de maior virtude e perfeição, um Basilio ou um Benedicto preceituam as praxes e os deveres da vida cenobitica. O proprio *αὐτὸς ἔφα*, o *ipse dixit* proverbial, não tinha provavelmente a significação de um imperio absoluto de Pythagoras nos dominios propriamente scientificos, onde a intolerancia da auctoridade magistral, teria desde o principio immobilisado a sua philosophia e, tornando impossivel

[1] Diog. Laert. *Vit. Philosoph.* VIII, Lond. 1664, 217.

[2] A caracteristica distincção entre as fundações politicas d'aquelles sabios, ou antes varões prudentes, e a instituição moral inaugurada por Pythagoras é bem claramente formulada por Platão, quando na *Republica* se levanta contra Homero, e o compara com os homens que bem mereceram da sociedade pelos seus feitos e doutrinas de fructuosa applicação á vida moral e civil. «*Ἀλλὰ δὴ εἰ μὴ δημοσίᾳ, ἰδιᾳ τισὶν ἡγεμὼν παιδείας αὐτὸς ζῶν λέγεται Ὅμηρος γενέσθαι... ὥσπερ Πυθαγόρας αὐτὸς τε διαφερόντως ἐπι τούτῳ ἠγαπήθη, καὶ οἱ ὕστεροι ἔτι καὶ νῦν Πυθαγόρειον τρόπον ἐπονομάζοντες τοῦ βίου διαφανεῖς πη δοκουσιν εἶναι ἐν τοῖς ἄλλοις;*» Plat. *Rep.* X, 600. Edit. Didot, II, pag. 180. A opposição entre *δημοσίᾳ* e *ἰδίᾳ*, põe de manifesto que, no parecer de Platão, a influencia de Pythagoras antes se resolvera em prescrever e instituir um novo modo de vida moral do que em influir directamente no regime das cidades. Não é inverosimil todavia que o philosopho, segundo os testemunhos da antiguidade, tivesse, como um dos partidarios da aristocracia, larga parte nos negocios publicos de Crotona, sua patria de adopção, e em outras republicas da Italia meridional. Veja Duncker, *Gesch. des Alterth.* IV, 571 e segg —Ritter, *Hist. de la phil.*, I, 297.

[3] Diog. Laert. *Vit. Philos.* VIII, Lond. 1664, pag. 218 e 219.

[4] «*Καὶ αὐτοῦ οἱ μαθηταὶ... πενταετίαν τὲ ἡσύχαζον, μόνων των λό,ων κατακούοντες, καὶ οὐδέπω Πυθαγόραν ἐρῶντες, εἰς ὃ δοκιμασθεῖεν.*» Diog. Laert. *Vit. philos.* VIII, Lond. 1664, 216.

a elaboração, condemnado desde logo a uma ephemera existencia o systema das harmonias. As proprias dissidencias de opinião entre o mestre e os seus alumnos mais illustres, por exemplo Philolau, o mais famoso representante d'aquella escola, põe evidente suspeição contra a cega e passiva obediencia ao preceito imperativo do sabio de Crotona. O αὐτὸς ἔφα referia-se plausivelmente á escrupulosa observancia das praticas moraes, das numerosas abstinencias, dos exercicios quotidianos, gymnasticos ou musicaes, dos preceitos que se encaminhavam a apertar os vinculos dos felizes iniciados e a separar do *profanum vulgus* a estreita corporação [1]. Este caracter essencial da sociedade pythagorica não obstava á energica intervenção, que nos eventos politicos da Italia meridional os antigos attribuiram ao philosopho eminente, figurando-o como legislador supremo de Crotona [2], e fazendo proceder da sua doutrinação a varios estadistas da Magna Grecia. Qualquer que fosse porém a significação politica de Pythagoras e dos seus continuadores nas luctas borrascosas e sangrentas das republicas italicas, é plausivel que a sua philosophia, por demasiado scientifica e ideal, e a sua politica, por harto facciosa e adversa aos principios e aos interesses democraticos, não attraissem o affecto das multidões, nem lograssem assoldadar nas classes populares os seus mais enthusiasticos defensores. As violencias commettidas pelas turbas contra a liga pythagorica, a lenda recebida ácerca do tragico destino do seu instituidor [3] e a final expulsão d'esta seita aristocratica, perseguida e rechaçada para longe da Baixa Italia, comprovam que a sua doutrina andava mal soante ás paixões e aos interesses da multidão.

O contrario cabalmente succedia com os principios philosophicos, e particularmente com as tendencias politicas e sociaes, que appareciam representadas nos sophistas. O seu advento na scena atheniense coincidia com a maxima pujança e esplendor d'aquella tempestuosa democracia. Athenas, depois da guerra de Peloponeso e do sumptuoso governo de Pericles, tocara ao mesmo tempo o fastigio das suas magnificencias, e o cumulo das suas liberdades. O genio ionico, insoffrido, imaginoso, inquiridor, zelando a liberdade como a summa bemaventurança social [4], respirava individualismo, independencia, horror nativo á servidão politica e intellectual, em quanto o espirito dorico, paciente, severo, fana-

[1] Veja n'este ponto Schwegl., *Gesch. der griech. Phil.*, 54.

[2] «Ἀπῆρεν εἰς Κρότωνα τῆς Ἰταλίας· κἀκεῖ νόμους θεὶς τοῖς Ἰταλιώταις, ἐδοξάσθη σὺν τοῖς μαθηταῖς· οἳ περὶ τοὺς τριακοσίους ὄντες, ᾠκονόμουν ἄριστα τὰ πολιτικά, ὥστε σχεδὸν ἀριστοκρατίαν εἶναι τὴν πολιτείαν.» Diog. Laert. *Vit. Phil.* VIII, C. Hare and Connop Thirlwall; Cambridge, 1828, 134.—Niebuhr, *The History of Rome, translated* by J.

[3] Diog. Laert. *Vit. Philosoph.*, VIII, 223.

[4] «Τὴν δὲ ἐλευθερίαν, καὶ τὸ μηδένα ἔχειν δεσπότην, (ἃ τοῖς προτέροις Ἕλλησιν ὅροι τῶν ἀγαθῶν ἦσαν καὶ κανόνες).» Demosth. *Orat.* περὶ στεφάνου, 91.

tico da tradição, ressumbrava em todos os seus costumes e instituições o sacrificio do livre pensamento á unidade sombria e absorvente da cidade[1]. Nenhuma philosophia podera ser popular em Athenas, senão a que se firmasse na democracia e tendesse a cortejar os seus instinctos e favorecer as suas crescentes expansões. Nenhuma escola poderia ao contrario aclimar-se em Sparta, senão a que se impregnasse fundamente na essencia do genio dorico, e por sua austera simplicidade e por seus preceitos ethicos se casasse facilmente com a norma do viver lacedemonio. Se os spartanos, conforme diz Aristoteles, se bem incuriosos de aprender, não eram insensiveis ás manifestações do genio e do talento, principalmente na musica e poesia[2], não toleravam facilmente o que tendesse á indisciplina e á rebellião intellectual. Por isso os sophistas, que resplandeciam pela audacia das suas negações e pela formosura da sua palavra, seriam perpetuamente forasteiros, —e forasteiros sem hospitalidade nem sequéla— n'uma terra, como Sparta, onde se havia por maxima commum a sentença de Chilon, *γλωττης κράτειν*, reprimir os desmandos da linguagem[3], onde a palavra, *βραχιλογία τὶς λακωνική*[4], segundo a appellidou Platão, era tão agreste, parca e desornada como o teor da vida habitual, onde era um despotismo a tradição, e a existencia individual caía suffocada sob a ferrea disciplina do egoismo nacional. Muito ao revez em Athenas, na classica metropole da democracia hellenica, e nas republicas de feição mais popular, a philosophia dos sophistas proclamando a soberania do individuo, rompendo o jugo tradicional e philosophico, baixando das eminencias da especulação defesa ao vulgo, ensinando e educando o homem e o cidadão para a vida pratica, promettendo-lhe em vez dos jejuns e macerações da ascése pythagorica ou do nada metaphysico dos eleatas, as glorias da tribuna e as delicias do poder, facilmente alliciava os seus adeptos e operava na condição espiritual de Athenas uma tão fecunda, quão necessaria transformação.

Os dois grandes vultos, que resaltam da turba dos sophistas, são os dois personagens de Gorgias e Protagoras. São ambos peregrinos em Athenas, como os demais educadores da ardente juventude atheniense. São elles os que cifram nos seus escriptos e nas suas licções uma doutrina propriamente philosophica. Pródico, de Céos, e Hippias, de Elide, são menos philosophos do que sabios eruditos ou polygraphos eminentes, opulentados com o peculio de toda a sciencia

[1] Duncker *Gesch. des Alterth.*, IV, 383, 384, 588.—«*Πρὸς γὰρ μέρος ἀρετῆς ἡ πᾶσα σύνταξις τῶν νόμων, τὴν πολεμικήν.*» Arist. *Polit.*, II, 6. Edit. Didot. I, pag. 514.

[2] «*Οἱ Λάκωνες... οὐ μανθάνοντες ὅμως δύνανται κρίνειν ὀρθῶς, ὥς φασί, τὰ χρηστὰ καὶ τὰ μὴ χρηστὰ τῶν μελῶν.*» Arist. *Polit.*, VIII, 4. Edit. Didot, I, 628.

[3] Sobre a *brachylogia* dos spartanos, representada em Chilon, Cf. Diog. Laert. *Vit. philos.*, Lond. 1664, I, pag. 17.

[4] Plat. *Protag.* 343. Edit. Bipont., 1782, III, 154.

e philologia hellenica. Gorgias e Protagoras são ainda, cada um á sua parte, o reflexo de uma escola philosophica, mas de uma escola degenerada pelas ultimas audacias da anarchia intellectual [1].

Protagoras insinua e professa o fluxo perpetuo de Heraclito, levado ás derradeiras consequencias. Gorgias symbolisa a extrema degradação do pensamento eleatico, e o fervor da incessante negação. Protagoras encontra a unica realidade no pensamento e no juizo individual. Gorgias, partindo do *um* dos eleatas, adianta um passo mais na via aventurosa e conclue pela impossibilidade absoluta do saber. Ambos elles, cursando differentes direcções, convergem, porém, ao mesmo fim, o empirismo philosophico. O ponto de intersecção dos seus caminhos é a evidencia puramente pessoal, e a negação de toda a verdade necessaria e incontrastavel. Depois que tantos systemas, inconciliaveis e hostis no seu principio e na sua fórma, haviam pleiteado por longos annos o primado, era não sómente plausivel, mas forçoso, que o pensamento philosophico viesse a afundir-se finalmente na peremptoria negação de todo o conhecimento e certeza objectiva, e que o espirito, desesperando de alcançar a sciencia e o criterio, celebrasse com a alta especulação um armisticio intellectual, renunciasse momentaneamente ás nebulosas abstracções, e se contentasse modestamente de mais faceis disquisições, com que podesse utilisar a vida pratica. Estes eram os intentos dos sophistas. Com elles se tornou mais travada e mais accesa a lucta immemorial entre o ideal e o sensivel, entre a noção pura e transcendente das escolas idealistas e a natureza essencialmente subjectiva do conhecimento immediato.

O celebrado aphorismo de Protagoras, de que o homem é a medida do que existe no universo, *πάντων χρημάτων μέτρὸν, ἀνθρωπος* [2], significou litteralmente o rompimento da sua philosophia com todo o systema, que admitisse um principio superior ao criterio individual. Para tirar aos commentadores o trabalho de forçadas exegeses ao seu famoso texto, o philosopho abderita assentou claramente que fóra da sensação, *αἰσθήσις*, seria baldado o procurar explicação aos phenomenos mentaes [3]. A seu juizo eram synonymos, segundo a sentença reprehensora de Aristoteles, o saber e o sentir [4]. E d'este modo antecipava,

[1] O proprio Heinrich Ritter, que com apaixonada dicacidade avalia os sophistas, reconhecê que elles em certa maneira filiavam as suas doutrinas paradoxaes nos principios das escolas antecedentes. «La sophistique se rattachait aux écoles philosophiques précédentes.» Ritt. *Hist. de la Phil.*, I, 468.

[2] «Πάντων χρημάτων μέτρον, ἀνθρώπος· των μὲν ὄντων, ὡς ἔστι· των δὲ οὐκ ὄντων, ὡς ὀυκ ἔστιν·» Diog. Laert. *Vit. phil.* IX, Lond. 1664, pag. 250.—Plat. *Theaet.*, 152, Edit. Bipont., 1872, II, 68.

[3] «Ελεγέ τε μηδὲν εἶναι ψυχὴν παρὰ τάς αἰσθήσεις.» Ibid.

[4] «Πρωταγόρας δ'ἄνθρωπον φησι πάντων εἶναι μέτρον, ὥσπερ ἂν εἰ τὸν ἐπιστήμονα

por um lado de mais de vinte seculos as doutrinas da philosophia sensualista, e pelo outro tomava a dianteira a David Hume no scepticismo philosophico, forçosamente derivado dos seus aphorismos fundamentaes [1]. Professando que a verdade, ou antes o conhecimento empirico, variavel, phenomenal, só tinha por unica nascente a sensibilidade, emancipada de qualquer principio transcendente e anterior á sensação, a sua logica parecia inexpugnavel, se d'estas premissas inferia que a cognição ou a verdade era puramente relativa ao sujeito individual, e que em cada assumpto se podiam conceber duas affirmações contradictorias, ἀντικειμένους λόγους [2]. Chegado a este ponto, já não havia retroceder. Se dois assertos antagonistas eram egualmente verdadeiros, inferia a logica severa de Protagoras que ou a sciencia era impossivel, porque segundo a αἴσθησις, a sensação, o μέτρον ανθρώπος, a verdade apparecia perpetuamente na fórma dual da antinomia, como já se revelara á dialectica de Zeno e de Parmenides, ou—o que significava exactamente a mesma coisa—a verdade residia no mesmo grau em todas as noções adquiridas pelos sentidos, exclusivo manancial de todo o saber humano. O παντὰ αληθῆ de Protagoras [3] não expressava que todos os contrarios eram na ordem ideal e intelligivel egualmente verdadeiros, na accepção transcendente em que é tomada, na philosophia hegeliana, por exemplo, a these e a antithese, ou em que apparecem já distinctamente bosquejadas as contradicções da sensação nos dois momentos do *devenir* segundo Heraclito. O sophista de Abdera não se compraz em revoar pelas ethereas paragens do mundo intelligivel. A dialectica, para o espirito dos eleatas, é uma arma de destruição universal, até que a razão estancêa perante o *uno*, o indivisivel, o todo, o eterno, o immutavel, como a cidadella sobranceira aos mais poderosos instrumentos de assedio e expugnação. Mas nas mãos incansaveis de Protagoras, a dialectica é como a alavanca legendaria de Archimedes. Achou o sophista fóra do mundo das idéas o ponto que buscava,—a sensação, a causa puramente material,—e apoiando a barra demolidora, fez baquear a philosophia da tradição, levando comsigo toda a verdade absoluta, todo o principio objectivo. Os eleatas subtilisando as antinomias, haviam anniquilado o universo, o espaço, o movimento, a sensação, o individuo, e apenas deixaram sobrevivente a esta catastrophe geral, a esta implacavel assolação, a idéa do *um e do todo*, do εν τὸ παν, de uma verdade unica, absoluta,

εἴπων τὸν αισθανόμενον... Ουθὲν δὴ λέγων περιττὸν φαίνεται τι λέγειν.» Arist. *Met.* IX, I, Ed Didot. II, 575.

[1] «Si Protagorae (credo), nihil in rerum natura est nisi dubium.» Senec. *Epistol.* LXXXVIII, nas obras completas de Seneca, Edit. Nisard. Paris, 1850, pag. 734.

[2] «Πρῶτος ἔφε δύο λόγους ἔιναι περὶ παντὸς πραγματος ἀντικειμένους αλλήλους.» Diog. Laert. *Vit. Phil.* IX, Lond. 1664, 250.

[3] Ibid.

indivisivel, inerte, incapaz de gerar pela fecundação da dialectica, senão uma serie de forçosas negações. Protagoras ao revez, arrasando a verdade universal, dos seus destroços infinitos fundia um mundo de verdades individuaes. Semelhante a um poderoso demolidor, que derroca o vastissimo alcaçar de um dynasta ou de um tyranno, para compor com as pedras soltas e as traves em hastilhas, os humildes, mas numerosos domicilios á triumphante multidão. A sua philosophia proclamava a anarchia do pensamento, rompia a unidade intellectual, e dava á democracia das instituições a demagogia das idéas. Por isso a sua doutrina, ao par com a dos outros sophistas eminentes, era aprazivel e grata ás livres povoações. Por isso os sophistas, que satisfaziam a uma imperiosa necessidade social, a sêde da sciencia, a paixão da dialectica, e o culto da oratoria, eram acolhidos festivamente ao passarem nas cidades, eram seguidos pela turba de alumnos opulentos e juvenis, anhelantes de aprender a εὐβουλία, o bom conselho, ou a triplice sciencia de Protagoras—a sciencia de pensar, a sciencia de fallar, e a sciencia de accomodar a idéa e a palavra ás exigencias da acção na vida particular e no tracto da republica [1]. Mas se os espiritos livres e principalmente inclinados ás glorias e ás ambições da politica democratica, endeusavam os sophistas e retribuiam com grossos honorarios as suas licções na arte de pensar e de dizer, as classes conservadoras e a turba menos illuminada, haviam de levantar-se contra a fé nada fervorosa dos sophistas nos deuses, que reverenciava a cega gentilidade, ou contra o manifesto scepticismo d'estes novos educadores. Por isso quando Protagoras dizia que a respeito dos numes não sabia se existiam, allegando como razões a propria escuridade do problema, e a breve duração da vida humana [2], não é de admirar que os seus escriptos fossem queimados publicamente e o auctor resgatasse pelo exilio o destino, que mais tarde, e por semelhantes excitações da intolerancia conservadora, coube a Socrates, o principe dos sophistas athenienses [3].

O espirito sceptico de Protagoras, quanto á verdade especulativa e transcendente, domina, se bem com um tom menos philosophico, nas doutrinas de Gorgias leontino. Era elle mais rhetor, do que philosopho, mais propenso a luzir pela formosura e ornato de palavra do que pela severa deducção do pen-

[1] «Τὸ δὲ μάθημά, ἐστιν εὐβουλία περί τε τῶν οἰκείων, ὅπως ἂν ἄριστα τὴν αὐτοῦ οἰκίαν διοικεῖ. καὶ περὶ τῶν τῆς πόλεως, ὅπως τὰ τῆς πόλεως δυνατώτατος ἂν εἴη καὶ πράττειν καὶ λέγειν.» Plat. *Protag.* 318, Ed. Bipont., 1782, III, 104.

[2] «Περὶ μὲν Θεῶν οὐκ ἔχω εἰδεναι, εἴθ' ὡς εἰσίν, εἴθ' ὡς οὐκ εἰσίν. Πολλὰ γὰρ τὰ κωλύοντα εἰδεναι, ἥ τε αδηλότης, καὶ βραχυς ὢν ὁ βίος τοῦ ἀνθρώπου.» Diog. Laert. *Vit. philosoph.*, IX, Lond. 1664, pag. 250.

[3] «Ἐξεβλήθη πρὸς Ἀθηναίων, καὶ τὰ βιβλία αὐτοῦ κατέκαυσαν ἐν τῇ ἀγορᾷ» Diog. Laert. *Vit. philosoph.*, IX, 250.

samento reflectido. Trazendo dos eleatas a filiação intellectual, a sua philosophia era ainda mais negativa do que a d'estes, e mais revolucionaria que a de Protagoras. O breve tractado, que d'elle nos legou a antiguidade [1], indica pela contradicção paradoxal do seu titulo os dogmas philosophicos do rhetorico [2]. A sua *these tripartida*, como lhe chama Grote [3], enuncia na substancia d'estes termos a sua negação de toda a verdade intelligivel ou empirica: dizendo em primeiro logar que nada existe, ὅτι οὐδὲν ἔστι; em segundo, que se existe, é impossivel revelar-se ao humano conhecimento, ἀκατάληπτον; em terceiro logar que se é cognoscivel a cada um, se não póde aos outros transmittir e explanar, ἀνερμήνευτον τῷ πέλας [4]. O sophista de Leoncio, como o seu collega de Abdéra, valera-se da temeraria dialectica dos eleatas, para derrocar as ultimas trincheiras da verdade. Os sectarios de Xenophanes haviam demolido o mundo physico. Gorgias ampliava a sentença condemnatoria aos limites derradeiros do mundo intellectual. Protagoras deixara sobrenadando ao naufragio temeroso da sciencia objectiva e absoluta a sciencia variavel e pessoal. Gorgias com o seu οὐδὲν ἐστι, com a negação de todo o existente ou cognoscivel, excedia a audacia demolidora do implacavel abderita. Substancialmente, porém, como pura negação do conhecimento intelligivel, as duas direcções intellectuaes incidiam na mesma negação, — a impossibilidade da sciencia — e conduziam ao mesmo fim, — a subjectividade pura de todo o saber humano, a sua relatividade ao sujeito individual, a inefficacia de toda a alta especulação, que tivesse por escopo a indagação das verdades superiores ás exigencias da vida social [5]. O proposito d'aquelles dois eminentes professores era divertir os engenhos estudiosos de toda a pesquisição nos assumptos philosophicos, estreitar-lhes o passo á sciencia transcendente, a seu juizo van e delusoria, e ensanchar-lhes o caminho, que levava, entre as palmas do orador, e os loiros do estadista, á gloria e ao poder na voluvel democracia [6].

Os dois sophistas eminentes, adiantando as conquistas dialecticas até inva-

[1] Na obra pseudo-aristotelica intitulada *De Xenophane, Gorgia et Melisso*.

[2] O opusculo de Gorgias intitula-se Περὶ τοῦ μὴ ὄντος ἢ περὶ φύσεως, *Do não existente ou da natureza*.

[3] Grote *Hist. de la Grèce* trad. par Sadous. Paris 1866, XII, 194.

[4] A these de Gorgias apparece claramente formulada em Sext. Empirico, *Adversus mathematicos*, VII, 65. «Ἐν τῷ ἐπιγραφομένῳ «περὶ τοῦ μὴ ὄντος ἢ περὶ φύσεως», τρία κατὰ τὸ ἑξῆς κεφάλαια κατασκευάζει· ἐν μὲν γὰρ πρῶτον, ὅτι οὐδὲν ἔστι· δεύτερον, ὅτι εἰ καὶ ἔστιν, ἀκατάληπτον ἀνθρώπῳ· τρίτον ὅτι εἰ καὶ καταληπτόν, ἀλλὰ τοίγε ἀνερμήνευτον τῷ πέλας.»

[5] Ott. Müller, *Hist. de la littér. grecq.*, trad. de Hillebrand, III, 358.

[6] Grote, *Hist. de la Grèce* trad. franc. de Sadous, XII, 194.—Schwegler, *Gesch. der griech. Philos.*, 99.

lidarem todo o criterio da verdade, nada mais faziam do que ratificar ousadamente o apophtegma attribuido ao primeiro dos eleatas, de que tudo era egualmente incomprehensivel á razão, ἀκατάληπτον[1]: nada mais faziam do que estender e generalisar, o que o proprio Platão haveria de professar depois com respeito á sciencia do mundo phenomenal[2]. O principe dos philosophos proclamou que das coisas physicas nada se poderia affirmar que não fosse mera opinião, δόξα. Que muito era pois que os revolucionarios do pensamento applicassem ao mundo intelligivel a mesma suspeição, com que antes d'elle os Eleatas, e Platão em proximo futuro, infamaram a verdade relativa aos phenomenos do Kosmos e ás suas leis universaes?

Nenhuma familia de philosophos hellenicos tem dado assumpto a mais vehementes controversias, a pareceres mais discordantes, a mais apaixonadas avaliações entre os modernos criticos e historiadores, do que a direcção intellectual, conhecida pelo nome collectivo de *Sophistica*. Em quanto uma escola de hodiernos pensadores, levando á sua frente Brandis[3], Ritter[4], Zeller[5], Schwegler[6] se esforça por desenhar com sombrio colorido as feições moraes d'aquelles professores athenienses, e assignalar a sua doutrina e os seus costumes com o ferrete da immoralidade, outra parceria muito menos numerosa, acaudilhada pelo sabio Grote, profundo investigador da Grecia antiga, vae dar no extremo opposto, e erigir sobre um acervo de textos e citações da antiguidade o esplendido trophéo á gloria dos sophistas. Ritter é o mais inflexivel adversario de Gorgias e Protagoras. Seguindo em philosophia idéas conservadoras, o erudito professor de Kiel, na acerba, quasi fanatica censura dos sophistas, exaggera se é possivel o odio politico dos mais reaccionarios contemporaneos de Pericles ou de Cléon, imputando á decadencia moral e á corrupção, segundo elle inseparavel da inquieta democracia, o nascimento e o progresso da *Sophistica*[7]. O au-

[1] «Φησὶ δὲ Σωτίων πρῶτον εἰπεῖν (Xenophanes) ἀκατάληπτα εἶναι τὰ πάντα.» Diog. Laert. *Vit. philos.*, IX, Lond., 1664, pag. 242. Se houvessemos de pôr inteira fé no testemunho de um philosopho romano, tão grave e auctorisado como Seneca, acreditariamos que o proprio Zeno, a poder de subtilisar a noção do seu *um* indivisivel e immovel, chegara porventura a negar-lhe a existencia. «Si Parmenidi (credo) nihil est praeter unum; si Zenoni, ne unum quidem.» Senec. Epist. LXXXVIII, nas *Obras* completas de Seneca, Edit. Nisard. Paris, 1850, 734.

[2] «Ἔστι μὲν γὰρ οὐδέποτ' οὐδέν, ἀεὶ δὲ γίγνεται.» Plat. *Theaet.* 152. Ed. Bip. 1782, II, 70.

[3] *Handbuch der Geschichte der griechisch-roemischen Philosophie* (Manual da historia da philosophia greco-romana), I, pag. 516 e segg.

[4] Ritter, *Hist. de la philos.* I, 459 e segg.

[5] Zeller, *Die Philosophie der Griechen.* II, 65, 69.

[6] Schwegler, *Gesch. der griech. Philos.*, 95 e segg.

[7] «Il est facile de voir comment la sophistique coïncide avec la démocratie.» Ritter,

ctor eruditissimo da *Historia da Grecia*, contestando em muitos pontos com uma critica severa e um profundo conhecimento da antiguidade hellenica, as duras imputações contra os sophistas, alcança ferir além do alvo e compraz-se em colorir e idealisar com demasiado favor o seu retrato moral e philosophico [1]. Esta reacção do espirito moderno contra as idéas geralmente professadas a respeito de Gorgias, de Hippias, de Protagoras é todavia tanto mais desculpavel e generosa quanto havia sido já desde a antiguidade o iniquo desfavor, quasi abominação, em que na conta dos seus mais illustres contemporaneos eram tidos os sophistas. A esta palavra, que segundo a litteral derivação, expressava em seu principio a idéa do sabedor e do philosopho, viera a corresponder um odioso significado [2]. O sophista já não era um titulo honroso outr'ora applicado aos engenhos mais insignes, a Solon, a Pythagoras, a Hesiodo e a Homero. Representava agora o homem, que fazia do seu talento um cabedal e um thesouro, posto a render a usuras quantiosas,—o mercenario que vendia a sciencia apparente, jactanciosa, corruptora, em vez de divulgar sem nenhum juro a solida, moral, e verdadeira philosophia [3]. Aristophanes e Platão, que symbolisavam idéas e principios tão adversos na ordem philosophica, embora em certa maneira concordassem no desdem e desamor á solta democracia, foram entre os

Hist. de la phil., I, 461.—«Quand une fois la croyance à la vérité, aux dieux, à la justice, eut disparu, quand il ne restait plus qu'un amour aveugle pour l'éclat et la vaine célébrité fondée sur le talent de la subtilité et du style, faut-il s'étonner de voir commencer alors un jeu frivole d'idées et de doctrines philosophiques, dont la raison se trouvait dans ce talent même et dans le doute audacieux de toute vérité? Sous le rapport scientifique, nous n'avons à considérer dans la sophistique que le résultat de ce doute: d'abord l'affaiblissement de toutes les vérités, enfin la négation la plus éffrontée de la vérité en général.» Ibid. 465.

[1] Apesar da solida e vasta erudição do grande hellenista britannico, a despeito da sua critica, sempre lucida, persuasiva e muitas vezes eloquente, o apologista de Protagoras e de Gorgias, incorre, quanto a nós, em paradoxo, quando depois de os purificar das maculas infamantes, que lhes irrogou a antiguidade, e modernamente avivaram os philosophos germanicos, estabelece que os sophistas representavam a orthodoxia do pensamento, eram segundo a expressão de um critico adpotada por Grote, o *clero da egreja estabelecida*, em quanto que Platão, o ardente controversista, era o heterodoxo innovador e o verdadeiro dissidente. Grote, *Hist. de la Grèce*, XII, 230, not.

[2] Grote, *Hist. de la Grèce*, XII, 169 e 170.

[3] Aristoteles definia o sophista aquelle que se fazia opulento com a sabedoria apparente, e não real. «Ἔστι γὰρ ἡ σοφιστικὴ φαινομένη σοφία οὖσα, δ'οὔ, καὶ ὁ σοφιστὴς χρηματιστὴς ἀπὸ φαινομένης σοφίας, ἀλλ' οὐκ οὔσης.» *De Sophist. elenchis*, I. Edit. Didot. Paris, 1848, I, pag. 277. A mesma noção se encontra em Cicero *Quaest. Acad.*, IV, 23. «*Sophistes*, sic enim appellabantur *ii*, qui ostentationis aut quaestus causa philosophantur.» Cf. Plat. *Sophist.*, Ed. Bip. 1782, II, 213.

antigos os juizes de maior auctoridade, que lavraram na scena, e na academia, a sentença, de que George Grote appellou com tamanha copia de razões e com tão nobre sentimento da justiça. O poeta mais genial e mais illustre da velha comedia atheniense, verberou nos versos mordazes das suas *Nuvens* a inanidade e a malicia, que suppunha inseparaveis dos sophistas. E já nos *Daitaleis*, de que restam apenas alguns fragmentos, havia apontado á irrisão da turba no papel do *καταφυγων*, o impudico, na sua opposição com o *ςωφρων*, o virtuoso, a um discipulo de Thrasymacho, o sophista [1]. Em quanto o poeta castigava com o ferro candente do trimetro iambico, incisivo e lancinante, a audacia dos novos revolucionarios, Platão citava-os ao seu austero areopago e, fabulando a seu talante os discursos dos sophistas, dava a Socrates, seu principal contradictor, os loiros da victoria [2]. A brutal animadversão do comico atheniense e a eloquente confutação do philosopho academico obedeciam a diversas inspirações. Aristophanes representava a tradição de um passado inexoravel contra qualquer innovação. O discipulo de Socrates defendia ardidamente a philosophia idealista contra a obra demolidora dos novos mestres do pensar e do dizer. Aristophanes era a voz da turba mais ignara, para quem eram no mesmo grau suspeitos e heterodoxos os sophistas, e o illustre e severo moralista, condemnado á pena capital pelo intolerante *dikasterion*. Platão era ao revez o espirito eminente e especulativo, que media pela mesma escala desdenhosa o talento politico de Pericles e de Cimon e o engenho litterario de Gorgias e de Protagoras [3], que egual-

[1] Frag. de *Daitaleis*, em Aristoph. *Comæd.*, Edit. Didot, 1860, pag. 447. Cf. Ott. Müller, *Hist. de la litt. grecq.*, trad. de Hillebrand, III, 32. A satyra violenta de Aristophanes contra os representantes da nova sciencia em opposição aos velhos costumes athenienses, não deixa de perseguir os innovadores, ainda mesmo nas comedias, que não tem por assumpto principal a vida politica de Athenas. Assim nas *Thesmophoriozousas*, Mnesilocho, chanceando do que lhe está dizendo Euripides, exclama ironicamente: *Olóv τί που' στὶν αἱ σοφαὶ ξυνουσίαι*: «Oh! como é excellente o conversar com os sabios.» Arist. *Comæd.*, Edit. Didot, 1860, pag. 287.

[2] Com razão observa Grote que o testemunho de Platão contra os sophistas não póde ser recebido sem grandes restricções como documento historico, porque não se póde litteralmente attribuir áquelles professores publicos de Athenas as doutrinas, e ainda menos as palavras, com que o principe dos philosophos os introduz a discursarem com Socrates e demais interlocutores ou a serem condemnados á revelia na *Republica*, e nos dialogos intitulados *Protagoras*, *Gorgias*, *Euthydêmo*, *Hippias*, *Theaeteto*, *Sophista* e os demais, em que a Sophistica é particularmente discutida e condemnada. Vej. Grote, *Hist. de la Grèce*, XII, 167, 183, 220. 221.

[3] Plat. *Gorgias*, Edit. Bipont. 1783, IV, pag. 155. As magnificas edificações, com que Pericles, ennobrecera Athenas, as muralhas e os navios, com que provera á sua defeza, as providencias com que opulentára o erario da republica, são, perante a concepção ideal da cidade platonica, contemptiveis ninherias, *φλυαρια*.

mente abominava os erros dos novos educadores e os abusos da velha sociedade, que elle sonhava regenerada no idyllio aristocratico da *Republica*[1].

Variam na historia os personagens, transmuda-se o scenario, succedem-se os episodios. Mas repetem-se a largos intervallos os lineamentos principaes do mesmo entrecho. O que em Athenas succedia ao declinar o quinto seculo antes de Christo era o que na Europa christã depois se observou, quando os espiritos allumiados pela chamma da revolução pelejavam rijamente, uns por conservar intacta a herança do preterito, outros por abrir e devassar novas sendas ao futuro[2]. E de feito, os sophistas athenienses consubstanciavam em si a triplice funcção de mestres, oradores e publicistas. N'uma sociedade, em cujos quadros publicos não entrava o ensino scientifico official, os sophistas erigiam as suas cathedras para divulgar entre os engenhos sedentos de instrucção a sciencia, que sabiam. N'uma republica, onde o exame, o debate publico e liberrimo eram a propria condição da vida cidadan, os sophistas como que anticipavam o logar de jornalistas oraes, apercebidos para tractar por uma e outra face as questões, que o decurso dos negocios trazia ao lume da opinião. N'uma época de profunda transformação nas idéas, nos costumes, nos sentimentos e nas crenças, quando já se aproximava o mundo alexandrino, quando os deuses começavam a estremecer no fundo dos sanctuarios, quando a pequenina Grecia, como um heroe infantil, que se faz homem, se desenleava do seu paterno domicilio, para voar á conquista do orbe conhecido e transfundir o espirito hellenico nas civili-

[1] Platão accusando os sophistas pelas doutrinas que ensinavam, em certa maneira os estava desculpando, porque mais da corrupção dos costumes populares, que da prevaricação e dólo dos sophistas, nascia o favor e valimento, em que os trazia a rica e illustrada juventude atheniense. Veja na *Republica*, VI, 492. Ed. Didot. II, pag. 110, o texto que principia: «Ἤ καὶ σὺ ἡγεῖ, ὥσπερ οἱ πολλοὶ, διαφθειρόμενους τινὰς εἶναι ὑπὸ σοφιστῶν νέους etc.»

[2] «Per un qualche lato sarebbe permesso di paragonare la sofistica alla filosofia francese del secolo passato, ed al lavoro dell'Enciclopedisti. Al tempo dell'Enciclopedia non si ebbe propriamente un sistema di dottrine, ma un metodo di ricerca. Si ponea tutto in discussione, e quasi si indovinava il lato manchevole delle vecchie teoriche, se anche non si riusciva a svelarne il falso con dati scientifici. L'Opera dei sofisti somiglia, per qualche lato, all'opera di Voltaire e dei filosofi del secolo passato. V'é fra queste due epoche anche una rassomiglianza di forma: l'Enciclopedia é ben anche una abitudine della sofistica. L'educazione universale é un programma di questa come degli Enciclopedisti.» *Aristotile e il metodo scientifico nella antichitá greca, studi di storia della filosofia* del prof. Gius. Sottini, Pisa, 1873, pag. 55. «In allen diesen Beziehungen, in ihrem ganzen Treiben haben die Sophisten die grösste Aehnlichkeit mit den Encyklopedisten des vorigen Jahrhunderts wie überhaupt jenes Zeitalter Athens der französischen Aufklärungsperiode entspricht.» Schweg. *Gesch. der griech. Phil.*, 93.

sações orientaes, e receber d'ellas como páreas o thesouro de suas tradições, os sophistas faziam o papel, que no XVIII seculo, e na Europa já insurrecta moralmente representavam os encyclopedistas e os philosophos, precedendo com o facho illuminador e o brandão incendiario a espada de um novo Alexandre, mais emprehendedor e glorioso que o valente macedonio. Os sophistas, como os seus successores na encyclopedia, alliavam á audacia das negações a graça do conceito, a novidade da idéa, a formosura da palavra, e luctadores garbosos e cortezãos trajavam para o combate as melhores louçainhas litterarias, á semelhança d'aquelles cavalleiros apessoados e gentis, que saíam ás cruentissimas requestas, vestindo sobre as armas as cotas blasonadas e as elegantes laçarias. Voltaire em Athenas chamar-se-hia talvez Protagoras; Diderot seria Gorgias. D'Alembert, o geometra, o philosopho, o rhetor, poderia apparecer no *Pnix*, ou no Piréo, com a vestidura luxuosa de Hippias, o sabedor universal. Á semelhança dos sophistas, tambem os encyclopedistas se distinguiam uns dos outros pela variedade e muitas vezes pela contradicção das suas doutrinas. Tambem elles desdenhavam a philosophia idealista, abstracta, especulativa, que não vivia com elles na cidade e se não acommodava ás precisões da vida pratica e social. Tambem elles minavam as crenças theologicas e forcejavam por substituir em seu logar a indifferença religiosa.

E tambem elles finalmente, de volta com as doutrinas arrojadas e na apparencia subversivas, que vinham propagando, diffundiam entre as multidões os germens de liberdade genuina e de manifesta insurreição contra a auctoridade tradicional. E desbravando por esta guisa o terreno intellectual, até ali esterilisado pelo intolerante dogmatismo, faziam campo franco ao exame contradictorio de todas as idéas moraes ou scientificas, e tornavam possivel e fecundo o advento da razão. Este *espirito anti-scientifico* dos sophistas [1], segundo apaixonada e erroneamente o interpretou Henrique Ritter, era assim a efficaz preparação para a sciencia positiva, desenlaçada dos problemas, cujo debate e solução ultrapassavam as fronteiras do humano pensamento e experiencia. A evolução espiritual do mundo hellenico teria ficado incomprehensivel e houveram sido violadas as leis, que presidem á sua gradação, se os sophistas não tivessem occupado um dos capitulos mais fecundos e brilhantes dos fastos philosophicos da Grecia. A sua apparição não é pois, como Ritter o affirma e presuppõe, um corollario lastimoso do abatimento e decadencia moral da velha Athenas, após as guerras medicas e os desvanecimentos da victoria contra as gentes orientaes. Não representam os sophistas um estado morbido no espirito da Hellade, como que um delirio intellectual, antes uma funcção normal do orga-

[1] Ritter, *Hist. de la phil.*, trad. de Tissot, I, 460.

organismo philosophico, a abençoada gestação, d'onde procedem Socrates, Platão, e Aristoteles[1].

Nos dominios philosophicos nada merece menos apodo e condemnação de anti-scientifico do que a introducção do principio subjectivo, segundo o qual se examinam e aquilatam as faculdades do espirito, e se estatuem os caracteres da legitimidade nos conhecimentos alcançados pelos processos deductivos ou experimentaes. E n'este ponto são incontestaveis os serviços prestados pelos sophistas á boa philosophia. Com elles se iniciam e divulgam os primeiros estudos psychologicos, quasi inteiramente descurados pelos philosophos dogmaticos das varias escolas precedentes, que buscavam o objectivo da natureza, como assumpto predominante das suas cogitações. Os sophistas obrigados pela necessidade quotidiana de disputar e persuadir, attentaram com singular empenho nos processos da logica formal e constituiram o elo intermediario entre os esforços dialecticos de Zeno e a dialectica de Socrates, vivificada pelo genio imaginoso de Platão, e reduzida a fórmas scientificas pelo engenho positivo de Aristoteles[2].

O dialogo platonico *Protagoras* revela no sophista d'este nome um mestre consummado na ethica mais pura e levantada. As doutrinas de Protagoras e de Gorgias ácerca da verdade e dos limites e faculdades com que á humana fraqueza é permittido rastreal-a, abriram o longo estadio ao exame dos principios, em que assenta a boa philosophia, e deram á sciencia o novo e fecundissimo caracter da sua subjectividade[3]. Assim como os sophistas não poderiam ter subsistido sem que os precedera a escola dos Eleatas, como instituidores da negação e dos processos dialecticos, assim tambem as doutrinas de Socrates, subtilisadas por Platão, e aquilatadas em seu preço verdadeiro pelo genio essencialmente scientifico de Aristoteles, não houveram certamente despontado, se Pro-

[1] «L'apparizione della sofistica nella storia della coltura greca non é una accidentale forma o deviazione del pensiero, ma si rannoda a tutto lo sviluppo della vita ellenica nella direzione pratica e speculativa. «*La dottrina dello stato nell'antichitá greca nei suoi rapporti coll'etica*, per F. F. Guelfi. Napoli, 1873, pag. 27.

[2] «Il pregio principale della sofistica dinanzi alla scienza, fu come ho già osservato, lo aver portato la discussione su tutte le dottrine e lo avere iniziato il metodo critico. Tra le quistioni sorte in allora, e che più tengono da vicino alla formazione del metodo, é quella che si riferisce all'attinenza tra l'oggetto conosciuto e il suggetto conoscente, ossia l'attenzione fissata per la prima volta sul grado di veridicitá, che deve attribuirsi al suggetto conoscente, e su quel tanto che esso pone di suo nella conoscenza.» Sottini. *Arist. e il metod. scientif*. Cf. Barthélemy St. Hilaire. *La Logique d'Aristote*, II, 107. 57-58.

[3] «Elle (la doctrine de Protagoras) avait le mérite de mettre en un frappant relief la nature essentiellement relative de la cognition.» Grote. *Hist. de la Grèce*, XII, 192.

tagoras, o philosopho eminente entre os sophistas, não tivesse aclarado com o facho do seu talento a senda até elle tenebrosa da sciencia, e prostrado com o impulso vigoroso das suas negações o velho dogmatismo[1].

Na analyse philosophica da palavra, como propedeutica essencial á analyse do pensamento e á efficacia dialectica, se esmeraram os sophistas, sobrelevando entre elles notavelmente Prodico, de Céos, o qual singularmente se assignalou nas indagações grammaticaes pela escrupulosa distincção das accepções em identico vocabulo, δ'ιαίρεσις τῶν ὀνομάτων[2]. Ás accusações de immoralidade, arrojadas sem discrime á turba inteira dos sophistas pelos que juram nas palavras de Platão[3], responde triumphante o *Hercules socratico*, uma das mais puras composições da ethica pagan. N'aquelle escripto conservado por Xenophonte[4] a formosura da virtude é posta em victorioso parallelo com a traiçoeira seducção das carnaes deleitações e a moral de Prodico abre o caminho ás especulações de Socrates sobre a verdadeira felicidade[5].

Gorgias, entre os sophistas o mais acerbamente criminado por haver feito subdita a moral ás exigencias da rhetorica e ao egoismo da ambição, é representado em Aristoteles como aquelle que melhor definiu o conceito da virtude e mais correctamente enumerou as suas especies[6].

A época dos sophistas é o tempo da mais larga agitação do pensamento hellenico, a quadra da mais tumultuosa fermentação no espirito da Grecia. E sem esta salutifera impulsão, que pela anarchia das idéas parecia affogar as ultimas reliquias da sciencia na vaidade e sobranceria individual, o entendimento

[1] «Les théories subséquentes de Platon et d'Aristote relativement à la cognition furent beaucoup plus systématiques et plus élaborées... mais elles n'auraient pas été ce qu'elles furent, si Protagoras aussi bien que d'autres ne les avait pas précedés, avec des suggestions plus partielles et plus imparfaites.» Grote. *Hist. de la Grèce*, XII, 193.

[2] «Τὴν δὲ Προδίκου τοῦδε διαίρεσιν ὀνομάτων παραιτοῦμαι.» Plat. *Protag*. nas Obras complet. Edit. bip., III, pag. 185.—Cratyl., ibid., 231.—*Enthydem*., ibid., pag. 17.

[3] Ainda ultimamente o professor Bettini em um escripto publicado nos *Atti della regia accademia delle scienze di Torino*, vol. IX, 5.° fasc. (1874), sob o titulo *Della varia fortuna della parola sophista*, reproduz em parte as increpações contra aquelles mestres do saber, se bem com mais imparcialidade e benevolencia do que Ritter e os seguidores da sua escola.

[4] Xen. *Memorabilia*, II, 1, 21-34.

[5] «Socrates non avrebbe potuto servirsi delle tradizioni di Prodico, se questi non lo avesse preceduto con tutta la sofistica; e massimamente il popolo greco non avrebbe senza di essa goduto di quella profusione di scienza che fu allora gettata prodigalmente nel suo seno.» Sottini *Aristotil*., 57.

[6] «Πολὺ γὰρ ἄμεινον λέγουσιν οἱ ἐξαριθμοῦντες τὰς ἀρετάς, ὥσπερ Γοργίας, τῶν οὕτως ὁριζομένων.» Arist. *Polit*., I, 5. Edit. Didot, I, pag 495.

clausurado no estreito recinto das escolas dogmaticas não houvera saido á praça publica, nem a philosophia viera mesclar-se aos negocios da politica e recebera fóros de ensino popular e exoterico. Na edade moderna a exemplo e continuação da antiguidade, os engenhos preexcellentes, que em plena Renascença, quebraram na culta Europa o encanto da escolastica, e deram vôo e liberdade ao pensamento, não lograram recrutar os seus adeptos fóra do adyto recluso das escolas. O influxo dos Bacons e Descartes, na moderna direcção das sociedades, não póde comparar-se ao que exerceram os philosophos menos geniaes e inventivos, porém mais comprehensiveis e populares, que illustraram na França descrente ou dubitativa o XVIII seculo e incubaram nos seus livros o germen da revolução. A philosophia, por forçoso condão da humanidade, mais se auctorisa e profunda nos espiritos por demolir e contestar do que por traçar e construir segundo planos systematicos a engenhosa apparencia da verdade. E mais se as duvidas e negações vão raiar no que importa ao commum dos cidadãos e intimamente se entrelaçam com as mais graves questões da vida social. É Protagoras um sophista, um sophista é João Jacques. Bacon um philosopho, um philosopho Pythagoras, ambos egualmente embevecidos no culto da natureza e do saber. E todavia o samio e o chanceller pertencem apenas á historia da sciencia; e os sophistas de Abdera e de Genebra deixam após as suas pégadas sobre a terra o rasto da revolução. N'uma e n'outra época, desde os dias de Pericles e o reinado de Luiz XV, os sophistas levantam em Athenas e em Paris todos os problemas da livre sociedade. A extrema liberdade[1] da opinião conduz em ambos os tempos ao paradoxo ou á anarchia intellectual. Se Helvetius e Rousseau discutem e examinam os principios e os fundamentos da existencia social, e escandalisam com as suas arrojadas innovações a usança e a tradição, Callicles e Thrasymacho, Glaucon, Polo e Adimanto formulam theses inauditas sobre a essencia da virtude, as origens do poder e as fórmas naturaes e primitivas da humana associação. De todas as doutrinas, reputadas anti-sociaes e subversivas, a mais audaz e nuamente explanada é seguramente a de Callicles no *Gorgias* de Platão. Mantém o ardente sophista contra Socrates que a verdade na ethica e na politica se resolve unicamente em que o homem obedeça aos instinctos naturaes, que dê largas á nativa inspiração do egoismo e do prazer, e que na lucta da existencia os homens, como indomesticos e feros animaes, se disputem a victoria, como o premio da força e do poder. Só-

[1] A liberdade da palavra era a propria condição da vida atheniense. Socrates no *Gorgias* diz ao sophista Polo, encarecendo o quanto era nativa e habitual em Athenas a immunidade e franqueza do fallar: «Δεινὰ μέντ' ἂν πάθοις, ὦ βέλτιστε, εἰ Ἀθήναζε ἀφικόμενος, οὗ τῆς Ἑλλάδος πλείστη ἐστὶν ἐξουσία τοῦ λέγειν, ἔπειτα σὺ ἐνταῦθα τούτου μόνος ἀτυχήσαις.» *Gorgias* em Plat. *Op. Omn.* Ed. bip., IV, pag. 34.

mente aos fortes, no juizo de Callicles, pertence o dominar, e o quinhoar-se largamente na partilha dos proventos sociaes. Contra esta simples e inquebrantavel lei da natureza forjou a previdencia dos mais débeis as humanas instituições, para que o *direito*, pura creação da lei convencional, houvesse de enfrear os fóros naturaes [1].

As leis positivas e contrarias ás naturaes illigam e encadeiam desde o berço, na propria phrase de Callicles, aquelles a quem a fortuna favoreceu com indole acommodada a exercer a dominação nos fracos e imbecis. Áquelles, que nasceram para mandar, os domestica a lei, como se fôra com palavras de fascinação e encantamento e os reduz á servidão e em seu damno inventa a justiça e o direito convencional. E se o varão, que tem a força e o engenho para subjugar os outros homens, um dia se levanta, e espedaça as cadeias, em que o tinham algemado, e vence o influxo dos encantos e conculca triumphante as leis humanas, e erige sobre as suas folhas dispersas e rasgadas o imperio e a soberania, é então a verdade que reivindica os seus fóros ultrajados e substitue o justo e o honesto da pura natureza ao honesto e ao justo da lei artificial [2]. A propriedade, que as instituições humanas canonisam e asseguram como um direito, é pela natural legislação a presa do mais forte e mais prestante. Hercules, o mytho hellenico da bravura e do vigor, não levou comprados ou cedidos, senão arrebatados pela força os bois de Geryão, como se o proprio direito natural estatuisse, que os armentos e as demais riquezas só pertencem aos que tem o braço mais robusto ou mais ardiloso o entendimento [3].

Tal era a doutrina politica de Callicles, tão desabridamente verberada pelo Socrates platonico e tão encarecida por immoral nos escriptos dos que modernamente castigaram os inauditos paradoxos dos sophistas.

[1] «Ἡ δέ γε, οἶμαι, φύσις αὐτὴ ἀποφαίνοι ἂν ὅτι δικαιόν ἐστι τὸν ἀμείνω τοῦ χείρονος πλέον ἔχειν, καὶ τόν δυνατώτερον, τοῦ ἀδυνατωτέρου. Δηλοῖ δὲ ταῦτα πολλαχοῦ ὅτι οὕτως ἔχει, καὶ ἐν τοῖς ἄλλοις ζώοις καὶ τῶν ἀνθρώπων ἐν ὅλαις ταῖς πόλεσι καὶ τοῖς γένεσιν, ὅτι οὕτω τὸ δικαιον κέκριται, τόν κρείττω τοῦ ἥττονος ἄρχειν καὶ πλέον ἔχειν.» *Gorgias*, Ed. bip. IV, pag. 80-81.

[2] «Ἐὰν δὲ γε, οἶμαι, φύσιν ἱκανὴν γένηται ἔχων ἀνὴρ, πάντα ταῦτα ἀποσεισάμενος καὶ διαῤῥήξας καὶ διαφυγὼν καὶ καταπατήσας τὰ ὑμέτερα γράμματα καὶ μαγγανεύματα, καὶ ἐπῳδὰς, καὶ νόμους τοὺς παρὰ φύσιν ἅπαντας, ἐπαναστὰς ἀνεφάνη δεσπότης ὑμέτερος ὁ δοῦλος, καὶ ἐνταῦθα ἐξέλαμψε τὸ τῆς φύσεως δίκαιον.» *Gorgias*, pag. 81.

[3] «Οὔτε πριάμενος, οὔτε δόντος τοῦ Γηρυόνου ἠλάσατο τὰς βοῦς· ὡς τούτου ὄντος τοῦ δικαίου φύσει, καὶ βοῦς καὶ τἄλλα κτήματα εἶναι πάντα τοῦ βελτίονός τε καὶ κρείττονος, τὰ τῶν χειρόνων τε καὶ ἡττόνων.» Plat. *Gorg.*, pag. 82. Cf. Grote, *Hist. de la Grèce*, XII, pag. 210 e segg.

A mesma theoria do justo, identificada não no direito, mas no facto universal com o interesse do mais forte, é substancialmente, posto que n'uma fórma de menos cru naturalismo, professada por Thrasymacho, aquelle impetuoso e tremendo antagonista, que no primeiro livro da *Republica*, irrompe como uma fera, *ὥσπερ θηρίον*, contra Socrates e Polemarcho, e os deixa segundo as proprias phrases de Platão assombrados de terror [1]. O justo é na idêa do sophista o que convém ao mais poderoso [2]. Em toda a parte a soberana potestade estabelece as leis, que mais se compadecem com a sua utilidade [3]. A justiça forçosamente é injuria e detrimento para aquelle que obedece, porque assim como os pastores e os boieiros ao cevarem e pensarem os seus gados, não procuram o bem das suas vezes, senão a vantagem e grangearia de seus donos, assim tambem os que regem os povos e as cidades, não em proveito dos seus subditos, antes em proprio beneficio, se desvelam noite e dia. Assim que, o justo e a justiça são em verdade um bem sómente lucrativo aos dominadores e aos poderosos, e aos que servem e obedecem prejudicial e oppressivo. Do homem justo é sempre o peior partido. Nos commercios e pactos da vida privada, sempre ao justo reverte a menor parte, ao injusto o lucro mais granado. Na administração e economia das republicas, se acontece levantar-se uma gabella ou um tributo, é sempre maior do que o devido o escote do bom e honrado cidadão, sempre cerceada a quota do mau e do injusto. E ao revez quando um e outro hajam de receber o seu quinhão n'uma partilha, porque então ao justo nada cabe, ao injusto quanto póde grangear. Se em ambos vem a cair as magistraturas da republica, ao justo, quando outro mal lhe não advem, é-lhe ao menos infallivel que os negocios seus domesticos, porque elle os descurou em beneficio da cidade, lhe redundem em damno ou em ruina, e que aos familiares e aos clientes os converta em inimigos, porque os não favoreceu e fez medrar contra o que a justiça lhe intimava; e ao injusto por sua vez tudo lhe succede á maravilha. Assim que, é mais conducente á felicidade o offender, que o venerar o direito e a justiça. Aos obscuros criminosos, que se apossam da fazenda alheia, castiga-os a pena, e infama-os o opprobrio. E aos poderosos, que além dos bens terrenos arrebatam aos cidadãos a propria liberdade, não os punem sequer com epithetos de affronta e ignominia, antes os appelidam bemaventurados e felizes os seus mesmos con-

[1] «*Καὶ ἐγώ τε καὶ ὁ Πολέμαρχος δείσαντες διεπτοήθημεν.*»—«*Καὶ ἐγὼ ἀκούσας ἐξεπλάγην καὶ προσβλέπων αὐτὸν ἐφοβούμην.*» Plat. *Republ.* I. Edit. Did., II, pag. 8.

[2] «*Φημὶ γὰρ ἐγὼ εἶναι τὸ δίκαιον οὐκ ἄλλο τι, ἢ τὸ τοῦ κρείττονος ξυμφέρον.*» Plat. *Repub.*, I, pag. 9.

[3] «*Τίθεται δέ γε τοὺς νόμους ἑκάστη ἡ ἀρχὴ πρὸς τὸ αὐτῇ ξυμφέρον.*» Plat. *Rep.*, pag. 10.

terraneos, e todos quantos sabem até onde elles hão chegado no caminho da violencia e da oppressão [1].

As idéas ethicas e politicas de Callicles, e principalmente as de Thrasymacho, interpretadas á má parte ainda pelos defensores mais ferverosos dos sophistas, não tinham como doutrina philosophica o caracter odioso de immoraes, com que as excommungou a virtude severa de Socrates e Platão. Se as tomamos como a simples negação do direito e da moral, fundada n'um principio superior á natureza cosmica, se as acceitamos como a expressão nua e terminante de que não ha no mundo social outras leis senão as que regulam o universo material, Callicles e Thrasymacho, Polo, Glaucon e Adimanto não são mais reprehensiveis do que o impassivel materialismo de Thomaz Hobbes, o apologista da força e do despotismo, do que Holbach entre os encyclopedistas, do que a propria escola contemporanea dos Darwins, dos Haeckels, dos Büchners e Moleschots, que reduzindo a um *mónismo* implacavel os dominios positivos da materia e as regiões metaphysicas do espirito, não póde racionavelmente dar ao direito, á justiça, e ás fórmas sociaes a condição de *idéas* ou prototypos eternos, e só lhes acha o fundamento e as raizes na pura convenção, determinada pelo egoismo intelligente do homem civilisado em opposição ao animalismo do anthropoide ou ao egoismo irracional do homem prehistorico.

Se ao revés as theses dos sophistas accusados representam apenas a expressão dos factos na historia da humanidade,—e esta é a que parece mais plausivel exegese,—é forçoso confessar que os retratos vigorosamente coloridos pelo sinistro pincel dos dois sophistas, respondem fielmente ás innatas imperfeições do original. Não quizeram dizer Callicles, Thrasymacho e os demais sophistas do seu sequito, que o homem justo *devia* ser o mais avaramente quinhoado nos bens da sociedade; affirmaram apenas que *era* este sem excepção o seu destino. Não intentaram professar que a força *devia* instituir o direito e reger a seu talante as humanas communidades, senão que este era o *facto*, attestado pela historia das monarchias e republicas. A persistencia do phenomeno social arguia, no espirito dos sophistas, a lei natural, a que o suppunham subordinado;—a guerra dos elementos no mundo inorganico; a guerra das especies organisadas pleiteando o torrão e a victoria; a guerra das raças humanas litigando pelo predominio; a guerra das nações disputando o territorio, e a guerra dos valentes e dos poderosos dentro de cada povo,

[1] Toda esta doutrina está expressa no discurso eloquente e vigoroso, que Platão põe na bocca de Thrasymacho, ao confutar os fundamentos da theoria socratica ácerca da justiça e da virtude. Vej. na *Republica* o logar que principia nas palavras: «Ὅτι οἴει τοὺς ποιμένας ἢ τοὺς βουκόλους e termina em τὸ δ' ἄδικον ἑαυτῷ λυσιτελοῦν τε καὶ ξυμφέρον. *Rep.*, I, Ed. Did., II, pag. 13-14.

aspirando a intimar a sua vontade ao restante dos seus concidadãos. Callicles e Thrasymacho, segundo nol-os delineou em seus dialogos o estro de Platão, eram dois ardentes contradictores das fórmas sociaes da sua edade. Eram dois homens indignados de presenciar a perpetua contradicção entre os principios philosophicos e abstractos do direito e da justiça, e os factos descarnados e pungentes da realidade social. Eram dois espiritos, que tinham a desabrida sinceridade e a despreoccupada resolução de dizer a verdade embora ingrata, e reluctavam á hypocrisia de disfarçar com a theoria consoladora, mas impotente do direito philosophico e ideal a deformidade repugnante das habituaes feições da sociedade. Era a critica severa de Proudhon associada ao naturalismo de La Mettrie e á desesperança de Schopenhauer ácerca da melhoria moral da humanidade.

E na interpretação das theorias d'aquelles dois sophistas parece não andou feliz o engenho inventivo de George Grote, que tanto aliás se afadigou por amparal-as contra as duras apreciações dos seus antigos e modernos julgadores. O presupposto de que Platão poz na bocca de Callicles e Thrasymacho, em toda a sua odiosa desnudez uma doutrina [1], que elles não ousariam professar publicamente, perante cidadãos athenienses, ciosos de sua exempção e liberdade, não parece congruente ao espirito de ousado paradoxo e de innegavel scepticismo, caracter inherente á época revolucionaria dos sophistas. Se é visivel nos tratados platonicos a intenção malevola e hostil, com que o ideologo eminente deseja escurecer e afear os principios ethicos dos mestres populares, não é menos manifesto que alguns d'entre os sophistas expenderam as idéas, que lhes attribue, embora desfiguradas, o seu indefesso oppugnador. Acaso Platão alterou o perfil moral, fazendo que degenerasse em caricatura. Mas os traços principaes d'aquelle systema social são genuinamente verdadeiros. Tambem aos livros paradoxaes *De Cive* e *Leviathan sive de republica*, de Thomas Hobbes, ninguem os houve por apocryphos, sendo que o auctor os escrevera e estampara n'uma quadra, em que a tumultuosa Inglaterra, decepando a cabeça e arrasando o throno dos seus reis, tornava a noção da liberdade e soberania popular tão aprazivel ao sabor das multidões. E o sophista galardoado pela restauração dos Stuarts não hesitou em defender os principios do mais torvo absolutismo, não como facto passageiro, senão como eterna fatalidade social, apesar de que o seu panegyrico da força e da bruteza de um tyranno offendia na mais delicada e sensivel das suas fibras o sentimento republicano, predominante nas turbas agitadas pela violenta revolução [2]. Ninguem tão pouco inventou contra De Maistre a theoria do cruento despotismo, quando estavam ainda recentes as

[1] Grote, *Hist. de la Grèce*, XII, pag. 213 e segg.

[2] As doutrinas professadas por Thomas Hobbes apresentam o mais estreito paren-

grandiosas peripecias da republica franceza, e a idéa da liberdade ia alargando mais a mais a sua triumphal dominação.

Na antiguidade hellenica eram copiosos os exemplos d'aquelles atrevidos pensadores, que, sem temor da alheia censura e impopularidade, ensinavam doutrinas e systemas, que ou destoavam dos principios generosos do direito e da justiça, ou assombravam pela sua novidade os animos da multidão. N'um dialogo platonico adverte Socrates que aos sophistas Polo e Gorgias, se bem professassem idéas immoraes e subversivas, lhes faltava a audacia e sobejava o pejo de as dizer na presença dos seus concidadãos; e admira-se de que o sophista Callicles tivesse arrojo e impudor para as divulgar e incutir[1]. E todavia é o mesmo Platão, o enthusiasta da justiça e da virtude, o que anathematisando a ordem social estabelecida e os proprios sentimentos do pudor, legisla para a sua republica perfeita e ideal a promiscuidade dos sexos[2], não rigorosamente o *amor livre* dos mais radicaes reformadores do nosso tempo, mas o

tesco e semelhança com as dos sophistas, que tractaram e discutiram as origens do poder e da sociedade. A guerra e a força é para os sophistas e para Hobbes o principio de todas as constituições politicas. «Nemini dubium esse debet quin avidius ferentur homines natura sua, si metus abesset, ad dominationem quam ad societatem.» Hobb. *Elementa philosophica de Cive*, Lausanna, 1782. Cap. I, 2, pag. 6.—»... quod multi simul eandem rem appetant, qua tamen saepissime neque frui communiter, nec eam dividere possunt; unde sequitur, fortiori dandam esse; quis autem fortior sit, pugnâ judicandum est.» *De Cive*, cap. I, 6, pag. 11. «Negari non potest, quin status hominum naturalis antequam in societaten coiretur, Bellum fuerit, neque hoc simpliciter, sed bellum omnium in omnes.» Cap. I, 12, pag. 16. «*Potentiam certam et irresistibilem* jus conferre regendi, imperandique in eos qui resistere non possunt.» Cap. I, 14, pag. 18. «Si quidem enim in civitate *democraticâ*, vel *aristocraticâ*, *summum imperium* civis aliquis vi occuparet, habito civium consensu, legitimus fit *monarcha*.» Cap. VII, 3, pag. 127. As theses defendidas no cap. XII e XIII com o intuito de exalçar a monarchia sobre todas as fórmas de governo, são verdadeiramente a glorificação da tyrannia. Hobbes procura demonstrar que só o supremo poder, isto é, o senhor, ou o *tyranno*, é o legitimo dono de toda a propriedade e que a contraria opinião se deve ter por sediciosa. Cap. XII, 7, pag. 207. O principio fundamental da constituição politica é, segundo o sophista britannico: «quod legislator (entende-se por legislador o monarcha omnipotente e desligado de toda a censura publica) praeceperit, id pro *bono;* quod vetuerit, id pro *malo* habendum esse.» Cap. XII, I., pag. 199. É o *quod principi placuit, legis habet vigorem* da jurisprudencia imperial entre os romanos.

[1] «Τὼ δὲ ξένω τώδε, Γοργίας καὶ Πῶλος ., ἐνδεεστέρω δὲ παῤῥησιας καὶ αἰσχυντηροτέρω μᾶλλον τοῦ δέοντος...» Plat. *Gorg*. Ed. bip., IV, pag. 87-88. καὶ μὴν ὅτι γε οἷος παῤῥησιάζεσθαι καὶ μὴ αἰσχύνεσθαι...» Ibid. pag. 89.

[2] «Τὰς γυναῖκας ταύτας τῶν ἀνδρῶν τούτων πάντων πάσας εἶναι κοινάς.» Plat. *Rep*. V, Ed. Did., II, pag. 88.

amor official, as nupcias almotaçadas pela pomposa intervenção do magistrado[1]. É o mesmo Platão o que proclama como a suprema condição da harmonia social a abolição completa da familia na classe aristocratica dos seus governantes ou ἄρχοντες, dos seus φύλακες, ἐπίκουροι ou guerreiros, e decreta minuciosas providencias para que os filhos gerados n'estes consorcios vagabundos, ignorando o sangue d'onde nascem, só possam ter a patria por sua mãe commum[2]. É o mesmo philosopho eminente o que intenta, posto que seguindo outro caminho, volver á natureza bruta e material, como Glaucon ou Callicles, Thrasymacho ou Adimanto, e dando ás leis physiologicas o primeiro logar entre os fundamentos sociaes, institue as suas regras de procreação official e procura alcançar segundo a sua propria expressão o melhor rebanho, ποίμνιον ἀκρότατον, com a mesma zootechnica exacção, com que um perito agricultor de Durham ou South Down elegeria os seus almalhos ou as suas ovelhas para que d'elles proceda uma prole melhorada[3]. É o mesmo valente innovador, que antecedendo a Malthus, não se esquece de ajustar a frequencia ou parcimonia dos consorcios á condição essencial de que não mingue nem sobeje a povoação na sua phantastica cidade[4]. É o mesmo revolucionario pensador, o que em nome da perfeição e da belleza condemna os filhos mal-geitosos ou enfermiços, que nasçam dos seus conjugios officiaes[5]. É o mesmo audaz contradictor das fórmas sociaes contemporaneas, que antecipando-se de muitos seculos a Cabet e a Proudhon, professa a doutrina de que a propriedade é uma perpetua e lastimosa perturbação da harmonia e da ordem social[6]. É o mesmo reformador, que desattendendo as tradições e os costumes do povo atheniense, e exagerando as duras instituições doricas, é sem nenhuma differença capital o precursor de Stuart Mill na emancipação politica da mulher, egualada ao homem na fortaleza do animo, na ἀνδρεία, e chamada a participar com elle nos encargos do governo e nas fadigas do combate[7]. É finalmente

[1] Plat. *Rep.*, pag. 89.

[2] Plat. *Rep.*, pag. 88 e 90.

[3] «Δεῖ μέν, εἶπον, ἐκ τῶν ὡμολογημένων τοὺς ἀρίστους ταῖς ἀρίσταις συγγίγνεσθαι ὡς πλειστάκις, τοὺς δὲ φαυλοτάτους ταῖς φαυλοτάταις τοὐναντίον, καὶ τῶν μὲν τὰ ἔκγονα τρέφειν, τῶν δὲ μή, ει μέλλει τὸ ποίμνιον ὅτι ἀκρότατον εἶναι.» Plat. *Rep.*, pag. 89.

[4] «Τὸ δὲ πλῆθος τῶν γάμων ἐπὶ τοῖς ἄρχουσι ποιήσομεν, ἵν' ὡς μάλιστα διασώζωσι τὸν αὐτὸν ἀριθμὸν τῶν ἀνδρῶν.» Plat. *Rep.*, v., pag. 89.

[5] «Τὰ δὲ τῶν χειρόνων, καὶ ἐάν τι τῶν ἑτέρων ἀνάπηρον γίγνηται, ἐν ἀποῤῥήτῳ τε καὶ ἀδήλῳ κατακρύψουσιν ὡς πρέπει.» Plat. *Rep.* v, pag. 90.

[6] Plat. *Rep.*, v., pag. 91.

[7] «Οὐδὲν ἄρα ἐστίν... ἐπιτήδευμα τῶν πόλιν διοικούντων γυναικὸς διότι γυνή, οὐδ' ἀνδρὸς διότι ἀνήρ, ἀλλ' ὁμοίως διεσπαρμέναι αἱ φύσεις ἐν ἀμφοῖν τοῖν ζῴοιν, καὶ πάντων μὲν μετέχει γυνὴ ἐπιτηδευμάτων κατὰ φύσιν, πάντων δὲ ἀνήρ.» Plat. *Rep.* v. pag. 86.

o mesmo altivo despresador da opinião e do sentimento popular, o que ao povo atheniense, ao δῆμος orgulhoso e mal-soffrido de toda a suprema auctoridade, ousa propôr e defender como a fórma da optima republica, um Estado em que a maioria dos cidadãos, condemnados ao materialismo do trabalho, obedeça passivamente á sobranceira e forte oligarchia dos seus governadores e seus guerreiros [1].

A profissão de idéas novas, originaes, raiando no extremo paradoxo, encontrando quanto é mais profundamente enraizado no sentir e no pensar da gente hellenica, é pois não o caracter essencial dos que tem o mal-soante nome de sophistas, senão de todos os espiritos indisciplinados, altivos, eminentes, que enchem a historia intellectual da Grecia desde a segunda metade do v seculo antes de Christo. É o tempo da veloz decadencia e abatimento para a democracia e para Athenas. É a quadra da mais larga fermentação, funesta para a Hellade, como dissolução das suas energias politicas e das suas virtudes militares, mas prolifica para a culta humanidade, porque do espolio magnifico de povo tão singular será herdeira a futura civilisação. N'aquella edade todos os que pensam, e ensinam, e escrevem são litteralmente sophistas, se por este nome havemos de entender o genio ou o talento, que busca novos caminhos á sciencia e alteando-se acima do immovel dogmatismo descobre mais dilatados horizontes á humana especulação. Sophista é Protagoras, o ousado *nominalista*, que reduz a sciencia ao empirismo individual, e sophista Platão, o vigoroso *realista*, que dá ás *idéas* e aos conceitos da razão a realidade objectiva. Sophista é Gorgias, que nega a possibilidade da sciencia, e sophista Socrates, que havendo por synonymos o saber e a virtude, intenta fundar a ethica pagan não na pura intuição da consciencia, mas na complicada subtileza da dialectica formal.

XVI

Socrates, de feito, pelas suas feições intellectuaes inclue-se naturalmente no cyclo dos sophistas contemporaneos. É principe entre elles, como primeiro entre os seus pares. A elles se assemelha pela novidade e fórma da doutrina. D'elles se differença todavia pela elevação moral dos seus conceitos, pela austera simpleza do seu porte, pela abnegação, com que desdenha as honras populares e a activa intervenção nos negocios da tormentosa democracia. Os caracteres, que distinguem o philosopho ou o *sophista*, a contar desde os tempos de Pericles resolvem-se n'estes pontos: 1.º o desrespeito ousado e peremptorio de todas as tradições decrepitas e de todas as antigas philosophias; a negação

[1] Plat. *Rep.* III, pag. 59.

predominando no movimento philosophico, e deixando na sombra totalmente, ou ao menos escassamente allumiada a affirmação de um novo dogma. 2.º A tendencia a desestimar ou proscrever, como assumpto especulativo, o estudo philosophico do *Kosmos*, principal e dilecta occupação de todas as escolas antecedentes. 3.º O homem moral e politico, tratado como objecto fundamental da boa philosophia, e por forçoso corollario toda a sciencia referida, como ao seu norte verdadeiro, á subjectividade, contraposta á objectividade caracteristica dos anteriores systemas philosophicos: a *εὐβουλία*, o bom conselho, a pratica da vida politica e individual, reduzida a uma sciencia, cujo fim é encaminhar á felicidade. 4.º O processo dialectico e a fórma dialogal, empregada ao mesmo tempo para descobrir a verdade e vencer na lucta do pensamento os mais vigorosos contendores; a palavra, o debate contradictorio, a contemplação do assumpto e da idéa sob todos os aspectos, como efficazes instrumentos para chegar á negação, principio e fonte de toda a verdade inabalavel. 5.º A fundação da philosophia, como sciencia da sociedade, como anthropologia racional, e consequentemente a communicação frequente e immediata entre os pensadores e as multidões; a exposição das theses philosophicas, perdendo a asperesa das antigas exegeses, para amoldar-se ás fórmas do discurso e á livre discussão n'uma revôlta democracia.

Socrates e os sophistas satisfazem cabalmente a estes caracteres no que diz respeito á sua indole intellectual. Ha comtudo dois pontos relevantes, em que Socrates se discrimina de todos os sophistas. O primeiro é que se n'elle e nos outros subtis discursadores a subjectividade do pensamento é a distincção fundamental entre a nova e a antiga philosophia, Socrates não tem, como os sophistas, por equivalentes e synonymos o pensamento subjectivo e a intuição puramente pessoal, senão que tempera e corrige a individualidade anarchica do saber, assignando-lhe como caracter essencial que haja de responder exactamente á realidade objectiva [1]. Socrates nas suas perquisições busca pois uma verdade, que seja universal, absoluta, independente dos aspectos multiformes, em que ella póde transluzir, desfigurada e incompleta, á medida intellectual de cada homem, ao *μέτρον ἀνθρώπος* de Protagoras. E abrindo assim amplo caminho á especulação idealista, lança os traços fundamentaes d'este systema, que symmetricamente debuxado e construido pelo genio egualmente poetico e philosophico de Platão, chega á concepção da *idéa*, ou do *εἶδος* platonico, ultima expressão do idealismo objectivo na philosophia grega. O segundo ponto distinctivo é em Socrates a pura feição moral da sua doutrina em contraposição á ethica mundana dos sophistas.

E a opinião publica de Athenas confirmou plenamente que, em seu juizo,

[1] Schwegl. *Gesch. der griech. Philos.* 102-103.

Socrates e os sophistas seguiam essencialmente a mesma direcção. Aristophanes, que representa o preconceito nacional, e que traslada para a scena atheniense os sentimentos e as paixões do vulgo imbuido na tradição, confunde na mesma objurgatoria o insigne professor da nova moralidade e os mestres populares, contra quem elle, em defensa do saber e da virtude, galhardamente meneara as armas dialecticas. Intenta o comico mordaz revelar a vanidade e as argucias dos sophistas e premunir os seus concidadãos contra os novos educadores, que em seu conceito inclinam á disputa, ao scepticismo, á negação, a juventude atheniense, figurada no Phidippides[1], lhe ensinam a desdenhar quanto o sentimento e a crença nacional haviam consagrado a respeito dos deuses[2] e da familia[3], e soprando-lhe o enthusiasmo das novas idéas sociaes, καινοῖς πράγμασι, os habituam a desprezar as leis constituidas[4]? É Socrates e não Gorgias, ou Protagoras, a quem o vate malicioso, o inflexivel conservador vem arremessar impiedoso ás risadas affrontosas da voluvel multidão. Por sophista condemnam ao philosopho os *dikastas* em Athenas. Com identicos apodos e eguaes execrações castiga a musa implacavel de Aristophanes aos sophistas mais obscuros e a Socrates, o *sacerdote das nugas subtilissimas*[5]. Anyto, um dos mais feros perseguidores de Socrates, sendo introduzido a discursar no dialogo *Menon* de Platão, verbera com tremendas imprecações a todos os sophistas e parece envolver já na condemnação a sua victima futura. Porque disputando com o philosopho ácerca de quaes sejam os mais prestadios pedagogos no ensino da virtude, prefere os bons e illustres cidadãos, seguidores dos velhos costumes athenienses, a todos os lettrados e subtis educadores contemporaneos[6], e tem pela maior praga e infortunio dos cidadãos e das republicas o darem asylo e gasalhado a semelhantes perversores[7].

[1] «Νῦν μέν γ' ἰδεῖν εἶ πρῶτον ἐξαρνητικὸς κἀντιλογικός.» *Nub.* Edit. Did. 1860 vers. 1172 e 1173, pag. 107.

[2] «Θαυμασίως ἥσθην θεοῖς
Καὶ Ζεὺς γέλοιος ὀμνύμενος τοῖς εἰδόσιν.» *Nub.* vers. 1240-1241, pag. 109.

[3] «... Ἐνθυμούμενος
Ὅτι παιδάριον εἶ καὶ φρονεῖς ἀρχαϊκά.» *Nub.* vers. 820-821, pag. 97.

[4] «Ὡς ἡδὺ καινοῖς πράγμασιν καὶ δεξιοῖς ὁμιλεῖν.
Καὶ τῶν καθεστώτων νόμων ὑπερφρονεῖν δύνασθαι.» *Nub.* vers. 1399-1400, pag. 113.

[5] «Λεπτοτάτων λήρων ἱερεῦ.» como lhe chama o côro das nuvens. *Nub.* vers. 359, pag. 84.

[6] «Ὅτῳ γὰρ ἂν ἐντύχῃ Ἀθηναίων τῶν καλῶν κἀγαθῶν, οὐδεὶς ἔστιν ὃς οὐ βελτίω αὐτὸν ποιήσει ἢ οἱ σοφισταί, ἐάνπερ ἐθέλῃ πείθεσθαι.» Plat. *Men.* Ed. bip., IV, pag. 375.

[7] «Ἡράκλεις, εὐφήμει, ὦ Σώκρατες. μηδένα τῶν συγγενῶν, μήτε οἰκείων, μήτε

O caracter do sophista desenha-se na principal feição do ensino socratico. Não ha em Socrates nada de secamente affirmativo. Não ha dogma, que elle pretenda insinuar. Não ha propriamente um particular systema philosophico, scientificamente modelado, que aspire a epilogar n'um epitome de theses entre si concatenadas a vastissima esphera do saber. Assim como Socrates não teve mestre, ou não reconhece como tal nenhum dos seus illustres predecessores [1], assim tambem não se inculca a ninguem por imperioso pedagogo [2]. Os que o ouvem e com elle discreteiam são apenas familiares, socios, companheiros [3]. Elle proprio confessa abertamente que nada sabe. É cabalmente o conhecer que tudo ignora, o em que se resume a sua sciencia e o que lhe vale com justiça o titulo de mais sabio d'entre os gregos, segundo o proclamou o oraculo de Delphos. A si mesmo se declara por esteril e incapaz de gerar alguma idéa, a que possa chamar sua [4]. Não tendo pois nada que ensinar aos seus interlocutores, todo o seu empenho se resolve em os encaminhar discretamente a que elles por si descubram a verdade [5]. Não os industria na sciencia, ensina-os apenas a aprender. É antes epagogico do que dogmatico o seu incansavel magisterio. Todo o seu processo pedagogico era assim, segundo o proprio simile de Socrates, uma engenhosa obstetricia, uma pura *maieutica* do espirito, com que o sabio facilitava e promovia a parturição intellectual [6].

Elle mesmo se deliciava em recordar aos seus ouvintes o officio em que sua mãe Phœnárete ajudava o nascimento physico dos homens, e chanceando com o seu gracejo e ironia proverbial, affirmava que, auxiliando a nascença das noções, continuava melhorada a materna profissão [7]. E tanto mais extremada e

φίλων, μήτε ἀστῶν, μήτε ξένων, τοιαύτη μανία λάβοι, ὥστε παρὰ τούτους (os sophistas) *ἐλθόντα λωβηθῆναι.*» Plat. *Men.*, Ed. bip., IV, pag. 371-372. «*Πολὺ δὲ μάλιστα πάντων αἱ πόλεις, ἐῶσαι αὐτοὺς εἰσαφικνεῖσθαι καὶ οὐκ ἐξελαύνουσαι, εἴτε τις ξένος ἐπιχειρεῖ τοιοῦτον τι ποιεῖν, εἴτε ἀστός.*» Ibid. pag. 373.

[1] «*Ἐμᾶς δ'ὁρᾷς αὐτουργούς τινας τῆς φιλοσοφίας ὄντας.*» Xenoph. *Sympos.* I, 5. Edit. Did. pag. 657.

[2] «*Ἐγὼ δε διδάσκαλος μὲν οὐδενος πωποτε ἐγενόμην.*» Plat. *Apolog. Socratis*, 21.

[3] Nos *Memorabilia* de Xenophonte aquelles com quem Socrates conversa, ou os que lhe servem de auditorio são sempre designados por algum d'estes vocabulos, que designam amisade, convivencia, familiaridade, commercio intellectual, não a inferior e respeitosa condição do alumno para com o professor de um novo dogma. .

[4] «*Οὐ μνημονεύεις, ὦ φίλε, ὅτι ἐγὼ μὲν οὔτ' οἶδα, οὔτε ποιοῦμαι τῶν τοιούτων οὐδεν ἐμὸν, ἀλλ'εἰμὶ αὐτῶν ἄγονος;*» Plat. *Theaetet.*, Edit. bip., II. pag. 80.

[5] *Τὸ δὲ γιγνόμενον οὐκ ἐννοεῖς, ὅτι ουδείς τῶν λόγων ἐξέρχεται παρ'ἐμοῦ, ἀλλ'αἰεὶ παρὰ τοῦ ἐμοὶ προσδιαλεγομένου.*» Plat. *Theaetet.* pag. 88.

[6] «*Ἦ γάρ, ὦ Θεαίτητε, φῶμεν τοῦτο σὸν μὲν εἶναι οἷον νεογενὲς παιδίον, ἐμὸν δὲ μαιευμα;*» Plat. *Theaetet.*, pag. 87-88.

[7] «*Οὐκ ἀκήκοας ὡς ἐγὼ εἰμι ὑιὸς μαίας* etc.» Plat. *Theaet.*, pag. 62.

excellente, quanto vae de trazer á luz do mundo os olhos corporaes a habituar a visão do entendimento ao lume das idéas[1]. A sua missão não é produzir e ostentar a propria sabedoria, porque a sua esterilidade é insanavel e fatal, Ἄγονός εἰμὶς σοφία. Assim tambem a Artemis hellenica é figurada no mytho como esteril, e essa deusa invocam em seus partos as mulheres por nume tutelar[2]. O *genio*, o *daimonion*, o deus emfim, que o inspira e lhe commette a prégação moral e philosophica, intimou-lhe soccorrer e ajudar aos parturientes do espirito, e prohibiu-lhe ao mesmo passo a gestação espiritual[3].

D'esta ausencia, ou sequer deficiencia de um conteudo synthetico no seu ensino philosophico, nasce forçosamente a segunda feição intellectual, em que Socrates é semelhante, senão egual, aos sophistas seus contemporaneos,—o predominio da fórma dialogal, e da subtil e artificiosa disputação, διαλεγεσθαι,—o fecundo instrumento, com que elle incita o seu interlocutor ou o seu antagonista a chegar pela propria evolução das suas idéas á desejada conclusão. Ás vezes depois de andarem ambos enredados n'um inextricavel labyrintho de engenhosas distincções, depois que Socrates, forçando o seu contrario a perigosos, mas infalliveis postulados, o colhia n'uma affirmação insustentavel e absurda, o dialogo findava, confessando o philosopho não ser menos van e illusoria a sua sciencia que a do seu humilhado contradictor. Assim no dialogo ***Protagoras***, onde o officio de sophista parece caber com melhor jus ao proprio Socrates que ao diserto abderita, apoz uma dilatada contenção entre os dois adversarios, sobre se a virtude seja sciencia, ἐπιστήμη, e se possa aprender e ensinar, põe Socrates remate á controversia, declarando que se a conclusão, a que chegaram, podesse ter voz para os escarnecer e doestar, na sua eloquente prosopopeia a ambos com razão objurgara por inconsequentes e ineptos[4]. No dialogo chamado ***Hippias menor***, não são menos decisivas as argucias de sophista, com que Socrates intenta confundir o seu valente contendor[5].

As apparencias e os habitos da vida tornavam Socrates semelhante aos demais sophistas do seu tempo. Este continuo dialogar, este contender intermina-

[1] Plat. *Theaet.*, pag. 64-65.

[2] Plat. *Theae.*, pag. 62.

[3] «Μαιεύεσθαι με ὁ θεὸς ἀναγκάζει, γεννᾷν δὲ ἀπεκώλυσεν.» Plat. *Theat.* 65.

[4] «Καί μοι δοκεῖ ἡμῶν ἡ ἄρτι ἔξοδος τῶν λόγων, ὥσπερ ἄνθρωπος, κατηγορεῖν τε καὶ καταγελᾶν. καὶ, εἰ φωνὴν λάβοι, εἰπεῖν ἂν ὅτι, Ἄτοποί γ'ἐστὲ, ὦ Σώκρατές τε καὶ Πρωταγόρα, etc.» Plat. *Protag.* Edit. bip. III, pag. 191. Cf. Sottini, *Aristot.* pag. 65.

[5] Plat. *Hippias minor*. Edit. bip. III, passim. Apesar de que o *Hippias minor*, bem como o *Hippias major*, pertence ao numero dos dialogos reputados não authenticos, o Socrates, que elle nos representa como um sophista enredador e argucioso, responde, posto que exagerado e diriamos talvez em caricatura, ao processo e ao tom geral da dialectica socratica, segundo a vemos debuxada nos dialogos authenticos.

vel, esta ardencia da palavra, este gárrulo dizer, ἀδολεσχεῖν, que elle confessa de si proprio[1], em que a paixão, posto que enfreada rijamente, se vislumbrava muitas vezes através do discurso scientifico[2]; este fervor de enlear o adversario, quando parece encaminhal-o nos rodeios e meandros de uma difficil investigação; esta vaidade litteraria, com que Socrates contempla a sua victoria, ainda mesmo quando apparenta menospresar a vantagem no combate; este perenne discretear sobre todos os assumptos, sem que seja difficil na eleição, ora discursando questões ethicas[3], ora explanando a sciencia do estadista e do general[4], já dialogando com Euthydemo, o sophista presumpçoso, sobre a ignorancia decorada com o nome de sciencia[5], já gracejando, em fórmas dialecticas, com Theodota, a vaidosa cortesan, ácerca de tornar mais lucrativo o seu trafico amatorio[6]; este amor da publicidade, tão contrario ás tradições do recluso e severo dogmatismo nas antigas escolas philosophicas; este ardor, com que Socrates prosegue antes a controversia que o ensino, são por ventura os caracteres do philosopho hellenico, registrando avaramente a sua sciencia e deixando-a transparecer ou adivinhar em palavras taxadas e symbolicas a um circulo modesto de eleitos e ouvintes, ou são mais propriamente os signaes do sophista genuino? Quem vê Socrates nos mercados e nas praças, nas officinas e nas ruas, nos porticos e nos quadrivios[7], buscando os seus interlocutores entre os *stratégos* ou os mesteiraes, entre os estadistas eminentes ou os mais obscuros populares, entre a nata dos philosophos ou a arraia do vulgacho, interrogando, definindo, comparando, contradizendo, criticando, ἐρωτᾶν, ἐλέγχειν, ἐξετάζειν[8]; quem o vê lidar indefesso e inquebrantavel, affrontando agora a impopularidade para logo ceifar mais viridentes os loiros do applauso universal, que titulo lhe dará que venha mais de molde que o nome de sophista? Homem, que faz da palavra o seu officio quotidiano ou é um estadista, que se engolfa nas tempestades oratorias do *béma* ou do senado, ou é um *scholarcha*, um chefe de seita philosophica, que vive doutrinando os seus alumnos, ou é um sophista, que sem intervir directamente nos negocios da cidade ensina ás multidões o caminho da vida pratica. Ora Socrates não falla como Pericles ou Alcibiades á *ecclesia* borrascosa, nem tem

[1] «Ὢν ἀνὴρ ὅς ἀδολεσχεῖν τε δοκῶ καὶ ἀερομετρεῖν.» Xen. *Œcon.* XI, 3, pag. 638.

[2] No *Theaeteto* Socrates declara a paixão, a *doença*, νόσον, que o impulsa a luctar e contender. Plat. *Theaet.* Edit. bip. II, 106.

[3] Xenoph. *Memorab.* I, 4, 5, 6, 7—II-III, 8, 9, 14—IV, 1, 3, 4, 5.

[4] Xenoph. *Memorab.* III, 1, 2, 3, 4.

[5] Xenoph. *Memorab.* IV, 2.

[6] Xenoph. *Memorab.* III, 11.

[7] Xenoph. *Memorab.* I, 1. 10. Ed. Did., pag. 526.

[8] Xenoph. *Memorab.* I, 2, 36, pag. 532.—«Ἐρωτῶν μὲν καὶ ἐλέγχων πάντας.» *Mem.* IV, 4, 9, pag. 600.

assento no grave *dicasterio*, antes refoge por systema ou convicção de inutilidade a toda a participação no governo da republica. Não é como Heraclito ou Democrito o professor de uma doutrina systematica, formulada em escriptos fundamentaes e commentada em lições ou ἐπιδείξις. Que resta pois á multidão com que alcunhal-o senão o epitheto de φροντιστής [1], de nebuloso e perpetuo devaneador, senão o nome de sophista, na odiosa accepção aristophanica, ou no duro significado de Platão?

E comtudo Socrates é um personagem venerando na historia da humanidade. E as idéas, que derivam da sua philosophia, são ainda hoje uma parte valiosa da nossa herança intellectual. É um sophista, porque na edade em que floresceu e ensinou, era aquella a fórma necessaria do pensamento e da palavra. Mas apesar da estreita affinidade e conjuncção com os demais sophistas do seu tempo, d'elles seguramente se distingue por caracteres tão proprios, nativos, originaes, como lhe eram singulares as disformes feições physicas, que no *Symposion* de Xenophonte o induzem a comparar-se aos satyros ou silenos [2]. Assim tambem Roger Bacon e S. Thomaz, ainda que pertencem pela indole geral e pela technica do pensamento á numerosa familia dos *escholasticos*, onde apparecem as mais discordes gradações nas doutrinas e nos talentos, desde a futil subtileza até á heresia consummada, levantam-se acima da sua escola e do seu tempo, e vinculam os seus nomes á historia das idéas, em quanto outros os deixam apenas commemorados na chronica das aberrações intellectuaes.

Sem fallar na excellencia das suas generosas qualidades e virtudes eminentes, attestadas por Platão e Xenophonte [3], e ainda melhor por este infallivel aferidor dos benemeritos, — a inveja e o desamor da opinião, — era Socrates distincto dos sophistas na profunda intuição de que existia uma verdade, não a verdade mudavel de Gorgias, nem a verdade individual de Protagoras, mas uma verdade universal, ao mesmo passo subjectiva, porque devia resultar da propria cogitação, e objectiva, porque devia responder á eterna realidade, uma verdade solida, estavel, permanente, βέβαιον, que residisse na essencia mesma das coisas, οὐσία, e que não podessemos alterar ao sabor da caprichosa phantasia [4]. E ainda mais se discriminava dos sophistas pelo caracter profunda-

[1] «Ἆρα σύ, ὦ Σώκρατες, ὁ φροντιστὴς ἐπικαλούμενος;» Xenoph. *Sympos.* VI, 6. pag. 672.

[2] «Τοὺς Σειληνοὺς ἐμοὶ ὁμοιοτέρους.» Xenoph. *Symposion*, V, 7 Edit. Did., pag. 671.

[3] Veja-se Xenophonte, *Memor.* I, 1. 11, pag. 526 — I, 2, 3, pag. 527 — IV. 8, 10, pag. 609 e em Platão, *Phaed.* 118.

Platão affirma que um homem unico no seu tempo se não podia comparar a nenhum dos mais illustres e benemeritos seus antecessores, e que era Socrates esse personagem sem modelo, e sem imitação. Plat. *Sympos.*, 221.

[4] «Δῆλον δὴ ὅτι αὐτὰ αὑτῶν οὐσίαν ἔχοντα τινὰ βέβαιον ἐστὶ τὰ πράγματα, οὐ πρὸς

mente moral, que imprimia na sua idéa e no seu verbo a enraizada convicção de que lhe estava commettida uma grande missão reformadora[1]. Apesar das varias interpretações, com que se tem pretendido reduzir a um natural significado o famoso *δαιμόνιον*, o genio tutelar do revolucionario pensador, ou elle fosse no sentir do proprio Socrates a razão illuminada pelo estudo, ou o rebate da pura consciencia, ou aspirasse ás honras e poderes de uma sobrehumana inspiração, como de um oraculo interior[2], apesar de que segundo as proprias affirmações do mestre, attestadas pelos seus dois apologistas, aquella voz[3] se limitava a dirigir as acções da vida pratica, sem dictar ao seu dilecto nenhuma these philosophica, esta supposta communhão espiritual com as potestades superiores, conforme é testificada e recebida por toda a antiguidade, assignala em Socrates uma feição que não se encontra nos philosophos antecedentes, se houvermos de exceptuar Pythagoras e Empedocles. Os outros fundadores de escola philosophica haviam seguido sempre uma certa filiação, de maneira que a evolução das suas doutrinas se podia mais ou menos representar por uma arvore genealogica intellectual. Socrates a exemplo dos sophistas rompe a cadeia da tradição, e afadiga-se como elles em provar, que os homens nada sabem que responda á realidade. Mas os sophistas para encherem o vacuo resultante das suas demolições, propõem-se a instituir uma sciencia apparente, mudavel, pessoal, accommodada ás exigencias, ás occasiões, ás utilidades egoistas. Socrates ao contrario vem derruir o que julga vaidoso e inutil edificio da sciencia contemporanea, mas intenta construir em seu logar por obra da sua radical reformação, uma sciencia nova, creadora e original. Contribuiu como os sophistas para convellir e derrocar os fundamentos do sentir e do saber hellenico, e para crear a anarchia intellectual pela suppressão da velha auctoridade moral e philosophica. É este o alvo a que tiraram contra Socrates os hervados virotões do comico atheniense e as tremendas accusações no juizo capital. Mas Socrates, depois que destruiu pela obstinada negação, afouta-se a erigir sobre o solo nivellado mais duravel e formosa constructura. O seu grande pensamento é restaurar no mundo intelligivel a ordem, a harmonia, a razão universal, desapossadas, segundo elle, do seu imperio pela intemperança democratica e pe-

ἡμᾶς, οὐδὲ ὑφ'ἡμῶν ἑλκόμενα ἄνω καὶ κάτω τῷ ἡμετέρῳ φαντάσματι, ἀλλὰ καὶ καθ' αὑτὰ, πρὸς τὴν αὑτῶν οὐσίαν ἔχοντα, ᾗπερ πέφυκε.» Plat. *Cratyl.* Ed. bip. III, pag. 236.

[1] «Ce n'était pas simplement un philosophe, mais un missionaire religieux faisant l'œvre de la philosophie.» Grote, *Hist. de la Grèce*, XII, pag. 251.

[2] Veja sobre estes pontos, Grote, *Hist. de la Grèce*, XII, 243 e segg. Cf. Schweg. *Gesch. der Griech. Philos.*, 105-106.

[3] «*Φωνή τις γιγνομένη ἣ ὅταν γένηται, ἄει ἀποτρέπει με τούτου ὃ ἂν μέλλω πράττειν.*» Plat. *Apol. Socrat.* 19, 31.

las theses dos sophistas[1]. N'este aspecto é completa e gloriosa a antithese entre o grande pensador e os mestres predilectos da juventude atheniense[2]. E d'ahi resulta precisamente que a sua philosophia é quanto aos fundamentos puramente idealista, quanto ao assumpto exclusivamente moral. Ao revés de Gorgias, que funda o scepticismo sobre o lemma de que nada se póde conhecer, Socrates affirma que o saber é não só possivel, mas necessario, e determinado pela essencia ethica do homem. Este postulado, que é o thema preliminar de toda a philosophia, conduz o indomito discursador aos dominios até então quasi ignotos ou escassamente frequentados da logica e da psychologia. Se n'algum ponto porventura póde o homem alcançar a verdade e a sciencia, é forçoso antes de tudo investigar quaes sejam os instrumentos e os processos, com que tão preciosa acquisição se póde realisar. Cumpre intentar a analyse do espirito e das suas operações, o exame dos methodos racionaes, o aperfeiçoamento dos processos dialecticos, e a fundação da logica formal. Na antiga philosophia predominara sempre o conceito metaphysico do mundo phenomenal sobre a noção moral e psychologica do homem interior. O universo physico é ao contrario para Socrates um assumpto duplamente defeso á discreta curiosidade e inquirição, por incomprehensivel e por indigno de prender as humanas attenções. O *Kosmos* está perpetuamente cerrado a sete sellos como um arcano indecifravel[3]. A propria variedade e opposição dos systemas philosophicos argue em seu parecer que terão de sair sempre frustrados os tentames de o entender e explicar[4]. A seu juizo a sciencia da natureza é apenas a historia dos erros do entendimento, que transcende as suas fronteiras naturaes, e se engolfa sacrilego e temerario, novo e desencadeado Prometheu, nas tenebrosas e vedadas regiões. Para Socrates os problemas cosmicos e astronomicos, *τὰ οὐράνια*, são synonimos das questões referentes á divindade, *τὰ θεῖα*. E n'este sentir não opinava sem razão. O problema physico,—pareça embora paradoxal a affirmação,—envolve tacitamente uma questão essencialmente metaphysica. O phenomeno con-

[1] Guelfi, *La Dottr. dello Stato*, pag. 31. Cf. Hildenbrand, *Gesch. und System. der Rechts-und Staatsphilosophie*. (Historia e systema da philosophia do direito e da phil. politica) § 17.°

[2] Hermann, *Geschichte und System. der Plat. Philosoph.* (Historia e systema da philosophia platonica), §§ 9 e 10, citado em Guelfi, *Dottr. dello Stat.*, pag. 33.

[3] «Ὅλως δὲ τῶν οὐρανίων, ᾗ ἕκαστα ὁ θεὸς μηχανᾶται, φροντιστὴν γίγνεσθαι ἀπέτρεπεν· οὔτε γὰρ εὑρετὰ ἀνθρώποις αὐτὰ ἐνόμιζεν εἶναι οὔτε χαρίζεσθαι θεοῖς ἂν ἡγεῖτο τὸν ζητοῦντα ἃ ἐκεῖνοι σαφηνίσαι οὐκ ἐβουλήθησαν·» Xenoph. *Memorab.* IV, 7, 6, pag. 607.

«Τὰ δὲ μέγιστα τῶν ἐν τούτοις ἔφη τοὺς θεοὺς ἑαυτοῖς καταλείπεσθαι, ὧν οὐδὲν δῆλον εἶναι τοῖς ἀνθρώποις.» Xenoph. *Memorab.* I, 1, 7, 8, pag. 525-526.

[4] Xenoph. *Memorab.*, I, 1, 13, 14, 15, 16, pag. 526, 527.

duz á lei, o effeito á causalidade, e o investigador da natureza por muito que se esforce em desviar do seu caminho, pela chamada sciencia positiva (que é entre a fé e a negação o que a escola doutrinaria entre a revolução e o direito divino,— uma insubsistente hypocrisia) as indiscretas interrogações ácerca da finalidade e da causa primordial, vê sempre despontar debaixo das especulações e das theses scientificas um problema theologico. Assim para o genio piedoso de Kepler e de Newton a *Harmonices mundi* ou os *Principios mathematicos da philosophia natural*, são ao mesmo passo livros de profunda investigação do universo e hymnos entoados á gloria do Creador. Para o talento esthetico de Humboldt o livro admiravel do seu *Kosmos* é ao mesmo tempo a demonstração das harmonias naturaes e a glorificação do pantheismo. Para o engenho materialista de Haeckel a *Historia natural da creação* é a pura apotheose, o culto da materia, que a si mesma se transforma pelas leis da evolução. Ora o espirito de Socrates repugnava abertamente á nebulosa methaphysica. A sua theologia, se bem mais depurada que a da vulgar gentilidade, ainda sacrificava a todas as superstições e preconceitos da orthodoxia hellenica. A observancia das praticas liturgicas, a fé explicita nos oraculos, a crença de que os deuses, devidamente propiciados, podem revelar ao homem o que excede os poderes da propria indagação [1], attestam que Socrates não intentou nunca levantar-se a reformador religioso, como Buddha, nem a ousado metaphysico, á semelhança de Xenophanes. O seu engenho era subtil, invejado o seu acume dialectico. Não se occupava porém em destrinçar os problemas que havia por superiores e insoluveis ao mais privilegiado entendimento. A seus olhos era um tremendo sacrilegio que o homem pretendesse esquadrinhar o plano, o debuxo, a lei, a ordenação, *μηχανὰς ἐξηγεῖσθαι*, com que os deuses fabricavam e regiam o universo [2]. Os numes condemnariam o soberbo indagador, quando se propozesse devassar os mysterios insondaveis, que elles mesmos não queriam franquear [3]. D'esta peremptoria excommunhão lançada contra as sciencias da natureza e o seu mais energico instrumento intellectual, — as mathematicas, — Socrates apenas exceptuava quanto dos estudos geometricos e astronomicos era estrictamente necessario para as escassas precisões da vida habitual. O pouco que dos phenomenos celestes convinha saber e applicar, poderia aprender-se dos nautas e dos nocturnos caçadores, e de todos os demais, a quem os astros demonstram nas solidões o seu caminho [4]. Toda a especulação sobre a quantidade ou a ex-

[1] Xenoph. *Memorab.*, IV, 7, 10, pag. 608. — I, 1, 9, pag. 526.

[2] «*Ἐθαύμαζε δ' εἰ μὴ φανερὸν αὐτοῖς ἐστιν ὅτι ταῦτα οὐ δυνατόν ἀνθρώποις εὑρεῖν.*» Xenoph. *Memorab.*, I, 1, 13, pag. 526,

[3] Xenoph. *Memorab.*, I, 1, 9, pag. 526.

[4] «*Καὶ ταῦτα δὲ ῥᾴδια εἶναι μαθεῖν παρά τε τῶν νυκτοθηρῶν καὶ κυβερνητῶν καὶ ἄλλων πολλῶν οἷς ἐπιμελὲς ταῦτα εἰδέναι·*» Xenoph. *Memorab.*, IV, 7, 4, pag. 607.

tensão deveria ser defesa por inutil ou ridicula. Toda a energia e vigor do pensamento, se haveria de concentrar no exame e solução dos problemas que importam directamente á vida humana. As questões concernentes ao homem, ἀνθρώπεια, seriam pois o assumpto exclusivo da nova philosophia[1]. A sciencia racional não tomaria por escopo o buscar infructuosamente o que era de si inconcebivel, senão o inquirir e estudar o que interessa á felicidade, e é applicavel ao verdadeiro bem do individuo e ao tracto racionavel dos negocios sociaes. A philosophia socratica era pois exclusivamente moral, ou nas suas relações com a pessoa individual,—ethica,—ou com a pessoa collectiva do Estado,—politica, arte regia, τήχνη βασιλική[2]. Socrates seguia em seu proposito n'esta direcção a senda trilhada pelos sophistas, com a differença porém de que estes ultimos, antepondo ás sciencias cosmologicas a sciencia da sociedade, e convertendo para ella principalmente os esforços dialecticos, ainda no seu quadro encyclopedico reservavam logar, se bem que modesto e secundario, á physica e á geometria. Hippias timbrava de perito e jubilado em todas as artes e sciencias que no seu tempo se conheciam e estudavam, desde as que eram mais sublimes até ás ordinarias e fabris occupações[3]. Socrates completava a reacção iniciada pelos sophistas contra a metaphysica da natureza, e como todos os radicaes revolucionarios na philosophia, na arte, ou na politica, encaminhava o pensamento n'uma exclusiva direcção.

A philosophia, que ou não existe, ou é forçosamente a vasta comprehensão da unidade e harmonia universal, havia subsistido mais ou menos imperfeita, mais ou menos dominada pela phantasia ou pela razão, pelo mytho ou pela sciencia, nas phases antecedentes do espirito hellenico, notavel sobretudo pela sua engenhosa concordancia do individual e do concreto,—aspecto essencial ao naturalismo grego, com o geral e abstracto,—principio dominante no idealismo oriental. Com o advento de Socrates a philosophia, como processo intellectual ou como utilidade pratica, dilatava innegavelmente os seus dominios e aproveitava n'um trabalho mais pratico e scientifico o movimento dos sophistas. Mas a philosophia como conteudo, como systema, como sciencia das relações indestructiveis e necessarias do espirito e da natureza, apertava quasi covardemente os seus outr'ora extensos arraiaes, retraia-se das suas mais ousadas aventuras,

[1] Xenoph. *Memorab.* I, 1, 12, pag. 526.

[2] Xenoph. *Memorab.* IV, 2, 11, pag. 591.

[3] *Hipp. min.* Ed. bip. III, pag. 205-209. —«Πάντως δὲ πλείστας τέχνας πάντων σοφώτατος εἶ ἀνθρώπων·» Ibid., pag. 208. Hippias gloriava-se de que todas as suas vestiduras e ornamentos, desde o *pallium* ou *himation* até o annel e o sinete σφραγις, tudo fôra obra de suas proprias habilidades, como quem era egualmente consummado nas sciencias mais difficeis e nas artes mais vulgares.

para se fortificar no campo intrincheirado de uma subjectividade estreita e egoista. A sciencia, que vagueava prescrutadora e curiosa pelas extremas regiões do universo, caía de chofre sobre a terra, e era condemnada a ser a escrava e a ministra do homem, ainda menos, do atheniense ou do helleno, agora altivamente considerado por um vaidoso systema anthropocentrico, a causa final do universo. Sómente n'este sentido eram verdadeiras as palavras de Cicero, e com elle bem poderamos dizer que Socrates desviara do ceo a philosophia e lhe dera por theatro as habitações e as cidades [1]. Havia pois no movimento intellectual de Socrates um progresso inestimavel e uma lastimosa retrogradação. Pela catechese e pelo exemplo do grande mestre, a philosophia moral vinha estear-se em novos e mais seguros alicerces. Mas tambem, taxada de impossivel a sciencia do Kosmos, o antigo naturalismo hellenico, iniciado na escola physiologica da Ionia, via rôta a sua até ali encadeada tradição. E é na verdade para estranhar que um engenho de tão feliz uberdade e invenção, cerrasse os olhos por systema á luz da natureza, e desdenhasse por impropria da humana sapiencia a investigação do mundo phenomenal. Não é justo, nem possivel esconder ou escusar a estreitesa do espirito socratico, se a pômos em rigoroso parallelo com a largueza das idéas nas outras escolas philosophicas. Não é dado quebrantar impunemente a unidade nas especulações da philosophia. O espirito não póde estudar-se nem entender-se, se totalmente o desligamos do mundo material, nem o universo apparecer como systema e harmonia, sem que busquemos inquirir as leis do espirito. É sob este aspecto essencial que a sciencia socratica, assim como a dos sophistas, não é propriamente uma philosophia. É por isso que Socrates se nos deve representar, em sua verdadeira significação, occupando um logar médio entre o philosophico innovador e o reformador moral: nem philosopho completo, porque separou das suas cogitações a natureza, nem verdadeiro reformador, porque não epilogou em claros aphorismos a sua doutrina ethica. Falta ao Socrates philosopho a profunda comprehensão do *todo* universal, tão felizmente definida ou rastreada nas anteriores philosophias: ao moralista Socrates a fecunda concepção da humanidade. E sem os dois conceitos da humanidade e natureza, toda a philosophia será forçosamente maculada pelo preconceito anthropocentrico e pelo egoismo nacional. E de feito Socrates, ainda mesmo quando parece levantar-se ao ideal do *Ethos*, sem época, nem patria especial, percebe-se que é helleno e atheniense. Na sua moral, e na sua doutrina do Estado, nunca desprega os olhos da Acropole e do Pireu. A odiosa distincção entre *barbaros* e *hellenos*, tão radicada nos costumes e na altiveza nacional, apparece confirmada na concepção socratica. No livro da *Republica*, na

[1] «Socrates autem primus philosophiam devocavit è coelo et in urbibus collocavit, et in domos etiam introduxit.» Cic. *Quæst. Tuscul.* v, 4. Edit. Elzev., pag. 1098.

obra destinada a remodelar a sociedade segundo as theorias politicas de Platão, é Socrates quem affirma serem os gregos todos entre si conjunctos e domesticos; os barbaros ao contrario estranhos e alheios, como quem dissera quasi inimigos naturaes[1]. Apesar porém dos limitados ambitos, em que Socrates amesquinhou a philosophia, o seu nome apparece gloriosamente inscripto entre os dos mais illuminados e severos pensadores. Foi elle quem esparzio com mão liberalissima os germens da nova ethologia, de que mais systematicos talentos, o de Platão e principalmente o de Aristoteles, virão colher as messes copiosas, enfeixando-as em corpo de doutrina.

Mas o principal merito de Socrates no tocante á philosophia é incontestavelmente a creação ou sequer o aperfeiçoamento dos processos racionaes de investigação. O dialectico sobreleva ao moralista. O methodo socratico, que na intenção do mestre era apenas o instrumento para a invenção das verdades moraes, converte-se n'um mechanismo applicavel a todo o trabalho philosophico. D'aquelles esboços disseminados pelos colloquios e disputações de Socrates nascerá a logica. O idealismo socratico passará por intermedio de Platão a allumiar a futura humanidade. A dialectica socratica pelo orgão de Aristoteles entrará a ser parte no peculio intellectual das vindouras gerações. No espirito de Socrates ha duas direcções que parecem antagonistas, e são apenas concorrentes ao mesmo fim. O seu philosophar é profundamente especulativo pela faculdade eminente de generalisar e de ascender á concepção do ideal. É notavelmente positivo, porque o limite das suas mais sublimes cogitações é o problema da vida pratica no homem e no cidadão. É pelo primeiro d'estes caracteres que Socrates pertence, como figura proeminente, á historia geral da philosophia. Não supponhamos todavia que este Socrates, que a tradição nos habituou a considerar como o mais levantado engenho em toda a antiguidade, seja um philosopho na pura e genuina accepção d'este termo, um entendimento que esvoaça nas mais aereas e distantes regiões do pensamento, um metaphysico profundo, que á maneira de Hegel, de Schelling ou Schopenhauer, formúla *à priori* e pela creadora energia da razão, um systema completo de original philosophia. O Socrates positivo, ao que parece fielmente retratado nos *Apomnemoneumata* de Xenophonte, não o Socrates ideal, segundo o representa Platão em seus dialogos, longe de mostrar o minimo vislumbre de conceito metaphysico, manifesta claramente a genial repugnancia do seu entendimento a todas as questões que possam transcender os limites ordinarios do pensamento e da experiencia. Nenhuma d'estas interrogações, que apparecem como sphinges temerosas na portada dos estudos philosophicos, lhe estimula a curiosidade ou lhe

[1] «*Φημὶ γὰρ τὸ μὲν Ἑλληνικὸν γένος αὐτὸ οἰκεῖον καὶ ξυγγενὲς, τῷ δὲ βαρβαρικῷ ὀθνεῖόν τε καὶ ἀλλότριον.*» Plat. *Rep.* v, Ed. Didot. II, pag. 97.

exercita as energias dialecticas. O tempo, o espaço, a causalidade, o ser, o espirito, a materia, a unidade, a pluralidade, eis-ahi problemas, cuja possivel solução o grande mestre não deixa nem se quer transparecer. E eram estes justamente os pontos debatidos ou tractados com mais ou menos feliz exito por todas as escolas philosophicas desde Thales a Anaxagoras, de Pythagoras a Parmenides. Até Socrates a philosophia não contava em Athenas um só pensador original, que tivesse fundado escola propria. Todos os grandes talentos philosophicos procediam das cidades asiaticas ou das colonias italicas da Grecia. A philosophia da natureza e a sua inseparavel companheira, a metaphysica, ou a sciencia das grandes e arrojadas generalisações, parecera sempre incompativel com o positivismo atheniense. Os proprios sophistas mais illustres eram hospedes na cidade de Pericles. A philosophia attica, nascendo pois com Socrates, revela desde o berço a feição caracteristica de Athenas. É profundamente realista, no significado novissimo d'esta palavra e exclusivamente conchegada á vida pratica. A sabedoria, no juizo de Socrates, é a sciencia do homem e da cidade. O seu fim é o exercicio da actividade moral. É por isso tambem arte, *τέχνη*. D'ahi vem a predilecção, com que Socrates vae buscar ás profissões technicas os similes e analogias tão frequentes no seu processo de inducção. Eis-ahi porque elle nas controversias, summariadas em Xenophonte, ou dramatisadas em Platão, cita a cada passo as sciencias ou as artes mais illustres como a medicina e a estatuaria, ou os officios mais humildes como o dos pisoeiros e fundidores. Com o que attraia os dicterios e apodos dos seus interlocutores, enojados de o verem attestando as suas doutrinas com tão rude e plebêa auctoridade[1]. A philosophia no parecer de Socrates, não tinha nenhum merito senão emquanto podia encaminhar ao que era util. A verdade era pois apreciavel por conducente á felicidade. O egoismo,—ainda que expurgado de impura deleitação e de grosseiro materialismo,—vinha a ser o mobil e o principio de toda a philosophia. A sciencia é o mesmo que a virtude; isto é, o bem[2]; o bem o util[3]. A insciencia, *ἀμαθια*, é por si propria o vicio e o

[1] Xen. *Mem*,. I, 2, 37. Ed. Didot. Paris, 1060, pag. 532.—«Νὴ τοὺς θεούς, ἀτεχνῶς γε ἀεὶ σκυτέας τε καὶ κναφέας καὶ μαγείρους λέγων καὶ ἰατροὺς οὐδὲν παύῃ, ὡς περὶ τούτων ἡμῖν ὄντα τὸν λόγον.» Plat. *Gorg*. Ed. bip., IV, pag. 96.

[2] «Σοφίαν δὲ καὶ σωφροσύνην οὐ διώριζεν, ἀλλὰ τῷ τὰ μὲν καλά τε καὶ ἀγαθὰ γιγνώσκοντα χρῆσθαι αὐτοῖς καὶ τῷ τὰ αἰσχρὰ εἰδότα εὐλαβεῖσθαι σοφόν τε καὶ σώφρονα ἔκρινε.» Xen. *Memorab*. III, 9, 4. Edit. Did., pag. 579.

«Ἔφη δὲ καὶ τὴν δικαιοσύνην καὶ τὴν ἄλλην πᾶσαν ἀρετὴν σοφίαν εἶναι.» Xen. *Memorab*., III, 9, 4, pag. 579.

[3] «Ἄλλο δ' ἄν τι φαίης ἀγαθὸν εἶναι ἢ τὸ ὠφέλιμον; Οὐκ ἔφωγ', ἔφη. Τὸ ἄρα ὠφέλιμον ἀγαθόν ἐστιν ὅτῳ ἂν ὠφέλιμον ᾖ; Δοκεῖ μοι, ἔφη.» Xen. *Memorab*. IV, 6, 8, pag. 605.

mal[1]. Ao saber ἐπιστήμη, corresponde sempre a acção, πράττειν, e a utilidade, χρῆσθαι[2].

N'este ponto, como em toda a philosophia de Socrates se divisa o caracter profundamente teleologico. Assim como na sua maneira de considerar a natureza, tudo fôra disposto e ordenado para um fim de utilidade e por isso não podia attribuir-se ao acaso, τύχη, senão á expressa deliberação, γνώμη[3]; assim como no juizo de Socrates, o principio da finalidade, ou da *utilidade* natural é o que regula a constituição do universo, e o subordina á fruição e bem do homem[4], assim tambem o util, ὠφέλιμον é o alvo de toda a philosophia, que na concepção socratica é acção e sciencia ao mesmo tempo, theoria e praxe, virtude e sabedoria. Apesar dos meritos de Socrates, como verdadeiro instituidor da sciencia subjectiva e da moral raciocinada, não póde contestar-se que o subtil discursador amesquinha e degrada a philosophia, dando-lhe uma base tão estreita e um principio tão egoista qual o da pura utilidade. Não. A sciencia não póde clausurar-se em tão angusto encerro. O mais alto problema philosophico não póde ser a felicidade humana, nem a pratica exclusiva da moral. As mais sublimes conquistas do pensamento não foram jámais as que nasceram das cogitações do moralista. Para reger-se e enfrear-se contra seus impetos sensuaes, tem o homem estampadas na consciencia as leis, que não se escrevem, ἄγραφοι νόμοι, que o proprio Socrates reconhece dictadas pela voz do Creador, e que são a fonte primordial do direito e da moral[5]. Mas só a sciencia póde investigar e descobrir as leis da natureza, e desenlear o fio mysterioso, que prende o homem ao universo, o espirito á materia.

Observada em toda a sua austeridade a maxima fundamental da philosophia socratica, ter-se-hiam impossibilitado os triumphos mais esplendidos da sciencia antiga e da moderna. A perenne contemplação da utilidade ou da virtude teria convertido em estadistas ou em ascetas os genios mais brilhantes com que a espaços se illumina a historia do pensamento. O predominio intolerante do homem moral e civil, o desdem da natureza, do Kosmos, do mundo

[1] «Οὔτε τοὺς μὴ ἐπισταμένους δυνασθαι πράττειν, ἀλλὰ καὶ ἐὰν ἐγχειρῶσιν ἁμαρτάνειν.» Xenoph. *Memorab.*, III, 9, 5, pag. 579. Cf. *Mem.* I, 2, 49-50, pag. 533. —«Η δὲ ἄγνοια, ἀμαθια καὶ κακια ἐναργής.» Plat. *Theaet.*, Ed. bip. II, pag. 122.

[2] Xenoph. *Memorab.*, III, 9, 4.

[3] «Πρέπει μὲν τὰ ἐπ' ὠφελείᾳ γιγνόμενα γνώμης ἔργα εἶναι.» Xen. *Memorab.*, I, 4, 4, pag. 538.

[4] Vej. Xen. *Memorab.* IV, 3 e segg., pag. 596-598, onde se explana a doutrina teleologica da creação do mundo, e se professa que o universo foi adequado á utilidade maxima do homem, d'esta maneira considerado como a causa final da creação. « Νὴ τὸν Δί' ἔφη, καὶ ταῦτα πανταπάσιν ἔοικεν ἀνθρώπων ἕνεκα γιγνομένοις.» Ibid., num. 8.

[5] Xen. *Memorab.* IV, 4, 19 e segg., pag. 601 e 602.

phenomenal, teriam estancado para sempre a caudal e indomita corrente do progresso. Ter-se-hia realisado na Grecia o que succedeu com as antigas civilisações orientaes, onde o idealismo exaggerado conduziu directamente ao mysticismo, o mysticismo ao desprezo da materia, o desprezo da materia á negação da sciencia, e á immobilidade intellectual.

Felizmente do ensino de Socrates aproveitou-se o que era fecundo, novo, capaz de germinar e florescer. O que era porém como que um sacrilegio contra os fóros do humano pensamento, não alcançou perpetuar-se e dominar. A direcção estreita e egoista da escola socratica, o aspecto exclusivamente moral e practico, tem como continuadores, a uma parte Antisthenes e os cynicos, á outra parte Aristippo e os cyrenaicos ou *hedonicos*. A doutrina da abnegação e desprezo do mundo, a maxima socratica de que o summo bem é a reducção das necessidades humanas á mais exigua proporção e de que o homem tanto mais se assemelha a Deus, quanto mais se desapega do mundo e seus enganos [1], vem a disparar, subtilisada e encarecida, na excentrica bruteza de Diogenes. A theoria socratica do bom e do util, da prudencia, *φρόνησις*, com que se alcança discernir o bem e o mal, e corrigir em beneficio do proprio egoismo o vicio e a intemperança [2], produz, intendida pela indole voluptuaria de Aristippo, o hedonismo, ou a philosophia em que toda a humana bemaventurança se resolve no prazer, *ἡδονή*.

O que ha de philosophico e transcendente no espirito socratico acha os seus continuadores em Euclides, e nos megaricos, e acima de todos elles nos dois

[1] «*Ἐγὼ δὲ νομίζω τὸ μὲν μηδενὸς δεῖσθαι θεῖον εἶναι, τὸ δὲ ὡς ἐλαχίστων ἐγγυτάτω τοῦ θείου καὶ τὸ μὲν θεῖον κράτιστον, τὸ δὲ εγγυτάτω τοῦ θείου ἐγγυτάτω τοῦ κρατίστου.*» Xen. *Memorab.*, I, 6, 10, pag.

[2] Xen. *Memorab.*, I, 5, pag. 540-541. «*Ἡ μὲν ἀκρασια... κωλύει τοῖς ἀναγκαιοτάτοις τε κὰι συνεχεστάτοῖς ἀξιολόγοις ἥδεσθαι.*» Xen. *Memorab.*, IV, 5, 8, 9, pag. 603. A doutrina puramente utilitaria insinuada por Socrates n'este logar da sua disputação com o proprio Aristippo, de Cyrene, bastaria por si só a caracterisar a ethica socratica, e a distancial-a infinitamente da moral christã. Compare-se com o capitulo citado o capitulo XI do livro III dos *Memorabilia*, onde Socrates pelo seu fervoroso apologista é introduzido a discursar com a bella cortesan Theodota e lhe ensina os preceitos, com que da temperança dos seus adoradores ha de aproveitar para seu proprio lucro e estimação. Não se póde comprehender como escriptores christãos, e sobre christãos germanicos, com simultanea offensa da piedade e da critica philosophica, possam, no seu inconsciente enthusiasmo pelo grande moralista atheniense, asseverar, como entre muitos, Schwarz, professor theologo de Heildelberg, que á ethica de Socrates só falta para ser christan a mais alta luz do conhecimento de Deus e de si proprio.» Seiner Sittenlehre fehlt nur noch jenes höhere Licht des Gottes und Selbstkenntniss, um eine christliche zu sein.» Schwarz, *Die Sittenlehre des evangelischen Christenthums als Wissenschaft* von Dr. Fried. H. Chr. Schwarz (A moral do christianismo evangelico como sciencia). Heildelberg, 1836, pag. 73.

grandes talentos, que dominam na antiguidade o pensamento,—Platão, o philosopho enthusiasta, e Aristoteles, o verdadeiro instituidor da sciencia universal.

XIII

Platão é o mais illustre continuador da escola socratica. É entre os discipulos do grande mestre o mais genial e inventivo. É por elle que a revolução espiritual, que Socrates promove, se propaga a Aristoteles, o maior e o mais claro entendimento de toda a antiguidade. O platonismo ou a philosophia academica offusca pela sua gloria e luzimento as demais parcerias philosophicas, implantadas no tronco socratico.

Ha no discipulo dilecto de Socrates como que duas naturezas intellectuaes. Pela primeira o alumno reverente e admirador prosegue, explana e interpreta, commenta e manifesta em sua plena lucidez as doutrinas fundamentaes da *Socratica* primitiva. Pela outra o genio creador acrescenta do seu proprio cabedal os thesouros do saber [1]. Platão é o feliz intermediario entre a sciencia popular de Socrates e a philosophia profundamente scientifica de Aristoteles; entre o discurso socratico e o seguido e methodico raciocinar do sabio stagirita [2]. A fórma dialogal é ainda a predominante nos escriptos de Platão. A indole epagogica, o intento de guiar o proprio alumno a descobrir, pelos esforços dialecticos, a verdade procurada, é ainda preferida á scientifica exposição, ao processo escolar, acroamatico. Mas através da confusão e desordem apparente, em que as theses philosophicas transluzem disseminadas nas varias composições do chefe da academia, é facil perceber que um espirito didactico poderá construir com os copiosos materiaes d'aquelle cyclopico edificio uma regrada e mais symmetrica estructura. Nos escriptos de Platão existem já os elementos da sciencia confundidos em muita parte com o mytho e com a poesia [3]. Falta sómente

[1] «Μετὰ δὲ τὰς ειρημένας φιλοσοφίας ἡ Πλάτωνος ἐπεγένετο πραγματεία τὰ μὲν πολλὰ τουτοις ἀκολουθοῦσα, τὰ δὲ καὶ ἴδια παρὰ τὴν τῶν Ἰταλικῶν ἔχουσα φιλοσοφίαν.» Arist. *Metaph.* I, 8. Ed. Did. II, 477.

[2] «Die Schriften Plato's einen Fortschritt von der dialogischen Darstellung zur systematischen aufweisen.» Schw. *Gesch. der Phil.* 146.

[3] Como exemplos de quanto a imaginação se mescla ao pensamento philosophico, e a lenda mythologica ás fórmas dialecticas de Platão, veja-se no *Timeu* a hypothese platonica da creação do mundo, conceituada por seu auctor como um mytho apenas verisimil, εἰκότα μῦθον. Plat. *Tim.*, 29, 29. Ed. Did. I, pag. 205. Cf. 69, pag. 232. No *Gorgias* a fabula de Minos, Eaco e Rhadamantho apparece narrada largamente no meio

que um genio mais synthetico e positivo lhes dê fórma systematica para que a sciencia possa d'elles datar com segurança uma nova e grandiosa revolução. Ao interprete de Socrates deve pois succeder, na evolução do pensamento philosophico, um talento subtil, inquiridor, universal, compreensivo da unidade, e sobretudo inimitavel em reduzir as dispersas noções e processos scientificos a um corpo organisado e concreto de doutrina. O movimento de Socrates e dos sophistas,—movimento demolidor, negativo, desregrado,—achará em Aristoteles o seu efficaz e poderoso regulador. A hostilidade entre o espirito e a natureza será conciliada pelo talento multiforme d'aquelle pensador admiravel. Segundo a exacta e concisa apreciação de Diogenes Laercio a philosophia hellenica desde Thales até Platão percorre tres estadios, que na sequencia do tempo e das idéas se antecedem uns a outros: o primeiro physico, nas escolas dynamistas e mechanicas da Ionia,que limitam o seu esforço philosophico á explicação do Kosmos; o segundo ethico, de que Socrates é o principal representante; o terceiro finalmente dialectico, figurado em Platão, que d'este modo completa o quadro de toda a philosophia [1]. A sciencia das seitas antesocraticas é essencialmente cosmica, e quasi divorciada do principio intelligivel. A sciencia de Socrates e dos sophistas é restrictamente humana e social. A sciencia de Platão é dialectica, isto é, metaphysica no mais subido grau, sciencia das idéas, como origem e fundamento de todo o saber especial, e sciencia do *ser* verdadeiro e immutavel. Mas sob o influxo de Aristoteles o saber tornar-se-ha encyclopedico, e a unidade essencial do espirito e do universo, do *νοῦς* e da *φύσις*, rôta e violada pela estreiteza das concepções antecedentes, será felizmente restabelecida e com a fundação da racional philosophia nascerão ao mesmo tempo, delimitadas em seus dominios com suas proprias jurisdicções, as sciencias particulares. A philosophia será então encyclopedia. A antiguidade hellenica deputará o sabio de Stagira para que transmitta á mais remota posteridade, disposto e

de um dialogo moral e philosophico, e attestada por verdadeira n'estas palavras de Socrates: «Eis ahi, ó Callicles, o que eu ouvi e creio ser verdade.» «Ταῦτ' ἐστὶν, ὦ Καλλίκλεις, ἃ ἐγὼ ἀκηκοὼς, πιστεύω ἀληθῆ εἶναι.» *Gorg.*, Edit. bip. IV, pag. 166. Veja no *Protagoras* o mytho de Prometheu elegantemente recontado por Platão com todos os ornatos e primores do seu inimitavel dizer attico. *Protag.*, Edit. bipont. III, pag. 107 e segg. No *Phædro* o mytho dos dois cavallos, que tiram, um com regrado movimento, o outro em carreira desordenada, o carro, onde as almas se transmontam ao mundo supremo das *idéas*. No ensino platonico o mytho e o raciocinio, *μῦθος καὶ λόγος*, parece que são em muitos casos duas fórmas complementares da exposição. Assim no *Protagoras*. (Edit. bip. III, pag. 123) «Τοιοῦτόν σοι, ἔφη, ὦ Σώκρατες, ἐγὼ καὶ μῦθον καὶ λόγον εἴρηκα.»

[1] «Τῆς φιλοσοφίας ὁ λόγος πρότερον μὲν ἦν μονοειδὴς ὡς ὁ φυσικός, δεύτερον δε Σωκράτης προσεθηκε τὸν ἐθικὸν, τρίτον δε Πλατων τὸν διαλεκτικον, καὶ ἐτελεσιούργησε τὴν φιλοσοφίαν.» Diog. Laert. *Vit. philos.* III, 56.

ordenado com exacta classificação e dourado por originaes e brilhantes resplendores, o thesouro inestimavel das suas acquisições intellectuaes.

Platão aproveita e aperfeiçoa tudo quanto se contém de precioso na philosophia socratica, nos seus dois unicos aspectos, o methodo e a moral. Mas o talento fecundo e universal, que lustrara todos os caminhos da sciencia desde as mais altas cogitações da metaphysica até as mais sublimes especulações da geometria[1], mal poderia contentar a curiosidade ardente do saber, o *ἐρως*, o amor, que o impelle para o bem, o bello, e a verdade, com a esphera limitada, a que Socrates accommodara a modestia das suas locubrações. A indole philosophica de Platão é diversa, em pontos essenciaes antagonista do caracter scientifico do mestre. Socrates, o plebeo, o homem, que se delicia em cursar os ajuntamentos populares, o frequentador das praças e dos mercados, dá á sua

[1] Posto que entre os escriptos de Platão nenhum fosse especialmente consagrado ás sciencias mathematicas, e seja apenas conhecida por textos numerosos das suas obras philosophicas (*Timeu*, *Republica*) a predilecção, com que elle invocava os principios geometricos para melhor explanação das suas doutrinas, é comtudo valioso o testemunho da antiguidade para attribuir ao philosopho *divino* não sómente a profunda erudição na mais sublime geometria, mas o talento mathematico de invenção. Segundo Diogenes Laercio, Platão vae a Cyrene para ouvir as lições do geometra Theodoro, que elle introduz como interlocutor no dialogo *Theaeteto*. A celebre inscripção, que o philosopho idealista gravara na portada da sua escola, de que ninguem, que fosse ignorante da geometria, *ἀγεωμέτρητος*, viesse prophanar o sanctuario das suas licções, se não é rigorosamente historica, prova todavia que entre os antigos andava proverbial a valia, em que Platão havia a sciencia da quantidade e da extensão. Segundo a affirmação de Proclo (In Euclid. III, p. 1) e Diogenes Laercio o descobrimento da analyse geometrica, maravilhoso instrumento, com que a antiguidade realisou prodigios de especulação mathematica, é uma das glorias mais duraveis e brilhantes do chefe da academia. Alguns antigos escriptores attribuem a Platão o haver egualmente descoberto as secções conicas. É provavel que já antes d'elle fossem conhecidas e estudadas as suas propriedades principaes. (Veja Procl. in Euclid. II, p. 4). O mesmo se póde observar a respeito da invenção dos *logares geometricos*, uma das mais fecundas theorias da antiga e da moderna geometria. A directa interferencia, que a tradição attribuiu a Platão no celebrado problema da duplicação do cubo, que tanto preoccupou os geometras hellenicos e deu occasião a descobrirem-se tantas curvas de notaveis propriedades (conchoide, de Nicomedes, cissoide, de Diocles), é prova concludente de que no sentir da antiguidade o auctor da *Republica* e das *Leis* era um geometra de eminentes e creadoras faculdades. Cf. Montucla, *Hist. des Mathém.*, Paris, 1758, t. I, pag. 170 e segg. No *Philebo*, quando Platão pela voz de Socrates compara entre si as artes mais illustres, á architectura concede a primazia, por ser de entre todas por excellencia a geometrica: «Τεκτονικὴν δέ γε, οἶμαι, πλείστοις μέτροις καὶ ὀργάνοις χρωμένην, τὰ πολλὴν ἀκρίβειαν αὐτῇ πορίζοντα τεχνικωτέραν τῶν πολλῶν ἐπιστημῶν παρέχεται·» Plat. *Phil*. Edit. Bip. IV, 300.

philosophia um tom vulgar, estreitamente conchegado aos habitos e ás maneiras da turba, com quem vive e discreteia. A sua dialectica é ainda o bom senso, apenas encaminhado n'uma direcção especulativa. A metaphysica destoa da razão popular, que elle cultiva e aperfeiçoa. A sua philosophia é pratica e dirigida á utilidade, como as profissões da classe humilde, em que nasceu e se educou. Platão, o nobre pela estirpe, o herdeiro dos eupatridas, o descendente de Solon e de Codro, o despresador ou o inimigo das gentes populares, concebe a philosophia em vôos mais erguidos e sabe emancipar-se de quanto a sua indole aristocratica desdenha por impuro, material e achegado aos sentimentos e aos instinctos do vulgacho. Em Socrates o idealismo contribue apenas como instrumento para que o espirito descubra facilmente os caminhos da vida util, social, bemaventurada. Em Platão é ao contrario o assumpto capital da philosophia; é por si mesmo toda a sciencia, despojada de materialismo terrenal e purificada do minimo vislumbre de egoismo. Socrates, que vive ainda n'uma sociedade puramente atheniense, encurta o horizonte do seu saber e do seu philosophar dentro das muralhas da cidade. Tem em menos preço a sciencia antiga e ignora a sciencia contemporanea. Platão, que florece quando já vem proxima a refundição do mundo grego no mundo oriental, quando a philosophia está proxima a deixar de ser hellenica, para ser *hellenistica* e depois cosmopolita, comprehende na sua larga visão intellectual as doutrinas dos tempos, que passaram, e as idéas, que germinam nas mais distantes regiões. O fim da sua philosophia não é exclusivamente como o de Socrates o aproximar ao ideal do *Ethos* philosophico o helleno corrompido, e produzir o mais perfeito cidadão atheniense. É ao contrario instituir uma sciencia universal, absoluta, que se vincula pela tradição ás precedentes philosophias, e que utilisando tudo quanto o pensamento descobriu atê áquella edade, seja como o ultimo remate das conquistas intellectuaes. Entre os caracteres proeminentes dos que na philosophia teem o principiado, κωρυφαίων. figura em primeira plana no conceito de Platão o inteiro desapego das ambições e dos officios na republica e a deliberada ignorancia de tudo o que respeita á vida civica. «Elles (os philosophos genuinos) desde os annos juvenis, não sabem o caminho da *ágora*, nem onde fica o dikasterio, ou a sala do senado, ou o lògar onde se tractam os negocios da cidade. Não escutam nem lêem os decretos e as leis proclamadas ou escriptas. Nem sequer em sonhos participam nas facções e nas *hetairias*, que porfiam na eleição dos magistrados, nas assembléas, nas ceias ou nos festins, a que a *aulétris*, a flautista, vem prestar as suas lascivas seducções... É verdade que dos philosophos só vive e estanceia o corpo nas cidades: o espirito, havendo em mesquinho, ou em nenhum preço todas as vulgares occupações, d'ellas se afasta, e medindo, γεωμέτροῦσα, o que está sob a terra e acima d'ella, estudando os ceos, ἀστρονομοῦσα, inquirindo toda a natureza, no que diz respeito ao *universal*, só esquecem e des-

attendem o que teem junto de si [1].» Assim define Platão no *Theaeteto* a philosophia e o philosopho, dando-lhe por assumpto e mister exclusivo o investigar e discernir a *essencia*, o *ser*, a *substancia*, o que ha de universal e immutavel, φύσιν ἐρευνωμένη τῶν ὄντων ἑκάστου ὅλου. Por isso Platão, á semelhança do que a lenda reconta de Pythagoras e Democrito, discorre em fructuosas peregrinações as terras onde a sciencia se cultiva e se aprimora. Na primeira quadra do seu lavor espiritual, é puramente socratico. Os dialogos d'esta época inicial assemelham-se aos que Xenophonte compendiou nos seus *Apomnemoneumata*. O Socrates verdadeiro ainda n'elles não vem transfigurado n'um mestre idealisado, em cujo nome o philosopho academico se compraz em divulgar as proprias cogitações. A sua dialectica, posto que subtil, roça com a ponta da aza nas mundanas prophanidades, e não sabe despear-se inteiramente da vida commum e positiva para exalçar-se até ás mais aereas eminencias. A este periodo pertencem, segundo as engenhosas investigações do moderno criticismo [2], os dialogos, em que Platão busca definir uma idéa particular, tal como a da prudencia, σωφροσύνη, no *Charmides*, a do valor, ἀνδρεία, no *Laches*, a da piedade, ευσεβεια, no *Eutyphron*, ou procura já subir á formação do conceito da virtude em geral, como no dialogo *Protagoras*, ou ascendendo mais um grau na hierarchia das idéas, se empenha em sublimar-se até á concepção do *bem* e da justiça, como no *Gorgias*, consagrado ao mesmo tempo a refutar as doutrinas dos sophistas. N'este primeiro cyclo dos tractados de Platão, provavelmente escriptos na florida juventude e sob a viva inspiração do grande mestre, o methodo socratico não apparece ainda convertido n'esta dialectica cerrada e transcendente, que ressumbra no *Parmenides* [3], no *Timeu* e na *Republica*. Apoz esta adolescencia philosophica, o futuro instituidor da academia, deixa Athenas para dilatar o seu espirito em longinquas e diuturnas excursões.

[1] «Οὗτοι δὲ που ἐκ νέων, πρῶτον μὲν εἰς ἀγορὰν οὐκ ἴσασι τὴν ὁδὸν, οὐδὲ ὅπου δικαστήριον, ἢ βουλευτήριον, ἤ τι κοινὸν ἄλλο τῆς πόλεως συνέδριον· νόμους δε καὶ ψηφίσματα λεγόμενα ἢ γεγραμμένα οὔτε ὁρῶσιν οὔτε ἀκούουσι. Σπουδαὶ δὲ ἑταιρειῶν επ'ἀρχας καὶ σύνοδοι καὶ δεῖπνα, καὶ σὺν αὐλητρίσι κῶμοι, οὐδὲ ὄναρ πράττειν προσίσταται αὐτοις... ἀλλὰ τῷ ὄντι τὸ σῶμα μόνον ἐν τῇ πόλει κειται αὐτου, καὶ ἐπιδημεῖ. ἡ δὲ διανοια, ταῦτα πάντα ἡγησαμένη σμικρὰ, καὶ οὐδεν ἀτιμάσασα, πανταχῇ φέρεται, κατὰ Πίνδαρον, τά τε γᾶς ὑπένερθε καὶ τὰ ἐπιπερθεν γεωμετροῦσα, οὐρανοῦ τε ὕπερ ἀστρονομοῦσα, καὶ πᾶσαν πάντη φύσιν ἐρευνωμένη τῶν ὄντων ἑκάστου ὅλου, εἰς τι τῶν ἐγγὺς οὐδὲν αὐτὴν συγκαθιεῖσα.» Plat. *Theaet*. Edit. bip., II, pag. 115-116.

[2] «Principalmente proseguidas por Schleiermacher e ainda melhor por Hermann na sua *Geschichte und System der platonischen Philosophie*.

[3] A critica novissima em Allemanha, a terra classica do scepticismo em assumpto de authenticidade quanto aos escriptos reputados até agora por genuinos, averba de sus-

A principio vae a Megara e convive com Euclides, o mais fervoroso dos seus antigos condiscipulos, de quem a tradição encareceu n'uma lenda, porventura fabulosa, a paixão ardente de saber e o desejo insaciavel de escutar a irresistivel disputação do grande pensador[1]. Euclides fundira á sua maneira a doutrina de Socrates com a philosophia de Zeno e de Parmenides. Por elle se infiltram em Platão as idéas eleaticas, d'entre todos os systemas antecedentes o mais accommodado á indole idealista do philosopho[2]. A viagem ao Egypto patenteia-lhe os thesouros d'aquella singular civilisação e é talvez d'ali que o sabio atheniense deriva uma parte dos seus conhecimentos nas sciencias mathematicas. A Sicilia e a Magna Grecia apellidam-n'o a versar as doutrinas pythagoricas, de que são frequentes os transumptos nos tratados platonicos, e principalmente no *Timéo*[3]. Dos restantes systemas philosophicos aproveita ainda

peitas muitas das composições geralmente attribuidas a Platão. Entre os escriptos considerados por alguns como pseudo-platonicos apparece o *Parmenides*, segundo o juizo de Ueberweg (*Geschichte der Philosophie des Alterthums*, hist. da phil. da antiguidade).

[1] A traça, com que Euclides de Megara (quando era sob pena capital defeso aos megarenses entrar em Athenas) continuou furtivamente em trajo feminino as suas nocturnas visitas á cidade, para assistir ás lições de Socrates, vencendo duas vezes em cada noite a consideravel distancia, que separava as duas povoações, é referida por Aulo Gellio. *Noct. Attic.*, VI, 10. Não parece, porém, ter maior plausibilidade que outros episodios romanescos, ou fabulados, que em Diogenes Laercio vemos attribuidos a alguns philosophos hellenicos. Os grandes nomes litterarios eram para a antiguidade, como os gloriosos nomes guerreiros, o fundo historico, onde a lenda se comprazia em bordar e entretecer os ornatos de uma phantasia sequiosa de mesclar o maravilhoso aos successos da vida real e positiva.

[2] Schweg. *Gesch. der griech. Phil.*, 152-153.

[3] Além do *Timéo*, o *Philebo* é copioso em doutrinas pythagoricas ácerca do numero e da unidade, do finito, do infinito e da harmonia. *Phileb.*, Edit. bip. IV, pag. 222 e pag. 251. A influencia da musica em temperar os affectos e as paixões e polir e adoçar os costumes é, em Platão, além de uma practica tradicional na educação atheniense, uma consequencia da doutrina pythagorica da harmonia. Veja no *Protagoras*, edit. bip., III, pag. 117 e 118 summariado o systema pedagogico seguido em Athenas e na pag. 118 a razão profundamente pythagorica do ensino musical na educação da juventude. «*Καὶ τοὺς ῥυθμους τε καὶ τὰς ἁρμονίας ἀναγκάζουσιν οἰκειοῦσθαι ταῖς ψυχαις τῶν παιδων, ἱνα ἡμερώτεροι τε ὦσι, καὶ εὐρυθμότεροι καὶ εὐαρμοστότεροι γιγνόμενοι, χρήσιμοι ὦσον εἱς τὸ λέγειν τε καὶ πράττειν. πᾶς γὰρ ὁ βίος τοῦ ἀνθρώπου εὐρυθμιας τε καὶ εὐαρμοστιας δειται.*» Aristoteles, posto que manifestamente parcial na apreciação da doutrina platonica das idéas, não errou em contar os pythagoricos entre os avoengos d'esta concepção, que todavia systematisada pelo chefe da academia apparece como original na fórma e exposição. Segundo Aristoteles a *idéa* de Platão é o *numero* de Pythagoras, mudado o nome apenas. «*Οἱ μὲν γὰρ Πυθαγόρειοι μιμήσει τὰ ὄντα φασιν εἶναι*

o heracliteo [1]. A concepção do mundo phenomenal, como um fluxo perpetuo, um eterno *devenir*, uma negação da essencia e realidade, é um dos polos em que se libra a metaphysica platonica, sendo o outro a theoria das *idéas*, a mais alta e arrojada concepção da antiga philosophia.

A frequencia de Platão com Dionysio, o antigo, tyranno de Syracusa, é um dos factos paradoxaes na vida aventurosa do philosopho. A corte d'aquelle principe, que a historia nos descreve tão lettrado, como oppressor, offerecendo practicamente ao pensador atheniense, como n'um laboratorio, o estudo experimental das fórmas de governo e da sua lastimosa degeneração, lhe daria a contraprova das doutrinas já bosquejadas para a definitiva redacção da *Republica* e do *Politico*, os dois dialogos, em que apparece systematisada extensamente a concepção do estado na sua ideal e completa perfeição. Das feições moraes e politicas de Dionysio foi de certo copiado o retrato, em que Platão desenhou e colorio o typo do *tyranno* nas cidades hellenicas [2].

É provavelmente após as longas peregrinações fóra da patria, que Platão dá principio ao segundo periodo na evolução das suas idéas philosophicas e de alumno e expositor da *Socratica* original passa a instituidor de escola propria. É então que a doutrina, apenas esboçada pelo mestre, se desenvolve e se converte em theoria das idéas substanciaes e objectivas. É a quadra, a que é plausivel referir a composição d'estes dialogos, chamados pela critica moderna *dialecticos*. É o tempo em que Platão escreve o *Theaeteto*, onde se investigam os fundamentos da sciencia; o *Sophistes*, em que á variavel e pessoal opinião, professada por estes mestres mercenarios, se contrapõe a sciencia real, verdadeira, objectiva, que se firma no existente, no τὸ ὄν; o *Politico*, consagrado ás questões do direito publico, e á noção philosophica do justo; o *Parmenides*, em que o dogma das idéas é submettido á controversia e discussão, e onde os dois mais famosos eleatas, contendendo rijamente com o mestre de Platão, levantam reparos e objecções, que Socrates mal consegue desatar [3]. No terceiro periodo platonico, o philosopho suppõe já solidamente baseada a sua these fundamental, e busca erigir o edificio systematico da sua philosophia, applicando a *Idéa* aos dois grandes problemas da sciencia, a estructura do Kos-

τῶν ἀρυθμῶν, Πλάτων δὲ μεθέξει, τοὔνομα μεταβαλών.» Arist. *Metaph.*, I, 6. Ed. Did. II, pag. 477.

[1] «Ἀεὶ γὰρ ἅπαντα ἄνω καὶ κάτω ῥεῖ» Plat. *Phileb.*, Edit. bip., IV, pag. 273.

[2] Plat. *Repub.* VIII e IX *passim*.

[3] Este exame, que da theoria das idéas se prosegue entre Socrates, Parmenides e Zeno, e a vehemencia dos reparos, com que os dois eleatas pretendem abalar esta doutrina, fez dizer ao professor Sottini, que o *Parmenides* deveria intitular-se *dialogo contra as idéas*. Sottini; *Aristotile e il metodo scientif. nella antich. greca*, pag. 82.

mos no *Timéo*, e a constituição moral, no *Philebo*, no *Phaedon*, na *Republica*, nas *Leis*, e nos dois tratados, o *Phaedro* e o *Symposion*, que se podem reputar como propedeuticos a esta época de perfeita maturidade philosophica[1].

A sciencia apparece em Platão já tripartida[2]. A *dialectica* é no philosopho academico o que no systema de Hegel ou de Schelling será a logica transcendente e a *philosophia do espirito*. A *physica* terá de comprehender a *philosophia da natureza*. A *ethica* será finalmente a sciencia do homem e da sociedade, e constituirá a philosophia practica pelo fim, mas profundamente especulativa no principio e no processo.

Na *Republica* a dialectica ainda n'um logar é definida á maneira propriamente socratica. É, segundo Platão, aquella disciplina, que torna os espiritos aptissimos para interrogar e responder. É esta a que o theorico legislador da perfeita *politeia* ou sociedade idealisada, explicando a norma e o teor da educação official, propõe que por lei se torne obrigatoria para os mancebos, que mais tarde hão de exercer os altos officios da cidade[3]. No fim do livro VI da *Republica*, Platão levanta-se a uma noção mais transcendente da sua dialectica. É ella então a sciencia do intellegivel, do que existe por si, ἐπιστήμη τοῦ ὄντος τε καὶ νοητοῦ; o processo, pelo qual a razão pura, νοησις, se levanta por suas gradações, ἐπιβάσεις, sem nenhum conceito empirico, pelo esforço creador da intelligencia, τῇ τοῦ διαλέγεσθαι δυνάμει, até o principio do universo, ἐπὶ τὴν τοῦ παντὸς ἀρχὴν[4]; o conhecimento verdadeiro em summo grau, μακρῷ ἀληθεστάτην γνῶσιν[5]; é a sciencia do que não tem principio, antes sempre existe por si mesmo e sem nenhuma alteração[6]. N'esta dialectica sublime de Platão, n'esta energia do espirito,

[1] Apesar das utopias, de que pela maior parte se entretece a *Politeia*, ou republica de Platão, ha no seu conteúdo e nos principios que a dominam, um grande e generoso pensamento, que poderia ser posto em antithese edificante com as doutrinas, que na presente época propendem para fazer do estado uma associação, cujo destino é puramente material e chrematistico, sem nenhuma consideração pelos altos fins moraes da humanidade. Na concepção platonica o *Estado* é definido como a realisação da mais eminente na hierarchia das idéas, a idéa do bem, a idéa da justiça, realisada em ponto grande, como se fôra no homem em grande escala. (Rep., II, pag. 30) V. Schwegler, *Gesch. der Phil.*, 174, segg. Guelfi, *La dottrina dello Stato nella antichità greca*, 49 e segg.

[2] «Μίξας ὁμοῦ φυσικὴν, ἠθικὴν, διαλεκτικὴν» Orig. *Philosouphomena*, I, Ed. Oxford, pag. 20,

[3] «Νομοθετήσεις δε αυτοῖς ταύτης μάλιστα τῆς παιδείας ἀντιλαμβάνεσθαι, ἐξ ἧς ἐρωτᾶν τε καὶ ἀποκρίνεσθαι ἐπιστημονέστατα οἷοί τ'ἔσονται.» Rep. VII, pag. 138.

[4] *Rep.* VI, Ed. Did. I, 123.

[5] Plat. *Phileb.* Ed. bip. IV, 304.

[6] Ἡ δὲ (ἐπιστήμη) ἐπι τὰ μήτε γιγνόμενα, μήτε ἀπολλύμενα (ἀποβλέπουσα), κατὰ ταυτὰ δὲ καὶ ὡσαύτως ὄντα ἀει. Plat. *Phileb.* Ed. bip. IV, pag. 311.—«Φιλόσοφοι μὲν

que produz a noção, a idéa, a qual é por si a propria essencia e objectividade, n'este movimento immanente da razão, que, alteando-se acima do phenomenal e do empirico, chega a conquistar ou antes a crear o absoluto, quem não vê o germen de todas as modernas philosophias, que identificam a idéa e o ser, o espirito e a natureza, e que imprimem ao pensamento a omnipotencia creadora? Platão é o verdadeiro fundador do idealismo. Todos os ulteriores desenvolvimentos d'esta philosophia até ao seculo presente, estão contidos virtual ou expressamente na concepção fundamental do grande mestre[1]. O proprio Hegel examinando a doutrina de Platão, assentou que a sua dialectica é o movimento logico, pelo qual se alcança a consciencia de que o espirito é o ser absoluto[2]. É verdade que Platão não proclama abertamente o principio d'esta identidade. Dando porém ás *idéas* a verdadeira e unica realidade, oppondo-as como essencia eterna e immutavel á variedade transitoria do mundo phenomenal, cifrando n'ellas o absoluto, e o objectivo, e conferindo á alma a faculdade de as rastrear, pela remeniscencia ou ἀναμνησις[3], levou a especulação a um ponto de tão ousada temeridade philosophica, que já não era difficil a um novo idealista supprimir o breve intervallo, que separa o espirito e o absoluto, o pensamento e a existencia, o sujeito e o objecto. Assim como em Platão as *idéas* não são puros conceitos logicos, mas a propria essencia e substancialidade, assim tambem em Hegel a noção *(der Begriff)* é por si mesma potencia substancial, é o principio de toda a vida, o concreto, o absoluto[4]. Como base de dois systemas diversamente modelados, mas congeneres, o εἶδος de Platão, e o *Begriff* do philosopho germanico, representam a mesma funcção na theoria das relações entre o *ser* e o *pensamento*. A semente lançada pelo grande pensador ficou esteril durante dois mil annos[5]. A philosophia como construcção e systema

δι τοῦ ἀεὶ κατὰ ταὐτὰ ὡσαύτως ἔχοντος δυνάμενοι ἐφάπτεσθαι. Plat. *Rep.*, VI. Ed. Did. I, 104. Cf. Ibid. pag. 105. Τοῦτο μὲν δὴ τῶν φιλοσόφων etc.—«Τὸ... περὶ τὸ ἀεὶ καὶ κατὰ τὰ ὡσαύτως ἀμικτότατα ἔχον.» *Phileb.* Ed. bip. IV, 306.

[1] «Er hat den Idealismus für alle Zeiten hingestellt und ihm classischen Ausdruck verliehen.» Schw. *Gesch. der Phil.* 184.

[2] Willm. *Hist. de la phil. allem.*, IV, 26.

[3] «Τὸ γὰρ ζητεῖν ἄρα καὶ μανθάνειν, ἀνάμνησις ὅλον ἐστίν.» Plat. *Menon.* Edit. bip., IV, pag. 351. «Οὔ φημι διδαχὴν εἶναι, ἀλλ' ἀνάμνησιν.» Plat. *Menon.* Edit. bip. IV pag. 352.

[4] Hegel, *Encyclop.*, §§ 160-161.—«Le général ou l'universel n'est pas une simple abstraction, *mais ce qui est véritablement dans les choses; c'est le principe du Platonisme*, du Stoïcisme, du réalisme au moyen âge. «Willm. *Hist. de la phil. allem.*, IV, 187.—Cf. no mesmo vol., pag. 43.

[5] «Tout ce qu'il y a de plus élevé se rencontre dans la philosophie de Platon. Ce ne sont, il est vrai, que des pensées pures, mais elles renferment le principe de tout. Ces

scientifico principiara com Platão. Elle é, no sentido mais lato de expressão, o primeiro e o mais alto representante da objectividade nos systemas philosophicos [1].

Aproveitando tudo quanto na philosophia do mestre e nas doutrinas das escolas presocraticas, podia favorecer o idealismo, concebeu e explanou, posto que sem fórma systematica, os fundamentos de uma nova philosophia e levantou-se á mais subida altura, a que possam revoar os espiritos sublimes nas regiões da transcendente especulação. Concentrando o seu potentissimo intellecto na theoria das idéas, entrincheirando-se, como os eleatas, se bem com intuitos e resultados diversissimos, na consideração dos conceitos *à priori*, devia forçosamente desattender o Kosmos, situar o mundo phenomenal na segunda plana das suas investigações, e á semelhança de Parmenides relaxar á alçada variavel da opinião e da apparencia, δόξα, a esta percepção intermediaria entre o conhecimento e a ignorancia [2], a explicação do universo material. E em verdade no juizo de Platão, pertence o Kosmos a esta esphera de existencias, a que não póde attribuir-se realidade objectiva, porque não é o εἶδος, a *idéa* pura, a que sómente cabe a existencia independente e verdadeira [3], senão a copia, a imitação, de que a *idéa* é o modelo, o *paradigma* [4]; a estas noções, que perpetuamente oscillam e revoluteam (κυλινδεῖται) entre o ser e o não ser [5]. A natureza, no systema idealista do philosopho, não póde ser assumpto de sciencia, porque não alcança nunca os fóros de verdade. Quanto d'ella se affirma tem apenas os caracteres de hypothese, verisemelhança, conjectura. Furta-se pois á jurisdicção da dialectica, e só póde ser expresso na fórma de mythos, mais ou menos engenhosos e plausiveis [6]. Sómente no ideal, no intellegivel tem logar a certeza philosophica; no mundo phenomenal a probabilidade. E n'este ponto, ainda

formes restérent stériles pendant deux mil ans... ce n'est que dans ces derniers temps qu'on a commencé à les comprendre.» Willm., *Hist. de la Phil. allem.*, IV, 29-30.

[1] Guelfi, *La dottr. dello Stat.*, 42.

[2] «Οὔτε ἄρα ἄγνοια οὔτε γνῶσις δόξα ἂν εἴη... Μεταξὺ ἄρα ἂν εἴη τούτοιν δόξα.» Plat. *Rep.* v, Ed. Did., II, 103.

[3] Plat. *Parmen.* 132.

[4] «Τὰ μὲν γὰρ δύο ἱκανὰ ἦν ἐπὶ τοῖς ἔμπροσθεν λεχθεῖσιν, ἓν μὲν ὡσ παραδείγματος εἶδος ὑποτεθὲν, νοητὸν, καὶ ἀεὶ κατὰ ταὐτὰ ὂν, μίμημα δὲ παραδείγματος δεύτερον, γένεσιν ἔχον καὶ ὁρατόν.» Plat. *Tim.*, Ed. Did. II, 217.

[5] «Εὑρήκαμεν ἄρα, ὡσ ἔοικεν, ὅτι τὰ τῶν πόλλων πολλὰ νόμιμα καλου τε πέρι καὶ τῶν ἄλλων μεταξύ πού κυλινδεῖταιτ οὖ τε μὴ ὄντος καὶ τοῦ ὄντος εἰλικρινῶς,» Plat., Rep. v. Ed. Did., II, 103.

[6] «Ὥστε περὶ τούτων τὸν εἰκότα μῦθον ἀποδεχομένους πρέπει τούτου μηδὲν ἔτι πέρα ζητεῖν.» Plat. *Tim.*, Ed. Did., II, 205.

que n'uma accepção menos restricta, é notavel a concordancia do principio de Platão com a doutrina de Laplace [1].

Teve o idealismo objectivo de Platão, como todas as grandes construcções philosophicas antigas, um lado resplandecente e luminoso, e um lado obscuro e maculado por absurdos exaggeros. Prestou por uma parte serviço relevante á cultura intellectual, mas obstou pela outra ao progresso da sciencia, que se encaminha a observar e entender o mundo phenomenal. Proclamar e defender que além da variedade infinita das apparencias e dos factos individuaes, havia alguma coisa permanente e superior á eterna fluctuação das coisas physicas, estabelecer e definir que acima do singular e do sensivel existia o intelligivel, o universal, era tornar possivel a sciencia, que só póde conceber-se, não como catalogo de phenomenos discordes, senão como systema de idéas comprehensivas e geraes. A *idéa* assegurava pois a possibilidade do saber. Era o poderosissimo instrumento, com que a propria sciencia da natureza podia conquistar duas noções essenciaes á sua evolução, a noção do *typo* e a da *lei*. Pela primeira era dado reduzir a modelos, a paradigmas ideaes, a fórmas normaes, médias, independentes das infinitas e apparentes variações, a multiplicidade nas creações da natureza, e dar origem ás sciencias naturaes. Pela segunda alcançava-se o ascender desde os factos apparentemente desconnexos, anarchisados, rebeldes a toda a tentativa de unidade e harmonia, até a estas formulas subjectivas, que se não representam fielmente o *porqué* dos factos cosmicos, satisfazem todavia a uma necessidade imperiosa da razão, a de enfeixar n'uma idéa, n'uma lei, n'um conceito geral e philosophico os phenomenos ligados pelos vinculos da proxima ou remota analogia. Assim o idealismo estreme de Platão, apesar de que apenas concede ao mundo physico uma existencia contradictoria, um hybridismo de ser e de não ser, penetra e illumina as escolas mais audazes e impenitentes no seu materialismo. Quando a observação e a experiencia conquistam finalmente o sceptro nas sciencias da natureza e da humanidade, lá está a *idéa*, o principio intelligivel, o universal, a presidir ás investigações experimentaes. É para ella que trabalham os admiraveis instrumentos, que estão hoje alongando e fortalecendo aos sabios a visão nas profundezas do espaço e da materia. O grande merito de Platão, o precioso descobrimento, com que elle veiu illuminar á razão humana os caminhos da futura especulação, é o de que ou a *idéa*, o *universal*, tem forçosa realidade objectiva, ou é impossivel a sciencia no

[1] «On peut même dire à parler en rigueur que presque toutes nos connaissances ne sont que probables; et dans le petit nombre des choses, que nous pouvons savoir avec certitude, dans les sciences mathématiques, elles-mêmes, les principaux moyens de parvenir à la vérité, l'induction et l'analogie se fondent sur les probabilités.» Laplace, *Essai philosophique sur les probabilités*. Paris, 1840, pag. 1-2.

rigoroso e estricto significado, em que elle com lucida exacção a definiu,—o conhecimento verdadeiro alcançado pela rasão[1]. Dois vicios capitaes volviam infecundos os trabalhos do grande pensador. O primeiro, consistia em que a sua doutrina em vez de acceitar, como os subsequentes systemas idealistas, o mundo physico, e ajustal-o aos principios da theoria, começava desde logo eliminando-o como assumpto de sciencia verdadeira. O segundo era que estabelecendo a infinita hierarchia das idéas substanciaes e separadas, até pôr-lhe como remate a idéa suprema, a do bem, ἀγαθὸν, ou a do ser absoluto, construia um organismo complicado, e como se disseramos, privado inteiramente de apparelho reproductor, um todo immobilisado, a que não podia applicar-se o movimento dialectico, um systema, a que falta um principio de genese, e um processo accomodado a explicar o *devenir*[2]. Se Platão introduzindo a *idéa* na sciencia é o verdadeiro fundador do pensamento scientifico, a sua intolerancia systematica, o seu desdem incorregivel pelo Kosmos, teriam condemnado o espirito humano a recolher-se perpetuamente, sublime solitario, nos adytos sombrios da sua propria cogitação, alheio á luz experimental, e absorto na esteril contemplação da *idéa* absoluta, se o genio de Aristoteles não viera rehabilitar a natureza, e congraçar em justo e fecundissimo equilibrio o idealismo da razão e a realidade do mundo material.

XVIII

Aristoteles é o talento mais fecundo e eminente de toda a antiguidade. Nenhum homem teve como elle esta rara e perigosa preeminencia de reger e encadear durante seculos o pensamento scientifico das duas raças principaes, de cuja actividade veiu a nascer a moderna civilisação. Nenhum espirito prophano, por mais alto e luminoso, gosou como Aristoteles este assignalado privilegio de que as suas idéas se venerassem como dogmas, e de que o seu nome fosse tido por synonimo da sciencia. A energia do seu talento impelliu até os nossos dias ondas de luz intellectual. Mas a idolatria pelo seu systema, estancando nos espiritos as fontes do livre exame, e reduzindo a interpretações e commentarios sobre a lettra do grande mestre toda a facundia espiritual da edade média, foi o mais lastimoso impedimento a que mais temporan e diligente acordasse para saudar a natureza a moderna investigação.

Mas esta singular e duradoura preferencia dada pelos theologos e philosophos christãos e musulmanos, durante os tempos medios, ao immortal prece-

[1] «Δόξαν ἀληθῆ μετὰ λόγου, ἐπιστήμην εἶναι.» Plat. *Theaet.*, Ed. bip., II, 177-178.

[2] Guelfi, *La dottrina dello Stato*, 43.

ptor do macedonio, attesta claramente a sua indisputavel superioridade sobre todos os engenhos philosophicos da Grecia. Com melhor fortuna que a do seu vaidoso alumno, a penna do stagirita alcançou transmittir a remota posteridade como lei imperativa a sua idéa, em quanto a espada do glorioso general reluz apenas frouxamente nas recordações da historia. A doutrina, que o philosopho creou, ainda claramente a distinguimos, como se fôra o esqueleto, sobre o qual a moderna sciencia especulativa e experimental, com a opulencia admiravel das suas conquistas incessantes, veiu completar o organismo. As leis do pensamento e as fórmas da linguagem scientifica são ainda hoje genuinamente aristotelicas. Os seus engenhosos descobrimentos, que os ha verdadeiros e assombrosos em meio de infinitas e pesadas futilidades metaphysicas, estão hoje por tal maneira encorporados nos processos mais vulgares do pensar e do dizer, que parece viver ainda o seu immenso espirito no meio das profundas transformações por que passou a culta humanidade até chegar ao seu modo presente de existir. Contribuiram para esta preferencia diversas condições. A primeira o valor intrinseco da sua especulação, depois a ordem systematica e doutrinal, a que soube reduzir o methodo e o conteúdo da sciencia, na sua tripartida comprehensão de sciencia das concepções theoricas (θεωρητική), sciencia da vida pratica ou moral (πρακτική) e sciencia das creações artisticas (ποιητική); depois ainda a perfeita codificação de todas as doutrinas e preceitos referentes ao exercicio do pensamento, e que são o methodo, o instrumento, o *organon*, com que o espirito alcança o conhecimento da verdade. E finalmente não menos concorreu para a profunda assimilação das suas idéas no mundo, que surgiu das ruinas greco-romanas, a feição cosmopolita, em que Aristoteles se distingue dos philosophos antigos, mais austeramente gregos, se bem pareça exaggerada a opinião de Guilherme de Humboldt, de que o stagirita é quasi *não hellenico*[1]. Não se póde todavia contestar que dois caracteres essenciaes o differençam dos seus antecessores, em que mais luziram os dotes peculiares á antiga Hellade. A primeira é a fórma scientifica, na qual soube moldar o seu pensamento philosophico, e em que não podia achar antecedentes, nem exemplos ainda nos mais claros pensadores, que o tinham precedido. A segunda é a linguagem didactica, severa, desenfeitada, mesmo arida, em que deixou escriptos os seus multiplices tratados, ao revez do estylo exornado e resplendente, poetico e imaginoso, em que apparece figurado o pensamento de Platão, ainda n'aquellas obras, onde o estro philosophico se levanta ás aereas subtilezas da mais nevoenta dialectica; ao revez d'aquelle ingenito pendor, com que os engenhos hellenicos se haviam sempre deliciado em tingir de imaginação e mythologia os mais puros conceitos philosophicos. D'aquelle tom

[1] Vej. o artigo *Grote's Aristotle*, na *Edimburgh Review*, octob. 1872, pag. 518–519.

phantasioso, d'aquelle gracioso colorido, que fôra sempre inseparavel do espirito da Grecia, apenas se deparam frouxissimos vislumbres nas paginas austeras de Aristoteles, embora o testemunho do maior artista da palavra entre os antigos, nos assegure e exemplifique a eloquencia do philosopho em livros seus, que não chegaram até nós [1].

Adorado como um nume, consultado como um oraculo, venerado como a personificação do saber universal, durante o predominio da Escholastica, apontado na Renascença com desprezo e vituperio por audazes revolucionarios, em nome da razão emancipada e da sciencia experimental, sómente ha poucos annos a critica sisuda começou a avaliar em justo preço os meritos e os defeitos d'aquelle grande pensador. Achou-o desfigurado pelas glossas da meia edade christã e musulmana, disfarçado na garnacha doutoral de Paris ou de Bolonha, lançou-lhe novamente nas espaldas a tunica da antiguidade e restituiu á historia do pensamento o authentico Aristoteles, em vez do falso peripatetico, fabulado pela dialectica pura das escolas.

Entre Platão e Aristoteles, apesar da relação de mestre e alumno, ha nas doutrinas uma inconciliavel discordancia. Se o ideal é em Platão o assumpto de toda a philosophia, a sciencia ao contrario em Aristoteles só póde tomar por fundamento a existencia experimental. Segundo Platão o mundo physico é apenas a sombra, ou a parodia das idéas. Em Aristoteles é a sua realisação. Em Platão a *idéa* separada, substancial, eterna, independente das suas imperfeitas copias phenomenaes, é plenitude, essencia, realidade. Aristoteles, professando que a fonte originaria do saber é a percepção sensivel, admitte a *idéa* como o principio do universal, e confere-lhe no seu systema philosophico uma funcção preeminente, sem comtudo attribuir-lhe a realidade exclusiva, em detrimento da realidade experimental. Em Platão a *idéa* é a luz, a existencia individual apenas um reflexo. Em Aristoteles a *idéa* coexiste em cada ser, é d'elle inseparavel, e apparece convertida no conceito da *fórma*, a qual individualisa e determina a ὕλη, ou a materia em cada substancia particular.

D'esta concepção fundamental na philosophia aristotelica, em diametral opposição ao idealismo de Platão, deriva como forçoso corollario, a total contradicção entre os methodos seguidos pelos dois egregios sabedores. Platão, apegado ao ideal e suprasensivel, revôa em regiões inaccessiveis ao mundo phenomenal, e construe todo o saber pela energia dialectica do espirito. Aristoteles,

[1] Cicer. *De natur. Deorum* II, XXXVII. Ed. Elzevir, 1661, pag. 1132, cita um logar de Aristoteles, provavelmente de um dos escriptos *exotericos*, como exemplo da sua facundia. Mas o fragmento citado, ainda que embellecido por uma viva hypotypose, não póde certamente contrapesar a scientifica aridez, com que estão escriptas as obras, que do mestre nos legou a escassa antiguidade.

ao revéz, no seu trabalho philosophico parte do real e do sensivel, para elevar-se desde os postulados da experiencia até á noção do universal.

Em logar de fundar exclusivamente o conhecimento e o saber no raciocinio deductivo, como erradamente suppozeram os discursadores da edade média,—os maximos idolatras e os maiores inimigos da philosophia aristotelica, é pelo contrario o stagirita o fecundo creador da sciencia experimental e dos processos de inducção. É verdade que promulgando, como n'um codigo perfeito e systematico, nas *Categorias*, nos *Analyticos*, e nos demais escriptos de que se compõem o *Organon*, as leis e as praxes racionaes do pensamento, redigindo em corpo de doutrina a logica formal, dando por instrumento poderoso á razão pura o syllogismo[1], exaggerando-lhe a efficacia e o valor e reputando-o a mais prodigiosa e original das suas invenções[2], Aristoteles parece confiar ás especulações da theoria o futuro da sciencia. É em nome do pensamento especulativo que o saudam, o divinisam, e o adoram os que até o seculo XVIII, nos paizes ainda cerrados á luz da philosophia experimental, reduzem a sciencia a uma esteril logomachia, especie de hecatombe da razão, immolada perennemente sobre o tumulo do velho stagirita. Mas se a feição dialectica do mestre apraz aos espiritos subtis, que preferem a interrogar a natureza o ler e decifrar o oraculo de Stagira, os entendimentos educados nos methodos empiricos das sciencias naturaes, acclamam em Aristoteles o que instaurou os processos inductivos no proprio tempo, em que apoz as seductoras phantasias de Platão, é chegado á maxima espessura o nevoeiro metaphysico[3].

O chefe da escola peripatetica não é, porém, seguramente um tão severo positivista como Stuart Mill, nem tão avesso ás especulações idealistas, qual o retratou n'um livro precioso o talento infatigavel de George Grote[4]. Aristoteles não é nem um nebuloso idealista, á maneira de Platão, nem um severo *physiologo*, á semelhança de Anaximandro, nem um professo materialista, á guisa de Democrito. A sua doutrina é um meio termo, uma conciliação, baldada muitas vezes, entre o espirito e a materia, entre a idéa e a sensação.

[1] «Ἀπόδειξιν δὲ λέγω συλλογισμὸν ἐπιστημονικόν.» Arist. *Analyt. Post.*, I, 2, 4. Ed. Did. I, pag. 122.—«Ἡ μὲν γὰρ ἀπόδειξις συλλογισμός τις» *Anal. Prior.* I, 4, 1, pag. 41.

[2] O syllogismo era para Aristoteles um motivo de tão glorioso desvanecimento, que uma das duas vezes, em que o philosopho falla de si proprio em suas obras, é para celebrar e encarecer a innovação, em que não tivera predecessores. Arist. *De sophist. elench.*, XXXIV, 8, Ed. Did. I, pag. 309.

[3] «Il metodo adoperato da Aristotile fù nell' antichitá quello che più si assomigliò al metodo delle scienze d'oggidi.» Sottini, *Arist. e il met. scient.* 152.

[4] *Aristotle.* By George Grote. Edited by Alexander Bain and J. Croom Robertson. Lond. 1872.

O seu methodo é de conseguinte uma ponderada combinação do processo experimental e da cogitação especulativa, da *épagoge* ou inducção, e da ἀπόδειξις ou raciocinio deductivo. O seu systema tem por duplicado fundamento a experiencia, que ministra os principios indemonstraveis, os termos médios, ἄμεσα, e o syllogismo, que é o poderoso mechanismo destinado a construir sobre os principios immediatos o saber demonstrativo, o que merece propriamente o nome de sciencia, ἐπιστήμη[1]. A sciencia em Aristoteles, como em Platão, não é o conhecimento dos factos singulares e isolados, mas o empenho e o esforço da razão para descobrir e penetrar as causas e as leis, ascendendo por suas gradações até á causa prima, necessaria[2].

Em Aristoteles, como em Platão, é o *universal*, τὸ καθολου, o que é commum ás coisas individuaes, τὸ κοινῆ κατηγορούμενον[3], a idéa, εἶδος, o que imprime na materia, considerada como indefinida, ἄπειρον, como illimitada, ἀόριστον, as suas determinações e o que tornando cognoscivel o mundo phenomenal, realisa a possibilidade do saber[4]. Porque se nada existe além do singular, τὰ καθ'ἕκαστα, e do sensivel, τὰ αἰσθητά, nada ha tambem intelligivel, νοητὸν, e não poderá tampouco haver sciencia[5]. A verdadeira sabedoria, σοφία, não reside na percepção dos sentidos[6]. Os que apenas tem por norte a experiencia, os empiricos, ἔμπειροι, sabem apenas que existe alguma coisa, τὸ ὅτι, e ignoram o *porquê*, διοτι[7]. Em Platão e Aristoteles é principio fundamental que sem o universal, τὸ καθόλου, não é possivel a deducção, ou ἀπόδειξις, e sem ella seria inexequivel a sciencia[8].

Mas a philosophia aristotelica logo desde o introito differe da platonica, em que o mestre presuppõe o *universal*, τὸ κάθολου, independente das existencias particulares, como idéas substanciaes e separadas, οὐσίαι χωρισταί, não só

[1] «Ἅπαντα γὰρ πιστεύομεν ἢ διὰ συλλογισμοῦ ἢ ἐξ ἐπαγωγῆς.» Arist. *Anal. Prior.* ɪɪ, 25, 1, pag. 116.

[2] «Τότε γὰρ εἰδέναι φαμεν ἕκαστον, ὅταν τὴν πρωτην αἰτίαν οἰωμεθα γνωρίζειν.» Arist. *Met.* ɪ, 3, 1, pag. 471.

[3] «*Met.* ɪɪ, 6, 5, pag. 499.

[4] «ἡ γὰρ ἕν τι καὶ ταὐτόν, καὶ ἡ καθόλου τι ὑπάρχει, ταύτῃ πάντα γνωρίζομεν.» Arist. *Met.*, ɪɪ, 4, 1, pag. 494.

[5] «Εἰ μὲν οὖν μηθέν ἐστι παρὰ τὰ καθ'ἕκαστα, οὐθὲν ἂν εἴη νοητόν, ἀλλὰ πάντα αἰσθητά, καὶ ἐπιστήμη οὐθενός.» Arist. *Met.*, ɪɪ, 4, 3, pag. 494.

[6] «Ἔτι δὲ τῶν αἰσθήσεων οὐδεμίαν ἡγούμεθα εἶναι σοφίαν.» *Met.* ɪ, 1, 9, pag. 469.

[7] «Οἱ μὲν γὰρ ἔμπειροι τὸ ὅτι μὲν ἴσασι, διότι δ'οὐκ ἴσασιν.» *Met.*, ɪ, 1, 7, pag. 469.

[8] «Ἐὰν δὲ τὸ καθόλου μὴ ᾖ, τὸ μέσον οὐκ ἔσται, ὥστ'οὐδ'ἀπόδειξις.» Arist. *Analyt. Post.* ɪ, 11, 1, ɪ, pag. 131.

inaccessiveis á experiencia e á materia, mas com ella incompativeis, como o principio da verdade eterna e immutavel é contradictorio com o principio da apparencia perecivel e inconstante: em quanto que Aristoteles induz do particular o universal, e proclama a sensação, a experiencia, como as fontes naturaes, d'onde por meio da inducção, e do senso commum, ἐξ ἐνδόξων, o espirito, νοῦς, ascende á acquisição do que é apodicticamente indemonstravel, ἀναπόδεικτον[1].

O universal não tem pois o mesmo significado em Platão e Aristoteles. Em Platão o universal é eterno e distincto do mundo phenomenal, como *idéa*, que preexiste a toda a percepção sensivel, e de que as existencias particulares são apenas ephemeras imitações, μιμήματα, representações imperfeitissimas, εἰκόνες, escurissimas figuras, εἴδωλα. Em Aristoteles ao revéz o universal é a abstracção exercida pelo espirito sobre os factos, que a experiencia nos ministra, porque nem alcançamos o universal sem a inducção, nem a inducção é praticavel sem o adjutorio dos sentidos[2], e é pelo exame e contemplação, θεωρεῖν, dos phenomenos repetidos, que podemos conseguir, quasi na propria phrase de Aristoteles diriamos caçar, θηρευσαντες, o universal, e tornar possivel a applicação do processo deductivo, apodictico, na sua fórma perfeita, o syllogismo[3]. Em Platão o universal, os εἴδη, as *idéas*, subsistem por si mesmas, como substancias separadas, fóra das existencias particulares, ἓν παρὰ τὰ πολλά. Em Aristoteles pelo contrario o universal existe em cada um dos singulares, κατὰ τῶν πολλῶν, d'elles inseparavel, como quem os determina e lhes confere o ser substancial[4]. Assim a figura espherica, abstracta, perfeita, geometrica, não existe fóra da esphera material, em que a fórma ideal se realisa[5]. E n'esta parte é Aristoteles o precursor de Stuart Mill, quando attribue ás noções mathematicas por origem primitiva a percepção experimental[6]. Em Platão o εἶδος é a *idéa*, o modelo externo. Em Aristoteles o εἶδος é a *fórma*, que restringe e individualisa a indeterminação ou indifferença da materia, ὕλη, e lhe imprime a

[1] «Ὅλως μὲν γὰρ ἁπάντων ἀδύνατον ἀπόδειξιν εἶναι.» Arist. *Met.* III, 4, 2, pag. 504.

[2] «Οὔτε γὰρ ἐκ τῶν καθόλου ἄνευ ἐπαγωγῆς, οὔτε δι'ἐπαγωγῆς ἄνευ τῆς αἰσθήσεως.» Arist. *Anal. Post.* I, 18. Tom. I, pag. 139.

[3] «Οὐ μὴν ἀλλ'ἐκ τοῦ θεωρεῖν τοῦτο πολλάκις συμβαῖνον τὸ καθόλου ἂν θηρεύσαντες ἀπόδειξιν εἴχομεν.» *Anal. Post.* I, 31, 5, pag. 150.

[4] «Εἴδη μὲν οὖν εἶναι ἢ ἕν τι παρὰ τὰ πολλὰ οὐκ ἀνάγκη, εἰ ἀπόδειξις ἔσται, εἶναι μέντοι ἓν κατὰ πολλῶν ἀληθες εἰπεῖν ἀνάγκη.» Arist. *Anal. Post.* I, 11, 1, pag. 131.

[5] *Met.* VI, 8, 5, pag. 546.

[6] Stuart Mill. *Système de logique déductive et inductive*, trad. fr. de L. Peisse, I, liv. II, chap. V et VI, pag. 254, 299.

existencia individual. O εἶδος, como noção, podia no systema de Platão existir *ab aeterno* separado da natureza; mas o εἶδος, como *fórma*, μορφή, é na doutrina aristotelica absolutamente indivisivel[1]. Em Platão, o εἶδος, o universal é a unica substancia, οὐσία: em Aristoteles a substancia depara-se ao contrario unicamente nas existencias individuaes e singulares, no τοδε τι, no καθ'ἕκαστον[2].

Aristoteles, pois, sem cair no verdadeiro *nominalismo*, qual, em seu nome o professaram alguns dos mais insignes mestres da escholastica, Roscelin, Occam, Durand, não é comtudo francamente *realista* á semelhança de Platão. A sua philosophia é um *conceptualismo*, que se antecipa ao de Abélard. Em quanto a *idéa*, segundo Platão, é, para usarmos a linguagem da escola, o universal *ante rem*, a *fórma* aristotelica é o universal *in re*. Para Platão só existe substancialmente o universal, segregado das existencias singulares. Para Aristoteles ao contrario apenas apparece quando n'ellas se chega a realisar. Para a philosophia platonica a materia é um estorvo, que a sciencia idealista forceja por esquecer ou desviar. Para a philosophia aristotelica a materia é a condição essencial na construcção scientifica do mundo. Assim a materia unindo-se com a fórma, que a determina e individualisa, produz cada substancia singular, como um composto, em que os dois factores se entrelaçam e se penetram de tal modo, que só idealmente se podem discernir, σύνολον ἐξ ὕλης καὶ εἴδους.

A materia e a fórma são pois os dois principios fundamentaes no systema de Aristoteles. A materia é a que imprime nas coisas singulares o τόδε τι, o *quid*, a fórma é a que lhes dá o τοιόνδε, o *quale*, o caracter que as distingue e particularisa, o que o stagirita na sua extranha nomenclatura metaphysica, appellida o τὸ τι ἦν εἶναι, o *quod quid erat esse*, de cada existencia individual, a sua essencia, o que se representa ao pensamento como o seu verdadeiro *ser*[3].

Em Platão o dualismo da materia e da *idéa* era invencivel ás mais engenhosas tentativas de conciliação e unidade. Em Aristoteles apresenta-se tambem na portada do systema a apparente contradicção entre o principio intellegivel e o principio material. Mas a philosophia peripatetica alcança a elasticidade, que faltava á do seu antecessor. Um principio vivificante, uma ligação dialectica entre a materia e a fórma, torna possivel, senão facil a explicação do mundo phenomenal, e vincúla o universal e o singular. A antithese é resolvida pelo principio, que determina a genese, o *devenir*. A synthese reside no *movimento*, κίνησις. Pelo movimento a *potencialidade* da materia, δύναμις, passa á

[1] «Ἄτομον γὰρ τὸ εἶδος.» *Met.* VI, 8, 8, pag. 546.
[2] *Met.* II. 6, 5-6, pag. 499.
[3] «Εἶδος δὲ λέγω τὸ τί ἦν εἶναι ἑκάστου,» *Met.* VI, 7, 5, pag. 544. Cf. Schweg. *Gesch. der griech. Phil.*, 208.

actualidade da fórma, ao que Aristoteles chama a *energia*, ἐνέργεια. Assim o movimento consubstancia na sua unidade o dualismo inicial da fórma e da materia. Uma e outra são apenas diversos graus na evolução. O movimento é a sua relação[1].

N'esta concepção metaphysica do systema aristotelico está cifrado um principio fecundissimo, fóra do qual não ha racionavel explicação para os phenomenos do Kosmos. O movimento é a propria essencia do universo. A translação e rotação dos astros, os phenomenos moleculares, que determinam a quantidade e a qualidade da materia, tudo quanto succede na perpetua alternativa de gerações e destruições, a que a materia na sua indeterminação e indifferença se presta continuamente[2], são apenas revelações do movimento. Assim como, no sentir de Aristoteles, a materia é eterna e indestructivel, assim tambem o movimento é immortal e incessante, ἀθάνατον καὶ ἄπαυστον. É elle, que como a vida do universo, anima e vivifica a natureza, οἷον ζωή τις οὖσα τοῖς φύσει συνεστῶσι πᾶσιν[3]. O movimento determina desde logo a necessidade logica do espaço[4]. Nenhuma *potencia* se póde converter em *actualidade*, sem que se realise um movimento, sem que exista já em acto um principio motor[5]. A escala dos movimentos e dos motores, tendo por limite supremo a divindade, πρωτον κινοῦν, responde na sua immensa hierarchia á serie, em que as causas se vão encadeando, subordinadas e conformes a um fim, a uma determinação teleologica, á condição do bom e do bello, εὖ καὶ καλῶς[6].

Eis-ahi bosquejado em breves traços o que podemos reputar a summula da philosophia aristotelica. D'ahi se manifesta que Aristoteles, se por um lado oppugna a cada passo em seus escriptos as doutrinas do philosopho academico, no que principalmente se refere á theoria das idéas, é por outro lado o seu continuador, posto que o idealismo seja n'elle mais sobrio e mais temperado que o platonico. Aristoteles representa a conciliação entre as escolas presocraticas e o racionalismo inaugurado pelo mestre de Platão. A *idéa* convertida agora

[1] Zeller. *Die Philosophie der Griechen*, II, part. 2, pag. 266.

[2] A materia no conceito aristotelico, tem por caracter esssencial o receber da fórma todas as existencias determinadas e prestar-se indifferentemente pela sua propria natureza ao ser e ao não ser. « Ὕλης... ἡ φύσις τοιαύτη, ὥστ' ἐνδέχεσθαι καὶ εἶναι καὶ μή. » *Met.* VI, 15, 2, pag. 555.

[3] Arist. *Phys.* VIII, 1, 1, pag. 342.—« Ἀνάγκη καὶ κίνησιν ἀΐδιον εἶναι. » Ibid. VIII, 1, 10, pag. 343.

[4] « Καὶ τῆς κινήσεως ἡ κοινὴ μάλιστα καὶ κυριωτάτη κατὰ τόπον ἐστιν, ἣν καλοῦμεν φοράν. » *Phys.* IV, I, 1, pag. 284.

[5] « Ἀεὶ ἐκ τοῦ δυνάμει ὄντος γίγνεται τὸ ἐνεργείᾳ ὂν ὑπὸ ἐνεργείᾳ ὄντος. » *Met.* VIII, 8, 3, pag. 570.

[6] *Met.*, I, 3, 12, pag. 473.

em *fórma*, é ainda o principio intelligivel, d'onde a sciencia se deriva. Mas a natureza, o Kosmos, expulsos dos dominios philosophicos pelo estreme idealismo, volvem triumphantes a imperar, ampliados novamente os ambitos da investigação e da verdade. O methodo experimental enlaça-se como necessario complemento ao processo especulativo. Já não basta para alcançar a sciencia do universo a razão pura. Já são reprehendidos os philosophos, que em vez de accommodar a theoria ao exame dos phenomenos e aos resultados da inducção, deslembram ou contorcem e desfiguram os factos da experiencia para darem largo vôo ao devanear da phantasia [1]. Já se affirma discretamente que o estudo da natureza ha de ser não *logico*, quer dizer especulativo, senão *physico*, isto é experimental [2]. Já se taxam de temerarios os que decidem peremptorios os problemas da natureza com imperfeito conhecimento dos phenomenos ou com uma inducção deficiente, baseada em poucas observações [3]. É verdade que Aristoteles não obedece litteralmente aos preceitos que insinua. O seu espirito é eminentemente especulativo, talvez mais subtil e dialectico ainda que o de Platão. É verdade que o systema do mundo, qual o delineou em seus escriptos, é um tecido de engenhosos absurdos, e um lastimoso retrocesso em relação á sciencia antesocratica. É verdade que a sua physica é uma congerie de abstracções, a espaços interrompidas por algumas vivas centelhas de talento e algumas felizes adivinhações. Mas não é menos exacto, que Aristoteles, é, d'entro os philosophos antigos o unico, que no dizer de um psychologo eminente [4], soube egualmente versar os dois extremos da sciencia, os factos da natureza e as mais altas especulações.

E diga-se com justiça, em abono d'aquelle genio encyclopedico, tão desfigurado depois da reacção baconiana, como endeusado pela cegueira dos escholasticos, não foram infecundas as especulações (do pensador universal. Se a sua philosophia geral, a πρώτη φιλοσοφία, não resolve o indecifravel problema da causa ultima e da reducção do ser e do pensamento a um unico principio, Aristoteles é o verdadeiro fundador da sciencia moderna, no seu duplicado objecto, o homem e o universo, pelo methodo e pela creação das sciencias particulares. O methodo é um dos seus mais gloriosos titulos á admiração universal. A logica, tal qual hoje a possuimos, é com pequeno acrescimo um seu preciosissimo legado. Aristoteles é ao mesmo tempo o instituidor das sciencias moraes

[1] Arist. *De Coelo.*, II, 13, 1, pag. 403.

[2] «Ἴδοι ἄν δτις καὶ ἐκ τούτων ὅσον διαφέρουσιν οἱ φυσικῶς καὶ λογικῶς σκοποῦντες.» Arist. *De gener. et corrup.* I, 2, 11. Ed. Did. II, pag. 435.

[3] «Πρὸς ὀλίγα βλέψαντες, ἀποφαίνονται ῥᾷον.» Ibid. I, 2, 10.

[4] «Mais un des caractéres de ce génie extraordinaire fut de savoir également manier ces deux extrêmes de la science, les faits et les abstrations les plus élevées.» Alex. Bain. *L'Esprit et le corps*. Trad. franc. de la *Bibl. Intern.* Paris, 1873, pag. 154.

e politicas e o patriarcha das sciencias naturaes. A ethica, no seu conceito de disciplina racional, é ainda hoje com ligeiras variações a que o sabio de Stagira nos deixou em seus tratados. A sciencia do governo e da sociedade pouco adiantou em theoria ao que elle escreveu na sua *Politica*, de cuja influencia nas doutrinas sociaes da Europa moderna seria curioso e instructivo traçar o rasto, ora fecundo ora malefico, nos costumes e nas instituições. Aristoteles dominou a sciencia na antiguidade, escravisou na edade média o entendimento, e ainda hoje, como se fôra uma tyrannia que se murmura, e se bemdiz, está presente com o seu espirito, com a sua especulação, com o seu methodo, com a sua linguagem scientifica, não sómente ás nossas cogitações philosophicas, mas tambem á expressão dos sentimentos e das idéas na vida commum e habitual.

A evolução gradual da philosophia grega seguiu os mesmos passos, que haviam abalisado o caminho ao pensamento philosophico da India. Em uma e outra successão de idéas e de systemas se advertem periodos correspondentes e parallelos. O naturalismo, a comprehensão da natureza, sem nenhuma distincção de espirito e de materia, é a philosophia dos Ionios. Ao mónismo primordial, que pretende explicar por um só principio o universo, succede com Anaxagoras, a primeira noção ainda vaga e crepuscular do dualismo, representado na materia eterna, e na intelligencia ordenadora. O dualismo porém parece repugnar aos profundos entendimentos, que vieram dar feição innovadora á philosophia, chegada á sua robusta adolescencia. A unidade é segundo elles a condição essencial da existencia e do saber. Mas para alcançar a noção do *um* e indivisivel, é forçoso negar abertamente a natureza como simples apparencia dos sentidos, ou represental-a como a manifestação de um principio essencialmente unificador. A primeira direcção intellectual pertence aos eleatas, a segunda aos pythagoricos. Desde que a razão, insurrecta contra a supposta evidencia experimental e a debil auctoridade da commum opinião, resolve toda a sciencia na obstinada negação do material e do sensivel, e concentra as suas especulações no que subsiste por si mesmo, o caminho está amplamente franqueado para que os audazes gastadores derribem sem piedade as construcções philosophicas das edades anteriores. Negada a existencia do mundo phenomenal, condemnado por absurdo o movimento, o espaço por impossivel, reduzida por uma generosa concessão toda a sciencia da natureza a uma insegura opinião e mera probabilidade, já podem accorrer seguros do triumpho os sophistas e os scepticos. A suspeição imposta ao mundo physico, porque não poderá caber tambem ao principio intelligente dos puros idealistas? Mas assim como a negação individual dos eleatas produziu, pelas novas necessidades intellectuaes, a indifferença philosophica dos sophistas, obrigados a defender as duas contradictorias proposições, estimula a profunda investigação, acrescenta o acume do en-

tendimento, e dá origem á nova dialectica, levada ao fastigio de seus triumphos pelo methodo *maieutico* de Socrates.

O fundador da philosophia moral nasce de Protagoras e de Gorgias, como Platão, pela dialectica, descende dos argutos eleatas, pelo conceito mathematico, dos regrados pythagoricos. Com Platão o idealismo alcança pela primeira vez na Grecia as fórmas e as honras de um systema. Porém com elle coexistem as doutrinas, que todas as escolas philosophicas foram legando mais ou menos aperfeiçoadas a seus orthodoxos seguidores. A anarchia do pensamento—condição impreterivel do seu progresso e evolução—é já tão viva na Hellade, como a sanha implacavel dos partidos, e o desaccordo perpetuo das republicas. Athenas, o centro da vida intellectual, tem cumprido na historia a sua missão civilisadora. Na portada do mundo não já hellenico, mas *hellenistico*, do mundo greco-barbaro de Alexandre, descortina-se a cidade encyclopedica, aonde proximo do Nilo irão mesclar-se e convergir todas as fontes do saber. É necessario tentar a possivel conciliação entre as tradições hylozoistas e o idealismo de Socrates e Platão. É forçoso colligir toda a philosophia hellenica e por assim dizer codifical-a aproveitando o que tem de prestadio, expurgando de suas impurezas o pensamento nacional, para que seja a sciencia dos hellenos como a materia prima da futura elaboração a uma sociedade nova, que desponta sedenta de philosophar e de saber. Aristoteles é o grande genio, meio syncretista, meio creador, que, cerrando o cyclo da philosophia grega, satisfaz condignamente áquella necessidade intellectual. Aristoteles,—um macedonio, um barbaro de Stagira,—refunde e alarga a philosophia e a sciencia assim como Alexandre,—tambem um macedonio, um barbaro de Pella,—enxerta no tronco hellenico o espirito da Asia, e torna cosmopolita a civilisação da Grecia, até ali ciosamente clausurada no seu estreito circulo. O livro do mestre, e a espada do discipulo, ligam assim o espirito da Grecia e a cultura universal. Intermediarios pelo berço entre a Hellade e os povos não hellenicos, o preceptor do grande general e o alumno do maximo philosopho, congregam as reliquias do saber hellenico, para as herdarem á mais remota posteridade. Ao declinar do mundo grego, tres personagens eminentes apparecem na scena, onde se passam as mais graves transformações da vida politica e intellectual: Alexandre, Aristoteles, Demosthenes; a espada, a razão, a eloquencia. A palavra do tribuno já não póde resistir ás ondas invasoras, que vem alagando a terra de Pericles. Mas o estro do orador celebra ao menos dignamente a queda da republica e é como o hymno funebre nas exequias da civilisação atheniense.

XIX

Tudo quanto a força creadora da razão ou as valentes anticipações da phantasia podiam bosquejar na philosophia da natureza, sem accuradas e continuas observações, nem instrumentos acommodados á investigação experimental, tentou e concebeu o genio hellenico. Não é sempre verdadeira, nem fecunda a theoria de que, segundo o idealismo exaggerado de Hegel ou de Schelling, o universo *à priori* se póde construir e ordenar como espontanea producção do intellecto. Ha porém principios capitaes, que na sua vasta generalidade o entendimento como que adivinha por esta forçosa ligação entre o espirito e a natureza. Ha descobrimentos, que advieram á sciencia, porque a razão foi adiante da experiencia, allumiando-lhe com seus fachos o roteiro. A observação investiga, mas o espirito encaminha. A sciencia, que seria apenas um poema, se de todo pertencesse á imaginação, viria a descair n'um catalogo de factos, se coubesse em monopolio ao empirismo. Bacon, o supposto renovador do methodo experimental, apertava a concepção da natureza em cadeias estreitissimas, ao assentar por aphorismo que nada mais podia o homem entender na ordem cosmica, além do que ministra directamente a observação [1]. Muitos pontos fundamentaes da philosophia natural se encontram já na antiga sciencia definidos, antes pelas deducções do raciocinio do que pelos processos da inducção. A figura da terra, ainda quando a geodesia está nos seus imperfeitos incunabulos, é assignada com bastante exactidão por muitos dos philosophos hellenicos. O curso dos planetas é descripto com tanta aproximação, quanta permittem os meios deficientes dos antigos observadores, quando a optica não tem ainda armado e fortalecido a vista dos astronomos. Muitas vezes, é verdade, a nimia confiança nas harmonias geometricas e o conceito anticipado de uma phantasiada perfeição na ordem cosmica, sacrificam á ideal e presupposta symmetria a realidade dos phenomenos. O principio racional de que o circulo e a esphera são as duas fórmas mais perfeitas nas delimitações do espaço [2], tornaria incri-

[1] «Homo naturae minister et interpres, tantum facit et intelligit quantum de naturae ordine re, vel mente observarit, nec amplius scit aut potest.» Bacon, *Nov. Organum*. Lib. I, Aphor. I. Ed. Francfort, 1665, pag. 279.

[2] Assim em Diogenes Laercio a mais bella, quer dizer, a mais perfeita das figuras é nos solidos a esphera, o circulo entre as figuras planas.» «Καὶ των σχηματων τὸ κάλλιστον σφαῖραν εἶναι των στερεων· των δὲ ἐπιπέδων, κύκλον.» Diog. Laert. *Vit. phil.* VIII,

vel á antiguidade o achatamento da terra e dos planetas e a figura elliptica das orbitas[1]. A doutrina dos cinco solidos regulares, que tão notavel importancia conseguiu na antiga geometria e nas suas applicações á natureza, e que ainda no espirito de Kepler foi a base e fundamento de suas abstrusas especulações sobre a physica celeste e a harmonia universal[2], occasiona, mysticamente aproveitada pela escola pythagorica e depois d'ella por Platão[3], as mais temerarias aproximações entre as idéas geometricas e a theoria dos elementos. Mas attribuindo a cada um sua fórma particular e caracteristica, o cubo á terra por mais estavel e mais solida, ao fogo por mais subtil o tetraedro, ao ar o octaedro, á agua o solido de vinte faces ou icosaedro, e o dodecaedro regular ao quinto elemento, o *ether*, o principio mais geral, que constitue a esphera do universo, τὴν τοῦ παντὸς σφαίραν[4], foi em certa maneira uma vaga prophecia dos modernos descobrimentos ácerca das relações entre a constituição molecular dos corpos e a fórma geometrica dos seus crystaes.

Passemos em silencio as concepções dos antigos philosophos hellenicos ácerca da estructura do Kosmos, nas quaes a puros esforços da razão, desajudada da experiencia, enunciaram algumas das verdades reconhecidas pela moderna astronomia. Mencionemos de passada a clara distincção entre as duas accelerações, a tangencial e a centripeta, no movimento curvilineo dos corpos planetarios, qual a consignou Plutarcho n'um dos seus escriptos[5]. Memoremos apenas a doutrina da rotação dos astros, την κινήσιν περὶ τὸ κέντρον, e da connexão entre este movimento e a fórma espheroidal dos corpos celestes, segundo a Platão a attribue expressamente o mais illustre representante do neoplatonismo, o mystico Plotino[6]. Citemos, entre as mais audazes affirmações da philosophia grega, o movimento de translação da terra em redor do fogo cen-

222. — O ἓν τὸ πᾶν, o ente unico de Xenophanes, tem entre os seus attributos essenciaes o de ser semelhante á sphera, σφαιροειδής. Origen. *Philosoph.*, I. Ed. Oxon. pag. 18. — Em Platão a fórma espherica é chamada *de todas as fórmas a mais perfeita e a si mesma semelhantissima:* πάντων τελεώτατον ὁμοιότατόν τε αὐτὸ ἑαυτῷ σχημάτων. *Tim.*, 33. Ed. Didot, II, 206.

[1] Já lord Bacon, instaurando o processo á sciencia hellenica, fundada quasi inteiramente na deducção ou no raciocinio metaphysico, notou os erros a que a tinha induzido o conceito da suprema perfeição geometricamente realisada no circulo e na sphera.

[2] Expostas principalmente na sua *Harmonice Mundi.*

[3] Na construcção do Kosmos, segundo é exposta no *Timéo.*

[4] Plut. *De placit. philosoph.*, II, 6, ed. Flor., pag. 49-50. — Stob. *Ecl.* I, pag. 28.

[5] Plut. *De facie in orbe lunae* VI. 9-10, in Plut. *Scripta moralia*, Ed. Didot, II, pag. 1130.

[6] «Καὶ Πλάτων δὲ τοῖς ἄστροις οὐ μόνον τὴν μετὰ τοῦ ὅλου σφαιρικὴν κίνησιν, ἀλλὰ καὶ ἑκαστῷ δίδωσι τὴν περὶ τὸ κέντρον αὐτῶν.» Plotin. *Ennead.* II, lib. II, 1. — Plut. *De placit. philosoph.* III, 13. Ed. Flor., pag. 88.

tral, segundo o pythagorico Philolau, ou em volta do sol, conforme a opinião de Aristarcho de Samos [1], que Platão, se havemos de pôr fé em uma tradição antiga, adoptaria porventura nos seus annos derradeiros [2]. Relembremos a doutrina pythagorica de que cada uma das estrellas representa um mundo semelhante ao systema solar [3]. Admiremos a profunda sagacidade, com que Democrito e Anaxagoras, lançando os primeiros fundamentos á astronomia das nebuloses, comtemplam na via lactea uma congerie immensa de estrellas, que a vista desarmada não alcança discernir [4], e attribuindo ao satellite da terra montanhas, valles, e planuras, adivinham o que a moderna sciencia conquistou ácerca do aspecto physico da lua [5]. Os cometas são já para a penetrante visão mental dos pythagoricos uns corpos celestes, que periodicamente são visiveis, περιοδικῶς ἀνατελλόντων [6], depois de prefazerem n'um praso determinado a sua revolução.

Em todas estas geraes, mas verdadeiras concepções a respeito do universo, tiveram os hellenos numerosos precursores nas antigas civilisações orientaes. Da astronomia, como sciencia primogenita, lhes vieram certamente dos egypcios e babylonios os primeiros elementos. De anteriores civilisações derivaram as noções fundamentaes da grandeza e da extensão. Não foi seguramente o mystico Pythagoras, quem pelo famoso theorema do quadrado da hypothenusa, erigiu em corpo de doutrina a geometria [7]. Não eram mais perfeitos e opulentos os meios experimentaes da Grecia antiga nas sciencias biologicas do que na investigação dos phenomenos celestes. E comtudo ás escuras profundezas do mundo organisado ousou descer, guiado apenas do lume natural, o genio especulativo de Platão. É a embryogenia uma das sciencias mais recentes. Sómente auxiliado por engenhosos instrumentos e por methodos inteiramente desconhecidos á cegueira scientifica de toda a antiguidade, poderam os anatomistas e physiologos descortinar os mysterios da ontogenese, e seguir a vida e o organismo desde a cellula inicial com o seu protoplasma e o seu nucleo até configurar-se claramente em distinctos apparelhos, e tecidos o corpo do animal. É novo

[1] Plut. *De placit. philosoph.*, III, 13, pag. 88.

[2] Plut. *Quaest. Platonic.*, VIII, 1, in Plut. *Script. moral.* Ed. Didot, II, pag. 1231.

[3] Plut. *De placit. philosoph.*, II, 13, pag. 56.

[4] Plut. *De placit. philosoph.*, III, 1, pag. 76.

[5] Plut. *De placit. philosoph.*, II, 25, pag. 67.—«Ἔφη δὲ γηίνην εἶναι τὴν σελήνην, ἔχειν τε ἐν αὐτῇ πεδία καὶ φάραγγας.» Orig. *Philosophoum.*, pag. 15.

[6] Plut. *De placit. philosoph.*, III, 2, pag. 77.

[7] Veja em Ideler, na memoria sobre *a astronomia dos chaldeus* nas *Abhandlungen der k. Akad. der Wissensch. zu Berlin* (Memorias da Academia Real das Sciencias de Berlin) 1814-1815, pag. 200, os fundamentos, em que se estriba o eruditissimo philologo para attribuir a civilisações ante-hellenicas, a gloria de terem descoberto aquelle fecundo e luminoso theorema e os primeiros elementos da geometria.

na sciencia o conhecimento de ser a *corda dorsal* o primeiro orgão, que apparece delineado no embryão do homem e dos outros vertebrados no alvorecer da vida intra-uterina. Pois bem. Sem o adjutorio efficaz do microscopio, pela só agudissima visão intellectual adivinhou Platão este principio capital da embryogenia. Eis-aqui de que modo se expressa no *Timéo:* «Dos ossos e da carne e de todas as mais coisas de semelhante natureza é esta a origem. O principio, *ἀρχὴ*, de que todas se derivam, é a formação da medulla, *μυελοῦ γένεσις*» [1].

É admiravel, prodigiosa a intuição, com que nos seus processos de adivinhação da natureza, a puros golpes de especulativa conjectura, os maiores espiritos da Grecia, em um debuxo vago e nebuloso, meio racional e meio mystico, lançaram as primeiras linhas, ás mais arrojadas concepções, a que ácerca do universo e das suas metamorphoses, tem chegado modernamente a sciencia baseada nas inducções experimentaes. Segundo a presente philosophia da natureza todas as fórmas de energia se equivalem e se mutuam. O calor radiante apparece identificado com a luz pelos engenhosos descobrimentos de Forbes e principalmente de Melloni. Os que erroneamente se chamavam *agentes imponderaveis* são hoje apenas considerados como puros movimentos. O calor, o *fogo* dos antigos podia pois, na sua theoria methaphysica do Kosmos, ser tomado, sem erro de expressão, como a fórma geral do movimento [2], do fluxo perpetuo, segundo Heraclito, como a collectiva representação de todas as energias naturaes. As varias mutações, *τροπαί*, o processo ininterrupto, em que o fogo, na concepção heraclitea do universo, se transforma, produzindo o incessante movimento e a vida da natureza, não prefiguram como em prophetica visão as doutrinas da physica moderna, depois que o horizonte scientifico se dilatou com as pasmosas conquistas da *energetica* ou sciencia da energia?

Heraclito, de Epheso, o obscuro, *ὁ σκοτεινός*, o que na phrase de um recente historiador da philosophia, «foi o pensador mais genial e mais profundo entre os philosophos ante-socraticos [3],» é o mais antigo professor d'esta arrojada theoria, d'este fluxo eterno, *ροη*, d'esta perpetua metamorphose, se-

[1] «Τὸ δὲ ὀστῶν καὶ σαρκῶν καὶ τῆς τοιαύτης φύσεως περὶ πασης ὧδε ἔσχε τουτοις ξύμπασιν ἀρχὴ μὲν ἡ τοῦ μυελοῦ γένεσις.» Plat. *Tim.*, 73. Ed. Didot., II, pag. 235.—Deve observar-se que na accepção vulgar attribuida pela philosophia grega ao vocabulo *ἀρχὴ*, *principio*, está implicada forçosamente a noção de anterioridade a respeito do que d'ella se deriva. Platão não diz apenas que a medulla é a origem de todos os demais orgãos, antes assevera que o principio da vida é a *genese*, a formação da medulla, e dá terminantemente á sua doutrina uma significação embryogenica.

[2] «Suivant Héraclite, le feu signifiait le mouvement le plus rapide et la vie la plus parfaite.» Ritter *Hist. de la phil.*, I, 214.

[3] «Heraklitus war ohne Frage der tiefsinnigste und genialste Denker vorsokratischen Philosophen.» Schwegler. *Geschichte der griech. Philosophie.* Tübingen. 1870, pag. 22.

gundo a qual tudo *devém* e nada morre, e do que deixou de ser, *απολυσθαι*, se origina o que é agora, *γενεσθαι*, para logo desapparecer. «O fogo vive (na pictoresca expressão do sabio ephesio) a morte da terra, e o ar vive a morte do fogo, e a agua vive a morte do ar, e a terra a morte da agua[1].» O principio universal é um sómente, e d'esta só materia prima se fabrica em sua infinita diversidade a machina do mundo.

Tudo se transmuda em fogo, e o fogo em tudo se transmuda, como o oiro se troca pelas mercancias e as mercancias se escambam pelo oiro, segundo o simile heracliteo, memorado n'um escripto de Plutarcho[2].

Nenhuma das theorias da physica recente é porventura mais brilhante, mais fecunda, nem firmada em melhores esteios experimentaes do que a novissima theoria dynamica do calor. Talvez depois das leis do movimento elliptico, e da altissima concepção newtoniana, nenhuma idéa scientifica está melhor fadada para encaminhar o espirito humano á noção da unidade na assombrosa variedade e na apparente dissemelhança dos phenomenos naturaes. O materialismo dos chamados agentes imponderaveis recebe com este bello descobrimento a sua derradeira condemnação.

Conceber o universo como uma fabrica infinita, onde a materia é o estofo, a força o agente das mais desconformes producções; simplificar depois esta larga intuição, supprimindo a força, como noção independente da materia, e adoptando em seu logar o movimento, como um attributo essencial, á semelhança da extensão, da impenetrabilidade; substituir na mechanica do *Kosmos* á dynamica, que suppõe a força applicada, a *energetica*, que admitte a força consubstanciada na materia, sob a fórma de movimento potencial ou realisado, é sem duvida a mais audaz construcção ideal do universo. A materia é tão indestructivel como a *energia*. Transmudam-se as combinações sem que se perca um atomo sequer. Transformam-se e dissipam-se as *energias* sem que se destrua uma só das suas parcellas. O movimento é a lei dialectica do espirito e da natureza. Nada subsiste, tudo muda a cada instante. O ser e o não ser combinam-se incessantemente para produzir tudo quanto encerra em si o universo e póde comprehender a razão humana. E bem, estas doutrinas a que o engenho dos moder-

[1] *Ζῆ πῦρ τὸν γῆς θάνατον, και ἀὴρ ζῇ τὸν πυρὸς θάνατον ὕδωρ ζῇ τὸν ἀέρος θάνατον, γῆ τὸν ὕδατος.*« Max. Tyr. Diss. XLI, 4. Ed. Didot, pag. 163. Cf. Otfried Müller. *Histoire de la Littérature grecque jusqu'à Alexandre le Grand*, trad. de Hillebrand. Paris. 1866. pag. 251. Schwegler. *Gesch. der griech. Philosoph.* 25.» Λέγει Ἡράκλειτος ὅτι παντα χωρεῖ καὶ οὐδὲν μένει· καὶ ποταμοῦ ῥοῇ ἀπεικάζων τὰ ὄντα λέγει, ὡς δὶς ἐς τὸν αὐτὸν ποταμὸν οὐκ ἂν ἐμβαίης.» Plat. *Cratyl.*, Ed. bip., III, pag. 267.

[2] «Πυρὸς τ'ἀνταμείβεσθαι πάντα, φησὶν ὁ Ἡράκλειτος, καὶ πῦρ ἁπάντων, ὥσπερ χρυσοῦ χρήματα καὶ χρημάτων χρυσός.» Plut. *De Ei.* apud Delph. VIII. in Plut. *Script. moral.* Ed. Didot, I, pag. 474 II.

nos, interpretando racionalmente a experiencia se tem abalançado, acham na Grecia os seus primeiros lineamentos, na philosophia e na physica dos seus mais altos pensadores, na creadora intuição dos seus espiritos videntes. Heraclito ensina em embryão esta doutrina. O πάντα ειρηκειν ἔκγονα ῥοῆς τε καὶ κινησεως, o fluxo e movimento universal, segundo as palavras de Platão, é a lei fundamental da natureza[1].

Assentam chronistas das sciencias naturaes que a theoria mechanica do calor, a sciencia modernissima dos Mayers, dos Carnots, dos Joules, dos Thomsons, dos Rankines, dos Hirns, dos Clausius, dos Tyndalls e Helmholtz, tem os seus mais remotos antecedentes no philosopho chanceller de Inglaterra[2], e fazem injuria á antiguidade. Platão enuncia a mesma these, ainda que sem a claridade, que só podia derivar-se dos progressos assombrosos da sciencia n'este seculo. N'aquelle seu dialogo, em que Euclides, o de Mégara, Terpsion, Socrates, Theodoro, o geometra, e Theæteto discretêam ácerca do conhecimento da verdade e da contemplação do absoluto, diz o mestre: «o ser e o gerar-se é movimento; é repouso o não ser e o acabar. O proprio calor e o fogo, que gera e governa tudo, procede do movimento e da fricção[3].» Eis ahi formulada a grande idéa moderna. Tudo é movimento. O repouso é a negação do ser. O calor, que no systema heracliteo é o principio universal, é pois de necessidade movimento. Compare-se este logar do dialogo platonico á categorica affirmação, em que o illustre physico inglez sir Humphrey Davy enunciou pela vez primeira em termos scientificos e depois de uma experiencia memoravel, a immediata relação de causalidade entre o calor e o movimento, e resultará manifesta a identidade na arrojada concepção[4]. Era commum entre os philosophos antigos o considerar o calor como o principio do movimento em todo o Kosmos, como o agente

[1] «Τὸ πᾶν κίνησις ἦν, καὶ ἄλλο παρὰ τοῦτο οὐδεν.» Plat. *Theaet.* Edit. bip.. II, 77.

[2] Bacon. *Novum Organum*, II, aphor. 20. Ed. Francfort, 1665, pag. 347.

[3] «Ότι τὸ μὲν εἰναι δοκοῦν, καὶ τὸ γίγνεσθαι κίνησις παρεχει. τὸ δὲ μὴ εἶναι καὶ απόλλυσθαι, ἡσυχια, τὸ γάρ θερμὸν τε καὶ πῦρ, ὃ δὴ καὶ τἄλλα γεννᾷ καὶ ἐπιτροπεύει, αὐτὸ γεννᾶτο ἐκ φορᾶς καὶ τρίχεως. τουτο δὲ κίνησις. ἢ οὐχ αὗται γενέσεις πυρός;» Plat. *Theæteto*. Ed. bip., II. pag. 70.—Compare-se com estas palavras de Platão um logar de Aristoteles, que parece tambem significar a intima connexão, que no juizo do philosopho, existia entre o calor e o movimento. *Meteorolog.*, I, 3, 20. Cf. Sottini, *Aristotile e il metodo scientifico*, etc. pag. 410.

[4] Sir Humphrey Davy na sua *Chemical Philosophy*, publicada em principios do seculo presente expressou d'esta maneira o seu conceito ácerca do calor: «A causa immediata do phenomeno do calor é pois o movimento, e as leis da sua communicação são exactamente as leis do movimento. «*Esquisse historique de la théorie dynamique de la chaleur*, par M. Peter Guthrie Tait, *professeur de philosophie naturelle à l'université d'Edimbourg, traduite par* M. l'abbé Moigno. Paris, 1870, num. 12, pag. 9.

universal, de que pendia a perpetua metamorphose, e a eterna conservação da natureza. Em Parmenides a terra ou a *materia*, e o fogo, ou a acção, como causa, ou energia, são os principios do universo[1]. E Aristoteles diz expressamente que os philosophos que admittiam duas causas, a terra, e o fogo, attribuiam a este ultimo elemento natureza *cinetica*, ou motora[2].

Ao eterno movimento corresponde, segundo a antiga philosophia hoje restaurada e engrandecida, a indestructibilidade da materia. A conservação da energia e da materia é o principio fundamental da physica moderna. Esta doutrina é cabalmente a que na antiguidade grega professaram Anaxagoras[3], Xenophanes e Zeno[4].

Uma das theorias mais audazes na philosophia de Heraclito cifrava-se na *ecpyrosis*, na *apokatastasis*, ou periodica renovação do universo (egualmente professada por outros philosophos hellenicos), e principalmente na combustão periodica do mundo[5], e na concepção do anno magno de dezoito mil annos[6], em que estava computado o cyclo perfeito da transmutação universal [7]. Pois comparemos agora ás anticipações philosophicas de Heraclito as que pareceriam aventurosas conjecturas e são rigorosas deducções, com que os physicos mais eminentes do nosso tempo tem avançado n'um futuro remotissimo do systema planetario, e prognosticado como termo necessario á vida particular do nosso globo a inteira conflagração, quando a sua *energia potencial*, se converter n'uma quantidade enorme de calor, no acto de se confundir n'uma só massa o sol e o seu cortejo de planetas e satellites[8]. O incessante

[1] «Πῦρ λέγων καὶ γῆν τὰς τοῦ παντὸς ἀρχάς, τὴν μὲν γῆν ὡς ὕλην, τὸ δὲ πῦρ ὡς αἴτιον καὶ ποιοῦν.» Orig. *Philosophoum*. Ed. Oxon. I, pag. 17.

[2] «Χρῶνται γαρ ὡς κινητικὴν ἔχοντι τῷ πυρὶ τὴν φύσιν, ὕδατι δὲ καὶ γῇ καὶ τοῖς τοιούτοις τοὐναντίον.» Arist. *Met*. I, 3, 11. pag. 473.

[3] Segundo Anaxagoras, de Clazomena, a quantidade dos principios elementares, *homæomerías*, é invariavel, sem accrescimo, nem diminuição. Πάντα ἴσα ἀεί... ἀεὶ πάντα οὐδὲν ἐλασσω ἐστιν οὔτε πλείω. A. Weber. *Histoire de la Philosophie européenne*. Paris. 1872. pag. 45. Simplicius, *In Phys. Aristot*., 34. Haefer. *Histoire de la physique et de la chimie*. 341-343. «L'enseignement d'Anaxagore contient des points de vue d'une justesse surprenante et qui ont été depuis en partie confirmés par l'expérience.»

[4] «..,πηώτρν ὕλην, ταύτην δὲ πᾶσαν ἀΐδιον, καὶ ὄυτε πλείω γιγνομενήν, ὄυτε ελάττω.» Stob. *Eclog*. I. XIV. pag. 29.

[5] «Ὥσπερ Ἡρακλειτος φησιν ἅπαντα γίνεσθαι ποτε πῦρ.» Arist. *Natur. Ausc.* III. 5, 12. Ed. Didot, II, 279.

[6] «Ἡρακλειτος ἐκ μυρίων ὀκτακισχιλίων ἡλιακῶν.» Plut. *De Placit. phil*., II, 32, Florent. 1750, pag. 72.

[7] Ritter *Hist. de la phil*., I, 127.—Schwegler *Gesch. des Phil*., 28.

[8] A conjectura expressa pelo philologo Schvarcz nas suas obras em lingua hungara,

movimento de formação e destruição nos systemas infinitos, de que se compõe o Kosmos, a mutação dos mundos, que progridem e florecem em quanto outros vão deperecendo e acabando, caindo uns sobre os outros, são doutrinas predilectas de Democrito[1]. Com o espirito synthetico dos gregos, com a sua possante imaginação philosophica, e as faculdades eminentes de generalisação e de systema, attributos superiores em alto grau aos dotes metaphysicos da sciencia em nossos dias, o que teria sido a physica do mundo, se aquelles fecundissimos talentos houvessem tido ao seu dispor a immensa collecção de preciosos instrumentos e de factos experimentaes, de que a razão severa e positiva dos sabios contemporaneos ainda não sabe desentranhar apenas em esboceto a metaphysica do Kosmos!

Busquemos entre as novas concepções do nosso seculo a mais revolucionaria nos dominios das sciencias biologicas. E logo se nos ha de deparar a doutrina da transformação e descendencia das especies, e o nome de Charles Darwin, como o seu mais egregio representante, se não o seu verdadeiro instituidor. Pois esta concepção, sequer na parte respectiva á ascendencia da humanidade, foi claramente enunciada no famoso paradoxo de Anaximandro. O principio, hoje adoptado geralmente, de que os mais singellos organismos gerados e nascidos no meio das aguas foram os primeiros a annunciar na terra o frouxo alvorecer da vida organica, é expresso nas doutrinas do philosopho. Segundo Anaximandro, os primeiros animaes surgiram da humidade, e appareceram revestidos de um envolucro espinhoso[2] (φλοιοῖς ἀκανθώδεσι), como se fossem, guardadas as proporções entre a concepção divinatoria do philosopho e os factos da paleontologia experimental, os primeiros seres organisados em

A Görogök geologiaia jobb napjaikban (a geologia dos gregos na sua época mais brilhante) e *A görög ódonság-viszonya a földtan kérdéseihez* (a antiguidade grega nas suas relações com a geologia), de que as *ecpyrosis* ou conflagrações cosmicas ou terrestres, professadas, além de Heraclito, por Democrito, Empedocles, Leucippo, fossem, no parecer d'estes philosophos, attribuidas ao fogo central, o *μέσον πῦρ* dos antigos, na accepção geologica, em que é tomado pela theoria plutonica moderna, não se nos affigura plausivel, porque o *μέσον πῦρ* nunca foi usado entre os antigos senão no significado cosmico, em qne o admittiram na construcção do Kosmos os pythagoricos, isto é, como o centro em redor do qual revoluteavam todos os corpos celestes (*σφαῖραι*). Era a *Εστια τοῦ παντὸς*, o lar ou a Vesta do universo, ou o *μεσωτάτος πῦρ*, na linguagem do pythagorico Philolau. Vej. Stob. Eclog. I, cap. XXV, pag. 49.

[1] «*Εἶται δὲ τῶν κόσμων ἄνισα τὰ διαστήματα, καὶ τῇ μὲν πλείους, τῇ δὲ ἐλαττους, καὶ τοὺς μὲν αὔξεσθαι, τοὺς δὲ ἀκμάζειν· τοὺς δὲ φθίνειν, καὶ τῇ μὲν γίννεσθαι, τῇ δὲ λίιπειν.*» Orig. *Philosophoum*. Ed. Oxford, pag. 18.

[2] *Ἀναξίμανδρος ἐν ὑγρῷ γεννηθῆναι τὰ πρῶτα ζῶα φλοιοῖς περιεχόμενα ἀκανθώδεσι.*» Plut. *De placit. phil.*, v, 19. Ed. Flor. pag. 139·

os niveis inferiores da época siluriana. Não fica, porém, n'esta simples affirmação a doutrina de Anaximandro. Á geração de imperfeitos animaes, apenas adequados a um estado inicial do nosso globo, succedem, já extincta esta fauna paleozoica, outras fórmas de mais duraveis organismos [1]. Como vaga e geral comprehensão das primeiras existencias animaes, é licito dizer que a theoria de Anaximandro não é em seus fundamentos desmentida pela sciencia em nossos dias.

O homem, segundo aquelle pensador paradoxal, faz sob a fórma de peixe a sua primeira apparição nos tempos mais remotos. Eusebio de Cesaréa enuncia formalmente que o homem, no pensar de Anaximandro, deve descender de animaes de fórmas dissemelhantes (ἐξ ἀλλοειδῶν ζώων) [2]. E Origenes n'um seu livro precioso pelas valiosas referencias á philosophia hellenica, attribue ao philosopho milesio a mesma doutrina paradoxa, escrevendo textualmente: «Procedeu o homem de outro animal, (ἑτέρῳ ζώῳ) isto é, em seu principio foi semelhante a um peixe [3].»

Como sequencia, ainda que talvez inconsciente, á theoria de Anaximandro ácerca da progressiva evolução dos organismos, se vinculam naturalmente as suas e as idéas de Xenophanes e de Empedocles a respeito dos fosseis ou reliquias petrificadas das antigas edades geologicas. O chefe dos eleatas professa, como os seus confrades no saber especulativo, a theoria das perpetuas *apocatastasis*. A presença dos restos organisados no seio dos continentes e nas alturas das montanhas, os vestigios (τύποι) de peixes nas pedreiras de Syracusa, as impressões de plantas em Paros no intimo das rochas, em Malta um thesouro accumulado e copioso de marinas producções, encrustadas ou insculpidas nas laminas da rocha (πλάκας τῶν συμπάντων θαλασσίων) são para Xenophanes docu-

[1] Plut. *De placit. phil.*, v, 19. Ed. Flor. pag. 139.

[2] «Ἔτι φησίν, ὅτι κατ'ἀρχὰς ἐξ ἀλλοειδῶν ζώων ὁ ἄνθρωπος ἐγεννήθη.» Euseb. *Præparat. evang.*, I, 8. Colon. 1688, pag. 22.—Plut. *Sympos. Problem.*, VIII, quaest. VIII, 4. in Plut. *Scripta moralia*, Edt. Didot, II, 891.—Cuvier (*Hist. des sciences naturelles*, I,) escreveu: «Anaximandre ayant admis l'eau comme le second principe de la nature, prétendait que les hommes avaient été primitivement poissons, *puis reptiles*, *puis mammifères*, et enfin ce qu'ils sont maintenant.» Esta ordem progressiva na evolução humana, se fosse tão completa em Anaximandro, como é peremptoria em Cuvier, houvera conquistado ao sabio de Mileto a gloria de ter fundado, na plena affirmação do seu principio, a theoria darwiniana. Mas a gradação estabelecida pelo zoologo francez, traçando na serie dos vertebrados a arvore de costado á especie humana, apenas existiu na phantasia do grande naturalista.

[3] «Τὸν δὲ ἄνθρωπον ἑτέρῳ ζώῳ γεγονέναι, τούτεστιν ἰχθύϊ, παραπλήσιον κατ'ἀρχάς.» Orig. *Philosophoum*. Ed. Oxf., pag. 11.

mentos abonatorios da sua theoria predilecta[1]. Se pomos fé no testemunho de Origenes, a doutrina das épocas distinctas na historia physica da terra, tal qual a professa hoje a geologia, é um dos themas fundamentaes na philosophia do chefe dos eleatas. A acção das aguas na continua transformação do nosso globo, e a renovação das fórmas do organismo em cada um dos periodos telluricos, é claramente ensinada por Xenophanes, e tem directa affinidade com a exacta interpretação, que o philosopho, em edades tão remotas, já soubera dar aos fosseis, como numismas preciosos de um mundo organico extincto e sepultado[2].

Não é menos merecedora de attenção a hypothese de Empedocles ácerca da gradual evolução dos organismos. O mysticismo proverbial do sabio de Agrigento imprime nas suas theorias biologicas o mesmo tom phantastico e maravilhoso, que predomina nos outros aphorismos do seu poema περί φύσεως. Descontado porém nas concepções d'aquelle engenho singular o que ha de extravagante na sua imaginação, e de mythico na sua philosophia, acharemos por elle compendiada com verdade no pensamento capital, a doutrina da progressiva complicação e aperfeiçoamento dos organismos nas edades successivas da historia geologica. Os quatro typos de plantas e animaes (τύποι), que, segundo os descreveu Plutarcho, se foram succedendo desde as eras primitivas até ás mais complexas organisações[3], testificam litteralmente no systema scientifico de Empedocles a evolução e o progresso, como lei da natureza biologica. Embora seja vario o parecer dos commentadores sobre o que o agrigentino quizera significar pelos οὐλοφυεῖς τύποι, ou sejam os germens, d'onde mais tarde procederam os seres organisados[4], ou, o que parece mais plausivel, os mais antigos e imperfeitos rudimentos da vida animal e vegetal, aquellas suas disformes creações organisadas, que n'um periodo remoto antecedem a apparição das floras e das faunas actuaes, aquelles typos monstruosos de cabeças sem pescoço, κόρσαι ἀναύχενες, de bois com face humana, βουγενῆ ἀνδρόπρωρα, de homens com cabeça bovina, ἀνδροφυῆ βούκρανα, de animaes com duas cabeças, αμφιπρόσωπα, e com dois peitos, ἀμφίστερνα[5], não poderiam alludir, bem que sob uma fórma mythologica, á fauna de algumas edades geologicas, áquella quadra dos tempos mesozoicos, que, opulenta de saurios gigantes, monstruosos, paradoxaes, se chama por excellencia a edade dos reptis? Em todo o caso a successão dos typos de Empedocles, e o seu phantasiar de extravagantes e fabulados organismos, que pre-

[1] Origen. *Philosophoumena*, I. Ed. Oxford, pag. 19.
[2] Ibid.
[3] Plut. *De Placit. philos.*, V, XIX, pag. 139.
[4] Ritter *Hist. de la phil.*, I, 489.
[5] Fragm. do poema περὶ φύσεως, vers. 214.

cedem a creação dos perfeitos e prolificos animaes[1], fazem retroceder a muito mais de dois mil annos a doutrina da gradação e do progresso na historia biologica da terra. Uma theoria semelhante ácerca da successão dos organismos é professada por Archelau. A principio nas edades primitivas do globo, surgiram da terra ainda cenagosa, os primeiros animaes rudimentares, muitos e varios entre si, tendo porém os mesmos habitos de vida e nutrindo-se na vasa, ἰλυος τρεφόμενα. Estas faunas antigas, como se foram as das eras paleozoicas, foram pouco duradouras, ὀλιγχρόνια. Vieram após os organismos com sexos já distinctos, ἐξ ἀλλήλων γένεσις, e como ultimo remate começa a distinguir-se o homem finalmente dos restantes animaes[2].

XX

Este espirito hellenico tão investigador e tão impaciente de saber, não se limitava á philosophia puramente especulativa, nem sómente librava as suas azas na sublime região das mathematicas, que são tambem philosophia, estudando o conceito da extensão e da grandeza. A razão descia das suas abstractas contemplações a inquirir a vida, a estudar as suas relações com a natureza e a aproveitar as noções empiricas ou racionaes em beneficio da saude.

Se a philosophia, como sciencia emancipada da tradição hieratica, se a geometria como corpo de doutrinas, desferiram largos vôos durante a civilisação hellenica ou hellenistica, desde Thales e Pythagoras, desde Platão e Archimedes até o neo-platonismo alexandrino, ou á escola geometrica de Euclides, de Pappo e de Appolonio, tambem na Grecia a medicina se libertou dos vinculos sagrados e saindo dos *Asclépions* ou sanctuarios de Esculapio, desceu á praça publica e de arte esoterica se fez sciencia *demotica*, experimental. Os Asclepiades, que do nume de Epidauro, como descendentes seus, se arrogavam a herança exclusiva, viram fugir-lhes das mãos o monopolio.

Entre os grandes nomes, que a Grecia antiga legou á admiração da posteridade, é sem duvida um dos primeiros o do insigne medico de Cos. Desde o v seculo, antes de Christo, em que se diz ter florecido o maior engenho medico

[1] Os animaes não já nascidos, como os das phases antecodentes, da fortuita combinação dos elementos da terra e da humidade, mas gerados pelo concurso dos dois sexos, οὐκ ἔτι ἐξ ὁμοίων (ou ἐκ τῶν στοιχείων, como outros lêem) οἷον ἐκ γῆς καὶ ὕδατος, ἀλλὰ δι'ἀλλήλων ἤδη. Plut. *De Placit. philosoph.* v,, XIX, pag. 139.

[2] «Ἀνεφαίνετο τά τε ἄλλα ζῶα πολλὰ καὶ ἀνόμοια πάντα τὴν αὐτὴν διαίταν ἔχοντα ἐκ τῆς ἰλυος τρεφόμενα, ἦν δὲ ὀλιγοχρόνια· ὕστερον δὲ αὐτοῖς καὶ ἐξ ἀλλήλων γένεσις ἀνέστη, καὶ διεκρίθησαν ἄνθρωποι ἀπὸ τῶν ἄλλων.» Orig. *Philosophoum*, pag. 18.

da antiguidade, são decorridos largos annos e todavia é ainda hoje Hippocrates reverenciado como um sagaz e indefesso observador da natureza e como um espirito exercitado nos processos da inducção. E antes que o immortal auctor dos *Aphorismos* ou a serie de homens eminentes, designados collectivamente pelo nome de Hippocrates, tivesse conglobado na immensa variedade dos seus tratados e opusculos os conhecimentos medicos da antiguidade nos tempos ante-alexandrinos, uma turba de praticos e de escriptores tinham versado largamente as diversas provincias da medicina e traçado muitas obras, das quaes umas se perderam com mil thesouros da litteratura e da sciencia, e outras chegaram até os nossos dias sob o illustre patrocinio de Hippocrates, a quem se attribuiram falsamente.

Eram já famosas antes do clinico eminente duas escolas, a de Cos e a de Cnido. As de Rhodes e Cyrene perderam mais depressa o seu lustre e nomeada. Os nomes de Apollonides de Cos, de Euryphonte de Cnido precedem a fama adquirida por aquelle, que foi universalmente appellidado o pae da medicina. As *Sentenças cnidias*, Κνίδιαι γνῶμαι, attribuidas a Euryphonte cifravam em grande parte ó saber d'aquella escola celebrada, que disputava a preeminencia á escola medica de Cos[1]. As *Prenoções Coacas*, Κωακαὶ προγνώσεις, que a melhor critica attribue aos medicos-sacerdotes dos antigos *Asclépions*, representam a sciencia da escola famigerada, a que Hippocrates deu o ultimo esplendor e luzimento[2].

A escola de Crotona, connexa intimamente com a doutrina pythagorica[3], e a escola cyrenaica eram florentissimas antes dos tempos hippocraticos. Á primeira pertencia aquelle medico famoso, que tratou com exito feliz a Dario, quando ao apear-se do cavallo torceu um pé perigosamente. E é digno de reparo que, segundo a narração de Herodoto, os medicos egypcios, que andavam na côrte do *grande rei*, não acertando a cura, e deixando-se vencer pelo grego Democedes, fossem em pena da sua inhabilidade condemnados na cruz ao ultimo supplicio. Tanta era então a preexcellencia, em que andava já a medicina grega sobre a oriental entre os proprios potentados asiaticos. D'aquelle medico, que na phrase do historiador grego excedeu na pericia a todos os mais eminentes do seu tempo, datou a escola de Crotona o seu lustre e a sua fama, vindo a ter na medicina hellenica o primeiro logar os crotoniatas, o segundo os de Cyrene[4].

[1] Littré. *Œuvres complètes d'Hippocrate*. Introd. 7.

[2] Ibid. 9.

[3] Ibid. I. 15.

[4] «ὑπερβάλετο τοὺς πρώτους ἰητρούς... καὶ ἀπὸ τούτου τοῦ ἀνδρὸυ ουκ ἥκιστα Κροτωνιῆται ἰητροὶ εὐδοκίμησαν, ἐγένετο γὰρ ὧν τουτο ὅτε πρῶτοι μὲν Κροτωνιῆται ιητροι ἐλέγοντο ἀνὰ τὴν Ελλάδα εἶναι, δεύτεροι δὲ Κυρηναῖοι.» Herod. III. 131.

A arte engenhosa e quasi divina, cujas difficuldades e asperezas o medico de Cos exprimiu na phrase laconica e elegante do seu primeiro aphorismo[1], contrapondo á brevidade da vida a amplidão immensa da encyclopedia medica, a passagem fugaz da occasião, a auctoridade muitas vezes enganosa da experiencia, e a forçosa vacillação do juizo humano, esta sciencia, tão sublime, que não tem menos do que um deus por mestre e fundador, este saber precioso, em que os semi-deuses e heroes homericos se amestram[2], de que o chefe guerreiro dos tricios e ochalios, o divino Machaon se serve para curar a Menelau, ferido pela setta de Pandaro[3], era já antigo na Grecia, quando o genio hippocratico enfeixou os materiaes dispersos e classificou os seus thesouros, reduzindo porventura a corpo de doutrina, o que andava repartido em tratados especiaes ou em numerosas monographias. No mesmo seculo, em que Platão resume nos seus immortaes dialogos toda a philosophia da antiguidade hellenica, animando-a com o bafejo creador do seu espirito eminente, Hippocrates dispõe, ordena, engrandece e illumina com os clarões do seu engenho universal a sciencia da saude. Estes dois homens privilegiados (se houvermos de admittir a personalidade historica d'aquelle patriarcha da medicina), e Aristoteles com elles, são os tres mais altos luzeiros da sciencia grega chegada ao apogêo da sua gloria. Tão vivo é o fulgor dos seus espiritos que só elles alcançam romper as sombras da meia edade e governar quasi despoticamente o espirito humano nos seculos obscuros, em que a intelligencia desprega os olhos da contemplação da natureza e persevera no erro de suppor que os terminos da sciencia haviam sido erigidos por aquelles supremos legisladores intellectuaes.

E de feito um povo, que produz um Hippocrates ou os auctores, que n'este nome se conglobam, expede a si mesmo o mais nobre diploma da sua fecunda civilisação. Se comparamos hoje a medicina grega com a do seculo presente, o parallelo põe de manifesto a pobreza relativa do saber hellenico. As sciencias medicas

[1] Ὁ βίος βραχὺς, ἡ δὲ τέχνη μακρὴ, ὁ δὲ καιρὸς ὀξὺς, ἡ δὲ πεῖρα σφαλερὴ, ἡ δὲ κρίσις χαλεπή. Hipp. *Aphorism.* I. 1.

[2] . . . . . Ἀσκληπιου δύο παῖδε
Ἰητῆρ ἀγαθὼ, Ποδαλείριος ἠδὲ Μαχάων
Τοῖς δὲ τριηκοντα γλαφυραὶ νέες ἐστιχόωντο.
Iliad. B. Καταλογος νεων. 238-240.

[3] Αὐτὰρ ἐπεὶ ἴδεν ἕλκος ὅθ' ἔμπεσε πικρὸς ὀϊςὸς,
Αἷμ' ἐκμυζήσας, ἐπ' ἄρ' ἤπια φάρμακα εἰδὼς
Πασσε, τά οἱ φίλα πατρὶ ποτὲ φρονέων πόρε Χείρων.
Iliad. Δ. 217-219.

fundadas na observação e na experiencia incessante e multiplicada sob variadas fórmas e combinações, offerecem ao estudo as mais elevadas theorias e um peculio quasi inexhaurivel de preciosos documentos experimentaes. Tem hoje a medicina sempre na mão o scalpello, com que fórça a natureza a revelar-lhe os seus mais intimos segredos anatomicos, e com o auxilio poderoso do microscopio sabe penetrar no mundo infinito dos invisiveis, esta *ultima Thulè*, que os antigos porventura chegaram a presentir, nunca porém a avistar. Tem hoje a medicina a analyse, a balança, o reagente, com que decifrar os enigmas, que a vista núa ou reforçada não alcança discernir; possue engenhosos instrumentos, com que lhe é dado explorar o organismo e ver e apalpar o que foi sempre impenetravel á mais douta antiguidade; o stethoscopio, com que a sciencia avaliando as mais subtis variações do som, alcança pelo ouvido o que a vista não póde esquadrinhar; o laryngoscopio, o *speculum*, o ophtalmoscopio, que descobrem os segredos pathologicos recatados e defesos no intimo dos orgãos. A medicina operatoria conseguiu levar o ferro salvador até onde os antigos teriam julgado desacato, crueza e impiedade. Bastaria a anasthesia para affirmar por incomparavelmente superior á antiga medicina a moderna sciencia de curar. A pratica dos gregos não nos depara um só arrojo que possa pôr-se em remoto parallelo com a lithotomia, a lithotricia, a ovariotomia, os triumphos heroicos da medicina operatoria contemporanea. Conhece agora a sciencia com admiravel prefeição a anatomia humana, physiologica e pathologica, a physiologia experimental. A anatomia comparada nas faunas e nas floras vivas e paleontologicas, dilata o horizonte ás sciencias biologicas. Hoje o descobrimento das mais apartadas e ferteis regiões patentêa nas suas opulencias vegetaes novos agentes therapeuticos, de que nem suspeitaram a existencia os Theophrastos e Dioscorides. O que hoje é sciencia multiforme, era nos gregos esboço e tentativa. Mas que admiraveis concepções se nos deparam em alguns dos escriptos hippocraticos? Que faculdade quasi divinatoria se não revela em certas doutrinas do profundo medico de Cos?

Nenhuma sciencia da natureza póde ser *à priori* formulada, nem as suas noções fundamentaes se alcança construir pelas simples intuições da razão pura. A esta regra não é dado eximir a medicina, que tem de andar sempre attenta aos phenomenos para os inquerir e coordenar. O que se tornou mais damnoso á sciencia positiva da antiguidade, e principalmente ao saber philosophico da Grecia, foi a demasiada preponderancia da sua phantasia, o fervor immoderado das precoces generalisações; esta contemplação por assim dizer poetica da natureza, esta experiencia fugaz e perfunctoria, ἡ δὲ πεῖρα σφαλερή, que se contenta com os factos mais apparentes e geraes, desdenhando por improprio de uma alta concepção tudo o que é singular, obscuro, inextricavel, apenas accessivel aos entendimentos indefessos na investigação e no estudo do universo. A imaginação é

a faculdade mãe no povo hellenico, a synthese a sua ambição insaciavel[1]. E é claro que não são taes condições propicias á exacta cultura das sciencias naturaes. Esta irresistivel tentação, que desde a alvorada do saber está enfeitiçando o espirito grego, convidando-o a reduzir por systemas aventurosos a infinita variedade do mundo phenomenal a uma unidade ideal e systematica,—unidade materialista com os physiologos jonicos, e com os sectarios de Democrito e Epicuro, unidade espiritual com Pythagoras, Platão, os Eleatas,—esta altiva pretensão de supprir com a omnipotencia do pensamento á deficiencia dos instrumentos experimentaes, transluz a cada passo na evolução da philosophia natural e é a causa mais poderosa de que nos catalogos da litteratura grega enxamêem os tratados com o titulo pomposo de περὶ φύσεως, ou da sciencia da natureza[2], de que a anatomia seja infrequentada pelos mais eminentes observadores, de que a sphygmologia ou a arte de observar o pulso seja apenas fugitivamente mencionada entre os antigos[3], ainda que um texto do grande mestre parece auctorisar as praticas sphygmologicas na medicina grega[4], quando affirma que tacteando as pulsações é mais seguro o diagnostico do que desprezando esta preciosa indicação. As idéas anatomicas e physiologicas de Hippocrates e dos seus contemporaneos ou successores, ácerca do apparelho circulatorio são ou deficientes ou erroneas, mas nos escriptos hippocraticos, nos de Erasistrato, de Herophilo e de Aristoteles, deparam-se os lineamentos d'este immortal descobrimento, que deu a Harvey a gloria singular de fundar sobre uma lei geral do organismo a moderna physiologia. Referindo-se ás opiniões d'aquelles medicos, diz o eruditissimo Littré depois de uma larga e luminosa discussão: «Estas idéas, se attentarmos na ignorancia dos gregos com respeito ás condições anatomicas e physiologicas

[1] «Les grecs avaient la manie de raisonner sur tout, d'expliquer avant de connaître et souvent de partir d'un seul fait pour établir des généralités.» Bailly, *Hist. de l'Astronomie ancienne*. Paris. 1775. pag. 210.

[2] São numerosos os poemas didacticos ou os tratados, em que os philosophos gregos explanaram as suas concepções ácerca do *Kosmos*, da sua origem e das suas leis. Sob o titulo de περὶ φύσεως escreveram Empedocles de Acragas ou Agrigento, Parmenides de Eléa, Xenophanes de Colophonia. O tratado, em que Platão expõe as suas idéas sobre o mundo phenomenal, e em que a sua philosophia abate o vôo desde as altas regiões, a que se elevara nas cogitações do mundo moral e intelligivel, tem por titulo Τίμαιος ἢ περὶ φύσεως, alludindo ao mesmo tempo a Timeo, o principal interlocutor e ao assumpto do tratado, em que o philosopho de Locres disserta com Socrates, Critias e Hermocrates.

[3] Littré. *Œuvres complètes d'Hippocrates*. I. 201 e 225 e seg.

[4] «Επειτα τῇσι χερσὶ ψαύσαντα τῆς γαστρός τε καὶ τῶν φλεβῶν ἧσσόν ἐστιν ἐξαπατᾶσθαι ἢ μὴ ψαύσαντα.» Hipp. *Prorrhet*. II. Sobre os conhecimentos sphygmologicos da medicina grega antes e depois de Hippocrates veja Littré, *Œuvres complètes d'Hipp*. Introd. 220-230.

da circulação, tem seguramente uma importancia superior. Era o descobrimento de Harvey, formalmente presentido[1].»

Hippocrates não foi, como geralmente se acredita no vulgo dos indoutos, o creador, o pae da medicina. A sciencia era antiga, immemorial, cultivada com fervor em diversas regiões da Grecia[2], e entre os povos asiaticos[3]. Dos medicos egypcios attesta o grande historiador que a tal ponto de esmerada cultura haviam elevado a sua sciencia, que para cada especie de achaques e enfermidades havia professores, os quaes se não empregavam em curar nenhuma outra doença[4]. A julgar porém pelos documentos que nos restam das civilisações orientaes, nenhuma d'ellas soube nunca levantar a medicina á dignidade de uma sciencia experimental e inductiva, e desatal-a dos vinculos sacerdotaes. Segundo o *Zend-Avesta* o officio do medico cifra-se em combater os maus espiritos, os *Devas*, que perseguem os homens com mil enfermidades. Angramainjus (Ariman), o eterno promotor do mal e do peccado, creou, conforme á linguagem emphatica do *Vendidad*, nove, noventa, novecentas, nove mil, noventa mil doenças[5] e outros males, que no espirito e no corpo avexam a fraca humanidade. Thraetaona, o Hercules bactriano, é ao mesmo tempo o Asclepios do Iran, aquelle que, pugnando bravamente com Azhi Dahaka, a serpente tricipite, e vencendo-a na requesta, funda no Iran a arte de curar. Ahuramasda (Ormuzd) deferindo ás supplicas do heroe, creou ás centenas, aos milhares, ás centenas de milhares as arvores e as plantas salutiferas[6] para que lhe servissem a debellar os achaques innumeraveis, com que Angramainjus afflige a alma e o organismo dos mortaes. A medicina no systema formulado pelo *Vendidad* cura os enfermos com as hervas e com o ferro, e conjura as enfermidades com os ensalmos e exorcismos. De todos os meios curativos são porém os conjuros e execrações os mais expeditos e seguros[7]. Em quanto a antiguidade hellenica nos deixa por herança uma medicina racional, o espirito mystico e sacerdotal dos ferventes adoradores

[1] Littré. *Œuvres complètes d'Hippocrate*. I. Introd. 222.

[2] «Apud graecos aliquanto magis, quam in ceteris nationibus (medicina) exculta est.» Cels. *Medic.*, Patav. 1769, lib. I, introd.

[3] Sprengel, *Hist. de la médecine trad. de l'allemand*, par A. J. L. Jourdan. Paris, 1815, I, pag. 26-83.

[4] Herod. II. 84.—«Ihre Arzneikunde.... war berühmt.... Aegyptische Aerzte waren in alten Orient gesucht, bis sie der Ruf der griechischen Aerzte etwa seit dem Jahre 500 v. Chr. verdrängte.» Duncker. *Gesch. des Alterthums* I. 87.

[5] Vendidad, XXII. em Anquetil du Perron, *Zend-Avesta*, Paris, 1771. Tom. I, Part II, pag. 428-429.

[6] Vendidad, XX, pag. 423. Plinio cita grande copia de medicamentos, de que os Magos se serviam na sua therapeutica. Hist. Nat. XXIX. 38. XXVIII. 27.

[7] Vendidad, VII, pag. 324.

de Mithra, lega-nos como o mais subtil dos seus inventos therapeuticos as formulas imprecatorias contra a febre, a doença, a corrupção[1]. No Oriente a sciencia é serva da tradição hieratica, o sacerdote é simultaneamente o sabio, o medico, o philosopho, o legislador[2]. O espirito religioso invade os dominios inteiros da philosophia. Os deuses governam despoticamente a razão humana. Os seus interpretes, os ministros dos seus templos, por uma consequencia necessaria da sua mediação entre o ceo e a humanidade, absorvem todos os fóros do pensamento. Na Grecia, o *Asclepion*, que é a principio o repositorio primitivo da sciencia medica, conserva-se depois como o sanctuario de uma divindade tutelar, mas a medicina secularisada e experimental, desdenha com os Democritos, os Empedocles, os Hippocrates, os Polybos, a directa intervenção do nume de Epidauro e substitue as energias da natureza á efficacia do verbo sacramental[3]. As edades ante-hippocraticas haviam produzido diligentissimos cultores da sciencia maravilhosa, da arte, que, nas proprias palavras do velho Hippocrates, mereceria ter um deus por inventor[4]. Estavam na Grecia, se bem incompletos e imperfeitissimos, delineados os esboços da anatomia e da physiologia; a pathologia, a semeiotica, a etiologia, a dietetica, a therapeutica haviam já accumulado seu peculio de observações e de doutrinas, formado a linguagem medica, signal evidentissimo de que uma sciencia está já adolescente e capaz de mais vigorosas luctas e de empresas mais difficeis. O livro hippocratico *Da antiga me-*

[1] Vendidad, xx.

[2] Em todos os povos de cultura primitiva, quando a idéa religiosa domina e avassalla a todas as relações da sociedade, se adverte sem excepção este enlace necessario entre a funcção sacerdotal, a medicina, e a direcção politica e social. Assim no Egypto os sacerdotes eram ao mesmo tempo os cultores da medicina. Sprengel *Hist. de la méd.*, I, pag. 45 e segg. Assim entre os povos quimbundas, o *quimbanda*, ou sacerdote de suas grosseiras superstições é ao mesmo tempo vate ou adivinho, medico e juiz. «A Kimbandák (quimbanda) háromféle irányban müködnek. t. i. mint papok vagyis inkabb jóslók, mint orvosok, és mint birák.» Magyar Laszló *Delafrikai Utazásai* 1849-57 *években* (Viagens na Africa Austral nos annos de 1849-57 por Lazaro Magyar, em hungaro). Pest, 1859, I, pag. 274.

[3] São em toda a parte semelhantes os exordios da primitiva civilisação. A Grecia obedece á lei commum da evolução intellectual. A medicina hellenica, o mesmo que a egypcia e as demais do Oriente, é em seus principios sacerdotal. Em Pindaro, seguindo as tradições da Grecia, Esculapio cura as enfermidades com o influxo de suaves encantações, μαλακοις ἐπαοιδαις, com agradaveis beberagens, πρoσανεα πινοντας, com remedios pharmaceuticos variamente applicados, περιαπτων πάντοθεν φάρμακα, ou com o ferro do operador, τομαῖς. Pindaro. Pyth. od. III, em Pindari *Olympia*, *pythea*, *nemea*, *isthmia*, Genebra, 1612, pag. 138.

[4] «Ὠήθησαν ἀξίην τὴν τέχνην θεῷ πρoσθεῖναι.» *Da antiga medicina* em Littré, *Oeuvres. comp. d'Hipp.*, I, 600-602.

dicina, περί ἀρχαίης ἰητρικῆς, é desde o principio até ao fim uma prova manifesta de que antes da escola ou, mais propriamente, *época* de Cos, a medicina não sómente estava já delineada, senão tambem repartida em systemas e complicada com hypotheses, o que só póde succeder n'um grau já eminente da sua evolução e presuppõe a sciencia cultivada por numerosos pensadores[1]. O auctor d'aquelle tratado precioso affirma como facto irrefragavel que «a medicina desde antigas eras tem já tudo, um principio, ἀρχή, e um methodo, ὁδός, por ella descobertos, e que tendo acumulado um peculio tão copioso e excellente no decorrer dos tempos, ἐν πολλῷ χρόνῳ, virá a descobrir o que ainda resta, se alguem habilitado e instruido no que a sciencia já possue, partindo d'este ponto proseguir as investigações.[2]» E mais adiante o medico de Cos, escreve: «Longe de contestar á arte antiga, τὴν τέχνην ἀρχαίην, a sua realidade, e a excellencia das suas investigações, καλῶς ζητεομένην, e de condemnal-a por não ter alcançado em tudo a evidencia, ἀκριβίην, digo que antes a devemos louvar, porque pelo estado a que chegou, poderá com o raciocinio acercar-se estreitamente á maxima exacção, e cumpre admirar, como da ignorancia profundissima tem saído os seus descobrimentos, não pelas aventuras do acaso, mas por uma bella e correcta indagação, καλῶς καὶ ὀρθῶς ἐξεύρηται[3].» A propria doutrina da *prognose*, que era por assim dizer a mais alta concepção do estado morbido, na sua mais audaz generalisação, estava já delineada nos *Asclepions* e nas collecções clinicas dos iatro-sacerdotes[4].

A theoria humoral, que representa uma das feições mais importantes na philosophia medica de Hippocrates, a harmonia, o equilibrio das δυνάμεις, potencias ou qualidades, a *isonomia*, συνεκτικὴν ἰσονομίαν, a *crase* dos humores, são doutrinas professadas por Alcméon e pela escola de Crotona, e filiam-se porventura com fundada plausibilidade, segundo o sentir de illustres commentadores, nos principios fundamentaes da escola pythagorica[5]. No livro *Da natureza do homem*, περὶ φύσιος ἀνθρώπου, que o medico de Pergamo reputou como authentico de Hippocrates, e os melhores criticos modernos attribuem a auctores diversos[6], a theoria dos humores é dada como já tão vulgar e conhecida, que segundo os proprios termos do escriptor «os humores tem no uso, κατά νόμον,

[1] *Da antiga med.*, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.* I, pag. 570 e seg.

[2] «Ἰητρικῇ δὲ πάντα πάλαι ὑπάρχει, καὶ ἀρχὴ καὶ ὁδὸς ευρημένη etc.» *Da antig. med.*, § 2.°, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, I, pag. 572.

[3] *Da ant. med.*, § 12.° em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, I, 596-8.

[4] Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, I, Introd. chap. XIII. *De la doctrine médicale d'Hippocrate*, pag. 456 e seg.

[5] Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, I, pag. 562.—Plutarc. *De placit. phil*, V, 30.

[6] Sprengel, *Hist. de la méd.*, I, 298-299. Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, I, Introd. 345-349.

nomes distinctos, que se não pódem confundir[1].» É irrecusavel o muito que a medicina grega se impregnou nos principios fundamentaes da philosophia italica. A noção de que a saude é uma harmonia[2], a exaggerada influencia attribuida aos numeros e principalmente á *tetrade* e ao setenario[3] na determinação das crises e dias criticos, e na evolução dos phenomenos organicos, o cyclo de tres dias, que no IV livro *Das doenças*, περὶ νουσων, representa um papel tão importante na economia da nutrição e na pathogenia[4], a sua immediata connexão com a doutrina medica dos dias impares[5], que segundo testifica Celso, dominavam a prognose dos antigos[6], são notaveis reminiscencias do velho pythagoreismo.

Um trecho singular do livro I *Do regimen*, pela sua propria obscuridade e pela referencia á justa harmonia, ἁρμονίης ὀρθῆς, e a tres *symphonias*, ou accordes musicaes[7], parece apontar para a doutrina pythagorica, onde as relações acusticas no Kosmos e em cada uma das suas partes, governam como principio essencial o systema philosophico.

Se queremos ainda outros infalliveis depoimentos em favor de ser antiga já a medicina, quando começa a época de Cos, ahi temos um inconcusso documento no livro *Das feridas da cabeça*, περὶ τῶν ἐν κεφαλῇ τρωματων, aonde o uso do trépano, o qual suppõe um já notavel adiantamento na cirurgia, é dado como vulgar e conhecido, e não como recentissima invenção dos hippocraticos[8].

Aos *Prognosticos* de Hippocrates, no sentir de Littré, de Houdart e de Ermerins, serviram de alicerce e porventura de modelo as *Prenoções* de Cos[9], quando Hippocrates ou a sua escola se levantou como o genio, que só a espaços allumia, com a intenção de ser o supremo legislador e submetter á sua grande auctoridade a irrequieta anarchia do pensamento[10]. É Hippocrates ou com este

[1] *Da nat. do hom.*, § 5.° em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VI, 40-42.

[2] Diog. Laert., cap. XXXIII.

[3] *Das Semanas*, 1-11, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VIII, pag. 634-639.

[4] *Das doenças*, liv. IV, §§ 42-45, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VII, 562-570. *Das carn.*, 19, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VIII, 608-614.

[5] *Das doenç.*, IV §§ 46-47, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VII 572 e seg.

[6] «Antiqui potissimum impares sequebantur, eosque tanquam tunc de aegris judicaretur, κρισιμους nominabant.» Cels. *Med.* III, 4, pag. 110.

[7] *Do regimen*, I, § 8.° em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VI, 480-482.

[8] *Das feridas na cabeça*, § 9.°, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, III, 210. cf. no mesmo tomo, pag. 177-178 a opinião decisiva de Littré sobre a antiguidade da medicina operatoria.

[9] *Prognostico*, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, II, tom. I, pag. 101.

[10] «On ignore ce que fut la médecine des Egyptiens et des autres peuples de l'Orient, et si elle est jamais sortie hors du cercle des remarques particulières, des faits sans lien

nome pessoal a escola mais insigne e celebrada, quem dos imperfeitos quadros nosographicos, da pathologia especial incompletamente debuxada, dos factos clinicos desgregados e carecentes de laço systematico e de unidade philosophica, construe como de informes e dispersos materiaes mais regrado e harmonico edificio á medicina scientifica [1]. Hippocrates na arte de curar, assim como Aristoteles na inteira encyclopedia, é mais uma sciencia do que um auctor, antes uma época do que um homem singular [2]. Estes grandes espiritos, que em certas quadras criticas da historia intellectual conglobam o saber contemporaneo ou nos fastos politicos e militares symbolisam a vida, as instituições, as idéas sociaes do seu tempo e da sua gente, são a esplendida personificação do que ha de grande e memoravel em cada periodo e com a sua poderosa individualidade offuscam o vulto immenso de numerosas gerações. Assim, para não sairmos da Grecia em sua edade aurea, Pythagoras é a geometria, Platão a dialectica, Aristoteles a philosophia, Hippocrates a medicina, Demosthenes a palavra, Alexandre a Grecia na sua lucta final com o Oriente. Como o nome de um general substitue na historia e nos trophéus os milhares de nomes dos seus guerreiros, sem cujo ministerio não houvera podido ceifar os loiros immortaes, assim tambem os grandes homens da sciencia tornam esquecidos estes obreiros incansaveis, que nas eras precedentes estiveram desentranhando o marmore, para que engenhos quasi sobrehumanos cinzelassem n'elle os mais altos monumentos da intelligencia e do saber.

Mas se o Hippocrates antigo, que a lenda se compraz em egualar a Hercules nas empresas gloriosas, não houvera sido mais (segundo o parecer de Link) do que um typo legendario, uma personificação mythica da sciencia [3], como Dédalo, Esculapio e quem sabe se tambem o mystico Pythagoras, se estes escriptos, que compõem o cyclo hippocratico, tiveram procedido de numerosos escriptores, redundaria esta partilha litteraria em maior gloria dos hellenos. Em vez de Hippocrates,—isto é, um só talento, muitos Hippocratides,—quer dizer a sciencia cultivada por centenares de entendimentos. Em logar de uma theoria

et des observations sans méthode philosophique. L'école hippocratique franchit ce cercle, et par là elle a influé sur l'avenir entier de la médecine dans l'Occident.» Littré, *Oeuv. comp. d'Hipp.*, I, introd., pag. 457-458.

[1] Littré. *Oeuv. comp. d'Hipp.*, I, introd. 233.

[2] «Die Geschichte der Wissenschaften ist mehr um die Lehren, um die Theorien der hippokratischen Schriften zu thun als um die Verfasser.» H. F. Link. *Ueber die Theorien in den Hippocratischen Schriften, nebst Bemerkungen über die Aechtheit dieser Schriften* (sobre as theorias contidas nos escriptos de Hippocrates, com observações sobre a sua genuinidade) nas *Abhandl. der physikalische Klasse* da Academia das sciencias de Berlin. 1818 pag. 224.

[3] «Der historische Hippokrates entschlüpft uns und es erscheint an seiner Stelle eine mythische Person.» Link. *Ueber die Theorien in der Hippocr. Schrift.* 229.

exclusiva e dogmatica, a lucta incessante das doutrinas e o debate contradictorio dos systemas. Em vez da regrada e immovel perfeição de um edificio formosamente decorado, o movimento e a evolução de um organismo. Uma sciencia nos esforços da parturição em logar de uma esteril encyclopedia. A vida intellectual, que sobreescripta os seus problemas ao futuro, em vez de um gelado formalismo, que para a posteridade se amortalha, mumia do pensamento e da sciencia.

Os elogios, que em todos os seculos teem sido consagrados ao Hippocrates pessoal, resaltam mais valiosos para o genio collectivo da antiguidade hellenica. A medicina grega será sempre honrada como o primeiro fundamento d'esta sciencia illustrada pelos nomes de Celso e de Galeno, de Morgagni e de Baglivi, de Hoffmann e de Boerhaave, de Harvey e de Stahl, de Barthez e de Bordeu, de Brown e de Broussais, de Corvisart e de Lanenec, de Claude Bernard e de Wirchow, d'estes homens eminentes, que representam um systema, que é sempre uma face incompleta da sciencia, ou rememoram um immortal descobrimento, que é a origem de uma fecunda revolução; d'esta sciencia que, pela natural estreiteza do humano pensamento, é condemnada a oscillar entre adversas theorias, sem que essa forçosa condição do seu destino a iniba de aperfeiçoar-se e progredir.

Este genio encyclopedico, este Hippocrates venerando, que a tradição inscreve na portada magnifica da medicina hellenica, será apenas uma abbreviada metonymia, com que os seculos teem vindo uns após outros designando o engenho medico da Grecia? Será porventura um nome realmente individual, que além de alguns tratados proprios e originaes se ampliou a escriptos anteriores, contemporaneos ou mais modernos, por esta singular e irresistivel attracção, que exercem para tudo absorver na sua esphera os engenhos mimosos da natureza e da fortuna?

O mytho é a fórma historica da Grecia, o molde ingenito, habitual do seu pensar. Ainda quando a historia authentica derrama a luz em deredor, as concepções mythicas, decadentes e vencidas, forcejam por manter a sua antiga preeminencia. Não admira pois que o nome de Hippocrates appareça circumdado pelo nimbo dos heroes, e que a imaginação dos gregos se delicie em bordar no fundo escasso de uma biographia real e verdadeira os arabescos e lavores de uma lenda quasi sobrehumana. É tal o pendor innato da civilisação hellenica para o individualismo, que prefere quasi sempre symbolisar n'um só homem uma idéa grande a esconder na penumbra das idéas immortaes o vulto relativamente humilde e obscuro de um só homem, por eminente e benemerito que seja da sciencia e da civilisação. O anthropomorphismo dos deuses e das épocas da cultura hellenica applica-o a imaginação plastica da Hellade á sciencia, á arte, á poesia. Uma intelligencia unica é na concepção dos gregos a creadora da arte, da poesia,

da sciencia. Conta-se que o sumptuoso templo de Artemis ou Diana na cidade jonia de Epheso deveu a Cherphronte de Cnosso a traça e os fundamentos; a Metagenes a continuação do edificio e o assentamento da architrave nas formosissimas columnas; a Peonio ephesio o remate e conclusão, após cento e vinte annos desde que a obra começara[1]. Na historia mythica do pensamento não observam os hellenos uma egual e compassada successão de illustres architectos. O mesmo que excavou os fundamentos exornou os frisos, coroou os acroterios e povoou de relevos o tympano elegante. Vem depois a critica, e intentando vingar a razão e reintegrar nos seus fóros o pensamento collectivo de um povo ou de uma época, por um vicio inseparavel da reacção, relega finalmente para as sombras de um Elysio mythologico o nome de um grande pensador, e despojando-o da individualidade e existencia, escreve em seu logar uma abstracta collectividade, em vez do Homero de Chios ou de Smyrna *rhapsodes, aedos, e Homerides;* Asclepiades e *Hippocratides* em vez do Hippocrates de Cos. A principio os *chorizontes* negam ao medico ou ao poeta a simultanea auctoria de muitas obras. Mais tarde os criticos implacaveis, como se fossem os severos divisores de uma herança jacente e opulentissima, entram a repartir o patrimonio intellectual por herdeiros innominados, e deixam sem o direito sequer a um verso ou a um aphorismo aquelle que os seculos estiveram sempre venerando como o medico eminente ou como o epico immortal. A epopéa fica, mas o poeta desapparece. A medicina continúa, e o medico eclipsa-se na sombra da sua doutrina. Tal é a sorte dos grandes nomes na antiguidade perante a critica moderna. Assim da *nympha* ou da chrysalida não fica já noticia, quando a borboleta saindo-lhe do seio, voeja reverberando nas azas multicores a luz do sol.

É porém quasi indifferente para a historia intellectual da humanidade, que a erudição investigue escrupulosa o que no peculio scientifico de cada nação e cada época pertence aos grandes nomes, aos gigantes da intelligencia e do saber, e o que toca á multidão, a este obscuro, mas infatigavel collaborador de todo o progresso litterario e social. Antigamente a historia das nações era a chronica dos reis e a lenda dos heroes. Hoje é a evolução das idéas e dos factos n'um povo singular ou em toda a humanidade. Assim tambem a historia da sciencia foi outr'ora a epopéa real ou fabulada dos genios superiores. Hoje é razão que seja os fastos da intelligencia collectiva, lidando por acercar-se mais e mais a este *sancta sanctorum* mysterioso, onde a ultima verdade, em a natureza e no espirito, ficará perpetuamente impenetravel. Não é pois materia para lastimas que toda a medicina hellenica no seu fastigio de luz e de vigor, não possa attribuir-se ao medico de Cos.

[1] Plin. *Hist. Nat.* VII. 38. XXXVI. 21. Vitruv. VII. Prœf. 21.

Os escriptos da collecção hippocratica revelam ao exame profundo e imparcial a extrema variedade de seus auctores. Da contradicção das idéas, da mutilação e interpolação dos escriptos hippocraticos é custoso, senão impossivel, aos mais zelosos propugnadores do Hippocrates individual, o segregar em meio de tamanha confusão de theorias e systemas as verdadeiras opiniões genuinamente professadas pelo supposto fundador da medicina[1]. O que se póde appellidar um systema concatenado, harmonico, derivado logicamente de um principio fundamental, em vão se esforçariam os criticos por encontral-o na longa serie dos tratados attribuidos á escola medica de Cos antes da época alexandrina. A diversidade, muitas vezes opposição nas suas doutrinas, a differença nos estylos, a allusão a idéas, que são manifestamente post-hippocraticas, como seria, segundo o pensar de Link contestado por Littré[2] a theoria aristotelica das quatro qualidades elementares[3] (o secco, o humido, o calido e o frio), argúem claramente que taes escriptos não representam a encyclopedia de um só homem, senão as reliquias da velha medicina hellenica, na sua mais vasta comprehensão e na inevitavel dissidencia das opiniões e theorias n'uma sciencia, que ainda hoje, apesar dos seus progressos e das suas riquezas recrescentes, permitte largos fóros á discordancia dos systemas e á independencia do juizo individual[4].

[1] «Il ne nous est plus possible aujourd'hui de reconnaître les véritables opinions d'Hippocrate au milieu de ces mutilations et de tous ces changements.» Sprengel, *Hist. de la méd.*, I, 294.

[2] Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, I, Introd. pag. 190-192.

[3] Link *Ueber die Théorien* etc. pag. 225.

[4] Link na memoria já citada admitte, segundo os testemunhos authenticos da antiguidade, ter havido quatro Asclepiades com o nome de Hippocrates, e conjectura que por elles se podem plausivelmente repartir muitos dos chamados escriptos hippocraticos. Já entre os antigos, Glaucias, um dos mais remotos commentadores, attribuira os livros περὶ χυμῶν *(dos humores)* a um Hippocrates diverso do grande medico de Cos. Galeno considera o v livro περὶ ἐπιδημιῶν *(das epidemias)* como obra de Hippocrates IV, filho de Dracon (Link. cit. memor. pag. 226). Aristoteles que allude nas suas obras a numerosos escriptores, parece ignorar, porque o não cita, o nome de Hippocrates. Os factos anatomicos que transcreve no L. III, cap. 3, da sua *Historia dos animaes* são por elle attribuidos a Polybo, a quem Littré concede a auctoria dos tratados περὶ φύσεως ἀνθρώπου *(da natureza do homem)* e περὶ διαίτης ὑγιεινῆς *(do regimen na saude)* (Littré. *Oeuv. compl. d'Hipp.* I. Introd. pag. 347). Link duvida de que os livros I e III das *Epidemias* (os unicos reputados como authenticos por Galeno e outros escriptores da antiguidade) pertençam ao mesmo famigerado Asclepiade, que a medicina sempre venerou por auctor dos *Aphorismos* (mem. cit. 234) e julga ter descoberto seis theorias medicas formuladas nos escriptos da collecção hippocratica. A primeira é a da bilis e da phleugma. Os escriptos em que domina são os livros I e III περὶ ἐπιδημιῶν *(das epidemias)*, προγνόστικον *(o prognostico)*, προῤῥήτικον *(os prorheticos)*, em cujo commentario do I livro Galeno nota haver o

Assim como é volumosa a encyclopedia, que os seculos tem vindo condecorando com a auctoria mythica de Hippocrates, assim tambem são varias e numerosas as doutrinas, que n'aquella arena amplissima de saber positivo e experimental e de controversia especulativa e hypothetica, forcejam por alcançar a palma da victoria. Por uma tradição inveterada nas escolas, é vulgar entre os homens da sciencia o que n'um vago e incorrecto significado se tem appellidado o *hippocratismo*. Esta breve designação podera persuadir que na immensa collecção de Cos ha uma só doutrina fundamental, firmada n'um principio, d'onde por uma génese simples, necessaria, natural, se derivem logicamente os preceitos e as razões da praxe e da theoria. Mas o estudo comparativo e singular de cada um dos escriptos hippocraticos, não consente que o severo criticismo alcance desentranhar d'aquella immensa mole de aventurosas conjecturas e de fa-

auctor commettido um solecismo (ἐναιωρόμενον οὖρον em logar de ἐναιωρουμένον ἐν οὔρῳ). Κώακαι προγνώσεις *(as prenoções cóacas)*, αφορίσμοι *(os aphorismos)*, em que Link, além de outros reparos sobre a genuinidade de muitos textos, faz notar a opposição entre a ordem e sequencia methodica de muitos aphorismos e a inteira confusão de varios outros: «*Bald ist unter den Sätzen einiger Zusammenhang und Ordnung, bald keine Spur davon.*» (Link. Mem. cit. pag. 235); o tratado *dos ares, das aguas e dos logares*, e o περὶ διαίτης ὀξέων *(do regimen nas doenças agudas)*. A segunda doutrina medica é a das quatro qualidades fundamentaes. É no parecer de Link uma reconstrucção da theoria dos humores, operada pela influencia da philosophia aristotelica, dando uma nova fórma á doutrina da crase, κρᾶσις, e fazendo corresponder os quatro temperamentos e os quatro humores a egual numero de elementos, segundo as idéas dominantes na philosophia peripatetica. Um dos livros que representam esta nova theoria post-hippocratica é o περὶ φυσιος ἀνθρώπου *(da natureza do homem)*. Os demais tratados que formúlam esta doutrina, muitos dos quaes não são citados por Galeno ou Erotiano, — o que lhes irroga a suspeição de pouco authenticos — são adjudicados por Link á escola de Cnido. A terceira categoria de livros hippocraticos comprehende os que hostilisam a theoria das quatro qualidades elementares, e entre elles é notavel o περὶ ἀρχαιης ἰητρικῆς *(da antiga medicina)*, que todavia Littré insiste em referir ao Hippocrates legitimo *(Œuv. compl. d'Hipp.* Introd. pag. 294 e segg.) E de feito logo no principio d'aquelle notavel tratado, o seu auctor se insurge com vehemencia contra os que *de viva voz ou por escripto*, λέγειν ἢ γραφειν, tentaram tratar a medicina, creando para seu uso, como base de seus raciocinios a hypothese do cálido ou do frio, do humido ou do secco, e enganando-se a olhos vistos sobre muitos dos pontos que sustentam: Ὁκόσοι ἐπεχείρησαν περὶ ἰητρικῆς λέγειν ἢ γράφειν, ὑπόθεσιν σφίσιν αὐτέοισιν ὑποθέμενοι τῷ λόγῳ, θερμὸν, ἢ ψυχρὸν, ἢ ὑγρὸν, ἢ ξηρὸν···· ἐν πολλοῖσι μὲν καὶ οἷσι λέγουσι καταφχνέες εἰσὶν ἁμαρτάνοντες. (Hipp. περὶ ἀρχαιης ἰητρικῆς, *da antiga medicina*, n.º 1). A quarta theoria é a que admitte o fogo como a causa de todos os phenomenos cosmicos e organicos. É a philosophia de Heraclito tomando a principal influencia na direcção do pensamento medico. O livro hippocratico, onde esta theoria se manifesta é o περὶ σαρκῶν *(das carnes)*. N'elle se nos depara uma notavel

ctos experimentaes a unidade e a travação de um systema individual. É que em verdade ha tantos hippocratismos quantos foram provavelmente os principaes collaboradores d'aquella grande collectanea encyclopedica. O erro grave, em que tropeçam os criticos da antiguidade, cifra-se em prosupporem que nos seculos preteritos as leis, que presidiram aos successos, não eram eguaes exactamente ás que determinam em nossos tempos a evolução moral da humanidade. Ora o que na Grecia do v seculo antes da nossa era, se passava em relação á medicina era forçosamente o mesmo que estava acontecendo na philosophia e no regimen social, o mesmo que se observou depois na época da Renascença e da Reforma, o mesmo que vimos realisado no seculo decimo oitavo, a edade proverbial da anarchia do pensamento. Imaginemos que os tractados medicos d'aquella época, desde os escriptos de Hoffmann, de Boerhaave, de

theoria physiologica da formação dos tecidos e dos differentes orgãos e apparelhos, a qual faz lembrar em muitos pontos a singular génese dos organismos, formulada por Platão no seu *Timeu*, inspirado nas doutrinas heracliteas e pythagoricas (veja o tratado *das carnes* nos num.[s] 1 a 18. Littré. *Œuv. compl. d'Hipp*. T. VIII. pag. 584 e segg). A quinta theoria é a do πνευμα e os escriptos que a defendem são o περὶ ὀστεῶν φυσιος *(da natureza dos ossos)* e o περὶ φυσῶν *(dos ventos)*. A sexta doutrina finalmente é a dos fluxos ou catarrhos. Os seus representantes na collecção hippocratica são os tratados περὶ τόπων τῶν κατ'ἄνθρώπον *(dos logares no homem)* e περὶ ἀδένων *(das glandulas)*. Littré oppõe muitas duvidas e objecções á critica de Link (Littré. I., Introd. cap. VIII. *Examen des ouvrages modernes où l'on traite* ex professo *de l'histoire des livres dits hippocratiques)* e confuta a doutrina do sabio naturalista allemão, adepto d'aquella escola critica, d'onde saíu a negação de Homero e Hesiodo e a da historia classica de Roma, sob o dominio dos reis. Apesar de que o douto e investigador Littré não leva até o extremo a incredulidade systematica de Link em relação a Hippocrates, não é menos certo que o medico philologo francez, repartindo a collecção dos escriptos hippocraticos em onze classes (Introd. cap. XII. *De chacun des livres de la collection hippocratique en particulier)*, só admitte como escriptos authenticos de Hippocrates os livros *Da antiga medicina;* o *Prognostico;* os *Aphorismos;* as *Epidemias* (livros I e III); o *Regimen nas doenças agudas;* o tratado dos *Ares, das aguas e dos logares;* o das *Articulações* (περὶ ἄρθρων), o das *Fracturas* (περὶ ἀγμῶν), o Μοχλικόν, ou dos *Instrumentos de reducção* (o qual sendo um resumo do tratado antecedente, Littré só com este debil fundamento inclue no *canon* das obras genuinas de Hippocrates); o livro *Das feridas da cabeça* (περὶ τῶν ἐν κεφαλῇ τρωμάτων); o *Juramento* (Ὅρκος) e finalmente a *Lei* (Νόμος), que o sabio positivista não tem comtudo a certeza de que pertença ao medico de Cos (Introd. I, pag. 344). As dez classes restantes, segundo o systema critico de Littré, comprehendem a maxima parte da collecção hippocratica e negam ao chefe da escola cóaca a auctoria de escriptos numerosos. É pois manifesto que todos os criticos desde a mais alta antiguidade até aos nossos dias, foram successivamente despojando o Hippocrates quasi mythico até o reduzirem, como Link, a um synonymo da medicina grega, como Grüner e Sprengel ao primeiro dos seus pares, como Littré ao chefe de uma escola.

Stahl e de Morgagni, até os trabalhos de Cullen, de Brown, de Barthez e de Rasori, transmittidos a remota posteridade perdiam o nome e auctoridade pessoal e depois de confundidos e mesclados constituiam um descommunal repositorio de observações e de doutrinas. Supponhamos agora um critico investigador porfiando paciente em destrinçar d'aquella enredada encyclopedia a doutrina capital na medicina durante o seculo de Luiz xv e da grande revolução. Seria baldado seguramente o seu empenho. A analyse e a critica alcançariam apenas demonstrar que n'aquella quadra de complexo e incessante lavor intellectual teriam simultanea ou seguidamente dominado e florecido a escola anatomo-pathologica com o livro de *Sedibus et causis morborum per anatomiam indagatis*, de Morgagni, o iatro-mechanismo com o dynamismo nervoso no auctor do *Systema medicinae rationalis*, o iatro-mechanismo impregnado de chimiatria em Boerhaave e na escola medica de Leyden, o animismo com Stahl, o vitalismo de Barthez, o animo-vitalismo e o dynamismo organico em Bordeu, o nervoso-dynamismo no auctor da *Medicina pratica*, a doutrina da incitabilidade, da diathese sthenica, da asthenia e sthenia com o illustre medico escossez, e finalmente com Rasori a theoria do contra-estimulismo.

O mesmo succede cabalmente com respeito á collecção medica de Cos. O juizo antecipado e persistente de que todos os escriptos d'esta época haviam tido a Hippocrates por auctor, determinou os cegos enthusiastas do supposto creador da medicina a torcerem o sentido e a darem tratos á exegese para construir um só hippocratismo, opposto formalmente á escola cnidia, e que fosse como o padrão e a bitola da medicina philosophica, mas severamente experimental. Hoje, á luz da critica moderna, e em face dos progressos da sciencia, o hippocratismo quasi desapparece como systema, para se nos figurar como a enorme congerie das idéas e das hypotheses, que repartem na Grecia o pensamento medico desde os tempos de Pericles até á decadencia da liberdade atheniense. E assim como na medicina do xviii seculo, racional e especulativa em summo grau sem deixar de enriquecer os thesouros da sciencia com os fructos da austera observação, todas as doutrinas philosophicas estão mais ou menos palpavelmente representadas, desde o cartesianismo nas escolas iatro-mechanicas e a philosophia de Bacon na sciencia puramente experimental do empirismo, até ás monadas de Leibniz nas escolas vitalistas de Stahl e de Hoffmann, assim tambem na Grecia do v seculo todas as seitas philosophicas apparecem influindo as varias concepções da medicina.

Já vimos como as idéas pythagoricas imprimiram ao passar o seu rasto perceptivel nos escriptos hippocraticos. É visivel em muitos d'elles que os seus antigos redactores se deixaram avassallar pelos aventurosos dogmas de Heraclito. A propria maneira philosophica do sabedor ephesio se revela na laconica redacção e na forma paradoxal do livro *Do alimento*, um dos mais

notaveis escriptos hippocraticos. Ali é manifesta a predilecção do escriptor pelas syntheses arrojadas e pelas generalisadoras concepções, que vinculam como sciencias inseparaveis a physiologia e a sabedoria universal. É ali professada a opinião de que é *um* o principio e o fim, uma a causa e a terminação de tudo quanto existe no universo, de que o fim e o principio se confundem na absoluta identidade[1]. É ali que a doutrina do ser e do não ser na sua antithese perpetua e na sua synthese infallivel, reveste a fórma oracular tão grata ao que a antiguidade appellidou o philosopho *obscuro*. «A mesma natureza tem o ser e o não ser»[2]. A unidade nas forças do universo é ali consubstancial com a sua pluralidade. «A potencia, *δύναμις*, é uma, e não é uma[3]». No tratado *Do regimen* o principio universal do Kosmos é o fogo, que «tudo governa sem excepção e sem repouso[4].» No livro *Da arte*, o fogo innato, inherente, ou como alguns tradusem *integrante*, *πῦρ σύντροφον*, *ἐμφυτὸν θερμον*, exerce uma funcção essencial na explicação dos phenomenos vitaes e nas theorias pathogenicas[5]. Em certos escriptos hippocraticos o organismo compõe-se dos quatro ou cinco elementos admittidos desde Empedocles. Mas em outras composições do mesmo cyclo, «todas as plantas e animaes constam de dois elementos unicamente, o fogo e a agua[6].» No tractado *Do regimen*, *περι διαιτης*, a influição, que a philosophia de Heraclito havia exercido na medicina está claramente debuxada na fórma aphoristica, paradoxal e antithetica de muitos dos seus dogmas fundamentaes. Assim, segundo o escriptor d'esta philosophia medica, «nada absolutamente se anniquilla, e nada nasce que não existisse já anteriormente[7].» Nascer e morrer é a mesma coisa: o mesmo é a mistura e a separação; o mesmo é crescer e descrescer... um por tudo, tudo por um é o mesmo, e nada em tudo é a mesma coisa[8].» O livro *Da natureza do homem* é uma prova concludente de que a philosophia eleatica havia irrompido nos dominios

[1] «'Αρχὴ δὲ πάντων μία, καὶ τελευτὴ πάντων μία, καὶ ἡ αὐτὴ τελευτὴ καὶ ἀρχή.» *Do alim.*, § 9.º em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.* IX, pag. 102.

[2] «Μία φύσις εἶναι καὶ μὴ εἶναι.» Ibid., § 24.º, pag. 106.

[3] «Δύναμις μιη καὶ οὐ μιη.» Ibid., § 32.º, pag. 110.

[4] «Τοῦτο πάντα διὰ παντὸς κυβερνᾷ.» *Do regim.*, I, 10, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VI, pag. 486.

[5] *Da art.*, § 12, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.* VI, 24.

[6] «Πυρὶ καὶ ὕδατι πάντα ξυνίσταται καὶ ζῶα καὶ φυτά.» *Do regim.* II, § 56, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.* VI, 566. Cf. I § 3, pag. 472.

[7] «'Απόλλυται μὲν οὖν οὐδὲν ἁπάντων χρημάτων, οὐδὲ γίνεται ὅ τι μὴ καὶ πρόσθεν ἦν.» *Do regim.* I, 4. Em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VI, 474.

[8] «Γενέσθαι καὶ ἀπολέσθαι τωὐτὸ... γενέσθαι, ξυμμιγῆναι τωὐτὸ, ἀπολέσθαι, μειωθῆναι, διακριθῆναι τωὐτὸ, ἕκαστον πρὸς πάντα καὶ πάντα πρὸς ἕκαστον τωὐτὸ, καὶ οὐδὲν πάντων τωὐτὸ.» *Do regim.* I, 4, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VI, 476.

medicos, porque sendo o assumpto principal d'aquelle escripto o definir e comprovar a doutrina dos quatro humores fundamentaes, principia oppugnando com vehemencia os que tinham introduzido na medicina as idéas eleaticas, a substancia unica e universal, o ἐν τὸ πᾶν, de Melisso e de Parmenides[1]. Os influxos da escola dos sophistas, a tendencia dialectica dominante no lavor intellectual da vida hellenica, este recrescente fervor de controverter e disputar, tem os seus notaveis representantes nos escriptos hippocraticos, ainda mesmo n'aquelles, em que o auctor recommenda e encarece as excellencias do methodo experimental. O livro *Da natureza do homem* apresenta em extremo grau o caracter polemista e escolastico, e as suas demonstrações destinadas a refutar o mónismo philosophico, e a responder á argucia dos eleatas, não são muito menos subtis e ardilosas que os arrasoamentos dialecticos de Zeno ou de Parmenides. E todavia aquelle notabilissimo tratado tem principalmente por destino o assentar e dedusir a doutrina physiologica e pathogenica dos humores, a mais bem systematisada theoria de quantas na antiguidade pleitearam o sceptro da sciencia[2]. No discurso ou opusculo *Da arte*, consagrado a rebater a impenitencia dos sophistas em quanto á efficacia da medicina, o apologista da nobre profissão accommoda ao seu assumpto as fórmas dialecticas da escola, do dicasterio ou da tribuna[3]. Como em todas as edades, a medicina hellenica affeiçoa-se ao molde intellectual, que lhe offerece a philosophia, porque nem o mais soberbo e intratavel empirismo, sob pena de perder inteiramente os foros de sciencia, ousou nunca dispensar no enredado labyrintho dos factos experimentaes, descosidos, inertes, despojados de vida intellectual, o precioso fio de uma tal ou qual philosophia, *epilogismo* e analogia de Menodoto, de Philino, de Cos e dos empiricos alexandrinos, inducção gradativa e mesurada no positivismo severo de Thomas Sydenham e dos modernos observadores hostis á minima sombra de systema. E quando a medicina encontra a anarchia radicada nos dominios philosophicos, é natural que na sciencia appareça, desenhado o reflexo de cada uma das tendencias divergentes na direcção do pensamento. Á dissidencia dos systemas philosophicos responde na medicina hellenica, assim como na de todas as edades de largo movimento scientifico, a lucta e oppugnação das theorias medicas. E de feito se cotejamos entre si os escriptos da collecção hippocratica, logo ao primeiro assomo é facil perceber o antagonismo, ou a divergencia das idéas. A diversidade e reluctancia dos systemas é manifesta não sómente nas regiões theoricas, na idéa mãe que preside á pathologia, senão tam-

[1] *Da nat. do hom.*, §§ 1, 2, 6, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.* VI, 32 segg.—*Da ant. med.*, § 1.° Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.* I, 570.

[2] *Da nat. do hom.*, §§ 1,—6, em Littré, *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VI, 32—46.

[3] *Da arte*, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VI, 2 segg.

bem nos dominios praticos, onde os therapeutistas e os clinicos reproduzem a dissonancia dos theoricos. Da grande variedade e contradicção nos methodos therapeuticos nos tempos hippocraticos é testemunho irrecusavel o auctor do *Regimen nas doenças agudas*, περι διαιτης ὀξέων. Exemplificando varios pontos capitaes, em que andavam desconformes os clinicos d'aquelle seculo, lastima o escriptor que de tão damnosas contradicções a sciencia viesse a incorrer em grande desfavor perante o publico, διαβολὴν γε ἔχει ὅλη ἡ τέχνη πρὸς τῶν δημοτέων μεγάλην, chegasse a enraisar-se a opinião de que não existe realmente a medicina, ὡς μηδὲ δοκέειν ὅλως ἰητρικὴν εἶναι. Porque (prosegue o auctor) nas doenças agudas, tanto os praticos, χειρωνάκται, differem entre si, que o tratamento por um d'elles preconisado por melhor, um outro o condemna por nocivo[1]. A variedade e contradicção nos methodos therapeuticos era como sempre o forçoso corollario da maneira diversa de resolver as questões fundamentaes da pathologia e das hypotheses accommodadas a explicar a acção dos modificadores no organismo. Uns attribuiam o effeito dos medicamentos ás suas propriedades physicas, e ás qualidades elementares, em quanto outros confiavam exclusivamente á jurisdicção do empirismo os problemas therapeuticos e proclamavam que no emprego dos meios curativos só deveriamos atter-nos ao criterio experimental[2]. E d'esta maneira de conceber a therapeutica se nos depara expresso testemunho no livro *Das affecções*, onde, claramente se attribue a invenção dos medicamentos á fortuna ou ao acaso, τύχη, e não ao vigor do raciocinio[3]. Nos escriptos hippocraticos apparecem já perfeitamente delineadas as duas tendencias principaes, que tem dividido a medicina no decorrer dos seculos, e que pleiteam entre si a dominação e o primado. Em muitos dos livros attribuidos a Hippocrates é visivel o caracter especulativo, como no *Regimen, na Arte, no Alimento,* umas vezes limitado pelo correctivo salutar da observação e da experiencia[4], ou ao menos com elle associado, outras vezes, dando a vela soltamente ao vento das hypotheses e engolfando-se temerario no pelago dos systemas abstrusos, peremptoriamente refutados pela mais superficial observação[5].

[1] *Do regim. nas doenç. agud.* 3, em Littré, *Oeuv. comp. d'Hipp.*, II, 238–242.

[2] Spreng. *Hist. de la méd.*, I, pag. 371.

[3] «Οὐ γὰρ ἀπὸ γνώμης ταῦτα εὑρίσκουσιν οἱ ἄνθρωποι, ἀλλὰ μᾶλλον ἀπὸ τύχης.» *Das affecç.* 45, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VI, 254.

[4] No livro *Da arte,* fallando das affecções internas, o escriptor diz. «O que escapa á vista dos olhos, é dominado pela visão do entendimento.» *Da arte,* 11, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VI, 20.

[5] Vejam-se as hypotheses pueris e absurdas explanadas no *Regimen*, I, 35, Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VI, 512 segg., ácerca da saude mental ou psychica e as relações do regimen alimentar e gymnastico com a *nutrição* da alma. Compare-se no livro III do *Regimen* a singular theoria consagrada pelo auctor hippocratico a explicar o des-

N'outros escriptos hippocraticos, nos *Preceitos*[1] e na *Antiga medicina*, por exemplo, apparece canonisado o empirismo, e condemnada abertamente a especulação. N'outras obras, como no I e III livro das *Epidemias*[2] a sciencia mantem-se estreitamente nos dominios da severa observação, apenas com fugitivas e raras allusões á theoria dos humores[3]. E d'esta sorte se comprehende e se explica facilmente como as duas escolas mais adversas na indole e nos processos, a dogmatica e a empirica, pretendem com egual jus e fundamento representar a herança e successão do verdadeiro Hippocrates, e como por um lado Thessalo e Polybo, e a outra parte Serapion e Philino, reclamam egualmente a orthodoxia e professam continuar a tradição do hippocratismo. Raro na immensa collecção de Cos se nos depara um só tratado, onde o seu auctor não tome alguma vez o tom polemico, e não contradiga uma concepção ou theoria de algum predecessor ou contemporaneo. Em meio pois d'esta profunda elaboração intellectual, que trabalha a medicina desde os tempos de Pericles até os dias de Aristoteles, em presença d'esta poderosa reacção, em que todos os elementos scientificos se mesclam, se confundem, se compenetram, se repulsam e reagem entre si para enriquecer e affeiçoar uma extensa encyclopedia, não é para espantar que os livros chamados hippocraticos, que representam para nós as reliquias d'este grande movimento espiritual, nos offereçam doutrinas diversissimas, e nos estejam prefigurando como em mais ou menos bem debuxada miniatura, os sys-

equilibrio funccional produzido pelo excesso da alimentação sobre o exercicio ou da inversa relação entre estas duas condições essenciaes, de que, segundo a doutrina professada n'este livro, depende a conservação do estado physiologico. Note-se particularmente a hypothese abstrusa appresentada pelo auctor, como doutrina irrecusavel, para demonstrar que o excesso do exercicio, ou do alimento produzem egualmente uma plethora. *Do regim.*, III, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VI, 592 segg.

[1] *Preceitos*, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, IX, 250 segg. É no livro *Da antiga medicina* que apparece mais vigorosamente defendida a boa doutrina de que a medicina, como sciencia altamente experimental, só na observação e na experiencia póde afundar os seus mais seguros e duradouros alicerces. Mas o auctor é o primeiro a infringir os excellentes preceitos do seu empirismo racional para enleiar-se em hypotheses pathogenicas não menos inconsistentes que as dos medicos especulativos, de cujas temerarias concepções faz a critica cerrada e implacavel. Tambem nos tempos modernos John Brown, o engenhoso e ardente reformador da medicina, faz severissimo processo ás especulações e ás hypotheses dos seus predecessores, exalça e recommenda os serviços eminentes prestados por Morgagni á sciencia experimental e conclue substituindo aos erros consagrados um erro brilhante e systematico.

[2] *Epidem.* liv. I. em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, II, 598 e segg., e *Epid.* liv. III, na mesma obra, III, 24 e segg.

[3] «Von keiner Theorie kommt etwas vor, als dass ἐμετοὶ φλεγματώδεις und χολώδεις unterschieden werden.» Link, *Ueber die Theorien* etc , 233.

temas de cuja gradual evolução e varia metamorphose se foi desde então até hoje urdindo e entretecendo a historia geral da medicina. Umas vezes esta sciencia hippocratica, este fecundissimo Proteo, que reveste as mais dissonas e multiformes theorias, nos apparece professando a hypothese das qualidades elementares e a doutrina dos elementos, taes como os concebera o philosopho agrigentino[1]. Outras vezes em obras hippocraticas influidas por diversa concepção, como no livro *Da antiga medicina*, exhaure o critico o vigor e a subtilesa da polemica para verberar o uso das hypotheses, e condemna como entre todas damnosissima a das qualidades elementares[2]. Esta phase antiga da sciencia, guardadas as proporções entre a pobresa experimental d'aquelles tempos e a presente exuberancia dos factos scientificos, era como que o primeiro ensaio de applicar á medicina doutrinas chimicas, e demonstrava a audaciosa tentativa, em que o espirito nas épocas florentes do genuino pensamento hellenico, se anticipava aos arrojos da sciencia contemporanea, buscava illuminar os escuros penetraes da biologia com o facho das leis ou das hypotheses ácerca de todo o Kosmos e da natureza inorganica, e franquear o sombrio intermundio, que parece distanciar dos phenomenos organicos os da natureza submettida ás leis chimico-physicas. A esta concepção ácerca da composição elementar dos organismos naturalmente se vincula a doutrina dos humores, que se affirma ter sido a predominante na physiologia e nos systemas pathologicos d'aquelle celebrado cyclo medico, e depois de aproveitada por tão eminentes pensadores como Diocles, Praxagoras, Herophilo, e tendo cimentado os seus mais fundos alicerces ás doutrinas da escola dogmatica[3], achou finalmente ainda em plena antiguidade no medico de Pergamo o seu mais fecundo e erudito aperfeiçoador. Mas o numero dos humores admittidos não é constante nos diversos tratados hippocraticos. No livro *Da natureza do homem* são quatro os humores fundamentaes, o sangue, o *phlegma*, a bilis amarella e a bilis negra. A condição de que a saude está pendente é a *crase*, a harmonia, o equilibrio na quantidade e na energia d'aquelles elementos essenciaes, κρήσιος καὶ δυναμιος καὶ τοῦ πλήθεος[4]. Nos tratados *Das affecções*, e no livro I *Das doenças*, a pathologia encurta e simplifica o mechanismo das funcções, e contenta-se com dois unicos humores, a bilis e o *phlegma*, a cuja soberana influição se produz o inteiro quadro nosologico. A theoria das qualidades enlaça-se aqui estreitamente á doutrina humoral simplificada[5]. No livro *Da natureza da*

[1] *Das carn.*, I. § 2, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VIII, 584.
[2] *Da ant. med.*, 1 e segg. em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, I, 570 segg.
[3] Sprengel, *Hist. de la méd.*, I, 357-358, 372, 439.
[4] *Da nat. do hom.*, 4, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.* VI, 38-40.
[5] «Ἡ δὲ χολὴ καὶ τὸ φλέγμα τὰς νούσους παρέχει» *Das affecç.*, 1, em Littré

creança os humores diversificam de nome e natureza, o sangue, a bilis, o *phlegma* e a agua, ὑδρωψ, constituem o systema da velha pathologia[1].

A theoria do *pneuma* é representada principalmente nos opusculos *Dos ventos* e *Da natureza dos ossos*[2]. No tratado *Do regimen* a doutrina heraclitea apparece representada pelo dogma fundamental de que o fogo é o agente cinetico, o incessante causador do movimento, τὸ μὲν γὰρ πῦρ δύναται πάντα διὰ παντὸς κινῆσαι. A agua representa o alimento universal, τὸ δὲ ὕδωρ πάντα διὰ παντὸς θρέψαι[3]. O systema que attribue o principal influxo no organismo ao fogo ou ao calor, apparece em outros livros hippocraticos, principalmente no *Das carnes*, περὶ σαρκῶν. Ali o calor é immortal, dotado de omnisciencia, vendo, ouvindo, e conhecendo tudo no presente e no porvir. É pela sua acção que o auctor, embuido na philosophia de Heraclito, explica a formação de todos os orgãos[4]. A doutrina dos *fluxos*, ῥοῦς, que no conceito de Link constituia uma das theorias medicas dos tempos hippocraticos, e porventura uma das mais plausiveis e vulgares[5], figura particularmente no livro, que tem por titulo *Dos logares no homem*, e no *Das glandulas*, mas parece ter sido, em vez de uma doutrina peculiar, antes uma concepção subordinada á theoria dos humores[6].

As duas celebradas e dogmaticas affirmações, que tem servido de lemma e de principio a escolas antagonistas, *contraria contrariis, similia similibus*, já existem peremptoriamente assignaladas na medicina hippocratica. «Os contrarios são os meios curativos dos contrarios» diz o escriptor hippocratico no livro περὶ φύσων, porque a medicina, continúa aquelle auctor, é *prosthese* e *apherese*, quer dizer accrescentamento e diminuição, corrigindo pela ultima o que no organismo causa a doença por excesso, e supprindo pelo primeiro o que tem a sua origem no defeito[7]. Mas a doutrina contraposta, aquella, em que Hahnmann principalmente

Oeuv. comp. d'Hipp., VI, 208.—«Αἱ μὲν οὖν νοῦσοι γίνονται ἅπασαι ἀπό τε χολῆς, καὶ φλέγματος,» *Das doenças*, I, 2, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VI, 142. Segundo a doutrina d'este livro a bilis e o *phlegma* determinam todas as enfermidades originadas em causas internas, por intermedio dos alimentos e das bebidas, ora do calido em demasia, ἀπὸ τοῦ θερμοῦ ὑπερθερμαινοντος, ora do frio demasiado, ἀπὸ τοῦ ψυχροῦ ὑπερψύχοντος.

[1] «Ἔχει δὲ καὶ ἡ γυνὴ καὶ ὁ ἀνὴρ τέσσαρας ἰδέας ὑγροῦ ἐν τῷ σώματι, ἀφ'ὧν αἱ νοῦσοι γίνονται... αὗται δὲ αἱ ἰδέαι εἰσὶ φλέγμα, αἷμα, χολὴ, καὶ ὕδρωψ.» *Da nat. da creanç.*, 32, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VII, 542.

[2] Link. *Ueber die Theorien* etc., pag. 239.

[3] *Do regim.*, I, 3, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VI, 472.

[4] *Das carn.*, 2 segg., em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VIII, 584 segg.

[5] Link *Ueber die Theorien* etc. pag. 239.

[6] *Das gland.*, passim, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VIII, 556 segg.

[7] «Τὰ ἐναντία τῶν ἐναντίων ἐστὶν ἰήματα· ἰητρικὴ γὰρ ἐστι πρόσθεσις καὶ ἀφαι-

ha firmado o seu systema e que serve de axioma capital á homoeopathia, também se nos depara escripta e explanada em livros hippocraticos. O tratado *Dos logares no homem* assevera que em muitos casos é pela applicação dos semelhantes que os enfermos recobram a saude[1]. Assim «o que produz a strangu-ria, que não existe, faz cessar a stranguria que já existe realmente[2].» N'este escripto hippocratico nenhum dos dois principios, ao parecer inconciliaveis, é absoluto e exclusivo; ambos são egualmente verdadeiros, e subordinados á necessidade e occasião, χαιρος. Porque «a medicina (diz com admiravel profundesa o escriptor d'esse tractado) não faz sempre agora e logo a mesma coisa, antes no mesmo individuo opera de um modo contrario a si propria[3].»

Em tão varia dissonancia de theorias e de hypotheses, é difficil, senão de todo o ponto inexequivel extrair dos escriptos medicos de Cos, ou antes, de quanto nos legou na medicina a antiguidade hellenica, um systema connexo e uniforme, que mereça cabalmente appellidar-se o verdadeiro dogma hippocratico. Não ha, não houve nunca um systema d'este nome, como existiu realmente um galenismo, como foram as doutrinas exclusivas e systematicas de Paracelso, Van-Helmont, Sylvius e Borelli, como são em tempos mais recentes os systemas de Boerhaave, de Brown, de Broussais e de Rasori. Se na immensa multidão de concepções, em que se repartiram os maiores engenhos medicos da Grecia, é licito attribuir ao velho classico de Cos uma doutrina especial, parece-nos que os seus caracteres essenciaes se hão de cifrar apenas no seguinte.

Em primeiro logar, no que, por conveniencia ou abbreviatura podemos dizer hippocratismo, ou antes a mais perfeita construcção da medicina durante a antiguidade hellenica, a sciencia perde inteiramente o seu caracter divino, sacerdotal. Deixa a phase theologica, que na evolução do pensamento scientifico, annuncia o primeiro estadio na escala dos progressos intellectuaes. A medicina grega, representada por Hippocrates, é principalmente caracterisada pela sua indole puramente humana e secular. Das tradições dos Asclepiades passa para o methodo experimental. Deixa o *Asclepion*, onde a arte de cu-

ρεσις, ἀφαιρεσις μὲν τῶν ὑπερβαλλόντων, πρόσθεσις δὲ τῶν ἐλλειπόντων.» *Dos vent.*, § 1.º, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VI, 92.—Esta doutrina da *prosthese* e da *apherese*, era vulgar e consagrada na sciencia, porque o auctor do livro hippocratico *Da nat. do hom.* diz: «Dirigir-se-ha o tratamento, ora subtraindo, ἀφαιρέοντὰ, ora accrescentando προστιθεντὰ, *como eu o tenho dito desde longo tempo.*» *Da nat. do hom.*, 9, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VI, 54.

[1] «Διὰ τὰ ὅμοια νοῦσος γίνεται, καὶ διὰ τὰ ὅμοια προςφερομένα ἐκ νοσεύντων ὑγιαίνονται.» *Dos log. no hom.*, 42, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VI, 334.

[2] Loc. cit.

[3] *Dos log. no hom.*, 41, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VI, 332.

rar é um ramo da encyclopedia hieratica ou sagrada, um caso particular da *mantica*, ou da sciencia dos oraculos, e vem exercitar no mundo profano o seu officio salutar. O velho deus da medicina perde a sua immemorial supremacia, assim como a natureza, perante a investigação e o raciocinio da philosophia jonica, cessa de ser uma congerie interminavel de deuses e de *daimones*, para se apresentar aos olhos da razão como um systema de forças operando harmonicamente sobre a eternidade da materia. Os phenomenos vitaes, quer hygidos, quer morbidos, realisam-se como todos os demais da natureza, segundo leis preestabelecidas e immutaveis. «A lei governa tudo» escreve o auctor de um livro na collecção de Cos[1].

Tudo acontece em a natureza por uma divina necessidade, *ἀνάγκην θείην*, por um destino ineluctavel, *πρεπωμένην μοίρην*[2]. É a esta forçosa e geral subordinação dos phenomenos ás leis, é a este determinismo, que o espirito subjectivamente representa no principio da causalidade, fóra de toda a interferencia e capricho da fortuna ou do acaso, *τύχη*, que a sciencia deve o ser, e a medicina a sua propria dignidade. O que os deuses uma vez estatuiram como lei, rege o mundo organico e inorganico sem quebra nem excepção da sua infallivel e fatal generalidade[3]. Os phenomenos pathologicos são, no sentido d'esta philosophia medica, regrados e sujeitos ás causas que determinam, sem nenhuma intervenção preternatural, as mudanças e evoluções no organismo. Os agentes morbigenos operam, no conceito dos mestres hippocraticos, obedecendo ás intimações da natureza, *κατὰ φύσιν*[4].

[1] «Νόμος μεν πάντα κράτύνει.» *Da géraç.*, § 1.°, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VII, 470.

[2] *Do regimen*, I, 5 em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VI, 478.

[3] Ibid. pag. 486-488.

[4] «Γίγνεται δὲ κατα φύσιν ἑκαστα.» *Dos ares, das aguas e dos logares*, 2, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, II, pag. 80. Contra esta doutrina parece contender um logar dos *Prognosticos* (Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, II, 112), onde Hippocrates, ou o auctor d'esta preciosa collecção pathognomonica, admitte que algumas enfermidades possam ser directamente produzidas por influição sobrenatural ou divina, *εἴ τι θεῖον ἔνεστιν ἐν τῇσι νούσοισι*. Esta contradicção poderia auctorisar que se attribua o tractado dos *Prognosticos* a auctor diverso do que escreveu os *Ares, as aguas e os logares*. Se não é que o *θεῖον*, *divino*, está ali tomado na mesma accepção, em que apparece em um texto significativo do tractado sobre a doença sagrada, ou epilepsia, *ἱερῆς νούσου*, onde o pseudo-Hippocrates disputando sobre se esta enfermidade tem por origem a vontade suprema dos deuses, se resolve em attribuir-lhe as mesmas causas, d'onde provém todos os phenomenos da natureza. *«φύσιν δὲ τοῦτο καὶ πρόφασιν ἀπὸ ταὐτοῦ τὸ θεῖον γίνεσθαι ἀφ' ὅτου καὶ τἄλλα πάντα.»* *Da doenç. sagrad.* § 2.°, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VI, 364. O *θεῖον* apparece com o mesmo significado n'um logar do liv. I *Do regimen* (*περὶ διαιτῆς*), em

Admittida a origem natural de todos os phenomenos vitaes, e humanada a medicina, era forçoso corollario que o seu estudo caísse na jurisdicção do pensamento scientifico, emancipado já inteiramente do jugo theologico. Ora a sciencia antiga nos tempos hippocraticos tinha por caracter essencial o ser encyclopedica. A sapiencia, σοφία, abraçava na sua vastissima amplidão quanto podia anhelar a curiosidade e comprehender o entendimento. Ainda o genio profundamente analytico de Aristoteles não tinha delimitado o campo de cada sciencia especial, e os sabios, indiviso ainda o largo patrimonio do saber, abrangiam na sua mystica unidade e harmonia a sciencia universal, a geral comprehensão de Deus, do homem e do universo. A medicina era pois um appendice da antiga philosophia, e nos seus systemas andava confundida e enredada. Os philosophos de mais eminente nomeada haviam sido ao mesmo passo os mais auctorisados sabedores da medicina. Pythagoras, Empedocles, Heraclito e Democrito, tinham sido philosophos e medicos theoricos. Se á escola hippocratica não pertence a prioridade em assignalar distinctamente as fronteiras da medicina, já em certa maneira demarcadas pelos cnidios e crotoniatas, todavia, parece irrecusavel que uma das suas feições principaes e caracteristicas, foi o empenho de constituir com propria independencia a arte de curar, confirmando por trabalhos memoraveis o que os seus predecessores haviam apenas iniciado e auctorisando, pela sciencia e pela dignidade social, a classe medica. No dizer de Celso, a Hippocrates, isto é aos medicos de Cos, se deve attribuir o haverem sido entre os sabios dignos de memoria, os primeiros que separaram da sciencia universal a medicina[1]. Segregada a encyclopedia medica do amplissimo cahos, onde existiam mesclados os rudimentos do saber, a sciencia perdeu, nas mãos dos hippocraticos, a feição puramente especulativa, que distingue entre os

Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VI, 476-478. «πάντα γίνεται δι' ἀνάγκην θείην.» «Tudo é creado ou produzido por necessidade divina». Compare-se o emprego de θεῖον com a habitual designação, com que Socrates exprime os phenomenos cosmicos, reputando-os por divinos, superiores e inaccessiveis á humana curiosidade, em Xenoph. *Memorabil.* A unica excepção, que a medicina cóaca parece fazer á generalidade indefectivel das necessarias leis da natureza, é a dos sonhos, que enviados pelos deuses aos mortaes são um dos meios de communicação entre o espirito e a divindade, e segundo a crença popular caem fóra da jurisdicção da physiologia. Vej. *tratado dos sonhos* (περὶ ἐνυπνίων) (liv. IV *Do regimen*) 87, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VI, 640-642.—Cf. um logar do tractado περὶ ευσχημοσυνης, *de decenti ornatu*, 6, em Littré, *Oeuv. comp. d'Hipp.*, IX, 234, onde o auctor protestando piedosamente que a medicina é reverentissima para com os deuses, πρὸς θεῶν ἐντίμως κειμένη ἡ ἰητρική, dá todavia claramente a entender que todos os phenomenos são manifestações da ordem natural.

[1] «Primus quidem ex omnibus memoria dignis ab studio sapientiae disciplinam hanc separavit vir et arte et facundia insignis.» Cels. *Medic.*, I, introd. pag. 2.

hellenos a geral philosophia. A medicina despojou-se mais e mais das suas fórmas escolasticas para converter-se n'uma arte, n'um technismo, n'um saber de applicação. A sua indole technica, a necessidade de resolver a cada passo não uma questão academica, discreteada por sophistas, mas um problema pathologico, determinado pela acção concomitante do organismo e do ambiente, a urgencia de estudar não uma theoria especulativa, mas um caso morbido, e applicar-lhe a *prognose* e um methodo therapeutico e dietetico efficaz e acommodado, ensinou aos hippocraticos o caminho experimental, como o solido e inabalavel fundamento em que firmar uma util medicina. A sciencia hippocratica distingue-se pois principalmente dos processos antecedentes em haver adoptado como principio escencial a observação e a experiencia. Mas a contemplação empirica da natureza dá apenas os soltos e confusos materiaes do edificio scientifico. Este fio immaterial, que liga entre si os phenomenos dispersos e os conduz á lei e á unidade, só o póde ministrar o pensamento. Os olhos materiaes vêem o corpo da natureza, mas sómente a visão penetrante do espirito póde inquirir e adivinhar, na immensa congerie dos phenomenos individuaes, a vida collectiva do organismo[1]. Por isso a medicina hippocratica é altamente experimental sem menospresar o raciocinio.

A natureza é o seu assumpto, a experiencia o seu facho, a razão o seu guia e director. A exposição d'este principio resume-a o grande mestre no seu tratado *da medicina antiga* n'estas palavras: «Creio ser forçoso que o medico estude e observe a natureza humana e inquira zelosamente, se deseja fazer o que convém, quaes são as relações do homem com os alimentos, com as bebidas, com o seu genero de vida, e examine os influxos que cada uma d'estas coisas exerce em cada um[2].» A sciencia, segundo Hippocrates, não necessita de aventurosas supposições, nem de tomar as hypotheses por fundamento do seu systema[3]. O methodo hippocratico (são palavras do doutissimo Littré) e o methodo moderno não são differentes na sua essencia, porque um e outro são egualmente experimentaes. Hippocrates, assim como nós, quiz que se observasse a natureza, e como nós tambem, serviu-se da inducção para alargar o campo das suas observações e achar um laço entre os factos particulares[4].

[1] *Dos vent.*, 1, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, vi, 90.

[2] «Ἐπει τοί γέ μοι δοκέει ἀναγκαῖον εἶναι παντὶ ἰητρῷ περὶ φύσιος εἰδέναι καὶ πάνυ σπουδάσαι ὡς εἴσεται, εἴπερ τι μέλλει τῶν δεόντων ποιήσειν, ὅ τί ἐστιν ἄνθρωπος πρὸς τα ἐσθιόμενα καὶ πινόμενα καὶ ὅ τι πρὸς τὰ ἄλλα ἐπιτηδεύματα, καὶ ὅ τί ἀφ ἑκάστου εκάστω ξυμβήσεται.» *Da ant. med.* 20. Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, i. pag. 622.

[3] «Καὶ διὰ ταῦτα οὖν οὐδὲν δέεται ὑποθεσεος.» Ibid. 2, pag. 574.

[4] Littré. *Oeuv. comp. d'Hipp.* i. Introd. cap. xiii, *De la doctrine médicale d'Hippocrate.* 463.

«Compre (diz o auctor do livro dos *Preceitos*) que não fundemos a medicina nas conjecturas do raciocinio, mas na experiencia raciocinada[1].» O principio fundamental da inducção, que é hoje o mais energico instrumento das sciencias experimentaes, está já claramente delineado no velho hippocratismo. Segundo o breve tratado dos *Preceitos*, παραγγελιαι, a medicina não deve estribar sobre puros e especulativos raciocinios, antes firmar-se na experiencia allumiada pela razão. É louvavel e proveitosa a especulação, λογισμος, quando toma na experiencia dos casos occorrentes, περιπτωσις, o seu principio e fundamento e *methodisa* ou encaminha em conformidade com os phenomenos as suas inducções. Se o ponto de partida é para a theoria o que com evidencia se realisa e observa, εναργεως επιτελεομενον, terá ella feito o officio da intelligencia, cuja funcção é receber e apropriar o que observa. É pois forçoso que a sciencia se não construa de provaveis anticipações e de engenhosas conjecturas, mas de conceitos indusidos dos factos experimentaes[2]. A arte de curar em toda a sua vasta comprehensão tem sido constituida pela observação de cada fim particular e pela sua reunião n'um mesmo todo[3]. Sobre estes firmissimos alicerces erigiu mais tarde a seita empirica o edificio da medicina experimental. A *tripode* famosa d'aquella escola benemerita, a observação, a historia, o *analogismo*, ou mais tarde o *epilogismo*[4], são apenas um mais perfeito grau de evolução na logica inductiva dos hippocraticos.

A observação esclarecida e fecundada pela razão, τριϐη μετὰ λόγου, ficou para sempre desde os tempos hippocraticos e pelo seu influxo vivificador, o dogma fundamental da medicina. Assim se explica e concilia a apparente dissonancia entre o Hippocrates, debuxado por Platão no *Phaedro* e no *Gorgias* como um philosopho eminente, como aquelle que professa que não póde entender-se o corpo humano sem primeiro comprehender todo o universo, e que «a medicina indaga a natureza dos que tracta, a causa do que pratica, e de tudo dá razão», e o Hippocrates empirico, de quem, no dizer de Cornelio Celso, datou a completa separação entre a philosophia e a medicina[5].

Este empenho predominante de interrogar a natureza, pela mais desvelada observação na saude e na doença, illuminando pela razão, expurgada de systemas e de hypotheses, os factos experimentaes, conduz o hippocratismo a

[1] «Δεῖ γε μὴν ταῦτα εἰδότα μὴ λογισμῷ πρότερον πιθανῷ προσέχοντα ἰητρεύειν, ἀλλὰ τριϐῇ μετὰ λόγου.» *Preceit.*, 1, em Littré. *Oeuv. comp. d'Hipp.*, IX, 250.

[2] *Preceitos*, 1, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, IX, 250-252.

[3] «Διὰ τὸ ἐξ ἑκάστου τοῦ τέλους τηρηθῆναι καὶ εἰς ταὐτὸ ξυναλισθῆναι.» *Preceit.*, 2, em Littré. *Oeuv. comp. d'Hipp.*, IX, 254.

[4] Sprengel, *Hist. de la méd.*, I, 478.

[5] Cels. *Medic.* I, introd.

inquirir o organismo e as suas multiplicadas relações com os agentes exteriores, que incessantemente o modificam, já perturbando a harmonia, de que pende o estado physiologico ideal e perfeitissimo, para o converter, por varias gradações, em estado morbido, já restituindo-o pelos meios hygienicos e therapeuticos ás condições, em que a vida recobra novamente a normal regularidade. Consequente com este seu principio capital, a medicina hippocratica enlaça intimamente a physiologia, isto é, a sciencia do equilibrio vital, e a pathologia, ou a sciencia das suas perturbações e das acções anormaes do organismo. Com os imperfeitos rudimentos da sciencia experimental d'aquelles tempos, no hippocratismo transparece já delineada a que ha de ser, com os progressos da sciencia, a physiologia pathologica. Esta noção ainda vaga, mas já visivelmente, professada de que ha connexão e unidade entre as leis physiologicas, ou as que presidem á saude, e as leis pathogenicas, ou as que logicamente determinam a origem e evolução das doenças e affecções, um dos admiraveis resplendores, que a medicina hellenica a mais de dois mil annos de distancia está ainda irradiando até ao opulento saber dos nossos dias. E de feito, perante a natureza rigorosamente interpretada, as mesmas leis, quer dizer as mesmas forças, que de certa maneira combinadas produzem o equilibrio funccional, podem, n'uma distincta combinação, originar os estados pathologicos. As leis histologicas, que regulam a evolução da cellula, e a nutrição e crescimento dos tecidos, são as proprias sob cujo imperio, variando apenas as circumstancias, se produzem os neoplasmas e as demais alterações anatomo-pathologicas, que determinam no organismo os estados morbidos. Assim as mesmas leis originam a serenidade e a bonança, ou devastam e assolam nas borrascas as serranias e as planuras, as povoações e as campinas. Assim as mesmas leis que forçam um planeta ou uma estrella a revolutear na sua ellipse em redor do astro principal, são as mesmas que tambem forçosamente determinam as variações nos elementos das suas orbitas, pelas perturbações periodicas e seculares, as que mantem e conservam os systemas e as que tendem á sua final destruição. A esta doutrina physiologico-pathologica se enlaça intimamente o *naturismo* na philosophia medica de Cos. A naturesa φύσις, as suas differentes forças ou manifestações (que esta é por ventura a significação de φύσιες, no plural, segundo a linguagem dos hippocraticos) preside á vida e ás suas funcções. A natureza é o principio, segundo o qual se passam todas as transformações do organismo. Para tudo basta em todos[1]. As suas operações como que são dirigidas por um instincto maravilhoso, de maneira que ella propria sem a consciencia da sua profunda sabedoria, conhece a cada instante o processo

[1] «Φύσις ἐξαρκέει πάντα πᾶσιν.» *Do alim.*, 15, Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, IX, 102.

que lhe cumpre observar[1]. E assim como ella determina o jogo regular de todas as funcções, ou promove os seus estados anormaes, assim tambem encaminha o organismo a restaurar o equilibrio perturbado. A força vital, δύναμις, ou a natureza representada no mundo organico, tudo alimenta, desenvolve e faz crescer[2]. «A natureza é por excellencia o medico das enfermidades[3].» A arte propõe-se apenas a dirigir e imitar a natureza, o archiatro universal, em cujas leis maravilhosamente combinadas se conciliam irmanmente as exigencias do incansavel movimento e as da regrada conservação.

Conformando-se estrictamente a estas razões fundamentaes, os hippocraticos reputam o organismo como um todo indivisivel, em que cada orgão ou apparelho coopera com os demais para um fim commum. Todas as partes se confundem no mesmo todo ao executar as suas funcções. A natureza predispoz em todas ellas uma admiravel concordancia, uma sympathica união, uma bem concertada synergia, ξύῤῥοια, ξύμπνοια, ξυμπαθέα πάντα.[4] A doença é fundamentalmente uma só quanto ao seu modo de ser, e apenas multipla e variada pela séde[5]. Em quanto os cnidios por um excesso de analyse e abstracção especificam idealmente as affecções e povoando de numerosas entidades morbidas os seus quadros nosologicos, lançam os primeiros fundamentos a esta parte da sciencia, o hippocratismo, levantando-se tenazmente contra a tendencia dominante da escola sua rival[6], adopta por norte da sua pratica o inquirir e estudar o organismo inteiro em vez de cada orgão particular[7]. Não desdenha a pathologia especial e a nosographia, porém não póde contentar-se com a doença

[1] «Ἀπαίδευτος ἡ φύσις ἐοῦσα καὶ οὐ μαθοῦσα τὰ δέοντα ποιέει.» *Epid.*, VI, sect. V, 1, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, V, 314. «Φύσιες πάντων ἀδίδακτοι.» *Do alim.*, 39, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, IX, 112.

[2] «Δύναμις πάντα αὔξει, καὶ τρέφει, καὶ βλαστάνει.» *Do alim.*, 54, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, IX, 120.

[3] «Νούσων φύσιες ἰητροί.» *Epid.*, VI, sect. V, 1, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, V, 314.

[4] «Ξύῤῥοια μία, ξύμπνοια μία, ξυμπαθέα πάντα· κατὰ μὲν οὐλομελίην πάντα, κατὰ μέρος δὲ τὰ ἐν ἑκάστῳ μέρεϊ μέρεα πρὸς τὸ ἔργον.» *Do alim.*, 23, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, IX, 106.

[5] «Τῶν δὲ δὴ νούσων ἁπασέων ὁ μὲν τρόπος ὁ αὐτὸς, ὁ δὲ τόπος διαφέρει.» *Dos vent.*, 2, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VI, 92.—Cf. *Do alim.*, 25, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, IX, 106.

[6] São varios os logares, onde nas obras attribuidas a Hippocrates, ficaram estampadas as criticas e as censuras aos medicos de Cnido pela sua prodigalidade em dividir e subdividir as doenças. Vej. *Do regim. nas doenç. agud.*, 1, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, II, 226-228.

[7] Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, I, introd., cap. XIII. *Doctr. méd. d'Hippocrate*, 456.

tomada como puro idealismo[1]. Preoccupa-o mais o enfermo, na sua dolorosa realidade, do que a affecção, na sua generalidade metaphysica. Por isso aos olhos do hippocratismo tem mais valor e merece mais desvelo a totalidade do estado morbido, do que a séde da enfermidade ou as fórmas anatomo-pathologicas, em que ella em cada caso se possa revelar. No dizer de um moderno historiador de medicina, «é na escola de Cos que se encontra a *doença* e o *organismo;* é na de Cnido, que havemos de buscar os *orgãos* e as *doenças*[2].»

Por isso—e este é outro caracter importante do hippocratismo,—a etiologia firma-se com maior predilecção nas causas geraes e remotas das doenças do que nas suas causas proximas e individuaes, ainda que estas lhe não desmereçam muitas vezes, como no tratado *Da antiga medicina*, singular contemplação. A doutrina das constituições pathologicas, *κατάστασις ἔτους*, exposta profundamente nos livros I e III das *Epidemias*, é no consenso de illuminados criticos e historiadores da medicina, um dos mais bellos monumentos do saber hellenico, e um fecundo exemplar a que se tem ajustado no processo e disposição, muitos dos mais notaveis escriptores n'esta parte da sciencia, como Sydenham e Lepecq de la Clôture; é no dizer de Link um dos trabalhos mais insignes, não só entre os da sciencia grega unicamente, senão ainda comparado com os da moderna medicina[3].

Outro caracter fundamental do hippocratismo é a doutrina da *prognose*, é o *prognostico* na amplissima significação em que o tomava a mais pura escola medica de Cos. É o estudo dos caracteres communs ás doenças agudas febris. É, na opinião de alguns modernos, o primeiro esboço da doutrina dos elementos morbidos, segundo a tem instituido e aperfeiçoado a medicina contemporanea pelos trabalhos de Barthez, de Bérard, de Gintrac e varios outros. Pela sciencia da prognose o medico hippocratico, na presença do enfermo, compendiava e enlaçava os phenomenos pathologicos no passado, no presente e no futuro[4]. Fiel ao princi-

[1] No II e III livro *Das doenças*, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.* VII, 8 e segg. e no *Das affecções internas* no mesmo tom., 166 e segg., são descriptas muitas especies de doenças. E é d'ahi que Littré, por ventura com demasiada facilidade, tira a conclusão de que os tres livros se devem attribuir á escola cnidia. Veja o mesmo tomo, pag. 304-309.

[2] Daremberg., *Hist. des scienc. méd.*, I, 121.

[3] «Vortrefflich werden die Constitutionen mehrerer Jahre in diesen Büchern geschildert, und es folgen darauf Krankengeschichten mit einer Genauigkeit erzählt, die noch Muster ist. Die scharfe, treffliche Beobachtung erhebt diese beiden Bücher zu dem ersten Range der medizinischen Schriften, nicht des Alterthums allein, sondern auch der neuern Zeit.» Link, *Ueber die Theorien* etc., pag. 233.

[4] «*Προγιγνώσκων γὰρ καὶ προλέγων παρὰ τοῖσι νοσέουσι τά τε παρεόντα καὶ τὰ προγεγονότα καὶ τὰ μέλλοντα ἔσεσθαι.*» *Prognost.*, 1, em Littré *Oeuv comp. d'Hipp.* II, 110.

pio capital exposto e desenvolvido na *Antiga medicina*, de que é forçoso estudar syntheticamente o homem, e considerar a doença, não como uma affecção particular, designada por um nome de convenção, mas como um estado geral do organismo, a prognose hippocratica examina attentamente os caracteres communs das enfermidades, e ensina, em presença dos symptomas, a prognosticar o exito ás doenças. A prognose é pois, apesar da opinião contraria de Littré[1], antes um livro de semeiotica, e o mais antigo e methodico ensaio da sciencia n'este ponto[2], do que um tractado de pathologia especial, se bem com a imperfeita demarcação das varias partes da medicina nos tempos hippocraticos, n'aquelle escripto se deparem muitas vezes elementos para a determinação de algumas affecções particulares[3]. A mesma indole geral que domina a sciencia hellenica, apparece reflectida na sua medicina. Os gregos, na investigação da natureza, pendiam naturalmente para os estudos syntheticos e para as grandes concepções. O exame profundo e paciente dos factos individuaes parecia repugnar em certa maneira ao que podemos chamar o seu temperamento psychologico. Assim os vemos abranger nas suas audazes theorias o infinito de todo o Kosmos e deixar á sciencia do futuro o encargo de prescrutar os phenomenos particulares e experimentaes. Assim os vemos até o tempo de Aristoteles e Theophrasto adivinhar por valentes generalisações muitas leis fundamentaes da biologia, e esquecer quasi de todo o ponto as descripções das especies botanicas e animaes. Assim tambem na medicina a sciencia comprehensiva do estado morbido geral, na simultanea unidade e ligação do organismo e dos symptomas e caracteres semeiologicos, tal como é representada principalmente no *Prognostico*, e no livro II dos *Prorheticos*[4], é anteposta e preferida á minuciosa especificação das affecções. Segundo o parecer dos mais auctorisados e modernos commentadores, a *prognose* dos hippocraticos não é apenas uma curiosidade para o medico erudito e cultor da antiguidade, antes é uma d'estas

[1] Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, II, argum. do *Progn.*, 95.

[2] Que o livro do *Prognostico* é essencialmente um tractado de semeiologia, declara-o expressamente o auctor hippocratico dizendo: «convém que aquelle que deseja prognosticar exactamente quaes hão de sarar ou perecer, em quaes a doença durará mais ou menos dias, possa julgar de todas estas coisas *pelo estudo dos signaes*, *τὰ σημεῖα ἐκμανθανοντα πάντα δύνασθαι κρίνειν*, e pela comparação do seu reciproco valor, taes como tem sido descriptos.» *Progn.*, 25, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, II, 188.—A preexcellencia dos hippocraticos na prognose e semeiotica, ainda depois de decorridos alguns seculos, e alteradas outras partes da medicina, é por Celso attestada expressamente. «Cum recentiores medici quamvis quaedam in curationibus mutarint, tamen haec (signa) illum (Hippocratem) optimè praesagisse.» Cels. *Medic.*, II, introd. pag. 37.

[3] Por ex. nos *Progn.* §§ 8, 17, 18, 23.

[4] *Prorhet.* Liv. II, tom. IX, 6 e segg.

faces, por onde o genio creador e original da gente hellenica reflecte brilhantemente a sua intensa claridade até o seio da nossa maravilhosa e opulenta civilisação[1].

Eis ahi compendiadas as que pódem reputar-se caracteristicas feições do hippocratismo, os principios da mais antiga philosophia medica, ainda hoje na sua maxima parte verdadeiros.

Se a medicina nos seus fundamentos mais geraes deveu aos hippocraticos innegaveis e brilhantes acquisições, não foi por elles egualmente quinhoada em tudo que respeita ao estudo individual e analytico, onde a observação minuciosa e perseverante necessita de firmar-se em copiosos elementos experimentaes.

A anatomia hippocratica não legou mui valiosos subsidios á sciencia[2]. Apesar de abonado por Galeno o cultivo da anatomia, graças ao talento e diligencia dos Asclepiades[3], do medico de Cos[4], e a historia critica da medicina grega, segundo tem sido architectada (passando em silencio a Foes e Mercuriali) a contar de Gruner, Grimm, e da obra classica de Sprengel até aos trabalhos mais recentes de Littré, de Bérard e Daremberg, não acceita n'este ponto o fallivel testemunho do medico de Pergamo, com quanto fosse o engenho mais insigne com que a sciencia se illustrou, desde os tempos hippocraticos até á revolução intellectual da Renascença. Não padece certamente a menor duvida que nas edades aureas e florentes da medicina hellenica a anatomia, como base e fundamento da sciencia racional, deveria ter sido cultivada com proveito proporcionado aos escassos meios experimentaes d'aquella época, em que as dissecções seriam raras e furtivas, como repugnantes ás crenças e abusões de tão brilhante, porém defeituosa civilisação. Aristoteles comparando entre si a ethica e a medicina, e dando o primado á disciplina que dirige a vida pratica, observa que assim como os medicos peritos e illustrados põe o maior empenho na sciencia do corpo humano, *τὴν τοῦ σώματος γνῶσιν*, com tanto melhor razão se hão de applicar os moralistas ao conhecimento do homem interior e

[1] «Le practicien peut y apprendre à assurer la pratique; et le pathologiste à développer certains côtés de la science, qui sont restés dans l'ombre.» Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, II, argum. do *Progn.*, 102.

[2] Ácerca dos conhecimentos anatomicos dos gregos, particularmente no que toca á osteologia, veja-se a bella e erudita memoria do nosso consocio o sr. dr. Thomaz de Carvalho, *Sobre algumas particularidades dos ossos do carpo e metacarpo*, nas *Mem. da Acad. R. das Scienc. de Lisboa, Classe de Scienc. math., phys. e nat.* Nova serie. Tom. II, Part. II.

[3] Galen. *De anatom. administr.* II, cap. I, em *Galeni librorum prima classis*, Venet. 1576, fol. 68 v.

[4] Galen. *De decret. Hipp. et Plat.* lib. VIII. cap. I, em *Galeni librorum prima classis*, fol. 273.

espiritual, quanta é a preexcellencia da alma sobre o corpo, e da medicina dos achaques sociaes á medicina das doenças physicas[1]. Nos escriptos medicos de Cos apparece consagrada a doutrina de que a determinação das fórmas dos orgãos, σχηματα, é importante em summo grau á arte de curar[2] e de que a estructura ou natureza do organismo é o ponto de partida do raciocinio em medicina[3].

Ainda pendem litigiosos os pareceres dos criticos e historiadores da antiga medicina sobre se os naturalistas e os medicos antecedentes á escola de Alexandria, e os seus dois principaes e eminentes anatomicos, Erasistrato e Herophilo, praticaram humanas dissecções[4]. A piedade exaggerada ou o respeito supersticioso não parece que a tal ponto dominassem o espirito dos gregos, que inteiramente os inhibissem de estudar com o ferro os intimos arcanos da humana organisação. A curiosidade irrequieta dos medicos mais sedentos de observar e aprender saberia illudir algumas vezes as objecções sentimentaes. E se dos dois anatomicos alexandrinos refere Cornelio Celso que fizeram vivisecções (o que é difficil de acreditar) em homens condemnados á pena capital[5], que muito é que nos tempos hippocraticos alguma ou outra vez em orgãos humanos se empregasse o scalpello escrutador? Que fossem raras as dissecções, e suppridas habitualmente pela nem sempre exacta analogia dos outros vertebrados, bem se deixa facilmente adivinhar. Não dista muitos seculos de nós a quadra, em que na universidade de Coimbra, jazendo ali os estudos medicos em grande abatimento, e trocadas por inanes disputações e commentarios de Galeno e Avicena, as vias fecundissimas do methodo experimental, se mandava ao cathedratico de anatomia, que fizesse durante o anno apenas nove dissecções[6]. E prescrevia-se esta anatomica sobriedade n'aquelle mesmo seculo investigador e brilhantissimo, em que a Europa numerava entre as suas glorias

[1] «Τῶν δ'ἰατρῶν οἱ χαρίεντες πολλὰ πραγματεύονται περὶ τὴν τοῦ σώματος γνῶσιν.» Arist. *Ethic. Nicomach.* I, 13, 7, Edit. Didot. II, pag. 13.

[2] *Da ant. medic.* 22, em Littré, *Oeuv. comp. d'Hipp.*, I, 626.

[3] «Φύσις δὲ τοῦ σώματος, ἀρχὴ τοῦ ἐν ἰητρικῇ λόγου,» *Dos log. no hom.*, 2, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VI, 278.

[4] Sprengel, *Hist. de la méd.*, I, 302-303, inclina-se por fundamentos puramente conjecturaes a admittir que as dissecções se praticavam unicamente nos animaes. Littré, apoiando-se em significativos testemunhos de Aristoteles, *na historia dos animaes*, e n'alguns logares de livros hippocraticos (*Da natureza da creança*, *Das carnes* e *Das articulações*) infere, a nosso parecer com segurança, que a anatomia humana era já estudada praticamente antes da época alexandrina.

[5] «Longeque optimé fecisse Herophilum et Erasistratum, qui nocentes homines, a regibus ex carcere acceptos, vivos inciderint...» Cels. *Medic.*, I, intr. pag. 6.

[6] *Estat. da Univ. de Coimbra*, de 1597, liv. III, tit. V, § 23.

scientificas os nomes celeberrimos e os descobrimentos immortaes dos maiores anatomistas. Quaesquer que fossem, porém, os auxilios ou contradicções que á sciencia hippocratica se deparassem no estudar praticamente o organismo, parece indubitavel que a anatomia lhe mereceu algum desvelo, senão declarada predilecção. Os medicos de Cos, professando um methodo racional, posto que baseado na severa observação, mal poderiam como os seguidores de Serapion e da escola empirica, contentar-se com esta imperfeita e casual anatomia, τραυματικὴ θεωρία [1], que as lesões traumaticas e as affecções cirurgicas podem manifestar á curiosidade. São em verdade pouco numerosas as riquezas anatomicas, que é possivel discernir nos escriptos codificados na collecção de Cos, ainda nas proprias obras, que, segundo ás mais latitudinarias recensões, se attribuem ao Hippocrates authentico. Os tractados, que em presença do seu titulo podera alguem haver por opulentos repositorios de factos e doutrinas anatomicas, logo ao volver das primeiras folhas desenganam a illudida esperança do leitor. Assim os livros *das articulações*, *da natureza dos ossos*, *dos logares no homem*, *dos humores*, *da geração*, *das carnes*, *das glandulas*, *do coração*, revelam, apesar das suas epigraphes, a pobreza, em que nos tempos aureos da civilisação hellenica viviam as duas sciencias fundamentaes da medicina, a anatomia e a physiologia humana. O tractado, que se intitula pomposamente *anatomia*, é um opusculo brevissimo, onde apenas estão descriptas summariamente as grandes cavidades do corpo humano. Se ao cyclo hippocratico pertence, como são contestes em affirmal-o os mais eruditos e notaveis criticos modernos, a distincção das veias e das arterias, ou fosse realmente, conforme ao conceito de Littré [2], um descobrimento dos genuinos hippocraticos, ou segundo o parecer de Sprengel [3], uma invenção do celebre Praxagoras, a anatomia do apparelho circulatorio laborou n'aquelle tempo em erros lastimaveis e em grosseiras confusões. Assim a homonymia da trachea-arteria e dos vasos propriamente arteriaes leva os anatomicos no indeciso alvorecer da sciencia experimental a confundirem aquelles orgãos, destinados a diversissimas funcções. Os vasos, conforme áquella falsa anatomia, tem a sua origem na cabeça. As arterias, segundo a conjectural e erronea physiologia dos hippocraticos, são conductos consagrados á circulação do ar, do *pneuma*. São pois, na concepção da medicina hellenica, antes complementos e appendices do apparelho respiratorio do que partes integrantes do systema vascular. Mas em meio d'estes erros de doutrina e defeitos de observação, mais uma vez se confirma n'este

[1] Sprengel, *Hist. de la méd.*, I, 480. Cels. *Med.* I, pag. 8-9.

[2] «Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, I, chap. IX, *De quelques points de chronologie médicale* pag. 201 e segg.

[3] Sprengel, *Hist. de la méd.*, I, 422-424.

ponto, que o genio fecundissimo da Grecia, ainda mesmo quando interpreta avessamente a natureza, deixa que o erro projecte além de si um palido reflexo da verdade. Não é o ar, que circula nas arterias, mas é o oxygenio que se transporta na corrente arterial. O *pneuma* dos gregos era pois o presentimento da funcção essencial, que a natureza attribuiu pela synergia combinada da circulação e do processo respiratorio ao oxygenio, que é na linguagem primitiva da chimica moderna o *ar vital*, como o *pneuma* é já para os hippocraticos[1] e depois foi para a escola dogmatica e para os chamados pneumaticos[2], o principio da vida e o vehiculo das forças organicas.

Se a anatomia ante-alexandrina é pouco noticiosa, e ainda menos correcta no que pertence ao systema vascular e ao apparelho respiratorio, é ainda mais fallivel e abbreviada em tudo que respeita ao systema nervoso. Esta provincia hoje tão explorada na sciencia, este maravilhoso e admiravel organismo, a cuja minuciosa anatomia e descobrimento experimental de suas funcções, andam vinculados no seculo presente os nomes dos mais eminentes investigadores, está ainda nos tempos hippocraticos reduzida a um exame singello e perfunctorio do que ha de mais visivel no eixo cerebro-spinal. Os nervos são confundidos na mesma idéa e em identico vocabulo, νευροι, com os tendões e ligamentos. A physiologia das sensações e movimentos está ainda por traçar. O cerebro é semelhante a uma glandula, de todas a maior, e a sua funcção é a de aspirar os vapores contidos no organismo[3]. No meio porém de tantos erros divulgados ácerca de um systema de estructura tão difficil e tão obscura exegese physiologica, lá está n'um livro da collecção de Cos, apontada a principal funcção do encephalo como o orgão do pensamento, τὸν ἑρμηνεύοντα τὴν ξύνεσιν[4].

A splanchnologia é ainda imperfeita em summo grau, menos accurada e copiosa a myologia. A parte mais completa e minuciosa da anatomia hippocratica é sem contestação a osteologia e muitos passos nos livros *Dos logares no homem*[5]

[1] «Τοῖσι δ'αὖ θνητοῖσιν οὗτος (πνευμα) αἴτιος τοῦ τε βίου καὶ τῶν νούσων τοῖσι νοσέουσι.» *Dos ventos*, 4, Littré, *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VI, 96.

«Neque esse dubium, quin alia curatione opus sit, si ex quatuor principiis vel superans aliquod vel deficiens adversam valetudinem creat; ut quidam ex sapientiae professoribus dixerunt; alia, si in humidis omne vitium est; ut Herophilo visum est; alia si *in spiritu, ut Hippocrati.*» Cels. *Medic.*, I, intr. Patav. 1768, pag. 4.

[2] Para Erasistrato, o mais illustre precursor de Atheneu e da seita pneumatica, o principio material da vida é o πνεῦμα ζωτικὸν, que litteralmente se traduz por *ar vital.* Galen. *De decret. Hipp. et Plat.* II. cap. VIII, em *Galeni librorum prima classis*, fol. 240 v.

[3] *Das glandul.* 10, Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VIII, pag. 564.

[4] *Da doenç. sagrad.*, 17, Littré. *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VI, 392.

[5] *Dos logar. no hom.*, passim, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VI, 276 segg.

e *Das feridas na cabeça*[1] attestam por exactas e correctas descripções que o systema osseo era cuidadosamente observado pelos mais estudiosos hippocraticos. Não será possivel porventura suspeitar com Littré que nos escriptos medicos de Cos esteja o ponto inicial da moderna doutrina das homologias entre os membros thoracicos e pelvianos[2], iniciada pelo sabio Vicq-d'Azir, continuada por eminentes morphologistas, Goethe, Oken, Meckel, Blainville, Geoffroy St. Hilaire, Cruveilhier, Flourens, Haeckel, Ch. Martins, e que já n'aquelles tempos andasse na mente dos anatomicos a noção significada por Galeno na sentença memoravel: *Pedes manus imitati*[3]. Mas uma idéa capital e profundamente philosophica, desenvolvida e demonstrada pelos modernos estudos biologicos, apparece já claramente consignada na sciencia medica de Cos. É a comparação entre a evolução do ovo nas aves e os phenomenos embryogenicos humanos[4].

Muitos seculos depois a famigerada escola de Bolonha com Mondini encontra no corpo do homem, como que uma vasta região apenas ligeiramente explorada. Mais tarde o illustre André Vesalio, velando no amphitheatro, faz do scalpello no mundo organico o precursor do telescopio de Galileu no mundo planetario, e na sua *Corporis humani fabrica* revela ao mundo verdades nem sonhadas por Hippocrates, Galeno ou Avicena. Ao mesmo cyclo de paciente e fructuosa investigação experimental pertencem aquelles eminentes anatomicos, gloria da Italia scientifica e da fecunda renascença, Colombo, Eustachio, Fallopio, Fabricio de Acquapendente, Varoli, Matthioli e tantos outros, que supprindo o silencio dos hippocraticos, ou corrigindo os erros de Galeno, dão como alicerce novo á medicina a sciencia do organismo, estudada nos theatros anatomicos. A época do renascimento ao mesmo tempo que resuscita as maravilhas da arte antiga, reconstrue o homem physico na formosa magestade da sua organisação.

Se a physiologia especial nos livros hippocraticos está ainda nos seus rudes incunabulos, ha comtudo n'alguns dos seus tractados arrojadas previsões sobre as leis geraes da vida. Os primeiros lineamentos da distincção, tão claramente estabelecida por Bichat, entre a vida animal e a organica, estão já traçados no livro *Do alimento*, onde o escriptor assigna uma potencia, δύναμις, á vida do todo e da parte, e outra potencia á sensação[5]. A perpetua circulação da materia indestructivel através do organismo e a sua passagem e transformação desde o mundo exterior ao animal e inversamente, é talvez a doutrina nebulosamente expressa na sentença, em que o escriptor de Cos nos ensina que

[1] *Das feridas na cabeç.*, passim, Littré, *Oeuv. comp. d'Hipp.*, III, pag. 182 e segg.

[2] Littré, *Oeuv. comp. d'Hipp.* argum. do livro *Das fract.*, III, pag. 398 e segg.

[3] Galen. *De usu partium* III, cap. V, em *Galeni librorum prima classis*, fol. 129.

[4] *Da nat. da creanç.*, 29, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, VII, 530.

[5] *Do alim.*, 32, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, IX, 110.

«da grande origem tudo se encaminha á ultima parte e da ultima parte á grande origem, ἀρχὴ μεγάλη[1]. Outros principios physiologicos, se bem de uma grande generalidade não menos acceitos hoje em dia, se encontram condensados no precioso livro *Do alimento* ácerca da funcção respiratoria e nutritiva[2].

Poucos se lembram hoje de Euryphonte, d'esta serie copiosa de hippocratides, em que brilham na antiguidade hellenica os nomes de Dioxippo, de Philino, o fundador da escola dos empiricos, de Praxagoras, de Cos, o que talvez primeiro distinguiu as veias e as arterias, e um dos mais celebrados corypheus da medicina dogmatica, de Eudoxio, de Chrysippo, que se rebellou fogosamente contra os abusos phlebotomicos dos seus contemporaneos, em certa maneira precursores da doutrina de Broussais; de Herodico, de Democedes, de Apollonides; mas por mais de dois mil annos o nome de Hippocrates, quer dizer, da medicina grega na sua maior pureza experimental, resoou venerado nas escolas como o oraculo da arte sublime de curar.

O maior elogio, que se póde proferir em louvor da Grecia antiga, e da sua explendida civilisação, é que depois de tantos seculos, em que a experiencia tem dilatado os seus limites d'um lado até á região das nebuloses, do outro aos penetraes do mundo molecular, a sciencia medica dos hellenos ainda tem principios e doutrinas, que resistem vencedoras ás provas severas da moderna philosophia natural; é que, ainda agora, em presença das seguras conquistas experimentaes, o hippocratismo, quer dizer, a sciencia medica dos gregos é a fonte principal na evolução da medicina[3].

A sciencia hippocratica não é um systema encadeado e uniforme nas suas multiplices divisões. Mas apesar das suas imperfeições, e dissonancias, ainda é hoje um monumento admiravel de perspicua investigação. O que nos resta da medicina grega antes da era alexandrina são apenas as reliquias de um edificio collossal. Muitas das suas partes são agora já escombros e ruinas; enrosca-se a hera nos seus fustes e capiteis; mas estão ainda intactos muita parte dos seus robustos fundamentos, e é facil discernir na mutilada superstructura a belleza das suas linhas e a proporção dos seus perfis. «Esta unidade que transparece na concepção da mais antiga medicina grega (exclama o sabio Littré) tem o que quer que seja de singularmente bello e digno de reparo; e tanto mais quanto nunca a vemos de-

[1] *Do alim.*, 24, em Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, IX, 106.

[2] *Do alim.* Passim, e particularmente nos num. 1-3, 7, 22, 29, Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.*, IX, 98-108.

[3] «L'hippocratisme et le galénisme méritent d'être connus à fond quand on écrit l'histoire de la médecine. Ce sont deux grands centres de lumière sur lesquels il faut avoir les yeux toujours fixés lorsqu'on veut bien comprendre ses évolutions.» *Dictionnaire encyclopédique des sciences médicales*, de Dechambre, II serie, tom. VI, *Hist. de la médec.*, pag. 99.

pois reproduzida, porque os systemas, que pretenderam substituir o hippocratismo, jámais poderam alcançar uma semelhante consistencia, uma tamanha duração, nem, digamol-o em verdade, egual valor intrinseco[1].» Supposto que nos escriptos hippocraticos a unidade se não mantem intemerata, antes é visivel e manifesta a variedade nos systemas, o preito rendido á sciencia medica dos hellenos por um tão profundo critico e um tão abalisado sabedor paga em nome da brilhante civilisação dos nossos dias o tributo da admiração ao engenho medico da Grecia.

XXI

Da *sciencia*, que investiga o homem e a natureza, não é difficil a transição para a *arte*, que realisa no mundo sensivel e exterior o conceito subjectivo do bello. A harmonia do Kosmos e a *crase* no organismo são apenas fórmas especiaes, em que se manifesta a mesma lei universal que na arte se traduz pela *symmetria* e pela *eurythmia*. O bello realisado nas creações da natureza não é differente do bello, que se tornou concreto e definido nas formosuras artisticas do templo de Theseu, na Palle Athene de Phidias, na Helena de Zeuxis, ou no *Discobolo* de Myron. A arte e a natureza tem egualmente um *ideal*, que como o *eidos*, a fórma, o typo eterno de Platão, é infinitamente superior á materia aonde encarnou, se bem a materia lhe seja necessaria na realisação sensivel, na copia, na *mimésis* das idéas. Todo o ideal é essencialmente bello, no Kosmos, cujo artista é infinito, e na arte, cujo creador, finito por essencia, revôa perennemente em demanda do infinito. No systema planetario, na curva que desenha em traços invisiveis a orbita de um astro, na lei de maravilhosa simplicidade, que determina a multiplice variação dos phenomenos celestes, acima dos aspectos, que os sentidos, por sua curteza e imperfeição, apenas alcançam discernir, lá está o *ideal*, o bello, o *intellegivel*, no conceito esthetico da lei e da harmonia, do mesmo modo que através do oiro e do marfim do Jupiter olympico, transparece em toda a inexcedivel magestade o ideal de *Kronion* hellenico, do *autocrator* universal, d'aquelle *pae dos deuses e dos homens*, que, segundo a representação homerica, sentado no seu throno, ao minimo gesto do semblante e ao simples ondear dos cabellos immortaes, fazia estremecer o Olympo inteiro[2].

[1] Littré *Oeuv. comp. d'Hipp.* I. Introd. 462.

[2] Ἠ καὶ κυανέῃσιν ἐπ' ὀφρύσι νεῦσε Κρονίων.
Ἀμβρόσιαι δ' ἄρα χαῖται ἐπεῤῥώσαντο ἄνακτος
Κρατὸς ἀπ' ἀθανάτοιο, μέγαν δ' ἐλέλιξεν Ὄλυμπον.
Iliad. A. 528-30.

Assim no espirito genial do povo hellenico a razão e a phantasia vivem consociadas em fraternal intimidade. O naturalismo da sciencia não consegue nunca suplantar o espiritualismo, nem o idealismo da arte revôa em regiões tão pouco humanas e sensiveis, que chegue a esconder na sua luz maravilhosa o realismo necessario ás creações estheticas. Assim como a sciencia vae na Grecia por suas pautadas variações levantando-se do hylozoismo ionico, essencialmente naturalista, aos conceitos idealistas de Parmenides e Platão, para declinar no realismo, significado nas escolas dos sophistas, assim a arte principia na Hellade pelas materiaes e toscas representações da divindade, pelo *Xoanon*, ainda mal desentranhado de um madeiro, para erguer-se depois á suprema idealidade no cinzel de Phidias e Polycleto, e abatendo o altissimo vôo, a que subira, cair afinal no realismo pelo escopro de Euphranor e de Antiphilo até chegar ás obras *rhopographicas* dos tempos alexandrinos.

Se a philosophia e a sciencia, desde as mais subidas especulações a respeito do universo até aos mais valiosos descobrimentos na investigação do organismo, é na antiguidade um privilegio singular da gente hellenica, assim tambem a arte só póde na Grecia com verdade dizer-se que existiu, nas suas mais perfeitas e ideaes revelações, e em tão maravilhoso lusimento e tão geral e prospera cultura, que o ponto, onde subiu o genio grego, deve seguramente reputar-se o limite superior da humana inspiração. Na sciencia traçaram os espiritos da Hellade os grandes principios fundamentaes, que os progressos do saber experimental deixaram consagrados e immutaveis até o seculo presente. Porém os instrumentos e os processos scientificos, estes novos e potentissimos sentidos accrescentados pela humana industria e deligencia á percepção corporea e espiritual, avultaram em tão subido ponto as opulencias do saber, que já a sciencia grega nos parece nua e minguada no que respeita aos factos individuaes e á expressão mathematica das leis, que regulam a harmonia universal. Mas por um contraste admiravel na esphera da arte, o que o genio grego deou e esculpiu nos seus marmores de Paros, nos seus bronzes de Delos ou de Egina, e debuxou e coloriu nos seus quadros tabulares ou nas suas pinturas muraes, ou pela mão dos *toreutas* eminentes cinzelou nos seus vasos e nas suas tripodes, é a ultima expressão do genio humano. Parece que a providencia esteve creando o povo hellenico e aninhando-o sollicita e carinhosa na terra intermediaria entre a Asia, já então civilisada, e a Europa ainda barbara ou selvatica, para que da grosseira materia prima, que lhe ministraram as civilisações orientaes, creasse, com o poder da phantasia e da razão, a arte e a sciencia á Europa dos vindouros e d'aqui á futura humanidade. Assim como os hebreus, no conceito theologico, são o povo eleito e destinado a perpetuar a concepção monotheista do supremo legislador, bem podera dizer-se que são os gregos, no aspecto puramente prophano e temporal da evolução na humani-

dade, a nação deputada expressamente para crear a arte e o saber. Do tronco simitico são os hebreus a gente consagrada a levantar o sentimento religioso sem mescla de sensual idolatria. Mas são entre as gentes aryanas os hellenos, que tem á sua guarda e bom recado os thesouros da imaginação e da sciencia. Recatam os de Israel na arca santa a fé monotheista, prefigurada na lei velha. Mas os gregos tem de sua mão, para nos alumiar na immensa romagem do espirito moderno, o facho inextinguível da arte e da razão, da arte que cria o mundo da phantasia, da razão, que pelo seu *fiat* poderoso, desentranha do cahos segunda vez o mundo da sciencia.

Perante a valente inspiração de Phidias, na estatua do Zeus de Olympia, conglobou Philippe de Thessalonica n'um epigramma celebrado o pasmo e veneração de toda a Grecia, dizendo: «Ou desde o ceo á terra baixou o proprio deus para mostrar-te a sua imagem, ou tu, ó Phidias, subiste a contemplal-o[1].» Phidias é na sua ideal personificação o symbolo artistico da Grecia. Bem podera dizer-se que o Jupiter antigo, descrendo do seu imperio e poderio, bradara ao povo hellenico: «Empenha-te em crear-me um mundo novo, o mundo da imaginação e da belleza.» E a arte nasceu. E cresceu a arte e voando até o Olympo, fez mais do que o Phidias do epigramma. Não se limitou a copiar, creou o deus.

E de feito a arte hellenica, ainda mais talvez que a poesia, nobilitou e enalteceu os mythos theologicos e deu á religião dos gregos esta sancção esthetica, pela qual a crença, a principio rude e material, se exalça e embellece com os primores da phantasia. Por isso o rhetorico romano podia asseverar, com apparencia de verdade, que o grande imaginario atheniense ao esculpir a mais alta divindade nacional, algo de novo accrescentara á religião já recebida, tal fôra a magestade com que a effigie egualava o proprio deus[2].

Mas para chegar á suprema idealidade, em Phidias e Polygnoto, a arte procedeu como as demais revelações do engenho hellenico, por suas compassadas gradações. Que, segundo o notou Cicero ao memorar os estatuarios eminentes e os pintores mais celebres da Grecia, em nada póde coincidir no mesmo ponto o invento e a perfeição[3].

Antes que na Hellade raiasse para as artes o primeiro alvorecer, já nos povos orientaes se tinham erigido sumptuosas edificações e intentára o cinzel

[1] «Ἦ θεὸς ἦλθ' ἐπὶ γῆν ἐξ οὐρανοῦ εἰκόνα δείξων,
Φειδία, ἢ σύ γ' ἔβης τὸν θεὸν ὀψόμενος. Brunn, *G. der g. Künst.*, I, 203.

[2] «Cujus pulchritudo adjecisse aliquid etiam receptae religioni videtur, adeo majestas operis deum aequavit.» Quintil. *Instit. orat.* XII. 10, Edit. Nisard, Paris 1850, pag. 469.

[3] «Nihil est enim simul et inventum et perfectum.» Cic. *De clar. orat.*, XVIII, em Cic. *Op. omn.*, Ed. Elzevir. 1661, pag. 133.

copiar as fórmas da natureza, accommodando-as á representação iconographica dos deuses e dos heroes e ao ornato dos monumentos architectonicos. Mas á arte no Oriente presidiu destino egual ao da philosophia e da sciencia. A imaginação e o pensamento como que ficaram petrificados e inertes depois de haver chegado á primeira manifestação da idéa e do sentimento. Nem a idéa alcançou revestir já mais completamente a fórma da sciencia, nem o sentimento logrou nunca revelar-se na expressão da arte pura. A sciencia jámais pôde emancipar-se da especulação cosmogonica e theologica. A arte nunca soube desprender-se dos seus rudes envoltorios para endeusar-se nas concepções estheticas. Na sciencia o Oriente, subtilisando a cogitação pelo mysticismo chega á negação da natureza, e materialisando a arte apaga na fronte das suas estatuas collossaes e na fabrica gigante dos hypogêos e das pyramides o minimo reflexo d'esta formosa idealidade, que distingue o engenho artistico da Grecia[1]. No Oriente a arte é como as nações. Ali a grandeza desconforme dos imperios é a unica medida do que vale e do que póde a humanidade. Ali tambem a arte, desesperando de imitar o bello em sua pureza, consola-se da sua irremediavel impotencia, creando o grande, o collossal, o monstruoso, a profusão e a gala dos ornatos, com que a arte mais opulenta do que genialmente creadora intenta desfarçar a sua penuria e suffoca na folhagem exuberante dos luxuosos capiteis a graciosa elegancia que resplende nos monumentos architectonicos da Grecia[2].

Entre os egypcios a arte cifra principalmente os seus esforços em erigir e exornar antes os monumentos sepulchraes, do que as habitações para os viventes, havendo em pouco a existencia temporal, que é brevissima estação como em pousada, e cuidando sollicita em fabricar duradoura habitação á vida futura e immorredoura[3]. Por isso o destino e o caracter da arte egypcia é a larga duração e a solidez incontrastavel[4].

E porque singular favor da natureza foi a Grecia d'entre todos os povos aryanos a nação predestinada a crear e a engrandecer a arte na sua mais ideal e completa formosura? Aryanos eram os que em Ellora e Elephanta levantaram as grandiosas mas sombrias construcções da arte monumental. Aryanos

[1] «Die Aegyptier waren völlig ohne den griechischen Darstellungstrieb, welcher das die Seele innerlich erfüllende und bewegende darzustellen nöthigt, weil es schön und erhebend ist.» Ott. Müller, *Handbuch der Arch. der Kunst*, Breslau, 1830, 246.

[2] Ibid., pag. 231.

[3] «Chamam os egypcios albergue ao domicilio dos vivos, porque n'elles se demoram pouco tempo, e eternas habitações aos sepulchros dos finados, porque ali hão de morar por tempos infinitos.» Diod. Sic. I, 51. Edit. Wesseling, Amsterd. 1746, I, pag. 60-61.

[4] «Die Baukunst der Aegipter hat dem Character des Volkes gemäss das Zeit und Dauerhafte zu ihrem Ziel.» Duncker, *Gesch. des Alterth*, I, 87.

tambem os povoadores do Iran, que em Susa, Ecbatana e Pasargadae, deixaram as reliquias memoraveis de suas assombrosas edificações, onde a grandeza collossal, como nos muros de Ecbatana, e o precioso material da construcção e dos ornatos, como no palacio de Dejoces, mal podiam supprir a defeituosa inspiração do engenho oriental[1]. E todavia a arte médo-persa é porventura a que mais se aproxima á expressão caracteristica do bello, a que já deixa adivinhar na delicada projecção das suas columnas, na graciosa decoração dos seus formosos capiteis, na maior correcção das suas estatuas[2], o que será a creação esthetica, quando menearem o esquadro e o cinzel os artistas inspirados, que nas metópes do Parthenon esculpiram o combate dos Centauros ou talharam no marmore de Paros a *Aphrodite* de Praxiteles.

A arte como a sciencia caminha em seus progressos e conquistas adiantando sempre desde as regiões orientaes até ás terras, onde impera o genio grego. Na India e no Egypto é sombria e melancholica, como que forçada a accommodar-se ao soturno mysticismo das castas asiaticas, ou á severa tradição e á ambiciosa theocracia de Memphis ou de Meroe. No imperio médo-persa, onde a raça mediterranea prevalece com mais aproximadas semelhanças do seu typo mais perfeito no homem europeu, a arte é superior no ideal e na bellesa ás das outras nações orientaes. É na Asia, nas colonias gregas da Anatolia, e nas ilhas que demoram não longe do littoral, que desponta e prospera a arte hellenica, assim como a sciencia e a poesia ali nasceram, quasi para attestar que o exemplo e imitação da arte oriental, fecundado pela ridente e creadora phantasia dos hellenos, lhe deu principio afortunado nas terras que separam da Asia, no fastigio da sua cultura e opulencia, as barbaras e incultas regiões da Europa occidental. Chios, Samos e Egina, onde florece a brilhante civilisação dos Ionios; e Creta, povoada principalmente pelos doricos, são os centros d'onde a arte irradia os seus influxos até á Grecia continental, depois que os nomes mythicos de Dédalo, de Meteon, de Eucheir, Eupalamo e Dibutades cedem o logar de honra a menos nebulosas tradições. Smilis, um dos mais antigos personagens na historia authentica da arte, é de Egina; Glauco, de Chios; Rhœco, o primeiro architecto do celebrado *Heraeon*, ou templo de Juno, e Theodoro, que porventura o ajudou n'aquella fabrica, em Samos tiveram berço e nomeada[3].

Na admiravel harmonia, que parece dominar o systema geral e as phases particulares da historia da civilisação, a cada povo tem cabido por sua vez a hege-

[1] «Das Detail der Architektur zeigt eine Kunst, die sich eines reichen Vorraths von Formen decorirender Art bemächtigt hat, aber nicht sonderlich damit haushält.» Ott. Müll. *Arch. der Kunst*, 268.

[2] Duncker, *Gesch. des Alterth.*, II, 596-597.

[3] Brunn, *Gesch. der griech. Künst.*, I, 26, 35 e 59.

monia intellectual, a cada um tem pertencido o illustrar e engrandecer um aspecto especial da humana actividade. Aos gregos incumbiu a empresa de fundar a philosophia e a sciencia, e de exprimir o bello n'estas fórmas inimitaveis em que se enlaçam, na mais imperturbavel harmonia a graça e a correcção, a natureza e a idealidade. O typo da humana formosura é ainda hoje o que a antiguidade hellenica nos legou nas suas estatuas[1]. Embora a arte no seu glorioso renascimento desde os tempos de Giotto, Orcagna e Thaddeo Gaddi até á sua brilhante culminação com Raphael e Buonarotti, tivesse melhoria em seus processos, na eurythmia das fórmas e na valentia da expressão, para sempre ha de ficar a arte grega sem emulo condigno e sem perfeito imitador[2].

Nenhum povo existiu na antiguidade, a quem a natureza, a vida social, a educação, a vantagem physica e espiritual de raça e de familia, estampassem na fronte, como á nação hellenica, o sello das nações, que parecem predestinadas. Por um privilegio singular, apenas escassamente repetido nas épocas modernas, só na Grecia o homem alcançou realisar em sua inteira plenitude a dignidade humana e a civica magestade. No restante do mundo civilisado impera o despotismo, como nas poderosas monarchias orientaes, domina uma oligarchia theocratica, como na republica federativa dos hebreus, ou subsiste como vigorosa instituição ao lado dos sufetas ou juizes, uma aristocracia ambiciosa e mercantil, como na arrogantissma Carthago. Os povos syro-arabigos consubstanciam na força e na tradição o direito de governar. Os aryanos do Iran e do Industão não chegam nem de longe a rastrear a noção da egualdade. Nas terras do mundo conhecido e policiado ha castas e dynastias, que governam, e turbas, que obedecem. Os homens são ali o complemento e accessorio dos rebanhos patriarchaes. Só na Grecia ha homens, porque só na Grecia ha cidadãos. A effectiva participação de um povo livre no regimen de cidade é tão essencial e inherente ao caracter dos hellenos, que já nos *epos* homericos se encontra esboçada claramente n'estes conselhos[3], que circundam o *anax*, ou o rei, o chefe guerreiro, o caudilho das empresas, a quem o trazer dos seus *eponymos* o

[1] «Wir erkennen, wenn von körperlicher Schönheit die Rede ist, in den Idealen der Griechen auch die unsrigen.» Hirt, *Ueber den Kanon*, etc., nas *Mem. da acad. das scienc. de Berlim*, *class. hist.-philolog.*, 1814, pag. 33.

[2] «Wenn sie (die Kunst) gleich späterhin in andern Beziehungen bedeutende Fortschritte machte, und eine schöne Blüthe erreichte, so blieb sie in Rücksicht auf Wohlgestalt doch immer weit hinter der Kunst der Alten zurück.» Hirt., *Ueber den Kanon* etc. pag. 20.

[3] Βουλὴν δὲ πρῶτον μεγαθύμων ἷζε γερόντων
Νεστορέῃ παρὰ νηὶ Πυληγενέος βασιλῆος.
Iliad. B, 53-54.

sangue e a realeza não póde absolver da consulta e audiencia dos seus pares. O proprio Zeus, segundo a theologia homerica, é como um dynasta constitucional dos nossos dias, forçado a escutar na tribuna, ás vezes tormentosa, do seu Olympo a voz e o parecer dos numes irritados[1], embora lhe reste a faculdade de contradizer por um audaz golpe de estado ou por um acto de sua illimitada soberania a dircordancia e opposição da βουλή, ou do senado. A cidade etherea dos deuses immortaes copia, idealisada na grandeza, mas humana e turbada nas paixões, a pequena cidade, a *polis* de Nestor ou de Agamemnon nos limitados senhorios de Pylos ou de Mycenas.

Em quanto que em muitos povos orientaes, como os hebreus, se passa de um regimen senão popular, ao menos oligarchico, á monarchia theocratica, na Grecia as dynastias mais estrictamente vinculadas aos mythos religiosos e ás tradições locaes, deixam vago o seu logar á livre democracia. O heroe, que symbolisa na sua força e nos seus feitos o direito de reinar e a gloria da nação, desapparece da scena inteiramente para que na *ágora* e na *boulé* fique apenas imperando o cidadão, com o poderoso instrumento da palavra e do suffragio. O orador, o *demagógo*, de que já são visiveis os typos ainda heroicos nas figuras homericas de Odysseus e Nestor, encaminhando pelo influxo do seu verbo as decisões no congresso dos guerreiros[2], substitue na direcção e no governo da cidade, perante uma assembléa de homens livres, o arbitrio e a dominação do chefe hereditario. Esta nobre e orgulhosa independencia e hombridade, com que o cidadão atheniense abomina, como affronta á nativa liberdade, a sujeição a um senhor, é generoso e nobilissimo attributo dos hellenos elevados ao maximo esplendor da sua cultura. E quando Demosthenes, moldando e esculpindo no bronze da palavra o orgulho atheniense, bradava da tribuna que os cidadãos da sua patria, já desde antigos tempos, só tinham em apreço a propria vida se com a liberdade a desfructavam[3], era o

[1] «Die Götterwelt erscheint ihm (dem Homer) nicht als ein System physisch zusammenwirkender Naturgewalten, sondern als ein *politisch gegliederter*, nach Verschiedenheitder ungleich berechtigten Individuen organisirter Staat, der, wie der irdische, seinen βασιλεύς, seine βουλή und ἀγορά hat.» Nägelsbach, *Homerische Theologie*, Nürnberg, 1861, pag. 97-98.

[2] O poder da palavra em Odysseus é reconhecido por Athene ou Minerva, na allocução em que o exhorta a fallar aos achivos, já dispostos a desamparar a empresa começada.

Σοῖς δ'ἀγανοῖς ἐπέεσσιν ἐρήτυε φῶτα ἕκαστον.
Iliad. B, 180.

[3] «Οὐ γὰρ ἐζήτουν οἱ τότε 'Αθηναῖοι οὔτε ῥήτορα, οὔτε στράτηγὸν, δι'ὅτου δουλεύσουσιν εὐτυχῶς· ἀλλ'οὐδὲ ζῆν ἠξίουν, εἰ μὴ μετ'ἐλευθερίας αὐτοῖς ἐξεσται τοῦτο ποιεῖν·» Demost. *De coron.*, 59.

espirito da Grecia, era a exempção esquiva d'este povo de heroes e cidadãos, que fallava pela boca do tribuno. Discorrendo desde os tempos gloriosos de liberdade attica, é necessario chegar á moderna realisação da completa democracia nos cantões helveticos ou na grande confederação americana, para encontrar de novo, com a differença que vae do moderno mercantilismo ás nobres e levantadas ambições, a dignidade magestosa do cidadão atheniense. Nenhum povo, senão os gregos, em toda a antiguidade concebeu e exprimiu a noção do homem livre, consubstanciando ao mesmo tempo a força e a bellesa, a virtude e a abnegação em prol da communidade. O *καλλός και ἀγαθος*, esta expressão, em que a formosa linguagem dos hellenos, compendiou e resumiu a imagem do perfeito cidadão, não tem equivalente nos antigos idiomas, e ainda menos no dizer e no pensar dos nossos dias. É para nós a liberdade um egoismo; para os gregos era vida, condição, necessidade. O povo atheniense, a mais alta personificação da gente hellenica, poderia embora como o *Dêmos* no painel maravilhoso de Parrhasio, reunir as dissonantes qualidades, que por uma feliz conciliação dos contrastes mais flagrantes o artista desenhou e coloriu na sua composição tão celebrada. Poderia, segundo as palavras de Plinio, ao descrever aquelle quadro, ser ao mesmo tempo o *Dêmos* atheniense, vario, iracundo, injusto, inconstante e egualmente compassivo, clemente, vanglorioso, sublime e abjecto, leviano e intractavel[1]. Mas apesar d'esta mescla de perfeições e deformidades, se foi copia fiel da natureza aquelle retrato psychologico, o povo de Athenas sobrelevou a todas as antigas e modernas multidões na paixão dos fóros civicos, no altissimo conceito da humana condição e dignidade, no culto fervoroso, enthusiastico por quanto na vida social era grande e generoso, por quanto houve de bello e ideal nas espheras purissimas da arte.

E a arte com effeito não era entre os hellenos, como é em nossos dias, um culto particular de espiritos eleitos, uma deleitação exclusiva de entendimentos primorosamente cultivados, antes constituia uma feição caracteristica e geral d'aquelle povo, tão singularmente quinhoado pela prodiga mão da natureza.

A arte prendia-se na Grecia com a existencia habitual, desde que o homem madrugava para o cultivo da razão e dos affectos, na escola e na palestra, ou avigorava nos gymnasios a forte educação da sua intelligencia e do seu animo, até que nas grandes festividades tomava logar de honra em pomposas e brilhantes procissões, e entoava em louvor dos deuses nacionaes os cantos mesurados e solemnes, as *prosodias*, os *paeans*, os *hyporchemas*. A arte pela methodica e successiva educação, desde a mais tenra puericia até á florente juventude dos *ephébos* athenienses, ou dos *eirenes* spartanos, enfiltrava-se nos costumes e li-

[1] Plin. *Hist. Nat.*, xxxv, 36, Edit. Didot, Paris 1865, II, pag. 474.

gava-se intimamente á existencia social pelo vinculo poderoso do ritual liturgico e das festivas solemnidades.

A educação, na idéa e na pratica dos gregos, tinha por seu instituto estimular ao mesmo passo o vigor e a formosura corporal, e imprimir nos animos juvenis as qualidades que definem o perfeito cidadão, o καλὸς καὶ ἀγαθὸς. As fórmas egualmente elegantes e varonis alliavam-se no systema pedagogico da Grecia com a nobreza e elevação dos sentimentos. O *molliter juvenis*, o mancebo formosissimo, e o *viriliter puer*[1], ou o vigoroso adolescente, como Plinio caracterisou as duas venustissimas estatuas do famigerado Polycleto, poderiam congraçados n'um só typo significar nos seus dois aspectos capitaes a juventude atheniense. Os exercicios pedagogicos eram encaminhados a aformosear e endurecer o corpo do mancebo pela galhardia e vigor dos movimentos e dos gestos, e a dar-lhe os dois attributos de uma estatua, a fórma e a materia,—a graça, a correcção e a formosura dos contornos, e o tom, a rigidez e a dureza do marmore ou do bronze[2]. Por isso a gymnastica, a musica, a *orchestica*, a recitação dos epos nacionaes, eram o fundamento da educação hellenica. A arte conduzia pela mão o seu alumno desde o paterno domicilio para leval-o á palestra, ao lyceu, ao gymnasio, á academia, que não eram como hoje, muitas vezes, os logares consagrados a uma esteril vagabundagem litteraria, e á viciosa multiplicação de pedantes inuteis e vaidosos, senão os fecundos seminarios, d'onde o brioso adolescente saia homem, cidadão, e luctador, para vencer em Platéa e Marathona, ou para honrar a cidade sua natal, alcançando perante a flor de toda a Grecia o premio dos esforçados lidadores nos jogos de Olympia ou de Neméa. Em Sparta, sob o influxo das austeras tradições e costumes doricos, a educação propunha-se principalmente fortalecer e adextrar os cidadãos para a victoria. Nas suas publicas escolas, onde o *paidonomos* ou inspector acudia a cada passo a exaggerar com a sua presença e com as duras correcções do flagellador ou *mastigophoro* a torva, quasi immane disciplina, Sparta ensinava ao adolescente a morrer pela gloria ou ambição da sua patria. A educação dos espartanos era principalmente destinada a formar homens de acção.

E comtudo a arte não perdia ou amesquinhava os fóros immemoriaes. A musica, no seu modo menos incitador de sensuaes deleitações, o *modo dorico*, opposto pela sua austeridade ao ionico, ao phrygio, ao myxolydio, tinha nas instituições lacedemonias o mesmo logar e a mesma significação moral, que

[1] «Polycletus sicyonius Ageladae discipulus, Diadumenum fecit molliter juvenem... idem et Doryphorum viriliter puerum fecit.» Plin. *Hist Nat.* XXXIV, 19. Ed. Didot, II, pag. 438.

[2] Sobre o systema da educação hellenica, veja Duncker, *Geschichte des Alterth.*, IV. pag. 242-255 e 379-394.

Platão lhe attribuia no ideal da sua republica. A dança e a *orchestica* entravam como elemento necessario na educação e na vida social em suas relações com o ceremonial religioso, e com o instituto principal dos espartanos,—a guerra e a victoria. Assim nas *Carnêas*, a grande festividade nacional em honra de Apollo Carnêo, os cantos e os movimentos rythmicos do corpo representavam um papel essencial. As danças bellicosas, as *pyrrhicas*, trazidas á terra de Lycurgo por Thaletas, o cretense, davam ás evoluções da tactica e ao simulacro dos combates singulares o colorido pictoresco da arte choregraphica. Ainda n'este ponto se antecipavam os costumes espartanos ao parecer de Platão, quando affirmava contribuir a dança artistica e regrada para a summa perfeição do espirito e do corpo. Mas era especialmente a educação atheniense que bebia com maior enthusiasmo nas inspirações da arte e da poesia. Ali os exercicios espirituaes e corporaes miravam antes de tudo a um fim esthetico. As palestras e os gymnasios tinham por alvo principal o excitar e desenvolver as qualidades physicas, n'esta regrada e admiravel harmonia, em que á bellesa estatuaria do organismo se vincula a validez do animo e a alteza do sentimento. Assim o culto enthusiastico do bello era uma paixão inherente ao sentir e ao viver da antiguidade hellenica. A formosura juvenil principalmente representada na gentileza e na graça dos mancebos era com singular predilecção apreciada, porque n'ella se encontravam reunidas as mais perfeitas e apraziveis proporções da figura humana, e a altiva expressão dos attributos varonis, ao contrario da belleza feminil, em cujos contornos delicados mal podia suspeitar-se a máscula fortaleza dos heroes. Por isso a Alcibiades se deparavam mais fervorosos adoradores do que ás *hetairas* mais gentis, ás Aspasias, ás Lais, á propria Phryne, que deificada pelo amor e pelo genio de Praxiteles, parece ter dado vida e animação á Aphrodite cnidia do famoso imaginario. Por isso Phidias, segundo o testemunho da antiguidade[1] deixou esculpida no proprio throno de Zeus olympico, a figura de Pantarces, o mancebo gracioso, a quem o inimitavel esculptor consagrara o affecto mais ardente. Esta paixão fanatica do bello quizeram talvez symbolisar aquellas tradições narradas por Plinio, de que tal e tão vehemente fôra o amor de dois idolatras da arte e da belleza, que inflammados em erotico delirio mais indomito que o de Pygmalião pela sua inanimada estatua, abraçados á Aphrodite cnidia e ao *Eros* ou Cupido de Praxiteles, offenderam ao mesmo tempo no seu amoroso desatino a pureza da arte e a candura dos costumes[2]. O anthropomorphismo,

[1] Brunn *Gesch. der griech. Künst.*, I, 160.

[2] «Ferunt amore captum quemdam, quum delituisset noctu, simulacro cohaesisse, ejusque cupiditatis esse indicem maculam.» Plin. *Hist. Nat.*, XXXVI, 4, pag. 503.— «Ejusdem (Praxitelis) et alter (Cupido) nudus in Pario colonia Propontidis, par Veneri Gnidiae nobilitate et injuria.» Ibid.

que apparece representado em todas as concepções religiosas e artisticas da Grecia, revela-se a cada passo no culto da figura humana. As mais bellas e robustas fórmas varonís appareciam nuas nas palestras e nos jogos gymnicos, onde vinham pompear a força e a dextresa. Esta exaggeração do pudor e do recato, com que os modernos povos civilisados se escondem e se encastellam em roupagens offensivas da arte e do bom gosto, deixando apenas visivel o semblante, seria entre os hellenos um delicto de lesa-formosura e hombridáde. O *eirene* ou o moço lacedemonio apparece quasi nu nos jogos ou nas campanhas, levando apenas por vestimenta o *tribon* ou o manto. O ephebo atheniense, em quanto duram as severas instituições de Solon, é forçado a conformar-se á simplesa dos costumes e a resumir no *chiton* ou na tunica toda a sua parcimoniosa vestiaria. A nudez era a condição do vigor e da belleza entre os hellenos[1]. Assim quando a arte se desenlaça das fachas infantís, as estatuas chamadas *Achilléas* representam os heroes em plena desnudez, buscado o exemplar, como diz Plinio, nos ephebos dos gymnasios[2].

A vigorosa educação, que formava os cidadãos nas republicas da Grecia, se era em alto grau influida pela noção moral e esthetica do animo e da fórma, pela belleza combinada do espirito e do corpo, andava estreitamente vinculada ao sentimento religioso. Esta idéa moderna, necessaria, consequente com as circumstancias especiaes da presente civilisação, esta prerogativa, que reivindica por fôro primitivo e essencial do homem livre a independencia e liberdade na fé religiosa, o direito de furtar a consciencia nos seus mais secretos penetraes á inspecção e á censura do Estado, nunca foi comprehendida pelos gregos nas suas épocas de maxima vitalidade e esplendor. A religião era inseparavel da republica. Duas instituições egualmente venerandas definiam a *polis*, a cidade: a *ágora* e o sanctuario. Na *ágora*, a voz do povo: no sanctuario, o oraculo do deus. Na *ágora* a multidão, o *démos*, que a magestosa arrogancia popular tinha quasi deificado. No sanctuario a divindade, o *theos*, que a poetico-theologica tradição tinha feito baixar em fórma humana[3] desde os ethereos pincaros do Olympo a mesclar-se aos negocios e ás empresas da cidade. Assim como a religião é para a Grecia a propria sociedade civil no seu aspecto extra-mundano, assim tambem o deus é o homem, o helleno com todos os attributos e senões da hu-

[1] «Graeca res est, nihil velare.» Plin *Hist. Nat.* xxxiv, 10, Ed. Did. ii, 432.

[2] «Placuere et nudae tenentes hastam, ab epheborum e gymnasiis exemplaribus, quas Achilleas vocant.» Plin. *Hist. Nat.* xxxiv, 10, 432.

[3] «Indem sich die Vorstellung des homerischen Menschen Götterindividuem schafft, gelangt sie bekanntlich nicht hinaus über das Menschenideal. Sie schafft den Gott nach des Menschen Bilde, während der wahrhaftige Gott dic Menschen nach seinem Bilde geschaffen hat.» Nägelsbach, *Homer. Theol.*, 13.

manidade. Se nas eras primitivas, quando os hellenos ainda conservavam as communs tradições religiosas das gentes aryanas, os numes foram apenas a personificação das forças naturaes, e o cyclo das divindades campesinas e agrarias, Pallas, Demeter, Dionyso, ainda não deixavam suspeitar os deuses epicos de Homero, quando a poesia deu fórma systematica ao polytheismo grego, os arbitros do universo tornaram-se concretos, individuaes, pelas risonhas creações anthropomorphicas. Em Hesiodo a suprema divindade tem por attributo a visão e a sciencia universal. Mas são os olhos de Zeus, Διὸς ὀφθαλμος, os que tudo vêem, são os sentidos corporaes da humanidade os que a metaphora empresta ao eterno regulador[1].

A feição anthropomorphica é fundamental e inseparavel da mythologia hellenica, ainda mesmo quando pela revolução nas instituições e nos costumes, e pelo influxo dos philosophos, a religião se tornou mais pura e espiritual, e ao culto popular e exoterico se accrescentaram os dogmas e as ceremonias dos mysterios. Quando a Grecia tem chegado ao maximo desenvolvimento intellectual, o idealismo não alcança jámais escurecer e suplantar o *realismo*. O corpo fica partilhando com o espirito a sua dignidade natural. E é esta representação humana e sensual da divindade, que apparece reflectida na mythologia e na arte hellenica, e lhe dá a graça e o colorido em que ella se distingue da severa theogonia e da plastica oriental.

A religião, a liberdade, a educação, os tres reflexos mais brilhantes do espirito original, creador, independente dos hellenos, cooperam activamente na esplendida evolução da arte grega[2]. De fóra lhe vieram os primeiros incitamentos. O commercio e frequencia dos ionios e dos cretenses com as opulentas civilisações orientaes, semiticas ou aryanas, com o Egypto, com a Syria, com o Iran, ensinaram os primitivos rudimentos e offereceram os modelos iniciaes á imitação[3]. E na Grecia com effeito as primeiras tentativas do cinzel apenas logram reproduzir a figura humana com o typo das estatuas no Egypto, com as monotonas e anti-esthenticas posturas e proporções, que revelam o menospreço

[1] Πάντα ἰδὼν Διὸς ὀφθαλμὸς καὶ πάντα νοήσας.
Hesiod. *Obr. e Dias*, v, 267.

[2] «Klima, Nahrung und Kleidung, Erziehung und körperliche Uebungen, religiöse und bürgerliche Verfassung haben hierauf entschiedenen Einfluss. In all diesen Beziehungen war aber die alte Welt in einer weit günstigern Lage, als die neuere. Körperliche Schönheit, Gewandtheit, Adel und geistvoller Ausdruck mussten also bei den Griechen viel häufiger vorkommen, als unter den Neueuropäern.» Hirt, *Ueber den Kanon* etc., pag. 32.

[3] Hirt, *Ueber das Bildniss der Alten* (sobre o retrato entre os antigos) nas *Mem. da Acad. das Scienc. de Berl., class. de hist.-philol.*, 1814, pag. 4.

tradicional dos povos africanos e asiaticos pela belleza e pelo rythmo das fórmas naturaes [1].

Esta rude iconographia é todavia um progresso consideravel em face do que fôra a primitiva representação das divindades. O esforço inicial das artes figurativas na infancia intellectual de todas as nações é a simples e grosseira creação dos symbolos religiosos, consagrados a excitar em singellos entendimentos a noção vaga de um deus. Uma pedra, um pilar, um *hermes*, uma columna são bastantes para manifestar a idéa theologica. Mais tarde uma lança, uma insignia material, que exprima o attributo particular de cada nume, são ainda sufficiente symbolismo da crença mythologica. O que a arte não alcança communicar de clara significação a estas suas inertes invenções, póde imprimil-o a ἵδρυσις, a consagração, pela qual o cippo grosseiro e mal talhado fica representando o typo de um immortal. N'um estadio mais perfeito do seu curso, a arte consegue substituir ao symbolo primordial o *agalma*, em que o cippo ou a columna se embellecem com os adornos de um trabalho mais culto e aprimorado. Da symbolica passa a arte finalmente para a mais antiga estatuaria, affeiçoando o *xoanon*, em que as fórmas humanas principiam a esboçar-se, e em que a figura de cada nume tende a fixar-se n'um invariavel padrão. O *xoanon* é uma fórma puramente religiosa. O seu debuxo e a sua execução não miram a estimular o sentimento esthetico, senão a recordar aos animos piedosos a imagem convencional do deus anthropomorphico. Ás vezes o *xoanon*, revelando a transição das fórmas primitivas para a plastica moderna, representa apenas a parte superior da figura humana, e termina inferiormente em um *Hermes*, como a Aphrodite de Delos, attribuida por legendarias tradições a Dedalo, o mythico fundador da arte hellenica [2]. A religião, que produziu a arte em seus principios, é agora pela fixidez sacramental das fórmas adoptadas um obstaculo á inspiração do engenho individual.

Quando a arte em seu rapido pogresso tem já com o cinzel realista de Myron alcançado as mais puras imitações da natureza, ainda o famoso estatuario esculpe, segundo as regras da tradição, um *xoanon* de Hecate em Egina [3]. A arte é nos primeiros tempos sacerdotal, como era tambem a sciencia e a legislação entre os egypcios. O esculptor é apenas um artifice do templo e a sua veneração e o seu renome não tem por fundamento o merito da obra, mas a piedosa intenção do seu lavor [4].

[1] Brunn, *Gesch. der griech. Künst.*, I, pag. 20-21.—Duncker, *Gesch. des Alterth.*, IV, pag. 112.

[2] Brunn, *Gesch. der griech. Künst.*, I, 20.

[3] Brunn, *Gesch. der griech. Künst.*, I, 142.

[4] Brunn, *Gesch. der griech. Künst.*, I, 57.

Desde o nebuloso Dedalo, e os artistas que se incluem na quasi mythologica familia dos Dedalides, até á apparição de Ageladas, o mestre de Phidias e de Myron, a arte caminha mais desaffogada e mais liberta das prisões do ritual. Ainda porém as fórmas e os typos convencionaes são intimados ao artista pela iconographia religiosa. Ainda os deuses olympicos ou principaes são o assumpto da arte apenas frouxamente emancipada. Ainda um estatuario, como Onatas, de quem Pausanias falla com louvor[1], ao cinzelar em bronze a instancias dos Phigalios a *Demeter melaina*, para substituir um *xoanon* destruido, não ousa divergir inteiramente do modelo consagrado; e para auctorisar as suas innovações, finge haver-lhe a deusa em sonhos revelado as mais correctas fórmas da effigie restaurada[2].

Á arte priméva, em que, segundo um verso de Tibullo, o deus talhado n'um madeiro estanceava em modesto sanctuario[3], succedem artistas mais perfeitos e de mais espontanea inspiração. A época da arte, em que predomina o symbolismo, corresponde litteralmente á edade primordial, em que toda a philosophia e a sciencia estão ainda estreitamente encorporadas no mytho e na lenda theogonica. Quando a arte alcança romper no seu primeiro impeto as barreiras sacerdotaes, quando a escola dos Dedalides consegue dar aos vultos dos seus deuses uma fórma e postura dissonante das que o Egypto consagrou nas suas estatuas[4], é quando tambem a escola ionia transforma em um principio philosophico o mytho cosmogonico do Oceano.

Com os progressos do pensamento e da sciencia se vae desenvolvendo e aprimorando a arte grega, assim como na Renascença, pela alforria da razão e da consciencia, pelas conquistas, que dilatam o horizonte ao entendimento renovado, se povoam as basilicas e os palacios com as formosas composições das escolas italianas.

Assim como a sciencia se descasa da antiga theologia para ter vida e fortuna independente, e ao lado do conceito exclusivo do Zeus hellenico vem o homem tomar o seu logar, assim tambem a arte já não consagra os seus empenhos a sómente figurar os immortaes, e começa a esculpir e idealisar a humanidade e a natureza. Se Ageladas, o mais notavel estatuario da escola de Argos, numera entre as suas obras o *Zeus ithomaios*, o seu *Heracles alexikakos*, typo intermediario aos deuses e aos heroes, denuncia já que o engenho dos grandes esculptores baixa das olympicas alturas a talhar a imagem dos que par-

[1] «Οὐδενος ὕστερον θήσομεν τῶν ἀπὸ Δαιδάλου.» Pausan. *Descrip. Grec.*, v, 25. Ed. Clavier, tom. III, pag. 201.

[2] Pausan. VIII, 42, tom. IV, pag. 514.

[3] «Stabat in exigua ligneus aede deus.» Tibul. Eleg. x, 20.

[4] Brunn, *Gesch. der griech. Künst.*, I, 20.

ticipam egualmente da essencia divina e terrenal. As estatuas *iconicas* dos vencedores nos jogos internacionaes de Olympia, dos Anochos e dos Timasitheos, manifestam que a inspiração do imaginario se exercita e se compraz em modelar as fórmas musculosas dos athletas, coroados perante a Grecia inteira. As quadrigas cinzeladas em honra da victoria equestre de Cleosthenes, davam occasião a que as figuras animaes, no seu mais formoso typo, o do corsel, abrissem novo campo ás artes plasticas.

A nova direcção impressa á arte dilata-se pouco a pouco a toda a Grecia, e abrange as escolas de Sicyone, de Egina, de Athenas, de Samos e Corintho.

Na escola de Sicyone o estatuario Canacho, na figuração dos numes nacionaes, alcança que ás estatuas de Apollo em Thebas e em Mileto as celebre a posteridade. Mas a imperfeita imitação da natureza, e porventura o apêgo demasiado ás velhas tradições iconographicas, tornam plausivel a critica de Cicero, ao attribuir ao artista sicyonico a dureza nas figuras[1]. A religião impõe á arte a representação dos immortaes. Mas o sentimento patrio, o enthusiasmo nacional pelos jogos olympicos, o culto prophano da força, da dextreza, e formosura do corpo humano, prescreve aos artistas de toda a Grecia que votem o seu estro a memorar a gloria dos que venceram na lucta, na carreira, no *pancration*. O cinzel de Glaucias, eginetico, debuxa no bronze as effigies dos famosos luctadores, de Gelon, de Theagenes, de Glauco. Callon de Egina, é por um *xoanon* seu de Athene Sthenias na cidadella de Corintho, o representante do velho typo esculptural, e no parecer de Quintiliano, é na duresa e rigidez das suas estatuas, o primeiro grau da evolução, em que vae subindo a plastica até os contornos mais suaves e flexiveis na maneira de Myron[2].

Apesar da ousadia, com que a arte vem mesclar á representação dos deuses a figura dos mortaes, aformosentada pela gloria, ainda a plastica tem por assumpto predilecto o modelar os numes principaes. Os deuses inferiores, os que fóra do Olympo tem a sua jurisdicção, os que personificam as energias e os agentes naturaes, ainda não tem entrada na officina dos artistas. De todas as fórmas graciosas e poeticas, as *Charites*, as *Horas*, as Musas, as Sereias, que a mythologia deu por companheiras ou ministras ás eternas potestadas, algumas alcançam já exercitar o cinzel do estatuario. Os heroes, que formam a transição do deus á humanidade, não fogem á feliz inspiração do artista hellenico. A Grecia nos tempos que precedem os de Pericles, tem alargado os vôos intellectuaes demandando por um lado o Kosmos, a natureza, e por outro o

[1] «Calamidis dura illa quidem, sed tamen molliora quám Canachi.» Cic. *De clar. orat.*, XVIII, em *Cic. oper. omn.*, Ed. Elzev. pag. 133.

[2] «Duriora et tuscanicis proxima Callon atque Hegesias, jam minus rigida Calamis, molliora adhuc supra dictis Myron fecit.» Quint. *Inst. orat.* XII, 10, pag. 469.

infinito, o ideal. As escolas philosophicas vão affrouxando os vinculos, que prendem a razão e o sentimento nacional ás antigas tradições religiosas. Se os philosophos, que succedem aos ionios e lhes aperfeiçoam os systemas hylozoistas, se empenham em inquirir com fervor o mundo dos sentidos, outras escolas não menos vigorosas impellem os espiritos para fóra do universo material, exaltando-se ás regiões da pura idealidade. Os dois aspectos capitaes da philosophia e da sciencia reproduzem-se nas mesmas proporções, segundo as épocas, na evolução do pensamento na arte hellenica. Onde a sciencia é puramente naturista, a arte procura copiar o realismo da natureza. Quando a razão se torna idealista, a arte, desprendendo-se das peias materiaes, busca nas profundezas intimas do espirito, no conceito eterno, subjectivo do bello, do ideal, superior á imperfeita realidade, o typo, a que ha de aproximar-se nos arrojos do cinzel. Em quanto predominam as concepções ionicas do Kosmos, a arte contempla tambem no mundo phenomenal o exemplar das suas mais audazes creações. É cada vez mais visivel a tendencia a despear-se das cadeias theogonicas e a reproduzir no marmore e no bronze as fórmas naturaes. A este *momento* na evolução da arte grega responde a profusão das esculpturas, que representam as quadrigas e os guerreiros a cavallo, os celebrados leões de Amphicrates, ornamento da escola atheniense, os toiros de Theopropro e de Philesias. A lucta dos dois principios adversos na civilisação hellenica, o naturalismo e o idealismo, desenha-se no esforço com que a arte se empenha por um lado em realisar a fórma, e em achegar-se por outro ao ideal. Os deuses moldados nas estatuas já não são o *xoanon* ou o *agalma* primitivo. Mas está ainda por alcançar aquella suprema idealidade, que ao mesmo tempo ha de enaltecer o nume, e dignificar a estatuaria. Calamis, com o seu *Hermes Criophoros*, as suas bigas e quadrigas, e as suas obras de toreutica, attesta que a natureza é seu guia e inspiração. Não teem emulo, no dizer de Plinio, os seus corseis[1]. A arte acerca-se á perfeição nas fórmas animaes em quanto a figura humana ainda permanece encadeada pelas convenções religiosas ao typo tradicional[2]. Calamis, copiando a natureza, communica melhor que os seus predecessores ás suas estatuas a vida e a expressão, e consegue já na figura humana a fama repercutida nas palavras encomiasticas de Plinio, quando julga a sua Alcmena, superior, *nobilior*, ás dos estatuarios mais insignes[3]. E todavia a arte ainda não tem chegado a triumphar

[1] «Equis semper sino aemulo expressis.» Plin. *Hist. nat.* xxxiv, 19, pag. 440.

[2] «Es ist eine in der Geschichte der Kunst haüfiger wiederkehrende Erscheinung, dass, wahrend die freie Darstellung des menschlichen Körpers noch durch geheiligte Satzungen gehemmt und gebunden ist, die Bildung der Thiere dem Höhepunkte der Vollendung schon weit naeher steht.» Brunn, *Gesch. der Griech. Künst.*, i, 128.

[3] «Sed ne videatur in hominem effigie inferior, Alcmena nullius est nobilior.» Plin. *Hist. nat.* xxxiv, 19, pag. 440.

inteiramente das asperezas da materia para imprimir-lhe o supremo caracter ideal. Pythagoras, de Rhegio, além das effigies consagradas aos pancratiastas e cursores, nos jogos solemnissimos de Olympia, antecipa-se aos mais audazes professores do realismo na arte, com a estatua de um homem, que manqueja, e pela naturalidade e expressão da sua lastima parece, na phrase hyperbolica de Plinio, communicar a propria dôr aos que o admiram[1]. Que a arte busca cingir-se mais e mais á exacta imitação da natureza o está denunciando o cuidado escrupuloso, com que o famoso estatuario busca reproduzir no bronze as particularidades anatomicas, o relevo das veias e dos tendões, e copiar melhor do natural a disposição e a finura dos cabellos[2]. Á mais discreta e cuidadosa esculptura das minucias, accrescenta-se em Pythagoras, como no seu homonymo o philosopho, a melhor comprehensão do *rythmo* e da *symmetria*[3], que só podem alcançar-se quando a reiterada observação da natureza dá logar, pela abstracção esthetica do artista, a uma justa e correcta estimação das mais bellas proporções do corpo humano, das quaes resulta a concordancia dos elementos singulares para constituir um todo harmonico[4]. Pelo engenho de Pythagoras intenta a plastica um passo decisivo para desatar-se da tradição e prepara os esplendidos triumphos, que pelo estro nativo de Myron estão ainda reservados ao cinzel.

Myron é o estatuario das figuras, que tem vida e movimento, o correcto cinzelador das fórmas animaes. Os deuses parece esconderem-se para elle na sombra, que projectam os vultos dos athletas. Não são os Apollos de Epheso e de Agrigento, nem o Zeus, a Athene, o Heracles no hypæthro do *Heraeon* de Samos, os que ceifam para o artista os loiros mais virentes. Compraz-se o imaginario em delinear no bronze a possante musculatura dos vencedores olympicos, dos *pancratiastas* e *pentathlos*, a exprimir na effigie admiravel de *Ladas*, o cursor lacedemonio, o movimento, a fadiga, a excitação extrema do esforço muscular ao terminar, com o folêgo já perdido, a carreira veloz e temeraria. A vida animal, e não a psychica, é para Myron o enlevo principal da inspiração. Nas suas obras não respira a energia espiritual. A acção physica prevalece á expressão do sentimento. O *Discobolo*, segundo o juizo da antiguidade, simúla arremessar o disco e tomar a postura ligeira e graciosa de quem se apparelha a seguir o

[1] «Siracusis autem claudicantem, cujus hulceris dolorem sentire etiam spectantes videntur.» Plin. *Hist. Nat.* xxxiv, 19, pag. 438.

[2] «Hic primus nervos et venas expressit, capillumque diligentius.» Ibid. pag. 439.

[3] «Πρῶτον δοκοῦντα ῥυθμοῦ καὶ συμμετρίας ἐστοχάσθαι.» Diog. Laert. *Vit. Phil.* viii, Pythag. Ed. Lond. 1654, pag. 225.

[4] «Die Symmetrie, wie in der Kunst der Rede das Metrum, bestimmt also das Verhältniss der Theile in festen Maassen und Zahlen; sie ist demnach ein mathematisches strenges Prinzip.» Brunn, *Gesch. der griech. Künst.* i, 137-138.

projectil no seu curso. A *Vacca* de Myron, a obra prima do fecundo estatuario, parecia, segundo os encomios, pela antiguidade consagrados em numerosos epigrammas, illudir o toiro que de perto a cubiçava, e convidar o sollicito cultor a jungil-a aos instrumentos aratorios[1].

O merito de Myron reside principalmente na valente inspiração, com que sabe comprehender e expressar a vida em toda a sua plenitude. As moções do animo, *animi sensus*, o *Ethos* e o *Pathos*, os costumes e as paixões, não vivificam com o bafejo espiritual as obras do grande mestre[2]. Mas a verdade natural tem n'elle um interprete feliz, que primeiro entre os antigos esculptores a sabe representar na variedade e multiplicação das suas fórmas, attendendo com egual exacção e diligencia á imitação da natureza e á observancia dos preceitos, de que pende a harmonia[3]. Antes o enleva e preoccupa o effeito das figuras no seu complexo e symmetria, do que a delicada reproducção de algumas partes singulares, em que pouco porventura se avantaja á rude antiguidade[4]. Mas a extrema e regrada variação no gesto, na attitude, no semblante, o *variari habitus, vultus, status*[5], na phrase do rhetorico romano, dão ás creações artisticas de Myron a formosa dissemelhança da verdade multiplicada, *multiplicasse veritatem*, conciliando a eurythmia e a belleza, como na estatua do *Discobolo* com as mais contorcidas e trabalhadas posições[6]. É na inspirada solução d'este problema difficilimo, a expressão da vida e dos movimentos naturaes, sem turbar nem desluzir com a verdade physica o ideal da vida humana, que está cifrada principalmente a *novitas*, em que lhe votou Quintiliano a preexcellencia, a novidade que distingue o estatuario dos seus menos arrojados predecessores.

Em Myron o genio concentra em a natureza os seus esforços. Em Phidias librou-se novamente nas celestes regiões. Phidias é o Platão da arte hellenica; Platão que se revela nas fórmas da materia, antes de apparecer nas fórmas do pensamento. Phidias alcança para Athenas o principado artistico, assim como Platão conquistará depois á metropole moral da Grecia inteira o primado philoso-

[1] Brunn, *Gesch. der griech. Künst.*, I, 147-148.

[2] «Et ipse tamen corporum tenus curiosus, animi sensus non expressisse.» Plin. *Hist. Nat.* XXXIV, 19, pag. 438.

[3] «Primus hic multiplicasse veritatem videtur, numerosior in arte, quam Polycletus, et in symmetria diligentior.» Ibid.

[4] «Capillum quoque et pubem non emendatius fecisse, quam rudis antiquitas instituisset.» Ibid.

[5] «In statuis atque picturis videmus variari habitus, vultus, status.» Quint. *Inst. orat.*, II, 13, pag. 68.

[6] «Quid tam distortum et elaboratum, quam est ille Discobolos Myronis? Si quis tamen, ut parum rectum, improbet opus, nonne ab intellectu artis abfuerit, in qua vel praecipue laudabilis est illa ipsa novitas ac difficultas?» Ibid.

phico. Assim como o auctor da *Republica* é a ultima expressão do idealismo grego produzido na sciencia, pelo successivo trabalho de muitas gerações de pensadores, assim tambem Phidias é o termo final de uma serie de artistas eminentes, que aperfeiçoam e cultivam a arte nos seus varios aspectos e nas suas não raro discrepantes direcções[1]. A *idéa*, que Platão separa da materia para a engrandecer e immortalisar acima das enganosas apparencias da natureza phenomenal, Phidias, acaso mais feliz que o seu compatriota, alcança encorporal-a na materia, sem perder a sua eterna magestade. Platão eleva-se com a sua possante abstracção até encadear o *bello* n'uma formula theorica, e procura ajustar á suprema idéa a vida social, que é o typo da belleza realisado na humanidade. Phidias pela energica intuição de um espirito vidente conquista a idéa do *bello* e do *bom* absoluto, e consegue dar-lhe corpo nas effigies de Pallas e de Zeus,—de Pallas, o ideal attico dos numes, de Zeus o hellenico ideal da summa potestade. Phidias, como se fôra o Miguel Angelo do paganismo, conglóba em seu fecundo engenho a universalidade artistica da Grecia. Preside á edificação d'aquelles formosos monumentos, com que Athenas, pela magnificencia de Pericles, se ennobrece e se gloria e que foram para a architectura o *canon*, o exemplar da mais subida formosura. Esculpe as estatuas magnificas dos deuses, exerce na juventude o seu talento na pintura[2], e como *toreuta*, ou cinzelador[3], pleitêa com Praxiteles, Calamis e Mentor as glorias do buril; egualmente grande e memoravel nas obras collossaes, como no *Parthenon*, e nos lavores delicados e minutissimos, como nos relevos que decoram o broquel de Pallas,—o combate das Amazonas, e a batalha dos deuses e dos Titães. Em Phidias o ideal poetico desde o espirito do artista vem exteriormente reflectir-se no humanado vulto dos immortaes, em vez de ser apenas a *mimesis*, a reproducção da natureza, depurada de suas imperfeições. Phidias é muito maior que os seus antecessores, ou ligados ao modelo convencional do *agalma* primitivo, ou buscando no mundo externo e material a fórma concreta da belleza. Ao crear o Jupiter ou a Minerva, a ninguem (disse o Phidias da palavra entre os romanos) a ninguem contemplava para d'elles inferir a semelhança dos seus numes; antes na alma nativamente lhe habitava a *especie*, a idèa da suprema formosura, e fitando-a e pregando n'ella os olhos espirituaes, pelas inspirações d'aquella imagem encaminhava a arte e o cinzel[4]. Em Myron o objecto da arte é a vida terrena e passageira; em Phidias a vida celeste e immortal. O oiro, o bronze e

[1] Cic. *Orat.* II, ed. Elz. pag. 153.

[2] «Quum et Phidiam ipsum initio pictorem fuisse tradatur, Olympiumque Athenis ab eo pictum.» Plin. *Hist. Nat.* xxxv, 34, pag. 471.

[3] «Primusque artem toreuticem aperuisse atque demonstrasse merito judicatur.» Plin. *Hist. Nat.* xxxiv, 19, pag. 438.

[4] «Nec verò ille artifex, cum faceret Jovis formam, aut Minervae, contemplabatur

o marfim, apenas lhe servem a condensar physicamente a idéa, a quem a arte, menos potente que a philosophia e a sciencia, não póde completamente isolar na sua pureza pela energia creadora da razão[1]. Se a natureza, segundo a profunda observação do Stagirita, na sua lucta com a materia, não logra domesticar-lhe inteiramente a aspereza e rebeldia, informal-a com o bafejo animador, e compellil-a a receber sem imperfeição e sem defeito a realisação da fórma[2], ou da *idéa*, do modelo eterno e inimitavel, parece que o instincto do artista atheniense alcança mais facilmente que o instincto da natureza delinear e esculpir o ideal. A liberdade, condição essencial da inspiração, opera os milagres, com que não póde a natureza fatalmente encadeada ás suas leis[3].

Phidias levanta a creação esthetica ao supremo fastigio do ideal. Mas a porfia entre a idéa e a materia, entre o puro espiritualismo e o naturalismo inseparavel do engenho hellenico, não termina com os triumphos alcançados no *Jupiter olympico*. Phidias tem como Platão por seu ponto de partida a idéa, o modelo subjectivo. Polycleto, que é na plastica o parallelo de Aristoteles, tem por base e fundamento a natureza. No primeiro a metaphysica da arte: no segundo o sensualismo, temperado e ennobrecido pela idéa. Em Phidias o espirito dá a fórma, que a observação experimental apenas ajusta e accommoda ás exigencias do organismo. Em Polycleto a fórma é dada pela natureza, interrogada nas apparencias individuaes. Em Phidias realisa-se o ideal platonico, o bello em si mesmo, o *τό καλὸν αυτό* da arte. Em Polycleto o universal aristotelico applicado á noção esthetica, o *τὸ καθόλου* da plastica. Em Phidias o cinzel obedece á intuição. Em Polycleto a arte determina a fórma e a belleza pelos processos inductivos. D'ahi o *Canon*, o *Doryphoro*, a regra, o exemplar, a que ha de compor-se e amoldar-se no marmore e no bronze o vulto do homem e que será para os futuros artistas quasi lei[4]. Na extrema variedade das fórmas singulares, é forçoso fixar um typo médio, em volta do qual oscillem entre limites naturaes as varias proporções do corpo humano. Em Phidias a symmetria e a eurythimia são decretadas pelo instincto do grande estatuario. Em Polycleto o *bello*, conforme aos conceitos pythagoricos, é dictado pelo *numero*, e a determinação mathema-

aliquem, è quo similitudinem duceret; sed ipsius in mente insidebat species pulchritudinis eximiae quaedam, quam intuens, in eaque defixus, ad illius similitudinem, artem et manum dirigebat.» Cic. *Orat.*, II. Ed. Elz., pag. 153.

[1] «Nihil ars sine materia... ars summa materia optima melior.» Quint. *Inst. orat.* I, 19, pag. 81.

[2] «*Βούλεται μὲν ἡ φύσις... συμβαίνει δὲ πολλάκις τοὐναντίον.*» Arist. *Polit.*, I, 5. Ed. Didot, I, pag. 486.

[3] Brunn, *Gesch. der griech. Künst.*, I, 199-200.

[4] «Quem (Doryphorum) canona artifices vocant, lineamenta artis ex eo petentes, velut à lege quadam.» Plin. *Hist. Nat.*, XXXIV, 19, pag. 438.

thica das fórmas substitue as aproximações vagas da harmonia. Para descobrir o *Canon*, assim como para ler no immenso livro do universo as leis cosmicas ou biologicas, é força reiterar a observação e interpretal-a argutamente para segregar e excluir os erros e desvios. É na edade adolescente que se realisa em suas mais gratas proporções a formosura e o vigor. Por isso, emquanto Phidias representa os deuses superiores, Polycleto consagra a inspiração a reproduzir a gentileza juvenil. O *molliter juvenis*, no *Diadumeno*, e o *viriliter puer*, no *Doryphoro*, são os dois extremos, entre os quaes se ha de conter e refrear o vôo esthetico. Os *Astragalizontes*, ou os mancebos que jogam aos *astragalos*, por muitos reputada a mais perfeita obra da antiguidade[1], o athleta que esfregando o corpo, *distringentem se*, sacode a poeira da palestra[2], são famosas reproducções da juventude. A singular predilecção do esculptor pelas fórmas ao mesmo passo graciosas, mas robustas dá tambem um cunho singular á belleza feminil. Nas estatuas de mulheres é a *venustas*, esta formosura magestosa, e quasi varonil, que no dizer de Cicero corresponde á *dignitas*, á compostura nos varões de aspecto grave e auctorisado[3]. Esta era, segundo o orador romano, a belleza das *Canephoras*, figurando com *eximia venustate*, em habito e vestidura virginal, duas mulheres athenienses sopesando em suas cabeças e segurando com seus braços as cestas, em que levavam as coisas destinadas aos ritos do paganismo[4]. Sem ter a variedade imaginosa de Myron, nem a alteza esthetica de Phidias, a antiguidade conferiu a Polycleto o segundo logar entre os que fixaram no bronze a inspiração.

A contar de Polycleto a arte vae-se esforçando mais e mais por attingir a extrema realidade. O genio do grande estatuario deixa benemeritos herdeiros e successores na escola de Argos, principalmente devotada a perpetuar a gloria dos athletas vencedores,—em Naucydes, esculpindo um novo *Discobolo*, em Phradmon, em Antiphanes, Aristides, e em Euphranor, tão citado pelo seu Páris, em que, nos termos encomiasticos de Plinio, se admiram ao mesmo passo os tres *momentos* principaes e tão diversos do famoso personagem,—o juiz no pleito das tres deusas, o amante de Helena, e o matador de Achilles finalmente[5].

[1] «Quo opere nullum absolutius plerique judicant.» Plin. *Hist. Nat.*, XXXIV, 19, pag. 438.

[2] Ibid.

[3] «Cum autem pulchritudinis duo genera sint, quorum in altero venustas sit, in altero dignitas, *venustatem*, muliebrem ducere debemus; dignitatem virilem.» Cic. *De offic.*, I, 36, em Cic. *Oper. Omn.*, ed. Elz., pag. 1226.

[4] «Duo signa non maxima, verùm eximia venustate, virginali habitu atque vestitu, quae manibus sublatis sacra quaedam more Atheniensium virginum reposita in capitibus sustinebant.» Cic. *In C. Verr.*, IV, 3, ed. Elz., pag. 293.

[5] «Euphranoris Alexander Paris est: in quo laudatur, quod omnia simul intelli-

O caracter ideal da estatuaria tem ainda em Scopas um insigne representante. Os deuses povoam, como nos primeiros tempos da esculptnra, o laboratorio do eximio professor. Apollo, Athene, Artemis, Latona, Esculapio, Eros e Aphrodite, Vesta e Dionyso, saem das mãos prolificas do artista a exornar com uma extrema variedade e opulencia de obras primas os templos da Grecia, da Caria, da Ionia e Samothracia. Numerosos epigrammas celebram na antiguidade a Menade famosa, que o estatuario figurou em bacchico furor [1]. O marmore, tornado agora a principal materia do esculptor, está já preludiando, senão na idéa, ao menos na technica da arte, ás novas maravilhas do cinzel nas mãos omnipotentes de Praxiteles.

Nas duas parallelas progressões da arte e da sciencia, Praxiteles corresponde ao cyclo dos sophistas e ás escolas post-socraticas, em que o ideal perde a antiga preeminencia, o prazer é proclamado como regra dos costumes, e a sensual deleitação é o fim exclusivo da esthetica e da moral. Se Phidias representa na arte o mundo hellenico na edade em que estão ainda vivos e possantes os altivos sentimentos das épocas heroicas, Praxiteles traslada para o marmore a situação da Grecia, apoz a radical metamorphose operada entre os hellenos pela guerra do Peloponeso. Houvera uma profunda mudança nos costumes e nas relações sociaes dos povos gregos. A antiga religião, na sua lucta com os sophistas, saira quasi desbaratada do recontro. Affrouxaram-se os vinculos moraes, a liberdade perdera em grande parte o seu alto decóro e magestade, e pareceu contradizer que fossem a abnegação e a virtude as suas companheiras essenciaes [2]. Succedeu como depois da guerra da seccessão na grande republica americana. Torcera-se a moral para que fosse apenas o instrumento da utilidade. Não era muito que a arte se fizesse egualmente Phryne, *hetaira*, cortezan.

A *Aphrodite cnidia* é por isso a mais admiravel encarnação da formosura e do encanto sensual. Se no *Zeus* de Phidias se comtempla o ideal do espirito, no *Ladas* de Myron o ideal do organismo, na *Aphrodite* de Praxiteles poderia dizer-se realisado o ideal da sensualidade. E por isso na época materialista, mas ainda profundamente artistica do grande estatuario, e nos tempos ulteriores do

gantur, judex dearum, amator Helenae et tamen Achillis interfector.» Plin. *Hist. Nat.*, XXXIV, 19, pag. 441.

[1] Brunn, *Gesch. der griech. Künst.*, I, 328.

[2] «Der Glaube an die alten Götter war durch die Sophistik untergraben, mit der Religiosität sank auch die Sitte in häuslichen Leben. Im Staate aber nicht mehr was recht und gut, sondern was nutzbringend und angenehm war den Maassstab des Handelns ab... Die Sinnlichkeit gewann die Herrschaft über den Geist.» Brunn, *Gesch. der griech. Künst.*, I. 436.

paganismo romano, foi na admiração universal aquella Venus estimada como a obra mais perfeita, não só entre as do celebre esculptor, senão entre as creações do orbe inteiro[1]. Nem é para estranhar que nos primeiros seculos christãos, quando a arte era banida e abominada como a representação voluptuosa das gentilicas torpezas, um piedoso apologista désse á estatua formosissima o cognome de *hetaira*, como se n'ella vira a blasphema canonisação da mulher errada e mercenaria[2]. Se a lasciva belleza de Crátina ou de Phryne, serviu porventura de modelo ao estro do imaginario, a *Aphrodite* é mais do que ellas, é a idealisação do que ha de seductor e formoso na mulher, quando a mulher não é apenas a *hetaira*, que vende os ephemeros encantos, mas a glorificação divina dos sentidos, e a propria apotheose do amor. Em Praxiteles porém com a *verdade*, de Quintiliano advertida como o caracter especifico do esculptor atheniense[3], com a belleza voluptuosa coexiste a idealidade, sem cujo anhelito inspirador a arte cairia desanimada na prosaica imitação da natureza, e seria como em Demetrio, com o seu naturalismo exaggerado, sollicita em tornar mais semelhantes do que pulchras as obras do cinzel.

É digno de reparo que Praxiteles, com o seu natural pendor e vocação para buscar o ideal de suas obras na sensual e physica belleza, aos deuses restitua o privilegio de attrairem o estro do esculptor.

Os doze deuses principaes no templo de Megara, a Athene em Mantinéa, a Hera n'este mesmo sanctuario e em Platéa, a Demeter em Athenas, a Artemis em Anticyra, Hermes em Olympia, Dionyso em Elide, e o famigerado *Apollo Sauroctono* antecedem na serie copiosa das estatuas de Praxiteles aos numes inferiores. Mas são principalmente as divindades femininas e os venustos adolescentes, que a sua plastica voluptuosa se compraz em esculpir. Os heroes e os athletas mal condizem com as suas carnaes predilecções.

As estatuas de Harmodio e Aristogiton, os inclytos vindicadores da liberdade atheniense, a figura do auriga n'uma quadriga celebre de Calamis[4] são porventura excepções accidentaes á vocação particular do estatuario. Delicia-se a musa de Praxiteles no amor e no goso dos sentidos. No amor é o Anacreonte do marmore e do bronze. No goso dos sentidos é o Aristippo da esculptura.

[1] «Sed ante omnia est, non solum Praxitelis, verum et in toto orbe terrarum, Venus.» Plin. *Hist. Nat.*, XXXVI, 4, pag. 503.

[2] Athenagor. *Leg. pro Christ.*, em *Maxim. Biblioth. vet. Patrum*, Lugd. 1677, t. I, part. II, pag. 151.

[3] «Ad veritatem Lysippum ac Praxitelem accessisse optime affirmant: nam Demetrius tanquam nimius in ea reprehenditur, et fuit similitudinis, quam pulchritudinis amantior.» Quint. *Inst. orat.*, XII, 10, pag. 469.

[4] «Calamidis enim quadrigae aurigam suum imposuit, ne melior in equorum effigie defecisse in homine crederetur.» Plin. *Hist. Nat.*, XXXIV, 19, pag. 440.

Ao amor são monumentos as numerosas estatuas, que de Venus ou Aphrodite, e de *Eros* ou Cupido, os antigos deixaram memoradas. A expressão das delicias materiaes dá vida e animação ás figuras sensuaes e temulentas de Baccho, e da *Ebriedade*, do famoso *Periboeton*, do *Oenophoro* e dos Satyros, das Menades e dos Silenos, do capripede Pan levando aos hombros o odre retesado. Estão já decadentes e prostradas a fortaleza e a virtude varonil. A heroica austeridade cede agora o seu logar ás mundanas deleitações. Os mythos obsoletos de Hercules e de Theseu eclipsam-se na realidade seductora das formosas mercenarias. A *hetaira* é perante a invasão irresistivel da galante devassidão, uma instituição do estado. O proprio Socrates, o audaz reprehensor dos costumes athenienses, discretêa quasi galanteando com Theodora, a cortezan.

E apesar d'esta decadencia moral do genio grego, que admiravel perfeição na traça, no debuxo, na technica da arte! Os deuses de Praxiteles já não tem a *majestade* dos que Phidias ideara. Apollo já não é o ethereo nume do espirito e da luz, antes é agora, como na figura do *Sauroctono*, um formoso adolescente. Venus já não é a *Aphrodite Urania*, a quem Phidias parece que ensinara a modestia e a honestidade, antes fazendo cair no chão as vestiduras, apparece nos morbidos contornos do marmore de Paros, deixando adivinhar no lúbrico sorriso o que o pudor mal contrafeito a incita a velar e esconder.

Se em Praxiteles a arte tem por alvo predilecto o encanto dos sentidos, mais do que a generosa elevação do sentimento, ainda com as obras de Lysippo e da escola sycionica, lograram escapar á extrema degeneração as gloriosas tradições da arte hellenica. O naturalismo sensual, que pelo engenho de Praxiteles consegue produzir tão formosas composições, ficaria a lanço de arrastar á prosaica degradação o genio artistico, se a fortuna lhe não depara no fecundo auctor do *Apoxyomenos* um novo legislador. Não são agora as graças femininas, nem o *molliter juvenis* de Polycleto, nem os imberbes adolescentes de Praxiteles, que provocam o cinzel do imaginario. Afóra os deuses, que só na segunda plana se advertem entre as composições do grande artista, o seu bronze é quasi exclusivamente destinado a memorar nos *animosa signa*, segundo o encomio de Propercio[1], a fortaleza, a guerra e a victoria. As suas estatuas de maior perfeição e nomeada são os Hercules, entre os quaes é celebrado o colosso memoravel de Tarento; athletas vencedores, Polydamas, Callicrates, Xenarches; o famoso *Apoxyomenos*, para cuja restituição ás Thermas de Agrippa, o povo romano, em sua abjecta decadencia, ousou publicamente insurgir-se contra Tiberio, que fizera collocar em seu palacio a estatua cobiçada[2]. Tal era

[1] «Gloria Lysippo est animosa effingere signa» Properc. Eleg. III, 9, 9.

[2] «... quidem tanta populi romani contumacia fuit, ut magnis theatri clamoribus reponi Apoxyomenon flagitaverit, princepsque quamquam adamatum, reposuerit.» Plin. *Hist. Nat.*, XXXIV, 19, pag. 439.

ainda entre aquella gente envilecida pela infame servidão, o culto consagrado ás obras de Lysippo. A exemplo de Myron, que envidara os mais erguidos voos do seu genio na representação dos animaes, tambem Lysippo exercitou o engenho e o cinzel n'estas obras tanto mais admiraveis e custosas, quanto n'ellas apenas se póde figurar pela imitação da natureza a vida sem o espirito. O que porém distingue dos seus antecessores o estatuario de Sicyone, são os retratos de Alexandre, e as scenas guerreiras ou cynegeticas do glorioso conquistador. E em tanta maneira alcançara o grande mestre o apreço do orgulhoso macedonio, que d'ahi veiu a originar-se a tradição, provavelmente adulterada, mas seguida por numerosos escriptores, de que o filho de Philippe defendera por decreto que algum outro esculptor o retratasse[1].

Se damos credito ao testemunho de Plinio, nenhum artista nas edades antigas ou modernas alcançou maior fecundidade que Lysippo[2]. Mas esta presteza no trabalho ficava largamente compensada pela maior escassez do ideal. Não peçam a Lysippo os deuses de Phidias ou de Polycleto. O seu predominante *realismo* difficulta-lhe a entrada no Olympo e faz-lhe menos grata a figuração das essencias incorporeas. Quando esculpe o *Helios* dos Rhodios, o deus parece antes o pretexto do que a figura principal de uma quadriga, onde o esculptor podesse revelar a sua pericia na imitação dos animaes[3]. O cavallo memorado em antigos epigrammas poderia porventura pleitear competencias com a novilha celebre de Myron. Mas a mais alta maravilha, *eximium miraculum*, do talento de Lysippo na expressão do organismo era o vulto do cão lambendo as feridas. Ali o ideal no sentido proprio da palavra era substituido pela que, interpretando a phrase de Plinio, *indiscreta veri similitudo*, poderamos chamar a realidade exaggerada[4]. E de feito a escrupulosa observação da natureza, o estudo minucioso dos minimos elementos da figura, este não deixar á phantasia nada que possa accrescentar á expressão rigorosa da verdade, fôra quasi indiscrição, se a houvermos de aquilatar pelos exemplos da arte nos tempos, em que a imaginação preferia o ideal á copia fidelissima dos modelos naturaes. Por esta *indiscreta similitudo*, não se conforma inteiramente o genio de Lysippo ao *canon* de Polycleto. Porque não é o seu intento seguir um typo inalteravel, senão buscar nas proprias variações da natureza a fórma, as proporções, o movimento

[1] Brunn, *Gesch. der griech. Künst.*, I, 363.

[2] Plinio diz que Lysipo fizera mil e quinhentas estatuas. *Hist. Nat.*, XXXIV, 17, 435.

[3] «In primis vero quadriga cum Sole Rhodiorum.» Plin. *Hist. Nat.*, XXXIV, 19, 439.

[4] «Aetas nostra vidit in Capitolio... canem ex ære vulnus suum lambentem: cujus eximium miraculum et indiscreta veri similitudo, non eo solum intelligitur etc.» Plin. *Hist. Nat.*, XXXIV, 17, 435.

das figuras. A *symmetria* não é para elle a relação numerica de cada parte ou cada membro para um *modulo* convencional. A inspiração, e não a formula, determina para Lysippo as proporções do corpo humano. As scenas de movimento, as caçadas, os guerreiros episodios, como o do esquadrão de Alexandre na batalha de Granico, não podem obedecer ás mesmas regras, que presidem á attitude e ao gesto das imagens nas composições de Polycleto. E todavia, apesar da insoffrida liberdade com que Lysippo se desprende dos preceitos consagrados, a plastica, se já não tem a antiga e nobre idealidade, não deslustra comtudo a sua pristina belleza. Ainda Lysippo alcança na arte magnificos laureis. É mais perfeito o cinzelado dos cabellos. São mais breves do que d'antes as cabeças, os corpos de mais elegante gracilidade, para que mais altas e magestosas appareçam as figuras[1]. Os vultos harto massiços da velha estatuaria, *quadratas veterum staturas*[2], transformam-se pelos novos processos de Lysippo em estatuas, onde a elegancia se combina com a correcção minuciosa na expressão dos mais delicados pormenores[3], *argutiae operum*. N'estas qualidades, que particularmente caracterisam as obras de Lysippo, na *elegantia*[4], reside o fundamento com que os antigos lhe attribuem por caracter o *jucundum genus*, contraposto nos tempos alexandrinos ao *austerum genus*, á severa idealidade e formosura das edades mais florentes. O intento principal é em Lysippo o excitar as mais aprazíveis impressões. Á idéa antepõe-se a sensação. E comtudo o *realismo* é temperado pelo empenho de produzir no espectador a maxima illusão. Por isso o estatuario, no que respeita ás humanas proporções, parece emendar a natureza e corrigir a observação, quando o *real* poderia, segundo as leis da optica, apparecer defeituoso e anormal. E a isto apontava o esculptor ao dizer que os antigos imaginarios haviam figurado os homens como em verdade são, elle, quaes parecia que fossem realmente[5].

Adivinha-se em Lysippo a situação moral da Grecia na era de Alexandre. Espelham-se nas creações do seu engenho as feições caracteristicas da época.

[1] «Statuariae arti plurimum traditum contulisse, capillum exprimendo, capita minora faciendo quam antiqui: corpora graciliora, siccioraque, per quae proceritas signorum major videretur.» Plin. *Hist. Nat.*, XXXIV, 19, 439.

[2] «Non habet latinum nomen symmetria, quam diligentissime custodivit, nova intactaque ratione quadratas veterum staturas permutando.» Ibid.

[3] «Propriae hujus (Lysippi) videntur esse argutiae operum, custoditae in minimis quoque rebus.» Ibid.

[4] Fallando de Euthycrates, filho e discipulo de Lysippo, diz o polygrapho romano: «Constantiam patris potius aemulatus, quam elegantiam, austero maluit genere, quam jocundo placere.» Ibid., pag. 440.

[5] «Vulgoque dicebat, ab illis (veteribus) factos, quales essent, homines: a se quales viderentur esse.» Ibid., pag. 439.

Já o estro dos artistas não contribue, sob o influxo poderoso de Cimon ou de Pericles, para ennobrecer e levantar a magestade e o nome da republica, ajuntando aos seus loiros militares e civicas façanhas por grandiosos ornamentos as sumptuosas edificações, o *Theseion*, o *Parthenon*, os *Propyléos*. Agora a arte é serva e ministra dos monarchas, e antes procura celebrar a apotheose dos poderosos do que exalçar pelos monumentos da inspiração artistica as glorias democraticas. Tinha a arte religiosa figurado os immortaes na apparencia do homem divinisado. E agora a arte aduladora de Lysippo empresta ao vencedor do Isso e de Granico, senão como Apelles o raio do Zeus olympico, ao menos a magestade e a grandeza das celestes potestades. Assim depois de haver symbolisado a orgulhosa liberdade e independencia, a arte grega caindo aos pés do vanglorioso macedonio, confirma a sugeição de toda a Grecia ao feliz conquistador.

Taes foram os destinos da esculptura durante as eras mais brilhantes da civilisação hellenica. N'elles se resume o que a arte acabou de mais insigne, e n'elles exhauriu a phantasia os seus mais esplendidos thesouros. Referir a historia, e o progresso da plastica entre os gregos, é narrar a evolução esthetica do espirito na Grecia. As outras manifestações do engenho artistico, a *graphica*, a pintura, a *glyptica*, a *toreutica*, a architectura, se accrescentam o renome e dão novos testemunhos á fecunda imaginativa dos hellenos, seguem nos seus *momentos* principaes o passo e a fortuna á arte capital e mãe de todas, a mais difficil, a mais alta, a que mais pede ao genio e á invenção, a que para figurar a natureza tem sómente a dureza da materia, e para traduzir o ideal apenas o recurso das proporções stereometricas.

Desde os tempos obscuros, em que segundo a lenda romanesca, uma donzella apaixonada, a filha de Dibutades, contornou na parede a sombra do seu amante e deu principio á *graphica* ou pintura linear[1], até que Apelles, chegada a arte ás maximas victorias, traçou e coloriu a *Aphrodite anadyomene*, ou a Venus, que brotou das vagas do Oceano, a pintura percorreu em perfeito synchronismo com a plastica, os mesmos estadios no technismo e na idéa inspiradora. A principio com a arte dos *sciagraphos* mais antigos, com os primeiros clarões artisticos de Eumaro, que ensina a variar os assumptos da pintura[2], de Cimon, a quem se devem as figuras, que tem nome de *catagraphas*[3], a arte apesar de alguns progressos, não se afasta dos seus rudes incunabulos. De Polygnoto data a pintura propriamente o seu luzimento e a sua historia. É o fa-

[1] Athenag. *Leg. pro Chrit.* em *Biblioth. vet. Patr.* Tom. II, part. II, pag. 151.

[2] «Eumarum atheniensem, figuras omnes imitari ausum.» Plin. *Hist. Nat.*, XXXV, 34, pag. 471.

[3] «Hic catagrapha invenit, hoc est obliquas imagines.» Ibid.

moso pintor de Thasos, que á semelhança de Phidias na esculptura realisa no aspecto e no semblante a expressão da idealidade, e corrige a antiga aspereza das figuras[1]. A edade heroica reflecte-se magestosa nos seus quadros. A batalha dos athenienses contra as Amazonas, pintada no *Poecile*, a *Tomada de Troia* no *Lesches* de Delphos, attestam que o engenho de Polygnoto singularmente se compraz na representação das grandes scenas e no conjuncto de numerosas personagens[2]. O segredo da combinação e da harmonia entre as luzes e as sombras pertence a Apollodoro, que por isso recebeu o cognome de *sciagrapho*. É elle que entre todos os pintores da sua época, primou em debuxar a physionomia e a expressão. É elle o que na phrase de Plinio melhor contribuiu para a gloria da pintura[3]. É elle o que abriu as portas da arte aos seus mais fecundos e brilhantes successores[4]. Zeuxis, o pintor imaginoso, no *Congresso dos deuses*, na *Helena* e na *Familia dos Centauros*, levou o pincel, já audacioso e confiado, aos seus mais esplendidos triumphos[5]. Á semelhança de Lysippo, a illusão é a mais ardente aspiração do seu talento. Parrhasio, o emulo de Zeuxis, é o pintor dos deuses e dos heroes. É o primeiro a introduzir a *symmetria* na pintura, e pela correcção e graça dos contornos, pela summa perfeição no debuxo e claro-escuro alcançou entre todos a palma da victoria[6]. Timanthes na *Iphigenia* sabe exprimir talvez mais que ninguem o sublime e o pathetico e vivificar nos seus paineis o *fatum*, a *fatalidade* inexoravel da tragedia. O seu privilegio singular é que nas suas obras, como na velada cabeça de Agamemnon, se adivinha o que elle não pintou: ainda mais insigne pela nativa inspiração do que pelos segredos technicos da arte[7]. Pamphilo, o mais celebre pintor da escola de Sicyone, representa na pintura o que Polycleto na estatuaria, a verdade artistica subordinada ao *canon*, á medida, ás proporções. Aristides, o thebano, alcança nomeada pela pathetica expressão do affecto doloroso no quadro celeberrimo da mãe apunhalada e moribunda, qne afasta do seio o tenro filho, receiosa de que

[1] «Siquidem instituit... vultum ab antiquo rigore variare.» Plin., *Hist. Nat.*, xxxv, 35, pag. 472.

[2] Pausan. *Descr. da Grec.*, x, 25 segg. Tom. v, pag. 433 segg.

[3] «Hic primus species exprimere instituit, primusque gloriam penicillo jure contulit.» Plin. *Hist. Nat.*, xxxv, 36, pag. 472.

[4] «Ab hoc artis fores apertos.» Ibid.

[5] «Audentemque jam aliquid penicillum... ad magnam gloriam perduxit.» Plin. *Hist. Nat.*, xxxv, 36, pag. 472.

[6] Plin. *Hist. Nat.*, xxxv, 36, pag. 473.—Brunn, *Gesch. der griech. Künst.* ii, 104 e segg.

[7] «Atque in unius hujus operibus intelligitur plus semper, quam pingitur, et quum ars summa sit, ingenium tamen ultra artem est.» Plin. *Hist. Nat.*, xxxv, 36, pag. 474.

beba com o leite o sangue maternal, e avantaja-se a todos os mais pintores no ideal do sentimento e da paixão[1]. Euphranor, o artista universal, em quem se consocia a arte e a sciencia, a si mesmo sempre egual, *sibi aequalis*[2], conquista a admiração da posteridade pelo *Theseu*, cujo heroico aspecto e musculosa constructura fizeram dizer que o heroe no seu painel tem a carne por eguaria, na pintura de Parrhasio, as rosas por alimento[3]. Nicias, nos seus quadros mythologicos, alcançou invejavel nomeada em traçar as imagens de mulher, Danae, Andromeda, Calypso[4], e singularmente se esmerou em fazer que resaltasse do plano dos seus quadros o relevo das figuras. Mas a sua gloria principal, segundo o testemunho de Pausanias, cifrou-se na correcta imitação dos animaes[5]. Protogenes, mais celebrado pelo engenho que pela fecundidade logrou entre os antigos uma alta reputação pelos seus dois paineis admiraveis, o *Ialyso* e o *Satyro*, que repousa, chamado por isso *Anapauomenos*. A verdade exaggerada até o extremo do realismo[6], e a demasiada sollicitude com que retocava as suas pinturas, ficaram memoradas nos escriptos da antiguidade[7].

Se a esculptura attinge a culminação das suas glorias na sumptuosa democracia de Pericles, e tem por seu eximio representante a Phidias, o cultor do ideal, por uma notavel contradicção, adorna-se a pintura com os loiros mais formosos, quando a liberdade hellenica se offusca no immenso esplendor do macedonio, e a arte obedecendo aos sentimentos e ás idéas do seu tempo, espera do *realismo* a sua victoria. Apelles é a illustre personificação d'esta ultima phase da pintura. Votaram-lhe os antigos a preeminencia entre os maiores artistas passados e vindouros[8]. De nenhum dos grandes mestres colligiu a antiguidade mais copiosas anecdotas[9], provando assim que o havia em tamanha conta e estimação como aos mais eminentes personagens, que a his-

[1] Plin. *Hist. Nat.* xxxv, 36, pag. 478.

[2] «Ibid., 40, pag. 483.

[3] «Theseus, in quo dixit, eumdem apud Parrhasium rosa pastum esse, suum vero carne.» Ibid.

[4] «Diligentissime mulieres pinxit. Lumen et umbras custodivit, atque ut eminerent e tabulis picturae, maxime curavit.» Plin. *Hist. Nat.*, xxxv, 40, pag. 483.

[5] «Νικίας τε ὁ Νικομήδους ζῶα ἄριστος γράψαι τῶν ἐφ'αὐτοῦ.» Pausan. *Descr. Grec.*, I, 29, tom. I, pag. 217.

[6] «Quum in pictura verum esse, non verisimile vellet.» Plin. *Hist. Nat.*, xxxv, 36, pag. 479.

[7] «Nam cura Protogenes... est praestantissimus.» Quint. *Inst. orat.*, XII, 10, pag. 468.

[8] «Verum omnes prius genitos futurosque postea superavit Apelles Cous.» Plin. *Hist. Nat.*, xxxv, 36, pag. 475.

[9] «Brunn, *Gesch. der griech. Künst.*, II, 214.—Plin. *Hist. Nat.*, xxxv, 36, passim.

toria engrandeceu e memorou. Segundo o juizo dos antigos, Apelles contribuiu da sua parte muito mais para os progressos da pintura, do que o esforço collectivo dos artistas mais insignes[1]. Nos tempos de Alexandre affrouxa-se a crença na existencia pessoal da divindade, e o scepticismo culminante afasta dos assumptos mythologicos o estro do pintor. Por isso entre os paineis de Apelles poucos são os que rejuvenecem pela arte os nomes decaidos e senis.

Entre os deuses é Aphrodite a que tem o privilegio de attrair o engenho do pintor; porque de todas as divindades é Venus a deusa mais humana e mundanal, a que pelos encantos e seducções da fórma e da belleza mais se presta a que possa luzir a graça, χάρις, que é, segundo a orgulhosa affirmação do proprio Apelles, o dote, em que se avantaja aos mais inspirados artistas do pincel[2]. A *Aphrodite anadyomene*, á qual serviu porventura de modelo a venustissima Pancaste[3], apesar dos louvores encarecidos com que a poesia a celebrou, foi talvez antes a admiravel expressão da belleza sensual, do que a ideal representação da deusa dos amores. Mas a gloria de Apelles cifrou os seus mais famosos titulos em ser elle o glorificador d'aquelle cyclo de guerreiros personagens e de façanhas inauditas, em que Alexandre é a figura principal. A arte nas suas épocas de sublime idealismo tivera por empresa encarnar as divinas potestades na figura dos humanos. Agora Apelles, á semelhança de Lysippo, propõe-se resolver o contrario problema, o divinisar o homem, endeusando-o na fôrma attribuida aos immortaes. O seu ideal é a guerra e a victoria: Alexandre o heroe, em que está personificada a omnipotencia da humanidade, emula de Zeus. Menos modesto que Lysippo no ritual esthetico d'esta soberana apotheose, não se contenta Apelles de armar o macedonio com a lança dos seus historicos triumphos, mas consubstanciando com a de Jupiter a gloria e o poder do vaidoso general, torna mais coruscante em suas mãos o raio vingador[4]. Levanta-se a pintura com Apelles ao maior lustre pela exacção e formosura do desenho, pelo artificio e esplendor do colorido, pelos prodigios de uma technica perfeita, por esta miraculosa imitação, com que a natureza, como no cavallo proverbial[5], parece renascer mais formosa, mas não menos real e effectiva, ao valente meneio do pincel; pelo engenhoso claro-escuro, com que a mão do heroe, vibrando com maior

[1] Plin. *Hist. Nat.*, xxxv, 36, pag. 475.

[2] «Praecipua ejus in arte venustas fuit, quum eadem aetate maximi pictores essent: quorum opera quum admiraretur, collaudatis omnibus, deesse iis illam suam Venerem dicebat, quam Graeci Charita vocant: caetera omnia contigisse, sed hac sola sibi neminem parem.» Plin. *Hist. Nat.*, xxxv, 36, pag. 475.

[3] Plin. *Hist. nat.* Ibid., pag. 476.

[4] «Pinxit et Alexandrum magnum, fulmen tenentem.» Plin. *Hist. Nat.*, xxxv, 36, pag. 477.

[5] Plin. *Hist. Nat.*, xxxv, 36, pag. 478.

imperio que o do nume a arma terrifica de Zeus, parece, como no retrato de Alexandre, resaltar em magico relevo desde o fundo do painel[1]; pela temeraria, mas feliz inspiração, com que a arte se atreve a figurar o que está superior á sua alçada[2], o raio, o relampago, o trovão, no quadro, que tem nome *Bronte, Astrape, Ceraunobolia.*

Apesar, porém, de todas estas admiraveis perfeições a arte inclina já para o seu occaso. Já não trabalha para os deuses e para as republicas, senão que se prostra reverente e aduladora diante do imperioso conquistador. O espirito da Grecia tem perdido a antiga fortaleza varonil. A arte lucrou na perfeição do seu debuxo, na graça do colorido, na delicadeza dos ornatos, e nos encantos da illusão, o que perdeu na severa idealidade, qual lh'a deram Phidias e Polygnoto. Caiu, como a Grecia livre, pelo excesso da cultura e pela consequente dissipação e egoismo dos costumes. Caiu como a eloquencia, que tendo sido nos aureos tempos com suas fórmas ainda não amaneiradas pelo artificio dos rhetores, com o verbo de Clisthenes, de Cimon e de Pericles, o estimulo da liberdade, agora chegada nos tempos de Alexandre ao maximo vigor e perfeição, já não póde, ou vendida por Eschines e Demades, ou vibrada por Demosthenes, sem a virtude heroica dos antigos cidadãos, salvar a Grecia, que se contorce degenerada e abatida sob as plantas oppressivas do insolente dominador.

XXII

Tal era, segundo em rasgos fugitivos a temos esboçado, nos tempos de Demosthenes a civilisação hellenica, de que Athenas era o fóco. Todas as direcções, em que o espirito se póde expandir em largos vôos tinham sido assignaladas por triumphos memoraveis para o engenho uberrimo da Hellada. Se no primeiro alvorecer da vida intellectual não foram porventura nativas e autochtonas as idéas iniciaes, se não brotaram espontaneas na gleba felicissima da Grecia todas aquellas messes copiosas, ceifadas pela sciencia e pela arte, é que apesar do seu genio creador, não podiam os hellenos operar um milagre historico, e contradizendo as leis ineluctaveis e severas da progressão na humanidade, improvisar do nada da sua agreste incultura primitiva um mundo de maravilhas na phantasia e na razão. É que toda a civilisação presuppõe uma origem, todo o progresso uma phase anterior na evolução. A civilisação tem

[1] «Digiti eminere videntur, et fulmen extra tabulam esse.» Plin. *Hist. Nat.*, xxxv, 36, pag. 477.

[2] «Pinxit et quae pingi non possunt: tonitrua, fulgura, fulgetraque: Bronten, Astrapen, Ceraunoboliam apellant.» Plin. *Hist. Nat.* Ibid.

por lei perpetuar-se e accrescer-se no tempo, deslocar-se e diffundir-se no espaço. Assim como a antiga sciencia presentio e a moderna philosophia confirmou, que nem da materia nem da força nas suas infinitas e perennes transmutações se perde ou anniquila uma parcella, assim é tambem lei experimental, que no largo decurso da humanidade, nos desvios e meandros, em que ella parece distanciar-se do seu termo, e transviar-se no caminho, não se destruem nem se annullam as idéas, que são as fórmas do pensamento no mundo espiritual, como as forças são as fórmas da *energia* no Kosmos da materia. A idéa, que figura n'uma civilisação, lá se traslada a outro ponto, e lá se accommoda ás recentes condições, que lhe determina o novo ambiente, como a mesma *energia* physica é agora calor, e logo será luz, e depois virá a ser electro-magnetismo: Protêo na externa apparencia e vestidura, na essencia porém indestructivel e perpetua realidade. Ao principio dynamico da *conservação da energia*, corresponde na esphera intellectual o principio logico da *conservação da idéa*. Uma civilisação, que morre, é um organismo, que se decompõe e se desata. Pensaes que só ficaram d'elle cinzas n'uma urna ou ossos desconjunctos n'um pantheon desmoronado. E aquelles atomos, que parecem perdidos para a vida, serão cabalmente os materiaes, de que se hão de tecer os novos organismos, e na sua providencia admiravel saberá a natureza evocar dos sepulchros a existencia, e na perpetua renovação da vida sobre a terra, pedir aos sarcophagos as pompas do seu eterno e fecundissimo noivado.

Antes da Grecia havia civilisações e havia idéas. A idéa é como os gazes, que dilatando-se tendem a occupar mais e mais um novo espaço. É como os germens, que vão fecundar as paragens mais distantes. Uma semente conduzida pelos ventos, transportada pelas aves emigrantes, impellida nas correntes oceanicas, veiu a cair em terra alheia e remota do seu berço, onde o clima lhe consentiu que germinasse. Dentro em breve será plantula. Cresceu e já é arvore. Alteou-se, é frondosissimo gigante. Multiplicou-se, é arvoredo. Adensou-se e fez-se impenetravel aos raios do sol, e emmaranhou-se de cipós e trepadeiras, que se lhe enroscam nos troncos, nos estipes, nas vergonteas, e se lhe penduram e balouçam em festões. E é agora floresta virgem, millenaria. E os que vierem depois, dirão que está ali um centro primitivo, incontestavel de creação autochtona. E todavia em eras afastadas aquelles vegetaes foram exoticos, e agora só parecem nativos e especiaes á flora da região, porque a natureza cancella muitas vezes o assento de baptismo e esconde o costado genealogico ás suas mais patentes creações.

Assim passou com a civilisação hellenica. De sementes estranhas germinou e floreceu, mas com tal exuberancia de fructos sasonados, que perante a formosura, a riqueza, o esplendor das suas fórmas ninguem já poderia suspeitar que de fóra lhe vieram os principios originaes. E quando no segundo seculo da

Egreja, Taciano, um fervoroso, mas nem sempre orthodoxo defensor do christianismo, exprobrava aos gregos a arrogancia e a vaidade, com que de tudo se diziam inventores, e traçava a origem barbara,—egypcia ou asiatica,—aos ritos, ás sciencias, ás instituições, ás artes, e aos costumes, o ardor da sua fé lhe obumbrava o entendimento e lhe fazia desconhecer, que se os hellenos tomaram dos babylonios a astronomia, dos phenicios a escriptura, dos egypcios a geometria, dos etruscos a ceramica[1], sobre escassos fundamentos peregrinos souberam levantar, por seu proprio esforço e engenho, a mais alta e brilhante civilisação nas épocas antigas e modernas.

É nos tempos de Demosthenes que a sciencia, a arte, a litteratura tem chegado entre os hellenos ao fastigio. Todas as varias expansões da actividade espiritual se tem ido parallelamente acompanhando de maneira que em nenhuma d'ellas se podesse dizer mais quinhoada a cultura nacional. Se a razão especulativa alcança os principios universaes da philosophia e da sciencia, e sabe dictar ao mesmo passo ás futuras gerações os lineamentos capitaes do systema do mundo, e os fundamentos immutaveis da humana sociedade, na ethica e na politica; se a perfeição artistica deixa exhaustas, pelas suas arrojadas composições, as fontes da invenção, a phantasia poetica sabe architectar uma immensa litteratura, e á magestade e á grandeza das obras hindostanicas ajunta a graça, a correcção e a unidade, que, auxiliadas por uma admiravel, opulenta e euphonica linguagem, caracterisam as artes da palavra entre os hellenos. Se nos *epos* nacionaes e mythologicos a Grecia tem antecedentes, mas não modelos, nas antigas epopêas aryanas, se no theatro lhe correspondem os povos orientaes, se na lyrica se lhe podem contrapor os hymnos vedicos, e as divinas modulações dos prophetas e cantores em Israel, ha dois generos litterarios, que seria affronta ao genio grego não chamar-lhes oriundos e nativos do solo fecundissimo da Grecia: a eloquencia e a historia: a eloquencia, como a formosa esculptura da oração e da palavra; a historia, como systema racional e elegante exposição das vicissitudes e successos na existencia das nações. Nenhum povo antigo poderia enviar a certame com Thucydides e Herodoto os seus desconsidos narradores e os seus annalistas desornados. Nenhuma d'entre as barbaras monarchias do Oriente, poderia sequer adivinhar que a oratoria fosse ao mesmo tempo, n'uma livre democracia, uma arte litteraria, e uma instituição essencial, o *bello* posto a soldo do *bom*, a palavra tomando nas solemnes congregações da soberana multidão, os foros da regia auctoridade, a tribuna levantada, como supremo principado, no logar do throno antigo, o orador exercendo pelo encanto do seu verbo o imperio sobre os seus concidadãos e justificando a sua ephemera, porém glo-

[1] Tatian., *Contra Graecos*, em *Maxim. Biblioth. veter. Patr.*, tom. II, part. II, pag. 195.

riosa dictadura, com esta maravilha, que os reis não podem alcançar,—a de reger as turbas insoffridas com o unico prestigio do talento, a de sofrear ou impellir a seu talante o *démos*, a multidão, o mudavel, o fogoso, o indomito corsel, com o delicado fio da palavra[1].

Na Grecia despontou, cresceu e prosperou, como dote singular d'aquelle povo, a arte da tribuna. Não a trasladaram para ali os rhetores da Sicilia, os Corax, os Tisias, nem os imaginosos e grandiloquos sophistas, os Gorgias, os Prodicos, os Hippias, que ensinaram e transmittiram aos hellenos os segredos e artificios da palavra. Nos povos democraticos a tribuna é uma necessaria instituição antes de ser uma arte aprimorada. Ás maravilhas da esculptura antecede a imagem grosseira dos numes immortaes. Aos prodigios architectonicos o desornado, modesto domicilio. Quando a multidão é o soberano, a palavra é o instrumento no governo da cidade. Antes de haver sophistas nem rhetores já existem illuminados cidadãos, que dirigem e encaminham as deliberações da turba varia. Não se colligem as orações, nem se gravam na memoria as phrases dos oradores. A palavra na tribuna popular passa revoando sem deixar, apoz a deliberação, o minimo vestigio. Ninguem suspeita ainda nem de longe que o discurso proferido para acudir pela salvação ou pela honra da republica, possa ter alguma coisa de commum com as formosas composições, que os rhapsodes e aedos vão descantando pela Grecia, conciliando as deleitações da phantasia com a gloriosa recordação dos feitos e das grandezas nacionaes. Ninguem n'esses rudes e singelos principios da tribuna, adivinha porventura que do engenho concionatorio, que Ulysses pela gravidade, Nestor pela doçura, Menelau pela incisiva brevidade, ostentam nas guerreiras assembléas da Iliada, se passará por suas pautadas gradações até este ponto culminante, em que a eloquencia ha de ser arte, e perdida a transitoria utilidade conservará mais pura e mais brilhante a fórma esthetica e como inimitavel monumento litterario entrará na mesma plana com as mais sonoras modulações da lyrica, e as mais altas concepções da epopêa. Tal a estatua do nume, quando a crença pagan já não empresta a divindade ao bronze e ao marmore do artista, ainda nos vindouros desperta a admiração, senão por divina, por formosa.

Além do engenho peculiar do povo grego, d'esta genial inspiração, com que elle sabe logo ao primeiro assomo de cultura communicar a dignidade e a grandeza ás suas multiformes creações, e dourar com a luz do bello quanto ha de commum e de vulgar, podemos affirmar que de tres fontes manou a eloquencia artistica de Athenas. Primeiro, o uso frequente e necessario da palavra n'um povo que a si mesmo se governa, e que tem na praça publica o centro da sua

[1] «... quum extorquere arma possit e manibus iratorum civium, boni civis auctoritas et oratio.» Cic. *De clar. orator.*, II., pag. 129.

actividade politica e social. Segundo, o cultivo prodigioso dos espiritos em todas as varias direcções do pensamento e da imaginação. Terceiro, finalmente, o influxo dos sophistas, que fizeram da oratoria uma como esgrima intellectual. Á primeira e mais antiga phase da tribuna pertenceram Solon e Pisistrato. É ainda a palavra simples, desataviada, que procura antes os seus triumphos na razão, que nas paixões. Ao segundo estadio correspondem Themistocles e Pericles. Já o verbo dos oradores se inflamma e se arrebata sem todavia commutar pelas graças do dizer e pelos effeitos scenicos da acção, a magestade severa da tribuna. No terceiro periodo se incluem finalmente os mais facundos e valentes oradores. É o tempo em que todos os thesouros da tradição e da poesia, todas as riquezas da philosophia e da sciencia, todos os primores da lingua attica, todos os sentimentos que agitam e commovem a Grecia no seu grande esplendor e na sua moral degradação, todos os successos assombrosos, que dramatisam a vida hellenica, se enfeixam e concentram em Athenas, e se conglobam na tribuna, que levantada por Demosthenes á mais subida altura, é a ultima representação do genio grego.

Ás tres phases da eloquencia respondem cabalmente as tres épocas da arte. Em Solon o puro naturalismo. O *util* antecede ao *bello*. Em Pericles, encarna-se felizmente o genio magico de Phidias. A *majestas* é ao mesmo passo o caracter do estadista e a feição do estatuario. A Pericles pela altiva gravidade e magestosa compostura dão-lhe o titulo de *Olympico*. É a razão, que falla, a auctoridade, que se impõe aos seus concidadãos, como o *Zeus* de Phidias não é apenas o *bello*, que enfeitiça, mas o deus, que terrifica pela omnipotencia do seu raio. É a philosophia, que se desfarça na toga do tribuno. É Anaxagoras, que pela boca do eminente cidadão traslada para a vida democratica as conquistas da sciencia e os beneficos influxos da sublime especulação[1]. Ainda a technica da palavra não está reduzida a preceito e formulario. E comtudo o talento e a sciencia dão talvez ao verbo de Pericles a força e o enlevo, que nas orações de Burke produzia a immensa erudição.

E todavia, segundo o testemunho dos antigos, a innata inspiração do fecundo demagogo não precisa de estudados artificios para arrebatar ao sabor dos seus desejos o voto da *ecclesia* pendente dos seus labios, e exercer,—monarcha da opinião,—a dictadura pela vehemencia e terror da sua palavra[2]. Ainda

[1] «Pericles... primus adhibuit doctrinam; quae quamquam nulla erat dicendi tamen ab Anaxagora physico eruditus, exercitationem mentis a reconditis abstrusisque rebus ad causas forenses popularesque facile traduxerat.» Cic. *De clar. orat.*, XI., pag. 131.

[2] «Hujus suavitate maxime hilaratae sunt Athenae: hujus ubertatem et copiam admiratae, ejusdem vim dicendi terroremque timuerunt.» Cic. *De clar. orat.*, XI., pag. 131.

Gorgias não ensinou a equilibrar no discurso os vocabulos e os incisos; e a pedir á antithese os effeitos da oratoria. E já Pericles, no dizer de um antigo, alcança deixar no animo dos seus frementes auditorios, o aculeo da palavra, depois de epilogada a oração[1].

No terceiro periodo a eloquencia, sem perder nos engenhos de eleição a alteza do conceito, e a magestáde estatuaria, anda attenta á opulencia dos ornatos e ás minucias de uma artificiosa execução. N'esta época a deleitação e o goso sensual é a mais vehemente predilecção do atheniense. O oiro destinado ao estipendio dos exercitos e das triremes em defensão da patria ameaçada é desviado para pagar as sumptuosas festas do theatro. Então o orador, á semelhança do estatuario, já não póde exclusivamente endereçar a inspiração aos animos, que apreciam a idéa, mas tem de lisongear os sentidos, que apetecem o prazer. As *argutiae operum* de Lysippo trasladam-se da estatua á oração. Sob o influxo dos rhetores e dos sophistas, a palavra, na elegancia rebuscada e na symmetrica estructura, é superior ao pensamento, assim como para os esculptores da escola de Praxiteles o avelludado e macio das carnes feminis, e os contornos elegantes, em que o marmore se faz voluptuoso, constituem, acima da austera idealidade, o mais fagueiro encanto da arte sensual. Já o fallar não é apenas uma natural funcção do espirito. É uma arte, um technismo, τέχνη ῥητορική, um officio intellectual, que se póde aprender segundo um methodo, com tal que a natureza contribua com estro e vocação[2]. A illusão é como nos tempos ultimos da estatuaria e da pintura o principal empenho do orador. A traça, o ornamento, a symmetria do discurso, vão sempre encaminhadas a dobrar, deliciando-o, o espirito do ouvinte, a substituir no auditorio a persuasão á evidencia, á verdade a commoção. O fim do orador não é como o do philosopho allumiar o entendimento em demanda do honesto, do justo e verdadeiro, senão fazer da palavra um instrumento de combate, egualmente poderoso, como as armas da guerra material, para dar o triumpho ao crime e á innocencia[3], ao demagogo exempto e virtuoso e ao dissoluto e perdido sycophanta[4].

[1] «Non (quemadmodum de Pericle scripsit Eupolis) cum delectatione aculeos etiam relinqueret in animis, a quibus esset auditus.» Cic. *De clar. orat.*, IX., pag. 131.

[2] «Nihil praecepta atque artes valere, nisi adjuvante natura.» Quint. *Inst. orat.*, I, 1, pag. 4.

[3] «Hippias Eleus in honore magno fuit, aliique multi temporibus eisdem docere se profitebantur, arrogantibus sane verbis, quemadmodum causa inferior (ita enim loquebantur) dicendo fieri superior posset.» Cic. *De clar. orat.*, VIII., pag. 130.

[4] «Quippe rhetoricam injustitiae calumniaeque instrumentum effecistis, dum libertatem sermonis vestri mercede vaenundatis et saepius eamdem rem nunc justam, alias injustam statuitis.» Tatian. *Contra Graec.*, em *Maxim. Biblioth. vet. Patr.*, II, 2, pag. 195.

Mas esta direcção puramente sensual e formalista, que ameaça desde os seus primeiros tempos de cultura abastardear a eloquencia, confrangendo-a e atormentando-a no leito de Procusto dos rhetoricos de officio, tem felizmente o seu moderador e contrapeso em outras impulsões, que vem estimular poderosamente o espirito dos oradores athenienses. Entre as fórmas robustas e massiças da antiga estatuaria, *quadratas veterum staturas*, e os typos convencionaes de Polycleto, entre o escopro, que se esquece da natureza, e o cinzel, que demais se lembra da arte, apparecem as effigies, em que a arte e a natureza, o artificio e a verdade, se apertam e se abraçam irmãmente. Assim tambem entre as fórmas oratorias das eras primitivas e as estudadas elegancias de Gorgias, de Thrasymacho, de Prodico, a eloquencia verdadeira, antes dos seus ultimos triumphos com Demosthenes, sabe inspirar a Antiphonte e a Thucydides, ou trovejadas na *ecclesia* ou phantasiadas na historia, as sonoras e graves orações, em que a exuberancia e o peso dos ornatos não deslustram nem opprimem a austera belleza e castidade á musa da tribuna[1].

Se os sophistas e os *logographos*, votados a escrever orações e apologias, que alheias bocas deveriam declamar, tendiam por uma parte a exalçar a fórma acima do pensamento, a subordinar aos regrados artificios da rhetorica a livre inspiração dos oradores, por outra parte as condições especiaes da vida publica na tormentosa democracia, a turbação dos tempos e das facções, as scenas epicas e os cruentos episodios, de que então se entretecia a historia da republica, os destinos de Athenas e da Grecia jogados na aventurosa contenção da autonomia grega e do jugo macedonio, levantavam os espiritos hellenicos e impunham á tribuna mais graves obrigações que a de polir e arredondar os periodos euphonicos, de repartir no contexto da oração os *isocolos*, e as antitheses, e de esquecer pela superstição do numero e da eurythmia a patria e a liberdade, prestes a naufragar e a perecer na procella dos partidos e na invasão do féro dominador.

A rhetorica não chegaria a ser jámais eloquencia, se a calmaria das modestas e pacificas republicas tivera deixado silenciosa a altiva tribuna atheniense. Demos que a philosophia e a sciencia haviam alcançado nos seus vôos as mais subidas eminencias; que o engenho hellenico chegara ao maior cultivo e expansão; que a arte multiplicara aos olhos dos hellenos em cada cidade, em cada burgo, nos templos e nas acropoles, as suas infinitas maravilhas; que a poesia conquistara esta inimitavel perfeição de fórma e colorido, que as modernas litteraturas, desesperando de imitar, se empenham baldadamente em exceder. Supponhamos que em cada atheniense, que assiste aos prodigios da tragedia nas

[1] Veja Schaeffer, *Demosthenes und seine Zeit*, I, pag. 122 segg.—Ot. Müller, *Hist. de la litt. grecq.*, trad. Hillebrand, III, pag. 161, segg.

Dionysiacas ou ao tracto des negocios na amplidão da *ágora*, ha um espirito tão culto e entendedor do *bello* e do sublime, como se o talento, o gesto, o sentimento no mesmo grau estivessem repartidos entre os grandes oradores e estadistas e a plebe commum e illetrada. Congregae á *ecclesia* os athenienses que teem voz na assembléa. Annunciae que se vae tractar de um assumpto familiar. Apagae as fronteiras dos partidos. Afastae a propria sombra das paixões. Dae á republica no interior a união e a concordia, a segurança e a paz no exterior. Mandae o arauto a convidar os que desejam aconselhar e propor sua tenção. Pensaes que vae d'ali surgir fremente e improvisa a tempestade, com os trovões que estremecem, mas eccoam, com os raios, que derribam o edificio, mas desenham no ceo os sulcos e listões da etherea claridade? Nada d'isso. Tereis apenas o silencio approvador ou a fria e pedestre discussão.

Ora a eloquencia na sua mais perfeita consagração, o discurso parlamentar, é a palavra, a fazer-se corpo das idéas, que arrebatam e commovem a humanidade, é a paixão, que se depura das suas carnaes imperfeições para servir as grandes causas populares.

Se para haver eloquencia é preciso primeiro que haja povo,—que elle só é o mais apto juiz e avaliador[1],—para que o povo se agglomere em volta da tribuna, é forçoso que a eloquencia beba no ambiente a aura dos épicos successos. Havia rhetorica em França nos tempos da monarchia. Ás vezes furtivamente fulguravam por entre a mystica elevação da homiletica sagrada as chispas da oratoria popular, como na oração funebre de Condé. Mas a verdadeira eloquencia voou aos maximos arrojos nas azas da revolução. A eloquencia datou as suas victorias d'aquelles dias, em que os grandes oradores das assembléas revolucionarias faziam a fórma e a palavra, e as turbas derrocando os muros da Bastilha ou vencendo nas batalhas as hostes do despotismo, fabricavam aos eminentes oradores o assumpto e a inspiração.

É cabalmente no tempo de Demosthenes, que se passam os mais notaveis acontecimentos na historia de Athenas e da Grecia. Houvera antes a lucta gloriosa entre o Occidente e o Oriente, entre a expansiva civilisação da Europa, representada pela Grecia, e a civilisação estacionaria dos povos asiaticos, figurada nas hostes do *grande rei*.

Mais tarde, por vinte e sete annos, a guerra fratricida assolara as povoações, talara os campos, e tornara cada vez mais intractaveis e rebeldes á concordia e unidade as cidades e as republicas da Grecia, empenhadas no sangrento litigio, em que Athenas e Sparta contendiam pela hegemonia e principado. Nem o esforço porém da Grecia heroica, sustando ou repellindo nas Thermopylas, em

[1] «Quod enim probat multitudo hoc idem doctis probandum est.» Cic. *De clar. orat.*, L., pag. 141.

Mycale, ou em Platéa, a torrente da asiatica invasão, nem a lucta civil do Peloponeso tiveram nos destinos geraes da humanidade a larga influencia e a profunda significação, com que a historia assignalou os tempos derradeiros da liberdade hellenica. A Grecia tinha sido para a sciencia e para a arte o cerebro do mundo, para a vida social o fecundo laboratorio, onde estavam resolvidos os problemas mais difficeis da constituição politica, a unica nação, que em toda a antiguidade soubera levantar os homens a cidadãos, os cidadãos a soberanos collectivos. Estava ali mais do que em embryão mal bosquejado a moderna civilisação. Faltava sómente que ao pensar da Grecia viesse corresponder a livre locomoção para que das estreitas comarcas, onde crescera e prosperara, se podesse diffundir o seu espirito. Sobre o particularismo hellenico, onde o predominante sentimento era a independencia e a liberdade, era forçoso levantar uma civilisação cosmopolita. Urgia por utilidade universal, como que expropriar a Grecia de todos os seus thesouros de engenho e de cultura. Ao pequenino mundo de Athenas e de Sparta cumpria substituir, alargando-o, o mundo hellenisado. Este benefico movimento de expansão cifrou-se no hellenismo. Os seus instrumentos mais poderosos foram Philippe e Alexandre. Tambem a revolução universal inaugurada nas idéas pelo fecundo genio de Paris, a nova Athenas do espirito e da liberdade, pediu á espada vencedora de um forasteiro, quasi um barbaro, que dilatasse pelo mundo a nova idéa, e tornasse concreta pela força e pela gloria a unidade mystica da Europa e a abstracta noção da humanidade.

É nos tempos de Demosthenes que se inflamma a lucta entre a liberdade grega e a futura civilisação, ainda occulta por detraz do broquel do macedonio. Demosthenes representa o egoismo atheniense, egoismo generoso, patriotico, sublime de heroica devoção, e de gloriosa pertinacia. Philippe e Alexandre consubstanciam a aspiração da humanidade, aspiração porventura inconsciente ou nebulosa, mesclada de ambição, e de vaidade. O partido atheniense em frente da parcialidade macedonica. Em ambas uma parcella da verdade. Em Demosthenes o culto da liberdade e da justiça, e o principio sacrosanto do governo local e autonomico. Em Philippe e Alexandre o vago, mas feliz presentimento de que acima da intolerancia patriotica estão os vinculos e os interesses, que supprimem para a vida commum da humanidade as fronteiras das nações. Demosthenes é a eloquencia, que defende o estreito lar domestico, para o sequestrar ao contacto impurissimo dos barbaros. Alexandre é a espada, que supera a eloquencia, para alargar a civilisação e chamar os barbaros á communhão das idéas e principios iniciados pela Grecia.

A uma e outra parte se enfileiram os mais illustres oradores que viu a antiguidade. No partido anti-macedonico, Hyperides, tão celebrado por defensor de Phryne, como por accusador de Demosthenes no processo de Harpalo; ora-

dor mais attento á viveza e energia da oração que á selecção escrupulosa dos vocabulos; Lycurgo, o accusador severo de Leocrates, que pela doutrina de Platão fortalece o animo enlevado na admiração dos espartanos, e imprime nas suas orações a dignidade moral e a nobreza do sentimento; Callisthenes, de quem Alexandre, arrogante pela victoria, pede aos athenienses a extradição, com Demosthenes e Lycurgo; Hegesippo, de Sunion, cujas orações eram mais puras que a vida habitual; Polyeucto, de Sphetto; Diotimo, Nausicles. Entre os oradores e demagogos philippistas, sobrelevam pelo talento, eivado pela corrupção e demasia das paixões, antes de todos Eschines, o mais duro adversario de Demosthenes; Demades, o ardente improvisador, cuja palavra eloquentissima o não póde absolver da tacha infamante de traidor e de vendido; orador tão altamente reputado, que muitos na antiguidade o antepozeram a Demosthenes, julgando a este como orador digno de Athenas, a Demades por maior que a sua patria[1]; Dinarcho, a quem falta no mesmo grau a originalidade na oração, a firmesa no caracter. Longe d'elles pela virtude, Phocion, finalmente, a quem deram por cognome o χρηστος, o probo, o singello, o forte cidadão, que sido quarenta e cinco tendo vezes *stratego* e ceifado loiros gloriosos, preferia a paz honesta ás contingencias da victoria, o orador que professava a alliança macedonia sem traição nem affronta da republica, e sabia ser amigo de Alexandre sem macular as mãos no oiro corruptor.

A esta época pertencem os maiores successos e os homens mais illustres: os acontecimentos, que mais influem na marcha da humanidade, e os nomes, que com maior esplendor e luzimento a Grecia transmittiu aos seus vindouros. Os sabios e os philosophos, cujas obras chegaram até nós, Platão e Aristoteles, Theophrasto e Xenephonte; os artistas mais perfeitos, Apelles, Protogenes, Lysippo; os grandes generaes, Phocion, Chabrias, Iphicrates, Timotheo; os eminentes estadistas e republicos, Aristophonte, Cephalo, Callistrato, Eubulo, Lycurgo, Hyperides, Timarcho, e os dois athletas da tribuna, Demosthenes e Eschines, que inflammados pelo talento e pelo odio, se abraçam e se ferem, se estreitam, se prostram e se levantam novamente, disputando ao mesmo passo a cabeça, a popularidade e a victoria.

Nunca na Grecia, e em Athenas principalmente, haviam os successos attingido a maior gravidade e consequencia, nem as paixões se tinham incendido mais implacaveis e ardentes, como que apostadas a ajudar a fortuna dos contrarios, e a decadencia da republica. Dois homens extraordinarios, os mais audaciosos e felizes capitães da antiguidade, antes de Roma, concebem e executam o plano ambicioso da monarchia universal. Philippe alliando a astucia

[1] «Δημοσθενης... ἄξιος τῆς πόλεως... Δημάδης ὑπὲρ τὴν πόλιν.» Plut. *Demosth.*, 10. Em *Plut. Vitae*, ed. Didot, II, pag. 1015.

e a prudencia do estadista e do politico á sciencia do general e á coragem do soldado. Alexandre conciliando no seu animo heroico e romanesco as largas concepções do chefe dos exercitos e a arrojada galhardia do intrepido aventureiro. Um, artificioso e refolhado. O outro desdenhando a fraude e a mentira, e confiando á espada e á fortuna, á magnanimidade ou á cruesa, segundo o reclama a conjunctura, o exito feliz das suas empresas. O primeiro, tactico exemplar; o segundo, inimitavel estrategico. Um, fazendo da Grecia o campo de manobras, onde exercitar os seus guerreiros, o outro julgando o mundo conhecido, ainda estreitissimo theatro á marcha triumphal das suas phalanges desde o Istro até o Hyphasis. De um lado os macedonios empenhando as insidias ou as armas em realisar pela submissão da Grecia ao seu imperio a unidade, que as republicas perpetuamente divididas não sabem consolidar. Á outra parte Athenas, Thebas, Sparta, pelejando rijamente pela suspirada hegemonia. Na republica de Phocion e Demosthenes, uma estranha e singular alternativa de virtudes e de baixezas, de victorias e desastres. A heroica fortaleza e o desanimo covarde. Ao enthusiasmo succedendo a tibieza: á circumspecção a leviandade. O povo atheniense exaggerando até á arrogancia imprevidente a confiança na sua força e no seu nome; e logo timido e inerte desesperando de resistir aos inimigos da sua independencia e liberdade. Na assembléa popular os demagogos e os partidos dilacerando e repartindo em sacrilega e ambiciosa tavolagem a tunica da patria, e para conciliar o voto das turbas dementadas, amimando os seus preconceitos e fraquezas e lisongeando os seus vicios e paixões. Os generaes, como no vortice cruento da republica franceza, forçados pela iniqua opinião, a segurar a cabeça com o triumpho ou pagar pela morte ou pelo exilio as infidelidades da victoria. Os estadistas e os oradores accusando-se implacaveis nos processos de traição, e ora recebendo solemnemente a corôa civica por benemeritos da patria, e logo expiando em severissimas sentenças os perfidos sorrisos da fortuna. Os que exaltam a liberdade em nome de Athenas e da Grecia e os que em honra de Philippe ou de Alexandre advogam a servidão, egualmente applaudidos ou affrontados pela varia e inconstante democracia. Demosthenes, que exalça a paixão da liberdade até ás febris excitações da eloquencia, coroado pelos seus concidadãos, como ironica preparação para o tragico fim do seu desterro; e Demades, que vende a liberdade e infama a sua palavra com os reflexos ominosos do oiro macedonio, honrado com publicas estatuas e sustentado no Prytaneo a expensas da republica. Os obscuros sycophantas, que fazem da palavra a sua ignominiosa mercancia, e os eloquentes cidadãos, que levantam na tribuna a derradeira cidadella á magestade e honra atheniense, medidos por egual perante a parcialidade torva das facções. Todas as fórmas na palavra e todos os interesses na tribuna. A oração grave e suasoria, como em Phocion, e em Isocrates, para encarecer a hon-

rosa paz, e a unidade sob a vigorosa hegemonia macedonia. Os mercenarios vôos da oratoria, como em Demades e Eschines, para submetter a Grecia manietada á insolente dominação dos invasores. Os maximos esforços da eloquencia, como em Lycurgo e em Demosthenes, para vencer a Philippe e Alexandre, ou sepultar sob as mesmas ruinas fumegantes com a liberdade, que não deve abdicar-se, a patria, que não é possivel defender. Incorruptos cidadãos, que podem dizer como Hyperides: «A minha palavra é severa, mas não paga[1],» e corruptissimos tribunos, de quem, como do velho Demades dizia Antipatro, o macedonio, se póde asseverar que d'elles á semelhança das hostias immoladas só resta na velhice o estomago e a lingua[2], a voracidade e a calumnia.

É n'esta quadra lastimosa da vida atheniense, n'esta opprobriosa conjunctura, em que a tragedia da republica se aproxima do seu fatal e doloroso desenlace, que Demosthenes, o ultimo genuino representante do espirito da Grecia, porfia nobremente contra a desidia e corrupção dos naturaes, contra a soberba e a força dos estranhos. É elle, que já prestes a affundir-se no horizonte, illumina com os brilhantes clarões do sol poente a agonia da liberdade. Como de Hortencio affirmou o exemplar da eloquencia entre os romanos, se podera dizer que Demosthenes se envolve em Calauria no sudario, quando a vida mais lhe podera aproveitar para celebrar as pompas funebres da patria que para ajudar com seus esforços as victorias da republica[3].

É o tempo, em que o ousado vencedor de Póro e de Dario, já divinisado pela arte, não se contentando com as pompas triumphaes e com a honra de imperar aos degenerados successores nas glorias de Marathona e de Salamina, intima aos hellenos lhe decretem um logar no proprio Olympo, e accrescentem com o seu nome o cyclo dos doze numes principaes. E a Grecia e Athenas principalmente, votando, por aviso e proposta do lisongeiro Demades, as honras divinas a Alexandre, aggrava torpemente com a blasfema canonisação a ignominia do seu merecido captiveiro.

Mas os éccos da palavra demosthenica, repercutidos na larga successão dos seculos vindouros, servirão para attestar que a liberdade é o mais inestimavel thesouro das nações, a corrupção o gusano inexoravel, que lhe vae devorando o organismo, a mais alta eloquencia uma arma bôta e inoffensiva, quando a virtude a não tempera, e não a vibra a fortaleza varonil, a passada gloria uma

[1] «Καίτοι φασὶν Ὑπερείδην ποτὲ εἰπεῖν πρὸς τὸν δῆμον» Ἄνδρες Ἀθηναῖοι, μὴ σκοπεῖτε μόνον, εἰ πικρὸς, ἀλλ'εἰ προῖκα εἰμι πικρός.» Plut. *Phoc.* x. Em *Plut. Vitae*, II, pag. 885.

[2] Plut. *Phoc.* I, pag. 885.

[3] «Tum occidit, quum lugere facilius rempublicam possit, si viveret, quam juvare.» Cic. *De clar. orat.*, I, pag. 129.

ironia pungente para os povos, que fazem dos seus loiros o thalamo sacrilego de sensualidades egoistas e de materiaes e ephemeras deleitações.

Contemplemos em Demosthenes o que póde valer a eloquencia, como a ultima expressão nas artes da palavra, e aprendamos na Grecia do seu tempo, como degeneram, e se abatem e perecem as válidas nações e as florentes democracias, quando subindo a civilisação e desregrando-se os costumes, a luz intensa da sua maxima cultura apenas serve a pôr de manifesto em sua hedionda fealdade a depravação dos seus governos e a indifferença dos cidadãos.

DEMOSTHENES

A ORAÇÃO DA COROA

Principio, Athenienses, exorando todos os deuses e deusas para que n'este julgamento vos inspirem em meu favor tanta benevolencia, quanta hei sempre manifestado pela republica e por todos vós. Pedir-lhes-hei depois — o que mais que tudo importa á vossa religião e á vossa gloria— que vos assistam para que no modo, por que devo defender-me, não consulteis o meu accusador, — seria duro o vosso proceder—, senão as leis, e o vosso juramento, no qual, entre outras coisas justas está escripto: «que se escutem egualmente os dois adversarios.» E taes palavras não dizem unicamente que julgueis sem prevenção, e que attendaes com egual benevolencia aos dois antagonistas, senão que deixeis a cada um em sua defeza a ordem e disposição, que elegeu e concertou.

Leva-me Eschines a mim numerosas vantagens n'este pleito. Duas são todavia, Athenienses, as maiores. É a primeira que não lucta Eschines comigo em lances equivalentes. Porque não é para mim o risco de perder a vossa benevolencia egual ao d'elle em vêr frustrada a accusação. Eu arrisco... porém não... não quero funestar com phrases ominosas o exordio do meu discurso. O meu adversario accusa-me pelo prazer da accusação. A segunda vantagem consiste em que são os homens de sua natureza propensos a escutar com maior deleitação a invectiva e o libello, do que o louvor em bocca propria. O que pois se escuta com prazer pertence a Eschines. A mim o que, por assim dizer, se ouve com desdem.

Se pois pelo receio de enojar-vos, eu vos não referir os actos da minha

vida publica, parecerá que não posso confutar a accusação, nem mostrar por que titulos mereço o premio desejado. Se porém me detiver a explanar-vos o que fiz, como cidadão e como republico, serei forçado a fallar de mim por muitas vezes. Esforçar-me-hei por fazel-o tão modestamente quanto possa. E o que a indole da causa me obrigar hoje a dizer, justo é que o lanceis á conta do meu adversario, que trouxe perante vós esta contenda.

Creio que todos vós, juizes, confessaes que este pleito interessa egualmente a mim e a Ctesiphonte, e que o não devo tractar com menos diligencia do que se a mim proprio sómente pertencêra. É duro e incomportavel o vêr-se alguem despojado do que é seu. Mais duro ainda, se nos despoja um inimigo; mas é tanto maior a desventura de perder a vossa benevolencia e affeição, quanto é este para mim entre todos os do mundo o maior bem. Versando sobre este ponto cabalmente a presente contenção, exoro-vos, supplico-vos a todos egualmente que na minha resposta á accusação, hajaes de escutar-me como o prescrevem as leis, que Solon, o homem popular e amigo da republica, logo ao promulgal-as, previu que não bastava escrevel-as para que fossem obedecidas, senão que as havieis de confirmar pelo vosso juramento, vós os que tendes officio de julgar. E não, segundo se me affigura, porque de vós desconfiasse, mas por vêr quanto seria difficil ao accusado fugir ás imputações e ás calumnias do accusador, que tem a vantagem de fallar primeiro, se cada um de vós, juizes, guardando a veneração que aos deuses é devida, não ouvisse benignamente o que falla em ultimo logar, e prestando attenção egual a um e outro antagonista, não fundasse a sua sentença em todas as circumstancias do processo.

Havendo de expor-vos n'este dia, como convém, as coisas de toda a minha vida particular e os actos da minha administração, quero, como no principio invocar de novo os deuses e dirigir-lhes perante vós as minhas deprecações: para que primeiramente n'este julgamento vos inspirem em meu favor tanta benevolencia, quanta hei sempre manifestado por todos vós e pela republica; em segundo logar para que os deuses vos inclinem a proferir uma sentença, qual convém a Athenas em nome da sua gloria, a cada um de vós em nome da vossa religião.

Se Eschines houvesse apenas discursado sobre o ponto da sua accusação, á defeza do decreto haveria eu tambem de limitar a minha apologia, mas pois que elle não resumiu o seu discurso, antes foi prolixo em declamar contra mim as mais calumniosas imputações, julgo ser ao mesmo tempo justo e necessario, Athenienses, dizer antes de tudo em breves termos o que baste a refutal-as, para que nenhum de vós, induzido por discursos alheios ao processo, me avalie com menos equidade no assumpto principal da accusação.

Ides vêr com que verdade e singeleza respondo a quantos improperios inventou a maledicencia do meu accusador ácerca da minha vida particular. Se

estaes convencidos de que sou tal, qual em suas arguições me descreveu (e entre vós, não em outra parte hei passado a minha vida), não tolereis que eu diga mais palavra, embora haja tratado dignamente os negocios da republica. Levantae-vos e condemnae-me desde já.

Se ao revez sabeis que sou melhor do que o meu antagonista e de mais honrada estirpe trago a origem; se (para fallar modestamente) sabeis que nem a mim nem aos meus se nos avantajam os mais honestos cidadãos, a Eschines dae tanta fé nos outros pontos como n'este vos merece; porque é manifesto que de aleives urdiu todo o seu arrasoado; a mim concedei-me a mesma benevolencia, com que sempre me attendestes em muitos pleitos anteriores. Sendo tu, Eschines, versado nas artes da malicia, pensaste d'esta vez com simpleza demasiada, que, deixando as coisas que respeitam á minha vida publica, contra as tuas injurias pessoaes converteria primeiro o meu discurso. Não o farei assim; não sou insensato. Entrarei desde já a referir os feitos da minha administração, que diffamaste com mentiras e calumnias.

Das affrontas impudentes, com que intentaste deprimir-me, ao diante me lembrarei, se por ventura n'este assumpto os juizes me quizerem escutar.

São numerosos e terriveis os crimes de que me accusa, e até ha entre elles alguns que as leis punem com o ultimo rigor. Mas o designio do meu accusador é unicamente vexar-me pela irrisão e pela injuria, pela perseguição e pela infamia, por tudo quanto póde cevar o seu entranhavel odio pessoal.

Se foram verdadeiros os crimes, que me exprobra, não haveria na republica supplicio egual, ou se quer semelhante ao que eu merecera. A ninguem deve ser vedado o accesso ás congregações do povo, nem tolhida a liberdade no dizer. Que o orador falle porém ás turbas com a inspiração da malevolencia e da inveja, — pelos deuses o affirmo — não é democratico, nem justo, Athenienses! Se me via peccar contra a republica com taes abominações — quaes ha pouco Eschines relatou e encareceu com a sua theatral declamação — era seu dever pedir para ellas as penas comminadas nas leis.

Se me via commetter acções, que merecessem delação, cumpria-lhe erguer-se perante vós e delatar-me ao vosso tribunal. Se me via propor decretos infractores de vossas leis, era seu dever accusar-me da infracção. Se apenas para me offender vem Eschines accusar Ctesiphonte, contra mim, não contra elle houvera dirigido a accusação, se esperasse poder convencer-me como reu. Se contra vós me via pois delinquindo com taes crimes, — como os que tão calumniosamente referiu ou com alguns outros, que eu haja commettido —, para todos ha leis, processos, tribunaes, penas graves e tremendas. De todos estes meios podéra Eschines ter então usado contra mim.

Se houvera procedido d'este modo, e se outr'ora invocára contra mim a vindicta das leis, seria a presente accusação consentanea aos seus antigos actos.

Deixando o caminho recto e justo, fugindo de accusar-me, quando ainda eram recentes os crimes que me attribue, apoz largo tempo decorrido, accumulando mil imputações, vituperios e convicios desempenha contra mim o seu officio de histrião. Ainda mais: é contra mim a accusação, contra Ctesiphonte o processo judicial. E postoque o fundamento d'esta causa é o odio acerbo, que me vota, não ousa Eschines medir-se comigo abertamente, antes busca na apparencia despojar de suas honras a outro cidadão. E sobre todas as justissimas razões, com que póde, Athenienses, qualquer defender a Ctesiphonte, uma ha que me parece ponderavel e equitativa. É que se Eschines e eu havemos de contender no litigio de nossas inimizades, justo é que sómente entre nós ambos corra o pleito, e não que evitando a lucta, busquemos um estranho que receba os golpes na refrega. Porque seria a exageração da iniquidade.

Quem, depois do que tenho dito, examinar os capitulos da accusação, achará que nem um só tem por fundamento a justiça e a verdade. Quero comtudo sobre cada um d'elles discorrer e principalmente sobre quanto, ácerca da paz e da embaixada, Eschines mentidamente me imputou, lançando á minha conta os crimes, que, ligado com Philocrates, elle proprio commetteu. É conveniente e necessario, Athenienses, que eu traga á vossa memoria o estado dos negocios n'aquelle tempo, para que possaes julgar cada successo segundo a occasião, em que passou.

Accesa a guerra de Phocida, —não por mim, porque ainda não era parte nos negocios da republica—, empenhastes-vos em acudir pela salvação dos Phocenses, posto que a vossos olhos não fossem innocentes. Folgarieis ao contrario de que os Thebanos padecessem algum revez, tal era contra elles a vossa justa indignação. Porque não haviam sabido usar moderamente da victoria, com que em Leuctra os favorecêra a sua fortuna. Ardia em dissenções o Peloponeso. Nem os que odiavam Lacedemonia tinham força, com que os podessem aniquilar, nem os que Lacedemonia pozera a principio no governo das cidades, as podiam já conter e refrear. N'esta e nas demais republicas tudo eram revoltas e contendas e discordias interminaveis. Vendo Philippe estes successos —não eram de feito encubertos a ninguem— corrompendo com suas larguezas os traidores de cada uma das cidades, a umas contra as outras accendia e concitava, fazia reverter em seu proveito os erros e maus conselhos das republicas, e com as turbações communs crescia e prosperava, para commum ruina, o seu poder. E porque os Thebanos, em outro tempo arrogantes, agora desventurados e exhaustos pela guerra diuturna, era claro que haviam de invocar o vosso auxilio, Philippe, para que tal não viesse a acontecer, nem podessem concertar-se as duas republicas, mandou offerecer-vos a vós a paz; o auxilio de suas armas aos Thebanos. Quem deu ajuda a Philippe para que estivesseis a pique de cair de bom grado nos seus laços? Direi que a covardia ou a igno-

rancia dos demais Hellenos, ou ambas juntamente. Fazieis vós uma guerra continua e prolongada, e defendendo n'ella o interesse commum de toda a Hellade (como os successos depois o demonstraram), nem com soldados, nem com dinheiro, nem com o minimo soccorro vos acudiram. Irritados pois com razão e com justiça, escutastes complacentes as palavras de Philippe.

A paz, que n'aquelle tempo celebrastes, dictou-a a conjunctura, não o meu conselho, como assevera o meu accusador. E dos nossos presentes infortunios, quem em boa consciencia inquirir a ordem dos successos, achará as causas nos erros e na corrupção d'estes homens desleaes. Se examino e discuto estas questões, é sómente por honra da verdade. Porque se n'aquelles concertos houve crimes, não me póde caber a menor parte. Quem primeiro lembrou e defendeu a paz, foi o comediante Aristodémo. O que primeiro acolheu o alvitre, o que por escripto o apresentou, o que repartiu com Aristodémo as peitas de Philippe, foi Philocrates de Agnusia, o teu socio, Eschines, não meu; o teu socio, embora suffoques á força de o negar. Os que se empenharam na defeza do decreto (omitto n'este momento os seus motivos) foram Eubulo e Cephisophonte, não fui eu. E com serem de todo o ponto conformes á verdade as coisas que vou narrando, abalançou-se a impudencia do meu accusador, a affirmar que, tendo eu sido o promotor da paz, nem ao menos consenti que Athenas a concertasse n'um geral congresso dos Hellenos. Mas ó... —com que nome te hei de appellidar, qual o mereces?— como pois, sendo tu presente quando eu frustrava á republica tal feito e alliança, quaes ha pouco encarecias com teus gestos e palavras theatraes, podeste sofrear a indignação? E porque, subindo á tribuna, não revelaste e expuseste aquillo mesmo de que só hoje vens denunciar-me? Porque se eu vendia a Philippe a concordia e união de todos os Hellenos, não te cumpria emmudecer senão clamar, attestar, patentear os meus crimes contra a patria. Não o fizeste assim então. Ninguem pôde ouvir a tua voz. E com razão. Embaixada alguma se havia deputado a nenhuma das cidades hellenicas. De todas eram já então notorios os designios. Não ha pois um só vislumbre de verdade no que de taes successos este homem relatou.

Ainda mais. Recaem odiosamente sobre Athenas as calumnias do meu accusador. Se vós, Athenienses, incitaveis á guerra os outros Hellenos e despachaveis ao mesmo tempo legados a Philippe para assentar com elle a paz, commettieis uma acção propria de Eurybates, não digna de uma republica, nem de homens que presem a probidade. Nada d'isto porém aconteceu, nada. Com que intento haverieis de enviar embaixadores ás cidades hellenicas n'aquella conjuncção? Ácerca da paz? mas todas a gosavam. Ácerca da guerra? mas vós proprios deliberaveis sobre a paz. Assim é manifesto que não fui eu desde o principio o promotor nem o fautor d'aquella paz; assim se evidenceia que não ha senão calumnias nos demais capitulos da accusação.

Ajustada a paz pela republica, de novo considerae qual foi o meu proceder e o de Eschines n'este assumpto. Porque d'ahi podereis inferir qual de nós ambos nos tratos da paz lidava por Philippe, e qual promovia e advogava os interesses e os foros da republica.

Sendo então senador, propuz por um decreto, que os legados sem delonga se fizessem na volta do logar onde soubessem achar-se então Philippe, cujos solemnes juramentos deviam acceitar. Apesar do meu decreto, não quizeram os legados obedecer. Ia n'este preceito o interesse da republica? Eis o que vou provar, Athenienses. Convinha a Philippe dilatar quanto possivel o juramento; a nós apressal-o com fervor. E porque razão? Porque vós não sómente desde o dia em que havieis jurado a paz, senão desde aquelle em que começastes a esperal-a, tinheis desamparado todos os apercebimentos militares. Philippe, ao contrario, durante largo tempo não descontinuára em apparelhar-se para a guerra, julgando (o que era verdadeiro) que tudo quanto á republica houvesse conquistado antes de jurada a paz, o havia de conservar seguramente, e que ninguem por tal motivo depois de concertada a romperia. O que tudo, Athenienses, prevendo e meditando, fiz ordenar por um decreto que os legados singrassem para onde estivesse então Philippe, e ali sem dilação lhe tomassem o juramento. Para que ratificada assim a paz, em quanto os Thracios, nossos alliados, dominavam ainda nas comarcas, de que o meu accusador ha pouco motejava, em Serrio, Myrtio, Ergisca, não lograsse Philippe subjugar a Thracia inteira, apossando-se dos pontos principaes, nem com riquezas copiosas e exercitos mais lusidos, tornasse as restantes emprezas mais seguras. E nem Eschines vos leu este decreto, nem uma só palavra disse ácerca d'elle.

Accusa-me porém de que, sendo senador, opinei que devieis receber os embaixadores. Que me cumpria então fazer? Decretar que não recebesseis os que vinham para comvosco tractar e conferir? Ordenar ao architecto que lhes não désse logar nos espectaculos? Mas dois obolos lhes bastariam para tornar illusoria a prohibição. Convinha que eu zelasse n'estes nadas os interesses da republica, e que imitando os meus accusadores, vendesse a Philippe o estado inteiro? Não decerto. Toma este decreto e lê o que Eschines sabia e de industria preteriu. Eia, lê.

DECRETO

«Sendo archonte Mnesiphylo, no ultimo dia do mez Hecatombeon, presidindo a tribu Pandionide, Demosthenes, filho de Demosthenes, de Pœania, disse: Pois que Philippe enviando os seus legados a Athenas para ajustar a paz, concertou seu tratado com a republica, parece conveniente ao senado e ao povo de Athenas que se conclua a paz já deliberada na primeira congregação de todo o

povo e se elejam cinco legados d'entre todos os Athenienses. Os quaes logo apoz a eleição, partam, sem a minima delonga, ao encontro de Philippe, e lhe defiram o mais depressa possivel o juramento, e logo tambem lh'o prestem da parte da republica sobre as pazes feitas entre elle e o povo atheniense, comprehendidos no concerto os alliados de um e d'outro. Foram eleitos legados Eubulo, Anaphlystio; Eschines, Cothocide; Cephisophonte, Rhamnusio; Democrates, Phlyeu; Cleon, Cothocide.»

Tinha eu feito votar este decreto, no meu empenho de servir, não a Philippe mas a patria. Estes honrados embaixadores, tendo em menos conta o que deviam á republica, tres mezes cumpridos estancearam em Macedonia até que Philippe fosse de volta, depois de haver sujeitado a Thracia ao seu imperio. E em dez dias, quando muito, por ventura em tres ou quatro, poderiam os legados ter chegado ao Hellesponto e tomando sem detença o juramento, teriam salvo aquella região, antes que o Macedonio a houvesse conquistado. Porque ou não ousaria Philippe commettel-a, presentes os enviados da republica; ou haver-lhe-hiam, como a infractor da paz, negado o juramento. E assim não disfructaria elle ao mesmo tempo a paz e a conquista.

D'este modo se viu n'esta embaixada em Philippe o primeiro acto de doblez, de corrupção n'estes homens depravados e infestos aos deuses immortaes. Por isso confesso que fui então, sou agora e serei sempre seu inimigo implacavel. Contemplae depois outro attentado ainda maior do que o primeiro. Havendo Philippe jurado manter a paz, sendo já senhor da Thracia, —por culpa dos legados, que haviam desobedecido ao meu decreto—, comprou-lhes o favor de não sairem de Macedonia, até que houvesse apercebido o seu exercito para saltear a Phocida. Para que não succedesse, que tendo vós pelos embaixadores aviso da entrepreza, feitos vossos armamentos e fazendo-vos de vela nas trirémes, corresseis a fechar-lhe, como d'antes, o passo das Thermopylas; e pelo contrario acontecesse, que ao saberdes pelos recados da embaixada os desenhos de Philippe, já elle estivesse nas Thermopylas, e vos fosse impossivel oppugnal-o.

Em tanta maneira Philippe se temia e sobresaltava de que, mesmo depois de haver ali chegado, e antes de serem desbaratados os Phocenses, decretasseis soccorrel-os, e perdesse elle o ensejo da conquista, que determinou de corromper com grossas peitas a este homem desprezivel, não em commum com os demais embaixadores, senão a elle só singularmente; encommendando-lhe que taes novas e discursos vos mandasse, com que tudo chegasse á ultima ruina. Peço-vos, Athenienses, e exoro-vos que em todo o decurso d'esta causa, tenhaes presente na memoria que, se Eschines me não houvera feito increpações extranhas á questão, tão pouco buscára eu razões alheias ao litigio. E pois usou de maledicencia e de calumnia, é força que eu responda em breves termos a cada um dos pontos do libello.

E quaes eram então os arrasoados, que Eschines vos propunha e d'onde procedeu a vossa perdição? «Não convém (dizia) que vos turbeis, porque Philippe haja transposto as Thermopylas. Tudo vos ha de succeder ao sabor de vossos desejos, se vos conservaes quietos; em dois ou tres dias ouvireis que Philippe se fez amigo d'aquelles contra quem vinha adversario, e adversario d'aquelles a quem se approximára como amigo. O que assegura firmemente as allianças (accrescentava gravemente) não são as palavras, senão o proprio interesse. Interessa a todos no mesmo grau, a Philippe, aos Phocenses e a vós outros libertar-vos da estupidez e arrogancia dos Thebanos.» Soavam então docemente a alguns estas palavras, pelas grandes inimizades que tinham com os Thebanos. Que succedeu porém logo depois? Exterminados os miseros Phocenses e derrocadas as suas cidades, vós, que vos tinheis conservado na inacção, pondo fé nas promessas d'este homem, ereis forçados a fugir dos vossos campos com toda a vossa alfaia; Eschines recebia o oiro macedonio, e sobre tudo isto, os Thebanos e os Thessalios votavam á republica o seu odio, saudavam por suas victorias a Philippe. Em prova da verdade, lêa-se o decreto de Callisthenes e a epistola de Philippe. Venham estes documentos confirmar o que assevero.

DECRETO

Sendo archonte Mnesiphylo, e sendo congregada pelos generaes a assembléa do povo por deliberação dos prytanes e do senado, aos 21 dias do mez de Mæmacterion, Callisthenes Phalereu, filho de Eteonico, disse: que nenhum atheniense, sob qualquer pretexto, pernoite no campo, antes venha ficar á cidade e ao Pireu, exceptuados aquelles que estão repartidos pelos presidios, aos quaes não poderão desamparar, nem de dia nem de noite. Todo aquelle, que não obedecer a este decreto, incorrerá nas penas impostas aos traidores, salvo provando que o não póde cumprir por legitimo impedimento. As escusas apresentadas julgal-as-hão o general, que tiver o mando n'esse dia, o thesoureiro da republica e o secretario do senado. Que dos campos se transportem sem detença todos os haveres, os que demorarem a menos de cento e vinte stadios para a cidade e para o Pireu; e os que estiverem a maior distancia, para Eleusis, Phyle, Aphidna, Rhamnunte e Sunio. Assim o proclamou Callisthenes Phalereu.

Eram pois estas as esperanças, com que fizestes a paz, ou era isto o que este mercenario vos promettia? Lêa-se a carta, que logo apoz estes successos Philippe escreveu ao povo atheniense.

EPISTOLA DE PHILIPPE

«Philippe, rei dos Macedonios, ao senado e ao povo de Athenas, saude. Já deveis saber que estamos para áquem das Thermopylas, sujeitámos os Phocenses e nas cidades, que voluntariamente se deram a partido, havemos posto presidios de nossa gente. As que não quizeram obedecer-nos, depois de commettidas á força de armas, as temos arrasado, reduzindo os seus moradores á servidão. E ouvindo que vos aprestaes a soccorrel-as, determinei de vos escrever para que n'este negocio não ponhaes mais diligencia. Parece-me que não procedeis, como convem, porque tendo jurado a paz, vindes contra mim em som de guerra, sendo que não estão os Phocences comprehendidos em nossos tratados. Assim que, se não guardaes os tratos, que tendes pactuado comigo, nenhum outro effeito alcançareis senão o de vos antecipardes a transgredil-os.»

Ouvis, como na carta, que vos dirige, Philippe manifesta e declara aos seus verdadeiros alliados: «Eu todas estas coisas commetti contra a vontade e com grande pezar dos Athenienses. Assim, ó Thebanos e Thessalios, se é recto o vosso juizo, havei-os a elles por inimigos, e em mim ponde a vossa fé.» Não escreveu litteralmente estas palavras, mas isto certamente quiz mostrar. D'esta maneira illudiu aquelles povos para que nada precavessem nem sentissem, antes o deixassem levantar-se com o senhorio de toda a Hellade. D'aqui procedem as presentes calamidades dos miseros Thebanos. E o homem, que foi o cooperador e o complice de Philippe em promover a confiança, o homem, que vos escrevia falsas novas e com suas traças vos embaía, esse é o mesmo que deplora hoje o exicio dos Thebanos e que nol-o descreve como lamentavel, sendo elle o causador, não só dos males, que affligem os Phocenses, mas dos que padecem os Hellenos. É a todos manifesto que em quanto prantêas aquellas desventuras, em quanto, ó Eschines, te compadeces dos Thebanos, possues herdades na Beocia, e aras os campos dos proprios que lastimas; em quanto eu pela minha parte me glorio de que a minha cabeça fosse desde logo reclamada por quem taes feitos commettia.

Levou-me o discurso a fallar de coisas, que melhor fora dizer mais ao diante. Volto agora a provar que de todos os nossos presentes infortunios são causa as veniagas e os crimes dos meus adversarios.

Depois que fostes enganados por Philippe, com o favor de vossos embaixadores, os quaes, por elle comprados a preço de oiro, nenhuma noticia vos mandavam, que fosse verdadeira; depois que tambem foram enganados os miseros Phocenses e as suas cidades assoladas, que veiu a succeder? Os Thessalios despreziveis, os estupidos Thebanos acclamaram a Philippe como a seu amigo, a seu patrono, a seu libertador. Nada viam no mundo senão elle. Nem soffriam que ou-

sasse alguem dizer-lhes o contrario. Vós, postoque visseis com maus olhos o que ia succedendo e mal podesseis reprimir a indignação, guardaveis comtudo a paz. Nem outra coisa podieis fazer estando sós. Os demais Hellenos, illaqueados como vós e frustrados no que esperavam, guardavam tambem a paz de boamente, ainda que Philippe em certa maneira desde muito andasse em guerra contra elles. E, de feito, subjugar Philippe em suas incursões aos Illyrios, aos Triballos e até mesmo a alguns d'entre os Hellenos, unir á sua bandeira exercitos poderosos, corromper alguns dos cidadãos, que a favor da paz andavam em sua corte — e Eschines foi um d'elles — era mover a guerra áquelles povos, contra os quaes se apercebia d'esta arte o Macedonio. Se elles o não sentiam, é essa outra questão, a culpa não é de certo minha. Perante vós sempre, e em todos os logares, aonde me enviastes, fui incansavel em o predizer e attestar.

Enfermavam as republicas, peitados e vendidos pelo oiro os que n'ellas administravam os negocios, e d'entre os particulares e cidadãos, uns entregues á imprevidencia, os outros ao ocio e ao desleixo. E sendo que o mal a todos affligia á maneira de contagio, julgava cada um que havia de eximir-se ás futuras calamidades e fazer, quando quizesse, dos alheios perigos esteio de sua propria felicidade.

D'ahi procedeu, em meu parecer, que pela facil e intempestiva desidia de seus animos vieram os povos a perder a liberdade; e que os magistrados das cidades, os quaes tudo suppunham ter vendido, exceptuadas suas pessoas, conheceram desde logo serem elles as primeiras victimas de sua negociação. Porque em vez do nome de hospedes e amigos, com que então os acariciava o oiro de Philippe, ouvem agora taxarem-n'os de aduladores, de inimigos dos deuses, e de quantos outros nomes convém á sua perfidia. Porque não é, Athenienses, para interesse dos traidores, que o oiro se despende com mão larga, nem, aquelle que está seguro da coisa já vendida, escuta o conselho do traidor no seguimento dos negocios. E se tal acontecera ninguem fora mais feliz do que o traidor. Mas não succede assim, nunca succede. Antes pelo contrario, o homem que deseja levantar-se com o dominio, desde que chega a alcançal-o, fica logo tambem senhor dos que por sua corrupção lh'o entregaram. E sabendo quanta é sua maldade, então os descrê, então os aborrece, então os vota ao ultimo desprezo. Attentae pois no que vou dizer. Se já vae longe o tempo, em que passaram estes casos, é cada dia ensejo para que os saibam e meditem os prudentes.

Lasthenes chamou-se amigo de Philippe até lhe vender Olyntho. Amigo de Philippe Timolau até que entregou Thebas. Amigos de Philippe Eudico e Simo de Larissa até que submetteram a Thessalia ao jugo de Philippe. E bem depressa toda a terra habitavel foi cheia de traidores, expulsos de suas cidades, cobertos de ignominia, e expiando cruelmente as suas iniquidades. Que lucrou Aristrato em Sicyone? Perilau em Megara? A abjecção e o desprezo. D'aqui a

todos se põe de manifesto que o cidadão, que melhor defende a sua patria, e mais fervorosamente combate os que a perjuram, esse é por certo, ó Eschines, o que a vós outros mercenarios e traidores, torna possivel a continuação da vossa venalidade. Á turba dos cidadãos, aos que são incansaveis em contrariar vossos designios, deveis o estar seguros da vida e do salario. Porque se de vós sómente dependera, houvereis ha muito chegado á ultima ruina.

Mais tivera que dizer ácerca dos successos de que fallei. Julgo porém já demasiado o que tenho referido. Golfando sobre mim a bilis de seus proprios attentados e iniquidades, só Eschines é culpado de que eu tenha de lavar a minha honra perante aquelles que não eram ainda nascidos, quando estes successos se passaram. Hei sido por ventura prolixo para vós, os que, antes de eu proferir uma palavra, conhecieis já de tempo antigo a corrupção do meu accusador.

Amizade, hospitalidade lhe chamava, quando n'um logar de seu discurso se queixava de lhe eu lançar em rosto a *amizade de Alexandre*. Eu a ti a amizade de Alexandre? Quando a alcançaste? Quando a mereceste? Nunca poderia eu chamar-te o hospede de Philippe, nem o amigo de Alexandre. Louco estaria eu se tal dissera. Excepto se os segadores e os outros jornaleiros se podem chamar hospedes e amigos d'aquelles que lhes pagam o salario. Mas ninguem dirá que tal succeda. Mercenario sim te chamo eu, outr'ora de Philippe, agora de Alexandre. E comigo todos estes cidadãos. Se duvidas, interroga-os n'este ponto, ou antes eu mesmo o pergunto em teu logar. Qual vos parece, Athenienses, que seja Eschines, o mercenario ou o amigo de Alexandre? Ouvistes o que respondem?

Determino agora defender-me da principal accusação e discorrer pelos meus actos, para que Eschines, se bem o não ignore, entenda pelo que vou dizer, a justiça com que mereço a honra proposta no decreto e outras por ventura ainda maiores. Toma e lê a accusação.

ACCUSAÇÃO

«Sendo archonte Chaeronides, aos seis dias do mez Elaphebolion, Eschines, filho de Atrometo, Cothocide, citou perante o archonte a Ctesiphonte de Anaphlysto, filho de Leosthenes, accusando-o de ter proposto um decreto contrario ás leis; o qual ordena que Demosthenes, de Pœania, filho de Demosthenes, seja coroado com uma coroa de oiro, que será proclamada no theatro, nas grandes festas Dionysiacas, por occasião das novas tragedias, annunciando-se que o povo de Athenas vota uma coroa de oiro a Demosthenes, de Pœania, filho de Demosthenes, em premio de suas virtudes, e da boa vontade com que sempre tem procedido para com todos os Hellenos, e para com o povo atheniense, e como

testemunho de seu animo varonil; e porque Demosthenes por palavras e acções tem bem servido os interesses d'este povo, e está sempre disposto a fazer tudo quanto possa concorrer para proveito da republica. E este decreto contém coisas falsas e contrarias ás leis; porque em primeiro logar não consentem as leis de Athenas que nos actos da republica se alleguem falsidades, e outrosim defendem votar coroas aos que ainda não prestaram contas de sua administração. Ora Demosthenes tem a védoria na reparação das fortificações e preside aos espectaculos theatraes. Vedam egualmente as leis que se proclamem as coroas no theatro, nas festas Dionysiacas por occasião das tragedias novas, e ordenam que no senado se annunciem, se é o senado que as decreta; no Pyreu, na assembléa popular, se é a cidade que as dedica. Pena cincoenta talentos. Testemunhas, Cephisophonte, filho de Cephisophonte, Rhamnusio; Cleon, filho de Cleon, Cothocide.»

Eis ahi, Athenienses, qual é a accusação contra o decreto. Dos proprios termos d'ella, espero tornar-vos evidente a minha justificação. Seguindo a ordem das imputações escriptas no libello, a cada uma confutarei singularmente, sem omittir adrede alguma d'ellas. Pois que o decreto affirma que por palavras e por obras bem servi os interesses d'este povo; que estou prompto a fazer em seu favor quanto é possivel, e que por estas razões mereço os seus louvores, concluo que os actos da minha administração tendes de aquilatar n'este litigio. Inquirindo pois qual fosse a minha politica, podereis inferir se é falso ou conveniente e verdadeiro o que de mim escreveu Ctesiphonte. O haver elle callado em seu decreto a clausula —*depois de eu haver dado contas á republica*—, o ordenar que me seja votada a coroa, sendo proclamada no theatro, tudo isto julgo se vincula estreitamente com os actos da minha administração. E só por elles podeis avaliar se vos mereço ou não a honra d'uma coroa e da sua proclamação perante o povo. Parece-me tambem ser necessario citar-vos as leis, segundo as quaes é permittido a Ctephisonte escrever o que propoz.

Tal é, Athenienses, o desenho singelo e verdadeiro, com que tracei a minha defesa. Entro já a referir-vos o que fiz. E se primeiro vou fallar dos meus feitos e orações em prol de toda a Hellade, não pense alguem que illudo a lettra do libello. Porque se Eschines denuncia este decreto por affirmar que com os meus discursos e com os meus feitos servi a patria honradamente, se nega que sejam verdadeiros taes serviços, tornou este homem conveniente e necessario, segundo o teor da accusação, o exame da minha vida publica. E como sejam numerosos e varios os negocios da republica, e eu entendi particularmente nos que tocavam aos interesses communs de todos os Hellenos, será justo que n'elles busque os argumentos da minha apologia.

Deixarei em silencio o que Philippe usurpou e conquistou, antes de eu entrar nos conselhos da republica e subir á tribuna popular. Porque julgo que ne-

nhum d'estes assumptos tem comigo relação. Mas tudo quanto fiz, desde o primeiro dia em que fui parte nos actos do governo, e contrariei as emprezas de Philippe, vou agora rememorar e de tudo vos darei conta, suppostas em primeiro logar estas premissas.

Tinha Philippe sobre nós, Athenienses, uma vantagem singular. Succedia haver então entre os Hellenos, não apenas entre alguns, senão entre todos egualmente, uma tal copia de traidores, mercenarios e inimigos dos deuses, qual de memoria de homens se não víra jámais em parte alguma. Tomando-os por seus complices e ajudadores, aos Hellenos já mal avindos entre si, já propensos a bandos e facções, ainda mais os conturbou, enganando a uns, peitando a outros, corrompendo a muitos, por quantos artificios lhe occorriam. E d'esta arte os dividiu, sendo que um interesse commum os devia congregar, — o de impedir o engrandecimento de Philippe.

Chegadas as coisas a este ponto, ignorando os Hellenos a graveza do mal, que despontava e crescia mais e mais, cumpre-vos, Athenienses, julgar o que convinha que então fizesse Athenas, e que d'isto me tomeis estreitas contas; porque era eu quem presidia n'aquelle tempo a esta parte do governo. Qual era por ventura mais conveniente, ó Eschines, que menospresando Athenas o seu decoro e magestade, tomando logar nas fileiras dos Thessalios e Dolopes, deferisse a Philippe o senhorio de toda a Hellade, e profanasse d'este modo as glorias e os direitos de seus maiores, ou que sem cair em tal baixeza (nada houvera sido mais infame) visse indifferente realisar-se o que ella desde largo tempo adivinhára, e que, se ninguem o embargasse, inevitavelmente viria a succeder? Agora ao acerrimo censor de minhas acções, perguntaria eu de bom grado, qual dos dois partidos quizera elle que seguisse a republica de Athenas? O d'aquelles, que causaram o infortunio e a deshonra de todos os Hellenos, entre os quaes se devem enumerar os Thessalios e os seus imitadores? Ou o d'aquelles, que toleraram os triumphos de Philippe, esperando que por elles alcançariam o seu proprio accrescentamento, como os Arcadios, os Messenios, os Argivos? Mas d'estes, muitos, ou antes todos, sairam do conflicto ainda mais maltratados do que nós.

Demos que Philippe logo apoz a sua victoria, se houvera retraído e voltado á quietação, sem offender aos seus proprios alliados ou a nenhum dos demais Hellenos; nem por isso seriam menos dignos de censura e accusação os que não oppugnassem os intentos do Macedonio. E quando Philippe roubava a todos a honra, o senhorio, a liberdade, e sempre que podia, os despojava de suas proprias fórmas de governo, não elegestes vós o partido mais honroso, subscrevendo aos meus conselhos? Volto agora ao ponto principal. Que devia a republica, ó Eschines, fazer quando via Philippe aperceber-se para usurpar a dominação e impôr a tyrannia a toda a Hellade? Que me cumpria a mim dizer ou propôr ao povo atheniense, sendo então seu conselheiro? Quando eu sabia (é

da maxima gravidade este reparo) que em todos os tempos até ao dia em que subi á tribuna popular, sempre a minha patria havia combatido pela preeminencia, pela honra e pela gloria, e que mais gente e fazenda havia despendido em nome da sua propria dignidade e em favor dos interesses communs a todos os Hellenos, do que todos os mais Hellenos na sua propria defensão? Quando eu via que o proprio Philippe, contra o qual pendia o vosso pleito, no empenho de alcançar o imperio e magestade perdera um olho, tivera uma espadua fracturada, os membros mutilados e que qualquer parte de seu corpo, que á fortuna aprouvesse arrebatar-lhe, não a houvera de lastimar, com tanto que o resto podesse viver com honra e gloria? E ousaria alguem dizer que um homem nascido e creado em Pella, ainda n'aquelle tempo obscura e humilde povoação, tivesse tão altivos espiritos, que podesse cobiçar a soberania dos Hellenos, e em seu animo nutrisse tal intento; e que vós, que sois Athenienses e todos os dias estaes vendo, na tribuna e no theatro, os monumentos da virtude de vossos antepassados, a tanto abatesseis os vossos brios, que por vossas mãos entregasseis a Philippe a liberdade dos Hellenos! Ninguem o haveria de dizer! Só um partido vos restava extremo e necessario: o de oppugnar justamente as acções, com que injustamente vos feria. Assim o fizestes desde o principio, como era conveniente e decoroso. Assim vol-o aconselhei e propuz n'aquelle tempo, em que regia os negocios da republica. Apraz-me confessal-o. Que me cumpria porém fazer n'aquella conjunctura? Obsecro-te que o digas. Passarei em silencio Amphipolis, Pydna, Potidéa, o Haloneso; de nenhuma farei memoria. Quanto a Serrhio e Dorisco, á destruição de Peparetho, e a todas as outras injurias, que Athenas padeceu, quero suppôr que não sei nada.

E todavia tu, que dizes quanto o animo te suggere, ha pouco referias que por meus discursos ácerca de taes successos, eu havia irritado a Philippe contra Athenas e sabias que de Eubulo, de Aristophonte, de Diopites, não meus, eram os decretos sobre o assumpto. Callar-me-hei pois a respeito d'estes factos. Mas quando Philippe se apoderava da Eubéa, e pretendia fazer d'ella o seu baluarte contra a Attica, accommettia Megara, subjugava Oréo, destruia Porthmo, punha a Philistides em Oréo por tyranno, a Clitarcho em Eretria, sujeitava o Hellesponto, assediava Byzancio e das cidades hellenicas a umas arrasava, a outras chamava de novo os exilados; quando procedia d'este modo, violava a justiça, perjurava os tractados, rompia ou não a paz? Cumpria ou não que algum d'entre os Hellenos se adiantasse a embargar o passo ao invasor? Se não cumpria, se era justo que, havendo e vivendo ainda Athenienses, vissemos ser a Hellade, como se diz, a presa dos proprios Mysios, foram vãos os meus discursos, vãs as deliberações, que a republica adoptou, seguindo o meu parecer; caia sobre mim a pena de todos os erros e delictos. Se convinha porém que alguem saisse a impedir estas affrontas, a que outro povo, primeiro que ao de

Athenas, cabia este dever? Foi este o objecto e o fim da minha politica. Notando que Philippe reduzia á servidão todos os homens, oppuz-me aos seus designios, advertindo-vos, exhortando-vos, para que não deixasseis a Philippe sair com o seu intento. Quem rompeu, ó Eschines, a paz, tomando os nossos navios, foi elle, não foi Athenas. Venham os decretos da republica, e a epistola de Philippe, e lêam-se em seguida. Bem ponderados estes documentos ficará evidente quem foi o culpado n'aquella violação. Eia lê.

DECRETO

«Sendo archonte Neocles, no mez Boedromion, convocada pelos generaes a assembléa do povo, Eubulo, filho de Mnesitheo, Cyprio, disse: Annunciaram os generaes á assembléa popular que Amyntas, general de Philippe, havia apresado e conduzido para a Macedonia, e ali tinha a bom recado a frota atheniense de vinte navios, que sob a capitania de Leodamante fora enviada ao Hellesponto a buscar trigo para Athenas; que os prytanes e os generaes deem ordem, a que se convoque o senado e se nomêem legados, os quaes requeiram a Philippe a restituição do nauarcha, dos navios e dos soldados. E se Amyntas commetteu o feito por ignorancia, o povo atheniense não lhe fará por isso imputação. Se apresou a Leodamante, porque contra os mandados da republica commetteu algum aggravo, que o povo atheniense, examinado o procedimento, applique ao nauarcha a pena que mereça. Se nada d'isto succedeu, antes de industria violaram os tractados, Philippe ordenando ou Amyntas obedecendo, decrete-se que depois de sabida a verdade, o povo delibere, o que convém.»

Foi Eubulo, não eu, quem propoz este decreto. Seguiram-se a propôr novos decretos, primeiro Aristophonte, Hegesippo depois, outra vez Aristophonte; apoz estes Philocrates, Cephisophonte e muitos outros. Decreto meu não houve um só. Lêa-se o

DECRETO

«Sendo archonte Neocles, no ultimo dia do mez Boedromion, por deliberação do senado, os prytanes e os generaes depois de referirem o que havia passado na ultima assembléa, disseram que aprazia ao povo se deputassem embaixadores a Philippe, para lhe reclamarem os navios, e se lhes dessem instrucções conformes aos decretos da assembléa. Foram eleitos Cephisophonte, filho de Cleon, de Anaphlysto; Democrito, filho de Demophonte, Anagyrusio; Polycrito, filho de Apemantes, Cothocide. Presidindo a tribu Hippothoontide, Aristophonte de Collyto fez votar este decreto.»

Assim como eu apresento estes decretos, mostra, ó Eschines, tambem por qual decreto firmado com o meu nome fui eu o auctor da guerra. Não o lês, porque o não ha. Se o podesses allegar, tel-o-hias feito ler antes de tudo. Nem o proprio Philippe, queixando-se dos outros ministros da republica, ousou nunca imputar-me aquella guerra. Lêa-se agora a propria carta de Philippe.

EPISTOLA DE PHILIPPE

«Philippe, rei dos Macedonios, ao senado e ao povo de Athenas, saude. Vindo perante mim os vossos embaixadores, Cephisophonte, Democrito e Polycrito, me fallaram na entrega dos navios que Leodamante capitaneava. De todo o ponto me parece ser extrema a vossa simpleza, se julgaes não saber eu que esta frota, sob color de carregar trigo no Hellesponto, fora enviada a Lemnos para soccorrer de feito aos de Selymbria, a que tenho posto cerco, e que não estão comprehendidos nos tratados de paz celebrados entre mim e Athenas; que estas ordens foram dadas ao nauarcha, sem consentimento do povo atheniense, por alguns cidadãos, que exercem magistraturas, e por outros, que vivendo na condição privada, trabalham de todos os modos por separar o povo da amisade que com elle concertei, e por induzil-o a mover-me de novo a guerra; sendo antes este o seu intento principal, do que ajudar aos de Selymbria. E julgam que d'aqui lhes virá grande proveito, sendo que em meu parecer não podem semelhantes alterações ser uteis para vós nem para mim. Por isso vos restituo os vossos navios, que tenho em meu poder. E como d'aqui em diante não consintaes que os vossos magistrados administrem erradamente as coisas publicas, antes os castigueis, assim eu hei de esforçar-me da minha parte em vos manter a paz. Sede felizes.»

Não escreveu n'esta carta o nome de Demosthenes, nem de mim refere a menor culpa. Porque razão pois, aggravando-se dos outros, não memora os meus feitos no governo? Porque haveria de memorar tambem as suas proprias violencias, se de mim fallasse na missiva. Porque de feito fora eu quem as espiara e combatera. Propuz uma embaixada ao Peloponneso, quando no Peloponneso irrompeu Philippe a vez primeira. Depois a Eubéa uma embaixada, quando Philippe vinha sobre a Eubéa. Depois, não uma embaixada, mas uma expedição a Oreo, outra a Eretria, quando elle enthronisou n'aquellas cidades seus tyrannos. Finalmente enviei aquellas armadas, que salvaram o Chersoneso, Byzancio, e todos os nossos alliados. D'ahi vos provieram as mais illustres recompensas, os elogios, as glorias, as coroas, as acções de graças votadas pelos que haviam recebido os beneficios. Dos povos opprimidos acharam salvação os que seguiram vossas advertencias. Os que as desattenderam, por mais de uma vez se recordaram

do que lhe tinheis vaticinado, e vos houveram não sómente por seus amigos, mas por homens avisados e prophetas verdadeiros. Porque tudo succedeu, segundo o tinheis vaticinado. Que thesouros não houvera dado Philistides para conservar em Oreo a tyrannia, quantos Clitarcho para a manter em Eretria, quantos o proprio Philippe para ter de sua mão e contra vós estas cidades, para que se não denunciassem seus intentos, para que se não inquirissem as suas iniquidades; ninguem o ignora e tu menos que ninguem. Por que aos enviados de Clitarcho e de Philistides, apenas chegados á cidade, em tua casa, ó Eschines, lhes déste pousada e gasalhado. Esses, a quem Athenas repulsou por inimigos, como quem em seus discursos pedia coisas injustas e damnosas, esses foram então os teus amigos. Nada pois aconteceu de quanto affirmo? Responde tu, que dizes calumniosamente que me calo, apenas recebido o meu salario, e então vozêo, quando o tenho despendido. É tudo pelo revez a teu respeito. Tu vozêas, quando tens na mão a peita, e nunca emmudecerás, se hoje por uma pena infame te não forçam ao silencio estes juizes.

Pelos serviços, que referi, me coroastes vós, Athenienses, e propoz Aristonico em seu decreto razões eguaes ás que hoje adduz Ctesiphonte. No theatro foi a coroa proclamada. Era aquella a segunda vez que me honraveis com esta distincção. E bem, Eschines, apesar de ser então presente, não orou contra o decreto, nem accusou o seu autor. Lêa-se o proprio decreto de que fallo.

DECRETO

«Sendo archonte Chaeronides, filho de Hegemon, aos vinte e cinco dias do mez Gamelion, cabendo a presidencia á tribu Leontide, Aristonico de Phrearrhia disse: Por quanto Demosthenes, filho de Demosthenes, de Pæania, tem feito assignalados serviços ao povo de Athenas, e por seus decretos, não sómente no tempo passado, mas no presente tem provido á defensão de muitos dos seus alliados, e libertado algumas das cidades de Eubéa; continúa a bem merecer do povo de Athenas, e quanto cabe em seu poder, por palavras e por obras, a commetter feitos generosos em favor dos Athenienses e dos outros Hellenos: apraz ao senado e ao povo d'Athenas que Demosthenes, filho de Demosthenes, de Pæania, receba por isso os devidos louvores e seja galardoado com uma coroa de oiro, a qual será proclamada no theatro, nas festas Dionysiacas, por occasião das tragedias novas. E que n'esta solemnidade entendam o agonotheta e a tribu, que ora tem a presidencia. Assim o disse Aristonico de Phrearrhia.»

Saberá algum de entre vós, Athenienses, que este decreto expozesse a republica á vergonha, á irrisão, e ao motejo, que Eschines ha pouco lhe augurava, se acaso me votardes nova coroa? É quando os feitos são ainda recentes

e notorios que sendo louvaveis se premeiam, reprehensiveis se castigam. Julgastes-me então digno da vossa gratidão, não de accusações nem de castigos. De que até aquelle tempo, em que estas coisas succederam, sempre eu fizera á republica os serviços mais assignalados, é testemunho o haverdes approvado em vossas assembléas as minhas orações e os meus decretos; o haver eu, executando o que propuz, alcançado coroas para a republica, para todos vós, para mim proprio; o terdes vós feito aos deuses sacrificios e procissões, como em tempos de grande prosperidade.

Apenas Philippe foi expulso de Eubéa, por vós, com a ajuda de vossas armas, por mim, — embora morram de inveja os meus contrarios —, com o acerto da minha politica e dos meus decretos, assestou Philippe contra a republica uma nova bateria. Vendo que mais que nenhum povo, nos proviamos de trigos estrangeiros, determina de fazer-se senhor do commercio d'este genero; encaminha seus passos para a Thracia e começa apertando com os Byzantinos, seus alliados, a que entrem com elle de concerto na guerra, que nos movia. Não accedem ao pedido e allegam com verdade que a tal os não obrigam os artigos do tratado. Levanta seus vallos em volta das muralhas, faz trazer as machinas de guerra e dá principio ao cerco da cidade.

Em quanto estes casos se passavam, que partido haverieis de tomar, é inutil perguntal-o. Porque é a todos manifesto. E quem foi que soccorreu e salvou os Byzantinos? Quem obstou a que o Hellesponto caisse n'aquelle tempo em alheia dominação? Vós, Athenienses. E quando digo *vós*, nomeio esta republica. E quem era o que na republica orava, propunha, e executava e com sincera abnegação se votava aos negocios publicos? Eu. E quanto os meus actos a todos vós redundaram em proveito, não hão de ser as minhas palavras que o persuadam; que nas minhas obras o tendes assaz experimentado. Porque, declarada então a guerra, sem fallar do lustre e da gloria, que vos deu, abasteceu-vos de mantimentos mais abundantes e baratos do que os podéreis achar com a paz presente, que em damno da nossa patria, tanto se presam de guardar estes honestos cidadãos, estimulados por suas esperanças criminosas. As quaes, frustradas se vejam perpetuamente, e nunca elles desfructem um só d'aquelles dons, que vós, os que sois justos, pedis aos deuses em vossas orações. Não possam estes homens induzir-vos jámais a ajudal-os em seus intentos criminosos! Lêa-se o decreto, pelo qual os de Byzancio e os de Perintho votaram coroas ao povo atheniense.

DECRETO DOS BYZANTINOS

«Sendo hieromnemon Bosporico, disse Damageto o seguinte na assembléa popular, com auctorisação do senado: Visto que o povo de Athenas nos tempos

passados tem dado mostras de benevolencia para com os Byzantinos e os Perinthios, que lhes são conjunctos por sangue e alliança; e na presente occasião, quando Philippe de Macedonia invadiu com o seu exercito o nosso territorio, com intento de destruir os Byzantinos e Perinthios, commetteu a nossa cidade, incendiou e talou os nossos campos, o povo atheniense, soccorrendo-nos com cento e vinte navios, com provisões, armas e soldados, nos livrou de grandes perigos, restaurou a nossa antiga fórma de governo, as nossas leis, e os sepulchros de nossos maiores: apraz ao povo de Byzancio e ao de Perintho que se concedam aos Athenienses os direitos de cidade, de connubio, e de acquisição de terras e de casas, a precedencia nos jogos publicos, o ingresso na assembléa do povo e no senado, logo depois dos sacrificios; e que todo o atheniense, que entre nós vier fazer seu assento e morada, seja exempto de qualquer encargo e imposição; e que no Bosphoro se erijam tres estatuas de dezeseis cúbitos de alto, figurando o povo atheniense no acto de ser coroado pelos de Byzancio e de Perintho. Enviar-se-hão deputados ás grandes festas, que se celebram na Hellade, ás dos jogos Isthmicos, Neméos, Olympicos e Pythicos e n'ellas se publicará com solemnes pregões que o povo de Athenas é coroado por nós, para que d'este modo conheçam todos os Hellenos a virtude dos Athenienses e a gratidão dos Byzantinos e Perinthios.» Lêa-se agora o decreto, pelo qual o Chersoneso votou coroas á republica.

DECRETO DOS CHERSONESITAS

«Aquelles d'entre os Chersonesitas, que habitam Sestos, Eleunte, Madyto, Alopeconeso, coroam o senado e o povo atheniense com uma coroa de oiro, de sessenta talentos e erigem uma ara á Gratidão e ao povo de Athenas, porque este foi para com os do Chersoneso auctor do maior beneficio, qual o de se verem libertos do poder de Philippe e de lhes ser restituida a sua patria, as suas leis, a sua liberdade e a sua religião. E d'aqui em diante não deixarão, em todo o tempo, de se mostrar agradecidos e de fazer em favor de Athenas todo o bem, que lhes for possivel. Estas resoluções foram votadas em plena assembléa.»

Não sómente pois os meus conselhos e a minha politica salvaram ao Chersoneso, e a Byzancio, não só livraram o Hellesponto de ser prêa de Philippe, não só levaram aquelles povos a glorificar a nossa patria; mas a todos os homens tornaram manifestas a virtude da republica e a maldade de Philippe. Porque, dizendo-se alliado dos Byzantinos, todos o viram pôr-lhes cerco. (E que acção poderá haver mais opprobriosa e infame n'este mundo?) E vós que contra elles tinheis varios e justos motivos de queixume pelo que outr'ora contra vós

haviam delinquido, mostrastes que não sómente deslembraveis as injurias, mas que não contentes com deixal-os entregues a si mesmos, accudieis a salval-os. E com este feito alcançastes a admiração e o amor de toda a Hellade.

Que entre os cidadãos, que presidiram aos negocios, muitos houve, a quem a patria votou coroas, a todos é notorio. Que, excepto eu, tenha havido algum outro cidadão, —fallo dos oradores e dos ministros—, que fizesse votar coroas á republica, ninguem poderá asseveral-o. E para que vejaes que as censuras dirigidas por Eschines aos de Eubéa e de Byzancio, quando vos trouxe á memoria o que elles contra vós haviam commettido, as dictou a delação e a mentira (como todos vós sabeis, segundo creio), e para que vos convençaes de que ainda sendo verdadeiras aquellas imputações, cumpria apesar d'isso dirigir os negocios, segundo os encaminhei; vou em breves termos referir-vos um ou dois casos de generosa resolução adoptada pela republica em conjuncturas semelhantes. Porque ás republicas em commum, assim como em particular a cada homem, cumpre ajustar as suas acções pela norma dos mais bellos exemplos e modelos.

No tempo, em que Lacedemonia, Athenienses, era senhora das terras e dos mares, punha magistrados e presidios em todas as comarcas limitrophes da Attica, na Eubéa, em Tanagra, em toda a Beocia, em Mégara, em Egina, em Cleona, nas outras ilhas, não havendo então frotas nem muralhas, que a Athenas defendessem, saistes em soccorro de Haliarto e passados poucos dias fostes acudir aos de Corintho, se bem que de Corinthios e Thebanos estivesseis aggravados pelo muito que durante a guerra decélica vos haviam ultrajado. Nem mostrastes sequer vislumbres de offendidos. E todavia, Eschines, não commettia a republica qualquer d'estas emprezas porque tivesse beneficios que pagar, ou porque não fossem os perigos para temer. Mas nem por isso Athenas se julgou desobrigada de valer aos que imploravam seu auxilio. Antes seguindo o partido mais recto e magnanimo, determinou de aventurar-se aos lances de uma guerra, para não desmentir seu honrado nome e gloria. É a morte para todos os homens o termo natural da vida, ainda mesmo para aquelles que no secreto de seus aposentos contra ella buscam recatar-se. E os homens ciosos de seus brios, em emprezas gloriosas hão de empenhar o seu esforço, animados pela esperança, e com inquebrantavel fortaleza hão de affrontar as provações, com que aos Deuses aprouver experimental-os. Isto fizeram sempre os nossos antepassados, isto fizeram os que d'entre vós são hoje de annos já provectos. Sendo que os Lacedemonios não eram amigos nossos, nem nos mereciam gratidão, antes contra a republica haviam attentado com grandes e repetidas iniquidades, não consentistes que os Thebanos, soberbos com a victoria de Leuctra, os sujeitassem a seu dominio; e isto sem que vos assombrasse a gloria e pujança dos Thebanos, e sem ponderar os damnos recebidos d'aquelles mesmos, em cuja defensão vos ieis arriscar. Mostrastes d'esta maneira a

todos os Hellenos que se algum d'elles em qualquer maneira vos offende, podeis vingar a affronta em opportuna occasião; se algum perigo, porém, ameaça a sua independencia e liberdade, então sabeis esquecer e perdoar. E não sómente para com os Lacedemonios vos mostrastes generosos. Ainda outra vez, como os Thebanos se tivessem levantado com a Eubéa, não dissimulastes a usurpação, nem vos lembrastes das injurias, que de Themison e Theodoro ácerca de Orópo havieis recebido, antes fostes em seu auxilio, contendendo, pela primeira vez, sobre quem correria com o provimento das armadas, numerosos cidadãos e um d'elles era eu. Adiante discorrerei sobre este ponto. E se foi já de si um bello feito o salvar aquella ilha, mais bello fôi sem duvida que achando-vos senhores de suas pessoas e cidades, com animo justo as restituisseis aos que vos tinham offendido, havendo por indigno lembrar aggravos dos que á vossa lealdade se tinham confiado.

Mil outros exemplos deixarei de referir, as batalhas navaes, as expedições, as campanhas dos exercitos, quer em tempos já passados, quer nos recentes; emprezas, em que a republica se empenhava a bem da liberdade e salvação dos mais Hellenos. E se eu via a republica em tantos e taes feitos prestes sempre a pelejar pelo que a estranhos interessava, quando se tratava então do bem d'Athenas, em verdade que devia eu aconselhar-lhe ou persuadir-lhe que fizesse? que —ó Jupiter!— avivasse a memoria das injurias recebidas e as lançasse em rosto áquelles que desejavam a salvação, e buscasse pretexto, com que traissemos os interesses communs? E quem não teria o direito de matar-me, se com uma só palavra minha eu tentára deshonrar as passadas glorias da republica? Sei de certo que nunca houvereis consentido em taes propostas. Se tal vos aprouvera então, quem vol-o impediria? Não tinheis a liberdade de o fazer? Não estavam na cidade estes homens, que vol-o desejassem persuadir?

Volto agora a tractar do que fiz na minha administração depois dos actos que referi. Considerae o que melhor cumpria então ao serviço da republica. Vendo eu, Athenienses, que estava decaido o nosso poder naval; que os ricos, salvas pequenas imposições, eram exemptos de tributos, e que cidadãos apenas remediados ou desvalidos eram esbulhados de sua fazenda; e que por isso Athenas deixava perder as melhores occasiões, fiz uma lei, com que os ricos foram obrigados a cumprir o seu dever, os pobres desaggravados dos vexames que padeciam, e — o que mais urgia ao serviço da republica — com que os apercebimentos foram feitos em devida occasião.

Fui accusado de ter violado as leis. Compareci perante vós. Pronunciastes a minha absolvição e o meu accusador não alcançou a quinta parte dos suffragios. E com que grossas quantias julgaes vós me queriam peitar os primeiros, os segundos, os terceiros de cada symmoria, a principio para que eu não propozesse a lei, depois ao menos, para que proposta, consentisse em a addiar? Tal

foi, Athenienses, a somma promettida, que nem ouso declaral-a. E sobravam-lhes razões para tentarem corromper-me. Porque em virtude das leis antigas era-lhes permittido associar-se em numero de dezeseis para satisfazer a seu encargo, pogando elles de sua bolsa mui pouco ou quasi nada, e esmagando os mais pobres cidadãos com o peso do tributo. Pela minha lei ao contrario, cada um devia ser tributado em proporção de seus haveres. E cidadão houve, que pagando apenas d'antes a decima sexta parte de uma galé, teve de equipar depois duas galés á sua custa. E por isso não se chamavam já trierarchas, senão contribuintes das armadas. Que não teriam pois offerecido para frustrar que a lei fosse votada, e para se desonerarem da sua justa obrigação! Lêa-se o decreto, pelo qual fui accusado; depois lêam-se as listas dos contribuintes, tanto conforme á antiga, como segundo a nova lei.

DECRETO

«Sendo Archonte Polycles, aos dezeseis dias do mez Boedromion, tendo a presidencia a tribu Hippothoontide, Demosthenes, filho de Demosthenes, de Pæania, propoz e fez votar pelo senado e pelo povo ácerca das contribuições para o armamento naval, uma lei que revogou a antiga, em virtude da qual era permittido aos trierarchas o associar-se para cumprirem seu encargo. E Patrocles, Phlyeu, accusou Demosthenes como infractor das leis. E não havendo o accusador alcançado a quinta parte dos suffragios, foi condemnado a pagar quinhentas drachmas.»

Agora lêa-se o bello censo dos antigos tributos navaes.

CENSO (SEGUNDO A ANTIGA LEI)

«Para entenderem nos aprestos de cada galé, chamar-se-hão d'entre os contribuintes de cada centuria, dezeseis trierarchas desde vinte e cinco até quarenta annos de edade, os quaes proverão por partes eguaes ás despezas do armamento.»

Lêa-se agora a maneira de levantar a contribuição, segundo a lei que eu fiz votar.

CENSO (SEGUNDO A NOVA LEI)

«Os trierarchas, que devem a suas expensas armar uma galé, serão escolhidos pela estimação de seus haveres, de dez talentos para cima. Aquelles cuja fazenda seja avaliada em maior quantia, são obrigados segundo suas posses, a

apprestar até tres navios de guerra e um de transporte. Dos que tiverem menos de dez talentos, se reunirão para armarem uma galé, tantos quantos sejam necessarios para que a somma de seus haveres perfaça dez talentos.»

Parece-vos porventura, Athenienses, que fiz pouco em beneficio dos mais pobres cidadãos? Ou que os cidadãos opulentos pouco haveriam de offerecer para se eximirem ao encargo que deviam? Não sómente me glorio de haver resistido a taes sollicitações, não só de ter saido absolto da accusação, senão principalmente de haver proposto uma lei util, cuja sabedoria a experiencia confirmou. Porque armando-se durante toda a guerra as frotas da republica, segundo a minha lei, nenhum trierarcha vos dirigiu sua petição a aggravar-se da injustiça, nem buscou asylo no sacrario de Munychia, nem foi encarcerado pelos que entendiam nas armadas. Jámais uma triréme, depois de levantar ferro, se perdeu para a republica, nem deixou de sair do porto por lhe faltarem os aprestos. E pela antiga lei, tudo isto acontecia. E a causa era que todo o encargo recaia sobre os desfavorecidos da fortuna, e que elles não podiam realmente contribuir. D'aqui procediam numerosas impossibilidades. Apenas trasladei dos pobres para os abastados o encargo de armar as nossas frotas, tudo succedeu como cumpria. É por isto que sou digno de louvor. É porque taes foram os actos da minha administração, que d'elles provieram á republica as honras, as glorias, os acrescentamentos de sua força e poderio. Nenhum vislumbre de inveja, de malevolencia ou de crueza infamou jámais a minha politica, nem houve um só feito meu abjecto e indigno da republica. É manifesto que pela mesma norma se ajustou a minha politica, seja nos negocios domesticos de Athenas, seja nos que importavam a toda a Hellade. Porque nem nas coisas da cidade antepuz as boas graças dos opulentos aos direitos da multidão, nem nos assumptos hellenicos preferi aos interesses communs de todos os Hellenos a munificencia e hospitalidade de Philippe.

Falta-me ainda fallar da proclamação da coroa e da prestação das contas. Que servi a patria honradamente e que persevero em lhe consagrar a minha devoção e o meu zelo, parece-me havel-o provado sobejamente com o que referi. E na verdade deixo em silencio a maxima parte dos meus feitos na gerencia dos negocios, e fal-o-hei por dois motivos. O primeiro porque julgo dever antes de tudo responder ácerca da transgressão das leis; o segundo, porque se esqueço n'este momento os demais actos da minha vida publica, a consciencia de cada um de vós dará sobre elles testemunho em meu favor.

Das razões, que o meu antagonista enredou e confundiu ácerca da infracção da leis, —pelos deuses o affirmo—, nem vós, me parece, entendestes a maior parte, nem eu mesmo alcancei comprehendel-as. Commentarei singelamente as leis, seguindo n'este assumpto o caminho recto e verdadeiro.

Longe de me julgar immune de toda a responsabilidade para comvosco,

segundo tantas vezes o vociferou e repetiu o meu accusador, confesso que em toda a minha vida vos deverei estreitas contas pelo modo, por que administrei a fazenda e os negocios da republica. Mas pelo dinheiro, que de minha propria bolsa espontaneamente dei ao povo, digo que em tempo algum sou obrigado a responder. Ouviste, Eschines? Nem outrem qualquer é obrigado, ainda que seja algum dos nove archontes. De feito que lei poderá haver tão injusta e deshumana, que não só prive da gratidão publica o cidadão ennobrecido pela sua philantropia e liberalidade, mas o ponha á mercê dos calumniadores para que estes o forcem a dar contas de sua propria bizarria? Não ha em Athenas lei egual. Se diz que existe e a mostra, submetto-me e emmudeço. Mas não ha semelhante lei, Athenienses! E Eschines todavia, delatando infamemente os proprios dons que fiz, quando eu presidia aos espectaculos, exclama: «Eis ahi que o senado elogia um cidadão ainda responsavel pelos dinheiros da republica!» Repara, ó calumniador, que não me coroa o senado por aquillo de que eu deva prestar contas, senão pelo que doei ao povo atheniense.

«Entendias porém, accrescenta Eschines, em reparar a cerca da cidade.» Por isso mesmo com razão me vota suas honras a republica, porque de meu peculio acudi aos gastos d'essa obra, sem pedir restituição. Requer uma conta de despeza, magistrados que a revejam e deem por exacta. Mas uma dadiva só pede louvor e gratidão. Eis ahi o motivo porque Ctesiphonte propoz em meu favor este decreto. Que este proceder tenha seu fundamento não só em nossas leis, mas em nossos costumes, com mil razões o posso facilmente demonstrar. Tendes em primeiro logar Nausicles, a quem, tendo o mando n'uma guerra, coroastes varias vezes, porque de sua fazenda despendeu no serviço da republica. Tendes mais a Diotimo, e depois a Charidemo, aos quaes tambem coroastes, porque a expensas proprias proveram de escudos os soldados. Aqui está presente Neoptolemo, ao qual, sendo védor de varias obras, conferistes honras publicas pelo que de seus haveres applicára ao bem commum. Duro seria, Athenienses, que a um cidadão, exercendo magistraturas, lhe fosse defeso como condição de seu officio o gastar o seu dinheiro em proveito da republica, ou que em vez de alcançar a gratidão d'aquelles a quem dera, houvesse de prestar-lhes contas da propria generosidade. Para que se veja que em tudo fallo verdade, lêam-se os decretos, que foram promulgados nas occasiões a que alludi.

DECRETO

«Sendo archonte Demonico, Phlyeu, aos vinte e seis dias do mez Boedromion, com o parecer do senado e do povo atheniense, Callias de Phrearrhia, disse: Que o senado e o povo haviam por bem coroar a Nausicles, que ora tem o man-

do das armas, porque estando com dois mil hoplites em Imbros, afim de soccorrer os Athenienses, que habitam esta ilha, e embargando os tempos invernosos que Philon, preposto á administração da fazenda militar, podesse navegar e levar o soldo que aos hoplites se devia, Nausicles de sua propria bolsa lh'o pagou sem exigir restituição. E que seja a coroa proclamada nas festas Dionysiacas por occasião das tragedias novas.»

DECRETO

«Declarada pelos prytanes a resolução do senado, disse Callias, de Phrearrhia, o seguinte: Por quanto Charidemo, que manda os hoplites, enviados a Salamina, e Diotimo, commandante da cavallaria, depois que uma parte dos soldados foram despojados de suas armas pelo inimigo no recontro ao pé do rio, a suas expensas mandaram fazer oitocentos broqueis para os recrutas; pareceu ao senado e ao povo que sejam coroados Charidemo e Diotimo, cada um com sua coroa de oiro, e que estas sejam proclamadas nas grandes Panatheneas, nas luctas gymnicas, e nas festas Dionysiacas, nas tragedias novas, e que a proclamação seja commettida aos thesmothetas, aos prytanes, e aos agonothetas.»

Cada um d'estes officiaes, ó Eschines, era responsavel pelo mando que exercia. Mas não tinha que dar contas do acto generoso, pelo qual era coroado. Tão pouco as devo eu. Porque é justo que, em caso egual, a mim e aos outros se applique o mesmo direito. Fui liberal para com a republica. Por isso me louvou; não devo contas d'aquillo que doei. Exerci magistraturas. Por Jupiter! Por ellas, não pela minha liberalidade respondi, quando devia. Prevariquei no meu officio? mas, por Jupiter! E porque razão, sendo tu presente, quando eu conferia com os fiscaes as minhas contas, não levantaste a voz para me accusar?

E para que vejaes, Athenienses, que o proprio Eschines testemunha ser-me votada a coroa para galardoar acções de que eu não era responsavel, peço que se lêa por extenso o decreto publicado em meu favor.

Pelos artigos, que Eschines deixou passar n'este decreto, sem os accusar, ficará manifesta a calumnía, com que hoje fundamenta a accusação.

DECRETO

«Sendo archonte Euthycles, aos vinte e dois dias do mez Pyanepsion, tocando a presidencia á tribu Œneia, Ctesiphonte, filho de Leosthenes, de Anaphlysto, disse: Por quanto Demosthenes, filho de Demosthenes, de Pæania, sendo vêdor

da cêrca da cidade, e havendo dispendido na obra tres talentos de sua propria fazenda, d'elles ha feito dom ao povo de Athenas, e sendo intendente dos espectaculos, accrescentou cem minas de sua bolsa ao dinheiro levantado pelas tribus para as despezas dos sacrificios: apraz ao senado e ao povo d'Athenas que se votem elogios a Demosthenes, filho de Demosthenes, de Pæania, pela sua virtude e pela devoção civica, de que em todas as occasiões tem dado mostras em prol do povo atheniense, e que seja coroado com uma coroa de oiro, a qual será proclamada no theatro, nas festas Dionysiacas, ao tempo das tragedias novas, e que entenda na proclamação o agonotheta.»

O que eu pois generosamente dei de meus haveres, isso é o que tu calas na tua accusação. O que o senado affirma ser-me devido como premio da minha munificencia, é isso o que merece as tuas exprobrações. Confessas que é legal o acceitar a minha dadiva, e accusas como illegal o votar a gratidão? Um homem scelerado, inimigo dos deuses, corroido pela inveja, qual outro poderá ser, ó deuses, senão este?

Quanto á proclamação no theatro deixarei de referir que mil coroas ali tem sido mil vezes proclamadas, e que eu mesmo ali fui coroado muitas vezes. Mas por todos os deuses! tão escuro e embotado é, ó Eschines, o teu entendimento, que não possas discernir que ao cidadão coroado pela patria, confere a coroa sempre a mesma gloria, qualquer que seja o logar onde a annunciem? E que é no proprio interesse d'aquelles que a votaram, que o arauto a proclama no theatro? Porque a todos os que ouvem o pregão é elle incitamento para bem servirem a republica, e mais se honra então a patria por agradecida, do que por benemerito o cidadão que ella coroou. É por isto que foi promulgada a lei, que se vae lêr.

LEI

«De todas as coroas que forem votadas por cada burgo, no mesmo se fará a proclamação, excepto se o povo atheniense ou o senado as conferirem, porque n'este caso serão proclamadas no theatro, nas festas Dionysiacas.»

Ouviste, ó Eschines, a lei dizendo expressamente: *que se as coroas forem dedicadas pelo povo ou pelo senado, solemnemente se faça a sua proclamação?* Como ousas pois mentir, abjecto accusador? Para que fabúlas o que te apraz? Porque não experimentas os beneficios do elleboro? Não te envergonhas por ventura de intentar uma acção, movido pela inveja, não pelo zelo da justiça; nem de viciar a lettra de umas leis, de truncar o texto de outras, quando era teu dever cital-as com verdade na presença de juizes, que juraram sentenciar segundo as leis? E depois de tudo isto enumeras os predicados, que devem adornar o perfeito democrata, á semelhança de quem por um contrato encommendasse uma

estatua, e depois de recebida a julgasse dissonante ás clausulas do contracto! Como se pelas suas palavras, e não pelos seus feitos e pela sua politica se podessem avaliar os perfeitos democratas! E depois, como se declamaras do alto de uma carroça, trovejas os doestos e convicios, que a ti e aos teus, não a mim, podem caber.

Eu penso, Athenienses, que n'isto differe da maledicencia a accusação. A accusação aponta os crimes, contra os quaes as leis decretam penas; a maledicencia profere injurias, quaes as que segundo suas indoles, costumam reciprocar os inimigos. Creio que nossos antepassados não instituiram tribunaes, para que deixando vosso tracto e negocios familiares, aqui vos ajunteis para ouvir um certame de improperios; senão para dirimir se alguem delinquiu contra a republica. E sabendo Eschines tudo isto tão bem como eu o sei, preferiu comtudo a invectiva á accusação. Ainda n'este ponto, não é bem que sáia mais avantajado que eu. A esse campo vou tambem e começo por uma interrogação. De quem te dizem todos inimigo, da republica ou de mim? De mim, é manifesto. E pois quando te era dado accusar-me segundo as leis, se eu tivera prevaricado, deixaste de o fazer, na propria occasião, em que eu prestava contas, em que respondia nos tribunaes, em que outros processos pendiam a meu respeito? E quando me declaram innocente de toda a culpa as leis, o tempo descorrido, os prazos legaes já expirados, as sentenças anteriores muitas vezes pronunciadas em meu favor, o testemunho dos juizes de que jámais delinqui; agora, quando é forçoso que a republica participe mais ou menos da gloria dos meus feitos, então arremettes contra mim? Attenta bem, não sejas tu o inimigo da republica, em quanto finges ser o meu adversario pessoal.

Depois de haver mostrado qual conforme á religião e á justiça deva ser o vosso julgamento, cumpre, segundo o meu parecer, que apesar de não ser por natureza propenso ao vituperio, retribua as injurias e calumnias do meu accusador, e estreitado pela necessidade vos mostre quem é e de quem procede este homem, tão facil na dicacidade, tão prompto em motejar algumas das minhas locuções, elle que se não corre de proferir o que homens de mediana compostura se pejariam sequer de articular.

Se o meu accusador fora Eaco, Minos, Rhadamantho, e não um artista de palavras, um rabula forense, um escriba miseravel, não creio que fossem mais terriveis as suas palavras, nem que houvesse exclamado em tom mais tragico: *ó terra, ó sol, ó virtude!* e outras coisas semelhantes; invocando depois *o entendimento e a sciencia, com que discernimos o bem e o mal.* Tudo isto lhe ouvistes, quando orava. O que ha de commum, ó scelerado, entre ti ou os teus e a virtude? Sabes tu por ventura distinguir o bem do mal? Aonde e quando o aprendeste? Quando foste digno de o saber? É licito que tu proprio encareças a tua sciencia? Quando os que n'ella florecem, não sómente não ousam de tal

desvanecer-se, mas até os alheios elogios lhes accendem nas faces o rubor. Aquelles que, como tu, não tiveram educação, e em sua rudeza simulam ter sciencia, conseguem apenas enojar os que os escutam, sem alcançar parecer o que não são.

Não me enleia o faltar-me que contar de ti e mais dos teus; enleia-me o não saber por onde hei de começar. Direi primeiro como Tromes, teu pae, arrastava a braga dos escravos, em casa de Elpias, o mestre escola de ao pé do templo de Theseu? Ou como tua mãe, celebrando cada dia novas nupcias n'um prostibulo adjacente ao heroe Calamita, te creou como a uma formosa estatua e te destinou a ser tritagonista nos theatros? Direi depois como um certo Phormion, flautista das triremes, servo de Dion de Phrearrhia, a levantou d'aquelle honrado trafico? Mas —por Jupiter e por todos os deuses!— receio que sendo dignas de ti as coisas, que reconto, não pareça indigna de mim a narração. N'este ponto faço pausa e dou principio á historia da sua vida.

Não teve Eschines o berço na classe commum dos cidadãos, senão entre aquelles, que o povo amaldiçoa. Porque só tarde—tarde! que digo eu?— apenas ha dois dias, se fez Eschines no mesmo ponto atheniense e orador; e, accrescentando duas syllabas ao nome de seu pae, Atrometo em vez de Tromes lhe chamou. A mãe appellidou-a magestosamente Glaucothéa, sendo que todos sabem chamar-se verdadeiramente *Empusa*, derivado o nome de seus costumes descompostos e depravados. E que outra origem se lhe podéra attribuir? E tu, Eschines, és de teu natural tão ingrato e scelerado, que de servo tornado livre, de miseravel opulento, pelo favor dos Athenienses, não só lhes negas a tua gratidão, mas vendes a extranhos a tua politica e os interesses da tua patria.

Calarei as occasiões, em que é duvidoso se Eschines orava em favor d'esta republica. Recordarei aquellas em que é manifesto que servia a causa dos inimigos. Qual de vós se não lembra de Antiphonte, condemnado ao exilio por Athenas, o qual havendo promettido a Philippe incendiar os vossos arsenaes, volveu a esta cidade? Tendo-se escondido no Pireu, descubro-lhe a guarida; levo-o á assembléa popular. A voz em grita, o gesto descomposto, clama este invejoso que faço coisas indignas de uma democracia, que ultrajo os mais desvalidos cidadãos, que violo sem um decreto a santidade do seu lar. E consegue que Antiphonte recobre a liberdade. E se não fora o senado do Areopago, o qual sabido o caso e vendo a vossa negligencia no que mais vos importava, fez procurar o criminoso e prezo o trouxe perante vós, frustrara Antiphonte o julgamento, e fugira á pena, que merecia, graças a este pomposo declamador. Posto a tormento o delinquente, padeceu depois o ultimo supplicio, qual merecêra tambem o defensor. E estes feitos de Eschines considerando o senado do Areopago, quando por effeito da vossa negligencia (com que tantas vezes descuraes os mais graves assumptos publicos), elegestes a Eschines por syndico de Athe-

nas no templo de Delphos, aquelle tribunal, por autoridade que sobre isso lhe concedêreis, fazendo fundamento em que o eleito era traidor, annullou a eleição e nomeou a Hyperides em seu logar. Foi sobre as aras que se tomaram os suffragios, e nem um só recaiu n'este scelerado. E para que se conheça que digo a verdade, chamem-se as testemunhas do que affirmei.

TESTEMUNHAS

«Attestam em favor de Demosthenes, ácerca de quanto disse, as seguintes testemunhas: Callias, de Sunio, Zeno, de Phlyas, Cleone, de Phalera, Demonico, de Marathona. Havendo o povo elegido a Eschines para syndico no templo de Delos perante os amphictyões, reunidos nós em conselho, julgámos a Hyperides por mais digno de advogar os interesses da republica, e foi Hyperides enviado.»

Vêdes, pois, Athenienses, que no mesmo ponto, em que o Areopago regeitou a Eschines por orador no templo de Delphos e elegeu a outro cidadão, ficou elle então havido por traidor e inimigo da sua patria.

Eis ahi uma acção d'este benemerito, em tudo semelhante áquellas de que me accusa. Ainda outra vos peço recordeis.

Quando Philippe enviou a Python, o byzantino, e com elle os embaixadores de todos os seus alliados, com o proposito de vexar a republica e encarecer as suas suppostas iniquidades, não cedi o passo á loquacidade e arrogancia de Python, que se desmandava contra vós; antes levantando-me, e tomando a mão, não sómente não desamparei os direitos da republica, mas de tal arte patenteei as injustiças de Philippe, que os seus proprios alliados se ergueram e confirmaram o que eu dizia. Eschines, ao contrario, dava ajuda e favor ao byzantino, e falso testemunho contra a patria. Não era porém assaz ainda. Pouco tempo decorrêra e já Eschines se avistava em casa de Thrason com Anaxino, espia de Philippe. E quem conferia e praticava só por só com o mensageiro do inimigo, era tambem por natureza espia e contrario á sua patria. E para que se veja ser verdade, o que refiro, chamem-se as testemunhas d'aquelle facto.

TESTEMUNHAS

«Teledemo, filho de Cleon, Hyperides, filho de Callæschro, Nicomacho, filho de Diophantes, havendo dado seu juramento perante os generaes, depõem em favor de Demosthenes, terem visto Eschines, filho de Atrometo, Cothocide, entrar de noite em casa de Thrason e praticar ali com Anaxino, que em juizo

se mostrou ser espia de Philippe. Estes depoimentos foram feitos, sendo archonte Nicias, aos tres dias do mez Hecatombeon.»

Omittirei mil outros casos, que do meu accusador podera aqui citar. Com muitos d'elles me fora facil demonstrar como Eschines n'aquelles tempos favorecia os vossos inimigos, e buscava traças com que me ultrajar e offender. Vós, porém, nem estas coisas guardaes seguramente na memoria, nem as punís com o odio, que merecem. Por um abuso lastimoso, a qualquer orador concedeis a liberdade de vencer ou calumniar os que fallam em vossa defensão e antepondes aos interesses da republica a complacencia e deleitação em escutar apodos e vituperios. E por isso é sempre mais facil e seguro o servir aos vossos inimigos e receber d'elles o salario, do que perseverar no posto de honra e entender honradamente no governo da republica.

Ser ás claras ajudador e complice de Philippe, antes que fosse a guerra declarada,—ó terra! ó deuses!—(quem o negaria?) era gravissimo attentado contra a patria! Dae-lhe, porém se vos apraz, dae-lhe de barato este delicto. Mas depois que os nossos baixeis foram apresados, devastado o Chersoneso, e o Macedonio invadia a Attica, quando já não poderia caber a menor duvida ácerca dos seus intentos, e andava já accesa a guerra, não póde este satyrico mordaz e invejoso mostrar o menor feito seu em vosso beneficio, nem ha um só decreto, ou importante ou menos grave, que por utilidade da republica fosse então por Eschines firmado. Se diz que algum existe, da minha clepsydra lhe cedo o tempo necessario para o mostrar. Mas bem vedes, não ha nenhum. De uma de duas causas proveiu forçosamente o silencio de Eschines. Ou, nada achando reprehensivel nos meus actos, não julgou necessaria outra politica; ou zelando os interesses do inimigo, não quiz contrarial-os, dando melhor conselho do que o meu.

E não orava Eschines, não vos propunha seus decretos, quando era occasião de vos trair? Ao contrario, ninguem excepto elle tinha ensejo de fallar.

Todos os outros maleficios podia elle occultamente commetter, a republica dissimular. Um porém, Athenienses, houve tal e tão nefando que a todos foi como remate; no qual dispendeu grande copia de palavras, referindo-vos os decretos dos Locrios Amphissenses e buscando traças com que desfigurar-vos a verdade. Mas em vão. E como o haveria de conseguir? Nunca poderás lavar a mancha do que fizeste n'aquella occasião, por mais que porfies em fallar.

Invoco perante vós, Athenienses, a todos os deuses e deusas, quantos teem de sua mão o territorio Attico, a Apollo Pythio, a quem Athenas reverencêa por seu nume tutelar, e a todos n'este momento dirijo as minhas deprecações, para que, se vos digo hoje a verdade, se vol-a disse outr'ora perante o povo, quando pela vez primeira vi este scelerado urdindo suas machinações (e cedo, bem cedo as conheci) me outorguem felicidade e salvação; e se ao revez, sómente por ini-

mizade ou odio pessoal, venho aqui falsamente accusar Eschines, que os deuses me privem de prosperidade e boa fortuna.

E porque me arrebato em taes imprecações e levanto com tal vehemencia a minha voz? Porque apezar de que vivem nos publicos registros os testemunhos do que affirmo, e de que em vossa memoria sei que estão ainda presentes os successos, receio que julgueis a enormidade da minha accusação superior á protervia do meu adversario. Tal foi o que succedeu, quando elle por suas falsas informações, foi causa de que perecessem os miseros Phocenses. Por quanto d'aquella guerra de Amphissa, que abriu a Philippe as portas de Elatéa, e lhe deu a hegemonia dos Hellenos amphictyonicos, d'essa guerra, que levou a Hellade á ultima ruina, foi Eschines o motor; um só homem foi o auctor de tão grandes calamidades! Levantei-me então attestando e bradando a vozes na assembléa popular: «Trazes a guerra ao seio da Attica, ó Eschines, a guerra amphictyonica!» Os que na assembléa seguiam o seu partido, não consentiram que eu fallasse. Os outros maravilhados da estranheza do discurso, julgavam que o odio pessoal me incitava a dirigir-lhe uma vã accusação.

Qual fosse, Athenienses, a natureza d'aquelles tramas, por cuja causa se teciam, e a que termos chegou a execução, agora o escutae, pois que então me impediram de vol-o dizer. Vereis como foram concertados os projectos. Ser-vos-ha proveitosa a minha narrativa, para que melhor entendaes a historia d'aquelles tempos, e possaes avaliar a sagacidade e astucia de Philippe.

Não haveria para Philippe nem termo nem repouso á guerra, que lhe moviamos, se não lograsse levantar contra a republica os Thebanos e os Thessalios. Se bem que os vossos generaes fossem na guerra contra Philippe tão imperitos quanto mal afortunados, padecia comtudo o Macedonio os damnos infinitos, que comsigo traz a guerra e os que lhe causavam os corsarios. Porque não podia exportar um só dos fructos que no seu territorio se creavam, nem importar os de que havia então mister. Porque nem era mais poderoso no mar do que a republica, nem poderia chegar ao territorio attico, se os Thessalios o não seguissem, nem os Thebanos lhe franqueassem o caminho. Quaesquer que fossem os generaes, que enviastes contra elle (não direi sobre este ponto o meu parecer) e dado que Philippe se levantasse com a victoria, podéra sair-se mal da expedição, já pela propria natureza do theatro da guerra, já pelos recursos de cada uma das republicas. Se em nome de sua propria inimizade persuadisse aos Thessalios e Thebanos a irromperem contra vós, julgava que os animos se não dobrariam ao seu intento. Se pelo contrario sob color de defender a causa commum conseguia que o elegessem por capitão, esperava lograr facilmente a sua empreza, já pela persuasão, já pelo engano. Que fez então Philippe? Suscita (vêde com que engenho) a guerra aos amphictyões e move a turbação no seu conselho. Pensava que d'este modo os forçaria a invocar o seu auxilio. Se o mobil

d'este seu estratagema fosse um dos seus proprios hieromnemones ou de algum dos alliados, temia com razão que suspeitosos os Thebanos e Thessalios, se houvessem de precatar contra os intentos que levava. Se ao contrario, sendo vós inimigos de Philippe, fosse um atheniense o auctor d'estes enredos, facilmente encobriria o Macedonio o seu designio, segundo veiu depois a succeder. Que traça pois usou Philippe? Toma Eschines a seu soldo. Desapercebidos todos vós e mal cuidosos do futuro (como tem sido sempre costume vosso) sae Eschines eleito pylagora por tres ou quatro votos de sua facção. Assumpto á dignidade, a que a republica o elevára, chegado que foi ao conselho dos amphictyões, ali, esquecendo e despresando tudo, só tractou dos negocios para que fora assalariado; e com palavras especiosas e fabulados argumentos, com que buscava provar serem sagrados os campos de Cirrhéa, illudindo os hieromnemones, homens inexperientes dos artificios da palavra e pouco videntes do futuro, persuade-os a que ordenem por decreto seu uma visitação áquelle territorio, que os de Amphissa agricultavam, dizendo pertencer-lhes, e Eschines culpando-os, affirmava ser sagrado. E isto sem que os Locrios nos houvessem movido nenhum pleito, nem nos tivessem dado um só pretexto, como Eschines falsamente assevera em seu discurso. Do que vou dizer o sabereis. Não podiam os Locrios certamente obter sentença contra Athenas, sem que primeiro a citassem perante um tribunal. E quem foi que nos citou? Por cuja auctoridade? Noméa-nos, aponta-nos alguem que o saiba. Não podes responder. Vãos e falsos pretextos são pois os que allegaste.

Como os amphictyões, seguindo o conselho de Eschines, andassem um dia a visitar os campos dos Amphissenses, salteando-os estes de improviso, aos mais d'elles ferem com suas fréchas, e levam presos a alguns dos hieromnemones. E porque tal sacrilegio fosse causa de que se levantassem queixas e se movesse guerra contra os Amphissenses, foi Cottypho a principio nomeado general do proprio exercito amphictyonico. E por quanto dos deputados das cidades, uns não eram ainda chegados e os outros já presentes nada faziam, alguns miseraveis d'entre os Thessalios e d'outras republicas diversas, peitados e vendidos d'ante mão, votaram improvisamente na seguinte assembléa que se désse a Philippe a capitania da guerra. E honestavam a eleição com o especioso fundamento de que ou as cidades haviam de contribuir para levantar soldados mercenarios, sendo punidas as que não cumprissem seu dever ou se havia de eleger o Macedonio. Para que hei de ser n'este ponto mais prolixo? Foi por elles deferida a Philippe a hegemonia. Pouco depois colligindo o seu exercito, simúla Philippe marchar contra Cirrhéa e saudando os Locrios e os Cirrheus, toma a cidade de Elatéa. E se os Thebanos ao saberem esta nova, volvendo logo de seus designios, não acudissem á nossa alliança, todo o impeto da guerra, qual torrente hiemal, ruira sobre Athenas. Lograram os Thebanos conter de subito a primeira arremettida

de Philippe; e isto, antes de tudo, Athenienses, por mercê de algum deus para comvosco; depois por meu esforço, quanto cabe em poder de algum mortal. Venham os decretos amphictyonicos e as datas, em que estas coisas succederam, para que vejaes quantos maleficios urdiu esta cabeça criminosa sem padecer a merecida punição. Leam-se primeiro os decretos.

PRIMEIRO DECRETO

«Sendo pontifice Clinagoras, na congregação da primavera: Por quanto os de Amphissa prophanaram o territorio sacró, fazendo n'elle sementeiras e deixando pascer ali os seus rebanhos, pareceu aos pylagoras e synedros dos amphictyões, que uns e outros visitem aquelles campos, balisem com marcos os seus limites e defendam aos de Amphissa que não ousem ultrapassal-os de futuro.»

SEGUNDO DECRETO

«Sendo pontifice Clinagoras, na congregação da primavera, accordaram os synedros e o conselho dos amphictyões o seguinte: Por quanto os de Amphissa tem divididos entre si os terrenos sagrados, e os arroteam e dão por pascigo a seus rebanhos; e sendo-lhes defendido que mais o não fizessem, accommetteram violentamente com mão armada os deputados do congresso geral dos Hellenos, chegando a ferir a alguns e entre elles a Cothypho d'Arcadia, eleito general dos amphictyões; enviem-se legados a Philippe de Macedonia, os quaes lhe requeiram soccorra a Apollo e aos amphictyões, para que o deus não continue a ser desacatado pela impiedade dos Amphissenses; e lhe façam saber que para este fim os Hellenos, que participam do direito amphictyonico, elegeram a Philippe por seu generalissimo.»

Agora lêam-se as datas, em que passaram estes successos. Ajustam-se com o tempo, em que era Eschines pylagora de Athenas. Lêam-se.

DATA

«Sendo archonte Mnesithides, aos dezeseis dias do mez Anthesterion.»

Dá-me agora a epistola, que Philippe, quando os Thebanos não obtemperavam a seus desejos, escreveu aos seus alliados no Peloponneso, para que por ella vejaes que o Macedonio, occultando os seus intentos verdadeiros, que todos eram contra a Hellade, contra Thebas e contra vós, simulava servir a causa com-

mum e cumprir os decretos amphictyonicos. Quem a Philippe ministrava as occasiões e os pretextos era Eschines. Lêa-se a epistola.

EPITOLA DE PHILIPPE

«Philippe, rei dos Macedonios, aos magistrados e assessores dos povos alliados no Peloponeso, e a todos os demais alliados, saude. Por quanto os Locrios, cognominados Ozolos, que habitam em Amphissa, commetteram sacrilegio contra o templo de Apollo, que está em Delphos, e com as armas na mão talam e devastam o territorio sacro: hei determinado de acudir comvosco em defeza d'este deus, e punir os que ousam violar o que entre homens se tem por mais sagrado. Assim que, comparecereis armados na Phocida, levando provisões para quarenta dias, no principio do proximo mez, que chamamos *Loo* em Macedonia, os athenienses dizem *Boedromion*, e *Panemo* os corinthios. Concertaremos o que for mister com os que se acharem comnosco na geral congregação; e faremos punir aquelles que faltarem. Adeus.»

Vêdes, Athenienses, como Philippe dissimula os seus motivos pessoaes e busca seu pretexto na causa amphictyonica? Quem foi o homem, que o auxiliou n'estes ardis? Quem lhe inspirou os seus pretextos? Quem de nossos passados infortunios foi a causa principal? Não foi este por ventura? Não digaes, Athenienses, passeiando em vossas praças, que a um só homem deve a Hellade o ter padecido tão duras calamidades. Não,—pela terra e pelos deuses!—não a um só homem, senão a muitos scelerados em cada uma das cidades. E um d'elles é este homem. E se hei de patentear-vos a verdade sem precauções e sem disfarces, não receio dizer-vos que foi elle o flagello commum de tudo quanto pereceu, o flagello dos homens, das provincias, das cidades. Por quanto aquelle que lançou a semente á gleba, foi o culpado de que vingasse a ruim planta. E eu pasmo com razão, de que, ao vêr aquelle homem, não hajaes desde logo voltado o vosso rosto, se não é,—ao que parece,—que sombras espessas vos tragam toldados vossos olhos, para que não caiaes na conta da verdade.

A narrativa dos attentados, com que este homem traía a sua patria, leva-me naturalmente a memorar-vos o que fiz, para frustar os seus desenhos em quanto administrei as coisas publicas. E por muitas razões é justo que attendaes a exposição, que vou fazer-vos. A primeira e principal, porque seria indecoroso, Athenienses, que podésse eu supportar tantos trabalhos por vossa causa padecidos, e não podesseis vós escutar se quer o seu reconto. Como eu visse que os Thebanos e vós mesmos por ventura, seduzidos pelos amigos e mercenarios de Philippe, tinheis os olhos cerrados ao que mais temeroso era para vós, e mais proprio a ter-vos sempre de sobre aviso, como era impedir o cres-

cente poderio de Philippe, e que longe de vos aperceberdes contra elle, tinheis ao contrario os animos propensos a mutuas contenções e alvorotos, não cessei de vigiar e de acudir porque não chegasseis a rota inimisade. Nem sómente por minha propria opinião julgava eu util á republica a sua alliança com os Thebanos. Sabia eu que já Aristophonte e Eubulo em todo o tempo haviam intentado assegurar este concerto, e que dissentindo em varios pontos, n'este haviam sido sempre unisonos. E tu, ó animo vulpino, em quanto vivos, os lisongeavas como cortesão, e agora mortos, não te pejas de os deprimir como censor. Porque as coisas, de que me accusas ácerca dos Thebanos, muito mais n'elles do que em mim as reprehendes, sendo que antes de mim haviam aconselhado e encarecido a alliança de Thebas e de Athenas. Mas é tempo de volver ao meu proposito.

Accesa a guerra por Eschines em Amphissa, ateada por seus complices a inimisade entre nós e os Thebanos, succedeu — e para tal fim estes homens haviam divorciado as duas republicas — que Philippe veiu logo sobre nós. E se não fora havermos pouco antes cuidado em aperceber-nos, bem podéra ser que nem tempo nos sobrára para o minimo resfolego. Tão adiantados levavam estes homens seus meneios. O que a este respeito passava entre vós e os Thebanos, sabel-o-heis, ouvindo lêr os decretos de Athenas e as respostas de Philippe. Lêam-se pois estes documentos.

DECRETO

«Sendo archonte Heropytho, aos vinte e cinco dias do mez Elaphebolion, cabendo a presidencia á tribu Erechtheide, por voto do senado e dos generaes. Por quanto Philippe tomou algumas cidades das que são comarcãs a nosso territorio, e a outras devastou e em summa se dispõe a invadir a Attica, e desprezando os tractados e os juramentos, se propõe a quebrantal-os, a romper a paz, violando a fé reciproca: accordam o senado e o povo que se enviem legados a Philippe, os quaes com elle tractem e o exhortem sobre tudo a guardar as pazes e tractados: e no caso contrario, que dê á republica o tempo necessario para deliberar, e lhe conceda treguas até o mez de Thargelion. Foram eleitos d'entre os senadores para esta legação, Simo, Anagyrasio; Euthydemo, Phlyasio; e Bolagoras de Alopecia.»

SEGUNDO DECRETO

«Sendo archonte Heropytho, no ultimo dia do mez Munichion, sob proposta do polemarcha: Por quanto Philippe intenta distrair os Thebanos da nossa

5*

alliança, e se dispõe a acommetter com todo o seu exercito os logares mais proximos da Attica, violando assim os pactos, que ha concertado comnosco: apraz ao senado e ao povo que se enviem a Philippe um arauto e embaixadores, os quaes lhe requeiram e o exhortem para que nos conceda treguas, afim de que o povo, do modo que fôr possivel, delibere; visto que até agora não decretou o povo atheniense o minimo soccorro a nenhum dos alliados. Foram eleitos d'entre os senadores, para esta legação, Nearcho, filho de Sosinomo, Polycrates, filho de Epiphron, e d'entre o povo para servir de arauto, Eunomo, Anaphlystio.»

Lêam-se agora as respostas de Philippe.

RESPOSTA DE PHILIPPE AOS ATHENIENSES

«Philippe, rei dos Macedonios, ao senado e ao povo de Athenas, saude. Não ignoro as disposições, em que desde o principio vos tendes conservado a meu respeito, nem as diligencias que tendes feito no intento de attrair ao vosso partido os Thessalios, os Thebanos e ainda mesmo os Beocios. Melhor avisados estes povos ácerca do que mais convém a seus interesses, não quizeram que de vosso arbitrio pendessem as suas resoluções. E vós por isto agora forçados a mudar o vosso plano, tendes deputado á minha presença os vossos legados e um arauto, para me lembrarem as pazes que comvosco tenho assentado, e para pedirem treguas, sendo que até ao presente nenhum damno haveis por minha causa padecido. E porém tendo ouvido os vossos embaixadores, apraz-me deferir a vossa petição, e de bom grado vos concedo as treguas, que sollicitaes, sob condição de que não deis ouvidos aos que mal vos aconselham e os castigueis com a infamia que merecem. Adeus.»

RESPOSTA DE PHILIPPE AOS THEBANOS

«Philippe, rei dos Macedonios, ao senado e ao povo de Thebas, saude. Recebi a vossa epistola, pela qual novamente me assegurаes a vossa amisade e confirmaes a paz, que comigo tendes feita. Sei todavia que os Athenienses vos dão grandes mostras da honra em que vos teem, desejosos de vos haverem por cooperadores em seus designios. Persuadi-me de principio que vos deixarieis induzir de suas esperanças e tomarieis voz pela sua causa. É-me grato porém reconhecer agora, que preferis manter comigo a vossa paz, a seguir os conselhos dos outros. E por isso e por muitas razões vos dou os meus louvores, e muito principalmente porque tendes elegido o mais seguro partido, e me conservaes

em vossa benevolencia. E espero que d'esta disposição de vossos animos ha de resultar-vos não pequeno proveito, se n'ella intentaes perseverar. Adeus.»

Concitadas por obra dos traidores uma contra a outra as duas republicas, ensoberbecido Philippe com os nossos decretos e com suas respostas, marcha com seu exercito e apossa-se de Elatéa, julgando que, por mais que elle fizesse, nunca vós e os Thebanos vos havieis de ligar. De qual fosse o tumulto que na cidade se levantou, todos vos lembraes sobejamente. Escutae, porém, o que em poucas palavras me é necessario recordar-vos.

Era já noite. Chega um mensageiro e annuncia aos prytanes que Elatéa foi tomada. Ouvida a nova, levantam-se da mesa. Uns acorrem á praça publica, expulsam de suas tendas os mercadores e põem fogo a seus alpendres; os outros mandam buscar os generaes e ordenam ao trombeta que dê signal de alarma. Toda a cidade era então cheia de tumulto. No dia seguinte, apenas rompe a aurora, congregam os prytanes o senado em sua curia. Acudis pressurosos á assembléa popular. Antes que o senado tenha tempo de propôr e consultar, já todo o povo tem tomado assento. Depois, apenas comparecem os senadores, e os prytanes, referem ao povo a nova que tiveram; apresentam o mensageiro; confirma o que dissera. Clama o arauto: «Quem quer fallar ao povo?» Ninguem responde ao pregão. Repete o arauto muitas vezes a pergunta. Ninguem se levanta para fallar. E estão presentes todos os generaes, todos os oradores; e a vozes pede a patria conselho que lhe assegure a salvação. Porque a voz do arauto, que proclama em nome das leis, é como se fora a propria voz da patria. Se cumprira que se erguessem os que desejavam salvar a republica, todos vós e os demais Athenienses houvereis subido á tribuna popular. Porque todos vós, creio-o firmemente, vos empenhaveis em salvar a nossa patria. Se os mais ricos cidadãos, os tresentos se haveriam levantado. Se os que eram ao mesmo tempo patriotas e opulentos, teriam tomado a mão os que depois liberalisaram avultadas quantias á republica. Porque o fizeram egualmente pelo seu patriotismo e opulencia. Mas aquelle ensejo e aquelle dia não reclamavam apenas, segundo creio, um homem opulento e patriota. Exigiam na tribuna um cidadão, que desde o seu principio houvesse seguido o fio dos negocios, e pela rectidão do seu juizo tivesse inquirido os intentos de Philippe, e as causas que o moviam em seu procedimento. Ao cidadão, que não tivesse desde longo tempo examinado, conhecido, e versado profundamente estes assumptos, embora fosse patriota e opulento, não lhe houveram bastado estes seus dotes para discernir o que mais convinha que fizesseis, nem para dar-vos conselho acommodado.

Cidadão qual o reclamava a conjunctura, tal n'esse dia appareci eu. Erguendo-me perante vós, disse-vos coisas, que de novo por duas razões deveis ouvir attentamente. A primeira, porque vejaes que de todos os que debatiam e tratavam os negocios publicos, só eu não desamparei nos dias de provação o posto,

que me assignára o patriotismo; antes orando e propondo, cogitava o que podia ser-vos util n'aquelles tempos de torvação e de terror. A segunda razão é que o pouco tempo despendido por vós em me escutar, ser-vos-ha resarcido com ficardes mais experientes para o tracto dos negocios futuros. Disse-vos eu pois n'aquelle dia: «Em minha opinião aquelles, a quem tanto sobresalta o serem os Thebanos amigos de Philippe, ignoram o estado presente dos negocios. Porque bem certó estou de que, se tal passára na verdade, não ouviramos que Philippe estava em Elatéa, senão nas proprias fronteiras da republica. Sei de certo que vem Philippe com o intento de inclinar em seu favor os animos de Thebas. Se quereis a prova do que affirmo, disse eu então, dignae-vos de me ouvir. Tem Philippe de sua parte a quantos Thebanos lhe foi dado corromper com seus thesouros, ou embair com seus enganos. Aquelles porém, que desde o principio tem sido seus contrarios, e ao presente lhe resistem, por maneira alguma os pôde reduzir á súa facção. Que intenta pois Philippe, e por cuja causa tomou a cidade de Elatéa? Para que fazendo alardo de seu exercito e mostrando de perto as suas armas, a seus parciaes inspire novo alento e maior audacia, a seus adversarios o terror; para que, ou temerosos consintam n'aquillo, a que se oppoem actualmente, ou sejam constrangidos pela força. Se pois, dizia eu, na presente occasião preferimos rememorar offensas, que dos Thebanos hajamos recebido e descrer da sua fé, como se já seguissem abertamente as bandeiras do inimigo, primeiramente só alcançaremos responder aos votos e aos desejos de Philippe; e temo em segundo logar que os mesmos, que ainda são hoje seus contrarios, entrem a final em seus concertos, e que todos os Thebanos, accordes em favor do Macedonio, venham com elle sobre a Attica. Assim que, se vos apraz seguir os meus conselhos, e se em vez de vos enleardes em vãs disputações, attentaes maduramente em minhas palavras, fio que vos pareçam opportunas e efficazes para conjurar o perigo que assoberba esta republica.

Qual é pois o meu aviso? Em primeiro logar cumpre que affrouxeis o temor, que vos affronta; e depois, que todos os vossos cuidados e receios os convertaes á parte dos Thebanos, porque é para elles mais apertado o lance, o perigo mais visinho. Cumpre depois que façaes marchar para Eleusis a vossa gente de pé e de cavallo, e que logo em som de guerra vos mostreis a toda a Hellade. Para que d'este modo os que em Thebas seguem vosso partido, possam fallar com desassombro e defender a justa causa; vendo que, assim como está um exercito em Elatéa prestes a soccorrer os que vendem a Philippe a sua patria, assim tambem vós favoreceis os que querem pelejar pela liberdade e accorrereis em sua defensão, se alguem ousar acommettel-os. Aconselho-vos ainda mais que se elejam dez legados, que de accordo com os generaes concertem a seu arbitrio quanto importe á opportunidade da marcha e ao apercebimento da ex-

pedição. Chegados que sejam a Thebas os legados, como aconselho que procedam? Peço-vos que sejaes comigo attentamente n'este ponto. Nada exijaes dos Thebanos (seria indecoroso na presente conjunctura.) Antes promettei que lhes dareis ajuda, quando hajam de pedil-a, porque são chegados ao extremo perigo e nós melhor do que elles antevemos o futuro. Se os Thebanos accedem á nossa voz e confiam em nossa fé, sairemos com o nosso intento por maneira digna da republica. Se nos resultar frustrada a empreza, lancem os Thebanos á sua conta o mal que apparelharam, e nós nada haveremos feito que possa abater ou envergonhar Athenas.»

Ditas estas e outras semelhantes palavras, desci da tribuna. E se bem que todos applaudiram o que eu dissera e ninguem se erguera para o contestar, não me contentei com o que de viva voz aconselhara, senão que o escrevi. E não sómente o escrevi, senão que acceitei a embaixada; não sómente acceitei a embaixada, senão que aos Thebanos persuadí. De toda esta negociação tractei desde o principio até ao fim, e sem repouso me devotei á vossa causa em meio dos grandes perigos, que affligiam n'aquelles dias a republica. Apresente-se o decreto, que então se promulgou.

Agora, Eschines, como queres que diga qual tu foste, e qual eu fui n'aquelle dia? Dirás que eu fui aquelle que tu appellidas Batalo em teus convicios, e que tu foste não um heroe vulgar, mas um dos que são na scena mais illustres, um Cresphonte, um Creonte, ou melhor ainda este Ænomau, a quem tu, representando torpemente o seu papel, desconjunctaste no theatro de Colytto? N'aquelle dia eu, o Batalo de Pæania, mostrei-me um cidadão mais prestadio á minha patria do que tu, o Ænomau Cothocide. Tu de nenhuma utilidade foste para a republica. E eu fiz quanto á patria devia um prestante cidadão. Lêa-se o decreto.

DECRETO DE DEMOSTHENES

«Sendo archonte Nausicles, e cabendo a presidencia á tribu Æantide, aos dezeseis dias do mez Scirophorion, Demosthenes, filho de Demosthenes, de Pæania, disse: Por quanto Philippe, rei dos Macedonios, tem nos tempos preteritos violado os artigos de paz por elle pactuados com o povo de Athenas, quebrantando os seus juramentos e desacatando o que entre os Hellenos todos é havido por sagrado; tem tomado cidades, que não eram do seu dominio, e sem que de nós haja até agora recebido alguma affronta, se tem apoderado de outras, que pertencem á republica de Athenas; attendendo a que nos tempos, que decorrem, tem Philippe chegado aos ultimos extremos de violencia e crueldade, já pondo presidios de sua gente nas cidades hellenicas, e abolindo a fórma democratica de seu governo; já arrasando algumas depois de reduzir á servidão seus mora-

dores; e a outras, expulsos os habitantes hellenicos as tem dado por habitação aos barbaros, que profanam os templos e os sepulchros, não desmentindo em todos estes feitos a sua patria e os seus costumes; usando sem temperança da fortuna, que ao presente lhe surri, esquecido de que, contra toda a esperança e previsão, de obscuro e vulgar estado se levantou á sua actual grandeza; attendendo, a que se o povo atheniense, em quanto vira Philippe apossar-se de cidades barbaras, que eram do senhorio da republica, podia dissimular o aggravo, como feito a elle só; agora vendo as proprias cidades hellenicas umas aviltadas, as outras destruidas, julga criminoso e indigno da gloria de seus antepassados o contemplar indifferente a servidão dos Hellenos: Por todos estes fundamentos parece ao senado e ao povo de Athenas, que depois de se haverem feito deprecações e sacrificios aos deuses e aos heroes, que tem de sua mão a esta cidade e ao territorio Attico, inspirados pelas virtudes de seus maiores, os quaes haviam em maior preço o defender a liberdade de toda a Hellade do que a sua propria patria; mandem ao mar duzentas naus, e que o nauarcha se faça com ellas na volta das Thermopylas; e que o stratego e o hipparcho vão sobre Eleusis com a gente de pé e de cavallo.

Decreta mais que se enviem embaixadores aos outros Hellenos e antes de todos aos Thebanos, pela maior proximidade em que Philippe está das suas terras; e que estes embaixadores os exhortem a que não se atemorisem com a presença de Philippe, antes se determinem a pugnar pela sua e pela liberdade hellenica. E que os mesmos legados attestem aos Thebanos que Athenas, esquecendo todos os motivos, que trouxessem em outro tempo mal-avindas as duas republicas, acudirá em seu auxilio com gente, dinheiro, armas e munições; convencida de que, se é bello pleitearem entre si, sendo ainda Hellenos, a supremacia e primado politico, é indigno da gloria de toda a Hellade, e das virtudes de nossos antepassados, o sermos todos subjugados por um homem estrangeiro e por elle esbulhados do primado e supremacia.

Dirão mais, que o povo atheniense tem o povo de Thebas por seu conjuncto pelo antigo tronco, de que procedem ambos, e pelos vinculos de recente parentesco e recorda ainda os serviços, que seus maiores fizeram aos antepassados dos Thebanos. Porque sendo os Heraclides lançados do reino paterno pelos Peloponnesios, os restituiram os de Athenas ao seu throno, vencidos á força de armas os que se haviam levantado contra os descendentes de Hercules. E de outra vez acolheram a Œdipo e aos que vinham exules com elle. E de muitos outros feitos ha memoria não menos honrados e proveitosos aos Thebanos. O povo de Athenas não ha pois de desamparar agora os interesses dos Thebanos e dos outros Hellenos. Far-se-ha concerto com o povo de Thebas, por meio de allianças publicas e particulares, e firmar-se-ha por juramentos reciprocos a amisade pactuada.

EMBAIXADORES

Demosthenes, filho de Demosthenes, de Pæania; Hyperides, filho de Cleandro, de Sphetta; Mnesithides, filho de Antiphanes, de Phrearrhia; Democrates, filho de Sophilo, de Phlyas; Callaeschro, filho de Diotimo, Cothocide.

Tal foi, Athenienses, o principio e fundamento das nossas relações com Thebas, e o primeiro acto de reconciliação entre duas republicas d'antes incitadas pelos meneios d'estes homens, á inimisade, ao odio, á mutua desconfiança. O perigo, que então circundava esta republica, aquelle decreto o dissipou como a uma nuvem. De honesto cidadão era de certo mostrar a todos se havia então melhor partido que adoptar, e não guardar para hoje a reprehensão. O calumniador e o conselheiro, que em nenhum conceito se assemelham um ao outro, teem entre si a maxima differença, em que o primeiro expõe o seu parecer antes de cumpridos os successos, e a si proprio se entrega como fiador aos mesmos que intenta persuadir, á fortuna, á occasião, ao juizo de qualquer; o segundo, calando, quando havia de fallar, espia o momento dos infortunios publicos, para forjar sobre elles a calumnia. Era pois, repito, aquelle o ensejo para um cidadão zeloso da republica, aquella a occasião para avisadas orações. Quero até exaggerar. Se alguem me prova ter havido melhor, direi antes, algum outro caminho que seguir, além do que eu elegi n'aquelle tempo, confesso que pequei. Se alguma traça póde alguem hoje descobrir, que fosse mais proveitosa n'aquelles dias, declaro que não a devia eu ignorar. Mas se não ha, se não houve, se ninguem pôde idear outr'ora ou hoje outro partido, que devia fazer o conselheiro da republica? Não preferir o mais util d'entre todos os projectos existentes e exequiveis? Foi o que fiz então, quando o arauto clamando perguntava, ó Eschines: «quem deseja aconselhar o povo?» não, «quem deseja censurar o passado?» não, «quem deseja assegurar os successos do futuro?» Tu ficavas n'aquelle tempo silencioso, sentado nos bancos da assembléa; eu levantava-me e orava.

E pois que em devido tempo o não fizeste, dize e mostra hoje qual discurso convinha proferir, qual propicia occasião deixei perder? A que alliança? A que partido mais convinha que eu induzisse os animos de Athenas? Mas esquecem todos o passado, e ninguem toma d'elle assumpto para suas deliberações. Só o futuro ou o presente exigem o conselho do politico. Havia então calamidades, que, segundo parecia, ameaçavam a republica; outras, que já então a assoberbavam. Aquilata por estas circumstancias as resoluções da minha politica, e não me calumnies pelo que veiu a succeder. Porque o termo de todas as emprezas é sempre, qual apraz á divindade. Sómente no seu procedimento se revela a intenção do que aconselha. Não queiras imputar-me como um crime,

que succedesse vencer-nos Philippe na batalha. Porque dos deuses, não de mim, pendia o desenlace. Que eu não seguisse, porém, tudo quanto cabia na humana previdencia, que não administrasse os negocios publicos com rectidão, industria e fadiga ainda maior do que o permittiam minhas forças, ou que as minhas emprezas não hajam sido necessarias, illustres, consentaneas á magestade da republica: estes erros demonstra-m'os, e accusa-me por elles. Se n'aquelles tempos sobreveiu, prenhe de raios a tormenta, que não sómente a vós, mas a todos os Hellenos assombrou, que cumpria que fizessemos então? Assim como um armador, a quem depois de haver feito quanto importava á segurança da sua nau, depois de a haver provido do que julgara necessario para a derrota, salteado o baixel pela borrasca, rôta a enxarcia, e logo espedaçada inteiramente, lançassem a culpa do naufragio, podéra responder: «Não tinha eu na minha mão o leme do navio:» assim tambem não era eu quem mandava os exercitos de Athenas, nem era eu o arbitro da fortuna, antes é ella o arbitro de tudo. Raciocina pois, e attenta em que, se, pelejando nós com o auxilio dos Thebanos, nos foi contraria a sorte da batalha, que deveriamos esperar, se os não houveramos tido por alliados, antes contra nós os tiveramos ao lado de Philippe? Para o que tanto se esforçou a tua facundia. E se dando-se a batalha a tres jornadas da Attica, foi tal o perigo e o terror, que em Athenas excitou, que seria, se aquelle desbarato acontecêra nos proprios campos da republica? Julgas que poderiamos agora existir, congregar-nos, respirar? Um dia, dois, tres dias deram á republica resfolego para acudir ainda pela sua salvação. Se não fora esta delonga... Mas não recordemos as calamidades de que foi Athenas preservada, pela clemencia de algum deus, e por essa mesma alliança que tu reprehendes e que eu erigi como o baluarte da republica.

Tudo quanto acabo de explanar miudamente é para vós, juizes, é para aquelles que circundam lá fóra o tribunal, e me prestam ouvido attento. Para este homem despresivel, fora bastante um discurso breve e claro. Porque se d'entre todos os cidadãos, só a ti se desvendava, ó Eschines, o futuro, quando a republica deliberava ácerca dos negocios, então era dever teu prophetisal-o. Se o futuro te era ignoto, pela tua ignorancia és hoje tão responsavel como os outros cidadãos. E pois d'este delicto has de ser tu o que me accuses, e não eu a ti? E mais tendo eu sido tanto melhor cidadão do que tu foste com respeito aos successos, de que tracto (não fallo por ora dos demais), quanto eu me devotei a emprezas, que todos julgaram proveitosas, sem temer nem considerar o proprio perigo. E tu nem déste melhor conselho do que o meu (a havel-o dado, não se houveram aproveitado os que eu dictei), nem n'aquella conjuncção te mostraste prestadio. Imitando o que podem fazer os homens mais infestos e odiosos á republica, guardaste a tua acção para depois de succedidos os revezes.

Em quanto Aristrato em Naxos, e em Thasso Aristolau, inimigos jurados da nossa patria, julgam nos tribunaes aos amigos do povo atheniense, accusa Eschines em Athenas a Demosthenes. Mas aquelle, a quem estava reservado que dos infortunios de toda a Hellade derivasse a gloria do seu nome, antes é digno do ultimo supplicio que do direito de accusar a outro cidadão. Aquelle, a quem são propicios os mesmos lances com que folgam os inimigos da republica, não póde ter para com a patria benevolentes intenções. Isto manifestas pela tua vida e pelos teus feitos, quando aconselhas a republica, e quando te abstens de a aconselhar. Tracta-se algum negocio, em que vão os interesses da cidade? Eschines é mudo. Succedeu um infortunio? Eschines fallou. Á semelhança das antigas fracturas e luxações, que, se alguma enfermidade sobrevem ao corpo humano, então de novo dão rebate.

E pois que o meu accusador tanto insiste sobre as calamidades da republica, quero eu agora arrojar-me a um paradoxo (e por Jupiter, pelos deuses vos conjuro, por estranho que vos pareça o encarecimento, ponderae-o com a vossa benevolencia). Ainda que nos fora dado a todos penetrar nos arcanos do futuro, e prever o que depois aconteceu, ainda que tu, ó Eschines, clamando a vozes o tiveras attestado, tu, que nem os labios descerraste n'aquella occasião, não devia a republica evitar o partido, que seguiu, se presava a sua gloria, os seus antepassados, e o juizo dos vindouros. Frustrou-se, ao que parece, o proposito de Athenas. É lei commum a todos os homens, quando assim apraz aos deuses. Se então, havendo-se por digna da preeminencia entre os Hellenos, a houvera abdicado, teria sido accusada Athenas justamente de os entregar ao Macedonio. E se aquillo, por cuja causa não houve perigo, que não arrostassem os nossos antepassados, o cedêra a republica sem levantar o pó nos campos de batalha, quem, ó Eschines, não cuspira hoje em tuas faces? Não nas da republica, nem nas minhas. Com que olhos veriamos, ó deuses, accorrerem a esta cidade os outros Hellenos, se, chegados os negocios ao extremo, a que vieram, e feito Philippe arbitro e senhor universal, fosse mister que outros sem nós travassem a peleja para obstar á affronta derradeira? Sendo que nunca em tempo algum a republica de Athenas, antepozera uma ignominiosa segurança aos lances mais perigosos e galhardos. Qual dos Hellenos, qual dos Barbaros não sabe que os Thebanos e os Lacedemonios, antes d'elles poderosos por suas armas, o proprio rei dos Persas, teriam graciosamente permittido á republica, não sómente a posse de seus dominios, mas a satisfação de novas ambições, comtanto que recebesse Athenas a sua lei e consentira que a outrem pertencesse o senhorio de toda a Hellade?

Mas não eram taes coisas para serem toleradas por Athenienses; repugnavam ás tradições de seus maiores, ás virtudes do seu animo, á nobreza do seu berço. Nem em tempo algum houve em Athenas homem, que a podêsse per-

6•

suadir a prostrar-se diante dos que eram poderosos, mas iniquos, e a comprar pela servidão a segurança. Vimol-a ao contrario em todos os tempos luctando pela preeminencia, e correndo aos perigos pela honra e pela gloria. E por tão venerandos e tão conformes aos vossos costumes haveis taes sentimentos, que, justamente honraes com vossos mais subidos panegyricos aquelles, que d'entre vossos antepassados, vos legaram taes exemplos. E com razão. Quem de feito não admira a virtude d'aquelles varões, os quaes antes quizeram deixar os seus campos e a sua cidade e buscar refugio em suas galés do que obedecer a estranho imperio? A Themistocles, que lhes dera tal conselho, elegeram por general; e lapidaram a Cyrsilo, que os incitava á sujeição; e não sómente a elle, por que vossas mulheres infligiram á mulher d'elle egual supplicio. Porque os Athenienses d'aquellas eras não buscavam oradores, nem generaes, por quem podessem alcançar um jugo afortunado. Em nenhum preço tinham o viver, se lhes não era dado gosar ao mesmo tempo vida e liberdade. Havia cada um d'elles que não era nascido só para seu pae e sua mãe, senão principalmente para a patria. E a differença qual é? O que se julga sómente nascido para os seus progenitores, espera a morte natural, que o destino lhe tem apparelhada. O que se julga tambem gerado para a patria, quer antes morrer do que lastimal-a escrava; havendo por mais temerosas do que a morte, as affrontas e os opprobrios, que seria forçado a padecer n'uma cidade escravisada.

Se, eu tivera pois a jactancia de vos dizer, que fui eu, quem vos inspirou sentimentos dignos dos vossos antepassados, ninguem houvera, que com razão me não devesse reprehender; mas eu declaro que de vós nasceram as deliberações, que então seguistes, e demonstro que já antes de mim tão altos espiritos animavam a republica. Digo, porém, que de seus actos alguma parte me pertence pelos officios, que prestei. E tornando-me Eschines a mim de tudo responsavel, denunciando-me á vossa execração, como o auctor unico de todos os vossos perigos e calamidades, não sómente procura arrebatar-me no presente a honra, que me votastes, mas roubar-vos perante a mais remota posteridade o merecido louvor de vossos feitos. Se pois, por vossos suffragios condemnaes a Ctesiphonte e com elle a mim proprio como reu de viciosa administração, parecerá que haveis errado, e não padecido apenas os ultrajes da fortuna. Mas não, Athenienses, não errastes, não podieis errar, quando affrontaveis os perigos pela liberdade e salvação de toda a Hellade. Eu vol-o juro pelos manes de vossos progenitores, que em Marathona combateram na primeira linha, que em Platêa se formaram em batalha, que pelejaram nas aguas de Salamina e Artemisio e por mil outros varões fortes e magnanimos, que hoje repousam em monumentos erectos pela patria; aos quaes todos, ó Eschines, julgou Athenas crédores das mesmas honras, sagrando-lhes honrada sepultura; e não sómente áquelles, a

quem sorrira na peleja a fortuna e a victoria. E com justiça e boa razão. Porque quanto cabia na magnanimidade e fortaleza, o fizeram todos egualmente. Quanto pendia da fortuna succedeu a cada um, segundo o destino o decretára.

Tu para frustrar-me, ó execrando difamador, ó escriba miseravel, o galardão e a benevolencia dos Athenienses, descreveste os tropheus, as batalhas e as façanhas de nossos avoengos. Exigia taes memorias a causa, que hoje se pleiteia? E se o meu proposito, ó histrião, era aconselhar Athenas a acudir pelo seu antigo principado, de que sentimentos inspirado cumpria que eu me levantasse na tribuna? Com os d'aquelle, que persuade acções indecorosas? Justamente merecera então o ultimo supplicio.

E depois, Athenienses, não convém julgar segundo as mesmas regras os litigios particulares e as causas publicas. Os processos, que respeitam á vida civil e quotidiana, conforme aos factos e ao direito privado se devem dirimir; os que interessam á republica, seguindo os exemplos gloriosos de nossos antepassados. Se nenhuma acção indigna d'elles desejaes commetter, cumpre que entrando no tribunal, para julgar um pleito publico, cada um de vós se persuada de que com a vara e as demais insignias da vossa magistratura, recebestes ao mesmo tempo a inspiração, a alma da republica.

Commemorando os feitos gloriosos de vossos maiores, deixei de referir algumas acções e alguns decretos. Volto pois a atar o fio do discurso no ponto onde o rompi.

Chegados que fomos a Thebas, achámos já presentes os deputados de Philippe e dos Thessalios e de seus outros alliados; desalentados os nossos parciaes; os d'elles audaciosos. Para que se veja que não fallo d'este modo por interesse da minha causa, lêa-se a epistola, que nós os legados athenienses escrevemos desde logo. Tão exaggerada é a calumnia na bocca do meu accusador, que todos os prosperos successos á occasião os attribue e não a mim; os sinistros a mim e á minha estrella. Se a Eschines daes credito, eu como orador e conselheiro da republica, não tive a menor parte no bom exito das emprezas que pendiam da palavra e do conselho. Mas dos revezes, que na guerra padeceram os generaes e os exercitos, o culpado fui eu só.

Haverá no mundo mais atroz calumniador e mais nefando scelerado? Lêa-se a epistola.

EPISTOLA

Congregado o povo na assembléa, foram primeiro recebidos os legados do Macedonio, em razão da alliança que com elle tinham os Thebanos. Adiantam-se a fazer ao povo sua pratica, encarecendo elogios a Philippe, a Athenas accusações, lembrando quanto contra os Thebanos outr'ora havieis feito. Cifrava-se o

principal de seu arrasoado em que, se os Thebanos queriam por uma parte agradecer os beneficios recebidos de Philippe e pela outra vingar as affrontas, com que os tinheis offendido, elegessem um de dois partidos, ou deixar livre o caminho aos Macedonios, ou irromper com elles contra a Attica. E affirmavam os legados que, accedendo os Thebanos a seu conselho, todos os rebanhos, os escravos, as demais riquezas da Attica, haviam de passar para a Beocia. Se ao contrario tomassem a nossa voz, havia a Beocia de ser mettida a sacco e devastada pela guerra. Muitas coisas accrescentaram em seus discursos, todas ellas attinentes ao seu empenho. O que nós então replicámos, dera eu o que mais prézo n'esta vida por vol-o agora repetir textualmente. Arreceio-me, porém, de que sendo já passados os successos, como se um cataclysmo tivera inundado toda a Hellade, julgueis por inutil e enfadonho o discursar sobre este ponto. O que nós persuadimos aos Thebanos e o que nos elles responderam, escutae-o. Toma e lê.

RESPOSTA DOS THEBANOS

Logo depois chamaram-vos os Thebanos. Instavam. Saistes, accorrestes em seu auxilio. Omitto successos, que medearam, para memorar apenas que tão hospitaleiros vos acolheram os Thebanos, que em quanto os seus hoplites e cavalleiros acampavam fóra das muralhas, os vossos soldados se alojavam na cidade, nas proprias casas dos cidadãos, junto de seus filhos, de suas mulheres, de quanto lhes era mais dilecto. Tres foram os magnificos louvores, que de vós a todo o mundo n'aquelle dia publicaram os Thebanos; o primeiro, da vossa fortaleza, o segundo da vossa justiça, o terceiro em fim da vossa temperança. Querendo antes pelejar a vosso lado do que remetterem contra vós, então vos houveram por mais fortes e mais justos que Philippe. E entregando á vossa guarda o que entre elles, assim como entre os demais homens, com maior zêlo se recata, — seus filhos e mulheres —, testemunharam a fé, que punham na vossa temperança. E não tardou, Athenienses, que os successos confirmassem por avisado o conceito, em que vos tinham os Thebanos. Não só em quanto na cidade assentastes os vossos arraiaes, ninguem, ainda mesmo injustamente, levantou contra vós a menor queixa (tal foi então a vossa continencia,) senão quando por duas vezes saistes a campo com os Thebanos para pelejar nos primeiros recontros, um d'elles junto ao rio, o outro no inverno, não sómente vos mostrastes intemeratos, mas ainda admiraveis pela vossa disciplina, pelos vossos apercebimentos, pela vossa galhardia. O que dos estranhos vos mereceu honrados elogios; dos vossos naturaes, sacrificios e solemnes procissões aos deuses. E agora de bom grado pergunto eu a Eschines, se quando tão festivas demonstrações se faziam em Athenas, e era cheia a cidade de alegrias, de acclamações, de panegyri-

cos, tambem elle sacrificava como os outros cidadãos e com elles se jubilava, ou se triste, gemebundo, mal soffrido dos triumphos da sua patria, se escondia em sua casa? Porque se era presente e nas turbas apparecia, não commette um crime,— ainda mais — um sacrilegio, se a alliança, que elle, attestando os deuses, então houve por feliz, pretende agora que vós, ligados por juramento aos mesmos deuses, por nefasta a condemneis? Se não era presente, não merece mil vezes o ultimo supplicio, se do que aos outros dava gloria, só elle então se doía e contristava? Léam-se estes decretos.

DECRETOS ÁCERCA DOS SACRIFICIOS

Em quanto celebravamos em Athenas os sacrificios, confessavam os Thebanos que nos deviam a salvação. Na propria conjunctura, em que pelos esforços dos traidores, parecia que serieis vós os necessitados de soccorro alheio, ao contrario, seguindo meus conselhos, acudieis em defeza dos estranhos. Quaes fossem então os brados de Philippe, quaes os sobresaltos, que o turbavam em presença d'estes casos, o podeis deprehender das epistolas que expediu ao Peloponneso. Toma e lê estas missivas. Vêde por ellas quanto poderam alcançar as minhas excursões, a minha perseverança, as minhas fadigas, os meus decretos innumeraveis, que este homem hoje escarnece e calumnia. Muitos oradores, ó Athenienses, foram antes de mim, maiores e mais illustres, o grande Callistrato, Aristophonte, Cephalo, Thrasybulo, e mil outros. Nenhum d'elles, porém, em tempo algum se dedicou todo á republica no decurso de uma só negociação. Porque d'aquelles oradores o que propoz os decretos, não foi o mesmo, que se encarregou das embaixadas, e o que foi por embaixador, não foi o auctor dos decretos approvados. Cada um d'elles alternava os ocios com os trabalhos e deixava sempre alguma escusa, para o caso, em que viesse a succeder algum revez. Mas poderá alguem dizer: «Em tanta maneira te avantajas em fortaleza e energia aos demais homens, que tudo possas por ti mesmo emprehender e acabar?» Não ouso dizer tal. Mas tamanhos se me affiguravam os perigos imminentes á republica, que parecia não me darem logar nem reflexão para provêr á minha propria segurança; antes julgava honrado e illustre feito se um mesmo homem, nada refusando á sua patria, fizesse quanto cumpria em seu serviço. A mim mesmo chegára a convencer-me, estultamente por ventura, mas convencera-me em verdade, de que ninguem melhor houvera proposto o que eu propuz, nem fizera melhor o que então fiz, nem exercera as embaixadas com maior diligencia e probidade do que eu. Levaram-me estas razões a prestar-me de bom grado ao tracto de toda a negociação. Lê as epistolas de Philippe.

EPISTOLAS

A tal estado, ó Eschines, reduziu a Philippe a minha politica. A usar de taes palavras o forcei, a elle, que antes d'isso tantas vezes affrontára com termos arrogantes a republica. Por isso me decretaram os Athenienses uma coroa. E tu que eras presente, não impugnaste o galardão. E accusando-me Diondas, não pôde alcançar a quinta parte dos suffragios. Lêam-se os proprios decretos, que então não foram condemnados pelos juizes, nem contestados pelo meu actual accusador.

DECRETOS

Conteem estes decretos, Athenienses, as mesmas syllabas, as mesmas sentenças, que já antes Aristonico escrevêra, e hoje copia Ctesiphonte. E nem Eschines contra elles se levantou, nem subscreveu ao libello de outro accusador. Se é verdadeiro o fundamento da presente accusação, com maior justiça devêra Eschines accusar então a Demomeles, e a Hyperides, auctores d'aquelles decretos, do que hoje perseguir a Ctesiphonte. E porque? Porque a Ctesiphonte é hoje licito fundar-se no exemplo d'aquelles seus predecessores, nas decisões dos tribunaes, no silencio d'Eschines, que não accusou n'aquelles tempos decretos em tudo eguaes ao actual, nas leis que defendem renovar a accusação ácerca dos casos julgados, e em muitos outros fundamentos, que não refiro. Então a causa teria sido julgada pelo seu merito, sem que os arestos prejudicassem a decisão. Mas n'aquelle tempo não lhe fora dado, como hoje, calumniar a seu talante, desentranhar de velhas chronicas, e de numerosos documentos, coisas que ninguem previa seriam hoje commemoradas, nem esperava que fossem àdduzidas na presente occasião. Nem lhe era facil, transtornando a ordem dos tempos, attribuindo aos successos falsas causas em vez das verdadeiras, guardar em seu discurso as apparencias da razão. Nada d'isto podia então fazer. Em presença da verdade, perante os successos recentes na vossa memoria, e que ainda quasi trazieis entre mãos, haviam de correr as allegações. Por isso, fugindo de accusar-me pelos meus actos politicos, eil-o que apparece depois da sasão propria, pensando, segundo se me affigura, que vindes a assistir a uma lucta de oradores, e não a syndicar da administração do estado; a aquilatar discursos, e não a zelar os interesses da vossa patria.

Com suas sophisterias, buscou Eschines persuadir-vos a que demitisseis de vossos animos o conceito que ácerca de nós ambos trouxestes de casa já formado. Assim como, diz elle, se desconfiaes de que um dos vossos exactores vos ficara devendo algum dinheiro, não lhe passaes quitação, sem primeiro verifi-

car as suas contas e saber que de nada vos é devedor, assim tambem na presente causa, vos cumpre sugeitar vosso juizo ás provas adduzidas. Considerae, agora, quanto é fragil de sua natureza, tudo o que não tem por alicerce a honestidade. N'esta mesma comparação, engenhosa na verdade, confessa Eschines que fazeis de mim e d'elle este conceito; que eu fallava em prol da patria, elle em proveito de Philippe. Por quanto não se esforçara Eschines em vos demover de vossa opinião, se a respeito de nós ambos não fora, qual a deixo declarada. E quanto sejam iniquas as razões, com que buscou dissuadir-vos da vossa imparcialidade, vol-o mostrarei bem facilmente; não servindo-me de calculos (que não é maneira esta de aquilatar negocios publicos), senão recontando cada successo em breves termos e fazendo que sejaes vós, os que me ouvis, ao mesmo tempo testemunhas e julgadores.

A minha politica, por Eschines censurada, conseguiu que os Thebanos, em vez de invadirem confederados com Philippe as nossas terras, —o que todos julgavam imminente—, feitos comnosco n'um só corpo, viessem embargar o passo ao Macedonio; que em vez de termos a guerra no seio da Attica, o seu theatro fosse a setecentos stadios da cidade, nas fronteiras da Beocia; que em vez de nos avexarem os corsarios da Eubéa com suas depredações, ficasse em paz o litoral da Attica, durante o curso da campanha; que em vez de Philippe senhorear o Hellesponto, e render Byzancio, viessem os Byzantinos pelejar contra elle ao nosso lado. E bem, Eschines, ainda te parece o exame d'estes feitos semelhante á prova de uma conta? Cumpre expungil-os de nossos fastos? Ou empenhar-nos em perpetuar a sua memoria em seculos vindouros? Não fallarei da crueza com que vimos a Philippe tratar aos outros Hellenos, que reduziu a seu imperio, nem da lenidade, que para encobrir os seus intentos, affectou para comvosco e de que podestes colher os fructos, graças ao vosso resoluto e bizarro proceder.

Todas estas coisas callarei. Mas em verdade —não hesito em affirmal-o— se alguem se propozesse a julgar imparcialmente, não a calumniar um orador, não me houvera accusado, como tu fizeste em teu discurso, inventando similes, apodando phrases, remedando gestos. (E estava —dize— por ventura a sorte de toda a Hellade pendente de que eu usasse tal vocabulo e não outro, de que estendesse a mão a uma ou outra parte?) Indagara, pelo contrario, quaes fossem as minhas acções, quaes os recursos da cidade, quando entrei a presidir aos seus negocios, quaes lhe creei durante a minha administração, e qual era a situação dos nossos inimigos. Achando que eu minguara as forças da republica, com razão patenteara os erros da minha politica, e se eu as acrescentara, não me houvera calumniado. E pois que tu fugiste a este exame, eu proprio vou fazêl-o. E vós, Athenienses, decidi se tomo a verdade por norma do meu discurso.

Tinha então a republica por auxiliares aos insulanos, e não a todos, senão sómente aos menos esforçados. Não eram comnosco nem Chios, nem Rhodes, nem Corcyra. A quarenta e cinco talentos montava apenas o conto dos tributos. E estes mesmos já então antecipados. Hoplite ou cavalleiro nenhum, além dos da leva da cidade. E — o que mais era a Athenas temeroso, propicio aos inimigos —, taes haviam sido as traças dos traidores, que todos os povos nossos comarcãos, os Megareos, os Thebanos, os Eubéos, mais presavam inimizades que allianças com a republica. Tal era em Athenas o estado dos negocios. Ninguem ousará referil-os diversamente. Attentae agora em qual fosse a situação de Philippe, com quem era a nossa lucta.

Em primeiro logar era Philippe cegamente obedecido dos que seguiam sua voz, condição inestimavel para o bom exito da guerra; em segundo logar, eram dextros os seus guerreiros, como quem trazia as armas sempre vestidas para a peleja. Depois eram suas riquezas copiosas. Tudo quanto lhe aprazia, o podia desde logo emprender sem o annunciar em seus decretos, sem deliberar em assembléas publicas, sem temer a accusação dos sycophantes, sem ser denunciado como infractor das leis, sem ser responsavel a ninguem. Em vez d'isto era rei, capitão e senhor absoluto em seus estados. E para oppugnar semelhante adversario (é justo que este ponto o pondereis maduramente) o que tinha eu então em meu poder? Nada. O proprio direito de orar perante vós, a só faculdade que me restava para vos servir, por egual a repartieis entre mim e os que andavam a soldo de Philippe. E quantas vezes prevaleciam sobre os meus os seus conselhos (e frequentemente assim acontecia pelas vicissitudes da fortuna), tantas saieis da assembléa popular, tendo votado em vossas deliberações ao sabor do inimigo. E posto que eu não levasse a melhor n'esta porfia, sempre alcancei ganhar-vos por alliados os Eubéos, os Achivos, os Corinthios, os Thebanos, os Megareos, os Leucadeos, os Corcyrios. Dos quaes levantámos quinze mil soldados de pé com mais dois mil cavallos de tropas estrangeiras, afóra a gente da cidade. E os subsidios d'aquelles povos esforcei-me para que fossem quanto possivel avultados.

E se tu, ó Eschines, discursas sobre o que deveria caber nos communs apercebimentos aos Thebanos, aos Byzantinos, aos Eubéos, e dizes que entre nós e elles se não guardara a justa proporção, ignoras em primeiro logar que das trezentas galés, que n'outro tempo a Hellade equipou para sua defensão, armara á sua parte a republica duzentas. Não se queixou Athenas do gravame, nem condemnou os oradores que lhe haviam dado tal conselho, nem se mostrou severa para com elles (seria acção opprobriosa), antes deu graças aos deuses, porque, sendo então cummum o perigo a toda a Hellade, fizera Athenas pela salvação de todos duas vezes mais que os outros juntamente. Em segundo logar, são estereis os serviços, que hoje, diffamando-me, buscas fazer ao povo

atheniense. Porque só hoje vens aconselhar o que cumpria então fazer, e o não propozeste n'aquelles tempos, tu que estavas em Athenas e assistias á assembléa popular? Se por ventura melhor arbitrio havia n'aquella occasião, em que não era dado eleger o que mais nos aprouvesse, senão o que nos permittia a conjunctura. Um homem havia prestes a cobrir o lance, a acolher aquelles que houvessemos repellido, e a encarecer com os seus thesouros o preço da alliança.

E se hoje sou accusado pelos meus feitos d'aquelle tempo, que julgaes vós que haveria de succeder, se pela nimia exactidão na conta dos subsidios, as cidades hellènicas se desprendessem da nossa confederação, tomassem o partido de Philippe, e elle se levantasse com o senhorio da Eubéa, de Thebas, de Byzancio? Que pensaes vós que haveriam de fazer e dizer estes homens impios e sacrilegos? Não diriam que haviamos trahido aquelles povos? Que os haviamos repulsado, quando por socios nos buscavam? Que Philippe com o auxilio dos Byzantinos se fizera senhor do Hellesponto e arbitro do commercio frumentario em toda a Hellade? Que com a ajuda dos Thebanos trouxera as devastações da guerra desde as fronteiras até ao coração da Attica? Que se tornara o mar innavegavel por causa dos corsarios, que na Eubéa concertavam as suas entreprezas? Não me teriam feito em summa estas e mil outras semelhantes imputações? Abjecto, ó Athenienses, abjecto é o calumniador, sempre e em toda a parte devorado pela inveja e sedento de rixas e contenções! Tal é este homunculo, de indole vulpina, que jámais, desde o principio de sua vida, nada fez que fosse honesto e digno de um homem livre; macaco theatral, rustico Œnomau, orador adulterino. Em que aproveitou, ó Eschines, á patria a facundia da tua palavra? Só agora declamas ácerca do passado? Á semelhança de um medico, o qual, entrando a visitar os seus enfermos, nada aconselhasse ou prescrevesse que podesse debellar a enfermidade, e depois que um d'elles morre, e se celebram suas exequias, acompanha o saimento á sepultura, discorrendo gravemente «que se aquelle homem houvera tomado tal ou tal poção, certamente não morrera.» Assim tambem, ó espirito insensato, não dás tu hoje tardios conselhos á republica?

Quanto ao desbarato, que Athenas padeceu, e com que triumphas, scelerado, em vez de o lastimar, como devias, achareis, Athenienses, que não succedeu por minha culpa. Estae comigo no argumento.

De parte alguma, aonde me deputastes por vosso embaixador, volvi jámais vencido pelos enviados de Philippe; nem da Thessalia, nem de Ambracia, nem da Illyria, nem dos reis de Thracia, nem de Bysancio, nem de nenhum outro logar, nem mesmo de Thebas ultimamente. Mas logo que eu vencia com a palavra os legados de Philippe, vinha elle depois com as armas desfazer a minha victoria. E é isto que em mim hoje repreendes? E não te pejas de exigir que

o mesmo homem, a quem tachaste de covarde, só por si triumphasse do poderio de Philippe? E isto sómente com discursos? Pois de que outro meio era eu então senhor? Da vida de cada um? Da fortuna das armas? Da pericia dos generaes? Do que hoje me tornas responsavel, tal é a tua demencia! Pede-me estreitas contas de tudo que respeita aos deveres do orador, não as hei de recusar. E quaes são estes deveres? Examinar os negocios desde o seu principio, prever-lhes as consequencias e annuncial-as aos seus concidadãos. Tudo isto fiz. Depois corrigir, quanto é possivel, a desidia, a indecisão, a ignorancia, as contenções, peccados communs e senões inevitaveis nos estados populares; e persuadir e converter os cidadãos á concordia, á fraternidade, e inclinar-lhes o animo ás emprezas que importam ao bem commum. Tudo isto fiz tambem. E não ha no mundo homem, que possa com verdade censurar-me de haver preterido uma só d'aquellas obrigações. Se pois alguem perguntar, porque meios alcançou Philippe venturoso termo á mór parte das suas emprezas, todos responderão a uma voz: Pelas armas, pelos dons e pela corrupção dos que presidiam aos negocios. Dos exercitos não era eu senhor, nem general. Logo não é a mim que se ha de pedir razão do que fizeram. Mas em não me deixar corromper pelo seu oiro, alcancei victoria de Philippe. Porque assim como o corruptor venceu o que lhe acceita o preço e consente em se vender, assim o que nem recebe nem se deixa corromper, n'isso mesmo venceu o corruptor. Quanto pois de mim pendia, foi invencivel a republica.

Estas e muitas outras semelhantes acções minhas explicam e auctorisam o decreto, que Ctesiphonte justamente vos propoz. A todos vós é notorio o que em seguida vou contar.

Logo apoz a batalha, n'esses lances de perigos e terrores, em que não fora para estranhar se as turbas desencadeassem contra mim as suas iras, o povo, conhecendo e presando quanto eu fizera em seu favor, com seus suffragios approvou quanto para salvar a patria lhe propunha. Tudo quanto cumpria á defensão de Athenas, repartição da gente pelas estancias, reparação dos fossos, tributo para reconstruir as muralhas e defezas, tudo se fez segundo os meus decretos. E logo sendo necessario designar quem entendesse nas provisões, d'entre todos me elegeu o povo para este cargo. Depois, estando conjurados contra mim os que á minha perdição encaminhavam suas traças, e denunciando-me como infractor das leis, como reo de viciosa administração, e como responsavel pelos dinheiros da republica, não ousando a principio apparecer abertamente, antes tomando por instrumentos aquelles, a cuja sombra pensavam occultar-se (porque bem sabeis, e tendes ainda presente na memoria, que nos primeiros tempos era eu todos os dias chamado aos tribunaes, e que nem a insania de Sosicles, nem a calumnia de Philocrates, nem a loucura de Diondas e de Melano, nem outro meio algum pouparam contra mim), de todas

aquellas perseguições logrei sair incolume, acima de tudo pelo favor dos deuses, e depois pela vossa rectidão e de todos os mais Athenienses. E rectamente procedestes. E devia eu já esperal-o de juizes não sómente ligados por juramento, mas empenhados em cumpril-o religiosamente em honra da verdade. Quando me destes por absolto de todas as delações politicas, e refusaste a quinta parte dos suffragios aos meus accusadores, então decretastes quão prestante havia sido a minha administração. Quando me concedestes o triumpho sobre os que me imputavam a violação das leis, então mostrastes que eu amoldara sempre ás leis os meus decretos e as minhas orações. Quando finalmente approvastes as minhas contas, então confessastes que eu administrara com a mais incorruptivel probidade os dinheiros da republica.

Sendo que d'esta maneira haviam passado estes successos, que nome era justo e decoroso que Ctesiphonte impozesse á minha politica? Não o mesmo que o povo lhe impuzera? Não o mesmo que juizes ligados por juramento lhe haviam consagrado? Não o mesmo que a propria verdade confirmara? «Embora, redargue o meu accusador. Maior louvor, porém, é o de Cephalo, que jámais foi accusado.» Por Jupiter, direi eu, que foi essa antes fortuna que louvor. Mas é porventura razão que se culpe a quem tantas vezes accusado, outras tantas saiu innocente do processo? E pelo que a Eschines respeita, posso dizer que é egual á de Cephalo a minha gloria. Porque nem uma só accusação levantou Eschines contra mim, nem a proseguiu nos tribunaes. E n'isto confessas que em teu conceito em nada ao proprio Cephalo sou inferior como republico.

De mil maneiras se patentêa a maldade e a inveja d'este homem, em nada porém mais claramente do que em suas declamações ácerca da fortuna.

Por nescio inteiramente hei todo o homem que, sabendo-se mortal, lança a outro homem em rosto a sua fortuna. Pois se aquelle, que a julga mais propicia e tem por melhor assombrados os seus feitos, não sabe se ella até ao anoitecer o seguirá, como ousará jactar-se da sua prospera fortuna, ou exprobrar nos outros a adversa? E porque sobre este assumpto, como ácerca de outros muitos, fallou Eschines com soberba immoderada, vêde, Athenienses, e considerae quanto mais verdadeiro e mais humano do que o seu é o meu sentir ácerca da fortuna. Tenho por feliz a fortuna da republica. Sei que Jupiter Dodonêo e Appollo Pythio lh'a teem vaticinado. Por lugubre e sinistra reputo a que hoje influe nas demais gentes. Pois qual d'entre os Hellenos, qual dos Barbaros, na presente occasião não padece infinitas calamidades? Se soubemos eleger o melhor partido, e se apezar de supporem os Hellenos que seriam mais felizes, separando-se de nós, é melhor do que a sua a nossa condição, attribuo-o certamente á fortuna da republica. Que saisse Athenas mal d'algumas emprezas e nem sempre os successos lhe corressem a sabor de seus intentos, este é em meu conceito o quinhão que da má fortuna, commum aos outros homens, veiu

a caber á nossa patria. A minha propria fortuna e a de cada um de nós, sómente nos negocios privados é justo examinal-a. É assim, que eu penso ácerca da fortuna e em meu parecer com rectidão e bom juizo. E creio que vós outros comigo estaes n'este sentir. Affirma Eschines ao contrario que a minha fortuna particular antecede á da republica, a humilde e obscura á brilhante e magnifica. Como podera tal acontecer? Mas se porfias, Eschines, em inquirir da minha fortuna, principia por attentar na tua propria. E se descobres que é a tua menos ridente do que a minha, cessa por uma vez de a affrontar com teus convicios. Traze a tua inquirição desde o principio. Ninguem, por Jupiter e pelos deuses! me accuse de jactancia e de loucura. Por insano tenho eu o que moteja nos outros a pobreza, e o que sendo creado na abundancia, se desvanece d'este acaso. Mas as invectivas e calumnias d'esse homem pernicioso, me obrigam a abater-me a taes discursos. Fal-o-hei comtudo, com tanta moderação, quanto ser possa.

Quiz a sorte que na minha puericia podesse cursar as escolas de mais proveito, e que me não forçasse a indigencia a nenhum mister indecoroso; que ao entrar na adolescencia, fizesse coisas consoantes á minha honesta creação; presidir a jogos offerecidos ao povo a expensas minhas, equipar triremes á minha custa, accudir de minha fazenda aos gastos da republica, não recusar jámais a bolsa aos particulares, nem ao estado, antes ser sempre á republica prestadío, com os amigos generoso. Depois que tive parte no governo, tão honrados foram os meus feitos, que muitas vezes por causa d'elles fui coroado, não sómente pela patria, senão tambem pelos demais Hellenos; sem que os meus proprios inimigos ousassem negar o esplendor de minhas obras. Tão auspiciosa fora até então a minha convivencia com a fortuna. Da qual muitas mais coisas podera accrescentar, que de industria calarei, receioso de que alguem m'o lance á conta de vangloria. E tu, varão insigne, tu que aos outros apódas e ennodôas, põe em parallelo com a minha a tua fortuna; segundo a qual, sendo menino e creado em grande miseria, assistias a teu pae no ensino das primeiras lettras, e lhe moias a tinta e limpavas os bancos com a esponja, e lhe varrias a escola. Misteres de escravo, não de ingenuo. Sendo já homem lias a tua mãe, nas suas iniciações, os livros rituaes e a ajudavas na celebração de seus mysterios fraudulentos, cobrindo á noite os iniciados com a pelle de cabrito, ministrando-lhes a taça, aspergindo-os de agua lustral, ungindo-os de argilla e de farellos. E fazendo-os erguer apoz a lustração, lhes ordenavas que bradassem: *Fugi do mal, achei o bem;* gloriando-te de ulular mais estrondosamente que os de maior força. E facilmente o acredito, porque não poderas agora declamar com tão descomposta vozeria, se não houveras tido primeiro tal escola. De dia conduzindo pelas ruas os córos dos adeptos, coroados de choupo e de funcho, comprimindo serpentes domesticadas, e alçando-as acima da cabeça, ias atroando os ares com

os gritos de *Evoé, Saboé,* e dansando a compasso d'estas vozes, *Hyes attes, attes Hyes;* acclamado pelas velhas e comadres, principe e conductor d'aquellas solemnidades, honrado por ellas como aquelle que levava nas procissões as cestas e a hera consagrada, como quem exercia outros officios semelhantes e d'ellas recebias os bolos, os pasteis, as confeições, digno salario de tuas fadigas. E com taes bens quem na verdade te não haveria por feliz? Quem não invejaria a tua fortuna? Depois que te inscreveste no registo dos cidadãos (de que modo, não o indagarei n'este momento), logo elegeste honrado officio, servir de famulo e de escriba a magistrados inferiores. Deixada esta profissão, na qual fizeste quanto hoje nos outros reprehendes, por Jupiter! não deslustraste com o novo teor de vida o berço e os primordios que tiveras. Antes pondo-te a soldo de Socrates e de Simylo, d'aquelles histriões, a quem deram por cognome *gemebundos,* representaste no theatro as infimas figuras. E nas tuas excursões ias pelos alheios campos colhendo os figos, as uvas e as azeitonas, como se tiveras trafico de fructas, e recebendo mais feridas n'estes recontros do que nas luctas scenicas, onde muitas vezes estavam por um fio a tua vida e a dos teus socios no tablado. Porque era sem tregua e sem quartel a guerra que traziam comvosco os espectadores, dos quaes tantas feridas recebeste, que com razão infamas de covardes a todos os que não experimentaram aquelles perigos.

Deixando porém o que na tua vida se poderia excusar com a desculpa da pobreza, venho agora aos que de tua propria indole nasceram. Tal politica elegeste (depois que se te antojou participar tambem no regime da cidade) que, nos dias de prosperidade para a patria, a tua vida semelhava á de uma lebre, receando, tremendo e suspeitando sempre que o ultimo supplicio viesse castigar-te, pelas iniquidades de que a tua consciencia te accusava; quando a adversidade aos outros affligia, então era insolente e audaz o teu olhar. E um homem, que se alegra com a morte de dez mil concidadãos, que pena merece lhe inflijam os que sobrevivem á catastrophe? Muito mais podera agora accrescentar ácerca d'elle. Remetta-se ao silencio. Porque não julgo licito dizer quanto seja indecoroso e infamente para Eschines, senão o que a mim proprio me não é indecoroso referir. Faze tu, pois, ó Eschines, com lenidade, sem acrimonia, o parallelo da tua e da minha vida. E pergunta depois aos que estão presentes, qual inveja cada um d'elles, a minha ou a tua fortuna.

Ensinavas na escola primeiras lettras; eu na escola as aprendia. Iniciavas; eu era iniciado. Dansavas nos jogos publicos; eu presidia-os e pagava-os. Eras escriba nos tribunaes; eu orador nas assembléas. Eras histrião; eu espectador. Caías no tablado; eu dava pateada. Advogavas no governo os interesses do inimigo; eu a causa da minha patria. Não proseguirei no parallelo senão para ainda dizer que n'este dia, para obter a coroa, sujeito eu os meus serviços ao juizo da republica, e saio absolto de toda a culpa, quanto á minha admistra-

ção. Tu ao revez, ficas hoje convencido de vil calumniador; e está para ti posta em balança ou a faculdade de levantar novos aleives, ou a necessidade de emmudecer perpetuamente, se não alcanças a quinta parte dos suffragios. Agora vê, ó Eschines, se a tua esplendida fortuna te dá direito a tachar de ingrata a minha. Venham as testemunhas ácerca dos officios, que tenho desempenhado na republica, para que eu vol-os recite, Athenienses. E tu, Eschines, recita-nos tambem aquelles versos, que tu estropeavas no theatro:

> Eis-me. Deixei das trevas o recinto
> (EURIPIDES. *Hecuba.*)

ou tambem

> Sabei que a meu pesar vos annuncio
> Triste destino.
> (SOPHOCLES. *Antigone.*)

E... triste destino te dêem tambem os deuses e os juizes, a ti, que és cidadão tão indigno como vilissimo histrião. Lêam-se os depoimentos.

TESTEMUNHAS

Tal hei sido no que respeita ao governo da republica. Na vida privada, se nem todos vós sabeis que fui sempre humano, benevolente e valedor dos necessitados, calarei as minhas acções. Não referirei em meu abono, nem invocarei testemunhas para que digam a quantos cidadãos resgatei do poder dos inimigos, a quantas donzellas indigentes eu dotei, quantas outras boas obras exerci. Porque sempre hei respeitado como regra, que n'aquelle que recebe o beneficio, é a perpetua lembrança obrigação; no que o faz é dever o prompto esquecimento; para que o primeiro faça officio de agradecido, o segundo de magnanimo. Porque recordar e publicar o beneficio, quasi o mesmo é que lançal-o em rosto. Não serei eu quem offenda estes preceitos, individuando o bem que fiz. Qualquer que seja o conceito, que n'este ponto vos mereça, com esse me dou por satisfeito.

Deixados os negocios particulares da minha vida, quero dizer ainda alguma coisa ácerca dos que vos são communs. Se tu, ó Eschines, d'entre todos os homens, Hellenos ou Barbaros, de quantos este sol hoje allumia, podes citar um só, que escapasse outr'ora á dominação de Philippe, agora á de Alexandre, comtigo hei de confessar que a minha fortuna, ou antes desfortuna, se te apraz chamar-lhe assim, foi a causa de todas as nossas calamidades. Se pelo contrario muitos dos que nunca me viram, nem ouviram a minha voz — não já pou-

cos homens, senão cidades e nações inteiras—, teem padecido infinitos damnos e desastres, não é mais conforme á justiça e á verdade, o buscar por causa de tantos males a sorte que a todos em commum nos perseguiu, a uma nefasta influição, que torceu a corrente dos negocios?

Tu, porém, esquecendo tudo isto, porque eu assistia ao governo da cidade, lanças á minha culpa todos os males, sabendo tu que, se não toda, ao menos uma parte da censura a todos cabe, e a ti melhor do que a ninguem. Se eu houvesse, com plena autoridade e summo imperio, decidido então a meu talante os negocios da republica, bem era que vós, os outros oradores, viesseis criminar-me. Mas se a todas as assembléas assististes, se era ali sómente que os negocios se ponderavam e resolviam, se quanto eu propuz parecia então louvavel a todos os cidadãos, e a ti principalmente (e não foi por benevolencia para comigo que me cedeste o logar das esperanças, dos louvores, das honras solemnes, justo galardão do que eu fizera, senão vencido pela verdade manifesta, e porque te era impossivel aconselhar melhores alvitres), não commettes hoje uma atroz iniquidade, condemnando agora aquillo mesmo, que não podeste substituir com maior proveito publico? Entre todos os outros povos vejo ordenadas e estabelecidas estas leis de justiça e de equidade. Delinquiu alguem voluntariamente? Pune-o a indignação e o castigo. Peccou involuntariamente? Ceda a pena o logar á indulgencia. Não peccou nem delinquiu, antes devotando-se de todo o coração ao que pedia o bem da patria, não foi em todas as emprezas venturoso? Não é justo que n'esse homem se reprehenda e vitupere a má fortuua, senão que a lastimemos todos como propria. Tão evidentes são estes preceitos, que não sómente nas instituições os vemos consagrados, mas a mesma natureza na lei não escripta, nos costumes humanos os sanccionou. E em tanta maneira Eschines excede aos outros homens na protervia e na calumnia, que pelos successos que elle proprio reputa injurias do destino, por esses mesmos me accusou. Parecendo respirar em seus discursos bondade e singelesa, exhortou-vos entre outras coisas a que vos recatasseis e precavesseis contra mim, para que eu vos não seduzisse e enredasse com as minhas palavras perigosas, como de homem astuto, sophista e embaidor. Como se a um orador, porque sendo o primeiro a discursar, disse ácerca de outro o que á bocca lhe accudiu, hajam de acredital-o os que o ouviram, e não tenham o direito de inquirir quem é o homem que fallou. Sei que ha muito conheceis este homem, e julgaes que melhor a elle do que a mim o retratam os nomes que me deu. Sei tambem que a minha eloquencia... (releve-se-me o termo: se bem eu reconheça que do auditorio pende, na maxima parte, como de arbitro supremo, a reputação do orador; e pela benevolencia, com que o ouvis e acolheis, se aquilatam as excellencias da sua palavra). Se em mim, direi, existe uma tal ou qual pericia no dizer, vós a tendes visto em todos os negocios publicos, sempre em vosso fa-

vor, jámais contra vós empregada, ainda mesmo nos litigios particulares. A eloquencia de Eschines, ao contrario, não sómente serve em favor dos inimigos senão contra alguem que o molestou ou lhe caiu em desagrado. Jámais d'ella usou honestamente em proveito da republica. E o que se preza de bom e honrado cidadão, não ha de pedir a juizes, chamados a dirimir as causas publicas, que sejam fautores de suas iras, de seus odios e paixões; nem subir á tribuna, com tão ruim proposito; antes se deve despojar dos impetos da sua propria natureza, ou temperal-os com bondade e moderação, se os não póde inteiramente soffrear. Quando é que ao estadista, ao orador vae bem a vehemencia da palavra? Quando graves perigos ameaçam a republica ou quando entre o povo e os seus inimigos se levantam contenções. Só então. Estes são os officios de um generoso e eximio cidadão. E que não haja Eschines ousado nunca em seu nome, ou em nome da cidade, pedir justiça contra mim por crime publico, direi mais, nem por delicto particular, e que saia hoje a disputar-me a coroa e o louvor, exhaurindo o engenho em taes discursos! Signal é este de odio, de inveja e mesquinhez: não indicio de rectidão. Evitar comigo a lucta a rosto descoberto e saltear Ctesiphonte, é o cumulo da malevolencia e da improbidade.

Parece-me, segundo foi, ó Eschines, o teu discurso, que antes por ostentar a tua dextresa na arte de modular a voz, do que para pedir a pena de um delicto, saiste a campo n'esta lucta. Mas o que mais se preza no orador não é a formusura dos seus periodos, nem o tom da sua voz; senão que ajuste os seus pensamentos aos dos seus concidadãos, e odeie ou ame aquelles mesmos, a quem a patria vota o seu odio ou o seu amor. Porque n'aquelle em quem imperam estes sentimentos é o patriotismo a inspiração. O que, ao revez, serve aquelles que ameaçam perigos á republica, não se firma na mesma ancora, nem tem a mesma esperança de salvação. Mas eu —não vês?—por meus tomei os interesses da republica, e jámais tive algum que me fosse proprio e individual. Dir-me-has que tambem tu? Como? Tu que logo apoz a batalha saiste, embaixador de Athenas a Philippe, o auctor de todas as calamidades que n'aquelles dias padeceu a nossa patria; sendo que nos tempos decorridos até ali sempre, como todos sabem, recusáras este encargo? Quem pois engana a republica? Não é o que uma coisa sente e outra diz? Sobre quem recaem as execrações proferidas pelo arauto em cada assembléa? Não é em tal homem porventura? Que mais grave culpa pode alguem imputar a um orador que a de fallar contra o proprio sentimento? E este proceder é hoje demonstrado que o tiveste. E depois d'elle ainda ousas erguer a tua voz, e olhar de fito em fito os rostos dos teus concidadãos? Julgas acaso que não sabem quem tu és? Ou que tal somno e olvido haja tomado a todos, que se não lembrem já das orações que ante o povo declamaste, jurando e attestando que nenhum vinculo com-

mum te ligava com Philippe, e que eu por odio pessoal te achacava este delicto, não sendo verdadeiro? Apenas porém chega a primeira nova da batalha, havendo em nenhuma conta os teus protestos, logo principiaste a confirmar e encarecer a tua amisade e valia com Philippe, disfarçando com estes nomes a tua venalidade. E porque titulo de conveniencia ou de egualdade, ó Eschines, do filho de Glaucothéa, a tympanista, havia de ser Philippe o hospede, o amigo, ainda sequer o conhecido, não o posso acabar de comprehender.

A rasão é que andavas a soldo de Philippe para lhe entregar os interesses da republica. E assim publicamente convencido de traidor perante os teus concidadãos, tornado, apoz os ultimos desastres, o teu proprio delator, me exprobras e doestas pelo que em todos primeiro do que em mim melhor poderas condemnar.

Muitos illustres e grandes feitos, ó Eschines, emprehendeu e levou a feliz termo por meu conselho esta republica, os quaes não deslembrou. E a prova eil-a evidente. Elegendo os Athenienses quem proferisse o elogio dos que haviam morrido na batalha ainda recente, não te elegeu o povo a ti, se bem o havieis sollicitado, e te preconisasse a belleza da tua voz; nem a Demades, que havia pouco ajustára a paz; nem a Hegemon, nem a algum outro de vossa parceria, senão a mim. E saindo tu juntamente com Pytocles (e com que fereza e desvergonha, ó Jupiter, ó deuses!) a lançar-me em rosto os mesmos apodos e accusações, com que hoje me affrontaste, com dobrado fervor confirmou o povo a eleição. E posto que não ignores os motivos d'este caso, quero-os comtudo referir. Sabiam os cidadãos por uma parte o zelo e a devoção com que eu administrara os negocios da republica; pela outra as vossas iniquidades. Porque quando corriam prosperos a Athenas os successos, negavas com juramentos o que de plano confessavas, se os desastres affligiam a cidade. Aos que que assim firmavam a impunidade dos seus intentos na adversa fortuna da sua patria, haviam os Athenienses por inimigos da republica, secretos a principio, agora declarados. Havia Athenas por decoroso que o orador que houvesse de recitar o panegyrico dos mortos e commemorar as suas virtudes, não tivesse nunca sido hospede nem contubernal d'aquelles mesmos, contra quem tão illustres cidadãos haviam saido a pelejar. Não julgava que os mesmos homens, que com os proprios homicidas dos nossos concidadãos haviam celebrado em hymnos e festins os revezes da sua patria, devessem, volvendo a Athenas, receber mercê e honra da republica; nem chorassem com lagrimas fingidas o destino dos heroes, senão que do fundo d'alma a dor sincera o lastimasse. E esta dor viam-n'a os cidadãos de Athenas em si mesmos, em mim, não em vós outros. E por isso a mim, não a vós outros elegeram. E não sómente assim o povo procedeu, mas do mesmo modo procederam os paes e os irmãos, prepostos pelo povo, para entender nas exequias dos que haviam perecido na batalha. Porque

mandando o costume celebrar o funebre convivio no domicilio do mais proximo parente, em minha casa determinaram de o fazer. E avisados andaram n'este arbitrio. Porque se a cada um dos mortos era pelo sangue mais conjuncto cada pae ou cada irmão, ninguem a todos elles em geral era mais afim do que eu pelos vinculos da patria. Porque ao mesmo, a quem mais importara a salvação e a victoria dos guerreiros, a esse, depois que elles padeceram seu ultimo desastre (e oxalá nunca o houveram padecido) deveria caber o maior quinhão na lastima de todos. Recite-se a inscripção, com que o povo honrou publicamente o monumento d'aquelles cidadãos, para que tu em presença d'ella acabes, ó Eschines, de convencer-te de que és um insensato, um calumniador, um scelerado!

INSCRIPÇÃO

«Estes em prol da sua patria, vestiram as armas para o combate e repelliram a insolencia dos inimigos. Animados pela virtude e pelo valor, não buscaram salvar as suas vidas, antes baixaram ao reino de Plutão, arbitro commum. Pelejaram para que os Hellenos não curvassem a cervis ao jugo de uma odiosa servidão.

«A terra da patria esconde no seu seio os corpos d'estes bravos. Porque é esta a lei imposta por Jupiter aos mortaes.

«Só é proprio dos deuses não errar e levar a feliz termo suas emprezas. A nenhum homem é dado fugir ao seu destino.»

Ouviste, Eschines, nas palavras do epitaphio que «só é proprio dos deuses não errar e levar a bom termo suas emprezas?»

Não attribue a inscripção aos ministros e oradores o tornar feliz o exito dos combates, antes aos deuses reserva este poder. Porque pois, ó reprobo, me vituperas e lanças os anathemas, que os deuses façam cair na tua cabeça, e nas dos teus?

Capitulando e fabulando este homem, Athenienses, muitas e varias accusações, nenhuma circumstancia me encheu de tamanho assombro como esta que vou dizer. Revocando á memoria as calamidades da republica, não revelou o pesar de um bom e dedicado cidadão, nem derramou uma só lagrima, nem se affligiu do intimo d'alma com os revezes da sua patria. Antes alteando a voz, alegrando-se e clamando estrondosamente, emquanto buscava tachar-me de culpado, a si mesmo se delatava, como quem da commum adversidade se não lastimava com sentimento egual ao dos outros cidadãos. E todavia quem, como Eschines, se presa de zelar as leis e o regimento da republica, deve ao menos, se mais não póde, doer-se das angustias, alegrar-se com as venturas, quando se doem ou alegram os seus compatriotas; e não, com a sua politica, enfileirar-se

no arraial dos nossos inimigos. O que a todos é manifesto que fizeste, tu, que hoje me denuncias por causador de todos os nossos males, e affirmas que por meu induzimento veiu Athenas a padecer as injurias da fortuna; sendo que não foi por seguir a minha politica e ceder aos meus conselhos que a principio determinastes, Athenienses, soccorrer aos demais Hellenos. Porque se tão singular privilegio me tivesseis concedido, qual o de haverdes por meu aviso oppugnado a dominação que assoberbava a toda a Hellade, a mim me houvereis feito maior honra do que jámais concedestes a nenhum outro cidadão. Mas não ouso eu levantar-me a tão altá supposição (ultraje fôra contra vós) nem certamente — bem n'o sei — com bom animo o haverieis de soffrer. E se a Eschines movesse o respeito da justiça, não viera elle, por seus odios contra mim, empanar e desluzir os vossos feitos mais illustres e gentis.

Mas porque affadigar-me em condemnar estas calumnias, se outras mais acerbas urdiu e fabulou? Um homem que se atreve (ó terra! ó deuses!) a accusar-me a mim de *philippismo*, que mais não será capaz de proferir? E todavia, — por Hercules e por todos os deuses immortaes! se pômos os olhos na verdade, affastando do meio dos debates as calumnias e as objurgações que o odio inspira —, quem são verdadeiramente aquelles, sobre cujas cabeças com razão e com justiça deve recair a culpa dos nossos infortunios? Achareis que são em cada cidade hellena os que a Eschines semelham, não a mim. Quando era ainda frouxo o poderio de Philippe e escassos ainda os seus recursos, em quanto nós uma e mil vezes repetiamos os nossos vaticinios, os nossos conselhos, as nossas exhortações, sobre o que melhor convinha á occasião, desamparavam aquelles homens pela cobiça de sordidos salarios, a causa de toda a Hellade, e cada um em sua republica, illaqueando a uns, corrompendo a outros, a todos vendiam a final por servos a Philippe. Aos Thessalios, Daocho, Cineas, Thrasideo; aos Arcadios, Cercidas, Eucalpidas, Hieronymo; aos Argivos, Myrtis, Mnaseas, Teledamo; aos Eleatas, Euxitheo, Cleotimo, Aristœchmo; aos Messenios, Neon e Thrasylacho, ambos filhos de Philiades, inimigos dos deuses immortaes; aos Sycyonios, Aristrato, Epichares; aos Corinthios, Dinarcho, Demarato; aos Magareos, Ptœodoro, Elixo, Perilao; aos Thebanos, Timolao, Theogiton, Anemœtas; aos Eubeos, Hipparcho, Sosistrato, Clitarcho. Ser-me-hia breve o dia para citar os nomes dos traidores. Estes são, Athenienses, os que nas cidades que regiam, ordenaram as mesmas traças que Eschines em Athenas, e os seus andavam concertando, homens abominaveis, aduladores, peste de toda a Hellade; os quaes depois de haverem mutilado cada qual a sua patria, em seus sacrilegos festins beberam a liberdade á saude de Philippe e depois á de Alexandre; e medindo pela gula e por vergonhosos appetites a sua bemaventurança, subverteram a liberdade, e — o que os Hellenos de outras eras sempre houveram por norma e limite de todo o bem —, a inestimavel exempção de não reconhecer nenhum

senhor. D'esta infame e notoria malicia e conspiração, melhor direi, Athenienses (se havemos de appellidar as coisas por seu nome), d'esta traição á liberdade dos Hellenos, ficámos, graças á minha politica, a republica e eu, innocentes de toda a culpa, vós aos olhos de todo o mundo, eu no vosso conceito e opinião. E ainda, ó Eschines, me perguntas por que virtudes julgo merecer a honra de uma coroa? Eis a resposta que te dou. Quando todos os que regiam as republicas hellenicas, a começar por ti, se deixavam corromper, outr'ora por Philippe, hoje por Alexandre, nem a occasião, nem as blandicias do discurso, nem a valia das promessas, nem a esperança, nem o receio, nem o favor, nada emfim me incitou e seduziu a trair o que eu julgava ser o direito e o interesse da minha patria. Nem quanto aconselhei aos Athenienses jámais o aconselhei como vós outros, pendendo á guisa de balança para o lado onde a peita era avultada: antes com animo liso, honesto, incorruptivel, me desempenhei dos publicos encargos. E dirigindo negocios mais graves e difficeis que nenhum outro homem d'este tempo, a todos tractei com summa integridade e rectidão. Estes são os titulos, por que mereço a coroa. O haver eu reparado os muros e os fóssos da cidade, julgo-o, apesar dos teus motejos e ironias, acção digna de gratidão e de louvor. E porque não? Mas em muito menor preço a avalio do que os feitos politicos da minha administração. Porque não foi com pedras nem tijolos que eu fortifiquei esta cidade, nem são elles o mais firme cimento da minha gloria. Mas se queres saber ao certo quaes foram as muralhas, que eu eregi, acharás armas, cidades, fortalezas, navios, cavallos e numerosos exercitos, armados para a defensão d'esta republica. Estes foram os presidios, com que apercebi a Attica, segundo permittia a humana previsão. Estas as torres e tranqueiras, com que fortaleci toda a provincia, e não apenas o circuito do Piréo ou da cidade. Não me venceu a mim Philippe na prudencia (longe d'isso) nem nos apercebimentos militares, mas venceu a fortuna os generaes e os exercitos alliados. E que provas tenho d'isto? Eil-as aqui manifestas, evidentes. Examinae-as pois, Athenienses. Que cumpria fizesse um zeloso cidadão, que com previdencia, energia e probidade, lidava pelo bem da sua patria? Não devia da parte do littoral escudar a Attica pela Eubéa? da parte sertaneja pela Beocia? da parte do Peloponneso pelos povos que lhe demóram na fronteira? Não devia prover a que os mantimentos se podessem transportar seguramente até o Piréo? Por um lado conservar os territorios, que eram nossos, enviando-lhes soccorros, e convertendo a este fim os discursos e decretos? Por outro lado attrair á nossa amisade e federação a Byzancio, Abydos, a Eubéa? Diminuir o mais possivel as forças, que sobravam ao inimigo, accrescentar as que falleciam a Athenas? Tudo isto commettestes e acabastes por virtude dos meus decretos e dos meus actos no regimento da republica. E se alguem, Athenienses, sem inveja quizer avaliar os meus conselhos e propositos, achará que quanto fiz o deliberei maduramente

e com rectidão o executei; e não desaproveitando, não esquecendo, nem traindo jámais o ensejo proprio, de quanto pendia do esforço e do engenho de um só homem, nada omitti nem descurei. Se o poder de alguma infesta divindade, ou a duresa da fortuna, se a inepcia dos generaes ou a protervia dos traidores, que venderam as cidades, ou todas estas causas juntamente foram minando a Hellade, até que a final a derrocaram, qual é o crime de Demosthenes? Se qual eu fui entre vós, sempre firme no meu posto, tivesse havido um homem em cada uma das cidades hellenicas, ou antes se a Thessalia, se a Arcadia houvessem cada uma possuido ao menos um cidadão que pensasse como eu, nenhum dos Hellenos, que demoram áquem ou além das Thermopylas, lastimaria as presentes calamidades. Antes gosando todos de sua liberdade e de suas leis, seguros, quietos e felizes, habitariam as suas patrias, e de tantos e tamanhos bens por minha causa vos renderiam graças a vós e aos demais Athenienses. E para que vejaes quanto em mim excederam sempre as obras ao encarecimento das palavras, de que o receio das invejas me obriga a ser avaro, lêa-se a lista dos auxilios e soccorros segundo os decretos, que propuz.

NUMERO DOS AUXILIOS, SEGUNDO OS DECRETOS DE DEMOSTHENES

Estes e taes feitos devem ser, ó Eschines, os de um zeloso e honesto cidadão. E se o exito nos houvera sido favoravel, ó terra, ó deuses! seriamos agora chegados com razão ao fastigio da grandeza. E pois que os acontecimentos levaram outro curso, resta-nos ao menos a honrada fama de nossas acções, resta-nos que ninguem possa culpar Athenas nem a sua politica; antes accuse apenas a fortuna, de quem pende o desenlace dos successos. Estas são as obrigações do cidadão, e não —por Jupiter!— desamparar a causa da republica, andar a soldo de seus adversarios, e aproveitar as occasiões em favor dos inimigos e contra a liberdade da sua patria; nem detrair aquelle cidadão, que perseverante vindicou em suas orações e em seus decretos a magestade da republica, nem guardar cioso na memoria as offensas pessoaes, nem viver no ocio funesto e insidioso, como tu fazes tantas vezes.

Ha sem duvida ocios licitos e convenientes á republica, os quaes muitos de vós com simplesa e lealdade observaes. Mas não é certamente d'este genero o ocio do meu accusador. É ao contrario diversissimo. Affastado dos negocios, quando lhe apraz (e a miudo lhe apraz esta exempção) espia o momento em que vos enojaes de ouvir um orador infatigavel na tribuna, ou em que a fortuna vos suscitou algum desastre, ou em que algum mal aconteceu (e não são raros no decurso da vida humana), e n'aquelle ensejo surge improvisamente do seu ocio o orador, á maneira de um vento impetuoso. Pompeando

então a voz sonora, ensartando palavras e conceitos, eil-o a declamar de um só jacto e sem resfolego discursos, que em vez de produzirem alguma utilidade ou algum bem, se encaminham ao damno de um cidadão ou á deshonra da republica.

E todavia, Eschines, se o teu empenho e diligencia nascessem de tuas rectas intenções e do zelo em negociar o bem da patria, os seus fructos formosos, sasonados, prestadios á republica, haviam de ser as allianças de cidades, os subsidios de dinheiro, os augmentos do commercio, a promulgação de leis saudaveis, a resistencia aos nossos manifestos inimigos. Porque todas estas coisas foram nos tempos passados trazidas a conselho, e mil vezes aos homens honestos e benemeritos deram occasião de assignalar a sua devoção pela republica. E tu não foste entre elles o primeiro, nem o segundo, nem o terceiro, nem o quarto, nem o quinto, nem o ultimo. Nem ao menos quando se tractava de engrandecer a nossa patria. E de feito, que alliança concertou esta republica por tua intervenção? Que auxilio, ou accrescentamento de amisades, ou de glorias? Que embaixada? Que officio teu sublimou a magestade da republica? Que negocio de Athenienses, de Hellenos ou peregrinos foi, por tua industria, conduzido a feliz termo? Quaes as triremes? Quaes as armas? Quaes os arsenaes? Quaes as muralhas? Quaes os esquadrões? Qual emfim a tua utilidade no governo? Que liberalidade tua publica ou privada aproveitou aos cidadãos abastados ou acudiu aos indigentes? Nenhuma. Se porém, dirás tu, por esses titulos não fui benemerito da patria, sagrei-lhe o meu zelo e dedicação? Aonde? Quando? Quando todos os cidadãos, ó grande scelerado! quantos oravam na tribuna, acodiam de sua fazenda á salvação da patria, quando ainda Aristonico ultimamente lhe doou o dinheiro, que havia accumulado para sua rehabilitação, nem então appareceste, nem a Athenas déste uma só drachma. E não por tua pobreza. Acaso a poderias invocar? Tu que mais de cinco talentos havias recebido da herança de Philon, teu parente; sem fallar de dois talentos que te haviam dado os chefes das symmorias, por teres abrogado a minha lei relativa ao armamento das galés. Mas porque n'este meu discursar, concluida uma razão, outra razão me acode logo, nascida da primeira, e porque não desejo transviar-me do meu proposito, callarei o mais que n'este ponto houvera de dizer. É porém manifesto, que se tu cerraste a bolsa, não foi por indigencia, mas para não contrariar aquelles, por cujos interesses moldaste sempre a tua politica. Em quaes occasiões e em que tempo mostras todo o teu esforço varonil e o esplendor da tua palavra? Quando vem o ensejo de fallar contra os teus concidadãos, então é brilhante e sonora a tua voz, feliz a tua memoria, então surge o consummado actor, o tragico Theocrines.

Recordas com elogio os varões insignes, que n'outras edades floreceram. E bem é que assim o faças. Não é justo, porém, Athenienses, que Eschines, abu-

sando da vossa veneração pelos mortos benemeritos, os confronte comigo, que vivo ainda no vosso gremio. Qual d'entre vós não sabe que aos homens, emquanto vivos, os affronta mais ou menos a inveja? e que para com os mortos abonançam os proprios inimigos o seu odio? E sendo assim a condição humana, é por ventura pelos que antes de mim foram que hei de ser medido e aquilatado? Certamente não (não seria, ó Eschines, justo nem egual o parallelo); antes comtigo ou com aquelle que elegeres d'entre os teus semelhantes e confrades ainda vivos, me deves comparar. Considera qual é mais decoroso e util á republica, —se por honrar as boas acções de nossos antepassados (beneficios relevantissimos e taes que os não poderia assás encarecer o maximo elogio), votar á ingratidão e ao desprezo os serviços prestados no presente;—se a todos, quantos bem servem a patria com devoção e lealdade, fazer participantes no louvor e galardão. Ainda mais, se me é licito dizel-o, avaliada sem malicia, a minha politica foi conforme nos intentos e nos feitos á dos varões que outr'ora elogiaste: a tua á dos homens que offenderam e calumniaram aquelles cidadãos. Porque é notorio que tambem n'aquelles tempos havia homens apostados a infamar os vivos, a incensar os mortos, fazendo, como tu, officio de maledicencia e de calumnia. E dizes que não sou eu semelhante áquelles homens? E és tu, Eschines, a elles semelhante? Sêl-o-ha acaso teu irmão? Sêl-o-ha algum dos oradores contemporaneos? Eu digo que nenhum. Confronta pois, ó justo (não quero dar-te agora outro epitheto), confronta os vivos com os vivos, e cada um com os seus congeneres, como n'estes parallelos se deve usar; como a respeito dos poetas, dos musicos, dos luctadores. Não voltou Philammon dos jogos olympicos sem coroa, ainda que menos esforçado do que era Glauco, o de Carysto, e alguns outros athletas seus antecessores; mas porque venceu os que com elle sairam a luctar, por isso foi coroado e proclamado vencedor. Compara-me, pois, com os oradores do nosso tempo, comtigo proprio, com qualquer outro que tu queiras eleger (não retrairei diante de nenhum), com aquelles, aos quaes sobrelevei em bom conselho, quando estava patente o estadio a quantos porfiassem em bem servir a Athenas, quando por meus decretos, por minhas leis e embaixadas se dirigiam os negocios da republica. Nenhum de vós ao contrario apparecia n'aquelle tempo, senão para affronta e damno de vossos concidadãos. E depois que veiu a succeder o que oxalá nunca tivera acontecido, quando já em Athenas se não buscavam conselheiros, senão servos obedientes aos mandados, homens cubiçosos de vender os seus serviços contra a patria, cortesãos diligentes em adular, então apparecestes, tu e os teus eguaes, qual de vós mais lusido e sumptuoso, pompeando esplendidos corseis. Era eu então —confesso-o— mais humilde do que vós, porém mais do que vós amigo da republica.

Duas são, Athenienses, as qualidades que devem exornar o que é por natureza honesto cidadão (tomando para mim este nome, escolho o que menos

offende a inveja de ninguem). A primeira que no exercicio de suas magistraturas se empenhe por conservar á republica a sua preeminencia e magestade. A segunda que em todas as occasiões e em todos os seus actos guarde sempre lealdade e amor á patria. Cabem estes deveres na jurisdicção da natureza; o poder e o triumpho na alçada da fortuna. E que fui sempre leal e devotado á vossa causa, facilmente o podeis reconhecer. Vêde e examinae. Nem quando os meus inimigos pediam a minha cabeça, nem quando me citavam ao tribunal dos amphictyões, nem quando pelas ameaças buscavam intibiar-me, nem quando pelas promessas corromper-me, nem quando arremessavam estes scelerados, como outras tantas feras, contra mim, nem então no minimo ponto atraiçoei o amor da patria. Porque desde que principiei a entender nos negocios publicos, elegi por caminho direito e justo de minhas acções politicas o servir e accrescentar a honra, o poder, a gloria da republica e votar-lhe a minha vida inteira. Quando a fortuna é propicia ao inimigo, não sou eu que passeio na praça, radiante e jubiloso, estendendo a dextra e dando alegres novas áquelles que as hão de enviar ao Macedonio. Nem sou eu que oiço os successos felizes da nossa patria, estremecendo, suspirando e baixando os olhos para o chão como fazem estes impios, que ultrajam a republica, como se tal procedimento não ultrajara ao mesmo tempo a propria reputação. Os quaes alongando as vistas para além de nossas fronteiras, celebram os triumphos d'aquelle que nas desgraças de toda a Hellade tem firmada a sua ventura; e dizem dever empenhar-se todo o esforço para que lhes seja mantida em todo o tempo.

Exoro-vos, ó deuses immortaes, para que nenhum de vós acceda aos votos d'estes impios. Antes lhes inspirae mais rectas intenções, mais claro entendimento. Se porém é incuravel o seu erro, exterminae-os um a um, e castigae-os com exicio prematuro, tanto na terra como no mar. E a nós, os restantes cidadãos, livrae-nos dos perigos impendentes e concedei-nos segura salvação.

ERRATAS PRINCIPAES

PAG.	LIN.	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
XXIII	29	*Niebelungens*	*Niebelungen*
XXVI	21	appositadamente	appositamente
LXIV	18	ρ.ζώμχτχ	ριζώματα
LXV	1	Empedocles	Empedocles)
LXXI	28	αὐτοκτατής	αὐτοκρατής
LXXXVII	29	Philolaus	Philolau
CXIX	11	vezes	rezes
CXL	3	XIII	XVIII
CLI	28	facundià	fecũndia
CLII	3	alunmo	alumno
CLV	2	ἀκόδειξίς	ἀποδειξις
CLXVIII	35	γίνεσθχε	γίνεσθαι
CLXIX	38	λιπ:ιν	λείπειν
CLCIX	14	Um	é um
CCI	12	κατάστασς ἔτουις	κατάστασις ἔτους
CCII	13	do medico	o do medico
»	»	e a historia	a historia
CCIX	34	κυανέηςσιν	κυχνέησσιν
»	»	ὶφρυσι	ὀφρυσι
CCX	29	deou	ideou
CCXIX	38	dic	die
CCXXXV	36	*Chrit.*	*Christ.*

NOTA

CONTENDO A AVERIGUAÇÃO DA DATA

EM QUE CHEGOU AO PORTO DE LISBOA O CAPITÃO-MÓR

VASCO DA GAMA

NO REGRESSO DA SÜA PRIMEIRA VIAGEM Á INDIA

APRESENTADA

Á ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

PELO SOCIO EFFECTIVO

José da Silva Mendes Leal

NAS SESSÕES DE 15 DE JUNHO E 13 DE JULHO DE 1871

NOTA

CONTENDO A AVERIGUAÇÃO DA DATA EM QUE CHEGOU AO PORTO DE LISBOA O CAPITÃO-MÓR VASCO DA GAMA NO REGRESSO DA SUA PRIMEIRA VIAGEM Á INDIA

Entraram pela foz do Tejo ameno,
E á sua patria e rei, temido e amado,
O premio e gloria dam, por que mandou,
E com titulos novos se illustrou.

CAMÕES, *Lusiad.*, Cant. X, Est. 144.

I

Em dois principaes grupos se repartem as auctoridades que melhor podem authenticar esta data. Um d'esses grupos adopta geralmente o principio de setembro, sem fixar dia; o outro designa determinadamente o dia 29 de agosto.

Pertencem ao primeiro grupo:

CASTANHEDA, que se exprime n'estes termos: «e chegou a Belẽ em Setembro do ãno de 1499, avẽdo dois annos e dois mezes q̃ dali partira[1].»

ANTONIO GALVÃO, cujo texto é o seguinte: «e vieram ás ylhas de Cabo-Verde, e á cidade de Lisboa, na entrada do mes de Setembro, e poseram vinte e seis meses neste caminho[2].»

JOÃO PEDRO MAFFEO, que escreve: «Olisiponem summo Dei beneficio tenuit septembri mense anni millesimi etc.[3].»

O padre LAFITAU[4], LA-CLÈDE[5], VALCKENAER[6], e DOMINGUES DE MENDONÇA[7],

[1] *Hist. do Descob. e Conq. da India*, liv. I, cap. 29.º, pag. 61. (Ed. 1578)
[2] *Trat. dos Descob. ant. e mod.*, fol. 27 v. (Ed. 1563)
[3] *Hist. ind.*, lib. I, pag. 29. (Ed. de Florença, 1588)
[4] *Hist. des Découv. et conquest. des Port. dans le Nouv. Mond.*, tom. I, liv. 2.º
[5] *Hist. geral de Port.*, tom. VII, pag. 147. (Vers. port., Ed. 1785)
[6] *Collect. des Relat. de Voyag.*, tom. I, chap. 5.º
[7] *Hist. de Port.*, acrescentando a versão de SCHÆFFER, tom. VI, pag. 134.

compiladores de mais ou menos merito, indicando egualmente setembro e de modo egualmente vago, não fizeram senão seguir os antecedentes. O mesmo se verifica no prologo de MORELET[1].

Pertencem ao segundo grupo:

JOÃO DE BARROS, cujas palavras são: «Partido Vasco da Gama d'aquella ilha Terceira a vinte nove dagosto chegou ao porto de Lisboa[2].»

DAMIÃO DE GOES, que diz assim: «chegou a Lisboa aos XXIX dias do mez dagosto do mesmo anno (1499) havendo já dous e quasi dous mezes que partira do mesmo porto[3].»

LUIZ COELHO DE BARBUDA, que escrevia por principios do seculo XVII e termina por este modo a narração da primeira viagem dos descobridores: «Vasco da Gama chega a Lisboa em 29 de Agosto do mesmo anno (1499)»[4].

O respeitavel JOÃO PEDRO RIBEIRO, tratando dos titulos usados pelo sr. rei D. Manuel, diz tambem: «Desde a morte da mesma (a rainha D. Izabel de Castella) continuou com o antigo titulo até o anno de 1499, em que talvez por occasião da chegada da armada de Vasco da Gama, em 29 de agosto do mesmo anno, acrescentou o titulo com as palavras: — da conquista, navegação, etc.»[5].

O douto almirante IGNACIO DA COSTA QUINTELLA, averiguador consciencioso e notavel homem de mar, adoptando sem a menor duvida a relação de Barros, desassombradamente escreve: «d'esta ilha (Terceira) partiu Vasco da Gama para Lisboa, onde chegou a 29 de agosto»[6].

O alemão HENRIQUE SCHÆFFER, seguindo egualmente a indicação de Barros, expressa-se n'estes termos: «A 29 de Agosto avistou Vasco da Gama o patrio Tejo, etc.»[7].

A noticia biographica de Vasco da Gama, publicada no *Panorama*, jornal cujas investigações, sobre tudo nas suas primeiras series, sempre se distinguiram por escrupulosa consciencia, assim terminantemente se exprime: «a 29 de agosto entrou em Lisboa»[8].

PEDRO JOSÉ DE FIGUEIREDO expõe com egual segurança: «passados mais de dois annos, e quasi dois mezes, chegou a Lisboa a 29 de Agosto»[9].

[1] *Journ. du voyag. de Vasco da Gama*, versão franceza do *Roteiro*. (Lyon, 1864)
[2] *Asia*, Dec. I, liv. IV, cap. VI. fol. 53. (Ed. 1554)
[3] *Chron. do Felicis. Rey D. Emm.*, part. I, cap. 44.°, fol. 32 v. (Ed. 1619)
[4] *Empres. militar de Lusit.* (Ed. 1624) fol. 115.
[5] *Dissert. Chron.*, tom. II. Appendic. 6.° à Dissert. VI.
[6] *Annaes da Mar. Port.*, tom I, pag. 246.
[7] *Geschichte von Portug.* (Ed. de Hamburgo, de 1850), tom. III, pag. 177.
[8] Num. 26, 1847.
[9] *Retrat. e Elog. dos var. e Don.*, elog. 44.° da collec. (1817)

O sr. Ferdinand Denis, investigador zeloso e entendido, preferiu esta opinião [1].

Com justo discernimento recentemente a seguiram o sr. Santos Firmo, estudioso biographista [2], e o sr. Marx de Sori, official distinctissimo da nossa armada [3].

Confirma-a testimunho de significação tal como é o de Luiz de Figueiredo Falcão, que insere este positivo apontamento: «E o dito Vasco da Gama chegou a Lisboa n'uma caravella, a 29 de Agosto de 1499, havendo já dous annos e quasi dous mezes que partira do mesmo porto [4].»

Robora-a finalmente o texto mal conhecido de Pero Barreto de Rezende, secretario do vice-rei Conde de Linhares em 1635, o qual texto é d'este teor: «Vasco da Gama na ilha Terceira enterrou seu irmão, cuja morte sentiu muito, e depois foi ter a Lisboa no dia atraz referido 29 de Agosto [5].»

Afóra estes dois grupos, o benedictino fr. Antonio de San-Roman indica a data de 20 de agosto [6], sem auctorisar similhante innovação, e provavelmente seguindo Pedro de Mariz [7], que tambem não deu razão da singularidade, depois repetida por Antonio de Moraes Silva [8]. Bem podia, originariamente, aquelle ser lapso do texto, pois que em todas as mais circumstancias Mariz com todo o escrupulo acompanhou Barros.

D. Antonio Caetano de Sousa marca o dia 10 de julho [9].

Gaspar Correa o dia 18 de setembro [10], opinião seguida pelo sr. Teixeira de Aragão [11].

[1] *Univ. Pittor.*, Portug., pag. 154. (1846)

[2] *Notic. sobre a vida de D. Vasco da Gama*, (1867), pag. 20.

[3] *Descobrim. dos Port. nos seculos* XV *e* XVI, pag. 17.

[4] *Liv. de toda a Faz. e Real Patrim.*, publicado em 1859 por ordem do governo, pag. 137.

[5] *Breve Trat. e Epil. de todos os viso-reis que tem havido no Est. da Ind.*, part. I, pag. 20. (Mss. da Bibl. Nac.)

[6] *Hist. Gener. de la Ind. Orient.*, lib. I, pag. 54. (Ed. 1603)

[7] *Dial. de varia hist.*, dial. IV, fol. 224 v. (Ed. 1597)

[8] Notas na versão da *Hist. de Port.* composta em inglez por uma sociedade de litteratos; nota ao tom. II, pag. 228. Moraes cita para auctorisar esta data os testimunhos de Maffeo, Osorio, e Lequien. Maffeo, como se viu, indica o mez de setembro, sem determinar dia. Osorio, como vae ver-se, é ainda menos explicito. Lequien de la Neufville, como se póde examinar (*Hist. Génér. de Port.*, tom. II, liv. V, pag. 58), abstem-se completamente de tocar em tal investigação.

[9] *Hist. Geneal. da Casa Real Portug.*, tom. III, pag. 168.

[10] *Lend. da Ind.*, tom. I, cap. 21.º, pag. 138.

[11] *D. Vasco da Gama e a Villa da Vidig.* (1871)

O venerando bispo D. JERONYMO OSORIO designa o anno, mas não o dia nem o mez [1].

O inglez BARROW, imitando a reserva do bispo Osorio, apenas consigna: «chegou no mesmo anno de 1499» [2].

A *Navigatione di Vasco di Gama*, escripta por um fidalgo florentino, com ser relação contemporanea do successo, é perfeitamente ommissa a tal respeito, o que não admira, porque mais tem o caracter de apontamento commercial que de noticia historica, e puramente commercial foi com toda a probabilidade o intuito do auctor colligindo as informações dos regressados [3].

No *Jornal das viagens dos portuguezes ás Indias desde o anno de 1497 até 1642* acha-se inscripta a data da partida, e essa mesma errada; mas nem sequer se faz vaga referencia á chegada, apesar da summa importancia de tal feito [4].

FARIA E SOUSA dá esta indicação: «hizo su entrada por la bocca del Tajo (aviendo dos años y casi dos meses que avia salido por ella [5])», e o mesmo por duas vezes repete em *Lusiadas commentadas* [6].

O cardeal D. fr. FRANCISCO DE S. LUIZ aponta o seguinte: «a 29 de julho (alguns dizem de agosto) entrou Vasco da Gama no Tejo &[7]» Parece haver n'esta parte acceitado, sem verifical-a devidamente, a indicação de DIOGO BARBOSA MACHADO. O sr. abbade A. D. DE CASTRO E SOUSA adoptou o parecer do illustre cardeal [8].

Por ultimo, na advertencia preliminar á segunda edição do *Roteiro da Viagem de Vasco da Gama em 1497* [9], acham-se estas palavras: «foi sómente nos ultimos dias de Agosto ou primeiros de Setembro de 1499 que entrou em Lisboa» [10].

[1] *De reb. Eman. Gestis*, lib. II, pag. 626 das obr. (Roma, 1592)

[2] *Collect. of voyag.* (Lond., 1763), tom. I.

[3] Na collec. *Navig. e Viag.*, de RAMUSIO, tom. I, pag. 119 (3.ª ed., Veneza, 1563).

[4] Mss. da Bibl. de Paris, conhecido sob o titulo de *Codice* 10:023, na descripção e extracto que d'elle faz o VISCONDE DE SANTAREM, *Noticia dos Mss. pertencentes ao Dir. Publ. á Litter. e Dipl. de Port.*, pag. 93 (2.ª ed., 1863).

[5] *Asia Port.*, tom. I, part. I, cap. 4.º, pag. 43.

[6] Tom. IV, col. 578, col. 581.

[7] *Ind. Chron. das Nav., Viag. e Descobr.*, pag. 85, texto reproduzido no tom. II, pag. 94, da obra intitulada *Os Portuguezes em Africa, Asia, America e Oc.*, na qual se comprehendem aquelles apontamentos.

[8] *Bibl. Lusit.*, tom. III, pag. 774.

[9] *Os dois Requerim.* (1859)

[10] Publicação effectuada e dirigida pelos srs. ALEXANDRE HERCULANO e BARÃO DE CASTELLO DE PAIVA, pag. XLII (1861).

O moderno compilador, o sr. EDUARDO CHARTON, segue com pequena variante egual versão, quando, n'uma breve noticia biographica ácerca do argonauta, regista o seguinte: «Sabe-se todavia que (Vasco da Gama) foi solemnemente recebido (em Lisboa) no fim de Agosto ou principios de Setembro»[1].

II

Feito assim o inventario das diversas opiniões, segue-se aquilatar o valor d'ellas.

Entre todos os escriptores citados, JOÃO DE BARROS, DAMIÃO DE GOES, CASTANHEDA, ANTONIO GALVÃO, OSORIO e GASPAR CORREA, são indubitavelmente os mais dignos de fé, por serem naturaes do paiz, contemporaneos do acontecimento, ou proximos d'elle, e terem escripto achando-se ainda vivas as suas memorias. Sobre estes, por consequencia, deve principalmente concentrar-se o trabalho de apuramento.

CASTANHEDA, investigador consciencioso, é certamente auctoridade de grande peso em tudo o que respeita aos factos passados na India, onde residiu o melhor da sua edade, onde fez pessoalmente as observações, e onde colligiu o maior numero dos seus apontamentos. Quanto ao que no reino occorrêra, elle mesmo confessa[2] ter-se guiado por testimunhos e consultas de outros.

Cumpre mais advertir uma circumstancia aqui essencial. CASTANHEDA, como perfeitamente provam os sabios directores da 2.ª edição do *Roteiro* attribuido a ALVARO VELHO, na narrativa da primeira viagem de Vasco da Gama seguiu passo a passo o texto do mesmo *Roteiro*. O *Roteiro* chega apenas ao dia 25 de abril de 1499, e pára subitamente quando os navios chegam ás alturas da Costa dos Biafaras.

Sem contar a clara indicação que se contém na edição rarissima do primeiro livro feita em 1551, como apontam os referidos directores, nas edições posteriores e mais conhecidas, onde aquella indicação desappareceu, póde-se todavia notar, examinando a sequencia da relação, com que parcimonia de particularidades escreve d'aquelle ponto para diante quem fôra até ali superabundante d'ellas. Por parte de homem tão sincero e diligente, este é indicio claro de lhe haver faltado guia egualmente seguro na descripção do resto da viagem.

GALVÃO, segundo as melhores opiniões, nasceu já na India. Portanto ainda mais imperfeito e menos directo era o seu conhecimento das coisas acontecidas no reino. Accresce o ter escripto de memoria a sua obra, como bem visivel é;

[1] *Voyageurs anciens et mod.*, tom. III.
[2] *Prologo ao primeiro dos dez livros da Hist. dos Descobr.* (Ed. 1554)

o achar-se ao compol-a cortado de trabalhos e desgostos; e o sair ella sem a revisão e correcção do auctor, revisão e correcção que o testamenteiro d'este bem inculca não seria de mais[1].

Osorio não fixou a sua attenção no assumpto, abstendo-se de fixar data; e por isso mesmo nenhuma favorece nem impugna.

Gaspar Correa era provavelmente já nascido ao tempo do grande successo. Merece o conceito de indagador curioso e franco discursador. Valioso é o seu testimunho quando refere o que viu e o que observou, especialmente na India, que bem devia conhecer por longa pratica e pela importancia das funcções que ali exercera. Em tudo porém quando esteja fóra d'aquellas condições, esse testimunho parece-me longe de justificar a absoluta confiança que a tudo prevalece, mórmente representando um parecer unico e desacompanhado de provas.

Em primeiro logar, se esta fosse auctoridade infallivel, teriamos de transferir de julho para março o dia da partida da primeira armada (equivoco provavel com a de Pedr'Alvares em 1500, que effectivamente saíu n'esse mez). Não podendo admittir-se tal transferencia, reputada portanto aquella indicação evidentemente erronea e contraria aos factos reconhecidos, toda a supposição de superior veracidade n'esta parte por si mesma se desvanece.

Quem attentamente percorre as *Lendas da India* vê logo como o auctor deu pouca attenção ás datas que repetidamente erra e troca, descuido aliás frequente na maioria dos antigos escriptores, e origem de muitas duvidas e controversias. Cumpre tambem ponderar que principiou tarde o trabalho de redacção, e o deixou ainda por limar[2]. A circumstancia, por elle declarada, de ter visto parte de uma relação do clerigo João Figueira, embarcado n'uma das naus da primeira expedição, importantissima seria aqui, podendo provar-se que a data procurada se achava nos apontamentos alludidos. Mas d'isso justamente falta justificação. O diario de João Figueira perdeu-se[3], e o proprio Gaspar Correa se encarrega de nos mostrar o que em realidade valia o que lhe veiu á mão. «Do que este clerigo escreve — diz elle — *depois se fizeram muitos traslados*, de que eu vi *os pedaços de um d'elles* em poder d'Affonso d'Albuquerque, *antre uns papeis velhos*, que eu Gaspar Correa o serui tres anos de seo escriuão, polo que, vendo tão gostosas cousas pera folgar de ouvir e saber, recolhi este quaderno *já feito em pedaços e roto por partes* polo que *tomei em vontade escrever* tudo quanto podesse alcançar e ver dos feitos da India[4].»

[1] *Carta prefacio* de João de Souza Tavares ao duque de Aveiro, no *Trat. dos Descobr.* (Ed. 1731)

[2] Veja-se o excellente e noticioso prologo do sr. R. J. de L. Felner, que precede a edição das *Lendas*, pag. x.

[3] Idem, id.; *in principio*.

[4] *Lendas*, tom. I; Lend. I, cap. 21, pag. 134.

D'aqui manifestamente se vê que o auctor das *Lendas* não teve conhecimento do diario original, mas apenas do *quaderno espedaçado* de *uma* de *muitas copias*, fragmento abandonado *entre os papeis velhos* de Affonso de Albuquerque. Os que sabem a ordinaria infidelidade das copias, infidelidade que tanto mais cresce quanto mais essas copias se multiplicam, e tanto mais sobe de ponto quanto menos cultos são os tempos, facilmente calculará o grau de credito que a essa poderia dar-se, ainda quando o referido auctor a houvera seguido. Não diz este, porém, que de tal escripto assim se aproveitasse, mas unicamente *que o exemplo lhe incitara tambem a vontade de escrever.* Será crivel que omittisse o que podia augmentar-lhe auctoridade, quem tão particularisada e ingenuamente revelava uma particular influencia? Póde tambem suppôr-se que homem como Affonso de Albuquerque deixasse ao desgarre apontamentos, memorias ou informações de verdadeira consideração, e ainda mais relativas á India que administrava?

Além de tudo isto, bem formalmente e bem competentemente está já declarado que na obra de Gaspar Correa se encontram *erros chronologicos* [1]. De outros é egualmente convencido, que, sem deslustrarem o seu merito como collector interessante e em algumas coisas precioso, lhe não consentem logar entre os oraculos da historia. Nem elle, naturalmente chão e modesto, n'esta cathegoria se quiz apresentar, pois que deu ao seu trabalho, não o titulo de chronica, mas o de lendas, menos obrigatorio e menos severo.

João de Barros e Damião de Goes, o primeiro nascido tres annos antes do feito, o segundo dois annos depois, escrevendo portanto sob a mais directa impressão d'elle, fixam unanimes e sem hesitação o dia 29 de agosto. Cumpre advertir que ambos estes foram educados no paço, isto é, no que então era centro das informações e motor da administração; ambos homens instruidos e graves; ambos altamente conceituados como historiadores conscienciosos, sendo o auctor das *Decadas* tido por insignissimo!

Sob o ponto de vista nautico, Ignacio da Costa Quintella consagra a bem dizer a chronologia de Barros. Se n'esta chronologia apparecesse incompatibilidade com os incidentes da derrota, ou com a duração e particularidades da viagem, ninguem mais competente do que este sabio e experimentado official para o advertir e apreciar. Não aceitava elle seguramente versão infamada de taes maculas ou contradicções. A preferencia do almirante equivale pois a uma approvação e confirmação technica.

Assim, entre as mais puras das fontes proximas, o accordo é completo e sem sombra de incerteza. Ulteriormente, os mais competentes seguem e confirmam essas fontes. Além d'isso, como abaixo se verá, facilmente se conciliam

[1] *Prologo das Lendas*, pag. XXIX.

com esta indicação as que por differentes modos se reportam a principios de setembro, em se attendendo a uma especialissima circumstancia.

A data de 29 de agosto sae pois d'este primeiro inquerito já com probabilidades singulares.

1.º Tem a seu favor as maiores e melhores auctoridades.

2.º É a unica positivamente designada.

Irá confirmando este resultado, creio, um exame successivo e cuidadoso.

III

Eis, em quadro comparativo, para maior facilidade, a resenha dos auctores e respectiva opinião.

Pelos principios de setembro:

CASTANHEDA.
GALVÃO.
MAFFEO.
LAFITAU.
VALCKENAER.
MORELET.
LA CLÈDE.
DOMINGUES DE MENDONÇA.

Pelo dia 29 de agosto:

J. DE BARROS.
D. DE GOES.
L. DE F. FALCÃO.
P. BARRETO DE REZENDE.
C. DE BARBUDA.
J. P. RIBEIRO.
Almirante QUINTELLA.
P. J. DE FIGUEIREDO.
F. DENIS.
SCHÆFFER.
PANORAMA.
MARX DE SORI.
SANTOS FIRMO.

O bispo OSORIO e BARROW, como já se viu, nenhum d'estes pareceres affirmam nem contradizem.

FARIA E SOUSA, pondo em 8 de julho a data da partida, e contando dois annos e quasi dois mezes de viagem redonda, indirectamente estabelece o regresso entre fins de agosto e principios de setembro.

Pelos *fins de agosto* e *principios de setembro*, dizem tambem muito expressamente os esclarecidos directores da segunda edição do *Roteiro*, seguidos pelo sr. EDUARDO CHARTON, o que para logo colloca entre uma e outra opinião — entre as duas opiniões conciliaveis — a grande auctoridade do sr. ALEXANDRE HERCULANO.

Opiniões diversas:

BARBOSA MACHADO D. FR. FRANCISCO DE S. LUIZ SR. ABBADE A. D. DE CASTRO E SOUSA	29 de julho.
MARIZ SAN-ROMAN MORAES SILVA	20 de agosto.

Na correspondente nota se terá visto como este ultimo passou de leve em tal ponto.

D. ANTONIO CAETANO DE SOUSA	10 de julho.
GASPAR CORREA SR. TEIXEIRA DE ARAGÃO	18 de setembro.

No auctor da *Bibliotheca Lusitana*, como é notorio, são vulgares os equivocos de datas, porque são frequentes os erros de copia; e não deve isso admirar, sabendo-se que o diligente e doutissimo collector empregava numerosos amanuenses, e não podia ter tempo de conferir todos os traslados.

O venerando CARDEAL S. LUIZ, sem reparo maior, adoptou este equivoco do mez, mencionando comtudo tambem o de agosto.

No caso de Barbosa, e por identica razão, está o zeloso e erudito D. ANTONIO CAETANO DE SOUSA. Ambos tiveram de colher, ajuntar, compulsar e pôr em ordem innumeraveis materiaes e documentos, o que naturalmente lhes tornou impossivel a investigação minuciosa de infinitas particularidades, a acareação e confrontação indispensaveis. Grande serviço fizeram elles todavia nos

trabalhos colossaes que emprehenderam, e no muito que deixaram reunido e preparado.

Vem aqui a ponto mencionar o codice curioso, que bem póde ter contribuido para originar algum d'estes desvairados pareceres. Refiro-me ao singular mss. de Duarte Pacheco, intitulado *Esmeraldo de situ orbis*, no qual se encontra o seguinte periodo:

«e asy partio Vasco da Gama com esta sancta empresa por capitão mór destas quatro naos na virtude da sacra magestade deste serenissimo principe que o mandou da excellente Cidade de Lisboa sabado oito dias do mez de *Junho* do anno de nosso Senhor Jesus Xp.to de mil c. c. c. c. noventa e sete annos, e andou nesta viagem atee tornar a donde partio dous annos hum mez e hum dia [1].»

Duarte Pacheco, segundo boas auctoridades, escreveu o seu tratado no anno de 1505 [2]. Aindaque a obra cuide principalmente em «cosmographia e marinharia,» como o auctor diz e melhor executa, e as datas pareçam apenas lembranças lançadas de passagem, sendo noticia tão immediata ao successo, e proveniente de tal pessoa, mereceria grandissima consideração, se essa noticia não se achara n'uma copia de outra copia, e esta já convencida de erro [3].

Que Barbosa viu o mss. original prova-se da descripção que d'elle faz, e das palavras com que a termina: «este original se *conserva* como o mais precioso Mss. em a Livraria do Excellentissimo Marquez d'Abrantes.» Não o poderia ver tambem D. Antonio Caetano,—se por ventura não confundiu a chegada de Nicolau Coelho com a de Vasco da Gama, como parece mais provavel? [4] Não poderia qualquer engano de leitura, aliás facilimo em escripta manual do seculo XVI, dar em resultado a dupla e incombinavel affirmativa? Natural era que um e outro ligassem importancia maxima a informação d'esta ordem colhida no original; mas não menos natural que um exame rapido, ou uma nota de memoria, occasionasse aquelles enganos.

[1] Cop. da Bibl. Nac., tirada do mss. de Evora, pag. 78.

[2] Os srs.—J. H. da Cunha Rivara, *Panor.*, 1.ª serie, vol. V, num. 193; – Innocencio F. da Silva, *Dicc. Bibl.*, vol. II.

[3] «Na nossa Bibl. Eborense temos duas copias d'elle (Mss. de Pacheco) ambas do mesmo teor *nos erros* e nos acertos,» diz o sr. Rivara, loc. cit.

[4] Eis o que a tal respeito diz J. Pedro Ribeiro (Additam. ao tom. II das *Dissert. Chron.*): «a contradicção entre Damião de Goes e o auctor da *Historia Genealogica* se desvanece pelo contexto do mesmo capitulo d'aquella chronica, em que distingue a chegada de Nicolau Coelho a 10 de julho, e a de Vasco da Gama, depois de arribar ás ilhas de S. Thiago, e á Terceira, só a 29 de agosto.» J. P. Ribeiro, confirmando aqui a data da chegada de Vasco da Gama, crê a affirmativa da *Hist. Geneal.* effectivamente nascida de equivocação com a chegada de Nicolau Coelho.

É certo que nenhum d'elles indica a origem da data adoptada. Mas egualmente certo é que, acceitando para a partida a data de 8 de *junho*, como está na copia que tenho presente, e combinando essa data com o *mez e dia* apoz os dois annos em que, segundo a mesma, se completou a viagem redonda, acha-se proximamente o dia 10 de julho designado na *Historia Genealogica*. Não menos certo é tambem que, emendando para 8 *de julho* o dia da saída, como fez Barbosa, e lendo-se em vez de um mez e um dia—*vinte e um dîa*—como no mesmo se consigna, acha-se exactamente a data de 29 de julho preferida na *Bibliotheca Lusitana*.

Estas coincidencias, aquella conta particularissima de 21 dias, e a circumstancia de mencionar tambem *um dia* a computação exarada na copia do *Esmeraldo*, fazem involuntariamente pensar na influencia d'este escripto sobre aquelle modo de contagem.

Ha n'isto apenas conjectura, sem mais valor que o de mera conjectura. Pena é todavia que o mss. original desapparecesse. Só uma conferencia com elle poderia certificar se fôra bem entendido e bem copiado, utilisando devidamente este fio. Nada mais facil do que ter lido ou trasladado *junho* por *julho*, e um *mez e um dia* por *um mez e vinte e um dia*. A mais leve ommissão ou differença dá estas confusões.

A data da partida de Vasco da Gama em 8 de julho anda já competentemente apurada. Os dois annos, um mez e vinte e um dias de viagem redonda concordariam com os dois annos e *quasi dois mezes* mencionados por muitos dos contemporaneos. Feita na copia do *Esmeraldo* esta correcção imposta pelas mais auctorisadas indicações, achariamos ainda ahi a data de 29 de agosto.

IV

A «circumstancia especialissima» anteriormente apontada, a que justamente se encontra tambem nos escriptores mais proximos, é a de se ter Vasco da Gama demorado na ermida do Rastello a fazer suas devoções [1], antes da entrada solemne e da celebração publica do grande successo. Que por esta occasião houve pomposos festejos na cidade, consta de modo egualmente fidedigno [2].

[1] «Sem entrar na Cidade teve hũas novenas em a casa de N. S. de Betblem (a antiga ermida) donde elle partio a este descobrimento.» João de Barros, Dec. I, liv. 4.°, cap. 21.°.—Faria e Souza, seguindo Barros, em *Lusiadas commentadas* (tom. IV, columna 581) e Pedro de Mariz nos *Dial. de var. hist.* (Dial. 4.°, fol. 225) attestam egualmente a demora em Belem.

[2] «E aqui foi visitado de todolos senhores da corte té o dia de sua entrada, que se fez com grande solemnidade: e por se mais celebrar sua vinda houve touros, canas, mõ-

Assim pois, alguns dias decorreram entre a chegada do argonauta e estes festejos, quer para o deixar cumprir votos bem naturaes, quer para dispor taes festejos. Em tempos em que tanto faltavam as condições de publicidade, probabilissimo é que se gravasse de preferencia na memoria do maior numero a época da recepção apparatosa, e esta fosse a que ficasse geralmente vinculada ao regresso.

Entre o dia 29 de agosto e os primeiros de setembro medeia justamente o tempo que razoavelmente se póde suppor empregado de similhante modo.

Consequentemente, o parecer d'aquelles que, sem determinar dia, designam o principio de setembro (e repare-se que são os que interrogaram as tradicções!) em nada contradiz a affirmação d'aquelles que em 29 de agosto fixam a entrada no porto, antes, pelo contrario, esse parecer visivel e poderosamente fortalece esta affirmação concorrendo não pouco para ratifical-a.

Corôa porém esta serie de indicações e inducções, tão accordes todas que bem se aproximam a prova e deixam pouco logar á duvida, o testimunho do *Livro da Fazenda*, já anteriormente citado. A passagem, relativa á chegada de Vasco da Gama, foi com todo o cuidado reverificada agora pelo perito paleographo o sr. José Gomes Goes, digno official da Bibliotheca Nacional. Consultado de novo o original depositado nos archivos da Torre do Tombo, achou-se o texto impresso perfeitamente conforme ao dito original.

Dos documentos extractados n'este importantissimo escripto, e especificadamente dos respeitantes ás expedições da India, eis o que em exposição dirigida ao soberano declara o collector na qualidade de seu secretario: «*reconheci tambem todos os livros das armadas que la passarão desdo Anno de 1497, em que foi Vasco da Gama 1.º descobridor*, até o de 1612 em que foi por capitão mór Ieronimo d'Almeida [1].»

Convém aqui advertir que João de Barros exerceu o cargo de thesoureiro e feitor na Casa da India, onde se arrecadavam os assentamentos a que se refere o *Livro da Fazenda*, e Damião de Goes esteve despachado para o primeiro dos referidos officios, sendo depois provido no de guarda-mór da Torre do Tombo,

mos e outras festas em que El-rei quiz mostrar o grande contentamento que tinha.» Idem, loc. cit.—Mariz repete Barros. Castanheda e Maffeo succintamente corroboram estas particularidades. Largamente as confirma a grave auctoridade dos editores do *Roteiro*. Do alvoroço do rei e da côrte dão todos unanime testimunho.

[1] Memorial de apresentação do referido livro.—Nos diversos assentamentos respectivos á primeira armada de Vasco, summariamente se confirmam estes factos, que se encontram com poucas differenças nas relações contemporaneas ou proximas: —partida, 8 de julho de 1487; —chegada de Nicolau Coelho, 10 de julho de 1499; —entrada de Vasco da Gama no porto de Lisboa, 29 de agosto id.; —Vasco da Gama veiu da Terceira n'uma caravella; —a sua nau chegou antes d'elle.

e encarregado de escrever a chronica do senhor rei D. Manuel, o que naturalmente lhe franqueou os archivos do Estado. O accordo e decisão com que um e outro fixam a data de 29 de agosto, que, segundo o compilador do *Livro da Fazenda,* é a propria inscripta n'aquelles assentamentos, vehementemente persuade que um e outro ali a acharam, um e outro egualmente verificaram a valia de tal documento, um e outro, emfim, o reputaram digno de inteira fé.

Esta unanimidade de Goes e Barros, já entre si, já com o testimunho de Luiz Falcão,—e não menos o facto de haverem tido os dois graves historiadores, por virtude das suas funcções, necessario conhecimento dos registos da administração maritima,—importam valiosissima attestação e certificado á veracidade do referido compilador.

Taes particularidades dão á obra de L. Falcão singular auctoridade. Se n'essa obra se encontra um ou outro engano em nomes e accessorios, se não póde ella ter, nas poucas coisas que parece haver recolhido de tradições variaveis e falliveis, credito egual ao que merece quando transcreve essenciaes informações de origem visivelmente mais segura,—no que especialmente se refere á fazenda (e as datas da partida e chegada das expedições andavam estreitamente vinculadas aos interesses d'ella) os assentamentos ali colligidos tem um valor que bem se póde reputar official.

V

Rigorosamente, este documento, com quanto seja evidente a sua importancia, não se qualifica ainda de todo authentico, não se caracterisa prova incontrovertivel. Quaes documentos porém se hão de em casos taes declarar cabalmente authenticados? Quaes provas se hão de aceitar por decisivas?

Não abundam os documentos originaes de epocas remotas. Nas collecções do seculo XV ha ainda consideraveis lacunas. E a esses mesmos documentos, quanto é preciso para lhes reconhecer a genuidade? quanto para lhes auctorisar a lição? Uma condição que falte das muitas e muitas indispensaveis, eis já o documento suspeito, eis já a prova fallaz ou insufficiente. A concordancia das principaes auctoridades, dos testimunhos mais fidedignos, dos indicios mais concludentes, é prova tambem. É sobretudo prova quando nada lhe apparece em contrario.

Se as maiores probabilidades não bastam para affirmar uma data, bastará acaso para negal-a o silencio ou ommissão de documentos, que nenhuma outra indicam?

Sejam pois chamados ainda a juizo, não só os documentos coetaneos conhecidos e mais chegados, mas os monumentos impressos que por sua indole e materia se poderiam suppor no caso de ministrar esclarecimento. Interrogue a curiosidade uns e outros, a ver se dos seus depoimentos resulta—ou attenuação a estas

averiguações — ou reforço a qualquer outra affirmativa — que uma e outra coisa deve egualmente indagar o amor da verdade e o sentimento da imparcialidade.

Em geral, os contemporaneos dos factos são os menos desvelados em tomar nota das respectivas datas. A cada geração parece natural que fique perenne e vivo na memoria o que é para ella publico, manifesto, indubitavel. Esta vulgar imprevisão havia de ser maior ainda em tempos de vasta laboração e luz incerta, como aquella época prodigiosa. O amanhecer de uma nova edade tem, como o arraiar do dia, as suas hesitações crepusculares.

Era porém o descobrimento da India tamanho e tão assombroso successo, era tão anciado e estremecido exito, revolução commercial e politica tão completa e profunda, que todas as suas circumstancias — pelo menos assim hoje se nos figura — deveriam ter sido recolhidas e archivadas com particular cuidado.

Tal não aconteceu todavia. Poder-se-hia pensar que lhe não fôra desde logo comprehendido todo o alcance, se não estiveram eloquentemente desmentindo semilhante conjectura o empenho, o desejo, o ardor com que se encetara a empresa cujo objectivo este era, a inquebrantavel constancia com que n'ella se insistira, a promptidão, largueza e energia com que foi continuada. Como se explica pois a ausencia d'essa data memoravel em tantas relações, e em tantos diplomas, onde ella tinha logar proprio, — quasi se póde dizer, necessario?

Singularidade que assim dá ares de affectação, mal se podéra acreditar casual, se poderosas razões não arredassem qualquer supposição de malicia.

Ou exactamente por ser tão notorio, tão alto e inolvidavel o feito, se julgou desnecessario lançar a data d'elle mais do que nos registos fiscaes, ou a conspiração tenebrosa das invejas achou este modo engenhoso de corrigir a gloria.

Na duvida, para honra do respectivo seculo, e para honra da humanidade, devera-se antes aceitar a primeira hypothese. Tudo porém persuade que essa é a verdadeira.

Seja entretanto qual for a causa da ommissão — indifferença ou imprevidencia — aquella data não se encontra em monumentos e documentos onde era rasoavel esperal-a: n'outros, já indicados mais ou menos directamente como fonte limpa e texto de desenganos, não permitte a boa chronologia inquiril-a.

Veja-se o roteiro da expedição de 1500[1]. Nada mais natural do que reportar-se o piloto, que o traçou, á data do maravilhoso acontecimento, de que essa expedição era corollario e consequencia immediata. Pouco mais de sete mezes haviam decorrido depois do regresso de Vasco da Gama, quando levantou ferro a nova frota. O auctor d'este monumento não podia deixar de considerar-se continuador dos primeiros argonautas. Ainda que provavelmente não previsse a

[1] *Notic. para a Hist. e Geogr. das Naç. Ultr.* (collecção publicada por ordem da Academia das Sciencias), tom. II.

futura publicidade do seu escripto, não reputaria de certo prolixidade escusada, ou excessiva, o tomar apontamento d'aquelle solemnissimo dia, para o recommendar á memoria como ponto de partida das navegações, que n'aquelle novo rumo iam emprehender-se dilatadas e fructiferas, desfeitas as incertezas. Sem embargo, o rotero da segunda expedição das Indias é mudo a respeito da data em que terminára a primeira.

Muda n'esse ponto é egualmente a relação do escrivão THOMÉ LOPES[1], embarcado n'um dos navios da divisão de Estevão da Gama, divisão que fazia parte da poderosa armada de 1502, commandada em pessoa pelo almirante descobridor, cujo nome estava lembrando o originario e feliz commettimento.

Outro contemporaneo, LUIZ DE VARTHEMA, natural de Bolonha, que foi á India pelo Mar Vermelho voltando pelo Cabo da Boa Esperança em navio portuguez, escreveu o itenerario d'aquella então dilatada viagem[2]. No capitulo 13.º do livro II da India, mais especialmente no livro III da mesma, do capitulo 23.º em diante, e no livro da Ethiopia até o fim, conta essa curiosa descripção não pouco dos portuguezes, da sua entrada na India, das primeiras guerras de Calecut, da batalha naval de D. Lourenço de Almeida em 1505 a que o auctor assistiu, de Lisboa onde aportou, do senhor rei D. Manuel a quem foi apresentado, etc. Ao tempo da viagem e do escripto de Varthema forçosamente andava na mente de todos a data do feito maximo, de que taes successos eram deducção, a que taes nomes e logares se associavam. A visita ao Tejo, centro d'aquelle subito e immenso movimento, suscitaria sobre tudo a memoria recente da primeira expedição de Gama, e faria acudir instinctiva aos bicos da penna a commemoração do seu glorioso regresso. D'isso todavia nem palavra. Varthema, provavelmente emissario de alguma das republicas mercantis de Italia, como que nem acha novidade as navegações portuguezas no Oriente.

DUARTE BARBOSA, escrivão da Feitoria de Cananor, contemporaneo tambem e tambem navegante, provavelmente cunhado e certamente companheiro de Fernão de Magalhães, deixou uma relação interessante[3]. Esta relação foi escripta ainda em vida do descobridor da India — em 1516, segundo o auctor declara em nota preliminar, nota que os factos ulteriores da sua vida corroboram, pois que pouco depois, em 1518, o vemos passar-se para Hispanha com Magalhães, com elle sair em 1519 na celebre expedição das Molucas, e em 1521 acabar como elle n'uma das Philippinas. O livro de Duarte Barbosa, miudo e noticioso em muitos particulares, não traz referencia aos mareantes que primeiro abriram aquella rota, cujos pontos de escala com frequencia descreve.

[1] *Not. para a Hist. e Geogr. das Naç. Ultr.*, tom. II.
[2] Publicado em Roma, em 1510.
[3] *Not. para a Hist. e Geogr. das Naç. Ultr.*, tom. II.

Na informação, que ao imperador Maximiliano enviou de Roma o seu embaixador n'aquella côrte[1], relatando-lhe a sumptuosa mensagem de Tristão da Cunha encarregado de apresentar ao Summo Pontifice as primicias da India, especifica diligentemente o diplomata allemão a qualidade, quantidade e procedencia d'estes presentes, todos elles vivas recordações da ousadia venturosa que facilitara o caminho ás magnificencias do Oriente; e nem ahi, onde tão bem a lembrança cabia, accidentalmente se menciona o emprehendimento capital que a tudo isto dera motivo e origem.

Antonio Pigafetta, que fez parte da já citada expedição ás Molucas (1519 a 1522), e coordenou uma exposição das suas principaes aventuras[2], allude aos portuguezes,—e a introducção do editor da obra especialmente á viagem de descobrimento de Vasco da Gama,—mas nem n'uma nem n'outra parte apparece esta data.

Menos explicita é ainda a tal respeito a *Historia das Indias Occidentaes* de Gomara[3], ou attribuida a Gomara, posto porfiar longamente ácerca da prioridade de descobrimentos entre portuguezes e hispanhoes. N'esta contenda todavia, ao menos como opportuno accessorio, não podia deixar de occorrer o successo magno de 1499, pois que os mareantes successores de Gama, seguindo a rota oriental por elle franqueada, desde annos haviam passado ao archipelago Malaio quando se inflammou a disputa entre as duas corôas a proposito do commercio das especiarias.

O *Itenerario* de Van-Linschoten[4] (João Hugo de Linschot) navegador hollandez dos fins do seculo xvi, com tanto informar de descobrimentos portuguezes e ser tão minucioso em datas, não consigna esta, a principal talvez, a principal de certo, porque representa a consumação d'um facto que metamorphoseara e trazia estremecido o mundo.

Finalmente, na sua controversia com o allemão Otto a proposito do famoso Mappa de Martim de Bohemia (Martin Behaim), o erudito Cladera[5] no numero das provas favoraveis á these que sustênta inclue a primeira viagem de Vasco da Gama, especifica-a, trata d'ella expressamente, sem todavia lhe registar as datas.

Em todos os precedentes escriptos a indicação da data que se investiga, bem que naturalissima, poderia ter-se ainda por officiosa. Sigamos porém adiante.

[1] *Prov. da Hist. Geneal. da Casa de Real*, tom. ii, pag. 215.

[2] Ed. de Milão (1800) por Carlos Amoretto, publicada por um Cod. mss. da Biblioth. Ambrosiana.

[3] Impressa em 1552, por consequencia não muito distante ainda o facto.

[4] Ed. de Amstardam, 1614. A primeira ed., texto hollandez, é de 1596. A segunda, versão latina, é de 1599.

[5] *Investig. Hist. sobre los principal. descobrim. de los esp. en el siglo* xv *y princip. del* xvi.

Passemos áquella ordem de documentos em que deveria contar-se achal-a officialmente.

Não é possivel comprehender n'estes a notificação aos Reis de Hispanha, porque esse importante documento, competentemente apontado pelo Visconde de Santarem[1], tem a data de 29 de julho. Como era natural, o soberano portuguez, tanto que Nicolau Coelho aportou com a noticia, cuidou logo em transmittil-a aos seus visinhos e competidores, afim de fazer reconhecer os direitos que d'aquelles descobrimentos lhe provinham em virtude da bulla de Demarcação expedida pelo pontifice Alexandre VI em maio de 1493, e das clausulas do tractado de Tordesillas celebrado em julho de 1494. Sendo essa communicação anterior um mez ao regresso do capitão descobridor ao Tejo, claro é que só por equivoco se poderia n'esta parte appellar para o testimunho d'ella.

No mesmo caso está a partecipação ao Cardeal Protector[2]. A carta respectiva contém estes periodos, clara attestação do commettimento effectuado:

«Antre as muitas outras cousas que temos de tomar sobejo prazer da muy grande nova e mercê com que a noso senhor aprouve nos comprir nosos desejos dando desejado fym a noso trabalho acerca da investigaçam da ethiopia e da India...
saberá vosa R.ma P. que estes *que agora tornaram* da dita investigaçam e descobrimento...»

Encerra-se porém a mesma carta na seguinte fórma:

«Scripta em Lisboa a xxbiii dagosto de 1499.—Rey.»

A participação para Roma, do mesmo modo que a notificação aos monarchas hispanhoes, é ainda anterior ao regresso de Vasco da Gama, e tambem como aquella se refere aos entrados em 10 de julho. A um documento, firmado em 28 de agosto, não se pode pedir a verificação do que se passou no dia seguinte.

Outros ha porém, immediatos ao successo e estreitamente vinculados a elle. Esses, parece, devem ser os principalmente consultados e interrogados.

Nas Instrucções[3], dadas a Pedr'Alvares Cabral no anno de 1500, encontra-se a seguinte phrase.

«.... Agora pouco tempo ha Vasco da Gama noso Capitam foi em tres nauios pequenos entrádo nos mares da India....»

Nem menção porém da data em que tal feito se concluiu.

Ainda do anno 1500 (março 26) é o breve concedendo á corôa portugueza a faculdade de nomear commissarios apostolicos, com poder ordinario, nas po-

[1] *Quadr. Elem.*, tom. II.

[2] Archiv. da Torre do Tombo, Col. de S. Vicente, liv. 14.

[3] Torre do Tombo, Arm. 11 da C. da Corôa.

voações descobertas além do Cabo da Boa Esperança até á India, as quaes, diz o texto do mesmo Breve «*anno superiori cum maximis laboribus, periculis et expensis reperiri fecisti.*» Aqui a referencia ao descobrimento é positiva, sem com tudo especificar a data.

A carta de doação de 10 de janeiro de 1502 [1], em que se confere a Vasco da Gama, juntamente com as recompensas pecuniarias, o tratamento de Dom e o titulo de Almirante dos mares da India, reconhece com todas as formalidades o serviço prestado, mas é inteiramente ommissa no que toca á data em que elle se consumou.

Por ultimo, foram as capitulações de Saragoça, ou contracto de 22 de abril de 1529 [2] entre o imperador Carlos V e o senhor rei D. João III, sequencia e remate das mallogradas conferencias de Elvas e Badajoz. Ainda que a materia d'este documento menos directa relação pareça ter, do que os antecedentes, com a data que se procura, havendo sido empenhadamente tratadas nas citadas conferencias todas as questões relativas aos descobrimentos e demarcações, não seria maravilha encontrar alguma luz d'essa data nos diversos articulados da curiosa peça diplomatica. Mostra-se ella porém a este respeito egualmente esquecida, e nem o minimo vestigio ali transparece.

VI

Não é o que fica summariado mais do que breve relação ou apontamento. Ahi todavia se póde ver:

1.º que n'estes escriptos e documentos nada contradiz a data de 29 de agosto;

2.º que, portanto, o exame de todos esses documentos e escriptos, pelo menos, deixa a questão no pé em que ella estava já collocada; isto é, intactos os argumentos que evidentemente favorecem a referida data.

Nenhum testimunho com effeito apparece que se avantage ao de L. Falcão, ou o destrua, sobre tudo roborado por tantos outros; nenhum documento que attenue o valor e a somma das probabilidades assim reunidas.

Não tem outro intuito esta nota senão concorrer para se apurar a verdade, ou, quando mais não seja possivel, para nos aproximarmos d'ella. Por satisfeito me darei se a tentativa conseguir adiantar algum passo em tal sentido.

[1] Appensa á primeira ed. do *Roteiro* de Alvaro Velho, publicada no Porto em 1838 pelos srs. Diogo Kopke e dr. Paiva (hoje barão de Castello de Paiva).

[2] Appenso á *Informaç. das coisas de Maluco*, por GABRIEL REBELLO. (*Not. para a Hist. e Geogr. das Naç. Ultr.*, tom. III)

APPENDICE

Não foi em seu logar mencionado o livro do sr. STANLEY, *Viagens de Gama*, publicado em Londres no anno de 1869, por não ter podido ainda ver nenhum exemplar d'esta curiosa publicação. O titulo d'ella, a importancia do auctor e da sociedade editora, eram porém outras tantas razões para não a deixar excluida n'esta consulta e resenha.

A franca obsequiosidade do nosso consocio, o sr. Augusto Soromenho, proporcionou-me ultimamente a obra, o que me permitte não deixar de lhe fazer a devida referencia.

O texto publicado pelo sr. Stanley comprehende tudo quanto ácerca de Vasco da Gama se encontra nas *Lendas da India* de Gaspar Correa, e o proprio sr. Stanley não lhe chama senão traslado. Ácerca d'esta versão vem pois a subsistir quanto ácerca do valor chronologico do original fica opportunamente exposto. O sr. Stanley, tendo apresentado a chronologia da primeira viagem, extrahida das *Lendas*, n'uma nota ao final do capitulo XXI (pag. 266) limita-se a enumerar as varias opiniões de alguns escriptores sobre o assumpto. Os motivos da preferencia que dá á narrativa de Gaspar Correa, são os que todos n'essa narrativa reconhecem, quanto ás coisas passadas na India, e aos factos que o auctor observou. Não está n'esse caso a data do regresso do descobridor.

Ácerca dos successos occorridos em Lisboa, como este, não dá certamente maior auctoridade o ter ido á India, e haver ahi residido.

A valia do mss. perdido do padre João Figueira, aquilatada ficou perante os termos em que o proprio Gaspar Correa a ella se reporta. De ser feita a versão do sr. Stanley sobre o mss. do duque de Gor, conservado na casa dos condes de Torre-Palma, nenhuma alteração resulta ás apreciações relativas a este ponto, já por serem visivelmente identicos os textos respectivos, já porque o

esclarecido traductor, tendo pessoalmente examinado as diversas copias, reconhece inteira e perfeita correspondencia entre a principal das que em Lisboa serviram á edição academica das *Lendas*, e a que elle em Hispanha aproveitou para o seu trabalho.

Não diminue os justos creditos de Barros, a fonte mais proxima e auctorisada, a vaga allegação de ter escripto a historia *a largos traços*. Justamente n'este ponto do regresso da primeira viagem de Vasco da Gama é elle o mais explicito e o mais minucioso, como quem de perto sabia e conscienciosamente examinára o que legava á posteridade.

Não teve o sr. Stanley conhecimento do *Livro da Fazenda*. Não ommittiria de certo este importante testimunho quem até o *Anno Historico* menciona. Sendo dignos de toda a consideração o escrupulo nas comparações e o espirito investigador d'este erudito, não é senão justiça acreditar quanto os assentamentos, ali referidos e compendiados, lhe haviam de parecer efficazes para cortar o nó da questão.

Acresce que o sr. Stanley, quando em geral exprime a sua opinião, ou transcreve a dos outros, relativamente ao grau de credibilidade que merecem as *Lendas*, nada especifica; por consequencia nada n'este caso prejudica.

Em conclusão, na consulta do livro do sr. Stanley não achei motivo para modificar a opinião apresentada.

Pois que do *Anno Historico* se faz aqui menção, conveniente será, para ficarem apontadas no maior numero, mencionar ainda essa opinião, posto ser geralmente reputada das menos seguras.

O Padre Francisco de Santa Maria, mais estimavel escriptor do que judicioso critico, põe no dia 29 de julho a data do regresso, e fixa em dois annos e vinte e um dias o tempo da viagem redonda[1].

É exactamente a data e a contagem de Barbosa Machado na *Bibliotheca Lusitana*, como anteriormente fica exposto!

O auctor do *Anno Historico*, fallecido em 1713, escreveu de certo muito antes de Diogo Barbosa, e portanto não foi este que serviu de guia áquelle. O segundo volume do *Anno Historico*, isto é, o volume onde vem a data, saíra impresso em 1744, ao passo que o terceiro da *Bibliotheca Lusitana*, onde a mesma data se repete, só foi dado á luz em 1752. Conhecido é porém o pouco apreço que os irmãos Barbosas deram á auctoridade do padre Santa-Maria. Não se dissimulam as arguições de leviandade nos escriptos do abbade de Sever e de D. José Barbosa; a controversia sobresae violenta no prologo apologetico do padre Lourenço Justiniano ao segundo volume do *Anno Historico*. Não é pois natural nem provavel que o auctor da *Bibliotheca Lusitana* seguisse

[1] Tom. II, pag. 426.

em tal assumpto o auctor do *Anno Historico*, a quem tinha por tão somenos n'estes pontos de hermeneutica e de chronologia.

Sem embargo, o texto relativo ao regresso e duração da viagem dé Vasco da Gama, é a bem dizer identico em ambos!

Esta coincidencia, no meio de tal antagonismo, faz de novo lembrar o codice original do *Esmeraldo*, que o padre Santa Maria muito provavelmente teria visto como Diogo Barbosa, e bem podia haver lido como elle, tornando-se-lhes commum origem de egual erro.

Cumpre mais advertir que n'essa versão o mez diversifica, mas o dia é ainda 29!

Por informação e diligencia do nosso benemerito consocio, incansavel no serviço das lettras, o erudito sr. Silva Tullio, obtive um exemplar do, hoje raro, *Compendio de las historias de los descobrimientos, conquistas y guerras da India Oriental y sus islas, &*, por DON JOSEPH MARTINEZ DE LA PUENTE [1].

Eis o texto d'este collector [2]: «tomó Puerto en Lisboa en *veinte y nueve de Agosto* del mismo año (1499).... aviendo dos años y dos meses que partió de alli.»

[1] Madrid, Imprenta Imperial, 1681, 4.°

[2] Liv. III, cap. 2.°, pag. 123.

NOME VERDADEIRO DO PORTUGUEZ

JOÃO FERNANDES VIEIRA

CELEBRE NAS GUERRAS DE PERNAMBUCO

CONTRA OS HOLLANDEZES

PELO SOCIO EFFECTIVO

Rodrigo José de Lima Felner

Uma das vidas mais assombrosas, e mais cercadas de densas trevas quanto aos primeiros annos, é a do homem que se ennobreceu, nas guerras de Pernambuco, com o nome de João Fernandes Vieira; de João Fernandes Vieira, que, por mais que se lhe encurte o pedestal da sua gloria, na parte que á luz da moderna critica parece duvidosa, sempre ficará sendo um grande vulto historico, pelos esforços incontestaveis que empregou para libertar aquella riquissima porção da America, de que os avaros e fraudulentos hollandezes despojaram a Portugal no angustioso periodo da dominação castelhana, a pretexto de que eramos hespanhoes; e que, depois de reconquistada a ferro e fogo, tivemos de resgatar com o ouro exigido por invasores, vencidos, expulsos.

Tudo é extraordinario no principio da longa carreira d'este homem. Nascido na cidade do Funchal, da Ilha da Madeira, no anno de 1613 «de pae nobre, illustre e grave[1]» no de 1624, undecimo da sua edade, resolve-se a passar ao Brasil e sem dilação nem embaraço executa o que resolvera[2]. Despe os appellidos da sua familia, que o não reclama nem o soccorre, e sob o nome que conservará até á morte, aporta a Pernambuco, tão pobre, tão desvalido que,

[1] Calado, *Valeroso Lucideno*, pag. 158. Fr. Raphael de Jezus, *Castrioto Lusitano*, pag. 6.

[2] *Castrioto*, pag. 6.

para viver, se viu constrangido a servir um mercador só pelo sustento, ou mesmo a descer á condição de moço de açougue[1].

Todavia, quer Vieira baixasse a exercer este mister ignobil e repugnante, quer isto fosse invenção de seus inimigos, talvez para impedirem o consorcio que elle logrou contrair com mulher de reconhecida nobreza, é indubitavel, que aquelle mancebo expatriado, falto de todos os recursos, que só em Deus, e no seu trabalho tinha confiança, sae do Recife, desejoso de melhorar de sorte, liga-se a um mercador de grosso trato, desenvolve rara actividade, mercadeja, chatina, e ganha tamanho credito, dando boa conta do que lhe fiam, que dezenove annos depois era opulentissimo e casava com D. Maria Cesar Berenguer, uma das mais nobres pernambucanas, filha de Francisco Berenguer de Andrade, o qual tambem era natural da Ilha da Madeira[2].

Noivo de um anno apenas, desembainhara Vieira a espada para libertar Pernambuco da tyrannia hollandeza e o restituir depois ao legitimo rei de Portugal, que a coragem dos portuguezes acclamou em 1640.

Não é nosso fim seguir a Vieira n'esta campanha brilhante, cheia de rasgos de heroicidade, da qual acaba de escrever tão proficientemente, á vista de do-

[1] O insigne tragico francez, João Racine, nos deixou esta noticia, referindo-se a uma Memoria, que diz ter sido apresentada em 1648, a Luiz XIV, em nome d'el-rei de Portugal: — Le vice-roi de le baie de Tous-les-Saints commença à faire des pratiques parmi ceux de sa nation qui étoient au Récif, à Fernambouc, et aux autres places de la domination des hollandois. Il gagna surtout Jean-Fernandez Viera, portugais, qui de simple garçon boucher, s'étant mis au service des hollandois, s'etoit extrêmement enrichi, et qui avoit grand nombre d'esclaves sous lui, qu'il faisoit travailler au sucre, dans plusieurs ingenions ou manufactures de sucre qui lui appartenoient. *Œuvres de Jean Racine. Edit. de Lefevre,* Paris 1835, pag. 388.

[2] Vid. Calado, pag. 159, que ahi entra em particularidades sobre a nobreza de D. Maria Cesar, sem nada explicar quanto á de seu marido. Com effeito, do *Nobiliario Genealogico das familias que passaram a viver na Ilha da Madeira, desde o tempo do seu descobrimento*, de Henrique Henriques de Noronha, Titulo de *Berengueres*, ff. 88 a 97 v., colhemos o seguinte:

Pelo anno de 1500 foi viver para aquella Ilha o doutor Pero Berenguer de Leminhana, a quem el-rei D. João III, na carta de brazão, que lhe deu em 1524, já chama fidalgo da sua casa. Por ter provado descender da linhagem dos Berengueres e de Leminhana, que no reino de Valencia e Catalunha eram fidalgos de cotta d'armas, lhe concedeu que usasse das armas de seus maiores.

O doutor Pero Berenguer de Leminhana casou na Madeira com D. Isabel Rodrigues de Andrade, e seus descendentes serviram no reino, Africa, Brasil, etc. Seu filho Heitor Nunes foi pae de Christovam Berenguer, que teve Francisco Berenguer de Andrade, casado em Pernambuco, pae de D. Maria Cesar, mulher de João Fernandes Vieira, governador de Angola, e libertador de Pernambuco, sem geração.

cumentos preciosos, o nosso consocio o sr. Francisco Adolpho de Varnhagen a obra que publicou o anno passado de 1871 em Vienna d'Austria, com o titulo de *Historia das lutas com os hollandezes no Brasil desde 1624 até 1654.*

No prologo d'este importantissimo trabalho historico, util e grato assim aos brasileiros como aos portuguezes, mas que o benemerito escriptor ainda promette retocar, elle nos assegura: «Á clausula de investigar sollicitamente a verdade procurámos satisfazer, recorrendo sempre de preferencia ás fontes primitivas e principalmente ás correspondencias officiaes.» Observando este preceito, convence-nos o nosso consocio de que a gloria de ter sido o principal motor da restauração de Pernambuco, por lhe haver dado o primeiro impulso, não cabe ao portuguez Vieira, mas pertence ao brasileiro Vidal de Negreiros. Parece-nos, porém, que o historiador do Brasil proferiu uma sentença menos justa, quando escreveu ácerca de Vieira: «O seu papel restringiu-se ao que em linguagem vulgar se costuma designar por *testa de ferro* [1].»

Tornemos ao que nos cumpre.

Finda a guerra choveram honras e mercês rendosas, não immerecidas, sobre o insaciavel Vieira. Foi uma d'ellas a do governo de Angola [2], de que tomou posse em 18 de abril de 1658. Acompanhou-o a Africa, além de outros parentes, Manuel Berenguer, o qual foi assassinado na noite de 27 de maio de 1660, por Alvaro de Aguiar, que o achara dentro de sua casa [3]. Soffreu ali o governador outro desgosto, causado por uma questão mui séria com os altivos jesuitas, que o excommungaram por lhes não consentir que tivessem porcos soltos pela rua. Desaggravou-o el-rei mandando reprehender o reitor do collegio da Companhia de Jesus, e intimar-lhe que se recaissem em tal excesso os haveria por privados de tudo o que possuissem da sua corôa, e se procederia contra elles com as mais penas da ordenação [4].

Desvanecido do que praticara, e querendo dar copia de si á posteridade, fez Vieira gravar e publicar o seu retrato em 1679, á frente do *Castrioto Lusitano*. Ali o podemos contemplar com a farda rica de general, e um brazão d'armas ou escudo cortado, no qual figuram, em vez das dos Fernandes e dos Vieiras, as dos Ornellas e dos Monizes; circumstancia em que até agora, que o saibamos, ninguem fez reparo, e que poderia, comtudo, ajudar a descobrir a origem

[1] Pag. 171. Mostraremos adiante como o sr. Varnhagen modificou algum tanto este julgamento, sem que todavia se pozesse de accordo com o que consta dos documentos.

[2] Por carta patente de 8 de julho de 1654.

[3] Feo Castello Branco, *Memorias contendo a historia dos Governadores e Capitães Generaes de Angola*, pag. 192.

[4] Feo Castello Branco, *Idem*, pag. 192 e 193; e *Catalogo dos governadores do reino de Angola*, no Tom. III, Part. II da *Colleeç. das Noticias para a Histor. das Nações Ultramarinas*, pag. 385.

do embora vaidoso, mas prestantissimo madeirense. Continuou ella, porém, a ser ignorada, e ignorado era egualmente na Europa o fim do heroe sublimado pelos autores do *Valeroso Lucideno* e do *Castrioto Lusitano*, antes que o nosso Socio Honorario S. M. o IMPERADOR, que hoje honra esta Academia com a Sua Presença, houvesse offerecido ao Instituto Historico e Geographico do Brasil o testamento do mesmo Vieira, feito no anno de 1674. Por esse testamento, de que o Instituto fez publicar algumas verbas na sua *Revista Trimensal*, T. XXIII, pag. 387 até 398, e pelas notas annexas, sabemos hoje que Vieira não deixou descendencia legitima de sua mulher, que lhe sobreviveu, e á qual mostra grande respeito e amisade; e que fallecendo em 10 de janeiro de 1581[1], foi sepultado na egreja da Santa Casa da Misericordia da cidade de Olinda. A filiação de Vieira ainda assim ficou sendo enigma; o que fez com que o sr. Varnhagen désse valor ao que leu em *Pierre Moreau*, que, por ser secretario de um dos governadores hollandezes de Pernambuco, repetiu provavelmente o que entre elles ouviu dizer, pois nem o nome de Vieira sabia escrever certo e lhe chamou *Diera* todas as vezes que o mencionou. «Os panegyristas do mesmo Vieira, diz o distincto historiador brasileiro[2], para exalçar-lhe a importancia, chegam até, em contradicção comsigo mesmos, a declaral-o de grande familia e mui nobre por sangue. Assim seria; mas nenhum nos diz como se chamava seu pae; e sómente que o mesmo João Fernandes passára da Madeira, sua patria, ao Recife, na edade de dez annos; que ahi servira de caixeiro, sem nenhuma paga, e sómente pela comida; até que, para sair d'essa humilde situação, preferira, em serviço de outro patrão (talvez já Stachower) deixar o Recife. Moreau, prosegue o sr. Varnhagen, vae ainda além: diz que elle era liberto (affranchi), para o que, accrescenta o nosso consocio, não póde fazer duvida a naturalidade; visto que então havia ainda escravatura na Ilha da Madeira[3].»

Nem menos de tres documentos authenticos, por nós colligidos durante as nossas antigas investigações no Archivo Nacional da Torre do Tombo, vão satis-

[1] O padre Francisco de Santa Maria, *Anno Historico*, Tom. III, pag. 266, põe a morte de Fernandes Vieira em 31 de outubro de.... Já é ser exacto!

[2] Pag. 170.

[3] Moreau, *Histoire des dernières troubles du Bresil entre les hollandois et les portugais*, Paris 1651, duas vezes chama mulato a Vieira. Da primeira, pag. 44, referindo-se a el-rei D. João IV diz: «Il n'y auoit encore que quelques affidez qui sçauoient le secret et donnoient des aduis en cachette de tout ce qui si passoit chez les hollandois, nomement Johan Fernandes Diera Molate, qui exageroit iusques aux moindres choses.» Da segunda, pag. 48, fallando dos portuguezes bem acceitos aos governadores hollandezes, accrescenta: «mais entr'autres estoit très-bien venu Johan Fernandes Diera, Molate de naissance, esclaue affranchy, pourtant intelligent et homme subtil..... mais son pere estant Portugais, il les aimoit plus que les Hollandois.»

fazer os justos desejos do sr. Varnhagen e dispol-o a desconfiar, n'este ponto, de Pedro Moreau. São elles:

I. Portaria de 2 de maio de 1652, pela qual sua magestade, em virtude das resoluções de 20 de outubro de 649 e 12 de abril de 652, sobre consultas do Conselho Ultramarino de 17 de setembro de 649 e de 19 de outubro de 650, fez mercê a João Fernandes Vieira, natural da Ilha da Madeira, *filho de Francisco de Ornellas Moniz*, de dez leguas de terra no Brasil; de outra commenda, além da que já tinha, da mesma lotação de trezentos mil réis; do habito de São Bento de Aviz; e de dois officios de justiça, fazenda, ou guerra, para pessoas da obrigação do agraciado.

II. Portaria de 30 de setembro de 1652 sobre a matricula de João Fernandes Vieira, natural da Ilha da Madeira, *filho de Francisco de Ornellas Moniz*, para receber a sua moradia, como fidalgo cavalleiro. (*Matricula, L.º 4, f.* 128.)

III. Alvará de 25 de junho de 1654, concedendo a João Fernandes Vieira, natural da Ilha da Madeira, *filho de Francisco de Ornellas Moniz*, outras dez leguas de terra em circuito, no Brasil. (*Chancell. de D. João* IV, *L.º* 26, *f.* 215.)

Em todos estes tres diplomas se recapitulam e particularisam, *ipsis verbis*, serviços relevantissimos prestados por Vieira. Assim confessados, a quem se propozer a negal-os será necessario invalidar primeiro o testemunho dos tribunaes, que os reconheceram nos sobreditos diplomas. A identidade d'estes nos dispensa de transcrever mais que o primeiro, d'onde os outros foram copiados.

Mas se tinhamos alcançado descobrir o pae de Fernandes Vieira, outras duvidas ainda nos restavam. Quem era Francisco de Ornellas Moniz? Seria João o nome de baptismo do seu filho estabelecido e casado no Brasil, ou seria outro que Vieira largasse com o mesmo desapego com que arremessou para longe de si os appellidos? Para nos esclarecermos impozemo-nos a desagradavel tarefa de examinar com muita paciencia diversos nobiliarios manuscriptos, especialmente o *Catalogo Genealogico*, que possuimos, *das familias brasileiras*, escripto por Fr. Antonio de Santa Maria Jaboatão, e a copia que existe na Bibliotheca Publica de Lisboa, do acreditado *Nobiliario das familias da Ilha da Madeira*, composto por Henrique Henriques de Noronha. Pouco tinhamos adiantado com as nossas leituras. Quasi já sem esperanças, lastimavamos o trabalho perdido, quando, por intervenção de um bom amigo[1], recebemos, em resposta a uns quesitos que haviamos formulado, estas informações que depois, pela confrontação da copia do dito *Nobiliario*, achamos serem exactissimas.

«Funchal 19 de fevereiro de 1872.—Por em quanto só acho que pela época

[1] O sr. Frederico Augusto Perry, director do posto medico da rua da Prata, a quem protestamos a nossa gratidão.

de 1601 existia no Funchal um *Francisco de Ornellas*, que casou com Antonia Mendes, natural da Lombada de Santa Cruz, filha de Jeronymo Mendes e de sua mulher Barbara Christovam, natural do Fayal da Ilha da Madeira, e que teve os filhos seguintes:

Manuel de Ornellas, que morreu moço, sem geração.

D. Maria de Ornellas, mulher de José Dias, sem geração.

Antonia de Ornellas, mulher de Antonio Pires, com geração.

Helena de Ornellas, mulher de Pedro de Freitas Peixoto, com geração.

Francisco de Ornellas que sendo rapaz fugiu para o Brasil, onde mudou o nome para o de *João Fernandes Vieira*, e que foi restaurador de Pernambuco, fazendo guerra aos hollandezes; pelo que lhe proveiu o nome de *Castrioto Lusitano:* foi fidalgo da casa de Sua Magestade, governador d'Angola, e teve outras mercês. Casou em Pernambuco com D. Maria Cesar, filha de Francisco Berenguer e de Joanna de Albuquerque, de quem não teve geração; mas houve *bastardos* varios filhos em Pernambuco.

Francisco de Ornellas, pae do *Castrioto Lusitano*, parece ser homem pobre, e era filho de Mendo de Ornellas de Vasconcellos e de Helena ou Gracia Gomes, neto paterno de Francisco de Goes e de Barbara de Mendonça, e neto materno de Paulo Antonio, natural do Fayal da Madeira. Isto consta do Nobiliario de Henrique Henriques de Noronha, archivado na camara do Funchal, e d'outros Nobiliarios que merecem mais ou menos fé.—Augusto Maria Camacho.»

Por estas informações ficará sendo manifesto que o pseudo João Fernandes Vieira, filho de Francisco de Ornellas, e de sua mulher Antonia Mendes, se chamava, como seu pae, Francisco de Ornellas Moniz; e que da mudança completa de nome e appellidos resultou não se haver atinado até agora com a sua genealogia, e chegarem, para o deprimir, a fazel-o mulato, escravo e depois forro. Se outros documentos, que diligenciamos obter, nos chegarem á mão, vulgarisando-os, esperamos deixar estas verdades plenamente demonstradas.

Eis o que tinhamos apurado até 7 de março de 1872. Estragada a vista pelo astigmatismo e pela cataracta senil, já então não podemos lêr o nosso breve trabalho. O nosso amigo o sr. Ramalho Ortigão, prestou-se a lêl-o, favor que lhe tornamos a agradecer, até mesmo porque essas poucas linhas tudo lucraram com a leitura do habil e chistoso escriptor, de quem recebemos mais esta prova de amisade. Devemos talvez á natureza do assumpto e a esta circumstancia algumas palavras de favor que a Magnanimidade de S. M. O Imperador do Brasil se dignou dirigir-nos.

Depois d'isto recebemos do sr. Camacho, a quem, para acabar com toda a questão, tinhamos feito pedir, por intervenção do sr. Perry, a certidão de baptismo de Francisco de Ornellas Moniz filho, vulgò João Fernandes Vieira, a

seguinte nota que achamos em tudo conforme com a já mencionada copia do *Nobiliario* de Henrique Henriques de Noronha, em Titulo de *Teixeiras*, onde não esperavamos achar a genealogia dos Ornellas Monizes.

«Em 8 de julho de 1419 (um anno depois da descoberta da ilha do Porto Santo) João Gonçalves Zarco, gentil-homem da casa do Infante D. Henrique, e Tristão Vaz, fidalgo da casa do mesmo Infante D. Henrique, filho de D. João I, descobriram a ilha da Madeira. Sobre isto ha muitas memorias escriptas. Deixemos a historia a quem melhor habilitado a faça e passemos á genealogia do *Castrioto Lusitano*, descendente de Tristão Vaz, companheiro de João Gonçalves Zarco na descoberta da Madeira, como fica dito.

1.º Tristão Vaz, fidalgo da casa do Infante D. Henrique, primeiro capitão e primeiro donatario da jurisdicção de Machico, cuja doação é de 8 de maio de 1440, não sabemos cujo filho fosse; mas é certo ser muito da estimação do dito Infante; veja-se Barros *Dec.* 1.ª, cap. 2.º e 3.º, f. 8, onde diz que elle se achou em todas as jornadas d'Africa, onde fez grandes feitos, principalmente em Tanger, Ceuta e cerco de Tanger, onde o dito Infante o armou cavalleiro. El-Rei D. Affonso V lhe deu por armas em campo azul uma ave phenix ardendo em uma fogueira de ouro. Seus filhos juntaram-lhe as dos Teixeiras que tinham por sua mãe. Viveu 80 annos e morreu em Silves. Casou com Branca Teixeira nobilissima senhora da familia dos Teixeiras de Villa Real, senhores de Teixeira. Teve entre filhos e filhas onze de que ha noticia: e o quarto filho na ordem dos filhos, Lançarote Teixeira.

2.º Lançarote Teixeira, filho quarto de Tristão Vaz, primeiro capitão e primeiro donatario de Machico, e de sua mulher Branca Teixeira, foi grande cavalleiro, muito rico, instituiu o morgado a que chamam da Penha d'Aguia em seu filho primogenito. Casou no Algarve com Brites de Goes, filha de João do Rego e de Brites de Goes, fidalgos d'aquelle reino: e teve entre filhos e filhas onze de que ha noticia; o filho segundo Francisco de Goes.

3.º Francisco de Goes, filho segundo de Lançarote Teixeira, e de sua mulher Brites de Goes, viveu em Machico; casou com Barbara de Mendoça, filha de Alvaro de Ornellas Saavedra e de Constança de Mendoça de Vasconcellos, senhora illustre: e teve entre filhos e filhas quatro de que ha noticia: e o filho segundo Mendo de Ornellas de Vasconcellos.

4.º Mendo de Ornellas de Vasconcellos, filho segundo de Francisco de Goes, e de sua mulher Barbara de Mendoça, casou duas vezes, ambas modestamente, a primeira com Helena ou Grácia Gomes, filha de Paulo Antonio do Fayal na ilha da Madeira: e teve de suas duas mulheres entre filhos e filhas cinco de que haja noticia: o filho primeiro da primeira mulher, Francisco de Ornellas.

5.º Francisco de Ornellas, filho primeiro de Mendo de Ornellas de Vasconcellos e

de sua primeira mulher Helena ou Grácia Gomes, casou com Antonia Mendes, natural da Lombada de Santa Cruz, e teve:

6.º Francisco de Ornellas, que sendo rapaz fugiu para o Brasil, mudou o nome em o de João Fernandes Vieira, foi o restaurador de Pernambuco, pelo que lhe chamaram *Castrioto Lusitano*, foi governador de Angola, etc.»

Na carta que acompanhava esta nota, acrescentava o sr. Camacho: «Creio, e para isso tenho bastantes rasões, que o homem não nasceu no Funchal, mas em uma das freguezias de Santa Cruz, villa d'esta ilha. Logo que obtenha a referida certidão, a enviarei. Por descuido dos respectivos parochos e por outras causas, os livros d'esta época, 1600, estão bastante arruinados em todas as parochias; mas confie no desejo que tenho de o servir, que saberei vencer todas as difficuldades.» Como prova subsidiaria de que o pseudo Vieira era um Ornellas, apontava o sr. Camacho para o brazão de armas, em que nós, antes do aviso do habilissimo informador, já tinhamos reparado. Depois de outras indicações que não podemos aproveitar, concluia aquelle cavalheiro dizendo o seguinte: «Deposite em mim confiança que lhe prometto trabalhar o mais possivel por conseguir a certidão; se eu a não alcançar é porque é inteiramente impossivel. Creio com alguns fundamentos, mas estes com tão pouca força em direito, que melhor é dizer desconfiança, que este nome de *João Fernandes Vieira* foi tomado, não ao acaso, mas sim de um parente seu por parte materna, como signal de reconhecimento; porque, sendo seus paes pobres, foi elle protegido por um João Fernandes Vieira, parente de sua mãe, lavrador algum tanto abastado: para se provar isto ha bastante difficuldade, por falta de documentos officiaes.»

Se o sr. Camacho encontrou obstaculos invenciveis, ou se chegou a obter o tão desejado documento, não nos é licito dizel-o; porque nunca mais escreveu ao seu e nosso amigo, sem que possamos atinar com a causa de tal silencio, e apesar das instancias feitas para que houvesse de o quebrar.

Repetimos todas estas circumstancias, porque poderão aproveitar a outros mais bem succedidos do que nós. Tivemos, porém, melhor resultado das nossas proprias indagações. Favorecidos pelo nosso consocio o sr. Visconde de Paiva Manso, e auxiliados pelo nosso constante amigo e collega o sr. J. G. Goes, conseguimos extrair do Archivo do Conselho Ultramarino os documentos que vão sob os numeros II a V.

O II é a consulta de 8 de julho de 1649, que acompanha duas cartas de João Fernandes Vieira, na primeira das quaes suggere os meios de concluir a guerra com os hollandezes; e na segunda advoga os interesses do povo pernambucano contra uma convenção trazida de Hollanda pelo padre Antonio Vieira, sobre a venda de Pernambuco aos hollandezes, os quaes, para elle Fernandes Vieira desistir da guerra e sair da provincia, chegaram a offerecer-lhe duzentos mil cruzados postos em Portugal.

É o III a consulta de 18 de agosto de 1649 resolvida favoravelmente sobre o requerimento de Vieira, em que pediu a confirmação da patente de Mestre de Campo, e que as suas pretensões fossem consultadas no Conselho Ultramarino, sem embargo da geral prohibição de se acceitarem as dos moradores de Pernambuco. Allega Vieira ser pessoa *de muita qualidade*, sendo só o que com sua industria e zelo procurou a liberdade da patria com risco de sua vida.

É o IV a consulta de 17 de setembro de 1649, da qual consta por attestações juradas aos santos evangelhos, e passadas pela principaes auctoridades da provincia de Pernambuco, que João Fernandes Vieira, *filho de Francisco de Ornellas Moniz*, prestára desde o anno de 1630 na guerra contra os hollandezes os mais assignalados serviços [1], sendo um dos que o affirmam, quanto aos posteriores a 1639, o proprio Mestre de Campo, André Vidal de Negreiros [2]. Em premio d'elles pediu Vieira (além das mercês que já recebera do foro de fidalgo, e do habito de Christo [3] com uma commenda de 300:000 réis) as do marquezado da Serra de Copaova, de conselheiro de guerra, o senhorio da capitania do Rio Grande, ou

[1] Referindo-se á verba 64 do testamento de Vieira, diz o sr. Varnhagen: «... verba, cujo principio em nosso entender foi erradamente transcripto na copia publicada pelo Instituto Historico (Rev. xxiii, pag. 396), pois só com grande falsidade podia o testador haver dito, como ahi se lê: «Declaro que servi a S. M. desde a era de 1630 até á de 1645.» Deverá pois ler-se: «Declaro que servi a S. M. desde o anno de 1645 até o de 1654;» esta leitura é a que até se deduz do modo como prosegue o mesmo testador, referindo-se com mais explicações aos ditos dois annos de 1645 e de 1654. (*Nota* a pag. 279 e 280.)»

Ignoramos se acaso houve erro na transcripção da verba do testamento; mas o que é certo é que ella, tal qual se acha, concorda com o que se lê nos documentos I e IV.

[2] Dissemos que o sr. Varnhagen modificou algum tanto o julgamento, pelo qual condemnára Vieira ao triste papel de *testa de ferro*. Transcreveremos aqui as suas proprias palavras. «Estudando bem os factos, João Fernandes Vieira não apparece decididamente tão grande homem como, em detrimento dos seus camaradas, nol-o quizeram apresentar seus panegyristas. (Pag. 265.)»

«Temos por sem duvida que se alguma acção se intentou contra o afortunado madeirense *(pelo que devia aos hollandezes)* ou seus herdeiros, seria ella pelo Estado satisfeita; em obsequio aos seus serviços *sem duvida grandes*, embora não tanto como o proprio interessado (não attendendo aos dos outros, e por ventura revendo-se já nos elogios prodigados pelos seus panegyristas) os suppunha; á vista da immodestia que alardeava, immodestia que aliás seria até certo ponto louvavel quando «o mundo o tivesse desamparado em seu galardão» e quando os seus contemporaneos por inveja ou por emulação, não lhes reconhecessem os serviços *que em todo caso veiu a prestar ao Brasil*. (Pag. 279 e 280.)»

[3] João Fernandes Vieira deveu ter provado de quem era filho, quando se habilitou para a mercê do habito de Christo. Não encontrámos esta habilitação na Torre do Tombo, mas restam-nos os quatro documentos em que a filiação se dá por provada.

Cunhaú; duas commendas, uma de mil, outra de dois mil cruzados; tres habitos das tres ordens para pessoas da sua obrigação; dois officios para dois homens da sua casa; dez leguas de terra ao sertão; o cargo de almirante de todo o estado do Brasil; o governo vitalicio de Pernambuco, ou o de Angola por seis annos, ou o do Maranhão por nove.

É o V a consulta de 19 de outubro de 1650 sobre a replica de João Fernandes Vieira, em que allega e prova novos serviços, apaziguando tumultos de soldados, etc., e pede a posse immediata das duas commendas com que foi galardoado, o governo de Angola em logar do do Maranhão, o almirantado, e o titulo de conde do Ceará com jurisdicção civel e crime.

Concluimos que, para nós, está sufficientemente provado, que o verdadeiro nome de João Fernandes Vieira é Francisco de Ornellas Moniz; que seu pae tambem assim se chamava; e que o marido da illustre D. Maria Cesar, bem longe de ser mulato forro, descendia de Tristão Vaz companheiro de João Gonçalves Zarco, descobridores da ilha Madeira.

DOCUMENTOS

I

Por resolução de Sua Magestade de 20 de Outubro de 649 e 19 de Abril de 652 em consultas do Conselho Ultramarino de 17 de Setembro de 649 e 19 de Outubro de 650.

ElRey nosso senhor em consideração dos serviços de João Fernandes Vieira estante no Brasil, natural da Ilha da Madeira, e filho de Francisco Dornellas Moniz, feitos em viva guerra na capitania de Pernambuco, de soldado, capitão e Mestre de campo desde o anno de 630, em que os holandezes a começaram a occupar, até o de 51, acompanhado, todo aquelle tempo de criados e escravos, não somente sem soldo, mas despendendo, na continuação dos serviços que fez, grande quantidade de dinheiro, que se lhe ficou devendo, e fazenda, consumindo outra muita que tinha, no sustento da iffantaria, no culto divino e liberdades das Igrejas, que apezar dos hereges ornou e teve sempre em pé, celebrando-se nellas, afora outras obras pias que exercitava, e na defensão dos moradores, a que acodia e livrava dos inimigos por meio de seu grande zello e industria, não sem evidente risco da vida, por contemporizar com elles para os entreter, e melhor negociar as partes dos moradores, em quanto não foi descoberto; e no tocante ás armas proceder com singular valor na maior parte das occasiões de pelejas, correndo juntamente os primeiros quatro annos com a repartição dos bastimentos do exercito, e o mais tempo, depois de resistir tres mezes, que durou o sitio do arraial, com grande astucia e animo ao rigor das fomes e batarias continuas, prevenir dentro dos matos armazens de mantimentos, gente e armas, com que deu principio aos moradores acclamarem a liberdade e desalojarem os holandezes dos portos que occupavam, sacudindo o cruel jugo de sua tirania, sendo elle muita parte de se conseguir obra tam heroica, onde se sinalou, ajudando com a espada nas mãos a ganhar-lhes da primeira vez trinta bandeiras com o seu estandarte real, ficando-lhes no campo mortos perto de novecentos homens, afora o seu general com outras muitas pessoas de conta, em que houve muitos feridos; e no recontro de 18 de Fevereiro de 49, sendo mandado investir o esquadrão do inimigo na campanha, o fazer tam valerosamente que com desigual poder chegou a ganhar-lhe a artelharia e huma bandeira, obrigando-o a retirar, e indo em seu seguimento distancia de duas legoas, lhe matar e ferir muita gente, afora cousa de dous mil homens com o seu coronel que então deixou no campo, com toda a bagagem e dez bandeiras, de doze que trazia, com alguns prisioneiros, recolhendo-se elle João Fernandes Vieira mui

maltratado de hum hombro, onde lhe deu huma balla: e tendo outrosi respeito a S. Magestade, por carta de 16 de Fevereiro de 648, mandar escrever ao governador Antonio Telles da Silva que da sua parte lhe significasse como S. Magestade lhe fazia mercê do foro de fidalgo, de huma commenda de lote de trezentos mil reis da Ordem de Christo com o habito della, e de o conservar no posto que occupava de Mestre de Campo, em quanto lhe não dava outro logar maior, de que não tirou portaria; e por tudo o mais que depois foi obrando pelas armas na campanha, aventejando-se tanto na guerra contra os inimigos, como he notorio; de mais dos despachos referidos do foro de fidalgo, habito de Christo e commenda da mesma ordem de lote de trezentos mil reis, com que estava respondído pela maneira declarada e de novo lhe confirma: Ha por bem de lhe fazer mercê que a commenda seja effectiva e de lhe dar dez legoas de terra no Brasil, começando do ultimo morador que estiver de posse para o sertão, onde as achar devolutas e juntas, para a parte de Santo Antão; e assim lhe faz mercê de outra commenda do mesmo lote de trezentos mil reis, com faculdade para poder testar della em filho; e do habito de São Bento de Aviz, e dous alvarás de justiça, de fazenda, ou guerra para pessoas de sua obrigação, em cujas calidades caibam; e por conta da promessa que tinha de commenda, lhe faz mercê de consignar logo a de Santa Eugenia d'Alla que vagou no Bispado de Miranda por falecimento de João Cabral, a cujo titulo lhe tem mandado lançar o habito de Christo; e outro si lhe faz mercê do titulo de seu conselheiro de guerra, para o exercitar quando houver logar, e do governo do Maranhão por seis annos, com obrigação de descubrir no Rio das Amazonas as minas de ouro que dizem ha nelle. Alcantara em 2 de Maio de 652.

Quando Sua Magestade, que Deus guarde, pela via das mercês mandou despachar o Mestre de Campo João Fernandes Vieira com as que houve por bem fazer-lhe e de que logo se lhe passou portaria, declarou Sua Magestade juntamente se lhe dissesse que das mais mercês que pedia, com pretexto de fazer novos serviços, teria Sua Magestade particular cuidado, dando o tempo logar de se poder tratar de outras emprezas; assegurando-lhe, porem, que depois de seus acrescentamentos ficava com lembrança, e de lhe fazer toda a honra e mercê que lhe elle merecia, tanto pelo que tinha obrado, como pelo que promettia servir; mas que ainda não era tempo de se divertir do que tinha a cargo; que na secretaria ficava tomado por memoria a promessa de commenda, para nas occasiões de commendas vagas se lhe dar pontual satisfação a ella; e que acabada a guerra de Pernambuco, ou chegando a termos de se poder escusar nelle sua pessoa, mandaria Sua Magestade ter muita conta com seus merecimentos e bons serviços, pera o occupar nos postos em que, conforme a elles,

estivesse a caber, e então se trataria das cousas que de novo propunha, em que Sua Magestade esperava delle lhe fizesse outros taes serviços, que lhe merecesse toda a honra e mercê; assim o certifico. Alcantara em 2 de Maio de 652[1].

II

Senhor — O mestre de campo João Fernandes Vieira em hũa carta que da campanha de Pernambuco escreveu a V. Magestade, da data de 20 de março do presente anno, diz a V. Magestade que, postoque não governa aquella guerra que alevantou á sua custa, com tanto sangue que tem derramado e dispendio de sua fazenda, lhe corre obrigação representar a V. Magestade o estado em que hoje se acha: que foi Deos servido que alcançassem hũa grande victoria em dezanove de fevereiro passado deste anno em que as armas de V. Magestade ficaram triumphantes com a maior bizarria que jámais se lembra que houvesse na America. A batalha foi dada no mesmo sitio e paragem em que se deu a passáda, e ficaram logo no campo degolados passante de dous mil homens, em que morreu o que governava a tropa do inimigo, que constava de quatro mil homens, e todos os mais officiaes, cento e quarenta prisioneiros, seis peças de artilheria, dez bandeiras, munições e todos os mais petrechos de guerra, e quatrocentos e setenta feridos que levavam; que foi occasião esta com que os hollandezes se devem desenganar do Brasil, para que venham em algum concerto; mas que estão ao presente com tanta falta do necessario que fora melhor leval-os por guerra, porque bastante occasião deram elles agora em ir á Bahia queimar vinte e hum engenhos e destruir toda aquella paragem; que esperavam todos os que servem naquella guerra e o povo daquellas capitanias que V. Magestade mande fornecer a armada que está na Bahia, para que, ella por mar e a infantaria por terra, se averigue em breves dias o que tanto se deseja, e na brevidade está a segurança daquelle Estado, porquanto os hollandezes não podiam hoje guarnecer seus navios no mar, nem suas forças em terra; e que convinha muito á segurança de todo aquelle estado que a dita armada se não venha delle, sem se concluir com sua liberdade, porque não usem os hollandezes de algum ardil com que venha a ser mais custosa; e que esperam todos da grandeza de V. Magestade que por hũa ou outra via sejam livres daquelle cativeiro.

Ao conselho pareceu dar conta a V. Magestade do que contém a carta referida do mestre de campo João Fernandes Vieira, para que por todas as vias lhe chegar a nova de tam felice e gloriosa victoria, como nosso senhor foi servido dar ás armas de V. Magestade, e tambem para ser presente a V. Magestade

[1] Arch. Nac. da Torre do Tombo. Portarias do Reino, liv. 2, fol. 388.

o discurso que aquelle mestre de campo faz sobre a mesma guerra, e modo de a proseguir; e mandar V. Magestade que, no que se entender que convirá fazer-se e se puder fazer, se não perca tempo e occasião.

E com esta consulta se envia a V. Magestade a copia de hũa carta, que o mesmo João Fernandes Vieira escreveu ao Marquez Presidente com occasião do aviso, que em Pernambuco se teve, das pazes que se intentavam com Hollanda, e o descontentamento que aquelles moradores tiveram disso e as rasões que dão de sua parte, para V. Magestade ter noticia de tudo. Em Lisboa a 8 de julho de 649.—O Marquez de Montalvão—Jorge de Castilho—João Delgado, Figueira. Foi voto o doutor Diogo Lobo Pereira.

Na margem: Tive e terei presente a lembrança que o conselho me faz e lha agradeço. Lisboa 3 de dezembro de 649—(Rubrica.)

(Copia.) Depois de ter escripto a V. Ex.ª se descobriram cartas vindas desse reino nestas naus ingrezas, que puzeram este povo em admiração, e houve notaveis clamores sobre a pouca piedade que com elles se queria usar, tam mal merecida; e tudo lhe procedeu de hum treslado que veo de hũas conveniencias que cá se dizem estiveram feitas; e como eu sou a pessoa que sempre os ampparei e que mais me doo de sua ruina, pelo muito que nella sou interessado, se vieram a mim os mais deste povo com mil clamores, dizendo procurasse por elles na forma seguinte, manifestando-me primeiro: quatro annos ha que tomamos as armas com tam notaveis riscos, sacrificando as vidas, destruindo as fazendas, sustentando a guerra por não consentir aggravos tiranicos, e por conservar a ley de catholicos romanos, e para restituir este imperio a seu rey e senhor, e por remediar a honra das nossas amadas filhas; e cuidando nós que por este zelo e das mais rasões sobreditas fossemos agradecidos, pelo contrario estivemos com o cutello na garganta pela conveniencia presumida, e por outra parte pelo que tememos se apparelhe; por cujo respeito pedimos com estas abundantes lagrimas represente Vm.ce a S. Magestade, que Deus guarde, e a seus ministros, ponham os olhos em nossas miserias; fazendo nós da nossa parte, offerecemos duplicada quantia do que os framengos pediam, ficando isentos de sua jurisdição; ou se façam armadas e soccorros e o mais que fôr necessario para conservação deste Estado, que tanto importa a S. Magestade, e que com suas fazendas irão pagando; e em remate de tudo disseram que, em falta do que pediam, lhes dessem hum desengano, para se pôrem em cobro, por não padecerem tantas tirannias quantas teem experimentado por muitas vezes.

He tempo, Sr., em que V. Ex.ª deve mostrar o amor que tem a estes pobres moradores, procurando-lhe seu remedio por hũa via, ou pela outra; porque vejo as cousas em tal estado que, se não se acudir a isto, poderá succeder algũa ruina pelo enfado que vejo em todos, assi nos soldados da guerra por pouco re-

mediados, como nos moradores por cançados, e que presuppõem para que tomam·os riscos sobreditos he que como as conveniencias se não averiguaram na forma que convinha, que ha de metter o inimigo grande cabedal no Brasil, e que agora se podia acudir com esta gloriosa victoria, que Deos nos fez mercê dar. Eu de minha parte e meus companheiros estamos sempre com grande animo para dar as vidas pelo real serviço, como até agora o temos feito; mas lastima-nos tanto estes miseraveis que he força pedir a V. Ex.ª acuda, como pae em quem confiamos.

Parece-me fazer esta advertencia a V. Ex.ª e he que aos framengos não he necessario dar dinheiro, nem cousa algũa, por conveniencia que façam, havendo de ficar os moradores debaixo de sua jurisdição; que antes elles o darão com muita largueza, porque já o offereceram por muitas vezes, por cartazes que lançaram em tempo que aqui tinham grande poder, e perdão para todos os moradores, e que por fazendas não seriam molestados em tantos annos, e que tomassem passaportes; e a mim em particular me offereciam duzentos mil cruzados, postos aonde eu quizesse no reino de Portugal, somente porque desistisse da guerra e me saisse desta terra; e de tudo isto zombamos. Considere V. Ex.ª como condiz este modo com a conveniencia, que dizem trazia o padre Antonio Vieira de Hollanda, e o que de presente dariam se lho concedessemos, tendo-lhe destruido todo o poder que cá tinham. Guarde Deos muitos annos a V. Ex.ª para nosso amparo.—Arraial 30 de março de 649.—João Fernandes Vieira[1].

III

Senhor—Entre algũas petições que com lista ordinaria de 12 do presente se remetteram a este conselho, veio a que vai inclusa do mestre de campo João Fernandes Vieira, em que pede a V. Magestade seja servido de mandar que, sem embargo da prohibição geral que ha para se não acceitar, nem tratar de requerimentos de moradores de Pernambuco, se possam ver neste conselho e consultar por elle a V. Magestade seus requerimentos e serviços; e por a dita petição não trazer ordem expressa de V. Magestade para se fazer, pareceu tornal-a a enviar a V. Magestade para a mandar vêr, e declarar como he servido se proceda, ou (como já se disse a V. Magestade em consulta de 9 do passado) que se defira aos requerimentos deste mestre de campo e seu companheiro com a mercê e acrescentamentos que seus serviços merecerem. Em Lisboa a 18 de agosto de

[1] Arch. do Conselho Ultramarino. Consultas.

649. — O Marquez de Montalvão — João Delgado Figueira — Diogo Lobo Pereira.

Na margem: Bem se podem consultar os serviços destes mestres de campo. Lisboa 30 de Agosto 1649. (Rubrica.)

Senhor — Diz o mestre de campo João Fernandes Vieira que elle tem feito correntes os papeis dos serviços, que fez a V. Magestade nas guerras do Brasil por tempo de vinte annos continuos, desde o anno de 630, em que os hollandezes occuparam aquella capitania de Pernambuco, até o presente, com os maiores gastos e despesas que jámais fez vassallo algum, por ser pessoa de muita qualidade e dos mais ricos daquellas partes; acudindo, com sua pessoa e fazenda e muita gente que comsigo trazia, ás occasiões que se offereceram, e ao sustento dos soldados, por ser de grande rendimento e ter cinco engenhos reaes; sendo só o que, com sua industria e grande zello de bom e verdadeiro vassallo, procurou a liberdade da patria, com evidente risco de sua vida e perda de toda sua fazenda, pondo crua guerra aos hollandezes, e desbaratando-os por vezes na campanha; serviço digno de toda a remuneração, e pelo qual lhe tem V. Magestade feito algumas mercês dignas de sua costumada grandeza: e porque he rasão haja em sua casa perpetua lembrança, com os mais acrescentamentos que dignamente deve esperar por tam grandes merecimentos e serviços de tanta consideração e de que resultou o restituir-se aquelle estado, que tam atenuado e opprimido estava; Pede a V. Magestade lhe faça mercê mandar ordenar ao conselho ultramarino que, sem embargo da ordem dada, por que se mandou parar com os requerimentos das pessoas assistentes em Pernambuco, se tome conhecimento de seus requerimentos e pertensões, e se consulte logo a V. Magestade, para mandar deferir a elles como houver por seu serviço. E. R. M. [1].

IV

O mestre de campo João Fernandes Vieira pede satisfação de seus serviços.

O mestre de campo João Fernandes Vieira, filho de Francisco de Ornellas Moniz, e natural da ilha da Madeira, consta, pelas certidões que offereceu, servir na guerra de Pernambuco desde o anno de seiscentos e trinta, em que os hollandezes occuparam aquella capitania, até o presente pela maneira seguinte:

[1] Arch. do Conselho Ultramarino. Consultas.

Por tres certidões dos sargentos móres Pedro Corrêa da Gama, Martim Soares Moreno, e dos capitães Simão Caeiro Machado, Manuel Tavares, Gomes de Abreu Soares e outros, consta conhecerem ao dito João Fernandes Vieira assistir naquella guerra desde seu principio, em todas as occasiões que se offereceram com o inimigo, servindo á sua custa como bom soldado; continuando tambem por tempo de quatro annos na repartição dos mantimentos da gente de guerra, supprindo com sua propria fazenda por varias vezes em muitas occasiões, em que houve falta na de V. Magestade, de que se lhe está devendo grande quantia de dinheiro; e senhoreando os hollandezes no anno de seiscentos trinta e cinco a campanha e pondo cerco ao arraial, batendo-o por differentes partes, esteve dentro nelle pelejando por espaço de tres mezes que durou o sitio, em que o inimigo lhe metteu dentro mais de duas mil e duzentas balas de artilheria e outros artificios de fogo, acudindo de dia e de noite aos continuos rebates, e ás fortificações que se fizeram, com dous criados seus, portando-se em tudo com muito valor, padecendo muitas miserias e fomés, pela estreiteza a que chegaram, até que foram rendidos; e ficando em poder dos hollandezes, fez muitos serviços a V. Magestade, mostrando seu zelo em toda a occasião que se offerecia de favorecer aos capitães e officiaes de guerra prisioneiros, e aos soldados pobres e roubados, arriscando sua vida por muitas vezes, por livrar da morte a muitos moradores daquella capitania, estando já alguns sentenceados a ella; e ainda lhes fazia tornar suas fazendas, por ter grangeado com a sua propria grande amisade com os hollandezes, só a fim de poder por este meio servir melhor a V. Magestade e a seus vassallos, o que tudo he notorio em todo o estado do Brasil.

Por certidão do mestre de campo André Vidal de Negreiros consta que, indo no anno de 639 á campanha de Pernambuco, por ordem do conde da Torre, a cousas importantes ao serviço de V. Magestade, alcançou por via do dito João Fernandes Vieira todos os avisos que lhe eram necessarios para mandar á Bahia, o que os mais moradores lhe difficultavam, por medo que tinham dos hollandezes; favorecendo com sua fazenda a todos os capitães e soldados da campanha, não reparando no risco de sua vida, e em perder cinco engenhos que tem, movido só do zelo de leal vassallo de V. Magestade, livrando a alguns moradores daquella capitania que estavam presos, por entenderem os hollandezes que favoreciam ao dito André Vidal.

Por onze certidões dos licenceados Gaspar Ferreira, Matheus de Sousa, Manuel Rebello, Jorge da Motta, João de Abreu Soares, Gaspar de Almeida, Antonio Bezerra e outros e vigarios das matrizes da capitania de Pernambuco, consta acudir o dito João Fernandes Vieira com muito grande dispendio de sua fazenda a todas as cousas necessarias ao culto divino, procurando a liberdade das egrejas, por os hollandezes não quererem que as houvesse, nem que se celebrassem

os officios divinos; servindo continuamente de juiz das principaes confrarias, que elle ordenava, fazendo nas egrejas obras de muita consideração á sua custa, dando-lhe ornamentos, alampadas, calis e todo o necessario para ellas; e por sua industria se converteram á nossa santa fé cinco judeus e tres hereges framengos; casando orfãs e favorecendo geralmente a todos os pobres; sendo o maior serviço de todos a conservação da fé que sempre procurou, cujo zelo lhe agradeceu muito o bispo daquelle Estado, não havendo outra pessoa naquella capitania que mais dispendesse, assi nas cousas referidas, como com os soldados, por ser naturalmente muito liberal, e possuir cinco engenhos; e que assi isto mesmo consta tambem por certidão do mestre de campo André Vidal.

Por outra, assinada por todos os capitães que servem na guerra de Pernambuco, consta como o dito João Fernandes Vieira acclamou a liberdade dos moradores daquella capitania, communicando-o primeiro com elles, pelas tiranias que os hollandezes usavam com aquelles povos, sendo sómente o zello de verdadeiro portuguez o que o obrigou a hũa empreza tam heroica, preparando e ajuntando com muita cautella quantidade de armas; e sendo descuberto seus intentos aos hollandezes por pessoas mal affectas, lhe foi forçado retirar-se com grande risco de sua vida, e sair então a campanha com a gente que tinha convocado, appellidando-o logo por seu governador, por não haver pessoa em todo aquelle estado que com mais resolução, desprezo de fazenda, e da propria vida, intentasse a dita empreza, tendo para este effeito escondido ao capitão Antonio Dias Cardoso com a infanteria que lhe foi da Bahia, e prevenido no matto almazens de mantimento, com que se sustentou mais de dous mezes, antepondo a tudo o serviço de Deos e de V. Magestade, e da liberdade daquelles miseraveis povos; padecendo muitos trabalhos, riscos e sobresaltos, por haver alguns descontentes, em rasão de lhes faltar o soccorro que havia de ir da Bahia, os quaes tratavam de o entregar aos hollandezes, amotinando para isso muitos soldados; e pelo não poderem conseguir, intentaram matal-o com peçonha; e sem embargo de tudo dissimulava com todos com grande prudencia, por se não mallograr o que tinha emprendido, gastando sua fazenda com os soldados com muita largueza, e ordenando as cousas da guerra com gentil disposição e acordo, como soldado de muita experiencia; e consta nomeal-o o governador Antonio Telles da Silva por mestre de campo de todas as companhias de infanteria portugueza da ordenança da dita capitania de Pernambuco.

Por tres certidões dos mestres de campo Martim Soares Moreno e André Vidal de Negreiros consta que, indo por ordem do governador Antonio Telles da Silva a apasiguar os moradores de Pernambuco, que tinham acclamado liberdade contra os hollandezes, acharam ao dito mestre de campo João Fernandes Vieira retirado a hum sitio, que chamam Tabocas, para nelle se fortificar; e indo o inimigo buscal-o, o desbaratou com perda de trezentos framengos entre mortos e

feridos, durando a batalha mais de quatro horas, ficando no campo muita quantidade de armas para provimento dos soldados; e o mesmo fez no segundo encontro que teve com elle na casa forte, em que lhe matou e aprisionou perto de quatrocentos homens, sendo hum delles o seu governador das armas, hum sargento mór e outras pessoas de conta; e na ilha de Itamaracá e sitio dos Afogados e em outras muitas occasiões se houve da mesma maneira, gastando nesta guerra muitos mil cruzados, e sustentando nella muita quantidade de gente de tudo o que lhe era necessario; e o mesmo consta por certidões de todos os capitães que servem na mesma guerra, e dos padres João de Mendonça e Francisco de Avelar da Companhia de Jesus.

Por hũa carta assinada pela mão real de V. Magestade, da data de 26 de fevereiro do anno passado, consta mandar V. Magestade escrever ao dito mestre de campo João Fernandes Vieira que do governador Antonio Telles da Silva entenderia a mercê que V. Magestade lhe fez, e que lhe passasse della o despacho necessario, o qual enviaria a este reino, para poder tomar posse della a seu tempo, que seria logo como o Recife se restituisse, ou tomassem algum assento as cousas de Pernambuco; e que haviam de ser muito maiores as mercês que V. Magestade esperava fazer-lhe, como o tempo lhe mostraria.

E em hũa carta, que o mesmo Antonio Telles escreveu ao dito mestre de campo em 4 de junho do anno passado, lhe significou que V. Magestade lhe tem feito mercê do foro de fidalgo, e de hũa comenda da Ordem de Christo de lote de tresentos mil réis, e de o conservar no posto de mestre de campo, em quanto lhe não dava outro logar maior.

Por certidão do mestre de campo geral Francisco Barreto consta que, saindo o inimigo a campanha em 18 de abril do anno passado com o seu exercito, que constava de mais de seis mil homens, lhe foi ter ao encontro, no sitio dos Gararapes, com dous mil e duzentos infantes sómente, ordenando aos mestres de campo João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros que, cada qual com o seu terço, saissem a pelejar de vanguarda, o que fizeram com notavel deliberação, chegando o dito João Fernandes Vieira, pela sua parte, a encontrar-se com hum esquadrão do inimigo, que rompeu e investiu á espada, matando e ferindo muitos hollandezes; ajudando a ganhar trinta e tres bandeiras e o seu estandarte real, ficando mortos no campo perto de novecentos homens, dous coroneis, hum sargento mór, muitos capitães e pessoas de conta, afora os feridos, que tambem foram muitos, em que entrou o seu general Segismundo; e que nesta occasião de tanta gloria teve muita parte o dito João Fernandes Vieira, pelo assignalado valor com que procedeu nella, pelejando sempre na vanguarda do seu terço.

Por outra do mesmo mestre de campo geral consta que, saindo ultimamente o inimigo a campanha em 18 de fevereiro do presente anno com 9 (?) mil

homens e seis peças de artilheria de campanha, lhe tornou a ir ter ao encontro com dous mil e seiscentos soldados, ordenando ao mestre de campo João Fernandes Vieira que o seu terço fosse pelejar com elle pelo lado direito, por vir carregando sobre as nossas companhias; o que fez valerosamente, investindo e rompendo o esquadrão do inimigo, de maneira que chegou a ganhar-lhe a artilheria, e tomar-lhe hũa bandeira; e, retirando-se, lhe foi seguindo o alcance distancia de duas leguas, matando e ferindo a muitos; perdendo os hollandezes nesta occasião perto de dous mil homens mortos, em que entrou o coronel que governava o seu exercito, e quasi todos os officiaes, ficando feridos quatrocentos e setenta, e dez bandeiras no campo, de doze com que sairam, e toda a artilheria, monições e bagagem, aprisionando-lhe perto de cem homens; sendo o dito mestre de campo muita parte de se conseguir esta victoria, pelo assignalado valor com que procedeu, de que ficou pisado em hum hombro de hũa bala de mosquete.

As certidões referidas são todas juradas e justificadas. Allega mais o dito mestre de campo que nenhum vassallo de V. Magestade naquelle estado serviu com tantas despezas de fazenda, nem se aventejou tanto como elle na guerra, intentando a maior facção que no dito estado houve, estando tam senhoreado e opprimido do inimigo, de que primeiro deu conta a V. Magestade e ao governador do dito estado; e que será razão que serviços tam calificados e facção tam heroica fique sempre em memoria com accrescentamentos em sua casa, como deve esperar da grandeza de V. Magestade.

Pede a V. Magestade que, havendo a tudo respeito (de mais da mercê que lhe tem feito do fôro de fidalgo e do habito de Christo com commenda de tresentos mil réis) lha faça V. Magestade, por sua grandeza, em satisfação de seus grandes serviços, do marquezado da serra da Copaova, conquistando elle á sua custa o gentio levantado, fazendo hũa villa nella; e se dê hum titulo de conde naquelle Estado, fazendo-o V. Magestade do seu conselho de guerra, com o senhorio da capitania do Rio Grande ou Cunhaú, com obrigação de descobrir as minas que houver nos ditos districtos; e assi lhe faça V. Magestade mais mercê de duas commendas, hũa de dous mil cruzados e outra de mil cruzados, das que houver vagas ou vagarem, e tres habitos das tres ordens para pessoas da sua obrigação, e dous officios para dous homens de sua casa; e que se lhe dem dez leguas de terra ao sertão, começando do ultimo morador que estiver de posse para a parte de Santo Antão, com obrigação de conquistar o gentio que nelle habitar, e povoar o que for sufficiente para isso; e que se lhe dê tambem o cargo de Almirante de todo o estado do Brasil, com a jurisdição e proes que tem o deste reino, e hum dos governos ultramarinos, o de Pernambuco em sua vida, ou o de Angola por seis annos, ou por nove o do Maranhão.

Apresenta sua folha corrida nesta cidade, e certidão do registo das mer-

cês, por que se mostra não lhe ser feito nenhũa até o presente. E dando-se vista ao Desembargador Antonio Pereira de Sousa, tem seus papeis correntes.

Ao conselho parece que os serviços *de* João Fernandes Vieira são de qualidade, e feitos em taes occasiões e com tanto valor e despeza de fazenda, que ficará nelles bem empregada a mercê que V. Magestade for servido fazer-lhe; e que por agora lha deve V. Magestade fazer (de mais das mercês ja feitas do foro de fidalgo, habito de Christo e promessa de commenda de tresentos mil réis, fazendo-se-lhe effectiva) de outra commenda do mesmo lote, com faculdade para testar della em filho, das dez leguas de terra que pede, e do governo do Maranhão por seis annos, com obrigação de descobrir no rio das Amasonas as minas de ouro, que dizem ha nelle; e de hum habito de Christo, e dous alvarás de lembrança de dous officios de justiça, guerra, ou fazenda para pessoas de sua obrigação, que caibam em sua qualidade.

E o doutor João Delgado Figueira he do mesmo parecer no que somente toca as mercês feitas, governo do Maranhão por seis annos, e ás dez leguas de terra que pede. Em Lisboa a 17 de setembro de 649.—O Marquez—Castilho—Figueira—Pereira [1].

V

Replica do mestre de campo João Fernandes Vieira

A hũa consulta que se fez por este conselho a V. Magestade, em 17 de setembro do anno passado, sobre o mestre de campo João Fernandes Vieira pedir satisfação de seus serviços, foi Vossa Magestade servido resolver, em 20 de outubro do mesmo anno, que lhe fazia mercê (além de outras que já lhe tinha feitas do foro de fidalgo, do habito de Christo, de promessa de commenda de tresentos mil réis, que se lhe fizesse effectiva) de outra commenda do mesmo lote, com faculdade para testar della em filho, das dez leguas de terra que pediu, o governo do Maranhão por seis annos, com obrigação de descobrir no rio das Amasonas as minas de ouro, que dizem ha nelle, hum habito de São Bento de Aviz e dous alvarás de lembrança de dous officios de justiça, guerra, ou fazenda para pessoas de sua obrigação, que caibam em sua qualidade; e que se lhe dissesse que ao mais que promettia fazer, teria V. Magestade particular cuidado, dando o tempo logar de se poder tratar de outras emprezas, segurando-se-lhe

[1] Arch. do Conselho Ultramarino. L.º 3 de Mercês geraes 1647 a 1650, fol. 298.

de sua parte que estava V. Magestade com todo o cuidado de seus acrescentamentos, e de lhe fazer toda a honra e mercê que elle merecesse, assi pelo que tinha feito, como pelo que promettia fazer, em que ainda não era tempo, que advertisse do que tinha a seu cargo; dos quaes despachos não tirou portaria, como se viu por certidão do secretario Gaspar de Faria Severim, que offereceu.

A este despacho faz o dito mestre de campo João Fernandes Vieira petição de replica, em que torna a representar os mesmos serviços, que se referem na primeira consulta; e offerece de novo os que mais continuou na dita capitania de Pernambuco depois deste despacho pela maneira seguinte:

Por certidão do mestre de campo geral Francisco Barreto consta que, na occasião em que no arraial da capitania de Pernambuco se levantaram os soldados, se houve o dito João Fernandes Vieira com grande prudencia, acudindo a socegar o motim que havia entre elles, por andarem com as armas nas mãos; aquietando tudo com brandas palavras, offerecendo-lhes toda sua fazenda para seu sustento, quando lhes faltasse a sua ração, o que foi bastante para não proseguirem seu damnado intento; e que pelo trabalho que nisto teve alguns dias que durou a pertinacia dos soldados, merecia tanto, como pelo serviço que fez em acclamar a liberdade daquellas capitanias.

Por outra certidão assinada por todo o povo de Pernambuco consta haver servido a V. Magestade naquella capitania com grandes despezas de sua fazenda, e que tem procedido com grande valor em todas as occasiões de guerra, e governado aquelle povo com grande prudencia e quietação.

Pede a V. Magestade que, havendo respeito a todos seus serviços, e ser a empreza que tomou tam heroica e digna de perpetua memoria, de que os hollandezes receberam tanta perda de gente e fazenda, lhe faça V. Magestade mercê mandar declarar que as commendas se lhe nomeem logo nas que houver vagas, de que aponta as que se contém no rol incluso, ou as que V. Magestade lhe parecer; e que em logar do governo do Maranhão, se lhe dê o de Angola com obrigação de a fortificar, e descobrir as minas de metaes que nelle ha; e assi lhe faça V. Magestade mercê do almirantado do estado do Brasil, que dignamente está merecendo, e o titulo de conde do Ceará no Rio Grande com jurisdicção civel e crime de todas as terras e povoações que tiver; e que as dez leguas de terra, de que V. Magestade lhe faz mercê, corram da parte donde as achar devolutas; e que, em quanto não entrar no governo, sirva de mestre de campo general, e que, morrendo na guerra ou durante ella, possa testar de todas as mercês que tiver em filhos ou sobrinhos.

E dando-se vista dos papeis que acreceram a esta replica ao Desembargador Antonio Pereira de Sousa, respondeu que estavam correntes.

Ao conselho parece que V. Magestade, demais das mercês feitas a João Fernandes Vieira e com que está respondido, lha deve fazer mais de lhe mandar

nomear logo e fazer effectivas as commendas que se lhe dão; e que as deź leguas de terra, que tambem se lhe dão, corram da parte donde as achar devolutas e juntas; e que se lhe diga que, como a guerra de Pernambuco (com o favor de Deos) tiver fim, conforme ao que nella tem obrado, e continuar de novo, lhe mandará V. Magestade fazer a honra e mercê que houver logar. Em Lisboa 19 de outubro de 650.—Vasconcellos—Figueira—Pereira[1].

[1] Arch. do Conselho Ultramarino, L.º 3.º de Mercês geraes, 1647 a 1650, fol. 386 v.º

DISCURSO

SOBRE

EL PALMERIN DE INGLATERRA

Y SU VERDADERO AUTOR

PRESENTADO

A LA ACADEMIA REAL DE LAS CIENCIAS DE LISBOA

POR

Nicolas Diaz de Benjumea

ACADÉMICO CORRESPONDIENTE EXTRANJERO

CAPITULO I

Singularidad de la controversia sobre el Palmerin de Inglaterra —Falta de examen de documentos —Renovacion de las disputas sobre los libros de caballerias al comentarse el espiritu del Quijote —Palmerin era voz sinónima de desprecio —Cervantes la hizo de perfeccion —Autoridad de Cervantes en materia de libros de caballerias —Fué puesta en duda por los criticos —Opúsculo del Sr. Mendes —Su mérito —Respuesta del Sr. Gayangos —Falta de incontrastable evidencia.

Ha muchos años que sobre la base del «*donoso y grande escrutinio que el Cura y el Barbero hicieron en la libreria de nuestro Ingenioso Hidalgo*», se viene disputando con mas ó menos empeño, acerca del origen de algunos libros de caballerias salvados por su bondad de la rigurosa pena del fuego á que fueron otros condenados por tales famosos escrutadores. Entre ellos figura en primer término *el Palmerin de Inglaterra*, cuya propiedad disputamos al vecino reino lusitano. La historia de este litigio es ciertamente curiosa, y cuando no fuese digna de relato por el valor de la cosa juzgada, lo seria por sus extraños trámites y singulares procedimientos, y por los peregrinos alegatos hechos en favor de nuestra causa y en reclamacion de un libro, que asi nos pertenece como la *Eneida*, de Virgilio, el *Orlando*, de Ariosto, ó el *Hamlet*, de Shakespeare.

No raras veces acontece, en este órden de cuestiones, que las pruebas sean tan escasas, ó se hallen de tal modo por ambas partes en peso y valor equilibradas, que, suspenso y dudoso el ánimo, no se atreva á dar sentencia definitiva; pero en la *cuestion-Palmerin* sucede muy de otra manera; pues todo cuanto necesario es para afianzar y sostener legitimamente un derecho, está de parte de los portugueses, sin que por la nuestra pueda oponerse una razon admisible en buena critica. Solo la falta de exámen de los originales documentos nos ha hecho competidores injustos de los poseedores natos de esta *palma*, honra y gloria de la nacion á quien tocara en suerte. Y nosotros, ya que poseemos riquezas envidiables, y hemos logrado harta gloria de la fecundidad

pasmosa del dorado siglo de nuestra literatura, no debemos mostrarnos asáz de codiciosos, ni teniendo de sobra en casa, andar mendigando glorias agenas.

La época que atravesamos estaba como predestinada para exponer y dilucidar esta cuestion. Siguió el *Palmerin de Inglaterra* la suerte reservada á todos los documentos mas ó menos importantes de la literatura caballeresca. Un error, como llegue á adoptar-se por todos sin escepcion, se convierte en verdad y es en efecto una verdad relativa. Mientras se creyó en la letra del *Quijote* y pasó como cierto que su intento fué destruir los libros de caballerias, desaparecieron estos del comercio literario. Los españoles no hicieron mas que imitar al ama de Quijano el Bueno, y sinó en hogueras levantadas en corrales, aqui en nn desvan, allá en un rincon, injuriados por el polvo, fueron pereciendo casi todos los que existian. Ahora que la *letra* del *Quijote muere*, y comienza *á vivir su espiritu*, comienzan tambien á resucitar y aparecer de nuevo algunos inocentes desterrados, entran en el dominio público, reconócese su antes incógnita bondad, contiéndese acerca de sus verdaderas pátrias y asegúranles las controversias literarias nueva y eterna vida.

Juzgado por Cervantes el *Palmerin*, como uno de los mejores, ¿qué digo de los mejores?, unico entre los libros de este género, que tanto escandalizaron á los severos Catones de aquel tiempo, nada mas natural que se tratase del libro *calificado* en los momentos en que es objeto de la critica el *calificador*. Solo á causa del *Quijote* se ventila hoy esta cuestion en España. Su fallo encomiástico hizo tal vez salvar del universal diluvio los rarisimos ejemplares de la edicion castellana, que conservan, como tesoro, la biblioteca escojida del Marqués de Salamanca y la en riquezas abundante del Museo de Londres. En su tiempo los *Palmerines* eran expresion proverbial sinónima de desprecio. El nombre solo de *Palmerin*, traido á vilipendio por la rama de los *Olivas*, hizo al discreto y entendido Gracian fallar de plano, como *justicia de Peralvillo*, y condenar al vástago de la dinastia británica sin curarse de hacer antes el proceso. Cervantes solo, contra el empuje de la corriente general, pudo hacer el nombre de *Palmerin* sinónimo de perfeccion. El fué el primer critico inteligente y discreto de los libros de caballerias; él solo, quien supo distinguir el *buen* grano de la *mala* simiente; él solo, quien, supuesto enemigo de la caterva dañosa de aquellos pecadores condenados á las llamas, se atrevió á pedir para la que llamó *palma*, una caja semejante á la que diputó Alejandro para encerrar en ella los tesoros del padre de la griega poesia; él solo, enfin, quien logró *dar vida* en la posteridad á lo que tantos graves escritores quisieron condenar á la ignominiosa *muerte del olvido*. Ni podia ser de otra manera, hallándose la cuestion fiada á juez tan competente. Distinguidos escritores extrangeros, haciéndole debida honra, han llegado hasta el punto de calificar de *inapelable* la autoridad de Cervantes en materias caballerescas. No se estrañe, pues, que un

español concuerde en este sentir con los extraños y creyese siempre que el *Palmerin* era un benemérito y una gloria de la literatura lusitana. Bien sé que en España ha corrido y corre opinion muy distinta sobre el acierto de Cervantes al hablar de libros y de autores, opinion que se funda en supuestos yerros encontrados por superficiales anotadores; pero no poca sorpresa ha de causar el dia en que se presente á la vista la suma de desaciertos y errores en que los que le critican incurrieron, y eso que, comparando épocas y situaciones respectivas, no hay disculpa para los que yerran hoy con tantos elementos de instruccion como proporcionan las enciclopedias, diccionarios y tratados especiales bibliográficos, y lo que es peor, tratando de corregir al que acertó sin mas maestros que su aficion á las humanas letras. Concediendo que haya algun error en el *Quijote*, defecto comun en los bibliógrafos mas eminentes, no hay razon para menoscabar su autoridad en materia de libros de caballerias, cuando hallándose á docenas en sus anotadores gozan de la reputacion de eruditos y entendidos bibliógrafos. Nunca fué para mi tan leve accidente ocasion bastante para negar al autor del *Quijote* conocimiento, y por consiguiente *autoridad*, en materia de libros, y en esta persuasion tuve por cierto que el *Palmerin* era obra portuguesa. Cuando esto se puso en duda, traté de averiguar de qué parte estaba la razon, y hallé que en este, como en otros muchos casos, se podia sostener con seguridad de triunfo la causa de Cervantes, que es la causa de los portugueses. Pareciame la cuestion digna de ser objeto de la atencion de los bibliógrafos, literatos, y academias respectivas de Portugal y España, no solo por el libro de que se trataba, y la opinion de Cervantes, que se ponia en *tela de juicio;* sino por que nada hay mas justo, que dar á cada uno lo que es suyo, siquiera sufra un tanto nuestra vanidad y hagamos el sacrificio de resignarnos á perder la gloria que recientemente tan sin razon nos habiamos atribuido. Con esta mira, comuniqué, hacia fines de 1861, el resultado de mis investigaciones á mi ilustrado amigo el Sr. Hartzenbusch, asegurándole haber hallado pruebas incontestables acerca de la verdadera patria del autor del *Palmerin*, indicando, al propio tiempo, la conveniencia de que libro tan precioso y raro se reimprimiese en nuestra península; pues era vergonzoso, que existiendo en las bibliotecas de las demas naciones, impresos en sus idiomas respectivos, ejemplares del *Palmerin* cuyos traductores habian tomado por texto nuestra edicion española coetánea del nacimiento de Cervantes, solo careciesen de él las bibliotecas de España que se lo apropiaba y le llamaba suyo.

Un año antes habiase impreso en Lisboa un opúsculo en que su autor, el Sr. Odorico Mendes, defendia la paternidad literaria de Francisco de Moraes sobre este poema, haciéndose eco de las opiniones de varios escritoros lusitanos, que pusieron fé y crédito mas que en las palabras, en las obras de este tan elegante cuanto modesto escritor *brigantino;* y añadiendo otras de cosecha

propia para rebatir los alegatos en que fundaba el Sr. Gayangos la procedencia española del *Palmerin de Inglaterra*. Holguéme de que los verdaderos interesados saliesen á quebrar lanzas en esta arena, y á establecer y fijar su incuestionable derecho sobre esta joya literaria; pero el Sr. Mendes, aunque defensor celoso é ilustrado, luchaba con la desventaja con que han escrito todos los bibliógrafos que en esta contienda han tomado parte, asi portugueses, ingleses como españoles, y es que los que tuvieron á la vista el texto lusitano no examinaron el texto español, y los que examinaron el texto español no se curaron de confrontarle con el texto lusitano, resultando de aqui que el debate no haya venido á conclusion definitiva, y que los golpes se paren reciprocamente con notable habilidad, y venga á ser la cuestion una especie de leccion de esgrima en que cada parte triunfa, al parecer, alternativamente, de tal manera, que un juez, en buena conciencia, estaria obligado á dar la razon al postrero que usa de la palabra. Real y verdaderamente, las ediciones mas antiguas que ambos pueblos poseen, llevan consigo fundamento bastante para que apoyándose en ellas pueda sostenerse con mas razon que la obra es portuguesa que no española, y asi parece muy extraño, que despues del opúsculo del Sr. Mendes hubiese todavia espacio para que el Sr. Gayangos saliese de nuevo, en *La Revista Española*, á destruir las razones del contrario y revindicar para España la disputada propiedad de este libro de caballerias. Sin embargo, por mucha que sea la razon de los unos y la tenacidad de los otros, debe llegar á un término este *herir en el vacio*, y asentarse sobre la base sólida de una incontrastable evidencia, un derecho que solo puede poseer una de las dos partes. Tal es el objeto de estos apuntes críticos.

CAPITULO II

Extraño *fato* de este libro —Diferentes supuestos autores del Palmerin —Opinion de Don Vicente Salvá, favorable á España —Queda en pié la controversia.

Hasta aqui va someramente relatado lo que conviene al motivo de la reciente nueva instancia sobre tan antiguo y batallado pleito. En cuanto á las anteriores, dejaríase de poseer la historia de una de las mas curiosas cuestiones bibliográficas, si no consignase el estraño *fato* de este libro, en cuya crónica todo es tan estraño y singular, que bien pudiera creer algun supersticioso que *un encantador* del linage caballeresco andaba mezclado en el asunto. En el es-

pacio de trescientos veinte años que el *Palmerin* lleva de existencia literaria conocida, casi medio siglo pasó por obra de un personage, de quien solo se sabia la patria y el rango que en la sociedad ocupaba. Un siglo y cerca de un tercio corrió como producto del ingenio de un literato portugués. Dióscle despues á un español vantajosamente conocido en nuestra república literaria, el cual tuvo que ceder muy luego á un compatriota y paisano suyo, parte de la gloria que generosamente le habian concedido; pero considerándose injusta esta *mancomunidad* volvió á recuperar la parte y á gozar del todo. Despojado fué á su turno, y volvió Lusitania á recojer esta propiedad, que, á guisa de *bien mostrenco* se habia la Iberia adjudicado, y no estuvo en posesion mucho tiempo, cuando volvió á ser traspasada á nuestros dominios, dando esto ocasion á que desde ahora para siempre sea adjudicada á quien legitimamente le corresponde, y á que, *al cabo de años mil,* como decirse suele, *vuelvan las aguas por donde solian ir:* esto es, que vuelva á andar en crédito de verdad lo que de la patria de este libro dijo Cervantes por boca del graduado en Siguenza. Mas si estas idas y venidas de Portugal á España y de España á Portugal singularizan su historia, no contribuye menos á ameniaarla la circunstancia rara de que anden en juego nada menos que los nombres de ocho autores, á los cuales, con mas ó menos fundamento, se les ha atribuido; por que se habla de *D. Juan* II, *Francisco de Moraes,* el Infante *D. Luis, Miguel Ferrer, Luis-Hurtado, Albert de Rennes, Juan d'Esbrec, Daliarte* (ó d'Aliard) y aun pudieran añadirse el duque de Braganza, el Infante D. Alonso, el mismo D. Sebastian, *Jaimes Biut, Enrique Frusto,* el escritor macedonio *Tornelo* y tres de Inglaterra, de Francia y de la Provenza, que entre verdaderos y fabulosos, anónimos y conocidos, nobles y plebeyos, montan la respetable suma de diez y siete. Considerado esto, y las demas singularidades que haré notar mas adelante, parece, como ya dije, que *algun encantador* anda de por medio. En efecto, cuando D. Vicente Salvá presentó en su catálogo de libros una prueba tan robusta del origen ibérico de esta produccion como la que halló en los prólogos de la edicion principe española; cuando, á poco, ofreció otra nueva, robustisima en su sentir, y sostenida aun por el Sr. Gayangos, de ser parto de un ingenio toledano, habia motivo para creer que la contienda era conclusa y sin apelacion por ninguna de las partes litigantes. No ha sido asi, y, por el contrario, vuelve hoy á resucitar con mayor empeño. ¿Que es lo que ha tenido lugar? ¿Ha aparecido una edicion portuguesa *anterior* á la española? ¿Se ha exhibido ese *nuevo documento,* que, á juicio de nuestro académico, podria solo privarnos de un derecho tan conspicuo y poderoso sobre el *Palmerin?* Verdaderamente sorprenderá la respuesta á estas preguntas. Nada nuevo ha acontecido; ningun ejemplar portugués anterior á 1547 se ha exhibido por *mejora de alegato;* la edicion española continua siendo en los anales bibliográficos la mas antigua que

en Europa se conoce; las declaraciones de los *soi-disant* autores españoles se conservan intactas en los primeros folios del *Palmerin;* y, sin embargo, nada es mas evidente que el *Palmerin* nació en Portugal y es original de un portugués; y que, por lo tanto, la edicion de Toledo de 1547 es *traduccion*, y nòtese bien, *traduccion endiablada y detestable*, ó mejor dicho, martirio y tormento y profanacion de la clara, vigorosa, fluida, original y elegantísima lusitana historia. Ya comprenderá el lector, que no contando con documentos nuevos, solo se trata de *revision* mas cuidadosa y detenida de los existentes. Asi es la verdad, y no se comprende porqué estos no fueron sujetos á rigurosa crítica desde el momento en que entró en el comercio literario el primer ejemplar español del *Palmerin*, ni qué obstáculos pudieron ofrecerse siempre á los controversistas, para no aclarar una cuestion que pudiera haberse resuelto ha mucho tiempo. El mismo Sr. Mendes, tan celoso y determinado campeon de la causa portuguesa, no ha podido presentar razones tales que reduzcan á polvo los argumentos de la réplica del Sr. Gayangos en la ya mencionada *Revista Española*, y si se quiere saber por qué este habil é ingenioso crítico no pudo dar cima y acabamiento á la contienda, se hallará que se vió en el caso de la mayor parte de los que tomaron armas en el debate, pues confiesa que, no poseyendo el ejemplar español, se valió de los buenos oficios de su amigo Mr. Varnhagen, para indagar los puntos necesarios á vista del ejemplar que existe en la sala *Grenvillana* del Museo de Londres. Como estas, ha habido muchas cuestiones en el mundo, en que se ha andado costeando siempre y sin llegar al punto céntrico y principal del debate, mostrando á no dudarlo, grandes resortes de la crítica, y cómo el ingenio humano puede compaginar razonamientos y aducir pruebas que den al error un aspecto, á la verdad tan semejante, que logre con ella confundirse. Mi intento es aclarar esta oscuridad y acabar con esta confusion lamentable en que hace tiempo nos hallamos envueltos, sintiendo tener que discutir y echar por tierra los elaborados aunque frágiles argumentos que el espiritu ó entusiasmo nacional hizo fabricar tanto al Sr. Gayangos como á otros autorizados críticos y bibliógrafos españoles.

Sentados estos preliminares, voy á entrar en esta laberintica contienda, dispensándome de hacer la historia del *Palmerin* separadamente y como introduccion á este trabajo, no solo por ser mas ó menos conocida, sino porque en el discurso se hallarán todas las diversas opiniones formuladas hasta ahora en el mundo literario sobre el origen de este poema. Hablaré, pues, lo necesario para ir tejiendo el hilo de esta interesante controversia.

CAPITULO III

Cervantes y la opinion pública en el siglo XVI —Su fallo es diametralmente opuesto —Desaparicion de los ejemplares del *Palmerin* en España —Atribúyese á la defectuosa version española —Hallazgo de un ejemplar —Prólogos de Miguel Ferrer.

Ya se ha indicado, que Cervantes fué el primero que, por decirlo asi, *hizo caballero* á este hijo de D. Duardos, Duarte ó Eduardo: quiero decir, que ennobleció la familia de los *palmerines* de la Gran Bretaña, con un rasgo de su elegante pluma. Las mayores lumbreras literarias del siglo décimo sexto, cansadas, sin duda, de ojear poemas monstruosos é inverosimiles narraciones, no se apercibieron de la belleza de esta palma. *Palmerin de Inglaterra,* que vino al orbe de las letras cuando ya habia diluvios de paladines y epidemia de proezas y grandes fechos de armas, sufrió inocente el anatema con justicia lanzado á sus predecesores, y como de Esplandian decia discretamente Cervantes: «que no habia de valer al hijo la bondad del padre», el jurado crítico dijo á la inversa del *Palmerin,* que la bondad del hijo no habia de curar las náuseas que habian producido las maldades de los padres: y sin mas conocimiento de causa, y sin tomarse el trabajo de leerlo, se le marcó con el sello ignominioso, y el *Palmerin* corrió avergonzado y confundido entre la plebeya y fea caterva de los libros de caballerias, blanco de las censuras de escritores religiosos y profanos. Digo sin tomarse el trabajo de leerlo, porque no puede hacerse á estos hombres discretos, el agravio de creer que habiéndole leido, fuesen tan ciegos, é insensibles á la belleza de su arte, que les pasase desapercibida. Cervantes, hombre á la sazon oscuro, en el mismo libro en que aparenta matar y consumir á fuego á los pecadores desalmados, sabe distinguir al justo y le levanta de entre el polvo, y proclama su excelencia no sospechada, diciendo en tono grave, sentencioso y monumental: «Esa palma de Inglaterra se guarde y se conserve *como á cosa única,* y se haga para ella otra caja como la que halló Alejandro en los despojos de Dario, que la disputó para guardar en ella las obras del poeta homero. Este libro..... tiene autoridad por dos cosas: la una *porque él por si es mui bueno,* y la otra porque *es fama* que le compuso mi discreto Rey de Portugal.»

Tal fué el veredicto del supuesto exterminador de los libros de caballerias,

por donde claramente se vé, que su enemistad se dirigia solo á los mal trazados y peor compuestos, y bien podemos hoy decir, que entre los jueces literarios de aquel tiempo, solo Cervantes, que leia hasta los papeles rotos que encontraba en las calles, por su grande aficion á los libros de caballerias leyó este que ya llevaba desde su aparicion la censura y menosprecio de hombres doctos, especialmente del secretario de lenguas de Carlos v, que con cuatro líneas que leyó del prólogo bárbaro del traductor Ferrer, sin mas averiguaciones y confesando *que no quiso gastar el tiempo en lecturas vanas*, le midió por el rasero con que habia medido á los malos y abominables enjendros. Es cosa tambien digna de observarse que el género caballeresco despuntase por una obra razonable como el *Amadis de Gaula*, y que en el año mismo en que viene al mundo el autor del Quijote, se ciesse, por decirlo asi, la serie con el admirable poema del *Palmerin*, en donde ya nay gigantes humanos, corteses, gentiles, caballerosos y enamorados como *Dramusiando* y *Almourol*, y gigantas de seductora apariencia que son honra de las cortes. Opinion era la de Cervantes, por lo atrevida y contraria al parecer general. que debiera haber llamado la atencion de los contemporáneos, si hubiesen tenido de su ingenio la alta idea que han formado posteriores genereciones; y cuenta, que se necesitaba de excelentisimo criterio en materia de bellezas de arte para expresarse como se expresó al juzgar de un tapiz por el revés, pues no parece sino que el confeccionador del *Palmerin* en castellano, se propuso adrede destruir todas las bellezas y perfiles de la original historia. Mas apesar de la claridad de sus elogios, el *Palmerin de Inglaterra* no tuvo en la sociedad mejor suerte que su homónimo el de *Oliva*. Como este y como todos se hundió en el olvido, hasta el punto de no haberse hallado ejemplares del texto castellano por espacio de mas de dos siglos. «*Nadie, que yo sepa,* escribia el erudito Clemencin en 1833, *señala el paradero de ejemplar ninguno en nuestro idioma*»: y aunque ya, en aquellos años, fuese público y notorio que existia en España un ejemplar *toledano*, bien puede traerse á cuento la expresion de este bibliógrafo para denotar la espantosa ruina que hubo de sufrir este linaje, sin que bastára á salvarlo la recomendacion de Cervantes y su *mencion honorable* en el Quijote, siendo notorio que fué con gusto recibido y que apenas vió la luz pasó á *Lyon, Paris, Venecia* y otras cortes estrangeras, donde fué vestido con los respectivos trages nacionales y ofrecido y presentado á famosas princesas y magnates. Por otra parte, si de algo en esta cuestion tenemos evidencia, es sin duda del hecho singularisimo de haber sido singular y única en España la edicion de Toledo, habiendo entonces tanto afan de imprimir libros de caballerias, y siendo una prueba del buen recibimiento que tuvo la primera parte, la celeridad con que se imprimio y salio al mercado la segunda. Io atribuyo este desden y olvido, y por lo tanto el acabamiento y extincion casi total de los ejemplares del *Palmerin*, al desas-

trado y harapiento vestido, y al nauseabundo semblante con que vió parecer España la crónica de este esforzado caballero, causadores de tal hastio y desprecio despues de satisfecha la curiosidad primera, que no pudo valerle ni aun la bondad intrinseca que tanto enamoró á Cervantes, y fué tal su mal pelage y catadura, que ningun mercader osó emplear un corrector que lo adobase, pues todo el libro desde el prólogo al *Laus Deo* era una confusion digna de que en vez de *fé de erratas* tras del colophon, por ser tantas, se pusiese *fé de aciertos*, por ser tan pocos.

Maravilla ha sido, pues, que se hayan encontrado tres ejemplares, con cuyo hallazgo comenzó el disputar á Portugal esta preciada joya del género andantesco, pues Cervantes, como es sabido, la atribuyó á los portugueses, y en lo que toca á la nacionalidad del poema, su dicho no fué puesto en duda hasta 1826. Cierto es, que en 1567, al aparecer la edicion del *Palmerin*, de Evora, que llevaba una dedicatoria de Francisco de Moraes, quedó invalidada la asercion de que fuese obra de un rey de Portugal, mas Cervantes referia lo que era tradicion y rumor público en su tiempo, y ya fuese Moraes, ya fuese un príncipe su autor, siempre quedaba en pie y á salvo el origen lusitano del *Palmerin*. Solo, pues, con el moderno hallazgo del ejemplar español comenzó la injustificable demanda y pueril empeño de apropiar á España esta bellisima produccion del género romántico, la mejor á no dudarlo, de las novelas en prosa que tratan de fazañas y de amores.

CAPITULO IV

Crédito alcanzado por la confesion de Ferrer —Descubrimiento de un acróstico por Don Pedro Salvá —En él se da por autor Luis Hurtado —Boga de esta opinion —Observaciones del Sr. Nuñez de Carbalho.

El erudito bibliógrafo y filólogo D. Vicente Salvá, fué el primero que alcanzó á poseer un ejemplar de la edicion príncipe, ó mejor dicho, *única*, del poema en castellano, impresa en Toledo, en 1547-48, en la oficina de Fernando de Santa Catalina. Por ella, á la simple lectura, y sin esa investigacion minuciosa del bibliógrafo, que sujeta á exámen *desde la piel hasta las entrañas* de un libro, se deducia que el autor lo era Miguel Ferrer (editor tambien de la obra), quien dedica la primera parte al *muy magnifico* Sr. D. Alonso Cassillo y la segunda al *no menos magnificado* Sr. Galasso Rótulo. Con ese des-

cubrimiento gozoso y satisfecho, que de paso sea dicho, era suponer á Cervantes ciego, anunció el Sr. Salvá que el *Palmerin de Inglaterra* era planta *indígena* del suelo hispano, de que tomó ocasion el Sr. D. Adolfo de Castro, y no sin fundamento, segun diré despues, para atribuir á Ferrer el *Palmerin de Inglaterra*. Pero he aqui que el hijo del Sr. Salvá (D. Pedro) registrando cuidadosamente el ejemplar vetusto, y buscando si por ventura contendrian algun acróstico las octavas que se leen al comienzo del texto, halló que, en efecto, le contenian, y que en él estaba suficientemente declarado quien fuese el *padre poético* del paladin famoso, pues juntando las letras iniciales se lee: «*Luys Hurtado auctor al lector da salud.*» Esta imaginacion del Sr. Salvá fué de veras ingeniosa, pues acabando de hablar Ferrer en la dedicatoria y afirmando varias veces que era fruto suyo aquel trabajo, el epígrafe de *el autor al lector* que llevan las octavas era bastante para amortiguar todo afan curioso por buscar nuevos indicios de quien el autor fuese, y segun el encabezamiento de la octava, se daba á entender que Ferrer, despues de haber cumplido con su Mecenas, concluia su prefacio dirigiéndose con aquellos versos al público. Pudo ser tambien, que esa misma insistencia de Ferrer en confesarse autor le pusiere en sospecha, ó que la esperiencia de otros casos en que autores de aquella época se declararon por acrósticos y otros artificios le llevára á este especial exámen, pero, sea como quiera, fué acertada la idea que nos llevó al conocimiento del escondido autor Luis Hurtado, que es el *agraciado* y defendido por el Sr. Gayangos nuestro academico. D. Vicente Salvá tuvo en mucho este descubrimiento, y lo dió á conocer al público en su *Repertorio Americano*, publicado en Londres por los años 1826-27. Con esta invencion, y en un punto, vinieron á tierra las opiniones de cuantos habian terciado en la cuestion. *Mr. Granville*, dueño de un ejemplar, en español, sin parcialidad alguna por los ingeniosos y sin duda acertados razonamentos de *Roberto Southey*, traductor y corrector del poema y partidario del origen portugués del *Palmerin*, hizo conocer á los ingleses la invencion del acróstico en el catálogo razonado de la rica biblioteca que legó al Museo Británico, y dejó confusos y suspensos á cuantos habian sostenido la *candidatura-Moraes*. Por otra parte, el Sr. Gayangos favorecia tambien á los españoles con una copia testual de las octavas en su discurso sobre los libros de caballerias que sirve como de prefacion al estampado del *Amadis* y del *Esplandian* en la «*Biblioteca de autores españoles*», puestas las letras iniciales horizontalmente para que no hubiese dificultad en descifrarlo; y desde entonces hasta 1860, nadie osó ir ni venir en contra de esta resolucion que se tuvo por definitiva y ejecutoria, *como sentencia pasada en autoridad de cosa juzgada*.

Preciso es confesar, que cautiva, en gran manera, un hallazgo tal como el del nombre del ilustre escritor toledano Luis Hurtado, tan misteriosamente *hur-*

tado y escondido á la vista de los lectores, y en ocasion en que tanto parecia codiciarse al menor rayo de luz sobre el autor de una obra famosísima de la que dijo Nicolas Antonio, ***anonimus scripsit.*** No era Hurtado personage fabuloso ni escritor mediano. Vivia en Toledo por los años en que el *Palmerin* se estampaba, y verdaderamente, á primera vista seducia el descubrimiento; pero esta seduccion debia desvanecerse á la luz de la sana crítica. El entendido literato portugués *D. Antonio Nuñez de Carbalho,* como directamente interesado en las glorias de su patria, vió y habló con Salvá sobre la materia, hallándose en Londres, y le hizo ver, como Ferrer y Hurtado eran simplemente *editor* el uno y *traductor* el otro; cosa de que se habria convencido el Sr. Salvá, dedicándo-se á estudiar el *Palmerin* y á dar el valor que merecen á tantas y tan contraditorias aserciones como en él se hacen; mas Salvá no quiso retractarse, sin duda pesaroso de despojarnos de la propiedad asumpta de esta joya, ó bien no quedó satisfecho de los argumentos del Sr. *Nuñez de Carbalho,* pues no es de creer que un crítico nada vulgar, se espusiese ante pruebas incontestables á sostener una opinion contraria á la evidencia de los hechos. Por lo que toca al Sr. Gayangos, siendo conocedor de estos antecedentes, lo mas natural era, que hubiese concebido sospechas, y examinado el *Palmerin* en castellano, en donde habria visto, que la declaracion de Hurtado, no ya concisa y envuelta en e acróstico, pero extensa y *legalizada por todos los notarios del reino,* jamas lograria acreditarle por autor del libro. Pero el Sr. Gayangos debió haber olvidado el texto del ejemplar castellano de 1547, pues no creo que á su penetracion escapasen tantos motivos de dudar del origen español del *Palmerin.* Hubo de contentarse con examinar los accesorios del poema, sin pensar que evidencia interna podia prestar la confeccion de la fábula, bastante á echar por tierra todos nuestros pretendidos derechos al *Palmerin,* y creyó que podia replicar con seguridad de triunfo al Sr. Mendes, sosteniendo que era obra de un español la renombrada fábula[1].

[1] Porque no parezca aventurada esta asercion, ofreceré las pruebas que el mismo Sr. Gayangos nos ofrece. En cuanto á la edicion española, claramente confiesa en nota al discurso sobre los libros de caballerias, que por ser estremadamente rara no pudo examinarla. En cuanto á la portuguesa, el siguiente breve cuanto importante periodo, prueba que tampoco la examinó cuidadosamente. Mencionando los nombres de *D. Duardos* y *Flérida*, dice :

«De este matrimonio nacieron *Floriano del Desierto*, *Pompides*, que fué rey de Escocia, *Daliarte*, y por último *Palmerin de Inglaterra.*»

Primera objecion : En el capitulo III se dice, que una doncella sobre un palafren negro, anunció á *Pridos* que *Don Duardos* no era muerto sino preso, mas apesar de esto, por lo apartada que estaba la esperanza de su libertad, *Flérida*, que estaba en cinta, por ser llegado ya el tiempo, «*pariu dos filhos tão crescidos é-fermosos.*» No es posi-

CAPITULO V

Falta de buena interpretacion —En la época de Cervantes se creia en España que el Palmerin era portugués —En Francia y en Italia que era español —En Portugal que era de Moraes.

Y á estar la razon de nuestra parte, tiene la verdad tan poderosas fuerzas, que, por fuerza, al cabo de tanto tiempo como esta cuestion se está agitando, debia haber roto y despuntado por algun resquicio; mientras que lo cierto del caso es, que sin necesidad de ver los documentos originales, rompen y saltan á la vista multitud de motivos de dudar que fuese el *Palmerin* obra española. Si observamos la popularisima declaracion hecha por Cervantes acerca de la nacionalidad del libro, vemos que no lo atribuye á Portugal, porque esta fuese su opinion individual y propia. Dice que *es fama* que le compuso un discreto Rey de Portugal: esto es, que en su tiempo todos creian que era un poema originalmente escrito en portugués. Esa general ó universal creencia no podia haberse formado en la época en que scribia el capitulo del escrutinio. Para que una opinion llegue á generalizarse y ser *famosa* se necesita el transcurso de

ble que tan notable circunstancia se olvide por un narrador, y el no leer el poema hace al Sr. Gayangos poner dos hijos intermedios entre *Floriano* y *Palmerin* que fueron gemelos. (Veáse el capítulo III.)

Segunda objecion : *Pompides* y *Daliarte* no fueron hijos de *Hérida*, sino fruto de una amorosa intriga de *Don Duardos* con *Argonida*. Hablando el mismo *Daliarte* en presencia del Rey de Inglaterra, *Don Duardos*, *Flérida* y su corte, dice : «*baste confessar que Argonida nos pariu ambos, á Pompides é a min*», á lo que despues dice *Don Duardos* : «*é vos, senhora Flérida, não vos pese de ouvir isto, pois o fruto que desta culpa nasceu, paga o erro della.*» Me parece que no puede haber mayor prueba que la confesion del hijo natural y el asentimiento del padre culpable delante de su esposa. Sin embargo, el Sr. Gayangos *los legitima*. (Vease capitulo XLVII.)

Tercera objecion : En vez de ser *Floriano* el primo-génito y *Palmerin* el último, como se ve en la relacion del Sr. Gayangos, es al reves, que el héroe del poema fué, entre los dos mellizos, el que vino al mundo primero. «*Hérida .... poz nome ao que nasceu primeiro, Palmerin, que depois se chamou d'Inglaterra, é ao segundo, Floriano do Deserto.*» Vease capítulo III. El lector juzgue si tamaños errores pueden conciliarse con la lectura del poema.

cierto número de años, y este número de años que necesitó la que Cervantes consigna relativamente al *Palmerin*, hasta el punto de poder decir con propiedad que era *fama* y voz pública, era el de los transcurridos desde que salió á luz el *Palmerin* en castellano, que podemos computar aprocsimadamente en medio siglo. Cincuenta años es un periodo *razonable* para que una opinion se generalice y sea afamada. Luego hay que suponer esta creencia coetánea de la aparicion del *Palmerin* en 1547, de las prensas de Toledo, en cuya ciudad, que visitó Cervantes, acaso tomó lenguas, y como de suceso antiguo y noticia casi tradicional, usó de la apropiada expresion *es fama*. Pues por otra parte, siendo español el autor del *Palmerin*, es inconcebible que se diese cabida y cobrase fama una opinion que atribuia el poema á un ingenio portugués, y mucho mas que esta opinion contribuyese á dar autoridad al libro en concepto de algunos. No pudo estampar Cervantes que era creencia general lo que nadie creia. En ningun documento de aquella época se ha contradicho la declaracion del autor del *Quijote*, ni consignado que Hurtado ni Ferrer fuesen autores del *Palmerin*. ¿Qué causa hubo para no darse crédito á tantas aserciones como Ferrer hizo en su dedicatoria para pasar por autor del libro? Concédase que entre tantos lectores como el *Palmerin* tuvo, ninguno fué tan curioso ni inquisidor que diese con el acróstico modernamente sorprendido; pero ya que Hurtado no pareciese entonces como autor, por lo menos Ferrer no tenia la modestia por escudo, ni se declaró en signos ni hieroglíficos sino clara y rotundamente, ni en uno de los tomos, sino en ambos. Suponer que nadie leyó las dedicatorias es punto inadmisible, porque en aquella época en que los autores buscaban en los grandes proteccion para sus obras; en que se carecia de prensa periódica y de juicios críticos, leíanse con mucha curiosidad estos adherentes y pegadizos de dedicatorias y prefacios, no solo por ver los desahogos de los autores, sus pensamientos y resentimientos de otros escritores, sino porque en ellas se discurria y filosofaba y se encontraba el embrion de lo que conocemos hoy con el nombre de *gacetilla*, segun son testimonios las dedicatorias de Cervantes, Lope de Vega y otros. Siendo esto costumbre recibida asi entre los buenos como entre los malos autores, júzguese con qué afan y diligencia no iria el público á satisfacer su curiosidad. Y leyendo las tales dedicatorias, ¿como no se tuvo á Ferrer por autor verdadero? El *Palmerin* se acabó de imprimir en su primera parte á los 24 dias del mes de julio de 1547, ó sean setenta y seis dias antes del nacimiento de Cervantes, ocurrido en el 9 de octubre del mismo año, y siendo nuestro ingenio tan aficionado á la lectura desde su infancia, no hay que dudar que alcanzase á leer esta edicion de Toledo con las dedicatorias de Ferrer, por mucho que se hubiese agotado ó que la inquisicion la hubiese perseguido. No podemos suponer que Cervantes leyese el *Palmerin* en portugués, y aunque asi fuese, no hizo Moraes confesiones tan terminantes como las que aparecen

en la edicion española hechas por sus supuestos autores. ¿Cómo pues vino á prevalecer la opinion de que el poema era portugués de origen? ¿Cómo se mantiene por tantos años en España la creencia que le atribuye á un rey de Portugal cuyo nombre ignora, teniendo en Toledo á Miguel Ferrer que consigna su paternidad intelectual publicamente? ¿No se advierte que alguna razon poderosa é incontestable hubo para dar la gloria de haber escrito un buen libro que corre en idioma castellano, á un escritor anónimo portugués, negándola á un castellano que dentro de casa á voz en cuello la reclama? y ¿qué es la crítica literaria sino alcanza á ponderar estos contrasentidos? Verdaderamente, ni aun se necesitaba leer el poema y buscar otra interna evidencia dando en rostro tamañas anomalias, y cuando otras razones no hubiese, bastaran estas para dudar de que el *Palmerin* fuese planta de nuestro suelo.

Para recusar, pues, un testimonio tan fidedigno como el de Cervantes respecto al origen de este poema, habria que patentizar que no existió esa *fama* ó voz pública, empeño absurdo é imposible, pues no habia de imaginar Cervantes opinion popular que no existiera realmente, ni tenia para que emplear un testimonio falso y público, cuando bastaba su opinion propia y particular. Dado caso que probarse pudiese que esa fama pública no existió, habria que poner en su lugar una opinion favorable á la naturaleza española del *Palmerin*, y entonces necesario seria mostrar que nadie leyó los prólogos de Ferrer, pues de achacarlo á un español, á ninguno con mas derecho que al que afirma haberle escrito y ser parto de su ingenio. Ambas demostraciones son imposibles. Desde 1547, en que se imprime el libro hasta 1605, en que Cervantes consigna su procedencia de Portugal, no hay documento alguno que contradiga la asercion estampada en el capítulo del escrutinio. Desde 1605, en que el *Quijote* con su gran circulacion dá á conocer á Europa el *Palmerin* como *obra portuguesa*, hasta 1826, tampoco hay escritor que reclame para España esta propiedad, y cuando esto acontece, es resucitando y dando valor á la declaracion de Ferrer, que nunca lo tuvo en la época en que debió tenerlo, que no alcanzó crédito en ninguno, aun viviendo la persona que la hizo.

Solo hay tres documentos extrangeros, que en sombra de defensa de tan malas causas como lo son la de Ferrer y Hurtado, pudieran citarse.

El primero es la edicion francesa del *Palmerin*, de 1553, donde *Jacques Vincent* dice, que fué vertido del castellano en francés, «*traduit du castillan en françois.*» Por si quedase duda, en su dedicatoria *á la muy noble y virtuosa princesa Diana de Poitiers*, lo repite diciendo: «os presento al valiente y famoso caballero *Palmerin de Inglaterra*, que *de español*, es por mi hecho y convertido en frances[1].»

[1] Este *Jaques Vincent* fué limosnero del conde de *Enghien*, tio de Enrique IV, y

El segundo es la edicion italiana de 1552, en que *Mambrino Roseo*, ó quien quiera que el traductor fuese, le tradujo del español, y asi se declara en la portada: «*tradotto di spagnolo in italiano.*» Tambien, por si quedare duda, el impresor *Portonariis*, en su dedicacion al conde de *Vinciguerra* dice: «habria hecho grande agravio á la virtud sino os hiciese homenage con este libro *traducido de español en italiano.*

Finalmente, el tercero se encuentra en la edicion portuguesa del *Palmerin*, de Alonso Fernandez, en 1592, en donde aparece un prólogo de Moraes, confesándose refundidor de una crónica antigua que los defensores de la causa hispana podrian tomar en último recurso por obra original en español, aunque era usanza de los escritores de libros de caballerias, decir que habian sacado sus aventuras de *antiguas crónicas*, para dar mas autoridad á sus libros. Vamos á examinar su valor.

CAPITULO VI

Testimonios en favor de España —Ninguno de ellos es decisivo —Nuevo aspecto de la cuestion despues del hallazgo del ejemplar español —Los Palmerines originarios de Portugal —La prosa mala dei Palmerin castellano, no podia ser obra de Hurtado —Parcialidad del Sr. Gayangos por este escritor.

Los tres testimonios son extrangeros, y descartando el último, que no desvirtua la asercion de Cervantes respecto á la patria del autor, porque Moraes es portugués, lo que realmente se deduce, no es que el *Palmerin* sea español, sino que el ejemplar que tuvieron á la vista *Vincent* y *Roseo* estaba *impreso en español*, que es cosa muy distinta. No se porqué, el Sr. Gayangos, al responder al Sr. Mendes supone la necesidad de que se pruebe por los portugueses, que estos dos traductores no supieron distinguir entre portugues y castellano, como si fuese preciso que un libro haya de ser traducido en todas las naciones *directamente* del original. Lo que esto prueba es, que *Vincent* y *Roseo*, no pudieron haber á las manos el original, sino la traduccion española, y se guiaron por la declaracion de Miguel Ferrer que se daba por autor. Que la edicion es-

secretario del obispo de Puy en Velai, y al emprender la tarea de traducir el *Palmerin* escojió por bien de paz vertirlo libremente, y restaurar y componer los trozos ininteligibles de la edicion de Toledo.

Tambien tradujo del español la historia amorosa de *Flores y Blancaflor su amiga.*

pañola de Toledo, hoy existente, sea la de fecha mas antigua que se conozca, nadie lo niega; pero, en buena crítica, poco vale la antigüedad tipográfica, si está en pugna con otros indicios y evidencias. Millares de libros han sido impresos en traducciones antes que en el idioma en que fueron compuestos. Nada mas natural que llegase á Francia primero un libro impreso en Castilla, y que se transplantase una tela *de segunda mano* antes que llegase la original, impresa en region mas apartada, ó, talvez, solo conocida en manuscrito. La grandeza de España en aquel tiempo, las comunicaciones que tenia con los demas pueblos, y especialmente con la vecina Francia, en donde el habla castellana era considerada de *buen tono*, hicieron que el *Palmerin*, impreso en Toledo, en 1547, pronto traspasase los Pirineos y fuese ya reproducido en *Lyon* en 1553 y en igual época en *Venecia*. En confirmacion de esta verdad, baste decir, que, Moraes, á su llegada á Francia, enamorado de una dama de la reina, que hemos de ver intervenir en esta controversia como prueba del origen portugués del *Palmerin*, la compuso una poesia en castellano, «*pareciendole*, dice, *que este lenguage le seria mas facil de entender.*»

Fuera, pues, de la prioridad en los anales tipográficos, no tiene virtud ni importancia alguna la edicion *toledana* en la cuestion crítico-literaria que estamos debatiendo. El dicho de *Vincent* y *Roseo* de que tradujeron del español, pudo hacer creer, con razon, á muchos críticos y bibliógrafos que en español fué escrito el *Palmerin*, mientras anduvo perdida la edicion toledana, y seguramente en el siglo XVI y siguientes, todos los lectores franceses é italianos no tenian razon para creer otra cosa; pero de 1826 acá, la cuestion varia completamente; hay ya materia para juicio crítico, hay *punto* de comparacion y *sujeto* de exámen, y de nada sirven cuantas declaraciones hagan editores y traductores, si el exámen de los documentos produce conviccion contraria, como despues verá el lector patentemente.

Las observaciones que anteceden, al propio tiempo que tienden á dar una idea de la historia y curso de esta disputa literaria, van en su mayor parte dirigidas á revindicar la autoridad y crédito de Cervantes menoscabado, con suma ligereza, por no corto número de eruditos, á quienes, en muchos casos, se les puede patentizar que el error está de parte de ellos y no del que corrigen. En el caso presente no se pararon á considerar, que en lo respectivo al derecho de Miguel Ferrer, el siglo XVI habia, por decirlo asi, dado su fallo y preferido apoyarse en un *rumor* de origen desconocido, mas bien que en su asercion clara y terminante, y no sin razon ni precedentes, pues los cronistas del linage de los *Palmerines* bien se sabia entonces que eran *portugueses*, y que ya en 1528 habia aparecido en la misma ciudad de Toledo el *Primaleon* de la señora *Augustobriga*, estampado ó traducido por el inepto *Cristobal Frances*, y corregido malamente por *Cosme Damian*, haciendo una verdadera pepitoria de pa-

labras mas que oraciones castellanas con sentido, y por lo menos en Toledo, y en general entre los poetas y autores de aquel tiempo, no dejaria de ser conocido Miguel Ferrer por *embadurnador de folios*, como lo fué Lequerica en Alcala de Henares, é incapaz por su lenguaje descuidado y bárbaro de concebir el plan y el argumento de una obra como el *Palmerin*, que semeja en sus manos lo propio que una estatua de Fidias en el Parthenon despues de destrozada por los cañones turcos.

En cuanto á Luis Hurtado, se tuvo el hallazgo de su nombre en el acróstico como prueba tan concluyente, que ni se pensó en averiguar qué grado de valor podria tener su «*salutacion al lector*» en cotejo con otras declaraciones en las mismas octavas y con circunstancias personales y calidades de escritor nacido junto á las *tendillas de Sancho Bienhaya*, pues estan jurándose el nombre de Hurtado en el estilo del prólogo y en oposicion abierta el acróstico con el sentido y frases de las octavas. La manera con que se ha descartado á Ferrer entre nosotros es por demas curiosa, pues entre la confesion de este, *manifiesta*, y la de aquel, *occulta y vergonzante*, se dió mas valor á la segunda que á la primera sin motivo alguno, y claro es que debiendo vencer uno de los dos, decidida la victoria en favor de Hurtado, era preciso buscar una salida para desembarazarse de Ferrer. Y ¿cual fué esta salida? la de que Ferrer era editor, ó como dice el Sr. Gayangos, mercader de libros segun la nomenclatura de aquel tiempo. Asi pues, cuando se dirige á sus Mecenas Carrillo y Rótulo (no *á los lectores*, como equivocadamente se dice en (*La Revista Española)* y habla de su *pequeño fruto* y su *trabajo*, ha de entenderse, observa nuestro académico, que estas expresiones «que alguno tomó ya como indicio de ser suya la obra ..... se refieren tan solo á la parte editorial ó tipográfica que en ella tuvo [1].»

Aqui el Sr. Gayangos pretende juzgar sumariamente para desembarazarse de un competidor que le molesta, y se vale de una cita manca é imperfecta. Si Miguel Ferrer no dijera mas de lo que transcribe el Sr. Gayangos, la cuestion estaria ya resuelta por lo que toca á este reclamante. Yó, que me prometo demostrar con pruebas incontestables quien fué el verdadero autor del *Palmerin*, no admito un procedimiento tan sumario y un fallo tan parcial y desprovisto de fundamento. Si Ferrer no es el autor del *Palmerin*, por lo menos no pierde su causa porque el Sr. Gayangos anule su derecho con tal ligereza. Y, cosa notable, la inexactitud ó parcialidad que advierto en la cita hecha por el Sr. Gayangos y la falta de inspeccion que en este punto tuvo el Sr. Mendes, hace que, conviniendo á ambos anular el derecho de Ferrer para que triunfe

[1] Numero 2.° de *La Revista Española* Se alude á D. Vicente Salvá ó á Don Adolfo de Castro.

Hurtado por España y Moraes por Portugal, ninguno de los dos haya logrado conseguirlo. El defensor de Moraes es disculpable desde el momento en que declara no haber podido hacer inspeccion ocular del libro del *Palmerin* en castellano; pero el Sr. Gayangos, que por segunda vez se presenta en el palenque literario defendiendo á Hurtado, no sé como pasó por alto cláusulas tan significativas como las que existen en los dos prólogos-dedicatorias, y que pudo saber por dos conductos; por el original estampado de Toledo, ó por el estracto inserto en el cuarto tomo del «*Repertorio Americano.*» Si no alcanzó á ver el primero, es evidente que leyó el segundo, pues de allí trasladó y reimprimió las octavas acrósticas de Hurtado que ya conoce el público en España. No hay pues medio de alegar ignorancia de las frases que voy á citar á continuacion. Ferrer, como Pilatos, pudo escribir lo que no era, pero *quod scripsit, scripsit*, y nada hay mas testarudo que los tipos de imprenta. Si no hubiera otras razones para recusar la demanda —Ferrer que las espuestas, medrados estábamos, puesto que ni Hurtado ni nadie podia luchar con este pretendiente.

CAPITULO VII

Verdadera interpretacion de la dedicatoria de Ferrer —Quiso darse por autor del Palmerin —Probabilidad de que el Palmerin corria poco por España en portugués —Oposicion de afirmaciones entre Ferrer y Hurtado —Explicacion inaceptable del Sr. Gayangos.

Es de saber que el editor, impresor, ó mercader de libros, llamado Miguel Ferrer, en union con dos hermanos, Juan y Diego, se dedicaba á trabajos de imprenta y comercio de libros. Miguel, despues de repetir *nueve veces* que el poema es obra suya, llamándole *fruto*, *trabajo* y *atrevimiento* suyo, escribe lo siguiente á Galasso Rotulo: «Todo esto he dicho á vuestra merced (ó magnificencia), para excusarme, que siendo hombre que *deprendí arte* para sustentar la vida, ocupé mi tiempo *en escrebir hystorias.*» La declaracion es, como se vé, clara y terminante. No hay lugar á dudar sobre si el *trabajo* que dedica es la *impresion* ó parte editorial, ó la *creacion*. La doble participacion se vé distinta, y las dos profesiones deslindadas por él perfectamente. Declara que es impresor, y que con el arte que *deprendió* de la imprenta sustentaba la vida; pero que al mismo tiempo, sin duda en los ratos ociosos, como por via de recreo y para dar rienda á la inclinacion de su talento, se ocupaba en *escrebir hystorias*, ocupacion verosimil, si consideramos que los tres hermanos entendian en el

mismo negocio, y por lo tanto, que distribuido el trabajo, vacaban respectivamente. Pudiera responderse, que *escrebir hystorias* ha de interpretarse por *traducir*, pero á mas de que no hay razon para dar este sentido menos lato á la frase, vemos que el mismo Ferrer trata de hacer imposible esta interpretacion alabándose de su invencion, prendándose de su talento y habilidad de autor, y comparándose con nada menos que los *Gracos*, *Plinio*, *Cesar* y *Scipiones*. Para que mejor se entienda, transcribo sus mismas palabras en la dedicatoria, que empieza de este modo: «El filósofo, magnífico Señor, dice no impedir el escrebir para ser uno buen guerrero ni exercitar otro cualquier acto ó cualquiera cosa, y para esto mirénse las pasadas hystorias, á donde claramente se vé, que Plinio con cuanto escribió, no dejó de ser famoso capitan. Julio Cesar fué mui leido, compuso libros famosisimos y por esto no le quitaron el nombre de gran capitan y de valeroso ánimo: eso mismo los Gracos en Roma y los Scipiones y otros muchos, los cuales no menos resplandecieron en las armas que en el estudio. Pues si vuestra magnificencia como estudioso se dá á leer las escripturas, llenas estan de excelentes *artifices ser aficionados á escrebir* y en tiempos hurtados de sus trabajos haber sacado maravillosas hystorias, recreando sus ánimos en cosas delicadas, dando á los que despues dellos venimos doctrina y dechado, avisándonos que ningun tiempo perdamos de aquel que naturaleza nos concede, empleándole cada uno en aquello que fuere inclinado y mas si la inclinacion es virtuosa. Todo esto he dicho á V. M. para escusarme etc.»

Ningun autor pudiera ser mas pertinaz que lo que Ferrer parece en evitar que el lector sospeche que fuese traductor y no autor del *Palmerin*, pues no contento con citar grandes personages alude á otros humildes y de su condicion de industrial y artifice, como si dijera, que no por ser impresor, dejaba de tener invencion y dotes para *componer* y *escribir* historias. Si pues Ferrer no fué el autor del *Palmerin*, hay que probarlo hoy con otros argumentos que con la interpretacion arbitraria, parcial y restricta que se ha dado á sus palabras; que en cuanto á la época en que vivió, razones tendrian los lectores y especiales motivos Cervantes para deshechar tamaño testimonio y acreditar á Ferrer de embustero, siguiendo la opinion que lo atribuia á un rey de Portugal. Razones hay, como espondré á su tiempo, para invalidar las confesiones de estos prólogos; pero á la verdad mientras no se presenten (y hasta ahora no se ha hecho), no es tan facil derribar al pretendiente Ferrer como se habia creido.

Con la nueva faz que la cuestion presenta, una vez conocidos por extenso é integros los pasages de su prólogo, se ocurren las siguientes observaciones.

1.ª Puesto que Ferrer confiesa rotundamente é insiste en afirmar que escribió el *Palmerin* (falsedad notoria), es de suponer que en España no se conocia en aquel tiempo la crónica de este caballero andante en ningun idioma

europeo, pues si bien no faltaba descaro y osadia en los mercaderes de libros cuando solo miraban á sus intereses, parece duro de creer que Ferrer se atreviese á darse por autor si corrieran en España ejemplares anteriormente á 1547. Esto es muy verosimil; pero tambien es muy probable y posible, que si no se conocia esta crónica en España, podia ser conocida en Portugal ó fuera de esta nacion, y si por ventura un ejemplar portugués, original ó version, cayó en sus manos, impreso ó manuscrito, es concebible la libertad que se tomaran Ferrer y Hurtado en apropiarselo ambos, el uno en público y á la descubierta, y el otro solapada y ocultamente.

2.ª Puesto que Ferrer establece su paternidad sobre el *Palmerin*, es preciso darmos cuenta de como Luis Hurtado, su paisano y amigo, en el mismo libro y en la misma página, hace esa otra confesion, fundados en la cual establecen nuestros críticos la *prosapia castellana* del poema y juzgan á Hurtado por verdadero autor. La existencia simultánea de dos confesiones que se destruyen, una clara, otra misteriosa, una solapada, otra descubierta, es cosa tan extraordinaria, que pica la curiosidad y merece que de ella se trate con detenimiento.

Por de contado, no creo que á nadie parezca extraño, que, á excepcion de D. Adolfo de Castro, que consideró mas digno de crédito al que habla en público que no al que se esconde, se hallan puesto nuestros críticos al lado y en defensa de Hurtado contra Ferrer. El uno era mercader é industrial y el otro hombre de carrera, que se sabe escribió varias obras, y que dedicado á la cura de almas en la parroquia de S. Vicente de Toledo, tenia mas elementos que su vecino el impresor para poder escribir libros. Sobre esta preferencia hay poco que censurar, y si no hubiese que resolver sino cual de estos dos declarantes habia sido autor de un libro, yo me resolveria en favor del ilustre párroco toledano, bien que examinando el lenguage, gramatica y ortografia de la edicion castellana del *Palmerin*, seria imposible afirmar que Hurtado nació en el *zocodover*.

Pero dejando esto aparte, y entrando en el punto propuesto, consideremos qué motivos tuvo Hurtado para ocultarse en un acróstico, y ya que se ocultó, como consintió que Ferrer, con quien diariamente debia comunicar, viviendo en Toledo y siendo su editor ó impresor, se diese á las claras por autor del *Palmerin;* y si no lo supo hasta despues de hecho y estampado el prólogo, como no reclamó y trató de verificar el yerro ó engaño en la impresion de la segunda parte. El Sr. Gayangos nos dice, que los autores de libros de caballerias, por hallarse este género en descrédito, acostumbraban á ocultar sus nombres, y que Hurtado se ocultó en otras obras que se conocen por suyas. Esta razon es buena, aunque no consistente con el resultado de un imparcial estudío de la época: porque en la de que tratamos, lejos de estar los libros de caballerias

en descrédito, estaban en mucha boga y demanda, y cabalmente cuando empezaron á desacreditarse, es cuando vemos que mayor número de autores ponen sus nombres en las portadas. Pero admitiendo que por una razon cualquiera acostumbrasen los autores á ocultar sus nombres, este argumento favorece del mismo modo á los lusitanos y es aplicable á Francisco de Moraes, que no dió su nombre en las primeras ediciones á lo que parece, y si lo dió fué, diciendo: «*que era crónica hallada en Francia en casa de un famoso cronista.*» De este modo viene el Sr. Gayangos á facilitar la suposicion de que Ferrer, llegando á sus manos un poema escrito en portugués y *sin nombre de autor*, se atrevió á traducirlo y á darlo por original suyo. Cabalmente lo único que justifica en cierto modo la intrusion de Ferrer, es el haber hallado sin nombre de autor el poema que vino á sus manos, y esto mismo nos esplica porque fué *fama* el atribuirlo á un rey de Portugal los mismos portugueses. Por lo demas, un acróstico no es un seguro para ocultar el nombre, y si Hurtado en otras obras, no desacreditadas, no quiso dar su nombre, no se comprende que quisiese darlo bajo tan sutil velo en un libro de caballerias. Finalmente, á cualquiera debe llamar la atencion, que uno de los dos hace una mala pasada al otro, y que es cosa ridícula y nunca vista ponerse dos autores á desmentirse en una misma página, tratando el uno de defraudar al otro y dejarle en opinion de falsario, Si en este juego obra alguno con una poca de dignidad, de seguro que no es Hurtado, que como salteador se embosca y esconde, sino Ferrer, que, al menos, lo dice á las claras y abiertamente.

El orden de esta exposicion exige ahora, que habiendo hecho mérito de los títulos con que se presentan nuestros pretendientes, demos cuenta de los que abonan á Francisco de Moraes, que es el defendido por los portugueses, limitándome en la exposicion de unos y otros á consignar aquellas reflexiones y observaciones críticas, que como ha visto el lector, se desprenden natural y logicamente de su exámen, y reservando para mas adelante las nuevas objeciones y pruebas que han de decidir la cuestion.

CAPITULO VIII

Antecedentes en favor de Portugal —Extracto de la dedicatoria de Moraes —Observaciones á que dá lugar —Verosimilitud de su narracion —Moraes no tiene competidores en Portugal, una vez conocida su dedicatoria.

En 1567, es decir, veinte años despues de andarse leyendo por España el *Palmerin de Inglaterra*, un impresor, de Evora, llamado Andres de Burgos, estampó y dedicó este poema al serenisimo príncipe Alberto, Vi-rey de Portugal, á la sazon de edad de ocho años. Esta edicion fué considerada generalmente como la primitiva en Portugal, y salió al público anónima. Veinte y cinco años despues, ó sea en 1592, cuando ya el dicho príncipe contaba treinta y tres años, el librero Alonso Fernandez volvió á imprimirla y á dedicársela, poniendo al frente de ella un prólogo de Francisco de Moraes, á quien llama *autor do libro*, y en el cual lo dedicaba á la princesa Doña Maria, infanta de Portugal, hija del rey Don Manuel. Ciertamente, si en aquella época hubiese existido la frecuencia de comunicaciones que hoy tenemos, y se hubiesen conocido los periódicos y los diarios especiales dedicados á la bibliografia, hubiera llamado la atencion este suceso, pues cuando aun podian ser vivos los que en España se daban por autores, aparecia un tercero desmintiéndolos y confesandose autor del *Palmerin*. En este prólogo, decia Francisco de Moraes: «Yo me hallé en Francia *estos dias pasados*, en servicio de Don Francisco de Noronha, embajador del Rey nuestro Señor y vuestro hermano, donde vi algunas crónicas francesas é inglesas. Noté que las princesas y damas elogiaban por extremo, entre ellas, la de *Don Duardos*, que en esas partes anda *traducida en castellano* y estimada de muchos. Esto me indujó á ver si hallaria otra *antigualla* que poder *traducir*, para lo cual conversé en París con *Albert de Renes*, famoso cronista de este tiempo, en cuyo poder hallé algunas memorias de naciones extrangeras y entre ellas la crónica de *Palmerin de Inglaterra*, hijo de *Don Duardos*, tan gastada por la antiguedad de su origen, que con harto trabajo pude leerla. Trasladéla por parecerme que la aficion de vuestro padre la haria ser estimada en todas partes y tambien por el deseo de dedicarla á V. A., cosa que algunos tuvieron á yerro, afirmando que historias vanas y fabulosas no habian de tener tan alto asiento, haciendo de menor culpa mayor inconveniente, y sin mirar, que, á veces, escrituras de liviano fundamento contienen palabras, costumbres y sucesos de que nace algun provecho.»

Tal es la declaracion hecha por Francisco de Moraes con respecto al *Palmerin*, y sobre ella se ocurre hacer gran número de observaciones. Comparando los prólogos de Ferrer y la poesia de Hurtado con la prefacion y dedicatoria de Moraes, luego se percibe que el escritor lusitano es el mas nutrido, pertinente, discreto, breve, sencillo y acomodado al género de composicion literaria á que precede. Los prólogos de Ferrer están llenos de impertinentes citas y de un fárrago intolerable, en que, de lo que menos se trata, es del *Palmerin* ni de su historia ó antecedentes, ni de los motivos que le impulsáran á componerlo: son, en una palabra, una porcion indigesta de *loci communi*, mientras que las octavas de Hurtado no se extienden mas que á hacer un panegírico y recomendacion en términos generales para atraer ál público *á que compre el libro*. Pocos dejarán de observar, que entre todas las maneras de prólogos que se ven en libros de caballerias, ninguno es mas verosimil ni mas exento de misterios que este de Moraes. Todo en él es histórico, con una sola excepcion, aunque esplicable. Hubo un principe llamado Alberto, Cardenal Infante, que fué visrey de Portugal, en la época en que Fernandez hace su edicion y dedicatoria. Hubo un Francisco de Moraes, nacido en Braganza, en la provincia trasmontana, bisabuelo del filósofo y cronista de la compañia de Jesús, el padre Balthasar Tellez. Hubo un Francisco de Noronha, segundo Conde de Linares, embajador de Portugal en la corte de Francia, reinando Francisco I. Consta que el elegante escritor y distinguido cortesano Francisco de Moraes acompañó á este embajador en su viage á París, en las dos ocasiones en que allí representó al monarca portugués Don Juan III. Consta la aficion que tenia Don Manuel á estos libros, y la que mostraban princesas y damas por las historias de amores y combates, así en España, Portugal y Francia, como en las demas cortes de Europa. Pudo existir esa crónica de *Don Duardos*, continuacion de los *Palmerin de Oliva* y *Primaleones*, como *Palmerin de Inglaterra* es continuacion de los hechos de *Don Duardos*, su padre, y nieto de *Palmerin de Oliva* emperador y sobrino de *Primaleon;* por mas que ni el Sr. Gayangos ni otro alguno la haya visto ni tenido noticia de ella; así como existia un *Palmerin* impreso en Toledo, é ignorado por los mismos españoles por espacio de mas de dos siglos; y finalmente, pudo existir un *Albert de Renes*, cronista (ó mejor dicho colector de crónicas) que tuviese en su poder algunas *antiguallas* y entre ellas la del *Palmerin de Inglaterra*. En mi concepto, el prólogo ó la confesion hecha por Moraes, tiene todas las señales, notas y apariencias de ser ingenua y nada hay en ella que dé márgen á concebir sospechas bien fundadas: pues el epíteto de *famoso* que dá á *Albert de Renes*, personage un tanto *recusable*, pudo ser aplicado con la mjor buena fé. Si Moraes era amigo de un Alberto, colector ó escritor de crónicas, y le juzgaba por hombre de talento, se comprende bien que emplease, hablando de él, ese término lisonjero. En los tiempos de que

hablamos, la lisonja y la cortesia estaban de moda entre los autores, que eran tan pródigos en hiperbólicas alabanzas como sobrados en epitetos severos. Infinitos son los libros y los prólogos en que se ponian por las nubes poetas, historiadores, gramáticos y humanistas de los cuales no queda hoy mas rastro que la alabanza con que los agració algun amigo ó deudo. Hoy mismo se prodigan los epitetos de ilustres, distinguidos, celebrados, elegantes y conocidos á escritores de quienes talvez no se acuerde la generacion venidera, y no por eso se dirá que no han existido. Tal pudo suceder con el *famoso* cronista *Albert de Renes*.

En Moraes se reune ademas la circunstancia de que no tiene competidor en su patria como Hurtado lo tiene en la nuestra en Ferrer, y Ferrer en Hurtado, pues la creencia de que el *Palmerin* fué escrito por un rey de Portugal es española de origen; al menos, consignada por Cervantes primero que por ningun otro. Faria y Sousa es posterior, y la adoptó por su residencia en España, desechándola luego que tuvo noticia del prólogo de Moraes. El Sr. Odorico Mendes, dice que esta opinion *nunca tuvo prosélitos en Portugal*, y, en efecto, yo no he encontrado autores que la sostengan. No habiendo sido sostenida en Portugal, mal pudo llegar á ser esa *voz pública* de que habla el autor del *Quijote*, y paréceme, portanto, que van desacertados los que dicen que Cervantes siguió la opinion de Faria y Sousa. Lo verosimil es, que reconociendo á un portugués por autor del original y hallando ser obra de mérito, la achacasen á un príncipe, fundados en los advertimientos y consejos que contiene respecto á la buena gobernacion de los estados y conducta que deben guardar los reyes.

A tal punto llegó la fé que se tenia en la veracidad de la declaracion de Moraes, que Simon Tadeo Ferreira, editor del *Palmerin* en 1786, leyendo en la bibliografia instructiva de *De Bure*, que este poema fué traducido por *Jacques Vincent*, en 1553, de un ejemplar español, dice: «Esta noticia nos inclina á creer, que mucho antes que Moraes escribiese este libro, existia ya en frances como traduccion del español, *no siendo entera ficcion* lo que Moraes dice en la dedicatoria.» Curiosisima es esta observacion de Ferreira, porque no habiendo aun parecido ejemplar alguno en España, é ignorante de que existiese la edicion de Toledo, de 1547, supone que el original castellano era la crónica antiguisima ó *antigualla* que halló Moraes en poder de *Albert de Renes*, y tan antigua, que ya le costaba harto trabajo el descifrarla. De esta manera el prólogo de Moraes vino á ser en Portugal como una relacion verídica en todas sus partes, y Moraes considerado segun el tenor de su prólogo como el autor del *rifacimento*, ó refundidor de la historia del *Palmerin*. Excusado es decir que el Sr. Gayangos, apoyado en la prioridad de nuestra edicion española, hace grandes castillos de argumentos en pro de Hurtado, y que su principal ataque vá

dirigido contra el citado prólogo de Moraes, que desconcierta todas las pretensiones de parte de los españoles. Veamos como puede ser puesto en duda, y qué valor tienen las objeciones de nuestro académico.

CAPITULO IX

Argumentos del Sr. Gayangos —Algunos aplicables á Moraes; otros erróneos é inadmissibles —Motivos de ocultar sus nombres algunos autores de libros.

En oposicion Hurtado con el escritor portugués, que tan razonadamente establece los antecedentes del *Palmerin* y los motivos que le inclinaron á traducir ó refundir dicha antigualla, el Sr. Gayangos hace hincapié en el temor que tenian los autores de libros de *gesta* de presentarse desembozadamente al público, y de aqui nació la especie de hipocresía con que en prólogos y dedicatorias procuraban aquellos escritores echar de si la responsabilidad de sus fingidas crónicas, alegando eran traducciones del griego, arábigo ó siriaco, y refiriendo peregrinas historias acerca del modo con que habian venido á sus manos. Cualquiera pensará que este modo de argumentacion está hecho para defender el derecho de Moraes. Juzguen los lectores, despues de conocer la parte de su prólogo que he transcrito, si Moraes deja de seguir al pie de la letra todo lo que se expone en apoyo de Hurtado, que en resumen no hace mas que ocultar su nombre. Puede aqui responderse: Moraes no se presenta desembozadamente al público. Hay en él cierto propósito de echar de si la responsabilidad de autor, alegando que el *Palmerin* es traduccion de una crónica antigua, y refiere una peregrina historia del modo con que habia venido á sus manos que es la conversacion y amistad con el *famoso cronista Albert de Renes*, quien puede pasar plaza de personage tan misterioso como *Xarton*, *Fornelo*, *Urganda* ó *Zirfea*. Por lo demas, la causa principal de ocultarse los autores ó traductores no es como dice el sr. Gayangos, que *sintiesen cierto rubor* al anunciarse como autores de libros conocidamente fabulosos ó que *temieren ser blanco* de la crítica y censura de sus contemporáneos. Nada menos que eso. El mismo Moraes que nos manifiesta haber sido censurado por dedicar á una princesa su traduccion, por ser historia vana y fabulosa, no por eso se esconde ni emboza, antes se presenta y se justifica diciendo que escrituras de liviano fundamento contienen cosas graves y provechosas. Las verdaderas causas de ocultarse algunos, fueron, entre otras, que las bases ó materiales de los libros de este género fueron romances y poesias compuestas antes del siglo XIV y estas á su vez formadas con

tradiciones y cantos populares, en los cuales habia siempre un fondo histórico, aunque la fantasia de los bardos ó la lisonja hacia los príncipes ó señores feudales introdujesen colores asaz brillantes y exagerasen un tanto los hechos. Más de un ejemplo pudiera citarse de prólogos de libros de caballerias, en que se dice que tal personage con nombre fantástico representa y es el retrato de tal emperador, príncipe ó caballero que vivió y sus hechos estan allí un tanto disfrazados. En une palabra, con muchos de los héroes famosos y andantes caballeros, que no fueron mas que señores fronterizos en perpetuo ejercicio de armas, sucedió como con el Cid entre nosotros, que un fondo de verdad histórica fué adornado de muchas hazañas y accidentes de caballerias. Esta filiacion de los libros de *ergas* ó de *gesta* dá a conocer en parte la razon de haber ocultado muchos sus nombres, cuando no eran ingenios tales que pudiesen honrarse con mejorar el depósito que les prestaba la tradicion, por que realmente en ellos habia poca originalidad, y no pocos no hacian mas que recomponer en prosa los poemas escritos en verso, como sucedió al autor del *Espejo de caballerias*, que escribió en prosa con este nombre el *Orlando innamorato* del conde Mateo Boyardo, y otros tomaban del fondo popular anónimo sin añadir cosa meritoria de su cosecha y solo atentos al deseo de ganancia, que no todos eran como *Goethe* y *Shakespeare* que pudiesen sacar como nuevas y originales tradiciones ó historias antiguas. No obstante grande es el número de autores que declararon y pusieron sus nombres al frente de estas obras fabulosas y se honraron y gloriaron de ellas, como el que compuso *el Caballero del Sol*, y Barahona de Soto que prosiguió el argumento caballeresco de la *Angélica*, y Martorell antes habia dado su nombre, en el *Tirante el Blanco*, y Feliciano de Silva pasaba por autor de libros de caballerias, sin citar otros ejemplos. Poco fundamento hay, por lo demas, para suponer rubor en los escritores de este género, por que en la zona del andantesco ejercicio y en la mitologia romántica habia entrada para topa clase de ficcion é inverosimilitud. El autor de libros de caballerias no hacia mas ni menos que seguir en estilo profano la senda que paralelamente corria la literatura que fomentaba la propension popular á prodigios y hechos maravillosos. Las magas y encantadores, buenos y malos, no hacian mas en manos de los cronistas románticos que los angeles y los diablos bajo la pluma del escritor religioso, y á una marchaban, de muy antiguo, la *Legenda aurea de Voragine*, con esa otra leyenda de oro llamada *Amadís de Goula*. Si se comparan los documentos de ambas literaturas, se veran parejas en el uso de sus respectivas demonologias, y concrétandonos al *Palmerin*, veremos que, contra las artes de Eutropa y otras magas, que representan los demonios enemigos de la virtud de los caballeros, está *Daliarte*, especie de *angel guardian*, que protege á los buenos y todas las artes de sus enemigos desbarata, porque, en verdade, estos héroes famosos de la caballeria eran tan ejemplares en vida y cos-

tumbres con el yelmo y la lóriga, como los frailes con la capucha y el sayal; por lo que dijo Cervantes: «religion es la caballeria y *caballeros santos* hay en el cielo.» En cuanto al temor de la critica y censura de los contemporáneos, qué temor podia engendrar en ellos? Grande error subsiste todavia acerca del juicio del siglo XVI sobre estos libros. Si fueron censurados por *algunos*, fueron alabados por *muchos*. Si doctor hubo que, *á carga cerrada*, los condenaron, doctos hubo que los leian, alababan y componian. Citanse hasta la saciedad los nombres de Vives, Mejia, Venegas, Montano y otros ingenios; pero con perdon de su ciencia y buen deseo, no me parece que supieron hacer la distincion debida, ó que les tocó en suerte leer algunos malos libros, habiendo de ellos que eran buenos y de lectura ùtil y llenos de consejos y buena doctrina. Cuando se vé que un grave personage como Gracian de Aldrete censura el *Palmerin de Inglaterra* sin leerlo, bien puede rebajarse algun tanto el grado de crédito al juicio de estos varones que asi cortaban *verde* como *seco*, sin pararse á discernir cuan fecunda era la materia para que el arte en ella se ejercitasse. Cervantes, si condena muchos de los que halló en el aposento de *D. Quijote* no es porque *cuenten* ficciones, sino porque estaban *mal contadas* y peor escritas, pues no hay libro de mas ficciones que el *Amadis*, ni en su género mas católico que *Esplandien*, y el padre fué absuelto y el hijo volando por los aires al medio del corral. Si porque hay engendros literarios detestables en la novela, en el drama y la comedia fuésemos á anatematizar estos géneros literarios, no dariamos prueba de gran cordura, y sin embargo esto es lo que hicieron los doctos que tanto se nos citan. Pero no es del momento contender sobre la causa estando de acuerdo sobre el efecto. Los autores de libros de *ergas*, por lo mismo que en lo general empleaban antiguos y gastados elementos, ó porque el paladar de los lectores se encallece y necesita cada vez mas sabor y picante cuando se le acostumbra á prodigios, necesitaban cargar la mano en esto de ficciones extraordinarias y portentosas, para autorizar las cuales y darles sello de verosimilitud suponian haberlas hallado escritas en crónicas remotas de autores famosos, aunque desconocidos. Autor hubo que declara haber recibido del cielo la crónica que ofrecia al público, siendo esto si se quiere una parodia de lo que leian en las vidas de varones milagrosos, y no influyendo poco en esto el antecedente de la crónica de *Turpin*, que empieza relatando diálogos con Santiago el Apostol y prodigios de todas suertes hasta pasar por el *prototipo de los embusteros*. Cita el Sr. Gayangos el griego *Alquife*, la reina *Zirfea* y el cronista árabe *Xarton*, asi como *Benengeli*, como supuestos autores de libros, sin que pueda alcanzarse en qué manera favorecen á su defensa de la causa de Hurtado, ni á la que supone tuvieron los verdaderos autores para valerse de tales nombres; porque los doctos, de quien debian hacer mas caso, nunca cayeron en error tan craso ni fueron victimas de engaño tan grosero, y bien sabian á

que atenerse en punto á este artificio. Si alguien creyó fué el vulgo, y el vulgo nunca fué censurador de libros de caballerias, sino que pedia á voces *Amadises* y *Belianises*, ora fuesen bien ó mal escritos. En cuanto á la pertinencia de estos argumentos para recusar á Moraes y defender a Hurtado, muy lince ha de ser quien la descubra, pues no parece sino que la fuerza de la verdad aparta al Sr. Gayangos de su propósito para favorecer los títulos de los portugueses.

CAPITULO X

Moraes gana terreno con las objecciones del Sr. Gayangos —Interpretacion literal de la dedicatoria de Moraes —A qué época se refiere en su expresion de «*dias pasados*» —Las fechas de las ediciones no son pruebas concluyentes de autenticidad.

En efecto, Moraes se apoya en *Albert de Renes*, y sinó existia el gran sabio de que habla Garci-Ordoñez en su *Esplandian;* si no hubo griego *Alquife* que escribiese el *Lisuarte de Grecia*, ni reina *Zirfea* de quien tradujese Feliciano de Silva, ni árabe *Xarton* que escribiese *el Caballero de la Cruz*, ni *Benengeli* que compusiese el *Quijote*, en el mismo caso se hallaria Moraes con su famoso cronista *Albert de Renes*. «De este escritor, dice nuestro académico, no se halla rastro alguno en la Biblioteca histórica de la Francia. Tanto mejor: por ventura ¿se halla rastro de *Benengeli* y *Xarton* en la arábiga? ¿Existe el reino de *Argenes* y en él *historias* del reinado de *Zirfea?* ¿Hay en Grecia *apuntes* históricos sobre el sabio *Alquife?* Pues entre Garci-Ordoñez, por ejemplo, que escribe el *Esplandian* y lo achaca á un *gran sabio*, y Moraes que escribe el *Palmerin* y lo atribuye á un *famoso cronista*, no hallo diferencia alguna. El razonamiento del Sr. Gayangos es *contra producente;* viene á dar á Moraes mas participacion en el *Palmerin* que la que él mismo se concede: segun Moraes, él fué traductor, copiante ó refundidor de una antigualla; segun nuestro académico fué *autor único* del poema. Si *Albert de Renes* fué una entidad real, un personage de carne y hueso, Moraes queda reducido á traductor del *Palmerin;* si *Albert de Renes* es una entidad imaginaria, un personage fabuloso y fantástico, Moraes es tan autor del *Palmerin* como Cervantes del *Quijote*, apesar de la mencion de los cartapacios. Sobre esto no ha lugar á réplica.

Mas para no dejar cabo alguno suelto, voy á tomar la parte del Sr. Gayangos, que admite la posibilidad de alguna ficcion en el prólogo de Moraes que se ha tenido siempre por relacion verosimil, y á ensayar si es de todo punto

imposible el tomarle al pie de la letra. Admito, desde luego, que no hay noticia alguna del personage nombrado, pero esto no es razon bastante para negar su existencia. Uno ha existido en Francia de nombre muy parecido, y que pudiera haberse transformado un tanto á semejanza de casi todos los que forman el índice onomástico caballeresco, y fué el Arzobispo de *Bourges, Alberie de Reims*, nombre susceptible de haber degenerado en los manuscritos ó impresiones en *Albert de Renes*. No seria esto estraño, cuando se vé que *Gano* degeneró en *Galalon*, *Trentis* en *Tristan*, *Howell* en *Ogier*, *Maugis* en *Malgesi*, *Baldoin* en *Valdovinos*, y hasta *equus* en la *alfana* de los gigantes, segun la etimologia laboriosa de Ménage; á lo que dijo un satirico:

> «*Alfana* vient *d'equus*, sans doute;
> Mais il faut avouer, aussi,
> Qu'en nous venant jusqu'ici,
> Il a bien *changé en route.*»

Concediendo con el Sr. Gayangos en la posibilidad de alguna ficcion en el prólogo de Moraes, ¿no puede ser esta la de haber conversado con Alberico que habia ya muerto á mediados del siglo XII? La interpretacion no es mas ni menos arbitraria que la del Sr. Gayangos, pero aunque estuviese solidamente fundado seria lo mismo, porque tanto una como otra supondrian originalidad de invencion en Moraes, cosa que el mismo tiene á empeño en no atribuirse, siquiera sea por seguir la costumbre de los autores de libros de caballerias; que luego cuando hagamos el el exámen critico de la obra, veremos el valor que tenga esa suposicion. No hay, pues, manera de explicacion satisfactoria sino aceptando ahora su relato del prólogo como ingenuo y verdadero. Que no hallemos indicios de *Albert de Renes*, no es prueba concluyente de que dejase de existir en aquel tiempo una persona de ese nombre, con quien Moraes conversase en Paris. Ni *Lelong* ni todos los autores de bibliotecas han podido encerrar en sus indices los nombres de todos los que han escrito en Francia, y multitud de crónicas manuscritas corren todavia anónimas. Ademas de esto, Moraes no quiere dar á entender que *Albert de Renes* fuese precisamente escritor, sino tal vez *colector* de crónicas en el hecho de ser poseedor de *antiguallas* que seguramente él no habia escrito. Pudo ser cronista de no tanta distincion y viso que mereciese ser verdaderamente *famoso*, y, como tal, tendria en su poder viejos materiales. Ya he apuntado algo sobre lo que esos dictados de *famoso, grande, ilustre*, significaban entonces. Quizas era simple escritor, quizas aficionado á libros ó manuscritos. No faltan ejemplos de títulos pomposos semejantes dados tambien por modo de burla, y ahi está, entre otros, *Geoffroy de Troy*, que llamó al bueno de Guillermo Cretin: «*Monseigneur Cretin, grand Chroniqueur du Roi.*»

Conviene ahora examinar á que época se refiere la expresion de *dias pasados*, que emplea Moraes en su dedicatoria, punto importantísimo en esta cuestion, porque apareciendo la personalidad de este escritor en 1592 y la de los Ferrer y Hurtado en 1547, esto es, con 45 años de antelacion, bien merece toda la atencion imaginable. Observo que el Sr. Gayangos, pasa como entre ascuas por estos *dias pasados*, cuando realmente, si consta que un autor compuso un libro en una fecha dada, poco importa que por primera vez aparezca en público en otra nacion y traducido en distinto idioma. El sr. Mendes ha expuesto con la mayor claridad como Don Francisco de Noronha, citado por Moraes en el prólogo, fué efectivamente enviado á Francia en dos ocasiones con el carácter de embajador del rey de Portugal D. Juan III. En la primera estuvo en dicha Corte hasta 1543; y en la segunda desde 1549 por estar fechada su credencial en diciembre de 1548. «La expresion *dias pasados*, dice acertadamente el defensor de Moraes, indica su reciente llegada á aquella capital, y unido á esto el dedicar su *Palmerin* á la Princesa Doña Maria, entre otros motivos, por haber recibido en Francia mercedes de la Reina cristianísima viuda de Don Manuel y madre de la misma Doña Maria, se deduce que no pudo en su dedicatoria aludir á la segunda embajada, porque Noronha solo pudo hallarse la segunda vez en Paris, mucho despues del fallecimiento de Francisco I, ocurrido en marzo de 1547.

Este es un argumento *principalísimo*, por mas que el Sr. Gayangos diga que son «*débiles razones.*» La prueba de que lo es, se halla en la respuesta de nuestro académico, reducida á pedir que se demuestre que Hurtado hubo á la mano *el original*, no impreso, de Moraes. Si consta la verdad de los hechos relatados por Moraes, y este pudo escribir ó escribió en efecto un libro de caballerias llamado el *Palmerin de Inglaterra*, en la época de su primer viage con el embajador Noronha, la manera con que llegase á Toledo un ejemplar, impreso ó manuscrito, es completamente indiferente y de importancia ninguna á los ojos del crítico. Si constase, por ejemplo, que Cervantes escribió un *Buscapié*, y este hubiese aparecido por primera vez en lengua extrangera, el modo en que llegó á manos del editor el ejemplar castellano seria cuestion *curiosa*, pero de poca monta para la cuestion crítica. Del mismo modo, sabido con certeza que Ciceron escribió un tratado de *Republica*, que se ha impreso en nuestros dias, es cosa secundaria el cuento de como vino á manos de *Maffei*. Y tan palmario es esto, que otras veces, se sabe al por menudo, la peregrinacion curiosa de los manuscritos, y sin embargo en nada influye este conocimiento para las decisions de la crítica, como se ha visto en los tesoros de Mantua, hallados por *Annio de Viterbo*, en el evangelio griego del Doctor *Simonides*, en los pergaminos de *Rowley*, en el *Buscapié* de la isla de S. Fernando y en otros muchos casos. ¿Donde una historia *mas bien hilvanada* que la hecha para contar como vino á manos

del Sr. Don Adolfo de Castro el manuscrito del siglo XVII? ¿Y hay quien crea por esto que es obra de Cervantes? Por lo demas, probado dejaré en este ensayo crítico que Hurtado tuvo en sus manos un *Palmerin* en portugués: la manera con que lo hubo es cuestion pueril, impertinente ó indiferente para el caso.

CAPITULO XI

Posibilidad de que Moraes tuviese escrito el *Palmerin* antes de 1547 —Posterioridad de las ediciones portuguesas aducida como prueba en favor de España —Porqué la edicion de Évora no trajo la dedicatoria de Moraes —Hechos curiosos de la historia de los libros — El estilo es la prueba decisiva.

Como el poema en cuestion no es un opúsculo que pudiera hacerse en breve espacio de tiempo, sino un trabajo extenso y bien concebido, conviene por via de antecedente hacer el cómputo que esplique la posibilidad de ser escrito en la época á que Moraes se refiere, y ver si esto se concilia tambien con la posibilidad de llegar un ejemplar á Toledo por el año de 1546 ó principios de 1547. Segun parece, tres años, por lo menos, debió estar Moraes en Paris en su primer viage, puesto que al examinar el estracto que de sus obras hizo *Barbosa Machado*, se lee el título de la siguiente «Relacion de las fiestas que «el Rey de Francia, Francisco I, hizo en las bodas del Duque de Cleves y de la «Princesa de Navarra en el año de 1541.» Es decir, que Moraes se hallaba en dicho año en Paris, y como miembro y parte de la embajada portuguesa asistió, vió y presenció estes festejos é hizo de ellos una crónica para commemorarlos. En tres años que allí estuvo, sobrado tiempo tenia para escribir el *Palmerin*, y sobrado lo hubo tambien para que fuese impreso y llegase un ejemplar á Toledo. Puede interpretarse igualmente que su entrevista con *Albert de Renes* fuese cercana á su despedida de Paris, y su comienzo del poema inmediatamente despues de su llegada á Portugal, y haciendo entonces el prólogo, podia decir con verdad «*dias pasados*», aunque por esta expresion sea permitido entender una época mas lejana. De todos modos, suponiendo que lo escribiese de retorno de Francia, aun hay tiempo y términos habiles para que estuviese concluido ó impreso el *Palmerin* en 1546.

Confusion grande ha causado en esta cuestion el ver, que no solo aparece este poema impreso en Portugal 20 años despues que en España, sino que el editor, Andres de Burgos, al imprimirlo en 1567, en Évora, donde probable-

mente residia Moraes (pues alli fué asesinado este escritor en la puerta del Rocio cinco años despues) lo presenta sin dedicatoria y sin el nombre de este autor, y de aqui saca argumento o Sr. Gayangos para sostener su procedencia hispana. Sobre esto parece no haber duda, aunque se mencionan dos circunstancias notables de las cuales se hablará en sazon mas por estenso. Una es, que los ejemplares de esta edicion de Évora estan muy injuriados; otra es, que se habla de una edicion del *Palmerin* hecha con anterioridad en el extrangero. El Sr. Mendes explica la aparicion anónima de la edicion de Évora, diziendo: que llegado Moraes á Lisboa y viniendo el libro del extrangero, y la dedicatoria manuscrita y sin permiso de la Infanta que la autorizase, salió el *Palmerin* anónimo. Esta razon, aunque verosimil, parece no convencer del todo, pues seria necesario demostrar, que Moraes no llegó á Portugal hasta 1567. Mas bien es de creer, que Moraes no quiso darse á conocer por entonces, ya por temor á la inquisicion recientemente establecida por el Rey D. Juan, ya por otras consideraciones. Por mas que su monarca le colmase de favores y aun le concediese el titulo de *Palmerin* á él y á sus descendientes, amen de otras mercedes, uno podia pensar la corte, y otro el tribunal eclesiástico. Pero lo que no admite duda es, que el prólogo y dedicatoria que aparecieron en la edicion que hizo Alonzo Fernandez, en 1592, no pudieron ser contrahechos ni fingidos por el editor ni por otro alguno, sino que fueron obra de Moraes y debieron hallarse, bien entre sus papeles, ó bien en otra edicion que se desconoce, ó acaso en la ya mencionada de Évora. El librero Simon Tadeo Ferreira que imprimió el *Palmerin*, en Lisboa, en 1786, nos dá esplicaciones bastantes á crear una manera de conviccion sobre este punto. Dice, que los rarísimos ejemplares que pudo ver de la edicion de 1567, que se cree anónima, fueron dos: uno existente en la Biblioteca del Palacio de las Necesidades, y otro en el colegio de San Bernardo, de Coimbra, y ambos *sin portada* y *sin dedicatoria*. Esto pudo ser consecuencia de la injuria del tiempo, del descuido ó mal trato, ó de que nunca las tuvieron, aunque lo último es mas dificultoso de creer. Mas razonable es creer que faltasen las primeras hojas á los dos ejemplares, que no afirmar ó suponer que careciesen de portada, cosa esencial en los libros. Si solo asegurase que no tenian dedicatoria, pudiera bien decirse que salió anónima la edicion de 1567, pues la mayor parte de las obras no tienen dedicacion, ni es requisito indispensable; pero el carecer de portada parece ser mas bien efecto del poco cuidado ó de la injuria del tiempo, y como se perdió una hoja, pudo perderse otra. ¿Puede en vista de esto negarse con fundamento que en dicha edicion se viese el nombre de Moraes? Talvez no esté muy lejos de la verdad la suposicion de que la muerte violenta que sufrió fuese á manos de un cortesano francés, ofendido de la pintura que hizo de los caballeros de la *gala* corte. Pero admitiendo que el poema corrió anónimo en vida de Moraes, y que no se le cono-

ciese como autor de él hasta 1592, ó sean 20 años despues de su muerte, 25 despues de la edicion de Évora, 37 despues de la lionesa y veneciana, 45 despues de la toledana, y medio siglo despues de la época en que calculamos debió escribirlo, ni esto implica que no fuese autor ni dice nada en favor de Hurtado. Tales accidentes son comunes en las historias de libros. Si á principios del siglo XVII un literato extrangero hubiese leido y traducido las novelas «*El celoso Extremeño* y *Rinconete y Cortadillo*», por ventura las habria achacado al licenciado Porres, como el Sr. Gayangos achaca á Hurtado el *Palmerin*. El discurso de Bosarte sobre estas novelas se apoyaba en circunstancias idénticas á las de que se pretende sacar partido para declarar el *Palmerin de Inglaterra* obra española. Cervantes vivia en Castilla y sin embargo sus novelas salian en Andalucia anónimas y amparadas bajo el nombre de Porres de la Cámara, y cuantos leyeron por algunos años *la Miscelánea* no conocieron otro autor de ellas que el que la confeccionó en obsequio y para pasatiempo del Arzobispo Guevara. ¿Cómo por doce ó quince años las dejó Cervantes correr sin su nombre? Pero aunque corrieran dos siglos fuera lo mismo, pues no se deja imponer la crítica por tales accidentes. La verdad es, que si como fueron novelas referentes á sucesos reales, hubiese sido un libro de caballerias en que los personages y el lugar de la escena son arbitrarios y fantásticos, y se le hubiese vertido á extraño idioma, el traductor pudo haber dicho, como Ferrer, que era obra suya, ó por lo menos, afirmar, con razon, que era de un dignidad del Cabildo Sevillano. ¿Quien habia de reclamar en nacion extraña, cuando Cervantes no reclamó en la suya propia por tantos años? Y si los críticos no sabian distinguir ni juzgar de estilo, ¿qué valdria la declaracion de Cervantes en 1613 contra el hecho de haber corrido su obra, por años, bajo la paternidad del Racionero Porres? Pongamos aun mayor identidad de este caso con el de Moraes, y demos que Cervantes no hubiese hecho la edicion de sus novelas, sino su mujer ó testamentarios despues de su muerte, como se hizo la de *Persiles y Sigismunda*, apareciendo entonces ó mas adelante la dedicacion al Conde de Lemos y el reconocimiento de aquellos frutos por parto legítimo de su ingenio ¿dejarian por esto de ser suyas, aunque hormigueasen por Europa ejemplares de anterior fecha? ¿No está ahí la novela de «*La Tia fingida*» que se imprimió al cabo de siglo y medio de compuesta? Luego la aparicion del nombre de Moraes en 1592, despues de su muerte, y habiendo salido el *Palmerin* anónimo durante su vida, en nada obsta para atribuir su composicion á Moraes, siempre qui estemos ciertos de que aquel fué su estilo y de que variedad de circunstancias le pregonan altamente como su autor.

CAPITULO XII

Opinion de Cervantes puesta como argumento contra Moraes —Debilidad de este argumento —Errores críticos acerca del *Quijote* —Que Cervantes no vió la edicion lisbonense del *Palmerin* —Cómo nació la fama de haber sido escrito en Portugal.

En este punto de la historia de la controversia y á consecuencia de la edicion mencionada de 1592, surge otra cuestion de que se ha querido sacar partido en favor nuestro. Si Cervantes publicaba el *Quijote* en 1605, cuando ya la edicion de 1592 habia dado á conocer á Moraes, ¿cómo atribuye el *Palmerin* á un Rey de Portugal? El habil crítico, Sr. Mendez, previendo que esta era una pregunta inevitable, para el golpe con maestria, diciendo que Cervantes concluyó el *Quijote* muchos años antes de darlo á la imprenta, y que por eso no tuvo noticias de la mencionada edicion de Lisboa, hecha en 1592. El Sr. Gayangos contesta, que siendo el *Quijote* engendrado en una carcel y sabiendo-se que «esta prision debió verificarse entre el año de 1598, que salió de Sevilla, y el 1603, en que de resultas de la muerte dada á un extrangero en Valladolid, y á pocos pasos de la casa en que vivia Cervantes volvió este á ser preso, habia tiempo sobrado para que una edicion del *Palmerin*, publicada en 1592 con el nombre de Moraes, llegase á su noticia.»

En esta nueva faz de argumentos co-laterales, á que se trae la cuestion, ambos contendientes se colocan en terreno poco seguro y por demas arbitrario. Yo soy de opinion que el *Quijote*, ó mejor dicho, el asunto ó plan de la obra, fué trabajado por Cervantes muchos años antes de la época aparente de su composicion, ó mas terminantemente, desde que volvió de Argel y vió tan ridículo y menguado fruto de tan famosos hechos y altas empresas en Africa; pero con todo eso, y felicitándome de que el Sr. Mendes piense del mismo modo, no me atreveria á afirmar que el capítulo del escrutinio estuviese escrito materialmente antes del año 1592. Por otra parte, si el Sr. Gayangos no presenta mas pruebas y fundamentos para decir que el *Quijote* fué engendrado en una carcel, que la expresion metafórica del prólogo, y la manoseada opinion vulgar de que el autor estaba indignado contra los vecinos de Argamasilla, y se vengó de sus malos tratamientos, haciendo natural de este pueblo al hidalgo, y «*colocando la escena de sus primeras aventuras en aquella provincia*», tampoco puede admitirse esta version. Esas ínfulas de hidalguia y entono llamado *argamasillesco*, que se dice ridiculizó Cervantes; esos resentimientos que se le suponen; esa

venganza necia que se supone quiso tomar inmortalizando á sus víctimas, ¿no son porventura mas aplicables á los vizcainos que á los manchegos? Era menester que viniesen Mayans, Pellicer, Clemencin y otros anotadores del *Quijote* á decirnos que hay entonos de hidalguia en los honrados manchegos, para que supiésemos que tales defectos son propios en España en los que su ganado apacientan en las extendidas dehesas del tortuoso Guadiana ¡Entonados los manchegos! Lo que vé por el contrario el mas miope, es que el tipo de la entonacion hidalga está en los vizcainos. Sancho de Azpeitia está en el *Quijote* designado, no por motes ni pseudónimos, sino por su nombre y apellido, puesta en su punto su hidalguia *por tierra y por mar*, trasplantado su nombre al escudero de *D. Quijote*, con la añadidura de *Zancas*, voz originariamente vascongada, y que no era mote conocido de Sancho, puesto que nunca mas le vuelve á llamarse así. Y no es solo en el *Quijote* donde la toma Cervantes con los vizcainos, sino que escribió un sainete con el título del «*Vizcaino fingido*», en que tan triste papel representa Quiñones, y en la comedia de «*La casa de los celos*» vuelve á aparecer otro natural de Vizcaya que acompaña á Bernardo del Carpio, y finalmente ahi está el «*Infanzon de la Vega ó Quijote de la Cantabria*», escrito con no otra idea que ridiculizar las ínfulas de hidalguia en el Señorio de Vizcaya. No hay razon aplicable á los manchegos que con mayor causa no lo sea á los vizcainos. ¿Adonde irian á parar las imaginaciones si un pobre manchego, con una simple almohada y montado en mula de alquilar, se hubiese atrevido á afrontar con el caballero andante? Pero, como estas, hay muchas opiniones infundadas que han tomado raices en el vulgo sin que haya evidencia que las saque ni á tres tirones.

En tanto que ocasion llega de poder demostrar cual fué la verdadera causa de la eleccion que hizo Cervantes, de la Mancha para teatro de las aventuras de *Don Quijote* y no de otro territorio de España, diré añudando el hilo roto por esta digresion necesaria, que, en efecto, sobrado tiempo hubo para que Cervantes conociese al empezar el *Quijote*, en 1598, una edicion del *Palmerin* hecha en 1592; pero el haber sobrado tiempo, de ninguna manera implica, ni trae por consecuencia forzosa que precisamente la conociese. No estaba nuestro autor tan abundante de fondos, ni habia en España boletines de publicidad, para que hubiese de proporcionarse libros impresos en otra nacion, ó saber que tales impresiones se habian hecho. Es de estrañar, y con razon, que Cervantes ignorase la existencia del *caballero del sol* (que muchos creen equivocadamente citada en el escrutinio) impresa en Valladolid en la segunda mitad del siglo XVI, habiendo vivido cerca de esta capital por muchos años y residido en ella en algunas épocas; pero no lo es de manera alguna, que en seis ó ocho años, del 92 al 98, hubiese dejado de ver un libro impreso en Lisboa. Ademas, Cervantes conocia el *Palmerin* en castellano; ¿qué empeño podia tener en estar á la

mira de las ediciones que de él se hiciesen en estraña lengua? Por ventura, era su ocupacion la de un bibliógrafo que anda á caza de ediciones, ó le importaba mucho que el autor fuese Moraes, un Rey ó el gran Simon de Silveira? ¿Ecsistian entonces comunicaciones frequentes que le pusiesen al tanto de todos los libros que se imprimian en Portugal? Cuando se vé que en nuestro siglo pasan desapercibidas ediciones hechas casi á la puerta de nuestra casa, no es de admirar que Cervantes ignorase la del *Palmerin*, de Lisboa. Lo bueno es que el Sr. Gayangos, dice casi á renglon seguido: «Cervantes no tuvo ni pudo tener noticia de todos los libros de caballerias». Cierto y si esto se entiende con respecto á los originales, ¿qué diremos de las reimpresiones? ¿qué diremos de las ediciones de un libro, ya olvidado, vuelto á ser impreso en estraño idioma?

Aun hay mas, interrogando el defensor de Moraes sobre el «*inconcebible descuido*» de Hurtado, en no acudir á reclamar su primacía cuando el rey Don Juan concedió á Moraes y sus descendientes el apellido de *Palmerin*, trata el Sr. Gayangos de esplicar su silencio, diciendo: «que no eran tantas ni tan frecuentes entonces las relaciones entre Portugal y Castilla, ni entre Lisboa y Toledo, para que en esta última ciudad *se supiese y llegase á oidos* del autor injuriado que, en Evora, de Portugal, se habia hecho y publicado una redaccion portuguesa de su libro. «La respuesta parece confeccionada para el caso de Cervantes. Han de observar los lectores, que mas años transcurrieron desde la edicion de Evora de 1567 hasta el fallecimento de Luis Hurtado, que desde la edicion de Lisboa de 1592 hasta la época en que supone nuestro académico que escribió Cervantes el capítulo del escrutinio. Es decir, que en favor de Hurtado se cuentan por lo menos trece años, mientras que en favor de Cervantes no llegan á siete, ó sea la mitad. Si Hurtado, autor del *Palmerin* (por la gracia de Salvá-Gayangos) estuvo ageno do lo que se hacia en Portugal con el hijo de su entendimiento durante el largo periodo de trece años, y siendo padre reconocido no reclamaba sus derechos ¿qué mucho que en seis años lo estuviese Cervantes, al que no afectaba ni aguijaba parentesco alguno intelectual y para quien la filiacion ó linage del *Palmerin* era del todo indiferente? Pero nuestro defensor de Hurtado está tan de su parte, que llega hasta el empleo de distinciones sutiles. Pretende que no bastaba que la noticia se supiese en Toledo, sino que *llegase á oidos* del párroco escritor. En hora buena, pero entonces tambien la noticia de la edicion de Lisboa de 1592, pudo llegar á Andalucia y *no á los oidos* de Cervantes, que harto asendereado estaba para curarse de si un editor portugués imprimia ó no un libro en que no tenia derecho ni cohecho, ni, cómo dice el vulgo, habia *comido ni bebido*.

En resúmen, cuando Cervantes publica en 1605 que el *Palmerin* es obra de un Rey de Portugal, esto no tiene mas que dos esplicaciones: que no tuvo conocimiento de la edicion de Lisboa, ó que si lo tuvo, no leyó el prólogo en

donde se nombrava autor Moraes, y esta esplicacion no rechaza la que dá el Sr. Mendes, de que Cervantes escribió el *Quijote* años antes de darlo á la imprenta. Por lo menos el artículo del escrutinio pudo estar escrito antes de 1592, y lo cierto es, que de cuantos libros en él se citan, no hay ninguno cuya edicion primera sea posterior á esta fecha. El caso es singular y ofrece un dato curioso, habiendo salido á luz algunos libros de caballeria en este intermedio de 1592 á 1604.

Con estos antecedentes puédese ahora esplicar como nació la fama á que alude Cervantes. Era necesario que ni este, ni Hurtado, ni aun el mismo Ferrer hubiesen oido cosa alguna en contrario para que aquel adoptase la primitiva opinion, y estos se apropiasen el poema tan impunemente. Sale el *Palmerin* al público en castellano de las toledanas prensas, y como nadie cree en las afirmaciones de Ferrer ni dá valor al acróstico de Hurtado, por lo que se dirá despues, corre y pasa el poema por anónimo; y como hay en el indicios de ser traduccion del portugués, se achacó á un rey de Portugal por la aficion y aun participacion que algunos monarcas de este pais habian tenido en otros libros de caballerias, y por que se pensaba que el Palmerin de Oliva, abuelo del británico era nacido en el vecino reino. De aqui el ser esta *fama* puramente española, porque si hasta que apareció como autor Moraes, pudo creerse entre los portugueses que era composicion de un Rey, y aun se nombró como fruto de ingenio de D. Juan II, luego que salió á plaza el nombre de Moraes, cayeron á tierra todas las conjeturas ante la confesion de su dedicatoria. Por el contrario, en España, donde no se estaba al corriente ó no interesaba este hecho, permaneció y continuó la antigua creencia que lo ahijaba a um monarca portugués.

CAPITULO XIII

Roberto Southey, traductor inglés del *Palmerin* —El primero que traduce por el texto portugués —Infidelidad del traductor Antony Munday —Razones en defensa de los traductores extrangeros del *Palmerin* —Inicio crítico de Southey —Lo atribuyó á Moraes —Incognita en el cálculo de Southey —El primero que se apoya en evidencia interna.

Sigamos el exámen de las razones, en favor del autor lusitano y continuando el órden propuesto de tejer la historia de esta controversia con la claridad posible, pasando de los argumentos conocidos á los nuevos que me propongo presentar, y de los de menor á los de mayor importancia, corresponde ahora examinar la manera con que trató la cuestion el distingido biógrafo de Nelson, *Roberto Southey*. Sin salir del órden de las pruebas y documentos que

debe conocer el Sr. Gayangos, veremos lo que un juicio imparcial puede sacar de ellas y asi nos vamos acercando á la clase de evidencia, única y sola que puede resolver esta cuestion famosa ya desde los tiempos de Cervantes. *Roberto Southey*, un tanto familiarizado con las dos grandes literaturas peninsulares, tradujo en 1807, el *Palmerin*, tomando por testo la edicion portuguesa, primer ejemplo en los fastos curiosos de este libro, que no habia sido nunca traducido en las demas naciones de Europa sino por el texto del estampado toledano. La lectura del poema en portugués debió sorprender á *Southey* como sorprenderia á cualquier otro crítico acostumbrado á ver al escelente caballero disfrazado en trages de pacotilla ó prenderia; pero con mayor razon al escritor inglés, que habia leido la antigua traduccion de *Antonio Munday*, hecha por la version de *Jacques Vincent*, que se habia servido del texto de Ferrer, traslado pésimo del primitivo y original lusitano. Juzguen los lectores de la pepitoria de la tal edicion de *Munday* en la cual se reunia otra circunstancia, y es, que este buen traductor, cansado de andar á vueltas con la version arbitraria de *Vincent*, dejó la tarea á la mitad y fué continuada por dos personas ineptas, que ni sabian bien el francés, ni conocian á fondo el inglés; de modo que la edicion era aun mas que

«Criada de las criadas
De las criadas de Aurora.»

Bien es verdad que no hay que culpar á *Vincent* ni á *Mambrino Roseo*, antes darles muchas alabanzas por haber tenido arte y paciencia para descifrar el hieroglífico que en letra de *Tortis* ofreció Ferrer al público para desesperacion de los lectores. Si se quiere penetrar en el misterio de no haberse hecho edicion nueva del *Palmerin*, en Espña, y de haberse destruido casi todos los ejemplares de 1547, hallarlo hemos en el enojo que causaria la desastrada version española, que el sufrimiento del público tiene sus límites. Sucedió con el *Palmerin* castellano lo que avino á *Primaleon*, destrozado tambien en Toledo, en 1528, por otro mercader de libros como Ferrer. «No es de maravillar decia su corrector, si los leyentes ya no lo querian *ver ni oir en ninguna manera á este libro*, porque os juro cierto, que en todo él no hallé *renglon* ni *razon* que concertada estuviese, ni palabra que derechamente fuese verdadera en romance castellano.» Mi opinion es que igual odio se conquistó el *Palmerin* y á no haber sido por Cervantes, no hubiera sonado su nombre sino en las páginas de libros extrangeros.

Roberto Southey, encantado, como nuestro ingenio, de las bellezas artísticas del *Palmerin*, quiso que sus compatriotas las conociesen, y para introducirlo al público con algun interes y autoridad, transcribió en castellano al frente del prefacio el solemne juicio que sobre él pronunció el graduado por Sigüenza

en el aposento del hidalgo; espuso su parecer sobre el verdadero autor del libro y concluyó con un breve exámen comparativo del mérito artístico del *Amadis de Gaula* y del *Palmerin de Inglaterra* y algunas noticias bibliográficas. Por la fecha de su edicion, 1807, se vé que *Southey* trabajó con anterioridad al hallazgo de la edicion Ferrer-Hurtado, en 1826; y esto constituye el mérito y valor de sus disposiciones críticas, en las cuales fué tan bien guiado y se acercó tanto á la verdad, que, siendo el primero que trató *ex profeso* de esta materia, no vaciló en colocarlo entre los que mas concienzudamente han tratado de este género de cuestiones. *Southey* llevó por norte y comenzó por acatar respectuosamente la decision del gran maestro y juez único en materias caballerescas, el autor del *Quijote*, y partiendo de esta fé y hallando la patria del paladin indicada en el escrutinio del cura y el barbero, su atencion se fijó en señalarle autor y este autor en su juicio no era otro sino Francisco de Moraes. Escusado es decir que algunas de sus alegaciones son mas ingeniosas que pertinentes, aunque discretas, si atendemos á la época en que escribia. No debe perderse de vista, que en 1807, la edicion española del siglo XVI era en la esfera bibliográfica como una especie de *Neptuno* en la celeste, cuyo *Adams* ó *Leverrier* no habia venido todavia; pero cuya sombra se projectaba en las bibliotecas de Italia y Francia, y debia poner en confusion á los críticos. *Southey* vé correr limpia y cristalina el agua en el texto lusitano del *Palmerin*, que contrasta admirablemente con la cenagosa de la version de *Munday*, y al propio tiempo vé en los textos francés ó italiano, de 1553, que los respectivos traductores han tenido á la vista un *Palmerin* escrito en español. El razonamiento y dificultad que *Southey* habia de vencer era el siguiente: ¿Cómo un libro que yo creo original portugués pudo andar en Francia y en Italia, escrito en castellano, con catorce años de prioridad? Verdaderamente en tiempos en que nadie habia visto un *Palmerin* en español era esto un enigma. *Southey* lo esplica diciendo, que la voz *español* pudo ser aplicada indistintamente á una y á otra parte de la península, con tanto mas razon, cuanto que los portugueses llaman á Camoens *príncipe de los poetas españoles*. Como se vé, la solucion es ingeniosa, y pudo aquietar la conciencia crítica de *Southey*, apoyada en indicios y evidencia de órden superior.

Su principal argumento está sacado del contexto mismo del poema, y ya es mucho el haber trasplantado la cuestion al terreno firmísimo de la *evidencia interna*, única que puede destruir el valor de todos los documentos pegadizos de prólogos, dedicatorias, fechas de impresion y demas adherentes de un libro, susceptibles de ser objeto de fraude, como hay de ello ejemplos en los análes tipográficos. Por mas que digan Ferrer, Hurtado, Vincent, Roseo y Moraes, tal puede ser la contextura del poema que ponga en duda todos sus asertos. Si un autor alude á un suceso histórico de fecha averiguada, en vano edi-

tores ó traductores trocaran el año de la impresion. La crítica sabe á que atenerse prescindiendo de esas dudosas autoridades. De igual manera, si entre dos autores, se duda de cual de ellos ha podido ser el que compuso un libro dado, y en este libro se encuentran noticias particulares de incidentes y casos, de que solo pudo hacer mérito aquel á quien acontecieron, el ánimo se inclinará á tener por autor del libro al que intervino y fué actor en esos casos ó incidentes, que es quien pudo tener interés en narrarlos, y será mayor la conviccion nuestra si á esto se asocian otras conjeturas y coincide la época en que el tal libro se compuso con la en que el dicho escritor pudo ser habil para componerlo. Si algo de este jaez existiese en el *Palmerin*, seria de mas valor que las aserciones que hasta aqui hemos visto y que el méritos de prólogos, colophones, fechas de ediciones y dedicatorias, y á vista de tres aspirantes que se disputan el alto honor de autores del *Palmerin* en los pegadizos del poema, el poema mismo debe decidir la contienda si hay términos hábiles.

CAPITULO XIV

Fragilidad de la base que escojió —Indicios que ofrece el *Palmerin* de la patria de su autor —Castillo de Miraguarda y sus inmediaciones —Indicios contrarios que ofrecen las damas y caballeros.

En efecto, en una fábula tan extensa, cuajada de sucesos y aventuras, donde hormiguean personages de distintas naciones, ¿no habria algun indicio que pudiera servir de *base firme* á una opinion decisiva? ¿Es posible que el autor, quien quiera que fuese, se mostrase tan extremamente abstracto, cosmopolita ó indiferente en punto ó localidades y personages, que por algun resquicio abierto al amor propio ó al sentimiento nacional, no se vislumbrase preferencia, orgullo, ó afecto particular á un determinado territorio ó figura de la fábula? *Southey* debió hacerse estas reflexiones cuando creyó encontrar un dato en la mencion y descripcion del castillo de *Almourol*, teatro de importantes escenas caballerescas. Este castillo existe todavia en Portugal. En su viage por este pais, el literato inglés manifiesta que pasó á dos leguas de distancia de él «*No lo visité*», dice «*porque no crei que en adelante me interesara.*»

Este castillo de *Almourol*, que es el mismo que Cervantes designa con el nombre de *castillo de Miraguarda*, constituye efectivamente el segun do núcleo, o centro, teatro de aventuras del *Palmerin*, despues del castillo de la *floresta encantada* en Inglaterra, y aunque *Southey* lo hubiera visitado, bien seguro es

que no habria añadido un adarme mas de peso á sus argumentos. Con estos habria ganado poco la causa lusitana, aunque en 1807 tenian mas fuerza; mas una vez hallado un rival en España, se diria que Hurtado pudo conocer este castillo y nombrarle con preferencia á otro. En una palabra, el *hablar de Portugal* no es *ser portugués*. Si por la importancia que se dá al lugar de las escenas ó á los personages del *Palmerin* hubiésemos de conjeturar la nacionalidad del autor, diriamos que fué inglés ó griego, por no decir turco; pues el protagonista es caballero inglés, y la mayor parte de las aventuras principales tienen lugar en Constantinopla. Si de damas se trata, cierto que *Miraguarda*, residente en Portugal, es la principal en hermosura; pero vemos al mismo tiempo que *Miraguarda* está pintada con colores tales, que no hacen mucho favor á su carácter. En lo general se observa en este poema que el autor crea carácteres imaginarios y no se atiene á fechas ni á descripciones detalladas. Aunque casi todas las escenas pasan en Inglaterra y en el reino de Constantinopla, particulamente en esta corte bizantina, se verá que habla de palacios, puertos, murallas y castillos, pero no hay un detalle descriptivo, no hay una pincelada que los distinga y particularice. Si el lector no sabe lo que es una muralla, un puerto ó un edificio real, por el informe que le dé el poema quedará toda su vida en la ignorancia: lo cual, por otra parte, manifiesta que el autor del *Palmerin* no habia visitado á Londres ni á Constantinopla, ni lo era en verdad necesario para una historia fabulosa, destinada á ofrecer pinturas de afectos, pasiones y carácteres morales.

Mas este mismo colorido abstracto que en él se observa, en general, hace llamar la atencion á la descripcion un tanto minuciosa y por demas exacta que hace, no del castillo de *Almourol*, sino de su situacion y cercanias. Si algun territorio hay en el *Palmerin* descrito con particular reunion de detalles históricos y geográficos es sin duda Portugal y especialmente el terreno é inmediaciones del *castillo de Miraguarda*, sin faltar tradiciones y fábulas locales que hacen suponer al autor muy al corriente de la materia de que habla, y que viendo que tal escepcion de su ordinario método está hecha solo en favor de Portugal, pudiera decirse que en efecto el autor era portugués. Por lo menos, no se concibe que un autor español, libérrimo en la eleccion de escenas de una fábula, manifestase tal predileccion en favor de un pais estraño. Cuando el caballero *Florendos* desembarca en Portugal, dice el autor: «determinaron salir en la Ciudad de Altarocha, que despues llamaron Lisboa, cuyo nombre dicen deribó de los fundadores de ella.» Mas adelante se lee, que caminando por la orilla del Tajo, vió en el medio del agua, un pequeño islote, y en él un castillo roquero, que es el castillo de *Almourol*, cuyo dueño era el gigante de este nombre. A una legua de este castillo, habia otro llamado *Torre-Bella*, propiedad tambien de este gigante, el cual en su casamiento con *Cárdiga*, hija del gigante

Batarú, su deudo, se lo dió en arras y le puso el nombre de ella, y muerto *Almourol*, vivió la giganta en él mucho tiempo, criando á su hijo, que llevó el mismo nombre del padre: «asi es, dice el autor, que no está lejos de la ver-«dad, que, en otro tiempo, *Almourol* y *Cárdiga* fueron marido y muger, y de los «nombres de ellos lo tomaron los castillos donde vivieron, que los conservan «hasta ahora. Algunos cronistas dicen, que el hijo que de ambos nació, se lla-«maba *Tranconio*, y que un dia, atravesando el Tajo, mas abajo del castillo de «*Almourol*, se ahogó; por lo que aquel paso, se llamó algun tiempo de *Tran-«conio*, y despues, corrompiéndose el vocablo, se mudó en *Tancos:* y de aqui «vino llamar-se asi la poblacion que en nuestros dias se forma junto á dicho lugar.» En otro pasage designa aun mas claramente la topografia del castillo, pues hablando del viage de *Horandes* á España, dice: «pasados algunos dias «llegó á la villa de *Riocraro*, que ahora se llama *Thomar*, el cual nombre tuvo «antiguamente á causa del rio que por ella pasa, y *alli se vió muy cerca* el cas-«tillo de *Almourol*.»

Tales minuciosidades no se encuentran en el *Palmerin* respecto á ninguna otra localidad, y si las hay, son completamente arbitrarias, como sucede al hablar de puertos ó castillos de Inglaterra, Escocia é Irlanda. Vemos ademas que no solo conoce el autor el territorio y sus accidentes, cuya descripcion está conforme á la verdad, sino las tradiciones é historia de él. La personificacion de los castillos *Almourol* y *Cárdiga* talvez sea leyenda ó cuento popular en esta parte de Lusitania, como es muy general en todos los lugares que la imaginacion del vulgo personifica y dá vida á los montes, rios, tajos y demas semblanzas del terreno, y este parentesco de los castillos nos trae á la memoria las lagunas de Ruidera y el *lloroso Guadiana* de la Mancha, de que Cervantes habló igualmente porque conocia á palmos dicho territorio.

Entiéndase que este y solo este indicio hay en el *Palmerin* respecto á lugares de escenas que pueda inclinarnos á juzgar á su autor lusitano, pues si es cierto que se alega que habla de la Lusitania con elogio, celebrando sus arboledas y bosques, sus riberas apacibles del Tajo y que en dos ó tres ocasiones la apellida la *guerrera* Lusitania, en lo que se apoya tambien el Sr. Mendes para atribuir el poema á Moraes, pueden oponerse en contra muchas objeciones.

En primer lugar, entre todos los reyes y principes que salen á la escena en esta fábula romántica, que los hay de reinos apartados y aun imaginarios, se cuentan del estremo meridional de Europa, *Amedos*, rey de Francia, y *Recindos*, rey de España. ¿Qué causa impidió al autor el haber llevado á la elegante y caballeresca corte de Constantinopla á un rey ó príncipe de Portugal? Digo mas: siendo la historia en su fondo imaginaria y fingida, y no sujetandose á determinada y verdadera cronologia, el autor pudo muy bien colocar en ella

todo suceso histórico y suponer que Portugal era independiente de España, aun tratándose de tiempos remotísimos. Nadie le hubiera cortado la mano á un autor portugués porque hubiese ingerido un príncipe de los muchos que habian honrado las cortes de Coimbra y de Lisboa, desde 1090 en que Enrique de Borgoña fué á España, como *Florendos* á Portugal, á buscar aventuras. En esta parte las reflexiones que pudieran hacerse no cederian en favor del origen portugués del *Palmerin*, puesto que siendo este reino independiente en la época en que el poema se compuso, y habiendolo sido desde mediados del siglo XII, supone que Recindos gobernaba en toda la Península ibérica.

Si á los personages vamos, mientras que de España militan y actuan *Recindos*, la reina su esposa, *Beroldo* y *Onistaldo* sus hijos, excelentes caballeros, y *Amalta*, princesa de Navarra, Lusitania no tiene mas contingente que el feo gigante Almourol y la giganta Cárdiga. Tampoco esto es prueba de gran predileccion hácia el pais natal.

Si pasamos á las aventuras que en diversos territorios tienen lugar, aunque es cierto que en el castillo de *Miraguarda* se celebran varios combates, tambien hay gran número de aventuras en la corte de España y en la provincia de Navarra, y gran número de victorias del gran *Floriano del Desierto* tienen á España por teatro.

Por último, si de damas se trata, *Miraguarda*, no es, como se pretende, un modo de prueba que nos incline á fallar en contra de España. El órden de precedencia de las hermosuras que figuran en el *Palmerin* coloca á *Miraguarda* en un luguar muy secundario, á pesar de lo que su belleza se celebra. Por la alteza de nacimiento, dignidad, hermosura y adorno de virtudes y por la fama del caballero que la sirve, *Polinarda* hija de *Primaleon*, heredero del imperio de Constantinopla es la primera en linea, y es la señora de los pensamientos de *Palmerin de Inglaterra* protagonista de la fábula. Como de mayor importancia en la conducta y desarrollo del argumento de la fábula, está en el *dramatis personæ*, *Targiana*, la hija del gran turco *Albayzar* por quien se combaten y vence defendiendo su hermosura muchos mas caballeros que *Florendos* en defensa de *Miraguarda*. Como carácter nada abona á esta dama de endiablada condicion *isenta* ó libre, vanidosa, áspera, cruel y llená de alta estimacion de su persona que no tiene otra dote que la hermosura corpórea y física. Una hiena en forma humana no fuera mas insensible y desamorada, pues ademas de no reconocer ni pagar siquiera con su asentimiento la fidelidad y servicios del perfecto amador *Florendos*, su único deleite era ver caballeros destrozados y tintos en sangre los alrededores de su castillo en combates dados por su hermosura. Finalmente, aunque fuese un angel y la principal figura entre el femenino sexo, *Miraguarda* era española, residente en Lusitania, á donde el Conde de *Arnao*, su padre, la confinó para estorbar que los caballeros españoles se fuesen consu-

miendo unos á otros de mal de amores. Esta circunstancia, y el venir de Grecia y de otras partes los caballeros que la servian, asi como el llevar de Portugal á Constantinopla solo gigantes, nos muestra que el autor del *Palmerin* coloca la época de los sucesos cuando toda la Lusitania estaba en poder de los moros: asi es que si alguna época puede fijar-se á los sucesos de esta fábula, parece que deberiamos colocarla entre el reinado de Justiniano y el de Manuel Paleólogo, si ya no es que *Palmerin de Oliva* personifica á este emperador, pues se vé que durante su reinado vienen los turcos á sitiar á Constantinopla al mando de *Albayzar* con una grande armada, la cual es vencida con ayuda de los terribles Dramusiando y Almourol, al modo que el terrible Tamerlan venció á Bajazét y prolongó en Bizancio la dominacion cristiana. En los nombres de *Paleólogo, Palmerin, Bejazét* y *Albayzar* hay cierta semejanza que parece venir á acentuar la semejanza de sucesos, si bien en el *Palmerin* como en todos los poemas de su género, el fondo lo constituyen estas batallas entre paganos y cristianos, comprendiéndo-se en la denominacion de gigantes los infieles y en la de caballeros los defensores de la moral y del ideal del evangelio.

CAPITULO XV

Nueva prueba sacada de la estructura del poema —Moraes introduce en el *Palmerin* á la señora de sus pensamientos —Descripcion de la naturaleza de sus amores —Pintura de Torsi —Obstáculos entre los dos amantes.

Hasta ahora, segun habrá visto el lector, ningun argumento sólido se ha traido al debate que pueda en el órden de evidencia interna inclinar la balanza en favor de uno ni de otro partido, pues aun la misma precision de detalles topográficos que hemos apuntado, está muy lejos de constituir prueba satisfactoria. Sin embargo, dentro de esta esfera y sacado de la contextura del poema voy á ofrecer una serie de datos en su mayor parte nuevos: y en el resto, aunque indicados, muy á la ligera y sin haber sacado de ellos el partido que prometen. Por ellos no se deducirá que el *Palmerin* portugués sea anterior ó posterior al *Palmerin* español, sino que un tal Francisco de Moraes, sea cualquiera el suelo donde vió la luz ó el idioma en que escribiese, compuso originalmente y escribió, por lo menos, doce capitulos del *Palmerin de Inglaterra*, ó sea desde el 137 al 148. Ya hemos visto, que asi por la declaracion del dicho Moraes como por las noticias que dan sus biógrafos, este caballero y elegante escritor estuvo en Francia con el embajador Noronha; que en aquellas épocas so-

lian los gobiernos asociar á los embajadores hombres de letras, deseando hacer buena muestra de sus hombres de valia en las cortes extrangeras. Pues si esto no bastase, entre sus escritos dejó Moraes unos breves apuntes de unos amores que tuvo en Paris con una dama francesa de la reina D.ª Leonor, por nombre *Torsi*. Esta doncella fué la dama de los pensamientos á quien el caballero poeta y diplomático consagró un amor que rayó en locura. Moraes, á poco de su llegada á Paris, la vió brillar en los salones y quedó mortalmente traspasado de traidora flecha. Siguiola, sirviola, rogola, compúsola versos, cantó su amor en la tierna y dulce habla de Camoens y en la enérgica de Cervantes; hizo cuantas locuras puede hacer un amador perfecto, segun el código de amor y caballeria; pero nada pudo amansar aquel corazon de fiera, y Moraes lloró desesperado, y esperó desengañado, y meditó como filósofo, y se engañó como apasionado, y tal impresion hizo en su alma este accidente amoroso, que creyolo digno de memoria y objeto de confesion siquiera como disculpa de sus exageraciones y locuras, pues como él mesmo dice: *sabiéndose la causa de ellas y el grande amor que las engendró todos lo tendrian por poco yerro*. Describe Moraes el principio y desarrollo de su amorosa dolencia con la ingenuidad, sentimiento e idealidad caballeresca acostumbrada en los paladines y mostrando que su pasion por Torsi era de ese género platónico andantesco que vemos en el mismo héroe *Palmerin*, y llevado hasta la exageracion en el manchego hidalgo; de la naturaleza y manera del de los trobadores provenzales, necesario como estímulo á la fantasia poética y reducido á desear por única recompensa la aprobacion y aquiescencia de la dama. Moraes vió en la doncella *Torsi* la incarnacion viva de la belleza y perfeccion soñadas por su fantasia y queria adorarla á fin de que en pago de servicios y constancia una sonrisa, una muestra de agrado, la certeza misma de que no le causaba enojo su rendimiento pudiese mantener la energia y exaltacion de su mente poética. Pero Moraes era un anacronismo en la corte de Paris, ya por tener su corazon muy á la antigua caballeresca usanza, ya porque la Francia habia adelantado mucho en positivismo, ó porque en todos tiempos el terreno galo no fué el mas á propósito para el cultivo de una pasion tan escesivamente romántica; ó bien tuvo la poca fortuna de prendarse de una doncella tan hermosa y perfecta de cuerpo y rostro como vacia de corazon y extraña á toda delicadeza de sentimientos. En efecto, *Torsi* era *cruelmente bella* para amores de este jaez, y como dice Moraes, no sabia distinguir entre la *palabreria cortesana* y las expresiones que se enjendran en el alma. Era peor que una *Marcela* para amadores *Crisóstomos*, y el desdichado poeta en Paris, un verdadero *Quijote* entre uma asamblea de *Sanchos*. Se atrevió á amar á una niña, con el alma de poeta que nunca es vieja, aunque surcos del tiempo arruguen la inspirada frente, con el mismo amor con que se dice que Dante amó á Beatriz de menos edad que *Torsi*; pero la pureza de su pa-

sion se agostó y marchitó entre el hálito prosáico de los cortesanos. Estos murmuraron de los extremos apasionados de Moraes, y la dama, *que no entendia de platonismo*, ni aun se tomó el trabajo de engañarle con su natural *coquetería*. Las declaraciones que hizo y las repulsas que sufrió están referidas por Moraes con un candor que cautiva, si bien hay que traer en abono del despego de *Torsi*, que, tal vez, como él dice, ni las edades ni el rango de las personas conformaban. Moraes razona sin embargo, sobre su pasion y manifiesta que no pedia mucho, sino solo *un dulce engaño*, que tan facil creia ser para una dama francesa: que *sufriese* siquiera que la amase, lo que dá á entender que el romántico escritor consideraba á *Torsi* ni mas ni menos que *Giraud le Roux* á la reina de *Alepo*, y *Bernardo de Ventadour* á *Belvecer*, ó *Beau voir*, especies de Dulcineas *soufreusses* de galanteria. Por esto dice, al modo de los trobadores provenzales: «quiero bien á mis desconciertos y á las murmuraciones que «de mi se pueden decir, y creo que en esto solo está el acierto, y que si otra «cosa hiciese, me equivocaria.» Estas palabras recuerdan las del citado Ventadour: «*poco ama quien nunca pierde la razon.*» Moraes, en la fuerza de su pasion, consideraba, que lo natural y razonable era, en su edad, hacer locuras por su dama, como el hidalgo viejo las hizo en Sierra Morena por Dulcinea, cosa que no hiciera ni aprobara si fuera su amor menos espiritual.

CAPITULO XVI

Apuntes auto-biográficos de Moraes necesarios para la resolucion de esta controversia —Entrevista de Moraes con Torsi —Composicion poética que la dedicó —Desdenes de esta dama —Celos y desesperacion de Moraes.

Uno de los pasos ó escenas de este triste drama de sus amores está referido en su disculpa, y como ha de servirnos para ulterior identificacion del autor de los episodios caballerescos habidos con las damas francesas de la corte de *Amedos*, no debe dejar de mencionarse. Moraes dice estas palabras: «Me «quejé á ella *(Torsi)* de los males que me causaba y de lo poco que los me«recia: digo que consintió mi ventura (para que me entregase mas) que pudiese «hablarla. Pensé, que quejandome con palabras desesperadas y la intencion con «que veia que las decia, alcanzase alguna respuesta, con que pareciese que las «agradecia. No me entendió, ó si me entendió, disimuló. No quise enfadarla «mas con razones, porque era en vano. Fijé los ojos en ella, guiados por el co«razon y el alma, porque ya desesperado de otro remedio, aquel me daba la

«vida, y llegado á casa, hice una poesia al mismo propósito, y en castellano, «porque me pareció que esta lengua le seria mas facil de entender.»

Segun parece, ni esta ni otra endecha amorosa que compuso, tambien inserta en sus diálogos, tuvo atrevimiento para mandarselas. «*Torsi*, continua, es «gran persona, tiene gran mérito y autoridad; yo para ella soy extremo y ya «que el amor me hizo altivo el pensamiento é igual á ella, bien será que por «figuras lo muestre.» Prosigue refiriendo que la reflecsion comenzó á hacer su oficio, trayéndole á la memoria la diferencia de persona á persona y la poca conformidad de edades, y que estuvo para dezembarazarse de este cuidado amoroso, «pero como el amor, dice, es poderoso, y donde el quiere, no hay razon «que tenga, ordenó que entre estos pensamientos pudiese ver á la causa de el«los. Puso los ojos en mi, no sé con que intencion; pero el yerro en que caí, «la traicion que cometi, me los hizo parecer airados, que esto es natural en los «delincuentes. Desde entonces aborrecí cuantas razones me habia repretentado «el entendimiento: si mi afecto me parece bien, este me mate, este quiero se«guir... Quise en el mismo dia hallar tiempo y horas, en que delante de ella «me pudiese disculpar como que ya tenia certeza de que mis culpas les eran «manifiestas. En la cámara de la reina, á vista de ella y de sus damas, arro«dillado en tierra, comencé con palabras muy compuestas nacidas del acata«miento á su persona y presencia, á pedir perdon antes de confesar la culpae. «No se si de ufana de si misma, si del lugar donde estaba, ó si de enfadada de ««no entenderme me dijo, *que no le gustaba que la amase tanto*, mandandom «que de allí en adelante no lo hiciese. Parece que las palabras que me dijo, las «oyó alguna vez á alguna señora castellana que con la reina vino, y solo estas «acertó á saber en castellano para matarme con ellas, que si fuera en francés, «hicieran menos daño, *por no entenderlo todavia.* Esto debo al amor que en «aquel momento, y contra tamaño disfavor quiso que la desesperacion se con«vertiese en osadia. Respondila que aunque para matarme ó *darme* vida tuviese «poder, que en aquello que me mandaba no lo tenia. Estas palabras las enten«dió mal, mas parece que le sonaron bien que me mandó dos ó tres veces que «las tornase á decir; y porque en portugués me las entendia peor, quiso que «las dijese en castellano, y volviendo el rostro á una dama que estaba de la «otra parte, me dejó y platicó con ella, á lo que me parece, á costa mia. No «se si me tenia tanto en la memoria que con otra quisiera hablar de mi, aun«que fuese para decir mal. Levanteme, y llegando á casa, entre la ira y el des«contento, hice esta composicion:

«Todo lo podeis conmigo,
«Mas que os deje de querer
«*No teneis tan gran poder.*

«Que tengais poder tan fuerte
«Sobre mi y mi libertad
«Que de vuestra voluntad
«Penda mi vida ó mi muerte:
«Yo vos amo de tal suerte,
«Que para dejar de ser
«No basta vuestro poder.
«Vos con vuestra sin razon
«Y agravios de cada hora,
«Podeis destruir Señora
«Mi alma y mi corazon;
«Mas quitarme la intencion
«De os servir y de os querer,
«*No teneis tan gran poder*.

«Tanta fuerza tuvieron las palabras que me dijo, que pasada la ira con «que las pude disimular, llegó la desesperacion, que siempre acostumbra á na«cer de los términos ó mandamientos desrazonados. Figurábaseme en la fanta«sia que dijo mas en su furia, y para confirmarlo mas, pareciame que la veia «con el rostro encendido, los ojos envueltos en ira, y la lengua mas suelta y «cruel de lo que tenia por costumbre, y las palabras entre-cortadas, como si el «aceleramiento con que las decia causara turbacion en ellas. Delicadas son las «fuerzas de una mujer, mas tamaña fuerza tuvieron las muestras de la señora «Torsi que no contentas con llenarme de espanto, miedo y temor, me pusieron «en término de desear la muerte y dármela por mi mano; mas quiso el amor, «y pienso que para mayor mal, que pudiese vivir, para que mas tenga con que «mostrar lo que puede y cuán en su mano está la muerte ó la vida de sus va«sallos. Entre tamaños aborrecimientos de vida y de muerte, no supe cual de«sear para mi descanso. Ni me pareció que el remedio estaba en el morir, sino «que para servir á quien me mataba, tornaba á desear la vida.»

Por último concluye: «Mi fantasia, enemiga de mi descanso, para que tu«viese mas de que lamentarme, representóme en aquel instante todos mis ma«les, y no contenta con traerme á la memoria sus desdenes, me representó fa«vores agenos; que el dia anterior vi á Monsieur de Xatillon, gentil hombre, «de edad juvenil, puesto en su regazo, y en el dia de mis agravios, el emba«jador de Inglaterra la llevaba del brazo á vísperas. Estos recuerdos trajeron «celos conmigo. Acabé de conocer, que donde ellos estan, hacen que todos los «otros dolores se tengan en poco, que los otros solo atormentan el cuerpo, y «los suyos *desbaratan la vida y trespasan el alma.*»

Tal es, en estracto, la relacion de los amores de este completo caballero andante, asi en la fuerza é ingenuidad de su pasion como en sus ceremonias y

poéticos conceptos. El lugar, la asamblea de damas, el rendimiento de enamorado, la crudeza y frialdad de Torsi constituyen un traslado de varias escenas del *Palmerin*, con la diferencia de que hay un cierto tinte cómico-burlesco en el choque de la sociedad y romanticismo de Moraes y la frialdad prosaica de Torsi. Parece este cuadro el de un Geoffroy de Rudel que enferma y muere de amor por la condesa de Trípoli, á quien solo conoce de oidos, dialogando con una *lorette* de la *chausée d'Antin*, ó aun todavia se acerca mas á la escena del hidalgo manchego, hincado de rodillas ante la labradora del Toboso, que vuelve la casa y pica la burra porque no entiende las enamoradas expresiones del caballero. La autenticidad de este relato la acreditan no solo la naturaleza del fondo y lo poco que trata Moraes de lisonjear su amor proprio, sino su insistencia en pintar el carácter de Torsi, ya en esa confesion ingenua de particularidades históricas y accidentes personales: ya en el episodio que se lee en el *Palmerin*, en que se percibe la misma mano y entendimiento que trazaron esta breve historia de amores. Moraes, como narrador de sus sucesos, fué franco hasta el estremo, y perdonó generoso á la causa de sus males; pero como poeta, su ingenio tomó justa revancha de sus desdenes, y tal vez la libertad con que se atrevió á pintar el carácter de Torsi, fué la causa de su fin desastroso en Évora, donde la corte portugueza se hallaba, á manos de algun caballero francés resentido.

Veamos ahora como este episodio de amores con Torsi está refigurado en el *Palmerin*.

CAPITULO XVII

Aventura que idearon cuatro damas francesas, en cujo número se encuentra Torsí —Muestras que dá Moraes de resentimento al hablar del amor en la corte de Francia —Identidad de la doncella Torsi de la auto-biographia y la Torsi del *Palmerin* —Pruebas de esta identidad —Falta de trabazon de este episodio con la historia caballaresca —El hallarse este episodio en las traducciones es prueba de la prioridad de Moraes.

En el capitulo 137 «de este libro de caballerias se comienza à narrar *«una aventura»* que en aquellos, dias hubo en el reino de Francia, en que acontecieron cosas à muchos caballeros, algunas de gusto, y *«otras al contrario»* segun la fortuna ó dicha de cada uno las ordenaba: porque como la Francia, dice, éntre las naciones de la cristandad sea una de las mas notables y famosas, algunas damas de ella, que en parecer y hermosura pensaban preceder á todas, envidiosas de la fama de *Polinarda* en Grecia, *Miraguarda* en Lusitania y *Leo-*

narda en Tracia, y ensoberbecidas de su confianza, quejosas de los caballeros franceses, por *cuya falta ó flaqueza de amor* les parecia que sus nombres no sonaban tanto por encima de todos los demas: juntadas cuatro de ellas, que creian aventajar á las otras, ordenaron entre si un modo de aventura, para que sus hermosuras, á costa de la sangre de muchos caballeros que combatiesen en sus nombres, tuviesen lugar en toda parte. Estas señoras se llamaban *Mansi, Telensi, Latranja* y *Torsi*: las cuales *servidas de muchos* dice el auctor, no contentas con traer al mundo revuelto, y las otras de su tiempo en desprecio, envidiosas unas de otras, quisieran tambien saber cual de las cuatro sobresalia. En el poema se declara que *Torsi* servia á la reina de Francia, declaracion que confirma el aserto de Moraes en su disculpa, y que su carácter era altivo y soberbio, muy confiada en su parecer y *despreciándolo todo*, cualidad que hemos visto en la *Torsi* de su historia, por si la identidad del nombre no bastara para su identificacion. Al mismo tiempo ha de observarse, que luego que el autor del *Palmerin* comienza à hablar de las damas y los caballeros franceses, deja bien mostrar el poco afecto que les tiene, que le hace no desperdiciar ocasion de poner al descubierto sus luuares, empezando por decir que de estas cuatro damas, aunque tres eran casadas, eran tan presuntuosas y amigas de servidores como las doncellas: «cosa que se acostumbra mucho y se ex«traña poco en Francia, y no es mucho que se guarde esta regla, pues *es do«lencia que viene de muy antiguo.»* *Torsi*, siendo doncella y por casar, pensaba que esta cualidad, ademas de las otras la habia de mas merecimiento. Vése tambien en esto que alude á la *doncella Torsi* de sus amores, pues seria coincidencia muy casual que entre cuatro solo la de este nombre fuese la soltera. La aventura fué como de quienes la ordenaban. Pusieron por condiciones, que aquel que en nombre de alguna de ellas quisiere seguir la profesion de andante, las viese á todas cuatro, y vistas, escojiese por señora aquella á quien mas se aficionase, y la primera cosa que habia de hacer en su servicio, era combatirse con los servidores de las otras uno por uno, y venciéndolos tendria por premio llamarse caballero de aquella por cuyo nombre se combatió. Hablando de los caballeros franceses, dice que algunos que querian probarse en los peligros de aquella aventura, viendo una de aquellas damas, vencido de sus amores queria aventurar su persona; pero á medida que iba viendo las otras se iba olvidando de las primeras, y al ver á *Torsi* se olvidaba de las tres primeras y con este achaque huian del daño que pudieran recibir. Tambien es de notar, que esta es la única vez en que habla de caballeros portugueses, de los que dice, que como de su natural tienen la *condicion enamorada*, los hubo que se combatieron ya por unas ya por otras; y por el contrario de los franceses, que caracteriza diciendo, ser gente en quien el amor no tiene parte sino en cuanto le va bien; que en punto á afecto y celos, no repartió el amor en

ellos sus dolores tanto, que sepan qué cosa son celos, con otros rasgos y pinceladas sobre condiciones, maneras, trajes y costumbres que bien demuestran que el autor habia estado algunos años en esta nacion y estudiado los caracteres de sus habitantes.

Pero en donde se reconoce á Moraes de suerte que no puede confundirse con otro alguno, es en el retrato de *Torsi*, viéndose en él como una pintura acabada del bosquejo que en su Disculpa nos presenta: La soberbia de la señora *Torsi*, dice, que era mayor que la de las otras; y más confiada ó más cruel, todo su fundamento estaba en la confianza de su hermosura, y sus muestras acompañadas de *desden, altivez é insolencia*, y sobre todo, nótese bien, *desagradecida* á todos los servicios y voluntad con que se le hacian. De entre franceses, continua, tenia pocos servidores, porque querian lo que ella negaba; y añade: mas *los estrangeros* se le aficionaban, que no podian negar mérito grandísimo al desprecio en que tenia á todos y *el que tiene espíritu elevado* y malo de contentar, en caso tan dudoso huelga de experimentar su fortuna, porque no hay victoria grande sino allí donde el que combate desespera. Poco se necesita vacilar para reconocer que solo el historiador de sus amores con la *verdadera Torsi* es el narrador de esta aventura de la *Torsi de la fabula*, y que el objeto de Moraes fué tomar una manera de revancha oponiendo á esta princesa de Elide otro príncipe desamorado que fuese como su vengador. Este príncipe es *Floriano del Desierto*, hermano de *Palmerin;* que asi como el héroe es el modelo de los amantes castos y constantes, *Floriano* es al revés, que ama cuantas vé, mientras las tiene delante de la vista. La aventura de las cuatro damas viene de molde á su carácter, y de molde tambien para hacer sentir á unas celos de las otras, pues el caballero á todas se muestra rendido, á todas adula y en alabanza de todas agota todo el diccionario de los galanteos. Hay por último un diálogo entre *Torsi* y *Floriano*, en que como para quitar toda duda, Moraes pone en boca de la doncella una expresion idéntica á la respuesta que dió la verdadera *Torsi* en la cámara de la reina á su arrodillado amante.

—«Fuisteis alguna vez enamorado? dijo *Torsi*.

—«Muchas, respondió él.

—«¿Os atormentó como ahora?

—«Señora, no: por que entonces amaba en un solo lugar y nunca tuve la esperanza tan perdida que con el favor del tiempo y mis merecimientos no esperase cobrarla. Ahora amo á cuatro, y á todas del mismo modo. Lo que merezco á todas bastará que me niegue una para que las otras hagan lo mismo.

«En otras ocasiones e otros amores nunca vi la vida tan desesperada que temiese perderla; ahora no es asi, que yo mismo la aborrezco y siento trabajo en sustentarla.

—«*No os mateis tánto,* dijo *Torsi*.»

Por si este ejemplo no basta, citaré otro en que se ven usadas las mismas palabras que en la *Disculpa*. Hablando de la impresion de los celos en el enamorado que los padece, dice que sus punzadas «*desbaratan la vida e atormentan el alma:*» y en el capitulo 167, despues de describir el traje de la señora *Torsi*, concluye: «hacian los cabellos con aquella apariencia tan gran impresion en quien los veia, que no contentos con *destruir la vida atormentaban el alma.*»

Parece que Moraes tuvo deliberada intencion de que esta identidad se notase, y quedasen consignados sus amores en narracion verdadera y ficticia, y pintaba su dama con igual colorido é idéntico nombre en sus memorias y en la novela. La introduccion de este episodio de la aventura francesa se vé que ès ademas pegadizo en el libro del *Palmerin*, y sin la trabazon y preparacion que suelen tener los otros episodios y que tanto revelan las dotes del autor. En una palabra, si algo en esta controversia está á esta sazon plenamente probado, es que Francisco Moraes es el autor de estos doce capítulos del *Palmerin*, y que en ellos se hace referencia á la misma doncella, dama de la reina, de quien se enamoró á poco de su llegada á Paris con el embajador Noronha.

Clememcin, que llamaba á Moraes traductor *con puntas de plagiario*, porque en el *Palmerin* hay un episodio de sus amores, decia en sus notas al *Quijote* con gran discrecion: Para salir de dudas no hay mas que cotejar la edicion francesa con la portuguesa, y ver si aquella tiene este episodio. Naturalmente, si *Vincent* que tradujo del español no tradujo estos doce capitulos, seria evidente que Moraes los habia añadido, pero por fortuna este episodio existe en todas las ediciones príncipes, inclusa la española: ¿Qué sacan de aqui los defensores de la causa hispana? Sin duda que Moraes remitió á Toledo los apuntes ó memorias de su vida privada, para que Ferrer ó Hurtado los intercalase en el poema y tener luego el gusto de traducirlos.

Y este argumento se dirá, ¿no ha convencido á los criticos españoles? Nó. Todo esto puede ser estraño, incomprensible, raro, escepcional, hasta milagro; «*cartas cantan,*» ahi estan las declaratorias de dos castellanos hombres de bien, y la critica no está dispuesta á abandonarlas por argumentos como los presentados. Preciso es, pues, venir á estas declatorias, y examinar si, en efecto, son de tanto valor y tienen la fuerza que se les ha dado.

CAPITULO XVIII

Comparacion de los prólogos de los tres autores contendientes —El de Moraes es el mas sensato —El de Ferrer un fárrago indigesto —El de Hurtado un elogio de charlatan —El de Moraes tienne estilo y aire de familia caballeresca.

Ante todo vamos á poner frente á frente los prólogos de los tres autores contendientes y analizarlos bajo el punto de vista del aire de familia caballeresco y ver en su corte y tono cuál de ellos tiene mas apariencia y razon de ser llamado autor. Ahora bien, tomando por punto de partida y comparacion la misma historia del *Palmerin*, su estilo de pensamientos levantados y la discrecion y maestria que nos muestra debia tener el que la compuso, el prólogo de Moraes es el mas sensato, el mas bien cortado al estilo caballeresco, el mas relacionado con la fábula asi en el fondo como en sus antecedentes, el mas homogéneo, en fin, con historia de tal alteza. Conocida ya la fábula, el que lea la prefacion de Moraes, no puede menos de reconocer la misma pluma, el mismo ingenio alto y sisudo, la misma mesura, gravedad y discrecion que se observa en todo el curso de aquella. ¿Qué es el prefacio de Ferrer? En su principio un plagio vergonzoso segun demonstraré mas adelante, y luego y siempre un tegido ó embrollo de citas inconexas, intempestivas, impertinentes; un discurso de pacotilla, un fárrago indigesto de sentencias tomadas de autores de la antigüedad, que ahi vienen al caso como los cerros de Úbeda, mostrando ser el autor un hombre inepto, sin educacion literaria, y aun sin sentido comun. Si hay facultades humanas de percepcion, juicio y análisis, al comparar ambas piezas no puede menos de afirmarse que son hijas de un mismo padre, y que de tales barbas como el prólogo no corresponden *tobajas* como la historia del *Palmerin*. ¿Pues qué diremos de Luis Hurtado, el escondido en el acróstico, como si la fábula fuese un delito de lesa magestad? Quien podia escribir tan altos pensamientos en prosa, echa mano de malos versos, y ¿para qué? para desatarse como charlatan en elogios ridículos de un libro que por su bondad no los necesita; para estampar como un mercader codicioso, como un judio que solo atiende al lucro, la siguinte frase:

«Direte, lector, aqui solamente
Aqueste tratado no dejes de haber.»

Por cierto que es duro de creer que el artista consumado descienda de las regiones sublimes de la ficcion á un realismo tan exagerado é imprudente, que está revelando el *auri sacra fames* que inspiró aquel gatuperio editorial. Ni aun siquiera se le occurrió para aventajar la mercancia ponderar el origen maravilloso y extraordinario de esa crónica que habia de hacer olvidar á los *Amadises* y los *nueve de la fama* «que ya perecieron», diciendo que fué escrita antes del nacimiento de Adan ó hallada en el vientre de una ballena, para quitar al lector las náuseas que podia producir al ver que un mercader de libros, con establecimiento abierto en Toledo, le estaba disputando su paternidad en la misma hoja. Mas ó ménos ficticio, el cuento y salsa de origen peregrino ocupa su lugar en la dedicatoria de Moraes. La fábula del *Palmerin* tiene autoridades en tal número, que no hay libro de caballerias que con el compita en diversidad de fuentes. Citanse en primer lugar la antigualla de *Albert de Renes*, que parece compuesta á escote entre *Daliarte*, *Esbrec*, *Frusto*, *Biut* y *Tornelo*, y á cada paso se estan citando historias particulares y generales, crónicas inglesas, é historias de singulares caballeros. Moraes, que á cada paso vemos vá acreditándose de verdadero autor, dice que la *trasladó*, y nó que la *compuso*, y para darle mayor peso aun, añade que es *fiel* en cuanto á las aventuras y acontecimientos, y que solo *las palabras* son fruto de su escaso ingenio. En suma, con Moraes sucede como con Cervantes, que á no distinguir cierto tono zumbon en sus aseveraciones, cualquiera podia creer que hubo archivos en la Mancha y que la historia fué escrita en arabigo. ¿No es ridiculo que se oponga á esta bien forjada historia del prólogo portugués, consonante y conforme con el texto del poema, la declaracion de un impresor que desentendiéndose de todos esos origenes fabulosos, confiesa que parió á *Palmerin* en sus ratos desocupados? Aqui podriamos decir: Si votos, ¿á qué vienen los nombres de los autores fabulosos en el cuerpo de la historia? La pluma de Moraes corre y rasguea en la dedicatoria en pleno estilo de autor de *ergas* consumado, dejando el ánimo de los lectores perplejo, apelando al misterio, poniendo en duda si copió de un manuscrito ó fué invencion de su entendimiento, mostrando el respeto que los escritores de historias bretonas tenian á los origenes de que tomabam ó pretendian tomar sus relaciones, conservando lo hallado y no atreviéndose á tocar sino en los accesorios y detalles. La llaneza y ausencia del elemento maravilloso en los prólogos de Ferrer y Hurtado es la mejor prueba de que ni uno ni otro quisieron engañar al vulgo apropriándose obra agena y pasando por autores del *Palmerin;* y por otra parte, la doble y contradictoria confesion de los dos toledanos, debiera haber hecho pensar, que el uno hablaba como traductor y el otro como autor del panegírico en verso, en cuyo caso ni estraña ni repugna que ambos revindiquen cierto grado ó parte de intervencion en la edicion castellana. Pero debiendo en breve tratar particularmente de este punto, concluiré

respecto á Moraes con algunas observaciones. Este escritor lusitano se expresó con la mayor discrecion respecto al mérito y provecho moral, que en el público podiera hacer un nuevo libro de caballerias en época en que empezaban á ser mal vistos y peor juzgados. No usa de esas frases altisonantes, de ese estilo hiperbólico y desenfrenado con que muchos autores y editores echaban al mundo una máquina de ficciones inverosimiles, creyendo que las familias y los pueblos iban á hallar en ellos la salvacion de todos sus intereses, ni el tono con que Hurtado eleva el *Palmerin* sobre los cuernos de la luna, llamándole *libro alto, en todo facundo*, que va á hacer perder el nombre á todos los paladines y dejar á oscuras á

«Roldan y Amadis que ya perecieron»

con otros fieros improprios de un grave autor. Moraes es prudente y modesto. Su dedicatoria ó prólogo está escrito en el estilo y tono que conviene asi al autor como á la época. Transige con lo que hemos visto ser la forma característica de autenticidad en estas ficciones; pero transige con circunspeccion como lo hizo Cervantes con su *Quijote*.

Pasando ahora del tono general de estos documentos al análisis particular de los de la edicion española, se verá que ni en la prosa de Ferrer ni en la poesia de Hurtado, hay méritos para considerarlos autores del testo á que preceden. Entre las circunstancias raras de esta polémica, existe la rarísima de que los inocentes Ferrer y Hurtado no han dicho ni pensado decir que fuesen autores del *Palmerin*, sino que cabalmente dijeron lo contrario.

Comenzaré por Ferrer, primer declarante, y haré notar dos circunstancias, que, sin perjuicio de las pruebas convincentes que el texto castellano vá á suministrarnos en un cotejo con el portugués, bastan para orientarnos de la intervencion que tuvo en el *Palmerin* toledano.

CAPITULO XIX

Procedencia del prólogo de Ferrer —Denuncia que hizo Gracian del despojo de su hacienda — Verdadero significado de las expressiones del traductor Ferrer —Ejemplo análogo en el *Palmerin de Oliva*, corregido por Juan Matheo —Queda Ferrer absuelto —Observaciones sobre la causa de la intervencion de Hurtado.

Quizás no haya documento mas singular en esta controversia, que el que voy á citar ahora, tanto por su antigüedad y autenticidad como por su pertinencia en la question presente. El ya citado D. Diego Gracian de Aldrete, secretario de lenguas de Carlos v, y traductor de «*Los Morales de Plutarco*», fué el primero y tal vez el único que habló del *Palmerin de Inglaterra* cuando era recien-nacido al mundo literario. En un prefacio que puso á una de las ediones de su obra, á raiz de su aparicion, dice, que hallándose, hacia pocos dias, en Monzon, le presentaron un libro recientemente impreso, intitulado «*Palmerin de Inglaterra*», al frente del cual se veia un prólogo, tomado de otro que él habia puesto á dicha traduccion de Plutarco, y que no sentia que le hubiesen robado sus propias expresiones, sino que hubiesen hecho uso de ellas como para autorizar tan vana y despreciable lectura. En efecto, quien coteje los mencionados prólogos, verá que el del *Palmerin* comienza del mismo modo que el de «*Los Morales*», y transcribe casi al pié de la letra las primeras sentencias ó reflexiones de Gracian de Aldrete, sin mas diferencia sino la de dirigirse el uno al emperador, dándole el título de *Magestad* y el otro á un caballero, llamándole «*magnifico señor,*» y que el uno se refiere á hechos heróicos verdaderos, y el otro á libros de caballerias. Ahora bien, ¿es creible que el entendimiento que concibió y la pluma que escribió libro tan raro y excelente, no fuera capaz de invencion para dirigir cuatro letras á su protector ó Mecenas? ¿Es posible que fuese á vestirse de agenas plumas quien tan bien cortada tuvo la suya para trazar el artificio de la fábula caballeresca? ¿Qué se vé en esto? Que Miguel Ferrer, pobre de invencion y escaso de genio, ni aun lo tuvo para compaginar un triste prólogo. Aldrete le denunció y sacó á la verguenza como plagiario osado, sin decir siquiera de qué campo robaba el fruto; y cuando asi se le atacó en público, guardó silencio, porque, como editor, iba á su negocio, y se le importaba un bledo le tuviesen ó nó por sabio y competente. Es de presumir que el secretario del emperador, luego que vió aquel despojo, arrojaria con enojo el libro de sus manos, á cuya causa se debe, que hombre de tan buen juicio,

lo formara tan equivocado del *Palmerin;* pero tras de la mala fama que estos poemas iban cobrando, el desprecio de Gracian está justificado cuando vé que las primeras lineas son un despojo de su hacienda.

Mal precedente es este para el crédito de Ferrer, porque el hombre que se apropia obras de compatriotas suyos, vivos entonces, no habia de tener escrúpulo en apropiarse las de estrangeros y decir que el *Palmerin* era suyo, siendo de um escritor portugués. Mas, ¿dice en efecto, que el *Palmerin* sea obra suya? El lector tiene ya noticia de las palabras de Ferrer, «este mi pequeño fruto,» «este mi trabajo,» y la declaracion de que se occupaba en escribir historias, pero con los antecedentes que ya poseemos, se esplican perfectamente estas palrbras. El *Palmerin,* vertido al castellano, era su *pequeño fruto,* bien *pequeño* en verdad, que en medio de todo, Ferrer se hizo asi mismo mas justicia que le han hecho los criticos. La traduccion era el «*trabajo*» que dedicaba, y no mentia al decir, que aunque aprendió arte para sustentar la vida, empleaba los ratos desocupados en «*escribir hystorias.*» Entre los ejemplos innumerables que podria citar de que muchos editores y especialmente de libros de caballerias, acostumbraban á presentar libros cual si fuesen suyos, citaré el mas competente, que es un caso análogo sucedido con el *Palmerin de Oliva.* Juan Matheo *da villa española,* corregió y enmendó el *Palmerin de Oliva* y lo dedicó á otro magnifico señor, Juan de Nores, Conde de Tripol. Sin embargo de esto, dice en su prólogo: «Sé cierto que vuestra illustrisima señoria, recibirá el ánimo y voluntad mia y no aquesté don, que es ofreceros esta obra... y ¿á quien pudiera yo dedicar mejor esta obra de caballeria militar que á vuestra señoria?... Considerando yo que V. S. es tan amigo de ciencias y de saber todas las lenguas que casi en todo el mundo se usan, me pareció dedicar *esta obra española* á su señoria, porque no estuviese sin saber la lengua española.» Seguro es, que si hubiera aparecido un ejemplar sin colophon, donde se dice la parte que Juan Matheo en ella tuvo, se disputaria que fué el autor del *Palmerin de Oliva,* pues nada hay en el prólogo que al lector oriente de que fuese mero corrector. Igual caso tenemos en Ferrer, y con mayor causa pudo decir que era fruto suyo y trabajo suyo el texto que se imprimia en Toledo, pues hay que advertir, que envalentonaba á traductores y editores para ser poco escrupulosos, la dificultad ó imposibilidad de averiguarse entonces quien era el original autor de estos libros, que por todas las naciones corrian y en su mayor parte anónimos. Mayor era la dificultad si el original procedia del extrangero, que no habiendo entonces tratados de propiedad literaria, cualquiera podia vestirse con las galas de otros. Ademas, por lo que á Ferrer respecta, no puede decirse que fuese mucho su atrevimiento en presentarse ante un caballero haciéndole creer que era invencion suya la obra dedicada, pues todo induce á creer que los Mecenas son puramente nominales, y que no hubo tal Galasso Rotulo, ni Alonso Carrillo que

la aceptasen; y la razon de esta duda, que siempre he tenido, es, que siendo tan nobles y magnificos, el dedicante no les consagra frase alguna de adulacion y lisonja, ni se refiere á hechos gloriosos suyos ni de sus antepasados como era la usanza de los dedicantes. Mas, aun, suponiendo que fueron reales y verdaderos personages existentes en España, cosa dudosa, pues no indica títulos, rango, ni categoria de ellos, Ferrer no decia mas ni menos que los traductores de aquel tiempo, y si su lenguage en los prólogos era oscuro y parecia como autor, podia excusarse diciendo que bien claramente afirma que es traductor al dirigirse á los lectores en los versos que le subsiguen, y aqui entramos y tocamos ya á la participacion de Luis Hurtado en los versos acrósticos famosos: la cual parece ser un servicio de amistad de este su paisano, ocupando el lugar de los prólogos que hoy suelen escribir amigos de los autores ó traductores en recomendacion de los libros. Asi como decimos que Ferrer por incapaz de producir nada de su cosecha propia, acudió á tomar de la hacienda de Gracian Aldrete, asi le pareció conveniente acudir à otro para que le escribiese unos versos encomiásticos del poema, como especie de anzuelo y llamativo del público. Si Ferrer hubiese sido capaz de hacer cuatro octavas, escusado hubiera la intervencion de otro alguno; pero necesitaba de unos versos y acudió al jóven Luis Hurtado para que se los compusiese. Como quiera que sea, los versos, con perdon del Sr. Gayangos, no dicen que el *Palmerin* sea obra suya ni de Ferrer, sino que es una obra traducida, y el lector imparcial ha de conocerlo á la simple vista de la primera octava.

CAPITULO XX

Interpretacion de la primera octava acróstica de Hurtado —Oposicion de su contexto literal con las opiniones sostenidas por los críticos españoles —Interpretacion de la segunda octava —Su autor, Hurtado, confiesa ser el *Palmerin* obra extrangera —Desacertada eleccion de los críticos en orden á las pruebas que ofrecen estos versos —Injusticia con que se supuso á Hurtado autor de un libro de que solo fué panegirista.

«Leyendo esta obra, discreto lector,
Vi ser espejo de hechos famosos,
Y viendo aprovecha á los amorosos
Se puso la mano en esta labor.
Hallé que es muy digno de todo loor
Un libro tan alto en todo facundo»
. . . .

Si Luis Hurtado fuese el autor del *Palmerin*, dijera, no «*vi ser espejo,*» sino

«*Verás* ser espejo de hechos famosos»

porque es el colmo de lo absurdo y lo ridículo que un autor se ponga a pintar dechados de hechos famosos y no lo sepa hasta que despues de acabada la lée. Da á entender Hurtado, que cayendo en sus manos el *Palmerin* en idióma extrangero, lo leyó, *vió* que era espejo de famosos hechos y emitió su juicio aconsejando que se tradujese, pues nada hay en los versos que siquiera indiquen tuviese él parte en la tarea. Sí el fuera el traductor, dijera

«*Puse* la mano en esta labor.»

A la verdad podria con toda verosimilitud suponerse, que Ferrer, como tratante en libros, hubo á la mano un ejemplar portugués; y conociendo á Luis Hurtado, se lo dió para que lo leyese y le manifestase si lo creia digno de traducirse. Hurtado dió una opinion favorable que animó á Ferrer á traducirlo, y esta breve historia de los antecedentes es el sujeto claramente espresado de los cuatro primeros versos. Considérese si podria decir otra cosa un editor moderno que tiene en su poder un buen libro extrangero, lo aprueba, resuelve traducirlo y lo imprime y publica recomendándolo á los lectores. ¿Hay otras voces en nuestro idióma ú otras formas gramaticales para indicar la intervencion y parte de un editor que se decide á publicar un libro traducido? ¿Qué significa que *viendo su provecho se puso la mano* en esta labor? No es posible que nadie crea que un libro se escribe despues de compuesto y leido. La *labor* es la traduccion, y si se entiende que la *labor* es la composicion original, por cierto que el padre espiritual del *Palmerin*, no seria Hurtado sino Ferrer, que ya hemos visto tener pocos títulos en su favor. En este caso se entenderia que compuesto el *Palmerin* por Ferrer, se lo dió á Hurtado para que lo examinase, y que hallándolo digno de publicidad, se puso la mano en su estampado; es decir que *labor* entonces significaria la impresion.

Demos de barato por un momento que asi sea, y prosigamos el exámen de las octavas, en las que encontramos los versos seguientes:

«Cojed con sentido en ello despierto
Todas las flores de dichos notables,
Oyendo sentencias que son saludables
Robando la fruta de agenos huertos.»

El Sr. Gayangos dice que «alguna que otra expresion de las contenidas en

las octavas, como por ejemplo, el verso subrayado, han parecido al literato brasileño (Sr. Mendes) ser indicio bastante de que Hurtado *hurtó* en efecto el *Palmerin* portugués.» Por cierto que no es alguna que otra expresion la que hemos visto y notado, sino todas las que componen el sentido de las octavas relativo á las fuentes ó antecedentes del *Palmerin*. Es mas, el defensor de Moraes no debia apoyarse solo y principalmente en el verso subrayado, ni deducir de él que Hurtado hurtase el libro, pues el inocente Hurtado, por el contexto de las octavas, no solo no dice que sea suyo ni de Ferrer, sino que manifiesta con claridad *ser obra extrangera*. Debo advertir asi mismo que el verso en cuestion es el argumento mas debil en favor de la causa lusitana.

Nada mas opuesto al sentido natural de las palabras, que deducir del último verso citado el hurto del *Palmerin*. Para esto seria necesario considerar el cuarto verso como epifonema y ampliacion del tercero, en cuyo caso resulta un sentido disparatado, porque equivale á decir al lector, que las máximas y sentencias de la obra son saludables no por la moral ó bondad ó provecho que en si contengan, sino porque fueron robadas de otro ingenio. Esto, sobre necio, imtempestivo y ridículo, tendria ademas el efecto de ser enigmático é incomprensible para los lectores, los cuales aun que se acordaran de aquel verso de Garcilaso:

> Flérida para mi dulce y sabrosa
> Mas que la fruta del cercado ageno,

á duras penas podrian imaginar que imprimiendo el *Palmerin* en castellano se habia cometido un robo, y que á los lectores debian serles sus sentencias mas saludables por ser de ageno huerto, como al pastor la fruta de cercado ageno. Ademas de esto, el poeta se dirige al lector, aconsejándole tres cosas de que puede aprovechar en su lectura. Hay en los cuatro versos tres oraciones, miembros ó sentencias. La primera la forman los dos versos primeros:

> «Cojed con sentido en ello despierto
> Todas las flores de dichos notables»

aviso por cierto pertinente, porque abundan los tales en todas las páginas del poema. La segunda empieza y concluye en el tercer verso:

> «Oyendo sentencias que son saludables.»

Aqui, á estar corretamente estampada la poesia, debiera haber puntuacion, porque el verso siguiente que ya hemos copiado arriba, contiene otro pensamiento. En uno dice al lector que oirá sentencias útiles, y en el otro parece

que resume y concluye amonestando cual ha de ser el resultado efectivo de toda lectura hecha con «sentido despierto,» conviene á saber: robar, apoderarse de la fruta del ingenio de otro, pues en efecto, el tesoro de pensamientos y de moral de un autor es huerto ageno para el lector, quien en su memoria se lleva y parece que roba sus frutos para su propio provecho. Talvez la ley del acróstico le obligó á poner el *verbo robar*, y á usar de una figura que aun que embebe y condensa admirablemente la idea de la operacion del espíritu humano en la lectura de los libros, no es exacta y verdadera; pues robar es apoderarse de alguna cosa contra la voluntad de su dueño y cabalmente el autor quiere y desea lo contrario; pero sea necesidad del acróstico que le obligaba á comenzar con una *erre*, sea que quiso adoptar este tropo, Hurtado habla con y se dirige al lector y en ninguna manera puede ser este verso argumento para comprobar la procedencia extrangera del *Palmerin*.

Bastan, en efecto, los cuatro primeros de la primera octava, donde, considerando que la poesia, por su naturaleza elevada, puede descender á detalles minuciosos y prosáicos como citar la edicion y la imprenta de donde habia salido, Hurtado dijo cuanto podia decir el mas concienzudo prologuista y panegirista. Para honra suya y de nuestra nacion no necesitamos de sutilezas para arrancar á viva fuerza á Hurtado una apropiacion injusta, aunque bien poco escrupulosos eran los escritores de todas partes en aquel tiempo para vestirse de agenas galas. Si, pues, este illustre escriptor ha sido puesto á tan mala luz, no es porque haya dado pie para imputacion alguna desfavorable, sino por negligencia ó estravio de los criticos.

CAPITULO XXI

Valor que se dá al acróstico —Verdadero significado de las palabras que le componen —Lo que significaba entonces la voz *autor* —Hurtado era un niño en la época en que debió ser escrito el *Palmerin* —Oposicion de estilo entre esta obra y las de Hurtado —Que no pudo saber los antecedentes personales de Moraes —Bajo todos los aspectos triunfa la causa lusitana —Conformidad del estilo del *Palmerin* con el de las demas obras de Moraes —Su edad y su experiencia —Su pasion contrariada está descrita en el poema.

Pero se dirá: queda aun en su valor y fuerza el acróstico donde dice «Luis Hurtado autor al lector,» y como este acróstico viene immediatamente después del epígrafe «*el autor al lector*,» claro es, que Hurtado se da por autor del *Palmerin* en términos claros y terminantes.

Este razonamiento que es la verdadera y única trinchera en que pueden afirmarse los sostenedores de la candidatura Hurtado, facilmente se desbarata y pulveriza.

En primer lugar: Luis Hurtado no estabá obligado á saber de antemano el epígrafe que el impresor ó editor tuviera por conveniente poner á la poesia acróstica. Hurtado á sus ruegos hizo la composicion poética, la mandaria á la imprenta y no sabria qué clase de encabezamiento habia de llevar en la estampa.

En segundo lugar: Aun dado que lo supiese, Hurtado conocia mejor que nadie que el editor y traductor Ferrer, que acaba de hablar en el prólogo era el que se llamaba *autor* de aquel trabajo ó traduccion suya, ó en otros términos: *el autor de la labor* en que *se puso la mano*, segun la expression de sus versos. Es natural que acabando de hablar Miguel Ferrer y de decir que aquel texto era su trabajo y fruto, en lo que no mentia, el pùblico, á decidirse por alguno, se decidiria por el que primero aparece y consigna su participacion en aquel libro, y no por el que ocultamente parece desmentirle.

En tercer lugar: La palabra *autor*, empleada por Hurtado no significa que sea autor del *Palmerin*. La interpretacion mas recta es que fué autor de los versos acrósticos, ó que siendo escritor, quiso darlo á entender asi al público, talvez porque hubiese varias personas de su mismo nombre y apellido. Es lo mismo que si dijera: Luis Hurtado, escritor, poeta ó autor, al lector da salud. «Si él hubiera escrito el *Palmerin*, bien lo podia haber especificado y declarado con aumentar una octava mas y embeber las cuarenta letras que se contienen en la siguiente frase: Luís Hurtado, autor del *Palmerin*, á los lectores. De creer es, que siendo jóven entonces, quiso perpetuar su nombre en aquella ocasion que se le presentaba, haciendo conocer á los curiosos que él hàbia sido el autor de los versos acrósticos. Fué un mero desahogo de vanidad de jóven.

En cuarto lugar hay una razon incontestable, que concluye con esta cuestion respecto del derecho de Hurtado, y es la imposibilidad absoluta de que escribiese este libro un jóven de corta edad. Este escritor toledano nació por los años de 1530, y siendo esto asi, razon fortísima hay para negarle la paternidad del poema. Debia hallar-se escrito por lo menos en 1546, y segun su estension, costaria por lo menos tres años de trabajo. Los que mas ponderan la rapidez con que Cervantes escribió la primera parte del *Quijote*, le asignan cuatro años, porque esse tuvo espacio, segun se cree, para poder ocuparse dias y noches en su composicion. ¿Qué menos ha de señalarse al *Palmerin*, que viene á tener la misma lectura que el *Quijote?* Pero dese le barato que lo escribiera en dos años, y aun en uno. Debió entonces comenzarlo en 1544, 45, ó 46: esto es, de edad de 14, 15 ó 16 años. Ahora bien, quien quiera que haya leido el *Palmerin*, observará que tal composicion y tan discretos pensamientos y co-

nocimiento del mundo como en él su autor manifiesta, no pudo ser escrita en tan tierna edad. Era preciso, ademas, que Hurtado, cuando niño hubiera estado en Francia y estudiado la córte y el carácter, maneras, trajes y costumbres de sus naturales; cosa imposible en edad tan corta. Un libro que en tanto precio estima Cervantes, llamándole el libro de caballerias por excelencia, no pudo ser obra de un imberbe. Las obras buenas se escriben *con el entendimiento, que se madura com los años*. El escritor que á esa edad hubiese escrito tal poema hubiera sido un pasmo, andando el tiempo, y cobrando experiencia con los años.

En quinto lugar: Las obras de Hurtado posteriores á esa fecha ni tienen el estilo desaliñado del *Palmerin* toledano, ni la discrecion y profundidad del fondo. El uno es demasiado superior, el otro demasiado inferior al del *Palmerin*.

En sexto y último lugar: Milita con respecto á Hurtado lo mismo que de Ferrer se dijo: que no pudo tener noticia de los asuntos personales de un *tal de Moraes*, ni interés tampoco en intercalar el episodio de las damas francesas en que se alude á los amores de *Torsi*. Á la altura á que hemos llegado en nuestro análisis, vemos que no hay punto de vista, forma ó manera en que la cuestion pueda presentarse, en que no gane crédito y favor la causa lusitana. De los dos pretendientes españoles, y lo que es mas, de Hurtado á quien con preferencia se ha opuesto á Moraes, nada queda ya que decir: su proceso se reduce en extracto á lo siguiente: era un jóven escritor y poeta á quien acudió un editor para que adornára el *Palmerin* con una laudatoria en verso, y como principiante en la carrera literaria, hizo, mal que bien, una poesia en la que su vanidad de jóven le sugerió la idea de poner su nombre oculto en un acróstico, para que el lector supiera á quien dar las gracias de aquel aditamento y no pensase en ahijarselo al Preste Juan de las Indias. En Ferrer tenemos y consideramos al mercader de libros, que habiendo adquirido un ejemplar portugués, y siendo aquella la época de mayor entusiasmo por libros de caballerias, y hallándolo digno de figurar en los linages heroicos, lo tradujo en sus horas de ocio y lo estampó por su cuenta en la casa de Fernando de Santa Catalina. Oportunamente veremos, que, en efecto, la traduccion fué suya y no de otro alguno, y entretanto hacemos excursion de España á Portugal para examinar nuevos titulos de Francisco de Moraes y venir á la conclusion de que no solamente fué el autor de los doce capitulos en que transforma y disfraza sus amores con *Torsi*, sino que él y ningun otro fué el autor del resto de la fábula.

En primer lugar se nos ofrece una prueba evidente en la comparacion de estilo entre lo que de sus escritos conocemos y el lenguage y conceptos del episodio de las damas, con los demas episodios y aventuras del poema. Esta es una de las bases mas seguras en la crítica literaria. La delineacion de cara-

ctéres de los caballeros y damas de la córte francesa y la manera de relatar las justas y batallas son una misma. Por otra parte quien lea la *Disculpa* de sus amores, hallará en pocas lineas el mismo tono é intensidad de pasion romántica que sirve como de general colorido de todos los héroes del *Palmerin*. Habia en el mismo Moraes esa inclinacion mórbida en los afectos del alma á considerar la belleza femenina un idolo omnipotente, una especie de divinidad de mágica fuerza é influjo en el destino del hombre; y habia tambien en él esa susceptibilidad de alma y elevacion conceptuosa y alambicada del espiritu para todos los accidentes posibles en el curso de la pasion amorosa, ya favorables ya adversos, que notamos en los caballeros *Florendos* y *Floraman*, que son como la flor de amadores desesperados y perfectos entre la serie de amantes que la fábula nos pinta. Finalmente, hay en la pintura de su amor real la misma tendencia al comento y adelgazamiento de frases antitéticas que se observa en la pintura de los amores del *Palmerin*. Estos comentarios amorosos son unos é identicos en su *Disculpa* y en el poema. La frase «para pasar mi mal, basta el contentamiento de saber por quien lo paso,» se halla muchas veces en boca de *Palmerin* y de *Florendos*. «Mas para servir á quien me mataba tornaba á desear la vida» es otra frase antitética que se hallará en todos los discursos de los enamorados caballeros, y de este mismo jaez hay muchas en el episodio de *Torsi*, igualmente que en el cuerpo de la fábula.

En segundo lugar ha de notarse, que Francisco de Moraes tenia en los años 1541, en que fué á Francia, la edad avanzada y experimentada que se requeria para escribir un libro como el *Palmerin*. Aunque sus biógrafos no nos dicen el año en que Moraes naciera, parece conjecturable que su nacimiento tuvo lugar en los últimos años del siglo XV, y que en 1541 debia tener al rededor de cincuenta años. «No sé que fué esto, confiesa el mismo Francisco de Moraes, que *en edad ya desviada de pensamientos ociosos*, cobré un cuidado nuevo...» y más adelante: «No pensaba que *en tal edad* tuviese amor poderio.» Concierta, pues, esta confesion con la conjectura que racionalmente debe hacerse del periodo de la vida en que un escritor pudiera ofrecer un parto de la naturaleza del *Palmerin*, en cuya obra se manifiesta tan profundo conocimiento de los hombres y de las cosas.

En tercer lugar: Esa misma pasion contrariada de Moraes se revela en el *Palmerin*, y aun el despecho y desfavorable juicio que á consecuencia de la conducta y desdén de *Torsi* formó del bello sexo Moraes, nos proporciona datos preciosos hasta para poder calcular hácia que época comenzó Moraes la composicion.

CAPITULO XXII

Sátiras que hay en el poema contra el bello sexo — Los accidentes de la vida de Moraes están marcados en el *Palmerin* — Porqué elijió esta obra de caballerias — Diferencias entre la primera parte y el resto de la fábula — Respeto y devocion que muestra en los principios al bello sexo — Caractéres femeninos elevados — Cambio repentino en la mente del autor — Caractéres mudables y viciosos — Continuas censuras lanzadás contra las mujeres.

Leyendo con atencion el poema, se observará, que, como de repente, y sin que nada venga á preparar el cambio, el autor comienza desde la aventura de *Arnalta*, princesa de Navarra, á ser demasiado severo y satírico con las damas. Hácia el capitulo LXVI del *Palmerin*, dialogando *Floriano del Desierto* con la bella *Arnalta*, hallamos, como de improviso, el primer epígrama contra el bello sexo, pues acabando el caballero de decirla algunas lisonjeras frases, añade el autor: «Arnalta, á quien estas palabras satisfacian mucho, junto con las otras calidades que veia en quien las decia, y su condicion *era mudable, como las mas de las mugeres* tienen por naturaleza...» No parece, en efecto, sino que los varios incidentes de la vida de Moraes, se ven marcados en su libro del *Palmerin*. Segun se colije de su dedicatoria, Moraes, aventajado caballero y poeta enamorado y galan como portugués, á poco de su llegada á París y puesto en relacion con las damas de la córte por su empleo de agregado á la embajada, al punto notó la aficion que tenian á libros de caballerias y especialmente á la crónica de *Don Duardos*, que alli corria, trasladada al castellano. Era natural que un caballero portugués, de aventajado ingenio, sabiendo que el *Palmerin de Oliva* y sus decendientes reconocian por autores á ingenios lusitanos, quisiese dar más honra á su patria y mostrar sus dotes de escritor, componiendo un libro de batallas de amores y de espadas, especie de homenage al bello sexo, que nunca lo tuvo mas cumplido que el que le rindió el código de la andante caballeria. Sin duda alguna, los principios del *Palmerin* se ajustaron á un plan en la mente de Moraes, distinto del que parece seguir luego especialmente com respecto á los caractéres de las damas. Escogido por principal héroe el hijo de *Don Duardos*, por conformarse y contentar el gusto de la córte francesa, *Don Duardos* es el personage principal durante la crianza y juventud de *Palmerin*, y lleva á este la ventaja, de que casi todas las hazañas peligrosas que emprendieron los mas de los aventajados caballeros del

orbe cristiano fueron em obsequio suyo, y para arrancarle del encantamiento en que lo tenia la maga *Eutropa*. Obsérvase durante los accidentes de esta guerra en la *floresta encantada* (que ocupa un buen espacio en la fábula), que todas las damas que pinta son modelo de constancia, de fidelidad y de intenso amor hácia sus caballeros esposos. *Flerida*, la muger de *Don Duardos* es un tipo de afecion tierna, intensa, delicada y firme, que nada es bastante a alterar, ni aun el conocimiento de alguna aventura ó devaneo de *Don Duardos*. *Paudricia* es modelo de amantes perfectos como en pocas historias se encuentran, pues, creyendo que *Don Duardos* habia muerto, dejó su alegre estancia, mandó hacer de él una imagen, la encerró en una tumba, y con luto y llanto se fué á llorarle á la *casa de la tristeza*, resuelta á morir de dolor. *Vasilia*, otra de las damas introducidas al principio, es sempre fiel á *Vernao* emperador de Alemania, y nada hay que ofenda á la reputacion de *Claricia* dama de *Graciano*, de *Gridonia* esposa de *Primaleon*, de *Polinarda* la emperatriz, muger del viejo *Palmerin*, abuelo del héroe; de *Onistalda* dama del Principe español *Beroldo;* de *Dionisia*, dama de *Beliarte*, ni en fin, de la infanta *Polinarda* á quien servia *Palmerin de Inglaterra*. Todas estas damas que dá á conocer, sin duda de acuerdo con el estado de su ánimo y plan que primero se propusiera, son excelentes caractéres.

Mas luego, de improviso, y como si algun accidente de grave y profunda huella hubiese afectado el ánimo del autor, cambia el colorido que dá y juicio que forma del bello sexo. Casi á un mismo tiempo entran en escena *Miraguarda*, tipo de coqueta al estilo caballeresco, que despunta por mantener su corazon libre de agradecimiento á todos los que la sirven, y por honrarse con que valerosos caballeros se maten ó derramen su sangre en su presencia: condicion de hiena que contrasta con lo admirable de su hermosura, *Arnalta*, tipo de la muger desenvuelta, exigente, descarada, envidiosa y sensual, que prendada de *Palmerin*, le hace prender desarmado, y le comunica sus malos deseos; que luego se enamora de *Floriano* y se le entrega á toda su discrecion y talante, y que, en suma, lleva una vida desarreglada é impropia de su rango y sexo. Finalmente, *Targiana*, hija del gran Turco, que correspondiendo al amor de *Albyzar*, mientras este se halla exponiendo su vida en Constantinopla para hacer á los caballeros confesar que es la mas hermosa del mundo, cede á la elocuencia persuasiva de *Floriano* y hace traicion á su caballero.

Estas tres damas, á decir verdad, son las que más papel hacen en la historia, puesto que en la infanta *Polinarda*, que parece debiera ser la principal, pinta una de esas pasiones timidas y concentradas que en poco ó nada influyen en la marcha de los sucesos. Hasta que *Miraguarda* y *Arnalta* entran en escena, no se escapa de la pluma de Moraes el mas leve epígrama en contra de las mugeres; mas desde el punto de su aparicion, como si un profundo despecho

aquejase su corazon, y una grave herida hubiese destrozado su alma, no desaprovecha lugar ni oportunidad de presentar las flaquezas, el orgullo, la inconstancia, la falsedad, la frivolidad, los caprichos, vicios y defectos de las mugeres. Rompe su nutrido fuego contra la bella mitad del género humano, diciendo de *Miraguarda*, que «ningun respeto tenia sino á lo que la voluntad le pedia. «Si *Arnalta* decide dejar los ruegos y valerse de la fuerza con *Palmerin*, es «usando de la mudanza que en las mugeres suele haber.» Más adelante dice: «y porque en las mugeres todas las cosas son extremos, convirtió su amor en odio.» Hablando despues, de como *Floriano* quiso contentarla con palabras, dice: «que le pareció vanidosa, ademas de bella, calidades que en ellas andan muchas veces juntas.» Finalmente, en esta primera entrevista, luego que *Floriano* consiguió su deseo, manifiesta que se despidió, no espantandose de su conducta; «porque en ellas ninguna cosa es de espantar.»

CAPITULO XXIII

Variacion inconsistente del carácter de *Floriano* —Prosigue la enemistad del autor contra la muger —Comprobacion de las afirmaciones de la *Disculpa* contenida en el poema —Despecho de Moraes retratado en el *Palmerin* —Sus desahogos.

Hay que advertir, como corroboracion del cambio repentino de plan en Moraes, que hasta la aparicion de *Arnalta*, no se tenia indicios ni la más leve sospecha de que el carácter de *Floriano*, hermano de *Palmerin*, fuese tan voluble, ligero y galanteador como despues se pinta, como si quisiese presentar en él Moraes, un verdugo y vengador de la frivolidad y coqueteria mugeriles. El encono y maldecir del autor acrece á cada paso que avanza en el cuento de su historia, siendo de observar particularmente, que no pinta un carácter individual mas ó menos defectuoso, sino que extiende á todo el sexo la censura que hace de sus vicios y lunares, como si el autor tuviese causas particulares de resentimiento que le cegasen y estorbasen hacer juicios imparciales. Hablando del desamor y la frialdad de *Floriano*, que siempre tenia su voluntad libre, dice estas palabras, en que se vé á Moraes como vulgarmente se dice, *resollar por la herida* que le causara la conducta de *Torsi:* «y en verdad, para con mugeres no se ha perder tamaña cosa como la libertad, pues *está claro que nada agradecen sino lo que conforma con su condicion ó apetito, y que el suyo siempre nace de la peor parte que hay en ellas.* Poco más adelante, vuelve á la carga diciendo, que lo natural en las mugeres es, «arrepentirse con

«tanta presteza como les vienen los accidentes;» y á renglon seguido añade: «La condicion de ellas es ser constantes en lo malo y mudables en lo bueno.»

Llegada *Targiana* á Constantinopla con su amante *Floriano*, vé á *Albayzar*, que habia de ser su esposo, y luego dice, se le barrió de la memoria el amor de *Floriano* con tal olvido como si nunca lo viera, y puso todo su afecto en *Albayzar*: «Pero, ¿que importa? exclama, en ellas están las mudanzas prontas «asi para el bien como para el mal. Por pequeños servicios olvidan cualesquiera «obligaciones pasadas, aunque sean de mayor calidad, y sin embargo, conocien- «dolo para sentirlo, no lo conocemos para guardarnos. Esto nos procede y viene «de la flaqueza de la carne, que siendo débil en todo, para con ellas es tanto «más flaca, que conociendo sus obras nos vencen sus atractivos, y conociendo «sus engaños nos dejamos engañar de ellas; sabiendo enfin que por un pequeño «disgusto olvidan servicios grandes, á grandes merecimientos dan pequeño ga- «lardon y *guardan sus favores para el que menos merece y los sabe mal apre- «ciar.*» Verdaderamente, seria preciso estar ciego para no colegir de estas digresiones y razonamientos, sabiendo la vida y circunstancias en que se halló Moraes, que aqui se sustancia el proceso de sus amores y que en cada dama se representa una *Torsi*. Moraes se abandona tanto á la contemplacion de su estado y de su triste desengaño, que todas estas censuras parecen quejas y epígramas lanzados contra la autora de su daño, sin que demuestre tener escrúpulo de manifestar su resentimiento. Ya se recordará que en sus breves memorias decia, que en su edad y conocimiento del mundo consiguiente, no pensaba que el amor pudiese avasallarlo, habiendo sido, añade, esclavo de su poder tiránico *en los años de su mocedad;* pero su suerte quiso que viera el rostro hermoso y los atractivos de *Torsi*, y en viéndola, su debilidad le hizo hacerla señora de todos sus pensamientos. Por otra parte, bien dá á entender en su relato, que la servió, en efecto, de todo corazon y de todas veras, y que merecia algun agradecimiento de ella, con cuyos antecedentes se explica bien la fuerza y verdad de este pasage en que se percibe aludir al joven Monsieur de Xatillon, á quien favorecia *Torsi*, sin merecerlo, olvidándose de él, que tanto merecia.

Pero prosigamos el exámen de los desahogos del autor, en que iremos siempre reconociendo el alma, la pasion desgraciada de Moraes y la ingratitud y coqueteria de *Torsi*. En la aventura de la copa, donde estaban por encantamiento heladas las lágrimas de *Brandisia*, y solo podia liquidarlas la mano del caballero que más intensamente amase á su señora, tocó el turno á *Floriano*, que no hizo impresion alguna en ellas. Reconviniéndole la doncella de Tracia por su desprecio del bello sexo, responde: «Señora, si vosotras diéseis el galardon «segun lo que merece quien os sirve, me pesaria de este desastre; pero como «vuestras cosas no llevan órden, ni razon, ni medida, con lo que amo me con- «tento, que si amara mas, me daria mala vida y estaria más incierto de lo que

desease.» Las damas, continua, no aprobaron por buena esta respuesta, que su calidad es, «querer la vida de los hombres á su gusto, y las recompensas al «revés de su merecimiento.»

Aqui tenemos otra nueva y análoga muestra que nos está revelando en el autor de la *Disculpa* al autor del *Palmerin;* en el censor obstinado de la muger, el corazon llagado por un cruel desengaño que pinta verdaderos monstruos de agradable apariencia; mas cómo de esta clase abundan en la fábula, solo tendremos trabajo en la eleccion de ellas. Hallándose *Floriano* en la córte de España y venciendo en presencia de ella á unos caballeros, dejóse á las damas el poner las condiciones á los vencidos, que fueron asaz de duras, y el rey quisiera que las cambiasen; «mas cómo la condicion de ellas *es desviar todas sus «cosas de la razon*, no las pudieron hacer variar de su propósito.» En la misma página refiere los antecedentes de la vida de tres caballeros en estos términos. «Puesto el escudero ante la reina dijo: Señóra, aquellos tres caballeros ex«trangeros dicen que sirvieron á tres doncellas, todas tres hermanas, hijas del «Duque *Talistrao* de Aragon, *hermosas en el parecer y falsas en las obras*, «porque al tiempo que esperaban galardon de sus merecimientos y casar con «ellas, salieron casadas con tres criados de su padre, bien desiguales de ellas «en toda calidad, y tan satisfechas de este trueque, como muchas acostumbran «á estarlo en el principio de sus yerros, que el apetito que á esto las trae, les «ciega todo el juicio y razon para no tener arrepentimiento, sino cuando no les «puede aprovechar.» En el propio capítulo se desahoga diciendo por boca de *Lustramar*, que está *escandalizado* de palabras de mugeres; que siempre *quieren ver novedades* y cualquier cosa muy acostumbrada *les fastidia;* que todo desasosiego *les aplace e aborrecen el reposo*, y que en ellas nunca es el amor tan firme, *que con cualquier cosa no se desbarate*. Más adelante las llama «*gran carga*,» y dice que «mayor peligro es la ira de la muger cuando la puede ejecutar, *que «la fuerza de diez mil hombres:*» que «en llevar la suya por delante, tienen la «constancia firme y nunca mudable;» que «*ninguna supo nunca* con disimulo «perdonar un disgusto;» que «las lisonjas son *lo que más aprovecha con ellas;*» que «lo natural de las mugeres es ser compuestas de tanta vanidad, que die«ran vida y alma por tener cosa *con que dar á otras envidia*, y este apetito «tiene en ellas tanta fuerza que no lo quebrarán por nada del mundo;» que «en ellas el deseo de venganza es más vivo que en ningun otro género de per«sona;» y finalmente, que «ningun pensamiento triste les dura mucho, ni nin«gun dolor tanto que pasado el ímpetu de él, no lo olviden pronto.»

Estas son, entre muchas otras, pruebas bastantes de la dolencia ó pasion de ánimo de Moraes, cuya causa él mismo nos dejó relatada, y aunque no hubiese puesto dedicatoria y declarado que escribió el *Palmerin* de extrangeras crónicas, la crítica le ahijaria este fruto del ingenio.

CAPITULO XXIV

Moraes comenzó á escribir en *Palmerin* en 1541 —Motivos por los cuales eligió esta obra — Los *Palmerines* y *Amadises* oriundos de Portugal —En qué época fué desdeñado de *Torsi* —No pudo Moraes traducir de crónicas francesas —Probabilidad de que se hubiese hecho en Paris la primera edicion del *Palmerin*.

El exámen que acabamos de hacer nos facilita la aclaracion de varios puntos importantes, dándonos luz para el conocimiento de datos y detalles curiosos. Háse de advertir, en primer lugar, que en presencia de tales antecedentes, casi podemos señalar la época precisa en que Moraes comenzó á escribir el *Palmerin*, que fué á no dudarlo inmediatamente despues de su llegada á Paris, ó sea en 1541. Al ser introducido en la córte y sociedad francesa, Moraes notó la aficion de las damas á la lectura de libros de caballerias, y es de creer que como manera de obsequio, y estimulado por el deseo de honra y de fama, quiso luego hacer muestra de su ingenio, componiendo una obra que continuase las aventuras del héroe que entonces estaba en boga, conviene á saber: *Don Duardos*, caballero cuyo cronista era portugués; pues dice que la historia corria en Paris trasladada en castellano, y es de sospechar que esta traduccion se hizo por algun editor como Ferrer, de un texto portugués debido acaso al hijo de la señora *Augustobriga*, autora del *Primaleon*. La manera con que Moraes se expresa, dá á entender que la crónica de *Don Duardos* era en Portugal tan conocida, que no necesitaba dar mas señales y referencias para adivinar de qué libro se trataba. Ademas de esto, la frase «*que anda en esas partes,*» indica que no era composicion francesa, y la expresion «*trasladada en castellano,*» que no era original española, pues si lo fuese no diria *trasladada* sino escrita ó «compuesta en castellano.» Pues si no era española ni francesa, y el lenguage en que habia atravesado los Pirineos era de español, ¿cual podia ser el original sino portugués? Esta indicacion de Moraes, sobre la cual llamo la atencion, es de mucho precio para la resolucion de las cuestiones pendientes sobre la autenticidad de las crónicas de la familia real de los *Palmerines*, y aun del tronco y raiz de los *Amadises*; que sin duda alguna procede tambien de la Lusitania.

Igualmente podemos conjeturar, que sus amores con *Torsi* sufrieron el terrible desengaño á poco de comenzada la historia de *Palmerin*, en cuyos principios ya hemos notado la favorable pintura de caractères de damas y de re-

pente un cambio tan violento, que no tiene explicacion sino mediante un suceso que trastornara profundamente sus creencias y opiniones. No puede juzgarse que Moraes pensase agradar en la córte lisonjeando tan poco, ó mejor dicho, castigando tan sin piedad al bello sexo, para ganar el cual manifesta que no hay camino mas corto que la adulacion. De la seguridad de este dato pasamos á la conjetura probabilísima de que sus relaciones con la dama de la reina, y su desengaño tuvo lugar en los primeros meses de su estancia en Paris, lo cual confirma nuestra asercion sobre la epoca en que comenzó á escribir la fábula, pues dice que se vió obligado á hablar á *Torsi* en su idioma nativo, el cual no entendia, y valerse algunas veces del español, que se cultivaba mucho en la córte de Francia. Si Moraes, hombre ilustrado, no podia expresarse en francés, claro y evidente es, que no habia tenido bastante lugar y espacio para aprenderlo, cosa que, sino con perfeccion, al menos lo necesario para hacerse entender, pudiera haber logrado en cinco ó seis meses de permanencia en la córte.

Por la misma razon y previo el conocimiento de estas circunstancias, venimos á la conclusion de que la crónica que pretende haber hallado en poder de *Albert de Renes*, no podia estar escríta en francés, pues á estarlo le fuera imposible comprenderla y por consiguiente traducirla. Mas bien es de creer, si nos atenemos á sus dudosas y repetidas afirmaciones en el cuerpo de la fábula, que Moraes sabia el inglés y que de este idioma trasladó al portugués la historia de *Palmerin*. En efecto, en muchos lugares del poema se habla de las crónicas de Inglaterra, de donde se sacaron materiales y relaciones de hechos de *Palmerin*, y aunque la misma variedad y contradiccion que se nota en estas citas hace dejar el ánimo dudoso, por lo menos no hay duda de que Moraes no podia traducir de un idioma que, como el francés, confiesa que no conocia.

Si, pues, Moraes, escribió el poema en Paris y en la época que acabamos de ver, no es nada extraño que en Paris se hubiese hecho la primera edicion, y que sea cierto lo que se dice, que un ejemplar de esta obra existente en Portugal, dé indicios de ser impreso en el extrangero; mas nosotros debemos atenernos com preferencia á las palabras de su dedicatoria escrita á su vuelta de Francia en 1543, donde dice: «yo me hallé en Francia *dias pasados*». En lo que no hay lugar á dudas es en el hecho de que la tenia escrita y compuesta del todo á su regreso, y que inmediatamente debió darla á la estampa. Resulta entonces, que del año 1543 al de 1546, media el tiempo bastante para que un ejemplar de la primera edicion llegase á España y viniese á parar á manos del mercader Ferrer que le tradujo.

Ahora mostraré, que, efectivamente, del cotejo hecho de ambos textos, portugués y castellano, se desprende que el portugués es original y el castellano es traduccion.

CAPITULO XXV

Confrontacion de los textos del poema, portugués y español—Caprichosa division que hizo Ferrer en la fábula—Motivos que tuvo para esto—Division lógica del texto portugués—Su primera parte pudo ser la celebrada «Crónica de Don Duardos.»

En primer lugar, notaremos, que la edicion toledana salió al público en dos tomos, en dos años consecutivos, y por lo tanto ofreció el *Palmerin* dividido en dos partes. La primera concluye en el capítulo CI, despues de fenecido el encanto de *Lionarda*, en donde puede decirse que media la lectura del poema, formándose com ambas partes dos tomos de igual volùmen y contenido. Al comenzar la segunda parte en el texto castellano, publicado mucho despues de la primera, habia necesidad de hacer, lo que hizo el traductor, que era recapitular los sucesos de la primera, para continuar la historia. Pues bien, esta es la primera prueba de que el *Palmerin* castellano es version del portugués. La recapitulacion es un postizo, puesto que el contexto de la historia ni la abona ni la justifica. Cuando un autor quiere dividir su obra en dos partes, hace la preparacion conveniente, y dispone los acontecimientos de manera que parezca oportuna y aun necesaria tal division. Nada de esto hay en el *Palmerin*. El capitulo último de la primera parte en la edicion castellana, concluye como cualquiera otro, sin que haya reposo ni desenlace de episodios que justifique esa distribucion en partes. Hay otros lugares y situaciones en la fábula en que vendria mas á cuento el dividirla, y sin embargo sigue el órden de capítulos inalterable y formando la relacion un todo. Lo que se vé en esto es, que el editor, por conveniencia de sus intereses, quiso hacer dos libros de igual tamaño, y como era el traductor, cuando llegó á lo que le pareció la mitad, cortó el hilo de la narracion en el capitulo que juzgó mas conveniente. Al dar al público el segundo volúmen, meses despues, vió que seria de mal efecto el no hacer un breve resúmen de sucesos, que ya tendrian los lectores olvidado, y agregó la recapitulacion dicha, que es un postizo sin necesidad y sin fundamento.

Pero hay mas, y este es el argumento y cargo grave contra el traductor Ferrer. La historia la divide Moraes en dos partes mui desiguales pero cuya desigualdad se justifica. La obra tiene en su totalidad 172 capitulos, y sin embargo, la parte primera concluye en el 41, viniendo á tener la segunda el desproporcionado exceso de 90 capitulos. Contodo, el curso de la fábula y la disposicion del argumento dan razon á esta division. En el capitulo 41 vence *Pal-*

merin á los guardadores del castillo de *Eutropa*, los tres gigantes *Pandaro, Daliagan* y *Dramusiando*, que sostenian la prision de *Don Duardos*, causa original y única de todos los acontecimientos, aventuras y episodios que en ese tiempo suceden. *Don Duardos* es el primer caballero de que se hace mencion; es el protagonista de la primera parte ó primera série de aventuras. Por su prision queda *Flérida* abandonada y sus dos hijos *Palmerin* y *Floriano* son robados por un salvaje que los cria, hasta que dos del inmenso número de caballeros que vienen á Inglaterra á salvar á *Don Duardos*, les recojen y llevan como desconocidos húerfanos, al menor á la córte de Inglaterra y al mayor á la de Constantinopla. El interés de toda esta primera parte se concentra en *Don Duardos*, á quien intentan sacar de su cárcel todos los mejores caballeros del mundo y solo lo consigue su hijo *Palmerin*, ya entrado en la edad juvenil y vigorosa. Conseguida esta victoria, entran las aventuras de los jóvenes paladines, y ya no vuelve á ocupar *Don Duardos* posicion alguna importante en la escena, sino al final de la fábula en que es nombrado generalisimo del ejército cristiano.

Dividir, pues, la fábula quando se llega á este desenlace es lo mas natural y lógico. «Moraes no tuvo en cuenta al número de capitulos, ni se puso á medir la extencion de las partes, sino llegada esa victoria, que tanto se esperava, sigue otro rumbo el argumento, y por eso comienza el capitulo 42 con esta epigrafe «Parte II del libro del muy esforzado caballero *Palmerin de Inglaterra*, el cual trata de sus grandes caballerias y de las del infante *Floriano del Desierto* su hermano.» Este epigrafe, es de notar, no se vé al frente del libro, por que realmente la primera parte es como un prólogo, y puede decirse que en la segunda es donde empieza verdaderamente la historia del *Palmerin*, puesto que hasta el capitulo 41, el héroe es *Don Duardos*; circunstancia que podria hacer sospechar, si este prólogo ó parte primera, seria la crónica de *Don Duardos* que tanto gustó á las damas francesas, la cual tendria escrita Moraes en español, y publicada en español, en Paris. Como quiera que sea, es lo cierto que la fábula comienza con solo el titulo de *Palmerin de Inglaterra*, parte I, y en la II es donde aparece el encabezamiento referente á las hazañas de los dos hijos de *Don Duardos*. Como el editor y traductor Ferrer habia hecho el cálculo de imprimir dos volúmenes aproximadamente iguales en tamaño, al llegar al capítulo 42, se encontró con una division que no le hacia juego, y la pasó por alto y en silencio, arreglando á su manera las portadas y divisiones; pero bien se vé que las suyas son como de traductor, *arbitrarias*, y las de Moraes, como de autor, *correspondientes*.

CAPITULO XXVI

Cual de los dos textos sea el original —Claridad y superioridad del portugués —Introducion de lusismos en la edicion castellana —Omisiones notables en la misma —Texto de una poesia.

En segundo lugar, si reglas hay ciertas é invariables para distinguir un original de una traduccion, examinando ambos textos á la luz de estos cánones, cada línea viene á demonstrarnos que el portugués es el original. No hay oracion ni frase en este que no sea superior en elegancia, claridad, limpieza y concision á su correspondiente en castellano. La fraseologia del lusitano es como un cauce donde el pensamiento corre transparente y sin estorbo, mientras que la del castellano es sinuoso y el sentido se oscurece a cada paso. Hay en el *Palmerin* portugués estilo caracteristico y relevante, nacional y castizo, al paso que el español carece de unidad y de fisonomia, y deja traslucir la contextura y giro sintáxico del idioma portugués, estando sembrado de lusismos y mostrando el traductor haber sido tan negligente, que hasta el nombre del rio Tajo se vé impreso alguna vez *Tejo* como se llama en Portugal.

Si hubiera de citar todos los periodos y oraciones en que se nota la inferioridad del texto castellano, seria tarea inacabable, y así me contentaré con acotar dos pasages escojidos entre millones, donde claramente verá el lector que el texto de Moraes es el original. Yendo *Palmerin* para Constantinopla, segun se cuenta en el capitulo LXIV, se halló al pié de un otero, donde habia un castillo, y pareciéndole el sitio agradable, quitó el freno al caballo para que paciese, y el se acostó al borde de la fuente (ó estanque) y á la sombra de los árboles que la cubrian. «Estas ó semejantes palabras se leen en el ejemplar español, y, verdaderamente, el lector no puede menos de estrañar, que esta fuente parezca de improviso con sus árboles en derredor, para que *Palmerin* se acueste á su frescura y sombra. Mas aun, el lector cree que de esta fuente se debe haber hablado antes sin apercibirse de ello, y vuelve á leer la página para remediar su supuesta distraccion; pero no encuentra manera de orientarse en este punto. Para entender esto, seria forzoso acudir al ejemplar portugués, en donde pocas líneas antes se describe la posicion de ella, diciendo, que «al pié del castillo habia un campo y en el medio um estanque de agua quadrado y grande, rodeado de árboles.» Bien se comprende, que en el lamentable descuido con

que se hizo la traduccion castellana, se le quedó á Ferrer este periodo en el tintero, como otros muchos que seria prolijo citar.

Otra prueba convincente nos ofrece el capitulo CIX, donde hay una poesia, la lectura de la cual en cotejo con la española, nos hace ver que la forma primitiva y original fué la portuguesa. Citaré los versos de Moraes, para que el lector pueda compararlos con los de Ferrer.

«Triste vida se m'ordena,
Pois quer vossa condição
Que os males, que daes por pena,
Me fiquem por galardão.

Desprezos e esquecimento,
Quem contr'elles se defende,
Não os sinte, ou não entende
Onde chega seu tormento:
Mas pera quem sinte a pena
Inda é mór a sem razão,
Querer que o ca morte ordena,
Se tome por galardão.

Já se vos vira contente
Deste mal e outro maior,
Sei que m'ensinara o amor
A passallo levemente;
Mas pois vossa condição
Quer que em tudo sinta pena,
Quero eu que o qu'ella ordena
Me fique por galardão.»

CAPITULO XXVII

Suerte del *Palmerin* en Portugal —Repetidas ediciones de este libro —Obsequios hechos á Moraes —Elogios que le han hecho los escritores portugueses —Pedro de Magalhães de Gandavo —Faria y Sousa —Balthazar Telles —Affonso Fernandez —Antonio de Sousa de Macedo —Manuel Carvalho —Luiz Soares de Oliveira —Silencio y olvido de los españoles respecto á Ferrer y Hurtado.

No parece necesario aducir mas pruebas acerca del derecho de los portugueses para considerar propriedad suya esta palma, y si alguna mas quisieramos añadir, la tomariamos del contraste que ofrecen la suerte del libro y de

los autores presuntos en España comparada con la que hemos visto en Portugal. Lo que en Portugal ha sucedido es lo lógico. El *Palmerin* no ha dejado de escitar la admiracion y merecer el aprecio de los hombres mas distinguidos de esta nacion desde la primera vez que salió á luz. Moraes, en vida es colmado de favores, por el discreto monarca lusitano, y despues y siempre considerado por los sabios portugueses como uno de los escritores que honran su literatura patria, cuidando siempre de reproducir las ediciones de esta joya para pasatiempo y provecho del publico[1].

Y no solo vemos esto, sino la singular circunstancia de que en Portugal es donde la historia del *Palmerin* se continua, añadiendole Diogo Fernandez la tercera y cuarta parte, y Baltasar Gonsalves Lobato la quinta y sexta; y confesando ambos autores la excelencia del modelo y teniendo casi por temerario el propósito de continuarla. Tal era la elegancia y perfeccion de la forma que le dió Moraes, y tal el alto concepto que se tuvo del fruto de su ingenio. Pedro de Magalhães de Gandavo, recomendaba la lectura de esta obra, diciendo que Moraes fué uno de los que mas en la prosa se señalaron, descubriendo con su ingenio peregrino el decreto de la gravedad y hermosura de la lengua portuguesa. Manuel de Faria y Sousa, en su comentario á las *Rimas* de Camoens, dice: que de las historias no verdaderas tiene el primer lugar Francisco de Moraes con su parte primera del *Palmerin* inglés, «que puede *servir de magisterio* á los que quisieren escribir una historia fabulosa.» El padre Balthasar Telles, al hablar de historias etiápicas ó fingidas, dice que de este número fué la del insigne portugués Francisco de Moraes en su muy celebrado y fabuloso *Palmerin de Inglaterra*, por que este autor «con la amenidad de su florido ingenio, y con la suavidad de su elocuente estilo, solo pretendió recrear á los lectores con fábulas doctas y ficciones engañosas.» Y el mismo escritor dice en su *Europa*, tomo III, hablando de los libros de caballerias, que de esta suerte de libros de que se escribieron tantos en Europa, es primero en bondad el *Palmerin de Inglaterra;* y hablando en el mismo libro del estado de la lengua, escribe: que aun en los años de los reyes Don Juan II, Don Manuel y Don Juan III, estaba muy tosca y grosera, cuando apareció Francisco de Moraes con su *Palmerin de Inglaterra*, que, súbito, dió al idioma mayor luz y esplendor. Y Affonso Fernandez, que hizo la edicion de Lisboa, de 1786, dice: que entre otras razones, por su elegante estilo, recibió y estimó en mucho el *Palmerin* la serenisima infanta Doña Maria. Y Antonio de Sousa de Macedo en su libro de «*Eva e Ave*», dice, que el mejor de los libros de caballerias es el *Palmerin* portugués, en cuya opinion concuerda con el magnifico elogio de Cervantes en el escruti-

[1] En 1852 se volvió á imprimir esta obra de Moraes en Lisboa, y forma parte de la série llamada *Bibliotheca Portugueza*.

nio de la libreria del hidalgo. Y Manuel Carvalho, le llama «excelente libro, tan celebrado por todas las provincias de Europa, que *cada cual lo quiso hacer proprio, traduciéndolo en su lengua.*» Y finalmente, el licenciado Luiz Soares de Oliveira, en el soneto que puso al frente de las obras póstumas de Moraes, dice que este «honró la lengua portuguesa.» Qué ha sucedido en España? Hasta la época de Cervantes el *Palmerin* yace en profundo olvido. Ni Hurtado ni Ferrer son acreedores al mas breve é insignificante elogio de parte de los contemporáneos, ni hay memoria de ellos referente á su participacion ó en conexion con el nombre de *Palmerin.* La primera edicion satisface al público. Ningun impresor piensa en reproducirlo. Viene Cervantes y en vano fué su panejirico. Siguió la indiferencia y el desprecio, y al fin concluye en el olvido. Este es el *fato* que merecia una traduccion detestable. Sin necesidad de controversias, la verdad del caso se habia hecho implicitamente general, y el mero hecho de no levantarle del polvo autoridad de autor, mérito del libro, ni elogios del genio, muestran que el *Palmerin de Inglaterra* era planta de extraño suelo.

CAPITULO XXVIII

De los elementos que tuvo Moraes para componer esta historia —Abundancia de fuentes citadas por él —Contradicciones que ofrecen —Su misma abundancia daña —Moraes fué su inventor —Plan que se propuso —Temperamento poetico y entusiastico que le distinguia —Influjo de Moraes en el destino literario de Cervantes —Si el argumento del *Palmerin* es historico ó ficticio — Ejemplos sacados de otros libros de caballerias —Objeto principal de Moraes.

Resuelta ya de una manera irrevocable esta cuestion, diremos algo sobre la originalidad y valor de esta obra de Moraes. Fué en efecto compilacion ó traduccion de extrangeras y antiguas crónicas, ó composicion original suya? Parece que la respuesta no debe embarazar á ningun critico. Por mas que en su dedicatoria hable de esa *antigualla* que le proporcionó *Albert de Renes;* por mas que asegure, que «va trasladada en la verdad en cuanto á las aventuras y acontecimientos», y que solo en la *composicion de las palabras* puede tener alguna falta, bien se advierte que la fábula está sacada del arsenal de su imaginacion, siguiendo los antecedentes del *Palmerin de Oliva* y del *Primaleon,* al modo que Diogo Fernandez sacó la tercera y cuarta parte de las indicaciones del epilogo de Moraes. Podemos dar por cosa segura que la historia general del linage de estos emperadores griegos es indígena de Lusitania, y por eso

los hombres copiasen y á cuya altura pretendiesen elevarse en valor, en virtudes y en caballeria, introduciendo en escrituras fabulosas, palabras, costumbres y hechos de que nace algun fruto y aprovechamiento.

CAPITULO XXIX

Vida y escritos de Francisco de Moraes

Este ilustre literato portugués, está, en punto á noticia de sus hechos, en un caso análogo al de su panejirista. Su biografia primera, con ser nacido en fines del siglo XV, vino á hacerse á fines del pasado, sirviendo de elemento sus propias obras, y gracias á que los hombres de genio en aquel tiempo, eran por demas modestos de hablar de si, no sabiendo cuanto les hubiera agradecido la posteridad un poco mas de vanidad y de amor propio, sus revelaciones fueran tan escasas y ligeras, que es preciso construir su biografia, comentando sus obras ó investigando documentos de su época, por ver si en alguno se halla algun resquicio, alusion ó circunstancia que indirectamente venga á dar luz sobre sus hechos, pues los contemporáneos recreándose en sus obras no pensaron en el autor. Como aconteció con Homero y Cervantes á quienes en muchos puntos se asemeja, se ignora, y por lo tanto se disputa sobre su verdadera patria. Barbosa Machado le hace natural de Bragança, en la provincia Transmontana, bien que en el suplemento á su Biblioteca Lusitana le supone lisbonense. Nicolas Antonio en su biblioteca *Hispana Nova*, le llama *brigantino sive Saurensis*, esto es de la ciudad de Saure. Fray Dionisio Angustiniano, en las cosas de Portugal muy entendido, le llama *pacense*, y el Sr. Odorico Mendes le supone nacido en Xabregas, ó por lo menos en los alrededores de Lisboa. Esta opinion, en mi concepto, es la mas fundada, puesto que aparece que estuvo muy al tanto de las particularidades y tradiciones de este territorio, y en cuanto á la de Augustiniano, aunque tiene en su favor y le dá gran peso el ser nieto del mismo escritor, casi inclina á dudar de su dicho la asercion de que Francisco de Moraes fué el autor del *Amadis de Gaula*. El padre Balthasar Telles, sobrino suyo por parte de madre, segun Barbosa, ó viznieto, segun otros escritores testifican, le llama tambien *brigantino;* pero esto, como ha observado el Sr. Mendes, no quiere decir que naciera en Bragança, sino que era y descendia de los Moraes de Bragança. Dicese en la Biblioteca Lusitana que fué su padre el doctor Alvaro de Moraes; pero la asercion mas corriente

es que lo fué Sebastian de Moraes Valcazar ó Valcaser, tesorero mayor del reino, y su madre Juliana de Moraes, de los Moraes de Miranda, aunque en esto debe haber algun error, pues á ser como se dice, no designaran al escritor con los apellidos de Moraes Cabral, segun se vé en los autores que de sus cosas tratan. Sábese mas positivamente que Francisco no fué el único ni el primogénito, pues de este hay noticia cierta que vivia en su estado ó mayorazgo situado en Xabregas, el cual le compró la reina Dona Catalina para edificar en el terreno unos palacios, pagándole la cantidad de doscientos mil réis. Esta circunstancia concurre á afirmar la opinion de que Moraes naciera en Xabregas, aunque por otra parte habiendo vivido sus padres largo tiempo en Lisboa y siendo Francisco de los menores hijos, bien pudo ser Lisboa el verdadero lugar de su nacimiento. La necesidad de corresponder á la nobleza de su familia con méritos, ya que riquezas no heredára, unida á la prespicacia y vivacidad de un ingenio privilegiado, le hizo desde edad temprana inclinarse al estudio de las letras y la poesia, en que pronto llegó á ser notado entre los que entonces las cultivaban con éxito, y recompensado por el monarca Don Juan III, quien lo hizo tesorero de su tesoro particular, hallando orasiones en este cargo de estrechar amistad y correspondencia con las más nobles familias de Portugal y especialmente con la de los Noronhas, condes de Linhares, que supo apreciar sus talentos y protegerle y aventajarle en su carrera. Hay indicios bastantes para creer, que Moraes administró los intereses y cuidó de la educacion de los hijos del primer conde de Linhares, que eran Don Ignacio, mayorazgo; Don Francisco á quien, aquel, por no tener hijos y despreciar las honras y grandezas humanas, cedió el titulo y los bienes; y Don Pedro, que siguiendo la carrera militar, murió en el campo de batalla. De estos, D. Francisco, que acaso era el menor, fué el que continuó los servicios de su padre, que habia representado á los monarcas portugueses en las córtes extrangeras y en esta capacidad el talento y habilidad de Moraes, que ya habia sido su secretario particular, le hubieron de ser muy útiles, asi como la experiencia de sus años, pues en 1540, cuando el rey nombró á Noronha su embajador en la córte del monarca francés, contando ya Moraes talvez más de cincuenta años, se lo llevó consigo para servirse de sus consejos y de su elegante pluma en las transacciones y correspondencias diplomáticas. Hasta esta época se ignora que Moraes hubiese dado al público obra alguna, y en tan largo periodo, en el cual acaso se ejercitó asi en las armas como en las letras, lo único que consta por declaracion suya es, que tuvo muchos galanteos, y fué, como poeta, entusiasta admirador de la belleza, inspirándole el amor muchas cántigas que talvez corren anónimas entre los portugueses, que de aquel tiempo poseen muchas composiciones amorosas y tiernas, gran número de las cuales quizás sean fruto del ingenio de Moraes.

Llegado á Paris con el embajador é introducido en la córte, su primer trabajo fué la relacion de las fiestas que se hicieron para el casamiento del duque de Cléves, que cita Barbosa en su Biblioteca, aun que no es obra conocida del público y seria de desear que se imprimiese, si por ventura existe; pues habiendo de tratar por fuerza en ella de torneos y fiestas y de más ejercicios y prácticas caballerescas, á que entonces era la dicha córte tan aficionada pudieramos ver y comparar la descripcion de estas batallas reales con las fingidas que tanto abundan en su poema caballeresco *Palmerin*. La lectura de estas fábulas era en la córte francesa, asi como en la española, la ocupacion ordinaria de las damas, y Moraes, cuyo ingenio é imaginacion estaban acordados á este género, tomando por argumento los hechos de uno de los caballeros mas señalados de la familia real de los *Palmerines*, que por entonces era la predilecta, quiso ensayarse en historiar guerras y amores, y hacer una fábula en que se mostrase la mas alta perfeccion de amor y de caballeria. En este tiempo, y cuando por su edad ya madura parecia estar á cubierto de los daños y cuidados de lo que Cervantes llama *amorosa pestilencia*, quiso su suerte que viese á una joven dama de la reina Doña Leonor, que tenia por nombre *Torsi*, y quedase tan ciego y traspasado de amor por ella, que ni los consejos de la razon, ni la desproporcion de edades y caracteres, ni las murmuraciones de la córte, ni los desprecios de la doncella, ni lo ridiculo del papel que en su pasion representaba, fueron bastantes motivos para poderla desechar de si. En esta pasion sin esperanza, que amargó los dias de su vida, su orgullo y contento único fué saber que sufria por una causa que abonaba todas sus locuras, como era la hermosura de *Torsi*, y el querer que todos la supiesen, pues con esta idea escribió la *Disculpa* ó confesion, que forma una especie de auto-biografia de aquel periodo de tiempo que estuvo en Paris, tan ingénua y franca como la más candida de las confesiones de Rousseau. Quando sufrió estes desengaños estaba ocupado en la composicion del *Palmerin de Inglaterra*, obra que, aun que dice la sacó de extrangeras crónicas, evidentemente fué sacada de su brillante fantasia. El efecto que causó en su ánimo el desden y la coqueteria de la joven *Torsi*, bien se advierte leyendo el *Palmerin*, en el repentino cambio de opinion y juicio sobre el bello sexo, y no contento con esto Moraes, halló manera de introducir en el poema un episodio de aventuras de Francia, en que retrató á la señora de sus pensamientos, sin cuidarse de disfrazar ó ocultar el nombre de ella, con colores muy pouco favorables, haciendo notar su orgullo y presuncion, su amor proprio y coqueteria. En este episodio es donde se encuentra una buena prueba del espíritu observador de Moraes y del estudio que hizo del carácter nacional francés, que describe con exactitud, asi como varias particularidades de sus trages y costumbres, descripciones que omite con respecto á otros paises.

El ya citado Barbosa le atribuye tambien el libro de «Los valerosos y esforzados hechos de armas de *Primaleon*, hijo del emperador *Palmerin*, y de su hermano *Polendos*, y de *Don Duarte*, príncipe de Inglaterra,» que imprimió en Lisboa Simão Lopez, en 1598; pero este libro de caballerias no es por cierto obra de Moraes, pues en su mismo *Palmerin* consigna hechos contrarios á los de esta historia. Ademas, hubo una edicion de *Primaleon* en Toledo, en 1528, en que se dice, que salia *nuevamente enmendado* de modo que esta era la tercera, y considerando que eran traducciones del portugués, viene á ser la cuarta. En efecto, Nicolas Antonio y D. Vicente Salvá citan una edicion de esta fábula hecha en 1516, que acaso fué una de las enmendadas, y si fué la traduccion tal como salió de manos del traductor español, aun habia que computar el tiempo que se gastó en componer la obra, imprimirla en Portugal, pasar á España, traducirla é imprimirla en español, resultando que Moraes tendria diez y ocho ó viente años á lo más cuando empezó á componerla, cosa que no parece probable. Por último, y este es el argumento mas convincente: Moraes acostumbra á introducir su personalidad de historiador en el *Palmerin*, y en el primer capítulo dice: acabadas las fiestas del casamiento de *Don Duardos*, «*como en el* «*libro de Primaleon se cuenta*,» locucion que cambiaria por esta, «como dije en «el libro de *Primaleon*,» si efectivamente lo hubiera escrito.

En 1543, regresó Moraes en compañia de Noronha á Portugal, trayendo escrito el *Palmerin* segun creen algunos, é impreso ya en Paris. Immediatamente despues de su llegada escribió la dedicatoria que hizo del poema á la serenisima infanta Doña Maria, por lo que se colije de la expresion: «yo me hallé en Paris *dias pasados*.» La princesa la aceptó con mucha estima, no solo por ser obra buena en si y escrita por persona allegada á la corte y que habia recibido mercedes y distincciones de su madre y de su hermano, sino, como dice el mismo Moraes, por la aficion y fama que habia merecido su padre *Don Duardos* tanto en Portugal como en Francia. Poco despues de su llegada hubo de contraer matrimonio con Bárbara Madeira, hija de Gil Madeira, y aunque de edad avanzada, no hay duda de que debió casarse á la vuelta de Francia, pues no es de creer que se enamorase de *Torsi* e hiciese tan públicos sus devaneos, si fuese hombre casado cuando estuvo en Paris. De este matrimonio tuvo muchos hijos, entre ellos á Vasco de Moraes, general de Galés, que en la batalla de Alcacer acabó gloriosamente su vida; á Isabel, que fué madre de Fray Dionisio, y á Antonia que casó con Francisco Correa de Setubal, fruto de cuya union fué Francisca de Moraes de Sá que contrajo matrimonio con Mr. John Tilly, caballero inglés, cuyo apellido degeneró en Telles y fué el padre del ilustre jesuita y cronista Balthasar Tellez.

En 1546 volvió el embajador Noronha á Francia, y llevó de nuevo consigo á Francisco de Moraes, puesto que escribió la «Relacion de las exequias y en-

tierro del rey Don Francisco I, cuyo fallecimiento ocurrió en este año. Ignórase la época de su segundo regreso de Paris; pero se sabe que cuatro años despues estaba en Xabregas, en donde historió los torneos del príncipe en este sitio, que tuvieron lugar á 5 de agosto de 1550. Es de creer que entonces se hallase al lado de Don Ignacio de Noronha, de quien se conserva una carta dirigida al rey, haciendo renuncia en beneficio de Don Francisco del título y jurisdiccion de la villa de Linhares, la cual se considera noada por el mismo Moraes.

Igualmente se conservan de él tres diálogos que publicó en 1624 Manuel Carvalho, y son muestras de que con tanta excelencia manejaba el estilo sério grave y épico, como el ligero y cómico. Los diálogos son en número de tres. Del primero son interlocutores un hidalgo y un caballero, en que con gracioso y epigramático estilo zahiere los defectos y preocupaciones de los unos y los otros, aunque cargando más la mano sobre los hidalgos, de quienes dice: que estaban llenos de vanidad sin méritos, que tenian por hidalguia hasta el no saber leer y escribir, y se honraban con las cosas que en cualquiera otra persona son defectos. El diálogo segundo tiene por interlocutores un caballero y un doctor ó letrado, y se ventila en él la cuestion famosa en aquellos tiempos de la preferencia entre las armas y las letras, y parece que la suya está por las armas, de cuyo dato y del conocimiento que muestra en su *Palmerin* de la milicia, parece deber conjeturarse que fué soldado antes que hombre de letras. «Bien «se parece, dice en boca del letrado, que nunca leisteis cuantos filósofos fue«ron capitanes. Estos por su ciencia se esperaba que venciesen ayudándose de «las armas, por que con su conocimiento alcanzaban el porvenir, y ante la es«peranza de los peligros discernian el menor y conjeturaban los medios de al«canzar la victoria, y despues de tener previsto lo que podia acontecer, ejecu«taban com las armas lo que determinaban las letras.» El caballero responde: «y¿ quien quita que esos tales, antes que supiesen las letras ejercitasen las armas»? A lo que replica el Doctor: Tambien puede ser, que antes de ejercitar las armas supiesen las letras.» Moraes motea de timidos á los letrados, á quienes dice, que nunca vieron el rostro al Xarife, que si lo vieran, se meterian en un zapato. En esto no estava Cervantes conforme, que como letrado antes que milite, decia que las armas asentaban mejor sobre las letras, y asi ha sido lo ordinario, y en aquella época abundaron ejemplos de letrados guerreros que á nadie cedian en arrojo y esfuerzo. En el tercer diálogo actuan una placera ó vendedora, y un mozo de mulas, que tratan de sus amores con un estilo chispeante de gracia y de idiotismos.

Estos frutos del ingenio de Moraes son testimonio de la flexibilidad de su talento, igualándose en mucho al coloquio de los perros de nuestro escritor en esta picante crítica, y no distando tampoco mucho en el vigor de su estilo y en el adelanto que dió con sus obras en la altura del idioma portugués.

De los últimos años de su vida poco se sabe. Consta solamente que el monarca le honró y recompensó haciendole caballero y comendador de la órden de Cristo, y concediéndole el titulo de *Palmerin* á él y á sus descendientes, los cuales lo llevan con orgullo. Hácia 1572, y siendo de edad mui avanzada, murió á manos violentas en la puerta del rocio de la ciudad de Evora, donde la córte estaba, ignorándose el lugar donde reposan las cenizas del principe de los escritores de libros de caballerias y del mas excelente de los prosadores lusitanos.